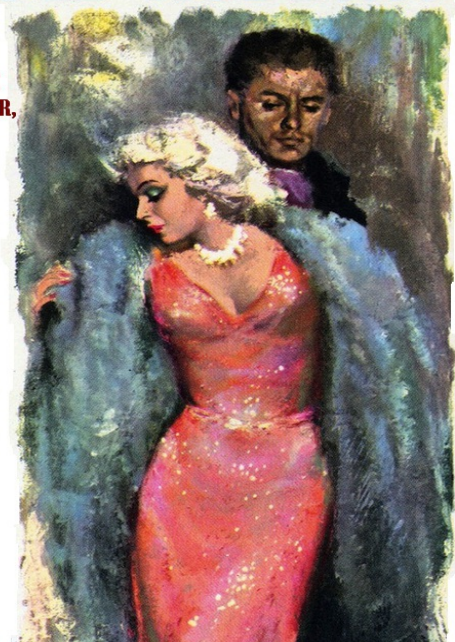


OS INSACIÁVEIS

HAROLD ROBBINS

**A LEGENDÁRIA
OBRA-PRIMA DE
DINHEIRO E PODER,
SEXO E MORTE**



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



OS INSACIÁVEIS

HAROLD ROBBINS

Tradução
NELSON RODRIGUES

*Para
PAUL GITLIN,
como consideração
por sua amizade e
orientação
através dos anos.*

JONAS – 1925

LIVRO I

O sol começava a cair do céu no branco deserto de Nevada, quando avistei Reno lá embaixo. Virei lentamente o avião e tomei rumo leste. O vento assobiava nos montantes do biplano e eu ria comigo mesmo. O velho ia "subir a serra" quando visse aquele avião. Mas não teria de que reclamar. Não lhe havia custado um tostão. Eu o ganhara num jogo de dados.

Toquei o manche para a frente e desci devagar até quatrocentos e cinquenta metros de altitude. Voava por cima da estrada 32 e o deserto era uma confusa mancha. Meti o nariz do avião no horizonte e olhei para o lado. Lá estava ela, uns treze quilômetros à frente. Parecia um feio sapo esparramado no deserto. A fábrica.

Cord Explosives

Empurrei de novo o manche e quando passei por ela já estava apenas a uns trinta metros de altitude. Fiz uma curva Immelman e olhei para trás.

Havia gente nas janelas. As morenas mexicanas e as índias, com seus vestidos de cores vistosas, e os homens com suas desbotadas roupas azuis de trabalho. Quase podia ver o branco dos olhos amedrontados que me espiavam. Tornei a rir. Era muito chata a vida daquela gente. Ia dar-lhes um pouco de emoção.

No alto da curva, levei o avião a setecentos e cinquenta metros e mergulhei na direção do teto coberto de piche da fábrica.

A zoeira do grande motor Pratt & Whitney foi aumentando e me deixando surdo, enquanto o vento chicoteava meu rosto. Apertei os olhos e cerrei os lábios. Sentia o sangue acelerar nas veias, o coração bater e os sucos da vida subirem-se pelas tripas.

Força, força, força! Ali, onde o mundo lá embaixo era como um brinquedo. Onde eu tinha o manche como se fosse o meu membro nas mãos e não havia ninguém, nem mesmo meu pai, para me dizer não!

O telhado escuro da fábrica sé estendia por sobre a areia branca, parecendo uma garota nos lençóis brancos de uma cama, com a mancha negra do púbis a sussurrar um convite na sombra da noite. Senti a garganta apertada. Mãe. Eu não queria ir-me embora. Queria ir para casa.

Pim! Um dos arames finos dos montantes se partiu. Pisquei os olhos e molhei os lábios. Senti na língua o gosto de sal das lágrimas. Já podia ver as pedras cinzentas no teto escuro de piche. Puxei o manche e comecei a sair do mergulho. A duzentos e quarenta metros endireitei o avião e fiz uma ampla viragem rumo ao campo nos fundos da fábrica. Avancei na direção do vento e fiz um pouso perfeito. Senti-me de repente muito cansado. Fora um voo longo de Los Angeles até ali.

Nevada Smith veio correndo ao meu encontro enquanto o avião taxiava e parava. Desliguei a ignição e o motor parou, escarrando a última gota de combustível dos pulmões de seus carburadores. Olhei para Nevada.

Era um homem que não mudava. Desde quando eu tinha cinco anos de idade, e o vi chegar à varanda da frente, pela primeira vez, ele nunca tinha mudado. Conservava o mesmo andar miúdo, bamboleado, e as pernas arqueadas de quem nunca aprendeu a viver fora da sela de um cavalo, as mesmas rugas pequenas na pele curtida do canto dos olhos. Isso acontecera dezesseis anos antes, em 1909.

Eu estava brincando num canto da varanda enquanto meu pai lia o jornal semanal de Reno, sentado na grande cadeira de balanço perto da porta da frente. Devia ser oito horas da manhã e o sol já estava alto no céu. Ouvi o tropel do cavalo e fui olhar.

Um homem estava apeando. Seus movimentos tinham uma enganosa graça vagarosa. Passou as rédeas pelo mourão e encaminhou-se para a casa. Chegando ao pé da escada, parou e olhou para cima.

Meu pai largou o jornal e se levantou. Era um homem graúdo. Um metro e oitenta e cinco. Corpulento. O rosto vermelho ficava escarlate quando tomava sol. Olhou o homem.

Nevada piscou os olhos.

— Jonas Cord?

— Sim — respondeu meu pai.

O homem tirou o chapéu de abas largas de *cowboy*, deixando à mostra a cabeleira escura.

— Soube que está precisando de um empregado.

Meu pai nunca dizia sim nem não, fosse para o que fosse.

— O que você sabe fazer?

O sorriso do homem não mudou. Correu os olhos lentamente pela frente da casa e pelo deserto, fitando depois meu pai.

— Sei cuidar de gado, mas isso não há aqui. Sei consertar cercas, mas também é coisa que não estou vendo.

Meu pai nada disse durante alguns segundos. Por fim, perguntou:

— E é bom nisso?

Foi então que vi o revólver na coxa do homem. Levava-o bem baixo e amarrado à perna. O cabo era preto e usado. O cão e o metal estavam cheios de óleo.

— Sei me virar.

— Como é seu nome?

— Nevada.

— Nevada o quê?

A resposta foi dada sem hesitação:

— Smith. Nevada Smith.

Meu pai ficou calado. Dessa vez, o homem não esperou que ele voltasse a falar. Apontou para mim e perguntou:

— O menino é seu?

Meu pai fez que sim com a cabeça.

— Onde está a mãe dele?

Meu pai olhou para mim e tomou-me nos braços. Como era bom ser carregado por ele!

— Morreu há poucos meses — disse ele com voz calma.

O homem nos encarou.

— Foi o que me disseram.

Meu pai olhou-o por um momento. Senti seus músculos, se contraírem. De repente, antes de poder tomar fôlego, voei por cima da balaustrada da varanda.

O homem me aparou com os braços e me segurou firme enquanto dobrava os joelhos para amortecer o choque. Fiquei um pouco atordoado, mas, antes de eu começar a chorar, meu pai tornou a falar com um leve sorriso nos lábios:

— Ensine-o a montar.

Pegou o jornal e foi para dentro da casa sem olhar mais para trás.

Segurando-me com uma das mãos, o homem chamado Nevada começou a me levantar. De repente, vi o revólver em sua outra mão como uma cobra preta viva, apontado para meu pai. Nesse momento a arma voltou para o coldre. Fitei-o nos olhos.

Com um sorriso amplo, ele me fez descer para o chão.

— Muito bem, Júnior. Ouviu o que seu pai disse, não ouviu? Vamos.

Meu pai já havia desaparecido dentro da casa. Não sabia disso naquele momento, mas aquela foi a última vez que meu pai tomou-me nos braços. Daí por diante, foi quase como se eu fosse filho de Nevada.

Já estava com um pé fora da carlinga, quando Nevada chegou. Olhou para mim e disse:

— Parece que fez um bocado de agitação.

Pulei para o chão ao lado dele e olhei para baixo. Era uma coisa com a qual eu ainda não me habituara. Eu tinha um metro e oitenta e cinco como meu pai, e Nevada continuava com pouco mais de metro e meio.

— Um bocado.

Nevada olhou para o avião.

— Bonito. Como o conseguiu?

— Ganhei-o jogando dados.

Ele me olhou com uma pergunta implícita.

— Não se preocupe — apressei-me em dizer: — Depois deixei o homem ganhar quinhentos dólares.

Assentiu com a cabeça, satisfeito. Isso também era uma das coisas que Nevada me havia ensinado. Nunca se deve sair da mesa de jogo depois de ganhar o cavalo de um homem sem deixá-lo ganhar ao menos uma parada. Assim, os lucros da gente não diminuem e o trouxa sai dali pensando que ao menos ganhou alguma coisa.

Meti a mão na carlinga de trás e tirei dois calços. Passei um a Nevada e coloquei o meu debaixo de uma roda. Nevada fez o mesmo com o outro.

— Seu pai não vai gostar. Você estragou a produção pelo resto do dia.

— Não creio que isso tenha importância. O que quero saber é como ele foi informado do caso tão depressa.

— Você levou a moça para o hospital — disse Nevada, com o sorriso triste de sempre. — De lá mandaram chamar a gente dela. E ela contou tudo antes de morrer.

— Quanto eles querem?

— Vinte mil dólares.

— Pode-se arranjar tudo por cinco mil.

Nevada não respondeu. Olhou para meus pés e disse:

— Calce os sapatos e vamos. Seu pai está esperando.

Começou a atravessar o campo e eu olhei para o chão. Era bom meter os dedos na terra quente. Remexi a areia com os pés um momento e, depois, apanhei na carlinga um par de *huarachos* mexicanos. Calcei-os e segui pelo campo atrás de Nevada.

Detesto sapatos. Não deixam a gente respirar.

Levantei pequenas nuvens de poeira com os *huarachos* enquanto caminhava para a fábrica. O cheiro sufocante do enxofre usado para fazer pólvora me entrava pelo nariz. Um cheiro parecido com o do hospital na noite em que a levei para lá. Muito diferente da noite em que fizemos a criança.

Era uma noite fresca e limpa. A brisa do mar, trazida pelo vento, entrava pelas janelas abertas da casinha que eu tinha em Malibu. Mas lá dentro havia apenas o provocante cheiro da garota e seu desejo.

Tínhamos ido para o quarto e estávamos tirando a roupa com a desesperada pressa que nossas entranhas exigiam. Ela foi mais ligeira do que eu; já estava estendida na cama olhando para mim quando abri a gaveta da cômoda e peguei um pacote de camisinhas.

A voz dela era um sussurro dentro da noite.

— Não, Joney. Não desta vez.

O luar claro do Pacífico entrava pela janela. Só o rosto dela estava escondido nas sombras. De certo modo, o que ela disse me esquentou ainda mais o sangue.

A cadela deve ter sentido isso. Estendeu os braços para mim e me beijou.

— Detesto essas coisas malditas, Joney. Quero sentir você dentro de mim.

Hesitei um momento. Ela me puxou para cima dela e disse ao meu ouvido:

— Não vai acontecer nada, Joney. Eu terei cuidado.

Aí eu já não podia esperar mais e o sussurro dela se transformou num grito de dor. Eu não podia respirar e ela ficou o tempo todo dizendo com voz chorosa:

— Eu te amo, Joney. Eu te amo Joney.

Ela me amava, sim. Amava tanto que cinco semanas depois disse que tínhamos de casar. Estávamos dessa vez sentados no meu carro, voltando de um jogo de futebol.

— Por quê? — perguntei, olhando-a.

Não estava nada assustada. Ao contrário, mostrava muita segurança e falava quase com arrogância.

— Pelo motivo habitual. Há qualquer outro que faça um rapaz e uma moça casarem?

Fiquei zangado. Afinal sei muito bem quando sou embrulhado:

— Às vezes, é porque querem mesmo se casar.

— Ora, eu quero me casar — disse ela, chegando mais perto de mim.

Empurrei-a para o lado.

— Pois eu não quero.

— Mas você disse que me amava — murmurou, começando a chorar.

— Um homem diz uma porção de coisas quando está com uma mulher.

Encostei o carro junto ao meio-fio e freei.

— Você não me disse que teria cuidado?

— Mas eu gosto de você, Joney — insistiu, tentando enxugar as lágrimas com um lençinho terrivelmente ineficiente. — Gostaria de ter um filho seu.

Pela primeira vez desde que ela me contara, comecei a me sentir melhor. Era uma das coisas desagradáveis que acontecem quando se é Jonas Cord Jr. Garotas demais, e suas mães

também, pensando em dinheiro. Numa fabulosa fortuna. Desde o fim da guerra, meu pai havia construído um verdadeiro império fabricando pólvora.

— Então não há dificuldade. Se quer ter, tenha.

— Quer dizer... quer dizer... que vamos casar?

O leve brilho de triunfo em seus olhos mais que depressa se desvaneceu quando sacudi a cabeça.

— Não. Quer dizer apenas que, se você quer mesmo ter a criança, pode ter.

Ela se afastou de mim. De repente seu rosto se mostrou sério e frio. A voz era calma e prática.

— Quero, mas não assim. Sem uma aliança no dedo, não. Terei de me livrar da criança.

Sorri e lhe ofereci um cigarro.

— Agora é que você está falando com juízo, menina.

Pegou o cigarro e eu o acendi.

— Mas não vai ser barato... — insinuou ela.

— Quanto?

— Há um médico na Mexican Town. As meninas dizem que é muito bom — disse ela, soltando uma baforada e me olhando inquiridoramente: — Duzentos?

— Ótimo. Está fechado — topei imediatamente.

Era um bom negócio. O último caso desses me custara trezentos e cinquenta. Joguei o cigarro fora, liguei o motor e meti-me de novo no tráfego, rumo a Malibu.

— Espere aí! Para onde você vai? — perguntou ela.

— Para a casa da praia. Podemos, pelo menos, aproveitar a situação.

Ela começou a rir e se chegou a mim.

— Não sei o que mamãe diria se soubesse tudo que fiz para agarrá-lo. Ela me aconselhou a não esquecer um só truque.

Soltei uma risada e disse:

— Foi o que você fez.

— Fico pensando em mamãe. Ela já tinha planejado tudo para o casamento.

Pobre mãe... Talvez, se a velha bruxa tivesse ficado calada, a filha ainda estivesse viva.

Foi na noite seguinte, mais ou menos às onze e meia, que meu telefone começou a tocar. Eu tinha acabado de pegar no sono, e disse um palavrão antes de atender.

Ouvi a voz dela num sussurro medroso:

— Estou perdendo muito sangue, Joney.

O sono me saiu da cabeça como uma bala doida.

— O que você está dizendo?

— Fui hoje de tarde à Mexican Town e agora as coisas não vão bem. Não parei ainda de perder sangue e estou com muito medo.

— Onde você está?

— Hospedei-me esta tarde no Hotel Westwood. Quarto 901.

— Volte para a cama. Vou já para aí.

— Venha depressa, Joney, por favor!

O Westwood é um hotel de segunda classe no centro de Los Angeles. Ninguém deu a menor atenção quando entrei no elevador sem parar na portaria. Tentei a porta do quarto 901. Estava aberta e entrei.

Nunca vi tanto sangue na vida. Havia sangue no tapete barato do chão, na poltrona em que ela se sentara para telefonar, nos lençóis brancos da cama.

Ela estava deitada na cama com o rosto mais branco que a fronha do travesseiro. Seus olhos estavam fechados. Quando me aproximei, ela os abriu; os lábios se moveram, mas nenhum som saiu.

— Não tente falar, menina. Vou arranjar um médico. Você vai ficar boa.

Ela tornou a fechar os olhos e fui para o telefone. Não podia telefonar assim para qualquer médico. Meu pai não ficaria satisfeito se meu nome voltasse a aparecer nos jornais. Telefonei para McAllister, o advogado que tratava dos negócios da firma na Califórnia.

O mordomo chamou-o ao telefone e procurei falar com voz calma.

— Preciso com urgência de um médico e de uma ambulância.

Em menos de um minuto compreendi por que meu pai se utilizava dos serviços de Mac. Não perdeu tempo com perguntas supérfluas. Quis saber apenas onde, quando e quem. O porquê não interessava.

— Um médico e uma ambulância estarão aí em dez minutos. É melhor sair daí agora. Não adianta complicar-se mais do que já se complicou.

Agradei e desliguei. Voltei para junto dela. Parecia estar dormindo. Quando me dirigi para a porta, abriu os olhos.

— Não vá embora, Joney. Estou com medo.

Voltei e fiquei sentado ao lado da cama. Segurei-lhe a mão e ela tornou a fechar os olhos. A ambulância chegou daí a dez minutos. E ela não me largou a mão até chegarmos ao hospital.

Entrei na fábrica e o barulho e o cheiro me envolveram como um casulo. Percebi as momentâneas paradas no serviço à minha passagem, e ouvi os murmúrios contidos de vozes me acompanhando:

— *El hijo.*

O filho. Era assim que me conheciam. Falavam de mim com prazer e orgulho, como seus ancestrais tinham falado dos filhos de seus *patrones*. Isso lhes dava uma identidade e um lugar próprio, numa compensação pela dura vida que levavam.

Passei por entre os tanques de mistura, as prensas, os moldes e cheguei aos fundos, ao pé da escada que levava ao escritório de meu pai. Comecei a subir os degraus e voltei-me; uma centena de rostos sorriam para mim. Acenei e sorri também, como sempre fizera desde a primeira vez em que, ainda garoto, havia subido por aquela escada.

Passei pela porta no alto da escada e o barulho morreu assim que a porta se fechou. Atravessei o pequeno corredor e entrei na sala de espera do escritório.

Denby estava sentado à sua mesa, escrevendo alguma coisa no seu jeito nervoso habitual. À sua frente, uma moça batia desesperadamente à máquina de escrever. Havia duas pessoas sentadas no sofá. Um homem e uma mulher.

A mulher estava vestida de preto e torcia nas mãos um lencinho branco. Olhou para mim logo que cheguei e não foi preciso que me dissessem quem era. Mãe e filha eram muito parecidas. Encarei-a, mas ela virou a cabeça.

Denby se levantou, muito agitado.

— Seu pai está esperando.

Ele abriu a porta do escritório e entrei. Denby tornou a fechá-la e corri os olhos pela sala.

Nevada estava encostado à estante do lado esquerdo, com os olhos quase fechados: seu jeito dissimulado de prestar mais atenção às coisas. McAllister estava sentado numa cadeira diante de meu pai. Virou-se para me olhar. Meu pai estava sentado à velha e enorme mesa de carvalho. Seus olhos faiscavam. A não ser isso, o escritório estava como sempre fora.

As paredes revestidas de lambris de carvalho escuro, as pesadas poltronas de couro, as cortinas de veludo verde e a fotografia de meu pai com o presidente Wilson na parede atrás da mesa. Ao lado de meu pai estava a mesinha com três telefones e, mais adiante, a infalível mesinha com um jarro de água, uma garrafa de uísque e dois copos. Só restava um terço de uísque na garrafa. Devia ser, portanto, três horas. Olhei para o relógio: três e dez. Meu pai bebia uma garrafa por dia.

Atravessei o escritório e parei diante dele. Enfrentei seu olhar fuzilante.

— Alô, papai.

Seu rosto ficou ainda mais vermelho e as veias do pescoço incharam quando ele gritou:

— Isso é tudo o que você tem para dizer depois de arruinar a produção do dia e meter medo em metade do pessoal com suas maluquices?

— O recado que recebi dizia que eu devia vir o mais depressa possível. Foi o que fiz.

Mas já não era possível contê-lo. Estava furioso. O temperamento de meu pai era assim. Num momento estava calmo e tranquilo; no outro, subia mais alto que um balão.

— Por que diabos não saiu do hotel quando McAllister mandou? Por que você tinha de ir até

o hospital? Sabe o que você fez? Sujeitou-se a um processo criminal como cúmplice de aborto.

Eu também já estava furioso. Meu temperamento era igualzinho ao dele.

— E o que você queria que eu fizesse? A moça estava se esvaindo em sangue e cheia de medo. Queria que eu saísse de lá e a deixasse morrer sozinha?

— Exatamente. Se tivesse algum miolo dentro dessa cabeça, era isso mesmo o que você deveria ter feito. De qualquer maneira a moça morreu, e não adiantou nada você ter ficado. Agora, esses patifes que estão aí fora querem vinte mil dólares. Do contrário, irão dar queixa à polícia! Pensa que tenho sempre vinte mil dólares para jogar fora todas as vezes que você cobre uma sem-vergonha? É a terceira moça só este ano!

Não dava a menor atenção para o fato de a moça ter morrido. Eram os vinte mil dólares que o estavam enfurecendo. Mas então compreendi que também não era o dinheiro. Era uma coisa muito mais profunda. A amargura que mostrava na voz era a chave. Olhei para ele, de repente entendendo tudo. Meu pai estava ficando velho e isso lhe comia a força. Rina devia estar de novo em cima dele. Já se passara mais de um ano depois do pomposo casamento em Reno, e nada acontecera.

Dei as costas e caminhei para a porta sem falar mais coisa alguma.

— Para onde você pensa que vai?, — gritou meu pai.

— Voltar para Los Angeles. Não precisa de mim para tomar uma decisão. Ou vai pagar a essa gente ou não vai. Para mim, não faz diferença. Além disso tenho um encontro marcado.

— Para quê? — disse ele, aproximando-se de mim. — Para deflorar outra moça?

Encarei-o firme. Já estava farto daquilo.

— Pare com essas queixas. Afinal deveria estar contente por alguém nesta família ainda ter alguma coisa entre as pernas. Senão, Rina pode pensar que o mal é de família!

O rosto dele se contorceu todo de raiva. Levantou as mãos como se fosse me bater. Abriu a boca numa careta de escárnio e então as veias da testa se estofaram de raiva. De repente, como se houvessem desligado um interruptor, toda a expressão de seu rosto desapareceu. Cambaleou, e foi caindo na minha direção.

Num reflexo, estendi os braços e o segurei. Por um breve momento seus olhos de desanuviaram, voltados para mim, e os lábios se moveram.

— Jonas... meu filho.

Então a névoa lhe cobriu os olhos, e ele caiu com todo o peso em cima de mim escorregando para o chão. Eu sabia que estava morto antes mesmo de Nevada correr para ele e lhe abrir a camisa.

Nevada ficou ajoelhado no chão ao lado do corpo de meu pai, enquanto McAllister chamava um médico pelo telefone. Eu estava pegando a garrafa de uísque, quando Denby abriu a porta. Ficou ali estatelado e trêmulo, com uns papéis na mão.

— Meu Deus, Júnior! — exclamou, com uma voz apavorada. — Agora quem vai assinar o contrato alemão?

Olhei para McAllister, que me fez um sinal imperceptível de aquiescência.

— Eu assino — respondi, decidido.

No chão, Nevada estava fechando os olhos de meu pai. Larguei a garrafa de uísque sem abrir e disse a Denby:

— E pare de me chamar de Júnior!

Quando o médico chegou, já havíamos carregado o corpo para o sofá, cobrindo-o depois com um lençol. O médico era um homem magro e firme, calvo, e usava óculos com lentes muito grossas. Levantou o lençol, examinou e disse:

— Está morto mesmo.

Eu nada disse. Foi McAllister quem fez a pergunta, enquanto eu me balançava na cadeira de meu pai.

— Qual foi a causa?

— Embolia cerebral. Um ataque. Aparentemente, um coágulo de sangue no cérebro. Podem ficar tranquilos que foi tudo muito rápido. Ele não sofreu.

Claro que foi rápido. Num instante, meu pai estava ali, vivo; no outro, passara a ser nada, sem ter força sequer para enxotar a mosca cheia de curiosidade que estava passando da beira do lençol para o rosto coberto.

O médico se sentou na cadeira à minha frente. Tirou uma caneta e uma folha de papel, que colocou em cima da mesa. Li no cabeçalho as palavras: *Atestado de óbito*. A pena começou a arranhar o papel. Um momento depois, o homem parou e perguntou:

— Posso consignar embolia como causa da morte, ou querem uma autópsia?

Balancei a cabeça.

— Embolia está certo. Uma autópsia não faria nenhuma diferença, agora.

O médico voltou a escrever. Pouco depois terminou e empurrou o atestado para mim.

— Quer ver se está tudo certo?

Li. Tudo perfeito. Muito bom para um médico que até então não conhecera nenhum de nós. Mas todo mundo em Nevada sabia tudo a respeito de Jonas Cord e família. Idade: sessenta e sete anos. Sobreviventes: esposa, Rina Marlowe Cord; filho, Jonas Cord Jr. Devolvi-lhe o papel:

— Tudo O.K.

— Vou tomar as providências necessárias e depois mandarei as cópias.

Levantou-se e hesitou, como se quisesse demonstrar alguma expressão de pesar. Mas desistiu da ideia, tomou decisão contrária e saiu sem dizer uma palavra.

Denby entrou de novo e perguntou:

— O que eu faço com essas pessoas que estão aí fora? Posso mandá-las embora?

Discordei, porque acabariam voltando.

— Mande-as entrar.

A mãe e o pai da moça chegaram à porta, trazendo nos rostos uma expressão fixa, estranha mistura de rancor e pesar. O pai olhou para mim.

— Sinto muito que não nos conhecêssemos em melhores circunstâncias, sr. Cord.

Olhei para o homem. Tinha um rosto honesto. Pareceu-me sincero.

— Também sinto.

A mulher imediatamente começou a soluçar.

— Que coisa horrível, que coisa horrível! — disse, olhando para o corpo coberto no sofá.

A filha se parecia com ela, mas a semelhança era apenas superficial. A garota tinha ares de confortadora honestidade; já a velha era uma harpia de nascença.

— Por que está chorando? — perguntei. — Você só o conheceu hoje, e ainda assim para pedir dinheiro.

Ela me olhou escandalizada. Sua voz ficou estridente:

— Como tem coragem de me falar assim? Com seu próprio pai estendido ali e depois do que fez à minha filha?

Levantei-me. Se há uma coisa que não posso tolerar é falsidade. Então respondi em voz alta:

— Depois do que eu fiz à sua filha? Não fiz absolutamente nada que fosse contra a vontade dela. Se você não lhe tivesse dito que fizesse tudo para me pegar, talvez ela ainda estivesse viva. Mas não. Disse a ela que procurasse agarrar Jonas Cord Jr., custasse o que custasse. Ela me contou que você já tinha até feito planos para o casamento!

O marido voltou-se para ela e falou, com voz trêmula:

— Você sabia então que ela estava grávida?

— Não, Henry, não — respondeu a mulher, amedrontada. — Eu só disse a ela que se fosse boazinha, talvez conseguisse casar com ele. Foi só.

O homem cerrou os lábios, e por um instante cheguei a pensar que fosse bater nela. Mas não. Voltou-se para mim e disse:

— Desculpe, sr. Cord. Nunca mais o incomodaremos.

Dirigiu-se dignamente para a porta. A mulher correu atrás dele, chorando.

— Mas, Henry, Henry...

— Cale-se! — exclamou, abrindo a porta e empurrando-a à sua frente. — Já não disse o bastante?

A porta se fechou depois que eles saíram, e perguntei a McAllister:

— Acha que já estou livre?

Ele sacudiu a cabeça negativamente. Pensei um pouco, e sugeri:

— Então é melhor ir vê-lo amanhã no lugar onde trabalha. Creio que ele resolverá tudo a contento. Parece um homem honesto.

— E assim que julga que um homem honesto deva agir? — perguntou McAllister com um sorriso.

— Foi uma coisa que meu pai me ensinou — expliquei, olhando sem querer para o sofá. — Ele costumava dizer que todo homem tem seu preço. Uns preferem dinheiro, outros, mulheres, e outros, a glória. Mas não é preciso comprar um homem honesto; ele fará tudo de graça.

— Seu pai era um homem prático.

— Mac, meu pai era um canalha egoísta e ambicioso que queria passar a mão em tudo que havia no mundo. Gostaria apenas de ser homem bastante para chegar aos pés dele.

— Não se preocupe. Você chegará lá — disse McAllister, coçando pensativamente o queixo.

— Mas não terei mais o velho para me ajudar.

McAllister nada disse. Nevada, que ficara o tempo todo encostado à parede, com os olhos cada vez mais apertados, pegou a bolsa de fumo e começou a fazer um cigarro. Virei-me para McAllister.

— Vou precisar de muita ajuda, Mac.

Ele mostrou interesse apenas com o olhar; nada comentou.

Então continuei:

— Preciso de um conselheiro, de um consultor e de um advogado. Está disponível?

— Não sei se terei tempo, Jonas. Estou com uma clientela muito grande.

— Que lhe rende quanto?

— Calculo uns sessenta mil dólares por ano.

— Por cem mil seria capaz de se mudar para Nevada?

— Desde que me deixe redigir o contrato.

Tirei do bolso o maço de cigarros e lhe ofereci um. Logo que ele o colocou na boca, risquei um fósforo e o acendi; respondi sem hesitar:

— O.K.

Ele parou no meio da tragada, olhou-me criticamente e perguntou:

— Como sabe que pode pagar tanto dinheiro?

Acendi um cigarro e sorri.

— Só soube depois que você aceitou. Ah, tive certeza.

Respondeu com um sorriso, que logo desapareceu; depois foi todo eficiência.

— A primeira coisa que temos para fazer é convocar uma reunião da diretoria para elegê-lo oficialmente presidente da companhia. Acha que haverá alguma dificuldade quanto a esse ponto?

— Não creio. Meu pai não acreditava em sócios. Possuía noventa por cento das ações e, de acordo com o testamento, elas passam a ser minhas depois da morte dele.

— Tem alguma cópia do testamento?

— Não, mas Denby deve ter. Ele mantém um arquivo de tudo o que meu pai fazia.

Toquei a campainha e Denby apareceu.

— Quero uma cópia do testamento de meu pai.

Num instante, a cópia estava em minha mesa, tudo oficializado e legal. Entreguei-a a McAllister, que a examinou rapidamente.

— Está em ordem. As ações são realmente suas. Precisamos homologar isso imediatamente.

Virei-me para Denby e ele já tinha as palavras na ponta da língua:

— Está tudo arquivado no cartório do juiz Haskell, em Reno.

— Então telefone agora mesmo e diga-lhe para iniciar as providências legais. Quando acabar, Denby, telefone para todos os diretores e diga que vai haver uma reunião especial, amanhã de manhã, na hora do desjejum. Em minha casa.

Denby saiu e eu me volvei para McAllister.

— Há mais alguma providência que eu deva tomar, Mac?

— Não, por enquanto não. Há apenas o contrato alemão. Não sei muito sobre ele, mas ouvi seu pai dizer que era uma grande oportunidade. Tem relação com um novo produto, plástico, se não me engano.

Apaguei o cigarro no cinzeiro sobre a mesa e disse:

— Peça a Denby a pasta do contrato e examine-o hoje à noite. Diga-me alguma coisa a

respeito amanhã de manhã, antes da reunião. Estarei de pé às cinco horas.

Uma expressão diferente começou a aparecer no rosto de McAllister: A princípio não compreendi o que era, mas logo percebi. Respeito.

— Estarei lá às cinco horas, Jonas.

Ele se levantou. E já ia chegando à porta, quando o chamei novamente.

— Já que está nisso, Mac, peça a Denby uma lista dos outros acionistas da companhia. Devo pelo menos saber o nome deles antes da reunião.

Tornou-se ainda mais manifesta a expressão de respeito no rosto dele.

— Está bem, Jonas — concordou e saiu.

Voltei-me para Nevada e perguntei:

— O que você acha?

Esperou muito para responder. Depois, tirou lentamente um pedaço de papel de cigarro que lhe ficara no lábio e disse:

— Acho que seu velho está descansando muito bem.

Quase me havia esquecido. Levantei-me e fui até o sofá. Ergui o lençol.

Os olhos estavam fechados e havia como que um ricto na boca. Na têmpora direita uma mancha levemente azul que se perdia dentro do cabelo. Devia ser resultado da embolia.

Não sei por que, mas havia dentro de mim alguma coisa que me impelia a chorar por ele. Apesar disso, não consegui. Ele me abandonara havia muito tempo... desde aquele dia na varanda, em que me jogara para Nevada.

Ouvi a porta se abrir às minhas costas. Deixei cair o lençol e me virei. Era Denby.

— Jake Platt quer falar com o senhor.

Jake era o gerente da fábrica. Era ele quem fazia tudo andar. Já soubera, e todos na fábrica deviam estar comentando.

— Mande entrar.

Jake apareceu na porta ao lado de Denby, mal eu acabara de falar. Era um homem grande e pesado, até no andar. Entrou no escritório de mãos estendidas.

— Acabo de saber da triste notícia.

Aproximou-se do sofá e olhou para meu pai, enquanto seu rosto assumia uma expressão condizente com um velório irlandês.

— É uma grande perda — disse tristemente. — Seu pai era um grande homem.

E você é um grande ator, Jake Platt, pensei. Em voz alta, agradeci:

— Muito obrigado, Jake.

Ele se voltou para mim, mostrando no rosto satisfação por haver terminado seu número.

— E se quiser alguma coisa de mim, seja lá o que for, basta me chamar.

— Obrigado, Jake. É bom saber que posso contar com homens como você.

Ficou quase visivelmente satisfeito com minhas palavras. Depois, disse, baixando a voz, em tom confidencial:

— Quase todo mundo na fábrica já sabe. Acha que devo dizer alguma coisa ao pessoal? Sabe como são esses mexicanos e índios. Ficam nervosos e assustados, e é preciso acalmá-los um pouco.

— Boa ideia, Jake. Mas acho que será melhor eu mesmo ir falar com eles.

Jake teve de concordar comigo, gostasse ou não. Era essa sua política: não discordar do patrão.

— Está bem, Jonas. — Ele tentou dissimular sua decepção. — Se acha que deve...

— Acho que devo — respondi, caminhando para a porta. Ouvi Nevada perguntar às minhas costas:

— E ele?

Nevada referia-se a meu pai. Olhei para o corpo estendido no sofá e disse:

— Telefone para uma agência funerária, que se encarregará de tudo. Diga que quero o melhor funeral. Depois, me espere no portão da entrada com o carro, pois preciso ir para casa.

Saí sem esperar resposta. Jake veio atrás de mim. Passamos pelo corredor e chegamos à escada que dava para a fábrica.

Todos os olhos se voltaram para mim quando paramos no pequeno patamar no alto da escada. Jake levantou as mãos pedindo silêncio. Em pouco tempo os operários emudeceram. Esperei até todas as máquinas pararem. A sensação era fantástica. Era a primeira vez que eu ouvia a fábrica em completo silêncio. Comecei a falar e minha voz ecoou estranhamente pelo edifício.

— *Mi padre ha muerto* — comecei. Meu espanhol não era grande coisa, mas era a língua que eles compreendiam, e continuei: — Mas eu, seu filho, estou aqui, e espero continuar seu trabalho. É lamentável que meu pai não tivesse tido tempo de exprimir seu reconhecimento a todos vocês, bons operários, por tudo que fizeram para tornar esta fábrica um sucesso. Talvez seja suficiente saberem que ele, pouco antes de morrer, havia autorizado um aumento de cinco por cento nos salários de todos que aqui trabalham.

Jake puxou nervosamente meu braço, mas afastei sua mão e continuei:

— Meu maior desejo é que continuem colaborando com a mesma boa vontade de antes. Espero que sejam pacientes comigo, porque tenho muito o que aprender. Muito obrigado. E que Deus esteja com todos.

Desci a escada e Jake veio atrás de mim. Os trabalhadores se afastaram, formando um corredor para minha passagem. A maioria se conservou em silêncio. De vez em quando, algum me tocava, talvez para ter certeza de que era eu quem passava. Duas vezes vi lágrimas nos olhos de alguém. Ao menos meu pai não sairia deste mundo sem ter quem o chorasse, ainda que as lágrimas corressem dos olhos de quem não o conhecia.

Saí da fábrica e pisquei os olhos, meio ofuscado pela luz do dia. O sol ainda brilhava no céu, e isso me causou surpresa, pois tinha a impressão de que muito tempo havia se passado, desde que o deixara.

O grande Pierce-Arrow, o carro que meu pai usava, estava à espera no portão da frente, com Nevada ao volante. Já ia entrar, quando Jake me fez parar.

— Por que foi dizer aquilo, Jonas? Você não conhece esses bastardos como eu. Quando se dá a ponta de um dedo, eles querem logo o braço todo. Seu pai vivia insistindo comigo para não aumentar os salários.

Olhei-o com frieza. Há gente que custa a aprender.

— Não ouviu o que eu disse lá dentro, Jake?

— Ouvi o que disse, Jonas, e é justamente disso que estou falando. Eu...

— Acho que não ouviu bem, Jake. As manhas primeiras palavras foram *Mi padre ha muerto*. Meu pai morreu.

— Sim, mas...

— Pois quer dizer exatamente isso, Jake. Meu pai morreu. Mas eu estou vivo e sou igualzinho a ele ao menos numa coisa. Não tolero conversa fiada de ninguém que trabalhe para mim, e quem não gostar disso pode ir diretamente para o inferno!

Desta vez, Jake aprendeu. Foi ele quem abriu a porta do carro para mim, murmurando:

— Não tive essa intenção, Jonas. Eu apenas...

Não adiantava explicar que, quando se paga mais, se consegue mais. Ford provara isso ao aumentar os salários de seus empregados no ano anterior. A produção triplicara. Entrei no carro e olhei para a fábrica. Chamou-me a atenção o teto de piche que tinha visto do avião.

— Está vendo aquele teto, Jake?

— Sim, senhor.

De repente, senti-me muito cansado. Recostei-me nas almofadas do carro e fechei os olhos.

— Mande pintar aquilo de branco.

Cochilei enquanto o grande Pierce cobria os trinta quilômetros que separavam a fábrica da nova casa de meu pai. De vez em quando, eu abria os olhos e via Nevada a observar-me pelo espelhinho retrovisor, mas depois tornava a fechá-los como se tivesse chumbo nas pálpebras.

Odeio meu pai, odeio minha mãe e, se tivesse tido irmãos, também os odiaria. Não, não odiava meu pai. Não o odiava mais. Estava morto. Não se odeiam os mortos. O que se faz é recordá-los. E não odiava minha mãe. Na verdade não era minha mãe. Eu tinha uma madrasta. E a ela eu não odiava. Amava-a.

Por isso é que eu a havia levado para casa. Queria casar com ela. Mas meu pai havia dito que, com dezenove anos, eu era moço demais. Ele não era moço demais. Casou-se com ela uma semana depois de eu haver voltado para a universidade.

Conheci Rina no clube, duas semanas antes do fim das férias. Ela era do leste, de um lugar de Massachusetts chamado Brookline, e era diferente de todas que eu havia conhecido. As garotas por aqui são morenas, bronzeadas de sol, andam como homens, falam como homens e até montam como eles. Só se pode ter ideia de que sejam outra coisa à noite, quando vestem saias em vez de calças, porque, até nas piscinas, parecem garotos: o peito como uma tábua e os quadris estreitos.

Mas Rina era mulher. Isso era uma coisa que entrava pelos olhos, especialmente quando estava de maiô, como a vi pela primeira vez. Era, sem dúvida, esbelta, e tinha ombros largos, talvez largos demais para uma mulher. Tinha seios fortes, cheios, que esticavam agressivamente o maiô de jérsei. Não se podia olhar para eles sem deixar de imaginar o sabor de leite e mel. A cintura era fina e florescia em quadris e nádegas pequenos mas bem arredondados.

O cabelo era de um louro pálido, e ela o usava comprido e preso na nuca, diferente das outras garotas. Tinha testa grande e os olhos, bem afastados e oblíquos, refletiam por trás do azul gelado um brilho interior. O nariz reto e não muito afilado denunciava sua ascendência finlandesa. Talvez o único defeito fosse a boca. Era grande, não muito, mas com lábios finos demais para compô-la, e se assentava sobre um queixo fino e resolutivo.

Estudara na Suíça, não ria com facilidade e tinha maneiras reservadas. Bastaram dois dias para ela me fazer andar nas nuvens. A voz era suave e baixa, com um leve sotaque estrangeiro que borbulhava nos ouvidos.

Foi uns dez dias depois, no baile de sábado no clube, que percebi o quanto a desejava. Dançávamos uma valsa lenta; as luzes no salão eram fracas e azuis. De repente, ela errou o passo e olhou para mim com aquele seu sorriso suave.

— Você é muito forte — disse, e encostou o corpo ao meu.

Senti o calor de seus quadris emanando para dentro de mim quando recomeçamos a dançar. Aí não deu para aguentar mais. Segurei seu braço e a conduzi para fora do salão.

Ela me seguiu em silêncio até o automóvel. Entramos na minha grande barata Duesenberg, dei a partida e caímos na estrada. O ar da noite estava quente no deserto. Olhei-a pelo canto dos olhos. Sua cabeça estava encostada no alto do banco e os olhos fechados.

Entreí num pequeno bosque e desliguei o motor. Ela ainda estava quase deitada no banco. Inclinei-me sobre ela e a beijei na boca.

Sua boca não aceitou nem retribuiu o beijo. Mas era como um poço num oásis do deserto. Estava ali para quem precisasse. Tentei tocar-lhe os seios, mas ela agarrou minha mão, afastando-a.

Levantei a cabeça e olhei para ela. Estava de olhos abertos, na defensiva. Não podia ver o que se passava dentro deles.

— Quero você — eu disse.

Os olhos dela não mudaram de expressão. Eu mal podia ouvir-lhe a voz.

— Eu sei.

Aproximei-me dela novamente. Colocando sua mão contra meu peito, fez com que eu parasse.

— Empréstimo-me seu lenço — disse, tirando-o do bolso de meu paletó.

O lenço mostrou um instante sua brancura dentro da noite e desapareceu na mão dela. Não levantou a cabeça do encosto do banco, não falou. Continuou apenas a me olhar com aqueles olhos impenetráveis.

Percebi seus dedos se mexendo e tentei aproximar-me dela, mas ela conseguiu me manter a distância. De repente, senti uma dor aguda vinda da base da espinha e quase dei um pulo do banco.

Acendi um cigarro. Minhas mãos estavam trêmulas. Enquanto isso, ela amassou o lenço numa pequena bola e o jogou para longe do carro. Depois tirou o cigarro de minha boca e o colocou entre os lábios.

— Ainda desejo você — disse eu.

Ela me devolveu o cigarro, e fez que não com a cabeça.

— Por quê? — perguntei.

Ela me encarou. Seu rosto estava pálido na escuridão.

— Porque daqui a dois dias vou voltar para casa. Porque na quebra da Bolsa em 1923 meu pai ficou arruinado. Porque tenho de encontrar e casar com um marido rico. Não posso permitir que nada atrapalhe isso.

Olhei-a fixamente por um instante e depois liguei o motor. Tomei o caminho de casa. Nada disse, mas tinha a solução para ela. Eu era rico. Ou algum dia seria.

Deixei Rina na sala de espera e fui até o escritório de meu pai. Como de hábito, ele estava trabalhando sentado à mesa com um abajur a iluminar os papéis.

— Sim? — disse ele, como se eu fosse algum empregado que o houvesse interrompido no meio de um problema.

Liguei o interruptor da parede e a sala ficou inundada de luz.

— Quero casar.

Ele me olhou um instante como se estivesse muito longe. Mas não tardou a saltar de onde estava.

— Você está louco — disse sem qualquer emoção na voz. — Vá dormir e me deixe trabalhar.

— Estou falando sério, papai.

Era a primeira vez que eu o chamava assim, desde meus tempos de garotinho.

— Não, você é muito jovem ainda. — Foi só o que disse, levantando-se. Não lhe passou pela cabeça perguntar quem era, como ou por quê. Nada disso.

— Está bem, pai — falei, indo para a porta. — Mas não se esqueça de que eu vim falar sobre isso com você.

— Espere um pouco — ele me interrompeu, quando já estava com a mão na maçaneta da porta. — Onde está ela?

— Afí fora, na sala de espera.

— Quando foi que resolveu?

— Esta noite. Exatamente esta noite.

— Deve ser uma dessas meninas tolas que aparecem no clube e está agora toda nervosa na expectativa de conhecer o velho, não é?

— Claro que não é uma dessas. Para dizer a verdade, ela nem sabe que estou aqui pedindo seu consentimento.

— Quer dizer que nada disse a ela ainda?

— Não é preciso dizer. Sei qual vai ser a resposta.

Meu pai fez um gesto de reprovação com a cabeça.

— Ao menos por formalidade, não acha que deve perguntar a ela?

Fui buscar Rina e levei-a para o escritório.

— Rina, meu pai. Pai, esta é Rina Marlowe.

Rina cumprimentou-o polidamente. Suas maneiras foram exatamente as que seriam se fosse meio-dia, e não duas horas da madrugada.

Meu pai a olhou pensativamente. Havia no rosto dele uma expressão curiosa que eu nunca havia visto. Saiu de trás da mesa e estendeu a mão para ela.

— Como vai, srta. Marlowe?

Fiquei perplexo. Nunca o vira tratar assim nenhum dos meus conhecidos.

Ainda segurando a mão dela, disse num tom pilhérico:

— Meu filho acha que quer casar-se com a senhorita, mas eu sou de opinião que ele é ainda muito moço. Não pensa assim também?

Rina olhou para mim. Notei que seus olhos tiveram um instante de fulgor, mas depois voltaram à sua reserva habitual.

Virou-se para meu pai e disse:

— Tudo isso é um pouco desconcertante, sr. Cord. Quer fazer o favor de me levar para casa?

Atordado, sem poder falar, vi meu pai tomar-lhe o braço e sair da sala com ela. Um instante depois ouvi o ronco do motor da Deussenberg. Procurei alguma coisa na sala para descarregar minha raiva. Só consegui enxergar o abajur em cima da mesa. Arrebentei-o de encontro à parede.

Duas semanas depois, recebi na universidade o seguinte telegrama de meu pai:

Rina e eu casados esta manhã. Estamos no Waldorf-Astoria, Nova Iorque. Embarcamos amanhã no Leviathan em viagem de lua de mel pela Europa.

Peguei o telefone e liguei para ele.

— Não existe um idiota mais idiota que um velho idiota! — gritei através dos cinco mil quilômetros de fios estendidos entre nós. — Não sabe que ela só se casou com você pelo dinheiro?

Meu pai não se zangou. Chegou até a rir.

— Você é que é o idiota. Ela queria um homem, não um menino. Insistiu até na assinatura de um contrato de bens antes do casamento.

— Ah, é? Quem foi que minutou o contrato? O advogado dela?

— Não, o meu — disse meu pai, rindo novamente. Mas então a voz dele mudou e se tornou pesada e cheia de intenções. — Agora, vá tratar dos seus estudos e não se meta com o que não é da sua conta. Aqui já é meia-noite e estou indo para a cama.

Ele desligou o telefone sem mais uma palavra. Continuei, como que paralisado, ainda segurando o telefone na mão algum tempo mais. Não pude dormir naquela noite. A cada momento via imagens pornográficas de Rina e meu pai em grosseiras lascívias. Acordei várias vezes suando frio.

Alguém me sacudia levemente. Abri pouco a pouco os olhos e a primeira coisa que vi foi a cara de Nevada.

— Acorde, Jonas. Estamos em casa.

Pisquei os olhos, fazendo força para afastar o sono.

O finzinho do sol estava desaparecendo por trás da grande casa, aquela grande casa estranha. Acredito não ter passado mais de duas semanas ao todo nela desde que meu pai a construiu. E agora era minha, como tudo mais que meu pai havia feito.

Corri para a porta. Rina havia pensado em tudo, menos nisso: meu pai estava morto. E eu ia contar a ela.

A porta da frente se abriu quando eu estava atravessando a varanda. Meu pai mandara fazer uma casa no estilo das fazendas do sul, e para dirigi-la trouxera Robair, de Nova Orleans. Robair era um mordomo negro inteiramente de acordo com a tradição.

Era um homem gigantesco, uma cabeça mais alto que eu, tão polido e eficiente quanto grande. O pai e o avô dele haviam sido mordomos e, apesar de ex-escravos, haviam incutido nele o orgulho do seu trabalho. Devia ter uma espécie de sexto sentido no cumprimento de seus deveres. Infalível, estava sempre presente quando se precisava dele.

Colocou-se ao lado da porta para dar-me passagem.

— Alô, sr. Cord — disse, em seu suave inglês sulista.

Era a primeira vez que me chamava de "sr. Cord" em vez de "Júnior".

— Alô, Robair. Acompanhe-me.

Segui-me em silêncio até o escritório de meu pai. Com o rosto impassível, fechou a porta depois de entrarmos. Olhei para ele.

— Meu pai morreu, Robair.

— Já sei. O sr. Denby telefonou.

— E as outras pessoas sabem?

— Não. Disse ao sr. Denby que a sra. Cord não estava, e nada contei aos outros empregados.

Houve um leve rumor do lado de fora da porta. Robair continuou a falar ao mesmo tempo que caminhava rapidamente para a porta.

— Calculei que o senhor mesmo quisesse dar a triste notícia — disse ele, abrindo de uma vez a porta.

Não havia ninguém ali. Ele saiu e eu o segui. Um vulto subia correndo pela longa escadaria que se curvava do vestibulo para o andar de cima.

— Louise! — disse Robair em voz baixa, mas com o tom enérgico da autoridade.

O vulto parou. Era a criada pessoal de Rina.

— Venha cá — ordenou ele.

Louise desceu a escada com hesitação. De mais perto, pude ver-lhe no rosto uma expressão de terror, confirmada pela voz insegura e medrosa.

— Pronto, sr. Robair.

Pela primeira vez, Robair me mostrou como fazia os empregados andarem na linha. Seus gestos eram quase preguiçosos, mas a mão dele encontrou o rosto de Louise com a força de um tiro de pistola.

— Quantas vezes já lhe disse que não escutasse atrás das portas? — censurou, com a voz cheia de desprezo.

Ela nada falou. Ficou com a mão no rosto, enquanto as lágrimas lhe rolavam dos olhos.

— Vá para a cozinha. Depois conversaremos.

Ela saiu correndo e Robair se virou para mim.

— Peço-lhe desculpas por ela, sr. Cord. Em geral, meu pessoal não faz dessas coisas, mas essa moça é um pouco rebelde.

Peguei um cigarro e, mal o levei à boca, Robair aproximou dele um fósforo aceso.

— Está muito bem, Robair. Não creio que ela vá ficar muito tempo conosco.

Robair colocou cuidadosamente o fósforo num cinzeiro e disse:

— Sim, senhor.

Olhei para a escadaria e, curiosamente, hesitei.

— A sra. Cord está no quarto — disse Robair às minhas costas.

Voltei-me para ele. Seu rosto era uma impenetrável máscara.

— Obrigado, Robair. Vou subir e dar-lhe a notícia.

Comecei a subir a escada, mas a voz dele me fez parar.

— Sr. Cord, a que horas devo servir o jantar?

— Às oito horas — respondi, após pensar um momento.

Bati de leve à porta de Rina. Não houve resposta. Abri-a e entrei. Ouvi a voz dela no banheiro.

— Louise, traga-me uma toalha.

Dirigi-me para o banheiro e apanhei uma toalha grande na pilha que estava na prateleira acima da penteadeira. Levei-a para o compartimento onde ficava a banheira no momento em que ela fazia deslizar a porta de vidro.

Era toda ouro e brancura e cintilava com a água que lhe corria pelo corpo. Ficou um momento ali a olhar-me, surpresa. Muitas outras mulheres teriam tentado cobrir a nudez. Ela não. Estendeu a mão para pegar a toalha.

Embrulhou-se habilmente e saiu da banheira.

— Onde está Louise? — perguntou, sentando-se diante da penteadeira.

— Lá embaixo.

Começou a enxugar o rosto com outra toalha e disse:

— Seu pai não vai gostar disso.

— Ele nunca saberá.

— Como é que sabe que não contarei a ele?

— Não contará.

Foi então que ela começou a sentir que havia alguma coisa. Olhou-me pelo espelho, e vi que seu rosto de repente ficou muito sério.

— Houve alguma coisa entre você e seu pai, Jonas?

Ela me olhou um instante, seus olhos ainda mostrando surpresa, mas, como eu nada disse, deu-me uma pequena toalha.

— Quer fazer o favor de enxugar-me as costas, Jonas? — disse ela, sorrindo. — Aí eu não alcanço. Como vê, preciso de Louise.

Peguei a toalha e aproximei-me dela. Ela deixou a grande toalha de banho escorregar-lhe dos ombros. Enxuguei as gotas de água que havia em sua pele perfeita. Senti-lhe o perfume, ainda forte, devido ao calor do banho.

Dei-lhe um beijo na nuca. Ela se virou para mim, espantada.

— Pare com isso, Jonas! Ainda hoje de manhã, seu pai disse que você era um maníaco sexual. Você não precisa provar isso.

Não havia o menor receio em seus olhos. Estava segura de si mesma, e eu sorri.

— Talvez ele tivesse razão. Ou talvez tivesse se esquecido do que é ser moço.

Puxei-a para mim. A toalha caiu ainda mais e só ficou presa pela pressão dos nossos corpos. Cobri-lhe a boca com a minha e agarrei-lhe o seio. Era duro, firme e forte, e eu sentia o coração bater apressadamente por baixo dele.

Talvez eu estivesse errado, mas senti que havia nela um calor subindo ao meu encontro. De repente, afastou-se raivosamente de mim. Agora, a toalha estava esquecida no chão.

— Está louco? — exclamou ela, com o peito ofegante. — Bem sabe que a qualquer minuto ele poderá entrar por aquela porta.

Fiquei um instante parado e então deixei a pressão que me enchia os pulmões escapar num lento suspiro.

— Ele nunca mais entrará por aquela porta, Rina.

— Que quer dizer com isso? — balbuciou, enquanto a cor lhe fugia aos poucos do rosto.

Olhei-a fixamente e pude ver medo em seus olhos. Era o medo de qualquer pessoa que tem de enfrentar um futuro incerto.

— Sra. Cord, seu marido morreu.

Os olhos se arregalaram um instante, e ela se deixou cair no banco da penteadeira. Num ato reflexo, apanhou a toalha e se embrulhou de novo.

— Não posso acreditar — murmurou ela.

— Em que é que não pode acreditar, Rina? — perguntei cruelmente. — Que ele tenha morrido ou que você errou quando se casou com ele e não comigo?

Acho que não me ouviu. Olhou para mim com os olhos enxutos, mas cheios de uma tristeza, uma compaixão de que eu nunca a julgara capaz.

— Sofreu muito?

— Não. Foi rápido. Um derrame cerebral. Neste minuto, estava ele ali, grande e forte, a rugir como um leão; no outro... — disse eu, dando um estalo com os dedos. — Foi desse jeito.

— Fico satisfeita. Não queria que sofresse.

Levantou-se lentamente e o habitual véu protetor caiu-lhe de novo sobre os olhos.

— Acho que agora tem o dever de retirar-se.

Era aquela a Rina habitual, a Rina distante, inatingível, calculista, e que eu queria desmontar.

— Não, Rina. Ainda não acabei.

— O que falta para acabar?

— Muita coisa. Eu e você. Trouxe-a para casa uma noite porque queria você. Mas você escolheu meu pai porque representava um rendimento mais rápido para você. E acho que esperei demais!

Ela me encarou, sem medo. Esse assunto era seu campo de luta predileto.

— Você não se atreveria!

Como única resposta, arranquei a toalha de cima dela. Ela virou-se para fugir, mas eu a agarrei pelo braço e puxei-a. Com a outra mão, segurei seu cabelo e virei a cabeça dela até olhar para mim. Perguntei:

— Não?

— Vou dar gritos e os criados virão correndo! — gritou com voz rouca.

— Não, eles não virão. Pensarão apenas que você está dando expansão à sua dor. Robair está na cozinha com todo mundo, e só virá alguém se eu chamar.

— Espere! Por favor, espere! Ao menos por seu pai.

— Não sei por quê. Ele, por acaso, esperou por mim?

Agarrei-a e carreguei-a para o quarto. Com as mãos e com os punhos, ela me arranhava o rosto e me dava murros no peito.

Joguei-a na cama, por cima da colcha de cetim branco. Ela tentou rolar para o outro lado. Segurei-a pelos ombros e a fiz virar-se. Ela me mordeu a mão e procurou fugir. Prendi-lhe as coxas com um joelho e bati-lhe com raiva no rosto.

Ela caiu sobre o travesseiro e notei no rosto as marcas da minha mão.

Ela fechou os olhos um instante. Quando voltou a abri-los, estavam nebulosos, e havia neles uma turbulência que era coisa inteiramente nova para mim. Sorriu e passou-me os braços pelo pescoço, puxando-me para cima dela. Colou a boca na minha, e eu senti o corpo dela agitar-se sob o meu.

— Venha, Jonas! — disse ela, respirando em minha boca. — Agora mesmo! Não posso mais esperar. Já esperei demais.

Correu os dedos pelo meu corpo e encontrou minha parte mais sensível. Virou o rosto no travesseiro, enquanto seus movimentos se tornavam cada vez mais frenéticos. Mal lhe ouvia o desesperado e urgente murmúrio:

— Depressa, Jonas! Depressa!

Fiz menção de levantar, mas ela não pôde esperar que eu tirasse a roupa. Puxou-me e me colocou dentro dela. Tive a impressão de haver entrado num braseiro. Puxou-me a cabeça de encontro ao seu pescoço.

— Engravidem-me, Jonas! Engravidem-me como fez com aquelas três moças de Los Angeles. Derrame toda sua vitalidade dentro de mim!

Vi que seus olhos estavam límpidos e claros, como se gozassem uma espécie de irônica vitória. Não refletiam de modo algum a paixão do corpo que estava embaixo de mim. Seus braços e pernas retesaram-se em volta de mim. Ela sorriu, seus olhos nos meus.

— Engravidem-me, Jonas. Faça o que seu pai nunca quis fazer. Ele tinha receio de que alguém tirasse alguma coisa do que era seu!

— Como... como?! — murmurei, mas ela era como um poço sem fundo no qual eu mergulhava cada vez mais.

— Sim, Jonas — ela disse ainda sorrindo; seu corpo a devorar-me. — Seu pai não quis correr nenhum risco. Foi por isso que me fez assinar aquele acordo antes do casamento. Queria tudo para seu precioso filho!

Tentei levantar-me, mas ela moveu as pernas, prendendo-me de alguma maneira misteriosa. Rindo, triunfante, continuou:

— Mas você me fará um filho, não é, Jonas? Só nós dois saberemos. E você dividirá a fortuna com seu filho, ainda que o resto do mundo acredite que ele seja de seu pai.

Ela se movia por baixo de mim, procurando e exigindo minha vitalidade. Num desespero súbito, desprendi-me dela no momento exato em que perdia as forças. Caí estendido na cama,

aos pés dela.

A agonia passou e abri os olhos. Rina havia voltado a cabeça para o travesseiro e estava chorando. Levantei-me em silêncio e saí do quarto.

Enquanto caminhava pelo corredor até o meu quarto, não me saíam da cabeça as palavras de Rina. Meu pai tratava com carinho tudo o que me dizia respeito. Ainda que eu não enxergasse, ele me amava.

Me amava, sim, porém não sabia demonstrar isso.

Assim que cheguei ao meu quarto, numerosas lágrimas banhavam meu rosto.

Eu estava sobre o cavalinho índio malhado que tinha aos dez anos e galopava alucinadamente pelas dunas do deserto. O pânico da fuga me dominara, mas não sabia do que estava fugindo. Olhei para trás.

Meu pai vinha no meu encalço no grande cavalo-malhado. O paletó estava aberto, as abas voavam ao vento. A grossa corrente do relógio pendia, atravessada em seu peito. Ouvia-lhe a voz, ressoante e fantástica nas asas do vento.

— Volte, Jonas! Que diabo! Volte!

Virei a cabeça e esporeei ainda mais o cavalinho. Bati tanto nele com a chibata que comecei a ver marcas vermelhas de sangue no pelo. Pouco a pouco, fui ganhando distância.

De repente, como se tivesse surgido do ar, Nevada apareceu a meu lado, no seu grande cavalo preto. Olhou-me calmo e disse em voz baixa:

— Volte, Jonas. É seu pai que está chamando. Que espécie de filho é você?

Não respondi e continuei a tocar o cavalo. Olhei para trás de novo.

Meu pai, então, fez o cavalo parar e parecia muito triste.

— Tome conta dele, Nevada. Tome conta dele, que eu não tenho tempo.

Ouvi a voz dele muito fraca, pois a distância entre nós era grande. Afinal, ele virou seu cavalo e começou a afastar-se a galope. Percebendo isso, parei e fiquei observando sua silhueta. Estava cada vez mais longe. Tive vontade de gritar: "Não vá embora, pai!" Mas as palavras me morreram na garganta.

Sentei na cama, banhado em suor. Sacudi a cabeça para dissipar os últimos vestígios do sonho. Pela janela aberta, entrava o tropel dos cavalos no curral que ficava nos fundos da casa.

Cheguei à janela. O sol já brilhava às cinco horas e lançava uma longa sombra matinal. No curral, vários empregados da propriedade estavam encostados à cerca vendo um homem que tentava amansar um potro baio. A luz do sol me fez piscar os olhos.

Aquele era o remédio de que eu precisava para sacudir a sensação de vazio no peito e tirar o gosto amargo da boca. Vesti uma velha calça jeans e uma camisa azul, e saí correndo do quarto.

Segui pelo corredor na direção da escadaria dos fundos. No meio da escada encontrei Robair, trazendo uma bandeja com um copo de suco de laranja e um bule fumegante de café. Olhou-me sem surpresa.

— Bom dia, sr. Jonas.

— Bom dia, Robair.

— O sr. McAllister está aí e quer falar com o senhor! Está no escritório.

Hesitei um instante. O curral ficaria para depois. Eu tinha coisas mais importantes para fazer.

— Obrigado, Robair — disse, dando meia-volta para descer pela escadaria da frente.

— Sr. Jonas, se vai tratar de negócios, acho que falará melhor com o estômago cheio.

Sentei no primeiro degrau da escada e Robair colocou a bandeja ao meu lado. Peguei o copo de suco de laranja e tomei-o de um gole. Robair serviu o café e levantou a tampa que cobria um prato de torradas. Tomei o café. Robair tinha razão. O vazio era no estômago, e estava desaparecendo. Peguei uma torrada.

McAllister, mesmo que tenha reparado nos meus trajés, não fez nenhum comentário. Entrou diretamente no assunto.

— Os dez por cento de ações da minoria estão assim divididos disse, espalhando alguns papéis em cima da mesa. — Dois e meio por cento cada um, para Rina Cord e Nevada Smith; dois por cento cada um para o juiz Samuel Haskell e Peter Commack, presidente do Banco Industrial de Reno; um por cento para Eugene Denby.

— Quanto valem essas ações, Mac?

— Na base dos dividendos médios dos últimos cinco anos, as ações da minoria valem quarenta e cinco mil dólares; na base do seu valor nominal, sessenta mil dólares — disse ele. Acendeu um cigarro e continuou: — Desde que acabou a guerra, os dividendos da companhia vêm caindo.

— Por quê?

— Não há em tempo de paz a mesma procura que havia pelo produto durante a guerra.

Acendi maquinalmente um cigarro, pensando que talvez não pudesse pagar-lhe os cem mil dólares por ano que havia combinado.

— Diga-me o que não sei, Mac.

— O banco de Commack recusou o empréstimo de duzentos mil dólares que seu pai queria para financiar o contrato alemão que você assinou ontem.

Apaguei demoradamente o cigarro no cinzeiro.

— Quer dizer que isso me deixa um pouco desprovido, não é?

— Exatamente.

Minha pergunta seguinte colheu McAllister de surpresa.

— Muito bem. E qual a solução que você encontrou?

— Como assim? — perguntou ele, olhando-me como se eu fosse um adivinho. — Por que, está pensando que eu fiz alguma coisa?

— Você estava ontem no escritório de meu pai, e eu sei que ele não iria chamá-lo apenas para resolver o caso com os pais da moça. Ele poderia fazer isso sozinho. E você aceitou o emprego que lhe ofereci. Isso quer dizer que tinha certeza de conseguir o dinheiro.

Ele começou a sorrir.

— Consegui outro empréstimo no Pioneer National Trust Bank de Los Angeles. Pedi trezentos mil dólares para ter uma margem de segurança.

— Ótimo — disse eu. — Isso me dá o dinheiro de que preciso para comprar as ações da minoria.

Mac ainda me olhava fixamente com o mesmo ar de admiração e surpresa quando me sentei na cadeira ao lado dele.

— Agora, diga-me tudo o que pôde apurar sobre esse produto novo em que meu pai estava tão interessado. Matéria plástica, não é?

Robair serviu um desjejum no estilo rural: bife, ovos e biscoitos quentes. Depois de serem retirados os últimos pratos, saiu discretamente e fechou as grandes portas da sala. Tomei o café e levantei-me.

— Senhores — disse eu —, sei que não preciso dizer-lhes o choque que levei, ontem, ao me ver de repente com as responsabilidades de uma grande companhia como a Cord Explosivos. Foi por isso que lhes pedi que viessem aqui hoje de manhã; para me ajudarem a resolver o que for melhor para a companhia.

A voz estridente de Commack fez-se ouvir do outro lado da mesa.

— Pode ficar descansado que faremos tudo o que for certo, meu rapaz.

— Muito obrigado, sr. Commack. Parece que a primeira coisa que temos a fazer é eleger um novo presidente. Alguém que se dedique à companhia como meu pai.

Analisei as pessoas a torno da mesa. Denby estava numa ponta, tomando notas num bloco. Nevada preparava tranquilamente um de seus cigarros. Olhou para mim com uma expressão sorridente. Ao seu lado, McAllister. Haskell e Commack estavam calados. Esperei que o silêncio se tornasse pesado. Não era preciso que me dissessem quem eram os meus amigos.

— Têm alguma sugestão a fazer, cavalheiros? — perguntei.

— Tem alguma? — perguntou Commack.

— Pensava uma coisa ontem — disse eu. — Mas hoje de manhã, depois de uma noite de sono, cheguei à conclusão de que o encargo é muito duro para quem tem apenas a minha experiência.

Pela primeira vez naquela manhã, Haskell, Commack e Denby mostraram fisionomias satisfeitas. Trocaram rápidos olhares, Commack fez uso da palavra:

— Está demonstrando muito bom senso, rapaz. Que tal o juiz Haskell aqui? Já está aposentado da magistratura, mas creio que poderia aceitar o cargo para ajudá-lo.

— Aceita? — perguntei ao juiz.

— Só para apoiá-lo; meu rapaz. Só para apoiá-lo.

Olhei para Nevada, cujo sorriso era ainda maior. Sorri também para ele e voltei-me para os outros:

— Vamos então submeter o caso à votação, cavalheiros?

Denby então falou pela primeira vez:

— De acordo com os estatutos da companhia, o presidente só pode ser eleito numa reunião dos acionistas. E, neste caso, só pela maioria das ações válidas.

— Façamos então uma reunião dos acionistas — disse Commack. — A maioria das ações está representada aqui.

— É uma boa ideia — disse eu. Em seguida, voltei-me para o juiz, sorrindo, e acrescentei: — Caso eu já possa votar com as minhas ações...

— Claro que pode, meu rapaz — disse o juiz, radiante, tirando do bolso um papel, que me entregou. — As ações foram deixadas para você aí no testamento de seu pai. E eu já requeri hoje de manhã a execução testamentária. Tudo já é legalmente seu.

Peguei o testamento e continuei:

— Então, tudo certo. A reunião da diretoria está encerrada. Está aberta a reunião dos

acionistas. Consta da ordem do dia a eleição de um presidente e tesoureiro da companhia para substituir o falecido Jonas Cord.

Commack sorriu.

— Apresento o nome do juiz Samuel Haskell.

Denby disse então depressa, depressa demais:

— Subscribo a apresentação.

— A apresentação do nome do juiz Haskell está anotada. Há mais alguma apresentação antes que se passe à votação?

Nevada levantou-se e disse com sua voz arrastada:

— Apresento o nome de Jonas Cord Júnior.

Sorri para ele, agradei e disse com voz dura e firme, olhando para o juiz:

— Alguém subscreve a indicação?

O juiz ficou muito vermelho. Olhou para Commack e, depois, para Denby, cujo rosto estava branco.

— Alguém subscreve a indicação? — repeti, friamente. Bem sabia que eles estavam nas minhas mãos.

— Subscribo a apresentação — disse o juiz com voz bem fraca.

— Muito obrigado, juiz.

Dáí por diante, foi fácil. Comprei as ações deles por vinte e cinco mil dólares, e a primeira coisa que fiz foi demitir Denby.

Não queria como secretário aquele sujeitinho pedante e falso. Queria era uma secretária.

Robair chegou ao escritório, onde McAllister e eu estávamos trabalhando.

— Que é, Robair?

— A sra. Rina gostaria de conversar com o senhor nos aposentos dela.

Fiquei de pé, espreguiçando-me. Aquela história de ficar sentado a uma mesa metade do dia era a coisa mais dura que eu já havia feito.

— Está certo. Vou subir.

McAllister olhou para mim e eu lhe disse:

— Espere, que eu não demoro.

Robair abriu a porta e eu subi para o quarto de Rina. Estava sentada à frente de um espelho e Louise lhe passava uma grande escova branca pelo cabelo. Olhou-me pelo espelho.

— Quer falar comigo? — perguntei.

— Quero, sim. Pronto, Louise. Pode sair e espere lá embaixo. Chamarei quando precisar de você.

Depois que a empregada saiu, voltou-se para mim, sorrindo.

— Ela tem o hábito de espiar pela fechadura.

— Eu sei — disse eu, fechando a porta. — O que você quer comigo?

Rina levantou-se. O *négligé* preto esvoaçava em torno dela. A roupa de baixo era preta também.

— O que acha dos meus trajes de viúva? — perguntou, sorrindo.

- Acho muito de viúva alegre. Mas não foi para isso que me mandou chamar.
- Pretendo sair desta casa logo depois do enterro — disse ela, acendendo um cigarro.
- Para quê? A casa é sua. Ele a deixou para você.
- Quero que me compre a casa.
- Com que dinheiro?

— Arranje. Seu pai sempre arranjava dinheiro para as coisas que queria.

Ela parecia saber muito bem o que estava fazendo. Perguntei-lhe, cautelosamente:

- Quanto quer?
- Cem mil dólares.
- Quê?! Não vale mais de cinquenta e cinco mil.

— Eu sei. Mas venderei por esse preço alguma coisa mais: as minhas ações da Cord Explosives.

— Não valem absolutamente isso! Comprei o dobro hoje por vinte e cinco mil!

— Escute, Jonas — disse ela, friamente. — Estou sendo sua amiga. De acordo com as leis do Estado de Nevada, tenho direito à terça parte do espólio de seu pai, com ou sem testamento. Poderia contestar o testamento com a maior facilidade. E, ainda que não pudesse, você ficaria atrapalhado em tudo pela ação judicial em curso nos tribunais, durante uns cinco anos. Que aconteceria então aos seus planos? Se não acredita em mim, pergunte ao seu amigo advogado lá embaixo!

— Você já se certificou de tudo, Rina?

— Claro que sim! O juiz Haskell me telefonou logo que saiu daqui.

Prendi minha respiração. Eu devia ter adivinhado que o velho bastardo não deixaria de tramar alguma vingança.

— Mas não tenho tanto dinheiro. A companhia também não.

— Sei disso. Escute, estou disposta a ser razoável. Aceitarei cinquenta mil no dia seguinte ao enterro e mais um compromisso escrito seu, com a responsabilidade da companhia de pagar dez mil dólares por ano durante cinco anos.

Eu não precisava de advogado para saber que ela fora bem industriada.

— O.K. — disse eu, dirigindo-me para a porta. — Vamos descer e falarei com McAllister para preparar os papéis.

— Não, isso eu não posso fazer.

— Por quê?

— Porque estou de luto. Você acharia decente a viúva de Jonas Cord descer para tratar de negócios? Quando os papéis estiverem prontos, mande-os subir.

Eram cinco horas da tarde quando saltamos do táxi diante do edifício do banco no centro de Los Angeles. Entramos e fomos direto para os escritórios da gerência, nos fundos. McAllister me conduziu a uma porta onde estava marcado *PARTICULAR*, e entramos na sala de espera.

Uma secretária nos recebeu.

— Sr. McAllister? Pensávamos que estivesse em Nevada.

— Estive. O sr. Moroni está?

— Vou verificar. Ele tem muito o hábito de sair do escritório sem me dizer — disse ela, desaparecendo por outra porta.

Olhei para McAllister.

— É uma secretária como essa que eu quero. Tem cabeça e ainda por cima dois seios lindos.

— Uma moça como essa ganha no mínimo de setenta e cinco a oitenta dólares por semana. Por menos ninguém consegue.

— Ora, Mac, então não sei que o que é bom custa caro?

A secretária apareceu na porta, sorrindo para nós,

— Sr. McAllister, o sr. Moroni está à sua espera.

Segui-o até o escritório do homem. Era uma sala ampla e com as paredes forradas de lambris escuros. Sentado a uma enorme escrivaninha do tipo secretária bem no meio da sala, estava um homem pequeno, de cabelo grisalho e olhos vivos. Levantou-se logo que entramos.

— Sr. Moroni — disse McAllister —, este é Jonas Cord.

Moroni me estendeu a mão, e o aperto foi forte. Não foi uma mão macia de banqueiro que senti. Era mão dura, calejada. Aquela mão representava muitos anos de trabalho, na sua maioria passados logo de um escritório.

— Muito prazer em conhecê-lo, sr. Cord. — Tinha leve sotaque italiano.

— O prazer é meu — disse eu, respeitosamente.

Apontou-nos as cadeiras em frente à mesa e nos sentamos. McAllister entrou logo no assunto. Quando terminou, Moroni se curvou sobre a mesa e olhou para mim.

— Meus pêsames pela perda que sofreu. Pelo que sei, seu pai era um homem fora do comum.

— De fato era, sr. Moroni.

— Deve compreender que isso altera muito a situação...

— Sem querer entrar em discussão, sr. Moroni, acho que o empréstimo ia ser feito à Cord Explosives, não a meu pai, nem a mim.

Moroni sorriu.

— Um bom banqueiro faz empréstimos às companhias, mas sem perder de vista os homens que as dirigem.

— Sr. Moroni, minha experiência é limitada, mas sempre pensei que o primeiro cuidado de um bom banqueiro fosse conseguir garantias suficientes para seus empréstimos. Creio que esse ponto foi satisfatoriamente resolvido nos entendimentos do sr. McAllister com o senhor.

Moroni sorriu. Recostou-se na cadeira e tirou um charuto. Acendeu-o e, através de uma

nuvem de fumaça, me disse:

— Sr. Cord, qual é, na sua opinião, o primeiro dever de quem faz um empréstimo?

— Conseguir um lucro com o empréstimo.

— Estou me referindo a quem toma o dinheiro, sr. Cord, e não a quem o empresta.

— Sei a que o senhor está se referindo, sr. Moroni. Mas, se eu não tivesse certeza de conseguir lucros com o dinheiro que me vai emprestar, não vejo por que iria tomar o empréstimo.

— E como espera conseguir esses lucros? Conhece bem a sua indústria, sr. Cord?

— Não tão bem quanto deveria, sr. Moroni. E não tão bem quanto, sem dúvida, a conhecerei daqui a uma semana, daqui a um mês, daqui a um ano. Mas já sei que o amanhã vem chegando e um novo mundo vai surgindo. Haverá oportunidades de ganhar dinheiro com as quais nem se sonhava no tempo de meu pai. E eu quero aproveitar-me delas.

— Creio que se refere ao novo produto que adquiriu com o contrato alemão.

— Em parte — disse eu, embora só tivesse pensado nisso der pois de ele haver falado.

— Que sabe sobre plásticos?

— Muito pouco.

— Então por que tem tanta certeza de que isso tenha algum valor, sr. Cord?

— Porque as companhias Du Pont e Eastman estão interessadas em adquirir os direitos americanos, e qualquer coisa pela qual essas companhias se interessem deve ter seu valor. E também porque o senhor se mostrou disposto a nos emprestar o dinheiro para adquirir esses direitos. Logo que resolver as coisas mais urgentes aqui, pretendo passar dois ou três meses na Alemanha para aprender tudo que for possível sobre plásticos.

— E quem dirigirá a companhia durante sua ausência? Muita coisa pode acontecer em três meses.

— Tudo ficará nas mãos do sr. McAllister. Ele já aceitou entrar para a companhia, sr. Moroni.

Um ar de respeito transpareceu no rosto do banqueiro.

— Sr. Cord, talvez os diretores do banco não concordem comigo, mas estou resolvido a conceder-lhe o empréstimo. Há nele certos elementos de especulação que talvez não sejam boa praxe bancária, mas este banco se fez com empréstimos dessa natureza. Fomos o primeiro banco que emprestou dinheiro aos homens de cinema, e não há nada que cheire mais a especulação.

— Muito obrigado, sr. Moroni — disse eu.

Ele pegou o telefone de cima da escrivaninha.

— Traga o contrato do empréstimo Cord e o cheque.

Em seguida, com um sorriso:

— Vai notar que, embora o empréstimo seja de trezentos mil dólares, o contrato amplia o seu crédito até o limite de quinhentos mil dólares; Um dos meus princípios no negócio de bancos, sr. Cord, é não limitar muito o crédito de meus clientes a suas necessidades imediatas e previstas. Às vezes, alguns dólares representam a diferença entre a vitória e o fracasso.

Ora, eu gostei daquele homem. Um jogador de dados reconhece outro, de longe. Aquele Moroni tinha o instinto de jogador. Sorri para ele.

— Obrigado, sr. Moroni. Minha esperança é fazer muito dinheiro, para nós dois — disse, assinando o contrato.

— Tenho certeza de que vai conseguir — retrucou Moroni, passando o cheque às minhas mãos.

Peguei o cheque e passei-o a McAllister sem olhá-lo. Então levantei.

— Mais uma vez muito obrigado, sr. Moroni. Desculpe a pressa, mas temos de voltar para Nevada esta noite.

— Esta noite? Mas só haverá trens amanhã!

— Tenho um avião, sr. Moroni. Foi nele que viemos para Los Angeles. Estaremos em casa por volta das nove horas.

— Convém voar baixo, sr. Cord — disse Moroni, com visível preocupação. — Afinal de contas, acabamos de dar-lhe um bocado de dinheiro.

— Não se preocupe, sr. Moroni — disse eu, rindo. — O avião é tão seguro quanto um automóvel. E, se houver alguma coisa no caminho, poderá cancelar o pagamento do cheque.

Ambos riram. Notei sinais de nervosismo na fisionomia de McAllister, mas, para seu mérito, preferiu ficar calado...

Apertamos as mãos e Moroni nos levou até a porta.

— Boa sorte — ele nos desejou, assim que chegamos à sala de espera.

Um homem que estava ali sentado levantou-se lentamente. Era Buzz Dalton, o piloto que perdera o avião para mim no jogo de dados.

— Olá, Buzz — disse eu. — Não fala mais com os amigos?

— Jonas! — exclamou ele, com um sorriso estampado no rosto. — Que diabos está fazendo aqui?

— Atrás de um pouco de grana. E você?

— Também, Jonas. Mas sem sorte até agora.

— Por quê?

— Tenho um contrato para transportar malas postais. De Los Angeles a San Francisco. Doze meses de garantia a dez mil por mês. Mas acho que vou desistir, porque não consigo o dinheiro para comprar os três aviões de que preciso. Os bancos acham que o risco é muito grande.

— Quanto é que você está querendo emprestado?

— Vinte e cinco mil dólares. Vinte mil para os aviões e cinco mil para mantê-los no ar até receber o primeiro cheque.

— Tem o contrato aí?

— Claro que sim — disse ele, tirando-o do bolso.

— Parece um bom negócio — comentei.

— E é. Está tudo calculado. Terei cinco mil de lucro por mês, livre de despesas e da amortização do empréstimo.

Os cálculos me pareciam corretos. Eu sabia quanto custava a manutenção de um avião. Virei-me para Moroni:

— O meu contrato está de pé, quer dizer, na parte do crédito adicional? Não há restrições?

- Nenhuma — disse ele, sorrindo.
- Está muito bem — voltei a falar com Buzz Dalton. — Você terá o dinheiro, porém com duas condições. Cinquenta por cento das ações de sua companhia e um penhor mercantil sobre seus aviões para amortização dentro de doze meses, tudo em nome da Cord Explosives.
- Homem, você acaba de entrar num grande negócio! — disse Buzz, radiante.
- O.K., Buzz. Agora, sr. Moroni, quer acertar os detalhes para mim? Tenho de voltar esta noite.
- Com prazer, sr. Cord.
- Outra coisa: o empréstimo será de trinta mil dólares.
- Um minuto! — disse Buzz. — Só pedi vinte e cinco mil.
- Eu sei, mas acontece que aprendi uma coisa importante hoje.
- Que foi?
- É mau negócio emprestar dinheiro a alguém na conta exata. De qualquer modo, o risco sempre existe, então o melhor é dar uma boa margem para ter maiores possibilidades de êxito.

Meu pai foi enterrado com a maior pompa que já se viu naquela região do Estado. Até o governador compareceu. Mandeí fechar a fábrica, e a igreja ficou lotada até o teto, havendo mais gente na rua que lá dentro.

Rina e eu ficamos sozinhos no banco da frente. Estava muito séria em seu vestido preto, os cabelos louros escondidos dentro do véu. Olhei para meus sapatos. Eles me doíam terrivelmente nos pés. Eram de meu pai e estavam apertadíssimos. Eu havia descoberto na última hora que tinha apenas os *huarachos* mexicanos para calçar. Robair fora buscar no armário de meu pai aqueles sapatos que ele nunca havia calçado. E que eu também nunca mais calçaria.

Um murmúrio geral me fez levantar a cabeça. Estavam fechando o caixão de meu pai. Vi-lhe o rosto pela última vez e, pouco depois, senti na cabeça um curioso vazio. Não consegui mais lembrar as feições de meu pai.

Algumas pessoas choravam. Eram as mulheres mexicanas da fábrica. Ouvi soluços atrás de mim. Virei-me e vi Jake Platt, que também tinha lágrimas nos olhos vermelhos de uísque.

Olhei para Rina. Podia ver seus olhos através do véu. Estavam límpidos e calmos. Muitas pessoas, atrás de nós, choravam por meu pai ali na igreja.

Mas Rina, a mulher dele, não chorava. Nem eu, que era seu filho.

Era uma noite quente, apesar da brisa que, soprada do deserto, entrava pelas janelas. Depois de revirar muito na cama, empurrei as cobertas para o lado. Fora um dia exaustivo; primeiro o enterro, depois a longa conferência com McAllister, sobre os planos para os negócios da fábrica. Eu estava cansado, mas não conseguia dormir.

Muitos pensamentos passando pela minha cabeça ao mesmo tempo. Por isso não é de se admirar que pensei muitas vezes ter escutado meu pai andando de um lado para outro no seu quarto, bem depois de todo mundo ter ido dormir.

Ouvi um barulho na porta. Sentei na cama e perguntei:

— Quem é?

A porta se abriu e pude ver o rosto de Rina. O resto do corpo, dentro do *négligé* preto, se fundia na escuridão.

— Calculei que estivesse acordado, Jonas. Também não consegui dormir.

— Por quê? Preocupada com seu dinheiro? O cheque está ali em cima da mesa, junto com os papéis. Assine a quitação e ele é seu.

— Não é o dinheiro.

— Que é então? Veio pedir desculpas? Ou exprimir seu pesar? Trata-se de uma visita de pêsames?

— Não tem necessidade alguma de me dizer essas coisas, Jonas. Ele era seu pai, sim. Mas não se esqueça de que era meu marido. Sim, vim exprimir o meu pesar.

Mas ainda não me dei por satisfeito.

— Pesar de quê? Pesar de ele não lhe ter dado mais do que deu? Pesar de não ter casado comigo? Ora, você não o amou.

— Não, não o amei. Mas sempre tive muito respeito por ele. Foi mais homem do que qualquer outro que já conheci.

Eu nada disse. De repente ela começou a chorar. Sentou-se na beirada da cama, o rosto encoberto pelas mãos.

— Pare com isso — disse eu, rudemente. — Já passou a hora das lágrimas. Agora é tarde.

Ela baixou as mãos e me encarou. No escuro, podia ver o brilho das lágrimas rolando em seu rosto.

— Tarde para quê? Tarde para amá-lo? A verdade é que tentei, mas não sou capaz de sentir amor. Não sei por quê. Sou assim e pronto. Seu pai sabia disso e mostrou-se compreensivo. Foi por isso que me casei com ele. Não pelo dinheiro. Ele sabia disso também e se contentava com o que eu podia dar-lhe.

— Se isso é verdade, então por que você está chorando?

— Porque estou com medo.

— Medo?! — exclamei, rindo. — Medo de quê?

Ela tirou um cigarro de algum lugar dentro do *négligé* e meteu-o na boca, sem acendê-lo. Seus olhos brilharam como devem brilhar os de uma pantera que ronda a fogueira de um acampamento à noite.

— Dos homens — murmurou ela.

— Dos homens? Você tem medo dos homens? Logo você, que é uma tentação ambulante!

— É isso mesmo, seu idiota! Tenho medo dos homens, de ouvir-lhes as súplicas, de defender-me de suas mãos lascivas e de suas cabeças, que só pensam numa coisa. Tenho medo de ouvir as palavras de amor com que disfarçam o desejo. A única coisa que querem é entrar dentro de mim.

— Você está louca! Não é essa a única coisa em que os homens pensam!

— Não? — disse ela, riscando um fósforo e rompendo a escuridão. — Então olhe para você, Jonas! Olhe para você, cheio de desejo pela mulher de seu pai!

Eu não tive necessidade de refletir para reconhecer que ela tinha razão. Bati com raiva em sua mão, fazendo cair o fósforo.

No mesmo instante, ela se colou a mim, cobrindo-me de beijos a boca e o queixo, com o corpo todo trêmulo.

— Jonas, Jonas. Deixe-me ficar com você só por esta noite. Tenho medo de ficar sozinha!

Levantei as mãos para repeli-la. Mas ela estava nua dentro do *négligé* preto. A carne era fresca e suave como o vento do deserto, e o que minhas mãos encontraram foram os agressivos bicos de seus seios.

Eu me detive um pouco, admirando-a na escuridão. Apenas seu rosto diante de mim. Então senti o sal das lágrimas em nossos lábios. E o ódio que eu sentia foi levado de roldão pela torrente impetuosa do desejo. Guiados pelo meu demônio, mergulhamos juntos nos chamejantes prazeres do nosso inferno particular.

Acordei e dei uma espiada pela janela. Os primeiros claros da manhã se derramavam pelo quarto. Virei-me para Rina. Estava com a cabeça no meu travesseiro e o braço passado por cima dos olhos. Sacudi de leve seu ombro.

Ela esticou o braço. Estava de olhos abertos, límpidos e calmos.

Levantou-se da cama num movimento harmonioso, fluido. O brilho de seu corpo era de um esplendor dourado, juvenil. Pegou o *négligé* nos pés da cama e vestiu-o. Em seguida, encaminhou-se para a mesa.

— Há uma caneta em cima da cômoda — eu disse.

Ela pegou a caneta e assinou a quitação.

— Não vai ler? — perguntei.

— Para quê? Você não conseguirá ter mais do que já concordei em dar.

Era uma verdade. Ela havia renunciado a todos os seus direitos sobre o espólio. Apanhando o cheque, encaminhou-se para a porta. Antes de abri-la, voltou-se para mim:

— Não estarei mais aqui quando voltar da fábrica.

— Vai porque quer.

Ela me encarou e julguei ver passar por seus olhos uma sombra de tristeza.

— Não, Jonas. Não daria certo.

— Talvez desse.

— Não, Jonas. Já é tempo de você se libertar do fantasma de seu pai. Ele foi um grande homem, você também será, do seu jeito.

Apanhei um cigarro no criado-mudo, sem dizer uma palavra.

— Adeus, Jonas. Boa sorte.

— Obrigado, Rina. Adeus.

A porta do quarto se abriu e fechou rapidamente. Ela havia partido. Levantei e fui até a janela. O sol avermelhava todo o horizonte. Ia ser um dia muito quente.

De repente, ouvi a porta do quarto abrir-se atrás de mim e o coração pulou dentro do peito. Ela havia voltado.

Mas era Robair que chegava com uma bandeja, mostrando seus dentes brancos num sorriso cordial.

— Julguei que uma xícara de café lhe faria bem.

Quando cheguei à fábrica, vi que Jake Platt havia mandado uma turma de homens pintar o teto de branco. Sorri comigo mesmo e entrei.

O primeiro dia foi agitadoíssimo. Nada parecia dar certo. Os detonadores que havíamos mandado para as Minas Endicott estavam com defeito e precisamos enviar às pressas outra remessa para substituí-los. Pela terceira vez naquela ano a Du Pont apresentara uma proposta mais baixa que a nossa para o fornecimento de cordite comprimida, numa concorrência do governo.

Passei a metade do dia olhando as cifras, e cheguei à conclusão de que tudo se resumia à orientação que seguíamos sobre a margem de lucros do negócio. Quando sugeri que teríamos de reduzir os lucros para ganhar fregueses, Jake Platt protestou. Disse que meu pai sempre fora de opinião que não adiantava trabalhar numa base de lucro inferior a doze por cento. Perdi a calma, e disse a Jake Platt que quem estava dirigindo a fábrica era eu. O que meu pai tinha feito era coisa dele e não minha. Na próxima concorrência, iríamos apresentar uma proposta mais baixa que a da Du Pont, pelo menos uns três cents em cada quilo.

Já eram cinco horas da tarde quando o gerente de produção entrou, trazendo o relatório daquele dia. Estava começando a examiná-lo, mas o velho Nevada me interrompeu.

— Jonas — disse ele.

Engraçado! Nevada havia passado o dia no escritório. Mas se sentara num canto, tão quieto que até me esquecera de sua presença.

— Que é, Nevada?

— Posso sair um pouco mais cedo? Tenho de fazer algumas coisas.

— Sem dúvida. Pegue a Duesenberg. Jake me levará para casa.

— Não é preciso. Estou com meu carro aí.

— Nevada, diga a Robair que estarei em casa para jantar às oito horas.

Houve um momento de hesitação. Ele afinal disse:

— Está bem, Jonas. Direi a ele.

Cheguei em casa mais cedo do que esperava. Freei a Duesenberg em frente à porta às sete e meia, no momento em que Nevada ia saindo com uma valise em cada mão.

Olhou para mim com alguma surpresa.

— Chegou cedo.

— É verdade. Terminei mais depressa do que esperava.

Nevada continuou a descer a escada e se encaminhou para seu carro, guardando as valises

no porta-malas. Aproximei-me e vi que já estava cheio de coisas.

— Onde você vai com tudo isso, Nevada?

— Tudo isso é meu — disse ele, carrancudo.

— Não disse que não era. Apenas perguntei onde você vai.

— Vou embora.

— Vai caçar? — perguntei, lembrando-me de que sempre, nos meus tempos de garoto, Nevada e eu fâmos caçar nas montanhas naquela época.

— Não, Jonas. Vou embora de vez.

— Espere aí, Nevada. Você não pode ir embora desse jeito.

— E por que é que eu não posso? — disse ele, com seus olhos negros fixos em mim.

— Como é que eu vou me arranjar sem você?

— Muito bem, Jonas. Você não precisa mais de mim como ama-seca. Tenho observado muito você nestes últimos dias.

— Mas, mas...

— Tudo quanto é serviço tem de acabar um dia, Jonas. Trabalho aqui há dezesseis anos, mas agora não há mais nada para eu fazer. Não me agrada nada ganhar um salário sem trabalhar para merecê-lo.

Compreendi que ele tinha razão. Nevada não era homem para viver de favor.

— Você tem dinheiro suficiente?

— Tenho sim. Seu pai nunca me deixou gastar um tostão do meu dinheiro durante dezesseis anos.

— O que você vai fazer?

— Vou reunir-me a uns velhos amigos. Vamos levar um show do Velho Oeste subindo a costa até a Califórnia. Espero passar uma temporada realmente agradável.

Ficamos em silêncio durante alguns minutos. Por fim, Nevada me estendeu a mão.

— Adeus, Jonas.

— Adeus, Nevada — disse eu, sentindo as lágrimas me subirem aos olhos.

Ele entrou no carro, sentou-se ao volante, deu a partida e pôs o carro em marcha, estendendo a mão num gesto de despedida.

— Não se esqueça de mandar notícias, Nevada! — gritei, e fiquei olhando o carro até vê-lo desaparecer de vista.

Entrei em casa e fui para a sala de jantar. Sentei-me à mesa vazia. Robair entrou com um envelope na mão.

— O sr. Nevada deixou isto para o senhor.

Abri o envelope e encontrei um bilhete, penosamente escrito a lápis:

Querido filho,

Não sou homem de despedidas. Sou assim mesmo. Não há mais nada que eu possa fazer por aqui. Então acho que já é tempo de ir tomando o meu rumo. Em toda minha vida quis dar um presente de aniversário para você, mas seu pai sempre chegava na minha frente. Seu pai lhe dava tudo e nunca me deixou dar a você alguma coisa que você quisesse de verdade.

Neste envelope há uma coisa que você quer de verdade. Não se preocupe. Fui procurar um advogado em Reno e fiz tudo de maneira inteiramente legal.

Feliz aniversário.

Seu amigo

Nevada Smith

Verifiquei os outros papéis do envelope. Constatei que eram ações da Cord Explosives endossadas em meu nome.

Coloquei tudo em cima da mesa e senti um aperto na garganta. De repente, a casa estava vazia. Todo mundo a abandonara. Meu pai, Rina, Nevada, todo mundo. Só recordações a povoavam.

Lembrei-me do que Rina havia dito sobre a necessidade que eu tinha de me libertar do fantasma de meu pai. Ela estava certa. Eu não poderia viver naquela casa. Não era minha, era de meu pai. Para mim, seria sempre a casa dele.

Tomei uma decisão. Iria morar num apartamento em Reno, que não me traria as recordações à mente. Transferiria a casa a McAllister. Ele tinha família e isso lhe pouparia o trabalho de procurar casa.

Tornei a olhar para o bilhete de Nevada. A última linha chamou minha atenção. Feliz aniversário. Senti um nó na garganta. Eu havia esquecido, e Nevada fora a única pessoa que lembrara.

Era o dia do meu aniversário.

Eu fazia vinte e um anos.

A HISTÓRIA DE
NEVADA SMITH

LIVRO II

Já passava das nove da noite quando Nevada saiu da estrada principal e tomou a estrada de terra que levava à fazenda. Parou o carro em frente à casa-grande e saltou. Ficou ali parado, escutando as gargalhadas que vinham do cassino.

Um homem saiu à varanda.

— Olá, Nevada.

— Olá, Charlie. Parece que as divorciadas estão se divertindo muito.

— Por que não? Para quase todas elas o divórcio é um bom negócio.

— Deve ser, Charlie. Só não posso me habituar é com essa ideia de viver com a fazenda cheia de mulheres em vez de gado.

— É melhor habituar-se, Nevada. Afinal de contas, você é dono de cinquenta por cento da propriedade. Está na hora de vir para cá e trabalhar.

— Não sei — disse Nevada. — Está me dando vontade é de viajar. Acho que é porque fiquei tempo demais parado num lugar só.

— E para onde você pretende ir? As coisas não são mais as mesmas. Não há mais campo e tudo está cortado por estradas. Você está trinta anos atrasado.

Nevada sorriu. Charlie tinha razão, mas o estranho é que ele não se sentia trinta anos atrasado. Sentia-se o mesmo de sempre.

— Botei a mulher na sua cabana — disse Charlie. — Marta e eu estávamos esperando você para jantar.

— Então é melhor eu ir buscá-la — disse Nevada, entrando no carro. — Voltaremos logo que eu me lavar.

Charlie ficou observando o carro de Nevada subir uma ladeira nos fundos da fazenda, depois sacudiu a cabeça e entrou.

— Como está ele? — perguntou Marta ansiosamente ao vê-lo entrar.

— Não sei. Parece-me um tanto confuso e alheio às coisas. Não sei.

A cabana estava às escuras quando Nevada chegou. Riscou um fósforo e acendeu o candeeiro de querosene.

De repente, a voz de Rina veio por trás dele.

— Por que não liga a luz elétrica, Nevada?

— Porque gosto de luz de candeeiro. A eletricidade não é natural. Cansa a vista.

Rina estava sentada numa cadeira em frente à porta. Vestia um suéter grosso que descia até as calças azuis desbotadas.

— Está com frio? — perguntou ele. — Vou acender o fogo.

— Não, não estou com frio.

— Então, vou trazer as minhas coisas para dentro e me lavar. Marta e Charlie estão nos esperando para jantar.

— Vou ajudá-lo a trazer as coisas para dentro.

— Está bem.

Do lado de fora, as estrelas brilhavam muito no veludo azul do céu e ouvia-se lá embaixo o som de música e gargalhadas.

— Felizmente não sou uma delas — disse Rina, olhando para o cassino.

— Nem poderia ser. Você não é desse tipo.

— Houve um tempo em que pensei em divorciar-me. Mas dentro de mim alguma coisa me impediu, embora eu soubesse desde o princípio que era um erro.

— Trato é trato — disse Nevada, levando para a cabana duas ou três malas.

Fizeram mais duas viagens até o carro, em silêncio. Depois, Rina sentou-se na cama, enquanto Nevada tirava a camisa e se lavava na pia do pequeno quarto.

Os músculos se estofavam sob sua pele surpreendentemente branca. Os pelos do peito eram um leve sombreado que descia para o estômago liso e sumido. Depois de esfregar vigorosamente com sabão o rosto e o pescoço, Nevada enxaguou-se e estendeu as mãos à procura da toalha.

Rina entregou-lhe a toalha. E, quando ele enfiava uma camisa limpa, ela disse:

— Espere. Deixe que eu faço isso para você.

Os dedos de Rina foram rápidos e suaves. Tocaram sua pele assim como um sopro de ar. Ela levantou a cabeça, olhando-o interrogativamente.

— Que idade você tem, Nevada? Sua pele é quase de um menino.

— Nasci em 1882, pelos meus cálculos. Minha mãe era uma índia kiowa. Os índios nunca souberam direito a data dos aniversários. Mas, se nasci mesmo em 1882, como penso, tenho quarenta e três anos.

— Pois não parece ter mais de trinta.

Nevada sorriu, lisonjeado, e disse:

— Agora, vamos comer.

— Vamos, sim — disse ela, tomando-lhe o braço. — Percebi de repente que estou com fome.

Já era mais de meia-noite quando voltaram para a cabana. Nevada deixou-a entrar antes dele e foi direto para a lareira. Estava pondo fogo nos gravetos, quando Rina se aproximou e ele lhe disse:

— Vá deitar.

Ela foi para o quarto em silêncio. Nevada só se levantou de perto da lareira depois que as chamas começaram a crepitar. Foi ao armário, tirou uma garrafa de uísque e um copo, e sentou-se em frente ao fogo.

Depois de beber bem devagar o uísque, tirou as botas. Deixou-as ao lado da cadeira e foi para o sofá da sala, onde deitou. Mal acendeu um cigarro, ouviu a voz de Rina.

— Nevada?

— Que é?

— Jonas disse alguma coisa a meu respeito?

— Não.

— Ele me deu cem mil dólares pelas ações e pela casa.

— Eu sei.

Houve um momento de silêncio e então ela apareceu na sala.

— Não preciso de todo esse dinheiro, Nevada. Se você precisar...

Ele sorriu.

— O que eu tenho chega. De qualquer modo, muito obrigado.

— Não quer mesmo?

Nevada tornou a sorrir pensando no que ela diria se soubesse da fazenda de dois mil e quinhentos hectares que ele tinha no Texas ou da sociedade que tinha pela metade no show do Velho Oeste. Ele também tinha aprendido muito com o velho Cord. Dinheiro só ganha algum valor quando começa a trabalhar pela gente.

— Não — disse ele, levantando e indo para onde ela estava. — Vá para a cama, Rina. Você está descalça.

Seguiu-a até o quarto e tirou um cobertor do armário. Quando ele se aproximou para estender o cobertor, ela pegou sua mão.

— Converse comigo até eu pegar no sono.

— Sobre o quê? — perguntou ele, sentando ao lado da cama.

— Sobre você — disse ela, ainda segurando sua mão. — Diga-me onde nasceu, por onde andou... qualquer coisa.

Voltou a sorrir na escuridão.

— Não há muito o que contar. Tanto quanto sei, nasci no oeste do Texas. Meu pai era um caçador de búfalos chamado John Smith e minha mãe uma princesa kiowa chamada...

— Espere aí. Não diga que eu já sei. Pocahontas.

— Alguém já contou para você. O nome era Pocahontas mesmo.

— Ninguém me contou. Li isso em algum lugar.

A mão de Rina largou pouco a pouco a de Nevada e este se curvou para olhá-la. Ela dormia profundamente.

Nevada levantou, ajeitou o cobertor em torno dela e saiu do quarto na ponta dos pés. Pegou outro cobertor e voltou para o sofá.

John Smith e Pocahontas. Não sabia quantas vezes havia contado por pilhéria aquela história. Mas a verdade era ainda mais estranha e decerto ninguém acreditaria nela.

Tudo acontecera há tanto tempo que ele próprio nem sabia mais se acreditava. Naquele tempo, seu nome não era Nevada Smith. Era Max Sand.

E ele era procurado por latrocínio e homicídio pela polícia de três Estados.

Foi em maio de 1882 que Samuel Sand chegou a uma pequena cabana a que chamava de lar e sentou pesadamente numa caixa que lhe servia de cadeira. Em silêncio, sua mulher índia esquentou um pouco de café e colocou-o diante dele. Ela se movia pesadamente, pois estava em adiantada gravidez.

Samuel ficou sentado ali muito tempo, deixando o café esfriar. De vez em quando, olhava para a planície que se estendia até as montanhas, onde ainda se viam uns restos de neve.

A índia começou a preparar a refeição da noite. Feijão e carne de búfalo salgada. Era cedo para preparar a comida porque o sol ainda estava alto no céu, mas ela se sentiu vagamente inquieta e tinha de fazer alguma coisa. De vez em quando, olhava pelo canto dos olhos para Sam, mas ele estava perdido num mundo agitado onde as mulheres não podiam entrar. Assim, ela continuou a mexer a panela com o feijão e a carne, esperando que o dia e o aborrecimento dele passassem.

Kaneha completara dezesseis anos naquela primavera e fora só no verão anterior que o caçador de búfalos chegara à aldeia de sua tribo com a intenção de comprar uma esposa. Chegara montado em uma mula. O chefe apanhou o cachimbo e Sam tirou uma garrafa de uísque. Em silêncio, o chefe acendeu o cachimbo nas brasas e, após tirar uma fumaça, passou-o a Sam, que fez o mesmo e passou-o ao guerreiro sentado a seu lado, no círculo do conselho da tribo.

Quando o cachimbo voltou às mãos do chefe, Sam abriu a garrafa de uísque. Limpou cuidadosamente o gargalo e tomou um grande gole; depois a ofereceu ao chefe. Este fez o mesmo e sentiu o ardor na garganta, o que lhe provocou lágrimas nos olhos além de uma insuportável necessidade de tossir. Mas dominou a tosse e passou a garrafa ao guerreiro que estava a seu lado.

Quando a garrafa voltou às mãos de Sam, ele a colocou no chão, diante do chefe. Curvou-se para a frente e tirou da panela um pedaço de carne. Mastigou com força, lambendo os beijos.

— Bom cachorro — disse ele ao chefe.

— Cortamos a língua dele e o amarramos num mourão para que engordasse bem.

Guardaram silêncio durante alguns momentos e o chefe estendeu de novo a mão para a garrafa de uísque. Sam sabia que estava na hora de dizer o que queria.

— Sou um grande caçador. Com minha arma, já matei milhares de búfalos. Minhas proezas são conhecidas em todas as planícies. Não há guerreiro que possa alimentar tantas pessoas como eu.

O chefe assentiu solenemente com a cabeça.

— Os atos de Barba Vermelha são bastante conhecidos da gente. É uma honra recebê-lo em nossa tribo.

— Vim pedir a meus irmãos a moça chamada Kaneha. Quero que ela seja minha mulher.

O chefe deu um suspiro de alívio. Kaneha era a mais moça de suas filhas e a menos favorecida. Era alta demais para uma moça, quase tão alta quanto o guerreiro mais alto, e magra, com cintura tão fina que era possível abarcá-la com as duas mãos. Seu corpo era miúdo, a tal ponto que não conseguiria ter uma criança crescendo dentro dela. Seu rosto era magro e comprido e não gordo e redondo como deve ser o de uma moça. Kaneha deixaria de ser um problema.

— É boa escolha — disse o chefe. — A moça Kaneha está pronta para ser mãe. Quando a lua está alta, o sangue dela já corre abundante para o chão.

Sam levantou-se e foi até a mula. Abriu uma das malas e tirou seis garrafas de uísque e uma pequena caixa de madeira. Levou-as para o círculo, colocou-as no chão e tornou a sentar.

— Trouxe presentes para meus irmãos kiowas, em retribuição à honra que me deram, fazendo-me participar de seu conselho.

Alinhou as garrafas de uísque diante do chefe e abriu a caixa, cheia de contas coloridas e outras quinquilharias. Segurou a caixa para que todos pudessem ver e a colocou diante do chefe.

— Os kiowas são gratos por presentes de Barba Vermelha — disse o chefe. — Mas a perda da moça Kaneha será dura para nossa tribo. Ela já ganhou um lugar entre nós por suas artes femininas. Cozinha, sabe costurar e é muito hábil nos trabalhos com couro.

— Bem sei do alto apreço que o chefe kiowa tem por sua filha Kaneha. E vim preparado para compensá-lo. Pela perda de sua ajuda em preparar a comida da tribo, darei a carne de dois búfalos, pela perda de seu trabalho, darei a meus irmãos a mula que trouxe para cá. E, pela perda de sua beleza, trago para a tribo...

Aí fez uma pausa teatral. Voltou para onde estava a mula, desamarrou um grande fardo e o levou para o círculo dos guerreiros, depositando-o no chão. Depois, desembulhou-o lentamente.

Um murmúrio de admiração elevou-se da roda. Os olhos do chefe brilharam.

— Aqui está o couro sagrado do búfalo branco — disse Sam.

Os olhos dos índios fitavam magnetizados o belo couro branco, resplandecente como a neve.

Os búfalos brancos eram uma raridade. O chefe que fosse depositado para o seu derradeiro sono num daqueles couros sagrados certamente entraria nos campos de caça eternos. Para os homens que traficavam com couro, aquilo valia uns dez couros comuns. Mas Sam sabia o que queria.

Queria uma mulher. Havia cinco anos habitava aquelas planícies, e só uma vez por ano deixava com alguma mulher no quarto dos fundos do armazém de couros quando chegava o tempo de fazer negócios. Já estava na hora de ter uma mulher que fosse sua.

O chefe ficou tão impressionado com o valor do presente de Sam que desistiu de continuar as negociações e declarou solenemente:

— E uma honra para nós dar ao grande caçador Barba Vermelha a moça Kaneha para ser sua mulher.

E se levantou, dando o sinal de que a reunião do conselho estava encerrada.

— Preparem minha filha Kaneha para o marido — determinou, encaminhando-se para sua tenda, seguido de Sam.

Em outra tenda, Kaneha esperava. Sabia que Barba Vermelha fora buscá-la. O pudor virginal a obrigara a ir para a tenda de espera para não ouvir as negociações. Ali aguardara calmamente, porque não tinha medo de Barba Vermelha. Tinha-o visto nas várias vezes em que ele visitara seu pai.

Ouviu as conversas das mulheres que corriam para a tenda.

Olhou pela porta. As negociações haviam terminado. Esperava que Barba Vermelha tivesse oferecido ao menos um búfalo por ela. As mulheres irromperam na tenda, falando todas ao mesmo tempo. Nenhuma noiva levava ainda tantos presentes para a tribo. A mula. Contas

coloridas. Uísque. O couro de um búfalo branco, sagrado. A carne de dois búfalos.

Kaneha sorriu orgulhosa. Sabia naquele momento que Barba Vermelha a amava. De fora da tenda, subia o som dos tambores que começavam a soar ao ritmo da canção de casamento. As mulheres reuniram-se num círculo em torno dela, com os pés batendo ao compasso dos tambores.

Ela deixou cair o vestido do corpo e as mulheres se aproximaram. Duas, uma de cada lado, começaram a destrançar-lhe o cabelo, que caía abaixo dos ombros. Outras duas trataram de untar-lhe o corpo com banha de urso para torná-la fértil. Quando tudo que era preciso foi feito, elas se afastaram para os lados.

Kaneha ficou ali, nua no centro da tenda, olhando para a entrada. O corpo rebrilhava com a gordura que nele haviam passado. Era rígido e alto, seus seios empinados, o ventre liso, as pernas compridas e retas.

A porta da tenda se abriu e o pajé entrou, trazendo numa mão a vara dos demônios e na outra o bastão do casamento. Apontou a vara dos demônios para os quatro cantos da tenda e agitou-a duas vezes no ar para afugentar os espíritos maus que porventura ali pairassem. Então dirigiu-se para ela. Suspendeu sobre sua cabeça o bastão do casamento.

Ela ergueu os olhos para o bastão. Era feito de madeira polida e esculpido com a forma de um falo ereto com os testículos. Fechou os olhos, porque não ficava bem a uma moça olhar muito atentamente para a fonte da força de um guerreiro.

O pajé começou a dançar em torno dela, dando grandes pulos e murmurando frases ininteligíveis. Apertou o bastão de encontro aos seios, ao estômago, às costas, às nádegas, às faces e aos olhos, até o objeto ficar todo besuntado com a gordura de seu corpo. Por fim, o pajé deu um grande salto com um grito horrível e, quando seus pés tocaram de novo o chão, tudo ficou em silêncio, até os tambores.

Como em transe, ela recebeu o bastão das mãos do pajé. Solenemente, encostou-o ao rosto, aos seios, ao estômago.

Os tambores começaram a bater de novo, agora num ritmo mais lento. Em cadência com aquele ritmo, ela baixou o bastão até colocá-lo entre as pernas. Os pés se moviam no compasso dos tambores, cada vez mais depressa à medida que o ritmo se acelerava. Por fim, girou alucinadamente com o negro cabelo solto a rodar em torno dela, enquanto segurava o bastão do casamento apontando para as mulheres, que davam gritos de bênção e de inveja.

Completado o giro em torno das mulheres, voltou ao centro e ficou dançando sozinha. Apoiando o bastão do casamento no chão, começou a baixar-se sobre ele.

As mulheres gritavam e suspiravam. Deram um murmúrio cadenciado de aprovação quando ela se levantou de novo. Não ficava bem a uma moça mostrar-se muito ansiosa em receber o marido.

Houve um momento de tensa expectativa quando mais uma vez o bastão começou a entrar nela. As mulheres lembravam-se cada qual de seu casamento, quando também haviam ficado assim no centro de um círculo de mulheres, suplicando em vão alguma ajuda. Ninguém podia aproximar-se. Aquilo era coisa que a noiva devia fazer por si mesma.

Os tambores vibravam enquanto Kaneha sofria. Aquele era seu marido, Barba Vermelha, o grande caçador. Ela não podia desmoralizá-lo ali na tenda das mulheres. Quando ele mesmo, em vez de seu espírito, entrasse nela, teria de encontrar o caminho aberto e fácil.

Fechou os olhos, e fez um último movimento convulsivo. O hímen se rasgou e ela

cambaleou enquanto uma onda de dor a percorria. Os tambores batiam ainda mais depressa. Por fim, ela levantou o corpo e retirou o bastão do casamento. Entregou-o, orgulhosa, ao pajé.

Este recebeu o bastão e saiu rapidamente da tenda. Em silêncio, as mulheres formaram um círculo em torno dela. Nua no meio delas, oculta assim da vista dos outros, Kaneha caminhou até a tenda do chefe.

As mulheres ficaram à porta e ela entrou sozinha. Na luz fraca do interior da tenda, o chefe e Sam olharam para ela, que ali estava altiva, de cabeça erguida, com o olhar acima das cabeças deles. Seus seios ofegando, suas pernas levemente trêmulas. Estava ansiosa para que Barba Vermelha estivesse satisfeito com o que via.

O chefe falou primeiro, como era o costume.

— Veja como ela sangra bastante. Vai dar a você muitos filhos.

— Sim, muitos filhos — murmurou Sam —, e, para mostrar como estou satisfeito com ela, prometo a meus irmãos mais um búfalo.

Kaneha sorriu, saiu da tenda e foi banhar-se no rio. Suas preces haviam sido ouvidas. Barba Vermelha estava satisfeito com ela.

Agora ela se movia lentamente com o peso do filho que levava, enquanto ele ficava sentado à mesa pensando no desaparecimento dos búfalos. Talvez nunca mais aparecessem. Naqueles últimos anos, tinham sido mortos búfalos demais.

Afinal, levantou-se e disse a Kaneha:

— Arrume tudo. Vamos embora daqui.

Kaneha começou, obediente, a arrumar os objetos da casa, enquanto ele saía para atrelar as mulas ao carro. Quando acabou, Sam voltou à cabana.

Kaneha pegou a primeira trouxa. A trouxa lhe caiu das mãos e ela se dobrou toda. Olhou para o marido, dando a entender tudo.

— Agora? — perguntou Sam, quase incrédulo.

Ela confirmou com a cabeça.

— Vou ajudá-la.

Ela se ergueu, pois a dor já passara.

— Não — disse ela em língua kiowa. — Isto é coisa para mulher, não para um guerreiro.

— Está bem. Vou esperar do lado de fora.

Já eram duas horas da madrugada quando Sam ouviu choro de criança dentro da cabana. Tinha cochilado e o choro o acordara naquela noite cheia de estrelas. Ficou ali fora sentado, tenso e ansioso.

Cerca de vinte minutos depois, a porta da cabana se abriu e Kaneha apareceu. Ele se levantou e correu para a cabana.

Num canto, estendida num lençol diante do fogo, estava a criancinha nua. Sam ficou ali parado de pé, admirando.

— Um filho — disse Kaneha, com orgulho.

— Sim, um filho — murmurou Sam, tocando a criança, que começou a chorar. — Um filho!

Abaixou-se para olhar o filho de mais perto. A barba tocou nele e o choro se repetiu. A pele era branca e os olhos azuis como os do pai, mas o cabelo era preto e abundante.

Na manhã seguinte, deixaram a cabana.

Foram morar a cerca de trinta quilômetros de Dodge City e Sam começou a transportar cargas para as estações por onde passava a linha de diligências. Sendo o único homem que tinha mulas na região, ganhava dinheiro regularmente.

Viviam numa pequena cabana, onde Max começou a crescer. Kaneha adorava o filho. Espantava-se ao ver que os espíritos não queriam dar-lhe mais filhos, mas isso não a preocupava muito.

Sam também não se incomodava. Era, no fundo, um homem muito tímido, e os anos que passara nas planícies não haviam concorrido para curar-lhe a timidez. Criou no lugar a fama de ser calado e miserável. Havia quem dissesse que ele tinha em casa uma arca cheia de ouro, acumulado no tempo em que caçava búfalos.

Já aos onze anos Max era tão ágil e leve de pé como seus antepassados índios. Montava em pelo qualquer cavalo que quisesse, e podia acertar a cem metros de distância no olho de um rato das planícies com sua calibre vinte e dois. Tinha cabelo liso e comprido à moda dos índios e os olhos eram de um azul escuro, quase preto, no rosto queimado.

Estavam sentados à mesa uma noite, jantando, quando Sam olhou para o filho e disse:

— Vão abrir uma escola em Dodge.

Max olhou para o pai no momento em que Kaneha chegava da cozinha. Não sabia se devia falar ou não e continuou a comer em silêncio.

— Já matriculei você na escola, Max. Paguei dez dólares.

— Para quê?

— Para que lhe ensinem a ler e escrever.

— Que necessidade tenho disso?

— Um homem tem de saber essas coisas.

— Você não sabe — disse Max, com a lógica peculiar das crianças. — E pouco se importa com isso.

— O mundo está muito diferente. Quando eu era menino, não havia necessidade dessas coisas. Agora, todo mundo sabe ler e escrever.

— Não quero ir.

— Mas vai! — exclamou Sam, perdendo a calma. E acrescentou: — Já tomei todas as providências. Durante a semana, você dormirá nos fundos da cocheira de Olsen.

Kaneha não estava muito certa de compreender o que o marido estava dizendo.

— Que é? — perguntou ela em kiowa.

Sam respondeu na mesma língua:

— Uma fonte de grande conhecimento. Sem isso, seu filho nunca poderá ser um grande chefe diante dos Olhos Brancos.

Isso bastava para Kaneha. Conhecimento era magia e dava poder.

— Ele irá — concordou ela simplesmente e voltou para a cozinha.

Na segunda-feira seguinte, Sam levou Max para a escola. A professora, que era uma dama do sul empobrecida, chegou à porta e sorriu para Sam.

— Bom dia, sr. Sand.

— Bom dia, dona. Trouxe meu filho para a escola.

— Onde está ele? — perguntou a professora, pois Max estava escondido atrás do pai.

— Aqui está ele — disse Sam, empurrando-o para a frente. — Fale com sua professora.

Max não se sentia à vontade nas suas roupas rústicas. Enfiou na terra os pés descalços e disse, tímido:

— Como vai, dona?

A professora olhou-o com um misto de surpresa e reprovação.

— Mas eu não sabia que era um índio! — exclamou ela. — Não posso aceitar índios na minha escola!

— É. meu filho, dona — disse Sam polidamente.

— Também não posso aceitar mestiços. A minha escola é exclusivamente para meninos brancos.

Já ia dando as costas para entrar, quando a voz de Sam a fez parar. Sua voz era fria e aquela foi talvez a ocasião em que mais falou em toda a sua vida.

— Moça, não sei qual é sua religião nem quero saber em que a senhora acredita. O que sei é que a senhora está a quase três mil quilômetros da Virgínia e que recebeu meus dez dólares para ensinar meu filho, como recebeu o dinheiro de todo mundo na reunião que se fez no armazém! Se não quiser ensinar meu filho conforme combinou, o melhor que terá a fazer é tomar a primeira diligência e voltar para sua terra.

A professora olhou-o indignada.

— Como se atreve a falar-me dessa maneira, sr. Sand? Acha que os pais das outras crianças vão querer que elas se misturem com seu filho?

— Estavam todos na reunião. E não ouvi ninguém dizer nada a esse respeito.

— Não posso compreender vocês do oeste — disse a professora. — De qualquer maneira, ele não poderá frequentar a escola com essas roupas. Terá de se vestir como os outros meninos.

— Está muito bem, dona — disse Sam. — Vamos comprar roupas para você, Max.

— E mande cortar o cabelo também. Assim, ele não ficará muito diferente dos outros.

— Está certo. Muito obrigado, dona.

Enquanto Max seguia ao lado do pai a caminho da loja, ia pensando nas palavras da professora e, afinal, perguntou:

— Sou diferente dos outros, pai?

Sam também pensava nisso pela primeira vez e sentiu uma súbita tristeza. Ajoelhou-se no chão da rua, olhando para o filho.

— Claro que você é diferente, meu filho. Cada pessoa neste mundo é diferente, do mesmo modo que não há duas mulas nem dois búfalos iguais. Todos são parecidos, mas, apesar disso, diferentes.

Quando Max chegou ao fim de seu primeiro ano na escola, a professora tinha orgulho dele. Era, com surpresa para ela, seu melhor aluno. Tinha uma inteligência ágil e brilhante e aprendia tudo com muita facilidade. Quando terminaram as aulas, ela fez Sam prometer que levaria o filho no ano seguinte.

Max levou as roupas da cocheira de Olsen e finalmente voltou para sua casa. Na primeira semana, não parou um só instante, ajudando o pai a consertar os estragos que o inverno havia

causado na cabana.

Uma noite, depois de Max ter ido para a cama, Kaneha voltou-se para o marido e chamou-o em inglês.

Sam quase deixou cair no chão o arreio de couro em que estava trabalhando. Era a primeira vez, depois de muitos anos de casados, que ela o chamava pelo seu nome inglês.

Kaneha sentia o rosto vermelho. Estava espantada com sua temeridade. As mulheres índias nunca dirigem a palavra ao marido. Só falam respondendo o que lhes é perguntado.

— Sam, é verdade que nosso filho tem ido bem na escola dos Olhos Brancos?

— É verdade, sim.

— Tenho orgulho de nosso filho — disse ela, voltando a falar em kiowa. — E sou grata ao pai dele, que é um grande caçador e um bom chefe de família. Mas, se nosso filho aprende na escola dos Olhos Brancos muitas coisas que são magia forte, aprende também coisas que podem perturbá-lo.

— Quais são?

— Há gente na escola que diz que nosso filho é menos do que eles e que o sangue dele é diferente.

Sam não compreendia como ela soubera disso. Kaneha nunca ia à cidade, nunca saía de casa. Havia nele um vago sentimento de culpa.

— São meninos tolos que dizem isso.

— Eu sei.

Sam estendeu a mão e acariciou o rosto da mulher. Ela apertou a mão de encontro ao rosto e continuou:

— Acho que já está em tempo, de mandar nosso filho para a aldeia do poderoso chefe, seu avô, para que ele saiba a força que tem no sangue.

Sam olhou-a. Por muitos motivos, era uma boa ideia. Passando um verão com os kiowas, Max poderia aprender tudo o que era preciso para sobreviver naquela terra. Aprenderia também que vinha de uma raça que podia seguir a linha dos seus antepassados muito mais longe do que qualquer um dos colegas que o atormentavam.

— Sim, Kaneha, levarei nosso filho à aldeia dos meus irmãos kiowas.

Sam já estava com cinquenta e dois anos e Kaneha tinha pouco mais da metade dessa idade. Seu corpo era firme, delgado e forte. Não engordara como acontece habitualmente com as índias. Sam sentiu o coração encher-se de ternura. Abraçou-a e afagou seu cabelo. De repente, compreendeu o que estivera em seu peito todos aqueles anos.

— Como a amo, Kaneha! — murmurou suavemente.

— Também o amo, meu marido — disse ela, com os olhos cheios de lágrimas.

E, pela primeira vez, Sam beijou-a na boca.

Eram mais ou menos duas da tarde num sábado, três verões depois, e Max estava descarregando um carro de feno na cocheira de Olsen. Estava nu da cintura para cima, apenas com suas calças de couro de veado. Seu corpo brilhava como cobre à luz ardente do sol. Os músculos se estofavam nas costas quando pegava o feno com o forcado para jogá-lo no depósito da cocheira.

Os três homens entraram a cavalo no pátio da cocheira e pararam ao lado do carro. Não apeararam. Max não interrompeu seu trabalho e, um instante depois, um deles perguntou:

— Olá, índio! Onde está o filho de Sand?

Max jogou mais um pouco de feno no depósito. Depois enterrou o forcado no feno e voltou-se para eles.

— Sou Max Sand — disse ele.

Os homens se entreolharam, e o que falara antes disse:

— Queremos falar com seu pai. Passamos pela estação das diligências, mas estava fechada. Havia um anúncio lá dizendo que seu pai fazia transporte de carga.

— É verdade — disse Max. — Mas hoje é sábado e ele já foi para casa.

— Temos uma carga para levar para a Virgínia — disse o outro. — Estamos com pressa e queremos falar com ele.

— Está bem. Direi a ele quando for para casa hoje à noite — disse Max, recomeçando a trabalhar.

— Mas não podemos esperar tanto tempo — disse o primeiro homem. — Temos de tomar essa providência e sair daqui ainda hoje. Onde é sua casa?

Max olhou-os com curiosidade. Não pareciam lavradores, nem mineiros, nem qualquer espécie de gente que habitualmente tinha carga para o pai dele transportar. Pareciam mais bandidos com suas pistolas amarradas bem no meio das pernas e os rostos escondidos pelas abas dos chapéus.

— Irei para lá daqui a umas duas horas e poderei levá-los.

— Eu disse que estava com pressa, garoto. Seu pai não vai gostar se souber que demos a carga para outra pessoa.

— A casa fica na estrada do norte, a cinquenta quilômetros mais ou menos.

Os homens não disseram mais nada. Viraram os cavalos e foram saindo do pátio. Suas vozes ecoavam no vento da tarde.

— Pensei que o velho Sand, com todo o dinheiro que tem enterrado, podia fazer coisa melhor do que viver com uma índia — disse um deles.

Max ouviu os outros rirem e foi com raiva que voltou a jogar feno dentro do depósito.

Foi Kaneha quem primeiro os ouviu. Ficava muito atenta a todo movimento da estrada nas tardes de sábado. Era o dia em que Max voltava da escola. Foi até a porta, olhou e disse:

— Vêm três homens aí.

Sam levantou-se da mesa, foi até onde ela estava e disse:

— É verdade. Que será que eles querem?

Kaneha teve um pressentimento de perigo.

— Tranque a porta e não deixe essa gente entrar. Eles vêm dissimuladamente como apaches em guerra, e não como gente honesta.

— O que acontece é que você não está habituada a ver gente, — disse Sam, rindo. — Vai ver que querem saber o caminho para a cidade.

— Eles vêm da cidade — disse Kaneha; mas já era tarde, pois os homens estavam chegando.

Sam saiu ao encontro deles e, quando pararam os animais em frente à casa, disse:

— Olá.

— Você é Sam Sand? — perguntou o que estava na frente.

— Sou eu, sim. Que desejam?

— Temos uma carga que queremos mandar para Virgínia City — disse o mesmo homem, tirando o chapéu e limpando o suor na manga da camisa. — Como está quente!

— Está sim — disse Sam. — Mas entrem e descansem um pouco enquanto conversamos.

Os homens apearam, e Sam entrou em casa.

— Pegue uma garrafa de uísque — disse ele a Kaneha. Depois, voltou-se para os recém-chegados: — Sentem-se. Que espécie de carga têm?

— Ouro.

— Ouro? Não há por estas bandas ouro que chegue para encher um carro.

— Não foi isso o que soubemos — disse um dos homens e, no mesmo instante, os três estavam de arma em punho. — Todo mundo diz que o ouro que você tem enterrado aqui dá para encher um carro.

Sam olhou-os um instante, espantado. Então sorriu e disse:

— Guardem essas armas, amigos. Acreditaram nessa conversa de gente desocupada?

O primeiro homem se aproximou e bateu o cano da arma com toda a força no rosto de Sam, que caiu de encontro à parede e ficou olhando o agressor, como se não pudesse acreditar.

— Você vai dizer direitinho onde está o ouro — disse o homem rispidamente.

O ar estava quase insuportavelmente quente dentro da cabana. Os três homens haviam se reunido num canto, confabulando em voz baixa.

O derreado Sam estava amarrado na viga de sustentação no centro da cabana. A cabeça estava caída sobre o peito nu e o sangue lhe escorria do rosto, ensopando o cabelo vermelho da barba e do peito. Os olhos estavam inchados, quase fechados, e o nariz, quebrado. Kaneha estava amarrada a uma cadeira, com os olhos muito abertos fitos no marido. Procurava virar a cabeça para escutar o que os homens diziam, mas não podia porque estava bem amarrada.

— Talvez ele não tenha ouro mesmo — disse um dos homens.

— Tem, sim — disse o que parecia ser o chefe. — É que ele é muito duro. Você não conhece como eu esses velhos caçadores de búfalos.

— De qualquer maneira — insistiu o mais baixo —, você não vai fazê-lo falar desse jeito. É capaz de morrer primeiro.

— Vai falar sim — disse o chefe.

Foi até o fogão e trouxe um tição aceso. Chegou perto de Sam e, pegando-o pelo cabelo, levantou-lhe a cabeça, encostando-a no poste. Aproximou o tição do rosto de Sam e perguntou:

— Onde é que está o ouro?

Sam disse com voz rouca:

— Não tenho ouro. Se tivesse, já teria falado.

O homem encostou o tição aceso no pescoço e no ombro de Sam, que deu um urro de dor.

— Não tenho ouro! — gritou ainda, e sua cabeça caiu para o lado. O homem tirou o tição e o sangue brotou da pele queimada, escorrendo pelo peito e pelo braço.

Indo até a mesa, o bandido pegou a garrafa de uísque e tomou um grande gole.

— Jogue água em cima dele — ordenou. — Já que não fala por si mesmo, talvez fale por causa da índia.

O mais moço dos três apanhou um balde de água e jogou-a em cima de Sam. Este sacudiu a cabeça e abriu os olhos.

O mais velho largou a garrafa de uísque e caminhou para onde estava Kaneha. Tirou uma faca de caça do cinto enquanto os outros homens o observavam. Cortou as cordas que prendiam Kaneha à cadeira e ordenou asperamente:

— Fique de pé!

Kaneha levantou em silêncio. O homem rasgou-lhe com a faca o vestido, que caiu ao chão. O mais moço passou a língua pelos beiços. Pegou a garrafa de uísque e tomou um gole, sem tirar os olhos dela.

Segurando Kaneha pelo cabelo, com a faca encostada à sua pele, o mais velho a arrastou até onde estava Sam.

— Há quinze anos que não esfolo um índio — disse ele —, mas ainda lembro muito bem como se faz.

Começou a trabalhar rapidamente com a faca no corpo da mulher. Um fio de sangue apareceu na linha traçada pela faca, que partia do queixo, passava pelo pescoço, atravessava o vale entre os seios, percorria o ventre e parava perto da folhagem do púbis.

Sam começou a chorar, esquecendo-se de sua dor, com o corpo sacudido pelos soluços.

— Deixem-na! Pelo amor de Deus, deixem-na! Não há ouro. — Kaneha estendeu a mão e tocou delicadamente o rosto de Sam.

— Não tenho medo, meu marido — disse ela em kiowa. — Os espíritos castigam aqueles que praticam o mal.

A cabeça de Sam caiu para a frente, enquanto as lágrimas lhe corriam pelas faces ensanguentadas.

— Perdoe-me, querida — disse ele em kiowa.

— Amarrem as mãos dela aos pés da mesa — ordenou o mais velho.

Isso foi feito sem demora e ele se curvou sobre ela com a faca encostada em sua garganta. Voltou-se para Sam e perguntou:

— Onde está o ouro?

Sam balançou a cabeça. Não conseguia mais falar.

— Já estou que não posso mais de ver esta índia nua — disse o mais moço, com voz de espanto.

— É uma boa ideia — disse o homem que estava com a faca. Em seguida, voltou-se para Sam, dizendo: — Tenho certeza de que você não se incomodará de nos servirmos um pouco da sua índia antes de esfolar-lá. Os índios nisso são muito hospitaleiros.

Levantou-se. Colocou a faca em cima da mesa e desabotoou o cinto do revólver.

Kaneha encolheu as pernas e deu-lhe um pontapé.

Ele praguejou entre dentes e disse:

— Segurem as pernas dela. Eu vou primeiro.

Eram quase sete horas quando Max voltou para casa no cavalo baio que Olsen lhe emprestara. Não havia sinal de Vida na cabana e nem saía fumaça da chaminé. Isso era estranho. Em geral, na hora em que ele voltava para casa, sua mãe estava cozinhando.

Desceu do cavalo e caminhou até a casa. Parou de repente, olhando-a. A porta estava aberta e o vento a fazia balançar levemente, de um lado para outro. Sentiu um medo inexplicável e começou a correr para a porta.

Logo que chegou ao batente, parou, com os olhos arregalados de horror. O pai estava amarrado à viga central da casa, de boca e olhos abertos e com a parte de trás da cabeça arrancada pela bala de um calibre quarenta e cinco que lhe haviam colocado na boca. Max voltou os olhos lentamente para o chão. Numa poça de sangue, jazia uma massa disforme, que mostrava os contornos daquela que tinha sido sua mãe. Ficou paralisado.

A paralisia deixou-o no mesmo instante em que começou a gritar; mas a náusea que lhe subiu pela garganta abafou o som. Vomitou desesperadamente, até encostar-se à porta, sentindo-se muito fraco. Saiu então e, sentando no chão, começou a chorar. Ao fim de algum tempo, as lágrimas acabaram. Levantou e foi até os fundos da casa, onde se lavou na tina de água.

Olhou em volta. O cavalo de seu pai desaparecera, mas as seis mulas continuavam presas no curral, e a carroça ainda estava no alpendre ao pé da casa. Também estavam no cercado os quatro carneiros e as galinhas de que sua mãe tinha tanto orgulho.

Pensou vagamente que tinha de fazer alguma coisa. Mas não conseguiria enterrar o que estava na casa. Não eram seu pai e sua mãe que estavam ali, pois eles nunca poderiam ter aquela aparência. Só restava fazer uma coisa.

Foi até o depósito de lenha e apanhou uma braçada. Voltou com ela para a casa e colocou-a no chão. Levou quase meia hora para cobrir com três camadas de lenha todo o chão da casa. Depois, passou uma vista de olhos por tudo e saiu de lá. Tirou os arreios do alpendre e atrelou as mulas à carroça. Apanhou uma caixa, colocou todas as galinhas dentro e arrumou-a sobre a carroça. E levou também os carneiros, um por um, para a carroça, amarrando-os às argolas da parte traseira.

Levou a carroça para a frente da casa e amarrou o cavalo baio na traseira. Em seguida, conduziu a carroça até a estrada, a cerca de uns duzentos metros da casa e, depois de amarrar as mulas a uma árvore, voltou para a casa.

Pegou o balde de piche e entrou. Passou sem pressa o piche na lenha espalhada pelo chão. Conservava os olhos fixos no chão, procurando não ver os corpos dos pais. Parou na porta e passou nela o resto do piche.

Hesitou um momento e, então, lembrando-se de alguma coisa, tornou a entrar na casa. Procurou na prateleira o rifle e a pistola que seu pai costumava guardar ali, mas não achou as

armas. Encontrou, porém, uma coisa macia, que apanhou.

Eram uma camisa e calças de couro de veado que a mãe fizera pouco antes para ele. Sentiu de novo os olhos cheios de lágrimas. Enrolou tudo num volume que colocou debaixo do braço e saiu.

Encostou um fósforo aceso na porta até que o fogo começou a se alastrar violentamente. Depois de esperar mais um instante para certificar-se, jogou o fósforo dentro da casa e afastou-se da porta aberta.

Olhou para o céu com súbita surpresa. O sol já desaparecera e a noite caíra rápida e fechada. As estrelas brilhavam tristemente no alto.

Uma nuvem de fumaça saía da porta. De repente, ouviu um estrondo parecido com o de um trovão e uma labareda saiu da casa, lambendo a madeira seca.

Max foi até a estrada, subiu na carroça e se dirigiu para a cidade. Só olhou para trás uns cinco quilômetros depois, quando chegou no alto de uma pequena colina.

No lugar onde ficava sua casa havia um clarão alaranjado que subia para o céu.

Entrou com a carroça no pátio dos fundos da cocheira de Olsen. Desceu, caminhou para a casa que ficava perto e, subindo alguns degraus, bateu na porta.

— Sr. Olsen! — chamou.

Um vulto apareceu na janela iluminada. Depois, a porta se abriu e Olsen apareceu.

— Max! O que está fazendo aqui de volta?

— Mataram meu pai e minha mãe.

— Mataram? — exclamou Olsen, surpreso. — Quem foi?

Ouvindo a voz do marido, a sra. Olsen apareceu também na porta.

— Os três homens — disse Max. — Perguntaram-me onde meu pai morava e eu disse. Foram lá e mataram os dois. E roubaram o cavalo de meu pai, o rifle e a pistola.

A sra. Olsen percebeu a depressão que se escondia atrás da aparente calma do rapaz.

— Entre que vou preparar alguma coisa quente para você beber — disse ela.

— Não tenho tempo — disse ele simplesmente. — Tenho de ir atrás deles. Sr. Olsen, tenho aí as mulas, a carroça, quatro carneiros e dezesseis galinhas. Quer dar-me cem dólares e o potro por isso?

— Claro que sim, Max. Só as mulas e a carroça valem três vezes isso. E ainda dou o cavalo baio, se você quiser. E um animal melhor e você pode levar a sela também.

— Não, sr. Olsen, muito obrigado. Prefiro um cavalo novo que eu possa montar em pelo e que corra melhor na planície. Não terá muito que carregar e irei mais depressa.

— Se é assim que você prefere, está bem.

— Pode dar o dinheiro agora?

— Claro — disse Olsen, entrando em casa.

— Espere aí — disse a sra. Olsen, puxando Max para dentro. — Primeiro, você vai comer alguma coisa. Depois, vai dormir, terá tempo de sobra amanhã de manhã para partir.

— Mas aí eles estarão ainda mais longe — murmurou Max.

— Não estarão, não — afirmou ela com sua lógica feminina. — Eles também têm de dormir e não estarão mais longe de você do que estão agora..

Levou-o para a mesa, o fez sentar e colocou diante dele um prato de sopa. Max começou a comer automaticamente.

— Vou desatrelar as mulas — disse Olsen.

Quando voltou, Max estava dormindo com a cabeça sobre os braços cruzados em cima da mesa.

A sra. Olsen fez um gesto para o marido, recomendando silêncio.

— Você não pode deixá-lo perseguir esses homens sozinho — disse ela.

— Tenho de ir, dona — disse Max sem levantar a cabeça.

— Não pode, meu filho — disse ela em voz alta. — São homens feitos e poderão fazer-lhe mal. E afinal você ainda é um garoto.

Max olhou-a fixamente, e ela pela primeira vez percebeu o orgulho que havia no fundo daqueles olhos azuis.

— Já me fizeram todo o mal que podiam, dona. Tenho dezesseis anos e para o povo de minha mãe quem tem dezesseis anos não é mais garoto. Já é um homem.

No segundo dia de viagem depois de sua partida de Dodge, diminuiu a marcha do potro e examinou cuidadosamente a estrada.

Os quatro cavalos haviam parado ali. Depois de andarem um pouco por ali, dois deles tinham tomado a estrada para a Virgínia. Os outros rumaram para o leste através das planícies.

Saiu pela planície à procura do rastro até encontrar o que queria. Um dos cavalos era o de seu pai. Reconheceu a marca da ferradura na terra frouxa. A marca era mais leve que as outras, o que significava que o animal estava sendo levado pelo cabresto, sem ninguém montar nele. Isso provava que o homem que passara por ali era o chefe, pois do contrário os outros não o teriam deixado levar o cavalo, que era a coisa de maior valor que tinham roubado.

Alguns quilômetros adiante, viu estrume de cavalo. Desceu do cavalo e examinou-o com o pé. Não tinha mais de sete horas. O bandido perdera mais tempo no caminho do que ele esperava. Tornou a montar e prosseguiu.

Viajou quase a noite inteira, seguindo o rastro à luz clara da lua. Na tarde do dia seguinte, estava a menos de uma hora do homem a quem seguia.

Olhou para o céu. Já estava escurecendo. O homem pararia daí a pouco para acampar, se já não havia parado. Max desceu do cavalo e esperou que a noite caísse.

Enquanto esperava, cortou um galho com forquilha de uma árvore e encaixou na forquilha uma pedra redonda. Depois, amarrou a pedra ao galho com tiras finas de couro, e com elas envolveu o resto do galho para fazer um cabo. Quando acabou, olhou satisfeito a maça de guerra, tão boa como as que aprendera a fazer no verão que passara com os kiowas.

Já estava escuro quando se levantou e prendeu a maça no cinto. Pegou o cavalo pelo cabresto e prosseguiu cautelosamente a pé.

Caminhava devagar, com os ouvidos atentos a qualquer ruído estranho, procurando sentir o cheiro de alguma fogueira.

Estava com sorte, pois cerca de meio quilômetro adiante sentiu cheiro de fumaça. Amarrou o potro a uma árvore e tirou do saco na garupa do animal o rifle que comprara. Avançou sem fazer o menor ruído.

Ouviu o relincho de um cavalo e encolheu-se no chão. O cavalo devia estar amarrado uns trezentos metros à frente. Não avistava, porém, a fogueira.

Deu uma grande volta, procurando andar em sentido contrário ao do vento para não ser presentido pelos cavalos. Afinal, sentiu de novo e bem forte o cheiro da fogueira. Ergueu a cabeça em meio ao capim. A fogueira estava uns duzentos metros adiante. Podia ver o homem sentado à frente do fogo, comendo numa caçarola. Aquele sujeito não era tolo. Escolhera para acampar um lugar entre dois rochedos. Dessa maneira, só seria possível alguém aproximar-se dele pela frente.

Max deitou-se no capim. Teria de esperar o homem adormecer. Olhou para o céu. Quando a lua estivesse bem no alto, daí a algumas horas, seria o momento de entrar em ação. Até então, podia descansar. Um instante depois dormia profundamente.

Abriu os olhos de repente e olhou para a lua. Estava alta e clara no céu acima de sua cabeça. Sentou vagarosamente e olhou para seu objetivo.

A fogueira tinha agora um brilho fraco, quase apagado. Via perfeitamente o vulto do homem deitado perto dos rochedos. Começou a avançar lentamente. O homem soltou um leve

ronco e se virou dormindo. Max parou e esperou que o homem estivesse imóvel novamente. Aí voltou a avançar. Viu a mão estendida do homem com a ponta dos dedos tocando o revólver.

Rastejando, deu uma volta enorme até ficar por trás do sujeito. Apanhou uma pedrinha no chão. Em silêncio, tirou a maça de guerra do cinto. Prendendo a respiração, levantou meio corpo e jogou a pedra perto dos pés do homem.

Com uma praga, o homem se sentou, olhando para a frente, com o revólver em punho. Nem soube de que o atingiu. Por trás, Max desceu com toda a força a maça de guerra sobre sua cabeça.

Max foi então buscar seu potro. Quando voltou, a aurora já estava surgindo no leste. Amarrou o potro ao lado dos outros cavalos e se aproximou do homem.

Seus olhos ainda estavam fechados. A respiração era calma, embora houvesse muito sangue empastado de um lado da cabeça, que escorrera do lugar onde a maça o atingira. Estava estendido no chão de barriga para cima, nu, braços e pernas esticados e amarrados a paus fortemente fincados no chão.

Max sentou-se numa pedra e começou a amolar a faca na sua superfície lisa. Quando o sol apareceu, o homem abriu os olhos. Estavam a princípio embaçados, mas foram aos poucos clareando. Procurou levantar-se e percebeu que estava amarrado. Virou a cabeça e olhou para Max.

— Que quer dizer isso?

Max o encarou e disse, sem parar de amolar a faca:

— Sou Max Sand. Lembra-se de mim?

Max ficou olhando para o homem. Sentia-se nauseado ao vê-lo e imaginar o que havia acontecido na cabana. Por outro lado, isso afastou qualquer sentimento que pudesse haver de piedade em seu coração. Quando falou, a voz saiu calma e sem qualquer emoção.

— Por que matou minha gente?

— Não fiz nada com eles — disse o homem, sem tirar os olhos da faca.

— Você está com o cavalo de meu pai.

— Foi ele que me vendeu.

— Meu pai não iria vender o único cavalo que tinha.

— Deixe-me sair daqui! — gritou o homem, apavorado. — Solte-me!

Max encostou a faca no pescoço do homem.

— Quer contar-me o que foi que aconteceu?

— Não fui eu! Foram os outros! — exclamou o homem. — Não fiz nada! Eles é que queriam o ouro!

Os olhos do bandido quase saltavam para fora das órbitas. O homem começou a urinar de medo, com a urina a escorrer-lhe pelas pernas nuas.

— Solte-me, índio miserável — gritou ele.

Max agiu então rapidamente. Toda hesitação que porventura sentira havia desaparecido. Era filho de Barba Vermelha e de Kaneha, e levava dentro de si a vingança terrível do índio. A lâmina da faca cintilou ao sol da manhã e quando ele se levantou o homem já silenciara.

Max olhou-o, impassível. O homem havia apenas desmaiado, embora os olhos estivessem revirados, abertos e sem enxergar. Max cortara as pálpebras para que aqueles olhos nunca mais

se fechassem e a carne estava pendurada pelo corpo, como tiras de fita, dos ombros até as coxas.

Max foi andando pelos arredores até encontrar um formigueiro. Tirou com as mãos o topo do formigueiro e voltou para onde estava o homem. Cuidadosamente, colocou-o sobre o púbis do homem. Num instante, as formiguinhas vermelhas cobriram o corpo. Entraram por todas as fendas ensanguentadas, pelos olhos abertos, pela boca, pelo nariz.

O homem começou a tossir e a gemer. O corpo se agitou. Silenciosamente, Max ficou observando. Era essa a pena índia para um assassino, estuprador e ladrão.

O homem levou três dias para morrer. Três dias em que o sol ardente lhe queimou os olhos abertos e empolou a carne dilacerada enquanto as formigas lhe devastavam laboriosamente o corpo. Três dias de sede e de fome e três noites de tortura, enquanto os insetos e mosquitos, atraídos pelo cheiro do sangue, nele se banquetavam.

No fim, tinha perdido por completo o juízo e na manhã do quarto dia, quando Max foi olhá-lo, estava morto. Max tirou, então, a faca e arrancou o couro cabeludo.

Depois, montou em seu potro e, puxando os outros animais, tomou rumo norte, para a terra dos kiowas.

O velho chefe, seu avô, já saía da tenda para vê-lo, no momento em que ele apeara do cavalo. Em silêncio, aguardou que Max se aproximasse.

— Venho em tristeza à aldeia do meu povo — disse Max em kiowa.

O chefe nada disse.

— Meu pai e minha mãe foram mortos — continuou Max.

O chefe permaneceu em silêncio.

Max tirou o escalpo que estava amarrado ao cinto e jogou-o ao chão diante do avô.

— Tirei o escalpo de um dos assassinos. E vim à tenda de meu avô, o poderoso chefe, para passar o tempo da minha tristeza.

O chefe olhou para o escalpo e depois para Max.

— Não temos mais liberdade de andar nas planícies — disse, olhando para Max. — Vivemos nas terras onde os Olhos Brancos nos confinam. Algum deles notou sua aproximação?

— Ninguém me viu. Vim das colinas atrás das quais eles vivem.

O chefe olhou de novo para o escalpo. Já havia muito que nenhum escalpo de inimigo era pendurado no poste atrás de sua tenda. Sentiu o peito dilatar-se de orgulho. Os Olhos Brancos podiam aprisionar os corpos mas não o espírito. Tomou o escalpo, pendurou-o no poste e, em seguida, voltou-se para Max.

— Uma árvore tem muitos galhos — disse pausadamente. — Quando os galhos caem ou são cortados, é preciso que outros ramos cresçam no lugar, para que os espíritos encontrem onde viver.

Tirou uma pena de seu cocar e entregou-a a Max.

— Há uma virgem cujo guerreiro morreu há dois sóis numa queda de seu cavalo. Ela já recebeu o bastão do casamento, e deve viver agora sozinha numa tenda à beira do rio até que o espírito do marido seja substituído nela. Vá agora, e fique com ela.

— Agora? — perguntou Max.

— Agora — disse o chefe, com a sabedoria de seus anos, colocando firmemente a pena em sua mão. — E o melhor momento, quando o espírito da guerra e da vingança ainda corre como uma torrente pelo sangue. É o melhor momento para tomar mulher.

Max virou-se e, acatando o conselho, atravessou a aldeia com os cavalos. Os índios olhavam-no em silêncio. Ele caminhava sozinho e de cabeça erguida. Chegou à margem do pequeno rio e a seguiu até chegar a uma curva.

Havia ali uma pequena tenda, que não podia ser vista da aldeia. Max amarrrou os cavalos numa árvore e entrou na tenda.

Não havia ninguém. Voltou de novo até a entrada, procurou mas não viu ninguém. Voltou e sentou numa cama de couro estendida no chão.

Um instante depois, entrou uma moça. O cabelo e o corpo estavam molhados da água do rio e o vestido se colava ao corpo. Ela arregalou os olhos ao vê-lo e sua primeira reação foi fugir.

Era quase uma criança. Devia ter catorze anos, quinze no máximo. Max compreendeu então por que o chefe o mandara para lá. Mostrou-lhe a pena e disse gentilmente:

— Não tenha medo. O poderoso chefe nos uniu para que pudéssemos tirar os demônios um do outro.

Montado em seu potro, Max desceu a rampa do vagão do trem logo atrás das últimas reses. Esperou que todo o gado entrasse no curral do matadouro e fechou a porteira. Tirou o chapéu, limpou o suor da testa na manga da camisa e olhou para o sol.

Estava quase no alto do céu, esbranquiçado e quente, queimando nos currais os últimos vestígios da primavera. O gado mugia baixinho, como que percebendo que aquele era o final de tudo. Fora uma longa caminhada desde o Texas até uma estrada de ferro que os levara a Kansas City e, depois, para o seu inevitável destino.

Max tornou a colocar o chapéu na cabeça e olhou para a cerca, onde o patrão conversava com os compradores de gado. Aproximou-se deles.

Farrar virou-se logo que ele parou o cavalo.

— Tudo desembarcado, Max?

— Tudo, sr. Farrar.

— Ótimo — acenou positivamente Farrar, que se dirigiu então a um dos compradores: — A conta está certa? Mil cento e dez cabeças pela minha conta.

— Confere.

— Muito bem. Passarei pelo seu escritório hoje à tarde para pegar o cheque.

— Estará à sua espera.

Farrar montou em seu cavalo e disse a Max:

— Vamos, rapaz. Vamos para o hotel tomar um banho e tirar do corpo esse fedor de merda de boi.

— Epa! — exclamou Farrar depois do banho, Tenho a impressão de que estou uns dez quilos mais leve.

Max, que acabara de calçar as botas, disse:

— Eu também.

Farrar, com os olhos mostrando agora um novo ânimo, deu um assobio. Max estava vestindo camisa e calças de couro de veado quase brancas. As botas de vaqueiro de salto alto estavam bem lustrosas e o lenço amarrado ao pescoço era como uma cintilação dourada contra sua pele morena e queimada de sol. O cabelo, de um preto azulado, descia até os ombros.

— Onde arranjou essas roupas?

Max sorriu.

— Foram as últimas que minha mãe costurou para mim.

— Pois olhe: vestido com elas, você está quase um índio.

— Eu sou índio.

— Meio índio, rapaz. Seu pai era branco e foi um bom homem. Cacei muitos anos com Sam Sand e não fico satisfeito de saber que você não tem orgulho dele.

— Muito orgulho dele, sr. Farrar. Mas não posso esquecer que foram homens brancos que mataram meu pai e minha mãe.

Apanhou na cadeira o cinto com o revólver e o afivelou. Farrar o viu curvar-se para amarrar na coxa a capa da arma.

— Ainda não desistiu de procurar os homens?
— Não, senhor. Não desisti.
— Kansas City é um lugar bem grande. Como sabe que encontrará um deles aqui?
— Se estiver por aqui — disse Max —, eu encontrarei. É onde deve estar. Então, irei para o oeste do Texas e pegarei o outro.

Depois de um momento de silêncio, Farrar disse:

— Vestido assim, é melhor ter cuidado, pois ele pode reconhecê-lo e descobrir você antes.
— Não quero outra coisa — disse Max, calmamente. — Quero que saiba por que está morrendo.

Farrar viu o olhar gélido no rosto do rapaz e voltou-se para pegar uma camisa. Max esperou calmamente que ele acabasse de se vestir.

— Bem, agora vou tomar meu caminho, sr. Farrar — disse ele por fim.

Farrar foi até a cômoda e apanhou sua bolsa.

— Aqui está, Max, o pagamento de quatro meses de trabalho. São oitenta dólares mais sessenta que você ganhou no pôquer.

Max guardou o dinheiro no bolso de trás sem contar.

— Obrigado, sr. Farrar.

— Não quer mesmo voltar comigo?

— Não, sr. Farrar, muito obrigado.

— Você não pode viver com todo esse ódio dentro do coração, meu filho. No fim, você será o mais prejudicado.

— Não pode ser de outro jeito, sr. Farrar. Não posso esquecer que é no mesmo seio que me amamentou que aquele miserável está guardando o seu fumo.

Mary Grady olhou sorrindo para o rapaz.

— Acabe com seu uísque enquanto tiro o vestido.

O rapaz bebeu de um gole o resto do uísque. Tossiu, assim que sentou na beirada da cama.

— Está se sentindo bem? — perguntou Mary depois de passar o vestido por cima da cabeça.

O rapaz olhou para ela, que percebeu os olhos dele um tanto pesados.

— Mais ou menos — respondeu ele. — Não estou muito habituado a beber tanto.

Ela se aproximou e ficou olhando para ele, com o vestido pendurado no braço.

— Por que não se deita um pouco e fecha os olhos? Ficaré bom num instante.

Ela estendeu as mãos e empurrou-o pelos ombros. Um breve instante de consciência luziu nos olhos dele. Tentou levantar-se, ainda estendeu a mão para o revólver, mas não aguentou mais. Caiu atravessado na cama e ali ficou prostrado.

Mary curvou-se sobre ele e levantou uma das pálpebras. O rapaz estava mesmo desacordado. Sorriu e foi até a janela para chamar seu cafetão, que a esperava do outro lado da rua à porta de um bar. Fez um sinal, e ele se encaminhou para o hotel.

Ela já estava vestida quando o homem entrou no quarto.

— Como você demorou a trazê-lo para cá — murmurou ele, zangado.

— O que eu ia fazer? Ele não queria beber. É quase um garotinho ainda.
— Quanto é que ele tem?
— Não sei. O dinheiro está no bolso das calças. Pegue logo e vamos sair daqui. Nunca me sinto tranquila neste hotel.

O homem foi até a cama, tirou o dinheiro e contou-o rapidamente.

— Cento e trinta dólares.

— Cento e trinta dólares! Hoje não precisamos fazer mais nada. Vamos para minha casa passar a noite toda juntos.

— Você está louca? — exclamou o homem. — São onze horas. Você ainda pode pegar três marmanjos esta noite. E sabe de uma coisa? Este camarada me parece mais um índio.

— E é índio — disse Mary. — Está à procura de um homem que tem uma bolsa de fumo feita com a pele de uma índia. Acho até que ele não queria ficar comigo. Só consegui trazê-lo até aqui porque disse que conhecia a pessoa que ele estava procurando.

— E ele está armado. Acho que o homem a quem ele procura gostará de saber disso.

— E você sabe quem é?

— Talvez. Vamos embora.

Eram quase duas horas da madrugada quando o cafetão encontrou o homem. Estava jogando nos fundos do salão Águia Dourada.

— Sr. Dort — disse ele, tocando no ombro do homem.

— Que diabo quer você?

— Desculpe, sr. Dort, mas creio que tenho uma informação que lhe interessa. Talvez seja melhor falar em particular. É a respeito de sua bolsa de fumo.

— Minha bolsa de peito de índia — disse Dort, rindo. — Há sempre alguém querendo comprá-la. Mas não é para vender.

— Não é nada disso, sr. Dort.

— Que diabo você está querendo, então?

— O que eu vou dizer vale alguma coisa...

Dort levantou-se rapidamente. Agarrou o homem pelo paletó e encostou-o à parede.

— Desembuche, vamos!

— Mas o que sei vale alguma coisa, sr. Dort — murmurou o homem, tremendo de medo, pois Dort era conhecido como um dos piores assassinos da cidade.

— Pois bem, valerá alguma coisa. Mas, se não falar bem depressa, não valerá nada para você.

— Há um índio na cidade à sua procura. Está armado!

— Um índio? Como é ele?

O cafetão descreveu prontamente Max.

— E os olhos dele? São azuis?

— São — disse o cafetão. — Notei isso logo que ele pegou uma das minhas meninas no salão. Foi por isso que a princípio não percebi que ele era índio. Conhece-o?

— Conheço, sim. A pele da bolsa era da mãe dele.

Todos os olhos se voltaram para a bolsa de fumo. Dort a pegou e guardou no bolso.

— O que vai fazer agora? — perguntou o cafetão.

— O que vou fazer? — murmurou Dort sem muito ânimo. Mas viu todos os rostos voltados ansiosamente para ele. Não poderia recuar nem sair da cidade. Se assim procedesse, tudo estaria perdido, sua reputação, sua posição naqueles meios equívocos, tudo. Sentiu-se de repente cheio de segurança e disposição. — O que vou fazer agora? Apenas o que deveria ter feito há um ano. Vou matá-lo. Onde está ele?

— Vou levá-lo até ele — o cafetão se ofereceu rápido.

Os outros homens que estavam em torno da mesa se entreolharam. E levantaram em silêncio.

— Espere por nós, Tom — disse um deles. — A coisa vai ser divertida.

Mas quando chegaram ao hotel Max não estava mais lá. No entanto, o empregado do hotel contou onde poderiam encontrá-lo: no matadouro, às duas da tarde do dia seguinte. Nessa hora, o empregado ficara de estar lá, para receber o dinheiro do quarto.

Dort jogou em cima do balcão da portaria um dólar de prata.

— Aí está seu dinheiro. Vou fazer a cobrança por você.

Farrar estava encostado à cerca, observando Max, que, a cavalo, tangia uma parte do gado de um curral para outro.

— Como monta bem aquele rapaz! — disse para um homem que estava a seu lado, sem olhar para ele.

— É — disse o homem, sem entusiasmo. Acabou de fazer um cigarro e perguntou a Farrar: — Tem um fósforo aí, amigo?

Farrar meteu a mão no bolso, tirou a caixa de fósforo e já ia entregá-la ao homem, quando de repente ficou estático, vendo cheio de espanto a bolsa de fumo que ele trazia na mão.

— O que está olhando? — perguntou o homem.

— Essa bolsa de fumo. Nunca vi nada igual a isso.

— Ora, é apenas o peito de uma índia velha — disse o homem, soltando uma risada. — Não há nada melhor para conservar o fumo fresco. O único defeito é que se gasta muito depressa. Esta já está que não vale mais nada.

Farrar voltou os olhos para onde estava Max, a fim de avisá-lo.

— Eu não faria isso se fosse você — ameaçou insolentemente o homem.

Ouviu um arrastar de pés vindo de trás, e Farrar notou a presença dos outros homens. Desolado, limitou-se à condição de mero espectador; vendo Max, que acabara de tanger o gado. Fechou a porteira e se dirigiu para onde eles estavam.

Saltou do cavalo e o amarrrou a um mourão da cerca.

— Pronto, sr. Farrar — disse com um sorriso.

— Você monta muito bem, rapaz — disse o homem, jogando a bolsa de fumo para Max. — Pegue aí e faça um cigarro para você.

— Obrigado, amigo — disse Max. Mas, quando olhou para a bolsa a fim de abri-la, ficou mortalmente pálido.

A bolsa lhe escapuliu dos dedos e o fumo se espalhou pelo chão. Olhou para o homem e disse, sem levantar a voz:

— Não o reconheceria, se não tivesse feito isso.

— Com certeza não me reconheceu por causa da barba — disse o homem rindo.

Max começou a recuar lentamente.

— Você é um deles, sim. Agora estou conhecendo.

— Sim, sou um deles — disse Dort, levantando a mão do lado onde estava o revólver: — E daí?

Farrar e os outros instintivamente se afastaram para os lados.

— Cuidado, Max! — exclamou Farrar: — Não faça nada! Esse homem é Tom Dort. Você não faz ideia de como é ligeiro no gatilho.

— Ele pode ser tão ligeiro quanto quiser, sr. Farrar — disse Max, sem tirar os olhos de cima do homem. — Mas eu vou matá-lo.

— Puxe seu revólver, índio — disse Dort, asperamente.

— Não tenho pressa — disse Max, com voz calma. — Quero que você morra devagar, como minha mãe.

O rosto de Dort estava ficando muito vermelho ao sol ardente.

— Puxe o revólver! — gritou ele. — Puxe, vamos, mestiço miserável, filho de uma índia puta e cadela! Puxe logo essa merda.

— Não estou com nenhuma pressa de matá-lo — disse Max, sem alterar a voz. — Não vou nem atirar no coração ou na cabeça. Primeiro, vou atirar no seu saco. Depois, meterei uma ou duas balas na barriga. Quero apreciar a sua morte.

Dort começou a sentir-se dominado pelo medo. Pelo canto dos olhos, viu os homens que o observavam. Depois, encarou Max. O rosto do rapaz resplandecia de ódio, seus dentes mordendo o lábio inferior.

"Agora", pensou Dort. "Agora! Vou acabar logo com essa agonia." Levou de repente a mão à arma.

Farrar viu o gesto e voltou os olhos para Max, mas não foi suficientemente ligeiro para ver o rapaz puxar o revólver. Max atirou quase antes de o revólver de Dort ter saído inteiramente do coldre.

O revólver caiu da mão de Dort e ele tombou de joelhos no chão, com a mão entre as pernas.

Max se dirigiu a passos lentos para onde ele estava.

Dort ficou alguns instantes ajoelhado, quase como se estivesse rezando. Depois levantou a mão ensanguentada para Max.

— Filho da puta! — exclamou, e estendeu a mão para o revólver que estava no chão, perto dele.

Max esperou que Dort voltasse o cano na sua direção e, então, deu dois tiros rápidos.

As balas fizeram Dort cair para trás e ele ficou estendido no chão, com o corpo sacudido por leves tremores. Max chegou mais perto e ficou olhando, com o revólver ainda fumegante na mão.

Dois dias depois, deram a Max a oportunidade de escolher entre alistar-se no Exército ou ser julgado por homicídio. Falava-se muito de uma guerra contra Cuba, e o juiz era patriota. Havia probabilidade de Max ser absolvido por ter matado em legítima defesa, mas ele não quis

se arriscar, ainda que houvesse muitas testemunhas.

Tinha ainda um encontro marcado com um homem a quem nem conhecia.

Nevada se agitava impacientemente, com a vaga impressão de que havia mais alguém na sala. Estendeu automaticamente a mão para pegar um cigarro e, quando só sentiu o vazio ao lado do sofá, acordou de vez.

Custou a lembrar-se de onde estava, mas afinal sentou no sofá e procurou suas calças. Os cigarros estavam no bolso. Meteu um na boca e riscou um fósforo.

Viu, à luz breve do fósforo, Rina sentada na poltrona, olhando para ele. Deu a primeira tragada e perguntou:

— Por que não está dormindo?

— Perdi o sono — murmurou ela. — Estou com medo.

— Com medo do quê, Rina?

— Do que pode me acontecer.

— Ora, Rina — disse ele, rindo. — Você está financeiramente arrumada e ainda tem uma vida inteira pela frente.

— Sei disso, Nevada. Mas o pior é que, por mais que pense nisso, não consigo me convencer.

De repente, ela foi para onde Nevada estava e se ajoelhou no chão ao lado dele.

— Você tem de me ajudar, Nevada!

— Dê tempo ao tempo, Rina — aconselhou ele, passando-lhe a mão pelo cabelo.

— Você não compreende, Nevada — continuou ela, agarrando suas mãos. — Sempre senti esse medo, antes mesmo de me casar com Cord, antes de vir para cá, quando ainda era menina.

— Bem, acho que de um modo ou de outro todo mundo tem medo.

— Mas não como eu! — exclamou ela, com a voz cheia de terror. — Comigo é diferente. Sei que vou morrer moça, de alguma doença terrível. Eu sei disso, Nevada. Sinto dentro de mim!

Nevada continuou ali sentado, afagando a cabeça de Rina. Afinal disse com voz branda:

— Tudo será diferente quando você voltar para o leste. Encontrará homens jovens e...

Os olhos dela estavam marejados de lágrimas que banhavam seu lindo rosto às primeiras claridades da manhã.

— Homens jovens, Nevada? — perguntou ela, com uma voz cheia de amargura e desprezo. — É deles que eu tenho mais medo. Acha então que, se não tivesse, não me casaria com Jonas em vez de escolher o pai dele?

Nevada não respondeu.

— Os rapazes só querem uma coisa de mim! Trepar! Não pensam em nada senão em trepar, trepar, trepar!

Ele a olhou fixamente, chocado ao vê-la, com toda sua fineza, proferir aquela palavra vulgar, mas conseguiu dominar-se e disse, sorrindo:

— O que você deseja, Rina? Por que está dizendo isso para mim?

— Porque quero que você me conheça. Quero que me compreenda. Ainda não encontrei nenhum homem que fosse capaz disso.

— Mas por que eu? — disse ele, apagando o cigarro, que já queimava seus lábios.

— Porque você não é um garoto. Você é um homem de verdade.

— E você, Rina?

Os olhos dela brilhavam num desafio, mas havia insegurança em sua voz.

— Acho que sou lésbica.

Nevada riu.

— Não ria! Não sou maluca. Já estive com mulheres e com homens. E nunca senti com os homens, com qualquer homem, o que sinto com uma mulher. Os homens são uns tolos. É tão fácil fazê-los acreditar naquilo que eles querem. E eu conheço todos os truques!

— Talvez porque você ainda não tenha conhecido um homem de verdade — disse Nevada, com sua vaidade masculina espicaçada.

— Não? — perguntou ela, a voz adquirindo um tom de desafio.

Estendeu a mão por baixo do cobertor e segurou seu membro. De repente afastou o cobertor e baixou a cabeça para o colo dele. Nevada sentiu o movimento de seus lábios e teve um momento de raiva.

Puxou Rina pelo cabelo e perguntou:

— O que você está querendo provar?

— Que você é o homem, o único homem capaz de me fazer sentir alguma coisa! Tenho certeza, Nevada! Posso sentir dentro de mim. Você é que pode fazer de mim mulher de fato. Depois, nunca mais terei medo!

Ela curvou de novo a cabeça, mas Nevada a segurou com firmeza, afastando-a.

— Por favor, Nevada! Deixe-me provar como posso amá-lo!

E começou de novo a chorar.

Nevada levantou de repente e foi até a lareira. Atiçou o fogo e jogou dentro cavacos e um tronco novo. Um instante depois, um calor crepitante enchia a sala. Rina continuava sentada no chão a observá-lo. Ele voltou, devagar, para onde ela estava.

— Quando a convidei a vir para cá, Rina, pensei que estivesse agindo direito — disse, enquanto pegava um cigarro.

No mesmo instante, ela riscou um fósforo para ele e disse com voz macia:

— Sim, Nevada...

— Não sou o homem que você está procurando, Rina.

— Não? — disse ela, acariciando seu rosto. — Bem sabe que não é verdade o que está dizendo.

— Talvez não — disse ele, com um sorriso. — Mas acho que ainda sou muito moço. Porque a verdade é que a única coisa que quero de você é trepar, trepar, trepar!

Ela o encarou por um momento e então começou a sorrir. Chegou mais perto dele e tirou o cigarro de seus lábios. Deu-lhe um beijo rápido na boca e foi até a lareira. Então, voltou-se para ficar de frente para ele. Colocou o cigarro na boca e aspirou longamente a fumaça.

Depois, com um leve movimento fez o robe cair no chão a seus pés. O fogo envolveu com um clarão dourado seu lindo corpo nu. Ela então atirou o cigarro dentro da lareira e caminhou para onde ele estava.

— Talvez seja melhor assim — disse, atirando-se nos braços abertos de Nevada. — Agora podemos ser amigos.

— Os negócios do show vão mal — disse o caixa.

Nevada voltou-se para Rina. Ela estava à janela do carro da bilheteria, olhando o último número do espetáculo *Oeste Selvagem*, que se desenrolava no picadeiro. Ouvia-se dali o murmúrio abafado dos gritos e dos urros dos índios.

— Vão mal ou muito mal? — perguntou Nevada, tirando os olhos de Rina.

— Bem mal — disse o caixa. — Em quase todas as cidades estamos programados para uma semana depois do show *Buffalo Bill Cody*. Calculando por estas duas semanas, vamos ter um prejuízo de mais ou menos quarenta mil dólares neste verão.

Um estridente clarim deu um toque de carga. Nevada sentou numa cadeira bem pouco confortável e começou a enrolar um cigarro. O espetáculo estava terminando. A cavalaria ia chegando em socorro dos pioneiros cercados pelos índios.

— Como é que você concordou com uma coisa dessas?

— A culpa não foi minha, Nevada. Acho que o agente nos traiu em proveito do outro show. E agora, o que vamos fazer?

— Aguentar a temporada até o fim. Não há outro jeito.

— Com quarenta mil dólares de prejuízo? Não podemos perder tanto dinheiro!

O caixa mostrava-se nervoso e vermelho. Nevada não compreendia por que o homem estava tão inquieto. Não era o dinheiro dele que estava em jogo.

— Não podemos deixar de enfrentar esse prejuízo. Se fecharmos o espetáculo, perderemos todo o nosso pessoal. Ninguém vai querer assinar contrato conosco para a próxima temporada, se os abandonarmos agora.

Nevada levantou e foi até a janela. Os índios iam saindo do picadeiro, perseguidos de perto pela cavalaria. Virou-se e disse ao caixa:

— Vou levar a sra. Cord à estação. Passarei depois pelo escritório do agente. Fique aqui à minha espera até eu voltar.

Nevada deu o braço a Rina, ajudando-a a descer a escada do carro da bilheteria. Atravessaram o acampamento até o automóvel. Havia gente por todos os lados. Eram os homens do show que levavam os cavalos para as cocheiras, corriam para os carros a fim de trocar de roupa e conversavam em voz alta, fazendo planos para aquela noite.

— Por favor, deixe-me ficar com você, Nevada — disse ela quando chegaram ao automóvel.

— Já não havia ficado resolvido isso, menina? — perguntou ele, sorrindo.

— Mas, Nevada, não tenho nada a fazer no leste. Aqui, pelo menos, posso sentir vida, movimento...

— Pare de agir como uma criança. Você já é uma mulher adulta. Isto aqui não é vida para você. Ficaria farta de tudo numa semana.

— Pagarei metade de seus prejuízos se me deixar ficar, Nevada.

Nevada olhou-a, espantado. Pensava que ela não havia escutado a conversa com o caixa.

— Você não tem dinheiro para isso, Rina.

— E você tem?

— Mais do que você. Não é essa a única coisa em que estou metido.

Não conversaram mais até chegar à estação e só voltaram a falar quando ela já ia tomar o trem.

— Você vai escrever para mim, Nevada?

— Não sou muito de escrever...

— Mas mandará notícias? Responderá se eu escrever?

Ele assentiu com a cabeça.

— E deixará que eu de vez em quando apareça para fazer uma visita? Se eu me sentir só e com medo?

— É para isso que são os amigos.

Ela sentiu as lágrimas umedecerem seus olhos e murmurou:

— Você tem sido um bom amigo, Nevada.

Em seguida, beijou-o no rosto e embarcou no trem. Da porta, ainda se voltou para dar adeus e desapareceu dentro do vagão. Ele ainda viu o rosto dela surgir por um instante na janela quando o trem se pôs em marcha. Depois, o trem desapareceu na curva e ele saiu da estação.

Nevada subiu por uma escada desconjuntada, até um corredor sujo. A tinta da porta estava descascada e as letras quase não se podiam ler.

Daniel Pierce — Agente Teatral

O escritório não destoava do aspecto do corredor. Uma moça olhou para ele de trás de uma mesa atravancada de coisas e papéis. Seu cabelo denunciava traços de uma oxigenação malfeita e mascava um pedaço de goma, quando perguntou, quase com hostilidade:

— O que deseja?

— Dan Pierce está?

Ela observou Nevada um instante, notando o casaco de couro surrado, as calças desbotadas e o grande chapéu de *cowboy*.

— Se está à procura de emprego, perca as esperanças.

— Não estou procurando emprego. Estou procurando Dan Pierce.

— Tem hora marcada com ele?

— Não.

— Ele não recebe ninguém sem hora marcada.

— Sou da equipe do *Oeste Selvagem*. Ele falará comigo.

— Do show *Buffalo Bill*? — perguntou ela, com uma ponta de interesse.

— Não. Do Grande Rodeio do Sudoeste.

— Ah! O outro.

— Sim, o outro.

— Bem, ele não está.

— Onde é que está?

— Não sei. Foi a uma reunião.

— Onde?

Alguma coisa nos olhos de Nevada fez a moça responder.

- Foi à Norman Films. Está procurando vender um cliente para um filme de faroeste.
- E como se vai até lá?
- Fica no Lankershim Boulevard, depois do estúdio da Universal e depois do da Warner.
- Obrigado — disse ele e saiu.

Viu o grande cartaz em frente à Universal logo que chegou ao endereço indicado:

UNIVERSAL PICTURES
CASA DE TOM MIX E DE TONY
VEJAM

"OS CAVALHEIROS DA SAGA PÚRPURA"

Filme da UNIVERSAL

Logo em seguida, passou por outro cartaz na frente da Warner.

WARNER BROS. APRESENTA
MILTONS SILLS
EM

"O FALCÃO DO MAR"

Filme da VITAGRAPH

Os estúdios da Norman ficavam oito quilômetros mais adiante. O cartaz de costume lá estava na fachada.

BERNARD B. NORMAN PRODUCTIONS
APRESENTAM
"O XERIFE DE VILA PACÍFICA"
COM UM ELENCO DE ASTROS

Nevada virou o carro para o portão principal, onde um porteiro o fez parar.

— Dan Pierce está aí? — perguntou Nevada.

— Espere um momento. Vou verificar.

O guarda entrou em sua guarita e consultou um monte de papéis.

— Você deve ser o homem a quem ele está esperando — disse depois. — Pierce provavelmente está no campo de filmagem dos fundos. Siga este caminho para lá, direto. Não tem erro.

Nevada agradeceu e seguiu com o carro. Foi bem devagar, porque o caminho estava cheio de gente. Alguns eram artistas com trajes os mais variados, mas muitos eram trabalhadores comuns, vestidos de macacão e roupas de trabalho. Passou por alguns prédios muito grandes e, afinal, viu-se em campo aberto. Não havia senão mato e morros.

Perto do primeiro morro, um grande cartaz.

SET DE "VILA PACÍFICA"

ESTACIONAMENTO DE CARROS AQUI

Seguiu a seta. Num lado do caminho havia grande quantidade de carros e caminhões. Parou o seu ao lado de um deles e saltou.

— Dan Pierce está por aqui? — perguntou a um homem que estava sentado num dos caminhões.

— Trabalha com a turma do *Vila Pacífica*? — perguntou o homem.

— Acho que sim.

— Todo mundo está do outro lado do morro.

No alto do morro, Nevada parou e olhou. Um pouco abaixo, havia uma porção de gente.

— Vamos que lá vêm eles! — gritou alguém bem alto.

De repente, uma diligência apareceu em disparada na estrada abaixo de Nevada. No momento em que o veículo fazia a curva, ele viu o cocheiro pular fora e sair rolando pela beira da estrada. Um instante depois, os cavalos se soltaram dos tirantes e a diligência tombou num lado da estrada e caiu rolando pela ribanceira.

— Corta! Corta! Com os diabos, Russel! Você saltou antes do tempo! A diligência só rolou da estrada bem uns quarenta quadros depois de você.

O cocheiro levantou e caminhou até onde estavam os outros homens, batendo com o chapéu a poeira das roupas.

Nevada começou a descer a ladeira. Correu os olhos pelo grupo à procura de Pierce, mas não o viu em parte alguma.

— Dan Pierce está por aqui? — perguntou a um homem que passava com uma lata de filme.

— Teve de ir ao escritório para telefonar — respondeu outro homem.

— Obrigado. Vou esperar por ele — disse Nevada, começando a enrolar um cigarro.

A mesma voz forte de pouco antes se fez ouvir de novo.

— Pierce já voltou com seu maldito *stuntman*?

— Foi telefonar para ele — disse o homem que respondera a Nevada e que de repente o encarou: — Espere aí! Você é o camarada que Pierce estava esperando?

— Acho que sim.

— Venha comigo — disse o homem.

Nevada o acompanhou até onde estava um grupo em torno de um homem alto, perto da câmara.

— Aqui está o homem que Pierce estava esperando, chefe.

O homem alto voltou-se para Nevada. Então apontou para um penhasco no morro próximo, embaixo do qual corria um largo rio.

— Seria capaz de saltar com um cavalo dali de cima para dentro da água?

Nevada olhou na direção apontada. A altura era de uns vinte metros e o cavalo teria de saltar pelo menos uns cinco metros na horizontal para cair dentro da água. Só assim evitaria o choque com o barranco.

— Cavamos bem o rio e a profundidade naquele ponto é de oito metros — disse o diretor.

Nevada concordou com a cabeça. A profundidade era suficiente.

— Acho que é possível — murmurou.

O diretor deu um amplo sorriso.

— Felizmente! Afinal encontramos um homem com dois bagos. Suba até lá e lhe entregarão o cavalo. Estaremos prontos no momento em que você chegar.

O diretor já se voltava para o homem da câmara, quando Nevada tocou em seu ombro.

— Escute aqui. Eu disse que era possível, mas não disse que iria fazer isso.

O diretor olhou para ele com curiosidade.

— Estamos pagando o dobro por esse golpe. Noventa dólares não chegam? Está bem, pagarei cem.

Nevada sorriu.

— O senhor está enganado. Estou aqui para falar com Dan Pierce. Não trabalho em acrobacias para o cinema.

— Vocês, *cowboys*, são todos a mesma coisa. Conversa muita, mas coragem nenhuma.

Nevada o olhou por um instante. Sentiu um nó de raiva na garganta. Estava cansado de tudo aquilo, desde que começara a procurar Pierce de um lado para outro.

— Se quiser que eu pule com um cavalo daquela altura, terá de pagar quinhentos dólares — disse, com voz fria.

O diretor o encarou espantado, mas depois sorriu.

— Você deve ter ficado sabendo que nenhum dos homens de Hollywood quis saltar nessas condições.

Nevada não respondeu.

— Muito bem. Fica pelos quinhentos — disse o diretor, e voltou-se para o operador.

Nevada subiu, aproximou-se do cavalo e lhe ofereceu um torrão de açúcar. O cavalo encostou o focinho na mão dele e Nevada lhe deu umas palmadas no pescoço. Era um bom cavalo. Reagia prontamente e não mostrava um pinga de medo.

— Estamos prontos! — gritou o diretor. — Tenho câmaras cobrindo todos os ângulos. Não se preocupe, portanto, com o lado para que deve olhar. Comece quando eu der o sinal.

Nevada montou no cavalo. O diretor, que estava lá embaixo, levantou a mão bem alto. De repente, baixou a mão e Nevada meteu as esporas no animal. O cavalo saiu em disparada. Nevada soltou as rédeas levando-o para o lugar do salto.

O cavalo pulou com as patas estendidas, preparado para uma queda pequena. Nevada sentiu o coração do animal fraquejar de repente quando não alcançou o chão esperado.

O animal encolheu-se todo, tomado de pânico, no momento em que começou a rolar no vácuo. Nevada tirou prontamente os pés dos estribos e atirou-se bem para o lado. Viu a água se aproximando e torceu para já estar longe o suficiente para o cavalo não cair em cima dele. Entrou na água de cabeça e deixou que o impulso o levasse até o fundo. Sentiu uma explosão na água perto dele. Devia ser o cavalo. Os pulmões começaram a arder, mas ele permaneceu mergulhado o quanto foi possível.

Foi, afinal, forçado a subir. Teve a impressão de levar um tempo enorme até chegar, ofegante, à superfície. Voltou os olhos e viu o cavalo boiando de lado, com a cabeça torcida de uma maneira estranha. Havia em seus olhos um ar de grande sofrimento.

Nevada nadou prontamente para a margem e se dirigiu com raiva para onde estava o diretor, todo sorridente.

— Grande! Bárbaro! Um dos maiores *shots* já filmados!

— Sim, mas o cavalo está todo quebrado! Não há ninguém que dê um tiro para acabar com a agonia daquele pobre animal?

— Já mandamos buscar um rifle do outro lado do morro.

— Aquele cavalo já terá morrido afogado quando o rifle chegar aqui. Ninguém aí tem um revólver?

— Claro, mas ninguém poderá acertá-lo. Um revólver não adianta nada numa distância dessas.

— Dê-me o revólver.

Nevada pegou a arma, abriu o tambor e viu que estava carregada com cápsulas de festim. Pediu bala de verdade. Depois se aproximou do rio. Atirou num pedaço de madeira dentro da água. A arma desviou-se um pouco para a esquerda. Esperou um momento até o cavalo levantar de novo a cabeça e deu um tiro certo, bem entre os olhos.

Nevada voltou e devolveu a arma ao diretor. O homem a pegou sem nada dizer e tirou do bolso um maço de cigarros. Nevada aceitou um e o diretor riscou um fósforo.

Um homem apareceu correndo, ofegante.

— Desculpe, sr. Von Elster — disse, com voz rouca. — Não pude encontrar o *stuntman* em canto algum. Mas vou conseguir outro amanhã sem falta.

— Então ainda não soube? Ele apareceu e nós acabamos de fazer a filmagem.

— Não é possível! — exclamou Dan Pierce. — Acabei de deixá-lo agora mesmo lá...

O diretor deu um passo para o lado e mostrou Nevada.

— Aqui está ele. Veja.

— Mas não é ele! — exclamou Pierce. — Esse aí é Nevada Smith. É o proprietário do Grande Rodeio do Sudoeste e do show *Oeste Selvagem*. Prazer em vê-lo, Nevada. Que veio fazer aqui?

Nevada olhou para Pierce. A raiva aumentou por dentro dele. Estendeu a mão para cumprimentá-lo, mas deu-lhe um puxão. Pierce caiu, em uma escandalizada surpresa.

— Por que fez isso comigo, Nevada? — perguntou.

— Só quero saber quanto o *Buffalo Bill* lhe pagou para você me passar para trás.

Von Elster se interpôs.

— Há muito que procuro um homem como você, Smith. Venda seu show e venha trabalhar

conosco. Para começar, ganhará duzentos e cinquenta dólares por semana.

Pierce, que ainda estava caído, gritou do chão:

— Nada disso, Von Elster! Ou mil por semana ou nada feito!

Nevada abriu a boca para falar, mas Dan Pierce gritou com autoridade:

— Cale a boca! Sou seu agente e é bom que não se esqueça disso! Von Elster, daqui a uma hora toda Hollywood saberá da proeza de Nevada. Posso levá-lo agora mesmo para a Universal ou para a Warner. Qualquer delas o agarrará com as duas mãos.

— Quinhentos por semana — disse Von Elster, olhando para o agente. — Nem um cent a mais.

— Vamos, Nevada — disse Pierce, segurando o braço de Smith. — Vamos até a Warner. Todos os estúdios estão à procura de alguém para fazer um pouco de concorrência a Tom Mix.

— Setecentos e cinquenta — disse Von Elster.

— Isso durante seis meses, depois mil por semana e aumentos correspondentes de seis em seis meses.

— Fechado — disse Von Elster. Apertou a mão de Pierce e voltou-se para Nevada, a quem estendeu a mão, sorrindo. — Como é mesmo seu nome?

— Smith, Nevada Smith.

— Que idade você tem, amigo?

— Trinta anos, sr. Von Elster — disse Dan Pierce antes de Nevada poder falar.

Nevada tentou protestar, mas a pressão de Pierce em seu braço o fez calar-se.

— Para efeito de publicidade, você tem vinte e nove anos — disse Von Elster. — Agora venham os dois comigo até o escritório. Quero que Norman saiba que encontramos afinal o xerife de *Vila Pacífica*!

Nevada voltou o rosto para esconder seu sorriso. Pensou então no que diriam os homens da penitenciária agrícola onde estivera há muitos anos, se soubessem que ele acabara com uma insígnia de xerife, mesmo que fosse apenas no cinema.

— Meu Deus! — exclamou o diretor da penitenciária quando Max foi levado a seu gabinete. — Que pensam que estão fazendo por lá? Isto é uma penitenciária, não um reformatório!

— Não deixe essa cara inocente enganá-lo, diretor — disse o delegado mascarador de fumo, jogando os papéis na mesa, para serem assinados. — Ele é ruim de verdade. Matou um homem lá em Nova Orleans.

O diretor pegou os papéis.

— Foi condenado por quê? Homicídio?

— Não, uso ilegal de arma. Conseguiu livrar-se da acusação de homicídio, alegando legítima defesa. Esse cara foi pego no quarto de uma mulher elegante.

— Eu era o guarda-costas dessa senhora, diretor — disse Max.

— Isso não lhe dava o direito de matar um homem — censurou o diretor secamente.

— Mas fui obrigado — insistiu Max. — Ele avançou para mim com uma faca e tive de me defender. Eu estava sem roupa.

— Isso é verdade — disse o delegado, gargalhando impudicamente. — Estava nu como o pescoço de um abutre.

— Parece então que foi mesmo um caso de legítima defesa — disse o diretor. — Como foi que, apesar disso, o condenaram?

— O homem que ele matou era primo dos Darcy — explicou o delegado.

Isso de fato explicava tudo. Os Darcy eram gente muito importante em Nova Orleans.

— Neste caso, você ainda teve muita sorte — disse o diretor, que, depois de assinar os papéis e devolvê-los, perguntou a Max: — Que idade tem você?

— Uns dezenove, se não estou enganado.

— Pois você é muito moço para já estar servindo de guarda-costas de uma daquelas donas elegantes de Nova Orleans. Como foi que se meteu nisso?

— Eu havia saído do Exército e precisava de um emprego, diretor. E ela precisava de alguém que fosse ligeiro no gatilho. E eu sou ligeiro...

— Ligeiro demais. Agora, escute. Sou um homem justo, mas não tenho muita paciência com insubordinados. Levante todo dia de manhã, faça o trabalho que lhe mandarem e não terá aborrecimentos comigo.

— Entendido, diretor.

O diretor chegou à porta do gabinete e gritou:

— Mike!

Um gigantesco guarda negro, também um condenado, mas de confiança do diretor, enfiou sua cabeça pela porta.

— Às ordens, diretor.

— Leve esse novato e dê-lhe dez chibatadas.

A surpresa estampou-se no rosto de Max.

— Não há nada pessoal nisso — apressou-se em dizer o diretor. — Trata-se de uma simples medida de precaução. Você sempre se lembrará das chibatadas quando pensar em fazer o que não deve.

— Vamos, rapaz — disse o preto.
Os dois saíram pelo corredor. A voz do guarda era cordial e animadora.
— Não se preocupe com as chibatadas, rapaz. Eu lhe darei a primeira e você nem sentirá as outras nove!

Max havia chegado a Nova Orleans numa sexta-feira de Carnaval. As ruas estavam cheias de pessoas que riam, e ele acabou sendo contagiado pela animação. Gostou da cidade, e resolveu passar ali um dia ou dois antes de continuar sua viagem para o Texas.

Guardou o cavalo numa cocheira, hospedou-se num pequeno hotel e foi para o Bairro Latino, à procura de diversão.

Seis horas depois jogou nos dados, e deu no que deu. Perdeu o dinheiro, o cavalo, tudo, menos a roupa do corpo. Empurrou a cadeira para trás e levantou.

— Para mim, chega, senhores. Não posso mais jogar. Vou buscar o cavalo na cocheira.

Um dos jogadores olhou para ele e perguntou em seu macio sotaque sulista:

— Desculpe, mas posso perguntar o que pretende fazer agora?

— Não sei ainda — disse Max, rindo. — Procurar um emprego, talvez.

— Que espécie de emprego?

— Qualquer um. Sei lidar muito bem com cavalos. Com gado também. Qualquer coisa.

— Também é bom com isso? — perguntou o jogador, apontando para o revólver de Max.

— Um pouco.

O jogador levantou-se.

— A sorte não foi muito sua amiga esta noite.

— A verdade é que o senhor não lhe deu muita oportunidade — murmurou Max.

O jogador levou a mão ao bolso interno do paletó. Mas seu gesto se paralisou de repente, quando viu o cano do revólver de Max. A arma havia sido sacada tão depressa que ele nem teve tempo de perceber o movimento.

— Um homem pode morrer fazendo coisas tolas desse tipo — disse Max calmamente.

O rosto do jogador se relaxou num sorriso.

— Você é bom mesmo — retrucou respeitosamente.

Max guardou o revólver no coldre.

— Acho que tenho um emprego para você — voltou a falar o jogador. — Isto é, se não se importar em trabalhar para uma mulher.

— Trabalho é trabalho — disse Max. — Não se pode ficar escolhendo.

No dia seguinte, Max e o jogador estavam sentados na sala de visitas da casa mais elegante de Nova Orleans. Uma empregada negra apareceu e fez uma reverência.

— A senhorita Pluvier vai recebê-los agora. Tenham a bondade de me acompanhar.

Os dois a seguiram por uma comprida e graciosa escadaria, empregada abriu uma porta, fez uma reverência, e a fechou logo depois que eles passaram. Max deu dois passos e parou de repente boquiaberto, com cara de estúpido.

Nunca vira nada parecido com aquilo. Tudo era branco. As paredes forradas de seda, as cortinas das janelas, os caixilhos, os móveis, o dossel de seda cintilante que se estendia acima da

cama. Até o grande tapete do chão era branco.

— E esse o homem? — perguntou uma voz macia.

Max voltou-se na direção da voz. A mulher surpreendeu-o ainda mais que o quarto: bastante alta, quase tanto quanto ele, e jovem, muito jovem. Mas o cabelo é que era o mais surpreendente de tudo. Comprido, chegava quase na cintura e parecia branco de tão louro.

O jogador disse, em tom respeitoso:

— Senhorita Pluvier, permita-me apresentar-lhe Max Sand.

A jovem examinou Max por um instante:

— Olá.

— Senhora — disse Max, fazendo uma reverência.

Ela se aproximou e andou em volta dele, analisando-o de todos os ângulos.

— Parece moço demais... — murmurou.

— Mas garanto que é muito capaz — disse o jogador. — É veterano da recente guerra com a Espanha.

Ela levantou a mão para interrompê-lo.

— Tenho certeza de que suas qualificações são satisfatórias, já que você o recomendou. Mas parece um pouco sujo.

— Acabo de chegar da Flórida a cavalo, senhora.

— Apesar de tudo, a aparência é boa — continuou ela, como se Max nada houvesse falado. Tornou a andar em volta dele. — Ombros largos. Quadris estreitos. Deve usar bem as roupas. Acho que serve.

Caminhou até a penteadeira e perguntou:

— Sabe o que terá de fazer, jovem?

— Não, senhora — respondeu Max.

— Vai ser meu guarda-costas. O meu negócio aqui é muito grande. Lá embaixo, temos diversas salas de jogo para cavalheiros. E claro que também fornecemos outras diversões discretas. Nossa casa goza da melhor reputação em todo o sul, e, naturalmente, há muitos invejosos. Às vezes essas pessoas chegam a extremos no seu desejo e nos criam dificuldades. Meus amigos me aconselharam a cercar-me de alguma proteção.

— Compreendo, senhora.

— O meu horário será o seu. Terá de viver aqui conosco. Ganhará cem dólares por mês, dos quais descontarei vinte de cama e mesa. Sejam quais forem as circunstâncias, não poderá ter relações de espécie alguma com as jovens que aqui residem.

— Sim, senhora.

A srta. Pluvier sorriu e voltou-se para o jogador:

— Agora, gostaria que me fizesse o favor de levá-lo até o alfaiate. Peça para fazer seis ternos, três pretos e três claros. Acho que assim tudo ficará em ordem.

— Vou tratar disso agora mesmo.

Quando ia saindo com ele, Max parou na porta e olhou para a jovem, sentada à penteadeira, escovando o cabelo. Ela também, de repente, voltou os olhos para ele.

— Obrigado, senhora — disse Max.

— Faça o favor de me chamar de srta. Pluvier — replicou ela friamente.

Já passava das três horas da madrugada, quando Max chegou ao salão após a inspeção pelas salas de jogo que fazia todas as noites. As arrumadeiras já estavam trabalhando nas salas do andar térreo. Foi até a porta da rua.

— Tudo fechado, Jacob? — perguntou ao porteiro preto.

— Fechado e vigiado, sr. Sand.

— Ótimo — disse Max. Já estava indo na direção da escadaria, mas voltou e perguntou: — O sr. Darcy já saiu?

— Não, senhor. Vai passar a noite com a srta. Eleanor. Não se preocupe, eu os instalei no quarto de ouro.

Max subiu a escada. O sr. Darcy fora seu único problema naqueles últimos meses. O rapaz estava empenhado em querer dormir com a dona da casa. E naquela noite fora particularmente desagradável quanto a isso.

Chegou ao alto da escada. Bateu numa porta e entrou. Sua patroa estava sentada à penteadeira. Uma empregada escovava seu cabelo.

— Está tudo fechado, srta. Pluvier — disse ele.

— E Darcy?

— Está no quarto de ouro com Eleanor, no outro lado da casa.

— *Bon* — murmurou ela.

Max ficou ali olhando-a com a fisionomia perturbada. Ela notou sua aflição pelo espelho e mandou a empregada sair do quarto.

— Está preocupado com alguma coisa, *chéri*?

— Com Darcy. Não me agrada a maneira como ele vem agindo. Acho que deveríamos proibir sua entrada.

— Isso não é possível. A família dele é muito importante.

Ela se levantou. Sorrindo, passou os braços pelo pescoço dele e o beijou.

— Meu jovem *indien* está com ciúme. Não se preocupe com ele. Daqui a pouco ele vai parar com isso. Acontece com todos os jovens. Já aconteceu muitas vezes.

Pouco depois, Max estava deitado ao lado dela na grande cama branca, seus olhos se deliciando com a maravilha daquele lindo corpo. Sentiu os dedos da jovem deslizando suavemente pelo seu corpo, reacendendo-lhe os desejos. E fechou os olhos.

Sentiu os lábios macios roçando sua pele. As palavras sussurrantes dela chegavam-lhe aos ouvidos. "*Mon coeur, mon indien, mon chéri*". Ouviu os sons suaves do prazer que ela sentia. Então ele afastou um pouco os lábios. Com os olhos entreabertos podia ver a sensualidade que se estampava no rosto dela.

— Sua arma se transformou num canhão — brincou ela, enquanto seus dedos continuavam a acariciá-lo.

Max estendeu a mão e lhe afagou o cabelo. Uma expressão de êxtase e temor invadiu o rosto da mulher e ele fechou os olhos. Sentiu o tremor subir-lhe bem no fundo da alma. Como podia uma mulher saber tanto? De que profundas nascentes poderia brotar tamanha fonte de prazer? Prendeu a respiração. Era quase insuportável aquele estranho prazer; diferente de tudo

que havia conhecido.

Houve um leve barulho na porta. Max voltou a cabeça, sem saber o que podia ser. De repente, a porta se escancarou e o jovem Darcy entrou no quarto.

A mulher imediatamente se afastou de Max e gritou dos pés da cama:

— Saia já daqui, seu idiota!

Darcy ficou olhando para ela, com ar de estúpido, um pouco aturdido, com os olhos esgazeados. Meteu a mão no bolso e uma porção de notas se espalharam pelo chão.

— Veja! Trouxe mil dólares para você — murmurou com voz de bêbado.

A mulher saiu da cama. Avançou para ele autoritariamente, sem a menor consciência de sua nudez, e levantou a mão, apontando para a porta:

— Saia, já disse!

Darcy continuou parado, encarando-a.

— Mas eu quero você.

Max achou que era hora de intervir e exclamou:

— Não ouviu o que a srta. Pluvier disse?

Foi só então que Darcy o viu e seu rosto se encheu instantaneamente de cólera.

— Você! Enquanto eu pedia e implorava, era você quem ficava com ela! Vocês devem ter se divertido às minhas custas todo esse tempo!

Disse isso e apanhou um punhal, que trazia na cintura. Avançou para Max, que saiu prontamente da cama um instante antes de a lâmina cravar-se na colcha de cetim. Max pegou um travesseiro e o conservou à sua frente, enquanto recuava para a cadeira onde estavam suas roupas e o revólver.

Os olhos de Darcy estavam vitrificados de raiva.

— Riam de mim o tempo todo. Toda vez que iam para a cama faziam troça de mim!

— E melhor sair daqui antes que você se machuque — disse Max.

— Para vocês rirem mais um pouco de mim? Não! Desta vez, quem vai rir sou eu!

Atacou de novo com o punhal. Mas este ficou preso no travesseiro e Darcy caiu sobre Max, que foi empurrado de encontro à parede. O revólver disparou e uma expressão de surpresa e dor apareceu no rosto de Darcy, enquanto caía de joelhos. Ficou estendido no chão, imóvel.

A mulher, nua, ajoelhou-se ao lado de Darcy e, depois de tomar-lhe o pulso, deixou cair a mão.

— Não era preciso matá-lo, idiota!

Max olhou para ela. Os seios dançavam com a exaltação que a dominava e havia um leve suor no vale que os separava. Nunca fora tão bela quanto naquele momento.

— Que queria que eu fizesse? — perguntou ele. — O homem avançou com o punhal para me matar!

— Devia tê-lo feito perder os sentidos apenas.

— E com que ia bater nele? Com meu canhão?

Ela ficou imóvel um momento olhando para ele. Depois foi até a porta espiar o corredor. A casa toda estava em silêncio. O travesseiro havia abafado o tiro. A mulher fechou a porta silenciosamente e voltou para onde estava Max.

Max viu a arrebatadora sensualidade que se reacendera na expressão da jovem. Ela se ajoelhou diante dele, e Max sentiu seus lábios nas coxas.

— Não se zangue com Anne-Louise, meu valente, meu garanhão selvagem — sussurrou ela. — Venha!

Ele fez menção de apanhá-la, para carregá-la até a cama. Mas ela segurou-lhe os braços e o puxou para o chão, a seu lado.

— Não. Aqui mesmo.

E se amaram pela última vez, ali no chão, ao lado do morro. Na manhã seguinte, Anne-Louise Pluvier entregou-o calmamente à polícia.

A leste, a oeste e ao sul a prisão fazia fronteira com um pântano junto do qual se erguiam os ciprestes, que deixavam cair suas folhas dentro da água morta. O único meio de sair de lá era pelo lado norte, através dos arrozais dos lavradores cajuns. Havia uma pequena aldeia cerca de trinta quilômetros ao norte da prisão, e era ali que a maior parte dos detentos que procuravam fugir eram agarrados pelos cajuns, que os levavam de volta à prisão para receberem a gratificação de dez dólares por cabeça paga pelo Estado. Presumia-se que os que não tivessem sido capturados houvessem morrido no pântano. Porém, nos vinte anos de existência da prisão, apenas dois casos desses estavam registrados.

Já havia se passado algum tempo desde que Max chegara ali, quando, numa manhã de maiô, o ajudante que revistava as cabanas disse a um dos guardas que um prisioneiro chamado Jim Reeves estava ausente.

— Não está nas cabanas? — perguntou o guarda.

— Nem lá nem nas latrinas. Já verifiquei.

— Então fugiu. Deve ter pulado o muro à noite.

— Esse Jim Reeves, com certeza, é um grande idiota. Bem, vou dar parte ao diretor.

Estavam todos formados em fila diante da cozinha, recebendo a ração da manhã, quando Max viu um dos guardas sair da prisão e tomar o caminho da aldeia.

Sentou para comer, encostado à parede de uma das cabanas, e ficou olhando até o guarda desaparecer na estrada. Mike, o enorme presidiário preto que servia como ajudante e lhe dera as dez chibatadas no dia da chegada, sentou ao lado dele.

— E só isso que fazem quando algum preso foge? — perguntou Max.

— Que queria que se fizesse? O homem será pego. Espere só.

Tinha razão. No dia seguinte, na hora em que estava de novo tomando a ração matinal, Jim Reeves voltou. Vinha sentado num carro, entre dois cajuns armados com espingardas compridas. Os demais prisioneiros ficaram observando em silêncio.

Quando voltaram do trabalho naquela tarde, Jim Reeves foi amarrado a um poste, completamente despido. Os guardas arrumaram os prisioneiros em volta, para que todos pudessem assistir ao castigo antes de comer.

O diretor esperou que todos os homens estivessem a postos para começar a falar.

— Todos sabem qual é a pena para uma tentativa de fuga: dez chibatadas e quinze dias de solitária por dia de ausência. — Disse isso, virou-se para Mike e acrescentou: — Não quero que ele perca os sentidos. Quero que fique consciente para deplorar a insensatez do que fez.

Mike assentiu com a cabeça e avançou para o homem amarrado ao poste. Os músculos de suas costas se retesaram e a língua comprida do chicote se enroscou levemente em torno do corpo do detento. Quase parecia havê-lo acariciado delicadamente, mas quando Mike puxou o instrumento de volta, uma comprida fita de sangue borbulhou e surgiu à flor da pele.

No instante seguinte, o presidiário gritou. A punição continuou em ritmo cadenciado. Jim Reeves urrava toda vez que o chicote lhe arrancava finas tiras de carne. Ele desmaiou três vezes antes do término daquele suplício. Quando isso acontecia, o diretor mandava jogar um balde de água em cima dele para reanimá-lo, determinando, então, a continuação das chibatadas.

No fim, Jim Reeves ficou pendurado no poste, inconsciente. O sangue corria pelas costas, dos

ombros às coxas,

— Desamarrem-no e levem-no para a solitária — ordenou o diretor.

Em silêncio, os homens começaram a se espalhar e fizeram fila para receber a comida. A solitária era um cubículo de aço quadrado, com pouco mais de metro e meio de cada lado. Não havia espaço nem para caminhar; nem para ficar de pé, nem mesmo para estender inteiramente o corpo. O espaço só dava para ficar agachado ou com o corpo apoiado nos pés e nas mãos como um animal. Não havia a menor proteção do sol ou da chuva.

Durante trinta dias, Jim Reeves ali ficaria como um animal — sem roupas, sem cuidados médicos, vivendo a pão e água. Ficaria ali com suas dores, no meio dos seus excrementos, e ninguém poderia falar com ele ou dar-lhe qualquer ajuda, sob pena de receber igual castigo.

Max apanhou o prato de carne e feijão e o levou para um lado da cabana de onde não era possível ver a solitária. Sentou no chão e começou a comer devagar.

Mike chegou perto dele. O rosto do enorme negro estava banhado de suor. Max ao vê-lo perdeu a vontade de comer. Largou o prato no chão, enrolou um cigarro e o acendeu.

— Não está com fome? — perguntou Mike. — Sou capaz de comer a sua parte também.

Sem nada dizer, Max virou o prato, jogando no chão o resto da comida.

— Por que fez isso? — Mike ficou surpreso.

— Agora, já sei por que você serve aqui de ajudante de guarda, em vez de ir embora deste inferno. Quando empunha aquele chicote, você está ajustando contas com o mundo.

— É essa a sua ideia? — disse o negro, sem se alterar.

— Sim, é isso o que penso.

— Você não sabe de nada — retrucou o preto, pausadamente. — Há anos, logo que vim para cá, vi um homem levar uma surra dessas. Quando o tiraram do poste, ele estava todo aberto em feridas nas costas e na frente. Morreu daí a dois dias. Ninguém ainda morreu desde que sou eu quem dá as chicotadas. E já faço isso há mais de doze anos. Se você olhasse bem, veria que não há uma só marca de chicote na frente de Jim Reeves, nem uma sobre outra. Sei que há muita coisa errada no que faço, mas alguém tem de dar as chicotadas. E posso muito bem ser eu, que não gosto de machucar os outros. Mesmo sujeitos como Jim Reeves.

Max sentiu-se um pouco melhor depois de ouvir isso. Sem dizer uma só palavra, tirou a bolsa com fumo e papéis de cigarro do bolso. Ofereceu ao preto. Mike aceitou e enrolou um cigarro. Ainda em silêncio, os dois se recostaram na parede da cabana e ali ficaram, fumando.

Jim Reeves entrou na cabana. Saíra da solitária havia um mês, com uma crosta de sujeira, todo encurvado e com os olhos ferozes de um animal. Naquele momento aproximou-se, na escuridão, da cama de Max e bateu em seu ombro. Max sentou-se na cama.

— Quero sair daqui!

— Isso todos nós queremos — disse Max.

— Não brinque comigo, índio. Estou falando sério.

— Também estou falando sério. A verdade é que ninguém conseguiu fugir ainda.

— Estudei um bom meio — disse Reeves. — Mas só dará resultado se forem dois homens. Foi por isso que vim procurar você.

— Mas por que a mim? Por que não procura um dos homens condenados a sentenças longas?

— Porque quase todos eles são homens da cidade e não durariam dois dias no pântano;
— Agora tenho mesmo certeza de que você é maluco — replicou Max. — Ninguém pode atravessar o pântano. São sessenta quilômetros de areias movediças, jacarés e cobras. O único meio de fugir é pelo norte, pelo lado da aldeia.

— Eu também pensei assim. Tudo foi fácil, pular o muro e pegar a estrada. Nem puseram os cachorros atrás de mim. Não havia necessidade. Todos os malditos cajuns saíram à minha procura. Tem de ser pelos pântanos. Com um bote...

— Um bote! — exclamou Max. — E onde é que vamos arranjar um bote?

— Vou dizer. O tempo da colheita de arroz vem aí. O diretor costuma ceder-nos aos donos dos arrozais e receber o dinheiro que pagam pelo nosso trabalho. Os arrozais ficam dentro da água. E há sempre botes por lá.

— Não sei... — murmurou Max, em dúvida.

— Não tem o que saber, rapaz. Quer perder ainda dois anos de sua vida aqui dentro? Tem tanto tempo assim para jogar fora?

— Vou pensar nisso e depois falo com você, Reeves.

Assim que Reeves saiu da cabana, Mike entrou, e foi diretamente à cama de Max.

— Como é? Veio convidar você para fugir com ele pelo pântano?

— Como sabe? — perguntou Max, cheio de surpresa.

— Já falou sobre isso com quase todo mundo e foi repellido por todos. Calculei então que em breve falaria com você. Mas não caia nessa asneira, rapaz. Por melhor que o plano possa parecer, não faça isso. Reeves pouco se importa com as consequências para os outros, o que ele quer é sair daqui.

Max tornou a deitar. Ficou de olhos abertos na escuridão, pensando. De tudo o que Reeves dissera, só uma coisa fazia sentido, a impossibilidade de passar dois anos ali dentro. Dali a dois anos, Max teria vinte e um anos.

— Homem, isto é comida de verdade! — disse Mike, entusiasmado diante de um prato cheio de toucinho, carne de porco, tripas, favas e batatas, sentando ao lado de Max.

Max o olhou com enfado. Começou a comer sem muita vontade. Sem dúvida, era muito melhor que a comida da prisão. Por um mês inteiro, não viam carne como a que tinham no prato naquele momento. Mas ele não tinha fome. Tinha era cansaço, uma verdadeira estafa depois de colher arroz durante todo o dia. Achava que jamais conseguiria vencer aquele cansaço.

Reeves e outro prisioneiro sentaram diante dele, do outro lado da mesa. Reeves olhou para ele e falou, com a boca cheia de comida:

— Já pegou alguma pequena?

Max assentiu com a cabeça. Havia de sobra moças cajuns, jovens e fortes, com saias curtas e pernas e coxas musculosas, espalhadas pelos arrozais, trabalhando lado a lado com os homens de cabelo solto. O cheio de mulher entrava pelas narinas deles. Pouco lhes importava que os homens que ali estavam fossem prisioneiros. Eram homens, e em abundância.

— Estou muito cansado — disse Max. Largou o prato e esfregou o tornozelo, que doía não só por causa dos ferros mas também por ter andado dentro da água o dia inteiro.

— Pois eu não estou — disse o prisioneiro ao lado de Reeves. — Economizei forças o ano inteiro para esta semana. Vou me fartar o bastante para aguentar até o ano que vem.

— É melhor aproveitar, índio — disse Reeves. — Não há nada neste mundo igual a uma pequena cajun.

— Disse a verdade — exclamou com entusiasmo o outro prisioneiro.

— Já escolheu alguma? — perguntou Reeves a Mike, com um brilho frio de ódio nos olhos.

Mike não respondeu. Continuou calmamente a comer.

— Vi você no campo — disse Reeves, com o rosto sombrio. — Passeando de um lado para outro com o rifle na mão. Mostrando às pequenas o que tem dentro das calças.

Mike não respondeu. Começou a passar pedaços de pão no molho que ficara no prato.

Mas Reeves estava insistente.

— Sempre há uma pequena pouco certa do juízo à procura de algum negro com um membro do tamanho de meu braço. E aposto que você está louco para enfiá-lo em alguma branca. É só nisso que vocês negros pensam, em meter nas mulheres brancas.

Mike engoliu o último pedaço de pão. Olhou com decepção para o prato vazio e levantou.

— Estava gostoso de verdade!

— E com você que estou falando, negro — disse Reeves.

Pela primeira vez, Mike olhou para ele. Quase com displicência, curvou-se por cima de Max. Agarrou Reeves pela garganta e o suspendeu no ar.

— Estava falando mesmo comigo, rato de prisão?

Reeves estremeceu, com a voz sufocada na garganta.

— Lembre-se apenas de uma coisa, rato de prisão — disse Mike. — Eu sou um guarda e você é um prisioneiro. Se quiser continuar a ter tanta saúde, aprenda a calar o bico.

Reeves bateu os braços desordenadamente no ar. Seu rosto já estava começando a ficar

roxo. Mike o sacudiu mais duas ou três vezes e o jogou de encontro à parede, a cerca de dois metros de distância.

Reeves bateu na parede e escorregou até o chão, com os olhos fitos em Mike. Moveu os lábios, mas nenhum som saiu deles.

— Vejo que está aprendendo — disse Mike, que em seguida pegou o prato vazio e acrescentou: — Vou ver se arranjo um pouco mais de comida. Juro que foi a melhor que já provei aqui.

Reeves se levantou logo que o guarda saiu.

— Vou matar esse negro! — exclamou, irado. — Palavra de honra que, antes de sair daqui, ainda mato esse negro!

Havia um ar de expectativa no barracão naquela noite. Max se estendeu na cama. Sentiu-se contagiado pela ansiedade geral. De repente, deixara de estar cansado ou de ter vontade de dormir.

O guarda havia verificado os ferros que prendiam cada homem aos pés da cama. Depois, chegando à porta, deu uma gargalhada e saiu.

Quase imediatamente, Max ouviu alguém riscar um fósforo. Voltou a cabeça para onde uma leve claridade brilhava no meio da escuridão. Um dos homens acendera uma vela, que brilhava à cabeceira de sua cama.

Houve risos contidos aqui e ali. Max ouviu alguém dizer:

— Ao menos desta vez poderemos ver a cara delas.

— Pouco me interessa a cara — disse outro. — Quero é uma de peitos bem grandes.

E outro ainda, com voz rouca:

— Sua pica já deve ter esquecido o que se deve fazer. Pegou o costume de se servir de sua mãozinha branca.

Os risos foram gerais. Passou cerca de meia hora. Max ouvia os movimentos nervosos dos homens se agitando nas camas.

— E se elas não aparecerem? — perguntou alguém ansiosamente.

— Vão aparecer, sim — disse outro. — Estão tão ansiosas por isso quanto nós.

— Aiii! — gemeu alguém, angustiado, no outro extremo do barracão. — Não aguento mais. Passei o dia todo pensando nesta noite...

Durante algum tempo, nada mais se ouviu senão o barulho dos prisioneiros, que se agitavam inquietos nas camas. Max sentia o suor banhar-lhe a fronte e o coração bater com força. Virou-se de barriga para baixo, sentindo o doce e forte calor do colchão invadir seu corpo. Por um instante se contraiu, empolgado por ansioso desejo, mas fez força e tornou a ficar de barriga para cima. Enrolou um cigarro. Seus dedos estavam trêmulos. Acendeu-o e aspirou profundamente a fumaça.

— Não virão mais — disse alguém, com uma voz de quem estava prestes a chorar.

— Não são mais que um punhado de fêmeas depravadas. Por mim poderiam ir para o inferno! — vociferou outro.

Max estava fumando, em silêncio. A luz da vela bruxuleou e se apagou, deixando o barracão às escuras.

— Como está indo, rapaz? — perguntou Mike, da cama vizinha.

— Bem.

— Passe-me essa ponta de cigarro que eu quero puxar uma fumaça.

Suas mãos se tocaram de leve. O cigarro brilhou fracamente no rosto de Mike enquanto ele aspirava a fumaça.

— Não se preocupe, rapaz — disse ele em voz baixa e tranquilizadora. — Elas entrarão a qualquer momento, agora que a vela apagou. O que esses idiotas não compreendem é que as mulheres não querem vê-los do mesmo modo que não querem ser vistas.

Um instante depois, a porta do barracão se abriu e as mulheres foram entrando em silêncio; até mesmo o rumor de seus passos era quase imperceptível.

Max virou-se na cama, esperando poder ver alguma coisa da que iria para ele. Mas não podia ver senão sombras deslizando e se perdendo na escuridão. Uma mão lhe tocou o rosto e ele teve um sobressalto.

— Você é jovem ou velho? — perguntou uma voz sussurrante.

— Jovem.

A mulher pegou sua mão e a levou a seu rosto. Por um momento, Max acariciou aquele rosto macio e quente. Sentiu os lábios dela tremerem debaixo de seus dedos.

— Quer que eu fique com você? — perguntou ela.

— Quero.

Ela subiu rapidamente para a cama e Max enterrou a cabeça no macio seio da mulher. Um intenso calor inundou suas entranhas.

Como se viesse de uma grande distância, ouviu um homem dizer baixinho:

— Querida, minha querida esposa. Nem sabe a falta que tenho sentido de você.

Max virou o rosto para a mulher. Quando a beijou, sentiu que as lágrimas lhe rolavam pelas faces e compreendeu que ela também ouvira.

Fechou os olhos. Como poderia dizer àquela mulher, que nem podia ver, o que estava sentindo? Como poderia dizer que ela trouxera gentileza e amor para ele?

— Obrigado — ele sussurrou, agradecido. — Obrigado, muito obrigado.

No quarto dia de trabalho nos arrozais, Reeves chegou perto dele.

— Estava querendo falar com você — disse —, mas tive de esperar um momento em que aquele maldito negro não estivesse por perto. Já arranjei um bote.

— O quê?

— Fale mais baixo. Está tudo combinado. Vai ficar naquele bosquezinho de ciprestes ao sul da prisão um dia depois de nós voltarmos.

— Como sabe?

— Arranjei com minha pequena. Está tudo certo.

— Tem certeza de que ela não está enganando você?

— Claro que tenho. Essas pequenas cajuns são todas a mesma oisa. Prometi que a levaria para Nova Orleans se ela me ajudasse a fugir. O bote estará lá, você vai ver. O esconderijo que ela vai arranjar é perfeito. Ficaremos lá até desistirem das buscas.

Naquela noite, na hora da comida, Mike sentou ao lado de Max. Durante muito tempo, só se ouviu o barulho das bocas mastigando e das colheres batendo nos pratos.

— Você vai fugir com Reeves agora que ele tem o bote? — perguntou Mike, de repente.

Max olhou espantado para ele.

— Já sabia disso?

— Não há segredos num lugar como este.

— Não sei ainda se vou.

— Escute, rapaz — disse o negro. — Trinta dias de solitária são muito mais compridos que o ano e meio que lhe falta.

— Mas talvez a gente consiga fugir.

— Não conseguirão — disse Mike, tristemente. — A primeira coisa que o diretor faz é soltar os cachorros. Se os cachorros não resolverem o caso, o pântano resolverá.

— Como sabe que fugiremos pelo pântano? — perguntou Max. — Você não vai dizer ao diretor, vai?

— Você nem devia dizer uma coisa dessas. Posso ser ajudante de guarda, mas sou prisioneiro como vocês e não alcaguete. O diretor vai saber de tudo por sua conta. Quando um homem foge sozinho sempre vai pela estrada. Dois sempre vão pelo pântano. E essa a regra.

Max continuou a fumar em silêncio.

— Por favor, não fuja, rapaz — disse Mike. — Não me obrigue a fazer nada contra você. Quero ser seu amigo.

Max olhou para ele e sorriu. Colocou a mão no ombro do preto e disse com sinceridade:

— Aconteça o que acontecer, você será sempre meu amigo.

— Você vai fugir, Max. Já pôs isso na cabeça — disse Mike, levantando e afastando-se devagar.

Max ficou observando-o, confuso. Como Mike podia saber o que ele ainda não sabia?

Mas foi só na noite seguinte, depois de pular o muro e correr como um louco até o bosque de ciprestes com Reeves, que compreendeu como Mike estava certo.

Reeves começou a procurar entre os ciprestes, mergulhado até os joelhos na água escura e estagnada do pântano. Até que começou a praguejar.

— Aquela cadela! Aquela cajun mentirosa e ordinária!

Não havia bote algum ali.

Seguiram por entre os caniços, andando dentro da água, que lhes chegava até a cintura. Alcançaram uma espécie de ilhota de terra mais firme no meio do pântano e pararam para descansar. Estavam ofegantes e respiravam em grandes haustos. Ao longe, ouviam-se latidos de cachorros.

Reeves enxotou os insetos em torno da cabeça e disse, com os lábios inchados:

— Estão chegando mais perto.

Max olhou para o companheiro. O rosto de Reeves estava todo inflamado e deformado pelas picadas dos insetos. As roupas estavam em farrapos.

— Como sabe que não estamos andando em círculo? — perguntou a Max. — Três dias já se passaram e ainda não vimos nada.

— Se estivéssemos andando em círculo, já teríamos sido agarrados.

— Não aguento mais — disse Reeves. — Estou para ficar maluco de tanto mosquito me picando. Vou deixar que me peguem.

— Você pode fazer isso, mas eu não. Que adianta ter andado tanto para depois voltar e ficar preso na solitária? Vamos! Já descansamos bastante.

— Escute aqui. Por que é que você não se incomoda com os mosquitos? Talvez não gostem de seu sangue índio.

— Talvez seja isso. Talvez seja também porque eu não me coço. Vamos.

— Não podemos passar a noite aqui?

— Nada disso. Ainda temos duas horas de luz. Podemos andar mais uns dois quilômetros. Vamos!

Dizendo isso, entrou na água. Não olhou para trás, mas um momento depois, ouviu Reeves fazendo a mesma coisa. Estava quase escuro quando encontraram outra elevação de terra.

Reeves estendeu-se no chão. Max olhou para ele e por um momento quase teve pena. Depois, lembrou-se do ódio feroz que havia no coração de Reeves e deixou de ter pena dele. Ele devia saber o que estava fazendo.

Max tirou a faca e cortou uma vara forte de caniço. Em seguida, entrou na água. Ali ficou imóvel durante quase quinze minutos até ver uma sombra indistinta passando no fundo da água. Prendeu a respiração, e esperou que o vulto chegasse mais perto. No momento exato, agiu com rapidez.

Quando tirou a lança da água trazia espetado nela um grande bagre.

— Pegamos um bem grande desta vez — disse, voltando para junto de Reeves. Agachou-se ao lado dele e começou a tirar o couro do peixe.

— Acenda um fogo — disse Reeves, levantando. — Vamos comer este assado.

Max, que já estava mastigando um pedaço de peixe, sacudiu a cabeça.

— Sente-se a léguas de distância o cheiro de um fogo.

— Pouco me importa — disse Reeves com raiva. — Não sou índio como você. Não posso comer peixe cru.

Andou por ali colhendo gravetos até juntar o suficiente para fazer uma pequena fogueira. Meteu a mão no bolso e tentou riscar um fósforo. Não conseguiu, e murmurou desconsolado:

— Estão molhados.

— Sim? — disse Max, que continuava a comer tranquilo o peixe. A carne era esponjosa e oleosa, mas ele mastigava cada pedaço demoradamente, só engolindo um pouco de cada vez.

— Você podia fazer um fogo — disse Reeves.

— Como?

— Do jeito dos índios, esfregando dois paus juntos.

— Não dará resultado — disse Max, rindo. — Toda a madeira por aqui está muito úmida. Coma um pedaço do peixe. Não é tão ruim assim se você mastigar muito.

Reeves pegou o peixe, agachou-se ao lado de Max, e começou a mastigar. Um momento depois, cuspiu fora.

— Não posso comer isso! — exclamou. Cruzou os braços sobre o peito e disse tremendo um pouco: — Como está ficando frio aqui!

Max sabia que não era o frio. O rosto de Reeves estava cheio de gotas de suor e ele começava a tremer.

— Deite-se, Reeves. Vou cobri-lo com um pouco de mato para você não sentir frio.

Reeves se estendeu no chão e Max tocou seu rosto. Estava ardendo em febre. Max tratou de juntar mato para fazer de algum modo um cobertor.

Reeves ser atacado de malária naquela hora iria complicar muito as coisas. Depois de alguma hesitação, tirou um fósforo de uma bolsa bem fechada de oleado e acendeu um fogo.

Reeves continuava a tremer convulsivamente debaixo do cobertor de relva do pântano e a gemer por entre os dentes que batiam. Max olhou para o céu. A noite estava chegando quase ao fim. Suspirou distraidamente. Ficou imaginando quanto tempo os guardas levariam ainda para alcançá-los.

Cochilou sentado, balançando levemente o corpo. Um barulho estranho foi registrado no subconsciente e ele acordou instantaneamente.

Agarrou sua lança de pesca e agachou-se. Tornou a ouvir o barulho. Fosse o que fosse, era grande. Ouviu de novo o barulho, mais forte dessa vez. Tomou a melhor posição para arremessar a lança. Não valia grande coisa, mas era a única arma de que dispunha.

Foi então que Mike apareceu ao lado dele, com o rifle nos braços.

— Você é um tolo, rapaz — disse a Max. — Devia ter juízo bastante para não acender fogo aqui.

Max levantou-se. Tudo estava perdido e, então, se sentiu tomado de cansaço. Apontou para o homem doente.

— Ele pegou a febre.

— Está certo — murmurou Mike. — O diretor tinha razão. Calculou que Reeves cairia doente ao fim de três dias no pântano.

Mike sentou-se junto ao fogo e aqueceu as mãos.

— Esse fogo está gostoso. Mas você não devia ter esperado, rapaz.

— Que mais eu podia fazer?

— Ele no seu lugar não teria esperado.

— Mas eu tinha de esperar, Mike.

— Talvez seja melhor você ir andando agora — disse o negro, com os olhos no chão.

— Que quer dizer com isso?

— Vá embora!

— E o resto da patrulha?

— Vão levar umas duas horas para chegar aqui. E ficarão satisfeitos quando pegarem Reeves.

Max ficou um instante indeciso, com os olhos voltados para o pântano. Depois murmurou:

— Não posso fazer uma coisa dessas.

— Você é mais idiota do que eu pensava, rapaz. Se fosse ele, a estas horas estaria bem longe daqui.

— Fugimos juntos — disse Max calmamente — e é justo voltarmos juntos.

— Está bem, rapaz — disse Mike numa voz resignada. — Apague esse fogo.

Com o pé, Max jogou o resto do fogo dentro da água. Mike então pegou Reeves como se fosse uma criança e o botou no ombro. Max entrou no pântano e começou a andar na direção da prisão.

— Para onde vai, rapaz?

Max parou e virou-se ao ouvir a voz de Mike.

— O fim do pântano fica a coisa de quarenta quilômetros nesta direção — continuou Mike, apontando para o outro lado.

— Você não pode fazer isso, Mike. Você oficialmente nem é mais prisioneiro.

— Tem razão. Não sou mais prisioneiro. E isso quer dizer que posso ir para onde eu quiser sem ter que dar satisfação a ninguém.

— Mas é diferente se pegarem você me ajudando.

— Se nos pegarem, seremos pegos. O que eu sei é que não quero pegar no chicote para bater em você. Somos amigos mesmo, sabe disso, rapaz?

Oito dias depois saíram do pântano. Estenderam-se no chão firme e seco, procurando respirar profundamente. Max levantou a cabeça. Ao longe, viu um pouco de fumaça no horizonte.

— Há uma cidade ali — disse, animado. — Poderemos conseguir alguma comida que valha a pena.

— Calma — disse Reeves, segurando-o pelo braço e o impedindo de levantar. Ainda estava amarelo pelo acesso de febre que já havia passado. — Se é uma cidade, deve haver um armazém. Vamos assaltá-lo esta noite. Não podemos facilitar. Pode ser que estejam à nossa espera.

Max olhou para Mike e o negro assentiu com a cabeça. Atacaram o armazém às duas da madrugada. Quando saíram, estavam todos de roupa nova, bem armados e com quase dezoito dólares que haviam retirado da gaveta do caixa. Max queria roubar três cavalos da cocheira. — Vê-se logo que é um índio — disse Reeves sarcasticamente. — Seguirão o nosso rastro a cavalo muito mais depressa que a pé. Vamos ficar longe da estrada durante uns dois ou três dias, e então pensaremos em cavalos.

Dois dias mais tarde haviam arranjado cavalos. Depois de mais quatro dias, roubaram um banco numa cidadezinha e conseguiram mil e oitocentos dólares. E assim rumaram para o

Texas.

Max entrou em Fort Worth para esperar o trem que traria de Nova Orleans a filha de Jim Reeves. Sentou-se na cadeira do barbeiro e mirou-se no espelho. Aquela cara não era mais de garoto. A barba preta lhe escondia os ossos malares proeminentes. Nem parecia mais um índio.

Max se levantou da cadeira.

— Quanto devo?

— Meio dólar pelo cabelo e vinte e cinco cents pela barba aparada.

Max pagou com um dólar de prata e saiu. Ao vê-lo, Mike saiu de onde estava, encostado à parede de uma casa, e começou a andar a seu lado.

— O trem já deve estar chegando — disse Max — e nós podemos ir para a estação.

Três anos e meio antes, haviam chegado a Fort Worth com sete mil dólares nos alforjes das selas. Deixavam para trás dois bancos roubados e dois mortos. Mas tinham tido sorte. Nenhum deles fora identificado e haviam sido considerados desconhecidos.

— Parece uma boa cidade — disse Max, entusiasticamente. — Contei dois bancos no caminho até aqui.

— Isso está encerrado para nós — disse Reeves, da cadeira onde estava sentado no quarto do hotel barato. Max perguntou:

— Por quê? Parecem fáceis.

— Foi o erro que cometi da outra vez — disse Reeves. — Não parei quando cheguei a hora de parar.

— E o que vamos fazer? — perguntou Max.

— Vamos procurar alguma coisa honesta. As oportunidades aqui são grandes. A terra é barata e o Texas está crescendo.

Reeves achou a ocupação honesta que procurava numa cidadezinha, cento e quinze quilômetros ao sul de Fort Worth. Um *saloon* e uma casa de jogo. Daí a menos de dois anos se transformara no mais importante homem do lugar. Fundou um banco num canto do *saloon* e, pouco depois, começou a comprar terras. Já se falava até de sua eleição para prefeito.

Comprou um pequeno rancho fora da cidade, fez reformas na casa e se mudou dos aposentos que ocupava no andar de cima do *saloon*. Pouco depois, transferiu o banco para um pequeno edifício na rua principal e deixou Max dirigindo o *saloon*. Em menos de um ano, o povo começou a se acostumar com o fato de Reeves ser o banqueiro da cidade, e não mais o dono do *saloon*. E assim começou a enriquecer. Precisava de mais uma coisa apenas para completar sua máscara de respeitabilidade. Uma família. Mandou fazer investigações discretas em Nova Orleans. Soube que a mulher tinha morrido e que sua filha estava vivendo com a família da mãe. Mandou um telegrama e recebeu outro em resposta, avisando que a filha chegaria a Fort Worth no dia 5 de março.

Max olhava da plataforma os passageiros que desembarcavam.

— Você sabe como ela é? — perguntou Mike.

— Só sei o que Jim me disse, e faz dez anos que ele não a vê.

Pouco a pouco, os passageiros foram saindo até que só ficou uma moça, rodeada de várias malas e uma mala. Olhava de um lado para outro da plataforma.

— Acha que é ela? — perguntou Mike.

Max encolheu os ombros.

Dirigiram-se para a moça e Max tirou seu chapéu Stetson.

— Srta. Reeves?

Um sorriso de alívio iluminou o rosto da jovem.

— Muito prazer em conhecê-lo — disse ela. — Já estava até pensando que papai não havia recebido meu telegrama.

Max retribuiu o sorriso.

— Sou Max Sand. Seu pai mandou-me vir esperá-la.

— Eu de certo modo já esperava por isso — replicou ela, com uma ponta de tristeza. — Papai vive tão ocupado que há dez anos não aparece em casa.

Max compreendeu que ela não sabia que o pai tinha estado na prisão.

— Vamos — disse ele, gentilmente. — Há um quarto à sua disposição no Palace Hotel. Pode arrumar-se e dormir lá esta noite. A viagem para casa leva uns dois dias, e só começaremos amanhã.

Vinte minutos depois, quando chegaram ao hotel, Max estava apaixonado pela primeira vez na vida.

Max amarrrou o cavalo em frente à casa do rancho de Reeves. Subiu os degraus da varanda da casa e bateu na porta. A filha de Reeves foi atender e ele notou que ela estava com o rosto cansado e vermelho, como se houvesse chorado.

— Ah, é você! — disse ela em voz baixa. — Entre.

— Que foi que houve? — perguntou, tentando segurar-lhe a mão.

A moça afastou-se e perguntou sem encará-lo:

— Por que não me disse que era um homem fugido da prisão?

— Isso faria alguma diferença, Betty? — perguntou ele, friamente.

— Claro que sim — respondeu ela, asperamente. — Eu nunca teria deixado as coisas chegarem a esse ponto se soubesse a verdade.

— Agora já sabe — insistiu ele. — Acha que tem importância?

— Tem, sim. E não me pergunte mais nada. Estou tão confusa!

— O que mais seu pai lhe disse?

— Disse que eu não posso casar com você. Não só por isso, mas também porque você... você é mestiço e tem sangue de índio!

— E só por isso você deixou de me amar?

— Não sei, não sei... — murmurou ela, depois de um longo silêncio.

Max colocou as mãos em seus ombros e disse com voz rouca:

— Betty, ontem à noite você me beijou e jurou que me amava. Não mudei nada de ontem para hoje.

Ela ficou calada e imóvel. Depois, afastando-se dele, disse:

— Não toque em mim!

Max a encarou, cheio de curiosidade, e murmurou:

— Não é preciso ter medo de mim!

Ela escapou de suas mãos e repetiu:

— Não toque em mim!

Dessa vez, o medo que havia na voz da moça era tão pronunciado que Max não poderia deixar de perceber. Sem dizer mais nada, deu-lhe as costas e saiu da casa.

Foi diretamente para o banco na cidade e entrou na sala dos fundos, onde ficava o gabinete de Reeves.

O banqueiro o olhou por trás de sua escrivaninha de tampa corrediça.

— Que história é essa? Isso são maneiras de entrar aqui? — interpelou-o.

— Não venha com lorotas para cima de mim, Reeves. Você já me aprontou uma boa com Betty.

Reeves recostou-se na cadeira e riu.

— É só isso?

— Para mim chega. Na noite passada ela havia prometido casar comigo.

— Francamente, Max. Pensei que fosse mais inteligente.

— Nada mais importa agora, Reeves. Vou embora.

— Está mesmo resolvido?

— Estou.

— Vai levar o negro também?

— Vou. Mas só depois de você pagar a nossa parte.

Reeves virou a cadeira e tirou algumas notas do cofre às suas costas. Jogou-as na frente de Max:

— Pronto!

Max contou o dinheiro e olhou para Reeves.

— Só há quinhentos dólares aqui.

— E quanto você esperava?

— Chegamos a Fort Worth com sete mil dólares. A minha parte só nisso é de dois mil e trezentos dólares e não estamos perdendo dinheiro na casa de jogos. Você deve a mim e a Mike, no mínimo, cinco mil dólares.

— Não vou discutir com você — disse Reeves. — Afinal de contas, passamos por muita coisa juntos. Se é esse o seu cálculo, é isso que vai receber.

Contou o dinheiro em cima da escrivaninha. Max apanhou as notas, guardou-as no bolso e comentou:

— Nunca pensei que fosse capaz de pagar com tanta facilidade.

Já estava na rua a caminho do *saloon*, quando ouviu às suas costas alguém gritar-lhe que parasse. Voltou-se lentamente. O xerife e dois ajudantes avançavam para ele de armas em punho. Reeves estava com eles.

— O que há, xerife? — perguntou Max.

— Reviste-o — exclamou Reeves. — Ainda deve ter nos bolsos o dinheiro que me roubou.

— Roubou? — replicou Max. — Esse homem está louco! Esse dinheiro é meu. Ele me devia e me pagou.

— Afaste a mão de seu revólver — ordenou o xerife, avançando cheio de precaução. Meteu

a mão no bolso de Max e tirou um punhado de notas.

— Viu? — gritou Reeves. — Não disse?

— Canalha, filho da puta! — exclamou Max, explodindo finalmente e avançando para Reeves. Mas, antes de poder alcançá-lo, o xerife o atingiu com uma coronhada na cabeça. Foi exatamente nesse momento que Mike chegou à janela do quarto do *saloon* e viu o que estava acontecendo.

Reeves olhou para Max estendido no chão e disse:

— Eu devia saber que não se pode confiar num mestiço!

— Peguem-no, rapazes — disse o xerife aos ajudantes —, e levem-no para a cadeia.

— Convém passar pelo *saloon* e levar também o negro amigo dele — disse Reeves. — Deve ser cúmplice nesse roubo.

Mike viu o xerife olhar para o *saloon* e dirigir-se para o mesmo. Não esperou mais nada. Desceu pela escada dos fundos e desapareceu da cidade.

Reeves ia a cavalo pela estrada. Voltava para seu rancho, cantarolando baixinho. Estava muito contente. Pela primeira vez se sentia em segurança. Max não se atreveria a falar; pois isso serviria apenas para piorar a situação. E o negro desaparecera. Só mesmo um negro para fugir assim quando as coisas ficavam difíceis. Ia tão engolfado nesses pensamentos que nem ouviu o estalar do chicote de Mike, que o derrubou do cavalo.

Conseguiu levantar-se e levou a mão ao revólver; mas outra chicotada fez a arma voar longe. Começou a rastejar de quatro, levantou-se num esforço desesperado e tentou correr. Mike avançou lentamente e, brandindo o terrível chicote, fez Reeves cair de novo, pegando-o pelas pernas.

Reeves virou-se no chão e viu o braço de Mike levantar-se ao mesmo tempo que a longa cobra do chicote se desenroscava.

Deu um grito de terror ao sentir de novo o chicote rasgar-lhe a carne.

Bem cedo, na manhã seguinte, o xerife e seus dois ajudantes encontraram um corpo estendido na beira da estrada. Durante a noite, alguém havia arrebatado as grades da única cela da prisão e Max fugira.

O xerife e os ajudantes aproximaram-se do corpo e ficaram olhando. Um deles tirou o chapéu e enxugou o suor frio que lhe cobria a testa.

— Parece que é o banqueiro Reeves.

— *Era* Reeves — disse o xerife. — Engraçado... A única coisa que eu conheço capaz de deixar um homem nesse estado é um daqueles chicotes compridos que se usam nas prisões de Louisiana.

O nome da aldeia em espanhol era muito comprido e difícil de pronunciar para os americanos, de modo que eles logo lhe deram um nome particular, *Hideout* (Esconderijo). Era um lugar seguro para ficar quando não se tinha para onde ir; ou quando se estava cansado de dormir na planície fria e de comer carne e feijão numa lata de conserva. Seis quilômetros além da fronteira e a Justiça não podia fazer mais nada.

Era também o único lugar do México onde se podia conseguir uísque americano, mesmo que pagando quatro vezes mais do que valia.

O *alcalde* estava sentado a uma mesa nos fundos do *saloon* e viu os dois americanos entrarem. Sentaram à mesa perto da porta e o menor pediu tequila.

Era com interesse que o *alcalde* os olhava. Dentro em pouco, estariam saindo do lugar. Era sempre assim. Logo que chegavam, queriam tudo do melhor: O melhor uísque, os melhores quartos, as pequenas mais caras. Depois, o dinheiro ia acabando e começavam a reduzir as despesas. Mudavam-se para um quarto mais barato, dispensavam as mulheres e, por último, o uísque. Quando começavam a beber tequila, era sinal de que partiriam daí a pouco.

Pegou o copo e bebeu o resto de sua tequila. Era assim a vida. Olhou de novo para o americano que havia pedido a bebida. Havia nele alguma coisa que tinha chamado sua atenção. Deu um suspiro, pensando em sua mocidade. Juárez teria gostado daquele homem. O sangue índio que o *jefe* tinha sempre lhe mostrava quais eram os homens guerreiros. Pobre Juárez! Queria dar tantas coisas ao povo e tinha conseguido tão pouco! Nunca saberia se o *jefe*, antes de morrer, teria compreendido que uma das razões de seu insucesso fora o fato de o povo não querer tanto quanto ele pretendia lhe dar. Voltou então o pensamento para os americanos, recordando a primeira vez que os vira, três anos antes.

Haviam chegado à cantina sem fazer barulho, cansados e cobertos de poeira da viagem. Então, como agora, haviam sentado à mesma mesa, perto da entrada.

Garrafa e copos já estavam na mesa, quando um grandalhão que estava bebendo no balcão se aproximou deles e falou ao mais baixo, sem dar a menor atenção ao outro:

— Não admitimos negros aqui neste *saloon*.

O americano nem levantou os olhos para ele. Encheu primeiro o copo de seu amigo, depois o dele. Começou a beber.

O copo despedaçou-se no chão e um silêncio de morte se fez sobre a cantina.

— Saia daqui com seu negro — insistiu o grandalhão. Encarou-os por um momento e então voltou para o balcão.

O negro fez menção de levantar, mas o outro, com um olhar, o fez continuar sentado.

Foi só quando o americano levantou para ir até o balcão que o *alcalde* viu que ele não era pequeno como havia julgado. Só em comparação com o negro é que parecia pequeno.

— Quem faz as leis aqui? — perguntou ele calmamente ao homem do bar.

— O *alcalde*, *señor* — o homem do bar apontou para a mesa do fundo.

O americano caminhou para lá. Os olhos dele surpreenderam o *alcalde*. Eram de um azul muito escuro. Falou em espanhol, com um traço de sotaque cubano.

— Aquele mal-educado disse a verdade, *señor*?

— De modo algum — respondeu o *alcalde*. — Todos os que tiverem dinheiro para pagar têm direito a entrar aqui.

O homem agradeceu e voltou ao bar. Bateu nas costas do grandalhão.

— O *alcalde* diz que meu amigo pode ficar — advertiu.

— E quem se importa com o que um velho imundo diz? Só porque estamos do outro lado da fronteira, isso não quer dizer que se tenha de beber em companhia de negros.

— Meu amigo come comigo, bebe comigo, dorme comigo e não vai sair daqui — disse ele, com voz fria. Depois virou-se de costas calmamente e voltou para sua mesa.

Estava sentado, quando o americano zangado avançou para ele.

— Se você gosta tanto de negros, agora vai ter de ficar junto com um negro morto! — gritou, puxando o revólver.

O americano deu a impressão de não ter feito qualquer movimento, mas num instante o revólver apareceu em sua mão com a fumaça saindo do cano e o eco de um tiro morrendo nas paredes da cantina. O americano intrometido estava estendido no chão, morto, perto do balcão.

— Peço desculpas pelo que provocamos contra a hospitalidade de sua encantadora vila — disse o americano ao *alcalde*.

— Não tem importância. Teve toda razão. O homem era mal-educado e inoportuno.

Quase três anos depois, o *alcalde* ainda se lembrava perfeitamente de tudo. O americano tinha a elegância natural de uma pantera. E como era ligeiro com uma arma, caramba! Nunca vira nada igual. Parecia até que o revólver é que pulava para a mão dele, como se tivesse vida própria. Juárez teria tido orgulho de um homem assim.

Várias vezes por ano, os dois amigos desapareciam e voltavam semanas ou meses depois. E a cada vez traziam dinheiro para pagar os quartos, as mulheres, o uísque.

Mas sempre o *alcalde* percebia neles uma solidão crescente, cada vez mais profunda. Havia ocasiões em que sentia pena deles. Não eram como os outros que apareciam na aldeia. Aquela vida não tinha encantos para eles.

E agora estavam outra vez bebendo tequila. Quantas vezes ainda sairiam assim até o dia em que nunca mais voltassem? Nem para aquela aldeia, nem para outro lugar daquela terra?

Max bebeu a tequila e mordeu um pedaço de limão. O sumo ácido lhe chegou à garganta, dando à boca uma sensação de limpeza e frescura.

— Quanto ainda temos? — perguntou a Mike.

— Talvez dê para umas três semanas — respondeu Mike, depois de pensar um pouco.

— O que devíamos fazer é dar um grande golpe, Mike. Talvez depois disso pudéssemos ir para a Califórnia ou para Nevada, num lugar onde ninguém nos conhecesse, e levar ali uma vida diferente. Como o dinheiro acaba depressa neste lugar!

— Acaba, mesmo, Max. Mas a solução não é dar um golpe. Temos é de nos separar. Estão procurando por nós dois, juntos. Quando me veem, é como se eu o denunciasses, carregando um grande cartaz com seu nome escrito!

— Está querendo livrar-se de mim, não é? — Max sorriu, tomando mais um gole de tequila e chupando outra rodela de limão.

— Talvez, sozinho, você possa assentar num lugar e viver uma vida direita, sem precisar mais fugir.

— Fizemos um trato de ficar juntos. Se conseguirmos bastante desta vez, iremos para a Califórnia.

Nesse momento, a porta se abriu e apareceu um enorme *cowboy* ruivo, que se aproximou da mesa deles e deixou-se cair numa cadeira vazia.

— O velho Charlie Dobbs chegou mesmo na hora — disse ele, rindo. — Essa tequila vai acender uma fomalha no estômago de vocês. Garçom, uma garrafa de uísque!

O homem do bar trouxe o uísque e os copos. Charlie encheu os copos e eles beberam.

— Que veio fazer aqui, Charlie? — perguntou Max. — Pensei que estivesse a caminho de Reno.

— Estava. Mas deparei com a o maior lance que já vi na vida. É bom demais para ser desperdiçado.

— Qual é o serviço? — perguntou Max, aproximando-se dele por sobre a mesa.

— Um banco novo — disse Charlie, baixando a voz. — Lembra-se de eu haver dito na última vez que nos vimos que estavam tirando petróleo no Texas? Decidi passar por lá para ver como eram as coisas. O petróleo é uma das coisas mais malucas que já apareceram. Cava-se um poço bem fundo na terra e em vez de água sai o óleo preto que chamam de petróleo. Enchem os barris com ele e mandam tudo para o leste. O petróleo custa muito caro e os bancos de lá estão cheios da grana.

— Parece coisa boa — disse Max. — Qual é a jogada?

— Um homem do lugar conseguiu o serviço e precisa de ajuda. Quer a metade. O resto é para dividir entre nós.

— É justo. O que você acha, Mike?

Mike concordou, balançando a cabeça.

— Para quando é o serviço?

— Logo depois do Ano Novo. O banco tem recebido um bocado de dinheiro para novas perfurações. Temos de partir amanhã. Levei duas semanas para chegar aqui.

Max entrou no *saloon* atrás de Charlie Dobbs. Estava apinhado de trabalhadores e de *cowboys*. As mesas de jogo estavam atopeçadas de gente. Havia gente se acotovelando à espera de um lugar para jogar.

— Que foi que eu disse? — murmurou Charlie. — Não falei que este é um lugar cheio de dinheiro?

Dirigiu-se para o balcão e aproximou-se de um homem que estava ali sozinho.

— Como você demorou a voltar! — disse o homem em voz baixa.

— Foi uma longa cavalcada, Ed,

— Está bem. Vá encontrar-se comigo lá fora — disse Ed, jogando uma moeda em cima do balcão. Ao sair deu uma olhada para Max.

Max viu dois olhos miúdos, inexpressivos. O homem parecia andar perto dos cinquenta e tinha um bigode amarelado que lhe caía dos cantos da boca. Max teve a impressão de que o conhecia, mas não pôde lembrar-se de onde.

O homem estava à espera deles na rua. Seguiu na frente e levou-os para um beco escuro entre dois prédios.

— Eu disse que precisávamos de quatro homens — exclamou ele, nervosamente.

— Há outro homem, Ed — disse Charlie. — Está esperando fora da cidade.

— Está bem. Chegaram na hora. Amanhã, sexta-feira, à noite, o presidente e o caixa do banco trabalham até tarde para preparar as folhas de pagamento do pessoal dos poços. Geralmente acabam o serviço às dez horas. Podemos esperá-los e, quando estiverem saindo, nós os forcemos a voltar. Dessa maneira, poderão abrir o cofre para nós e não será preciso arrombá-lo.

— Por mim, está certo — disse Charlie. — Que acha, Max?

— Eles costumam andar armados?

— Com certeza. Tem medo de tiros?

— Não, mas quero saber todos os detalhes.

— Quanto acha que conseguiremos, Ed? — perguntou Charlie.

— Cinquenta mil dólares. Talvez mais.

— Cinquenta mil dólares! — exclamou Charlie, dando um assobio.

— Iremos para lá um de cada vez, para não chamar a atenção. O encontro será nos fundos do banco às nove e meia em ponto.

Depois de dizer isso, Ed despediu-se. Já tinha dado alguns passos, quando se voltou e perguntou a Max:

— Já não o conheço de algum lugar?

— Sei lá — disse Max, encolhendo os ombros. — Mas também tenho a impressão de que já o vi não sei onde.

Max ficou olhando para o homem até vê-lo desaparecer na rua. Afinal, disse a Charlie:

— Esse homem. Acho que eu devia procurar saber quem é ele.

Charlie riu.

— Não pense mais nisso. Vamos, que Mike já deve estar inquieto sem saber o que está

acontecendo.

— Atenção! — murmurou Ed, com voz rouca. — Lá vêm eles!

Max se encolheu todo na parede perto da porta. Do outro lado da porta, Ed e Charlie estavam à espera. Já se podia ouvir a voz dos dois homens prontos para sair.

No momento em que a porta se abriu, todos avançaram empurrando-a para dentro com toda a força.

— O que é isso? O que está acontecendo? — exclamou alguém, surpreso.

Ouviu-se então o som abafado de uma pancada e o baque de um corpo no chão.

— Fique de bico calado se quer continuar vivo — disse Ed ao outro homem, e ordenou: — Vamos com eles para a sala dos fundos.

Max pegou o homem desacordado pelos ombros e o arrastou até os fundos do banco. Alguém riscou um fósforo e acendeu um candeeiro. Max largou o homem no chão.

— Vá verificar a porta da frente! — ordenou Ed.

Max foi até a porta e olhou. A rua estava deserta e tranquila.

— Ninguém — disse ele, de volta.

— Ótimo. Ao trabalho! — Ed retrucou, voltando-se para o sujeito do banco: — Abra o cofre.

O homem devia ter quase sessenta anos. Olhava para o companheiro estendido no chão com expressão de horror.

— Não posso — disse ele. — O sr. Gordon, que é o presidente, é o único que sabe o segredo do cofre.

Ed voltou-se para Max.

— Acorde-o.

Max se ajoelhou ao lado do homem e levantou-lhe a cabeça. Convenceu-se logo da verdade.

— Não adianta. Você bateu com muita força. Esse não vai mais acordar.

— Meu Deus — exclamou o outro homem, a ponto de desmaiar.

Ed chegou perto dele.

— Acho que você vai ter de abrir o cofre de uma maneira ou de outra.

— Mas não posso, não sei o segredo — disse o homem, alarmado.

— Então aprenda! — Ed deu-lhe um soco.

O homem caiu por cima de uma mesa, soluçando.

— Palavra que não sei. O sr. Gordon era a única pessoa.

Ed deu-lhe mais dois socos no rosto.

— Abra o cofre!

— Escute — disse o homem. — Há ali dentro daquela gaveta quatro mil dólares. Fique com eles e não me bata mais. Não sei qual é o segredo do cofre...

Ed correu para a gaveta, abriu-a e tirou um maço de notas, que enfiou no bolso. Voltou para onde estava o empregado do banco e tornou a bater nele gritando:

— Agora, abra o cofre!

O homem, estendido no chão, murmurava, angustiado:

— Não sei, não sei, não sei...

Quando Ed levantou o pé para acertá-lo novamente, Max bateu-lhe no ombro.

— Talvez ele esteja dizendo a verdade.

— Talvez. Mas isso é o que vamos apurar já. Vá olhar de novo a porta.

Max foi até a porta da frente. A rua continuava quieta e deserta. Ficou ali, de olhos bem abertos.

— Amarre esse patife naquela cadeira — disse Ed na sala dos fundos.

— O que vai fazer? — perguntou o homem em voz desalentada.

Max voltou à sala. Ed estava ajoelhado em frente à estufa, revolvendo um atizador no meio dos carvões acesos. Depois de amarrar o empregado do banco, Charlie perguntou-lhe:

— O que vai fazer, Ed?

— Quando este ferro em brasa estiver perto dos olhos dele, dirá tudo o que sabe.

— Espere um pouco — disse Charlie. — Se acha que o homem está mentindo, mate-o logo.

Ed olhou para ele com desprezo.

— Aí é que está o problema. Os jovens de hoje são muito cheios de contemplações. Se nós o matarmos, ele não poderá abrir o cofre, não é mesmo?

— Mas também não poderá abri-lo se ele não souber o segredo.

— Se não gosta disso, pode dar o fora! — disse Ed, raivoso. — Há cinquenta mil dólares naquele cofre. E eu vou pegá-los!

Max já estava voltando para a porta da frente, mas parou no meio do caminho ao ouvir a voz de Ed:

— Isso dá resultado, sim! Há uns dez ou doze anos, Rusty Harris, Tom Dort e eu aplicamos esse tratamento num velho caçador de búfalos e na índia que vivia com ele...

Max sentiu um aperto no estômago e encostou-se à parede para não cair. Fechou os olhos por um momento e reviu a cena trágica: o pai, amarrado e morto, a mãe, uma massa disforme e ensanguentada no chão, e o clarão vermelho do incêndio contra o céu noturno.

Sacudiu a cabeça e sua mente voltou a clarear. Agora a náusea começou a dar lugar a uma fria determinação. Voltou para a sala dos fundos.

Ed ainda estava ajoelhado em frente a estufa. Charlie estava do outro lado, muito pálido e aflito.

— O velho avarento tinha um tesouro escondido dentro da casa. Todo mundo em Dodge sabia disso...

Nesse momento, Ed viu Max, que havia atravessado a sala e estava ao lado dele.

— Que está fazendo aqui? Não mandei ficar vigiando a porta?

Max, então, perguntou, com a voz estranhamente calma:

— E consegui o ouro?

Um ar de confusão se mostrou no rosto de Ed.

— Não conseguiu — disse Max. — Para começar, não havia ouro algum.

— Como é que sabe disso?

— Sei perfeitamente. Sou Max Sand.

Ed compreendeu tudo. No mesmo instante, pulou para o lado, puxando o revólver. Max tirou-lhe o revólver da mão com um pontapé, e Ed correu para pegar a arma enquanto Max tirava da estufa o ferro em brasa. Ed virou-se de arma em punho, no exato momento em que Max avançava com o ferro incandescente em direção a seus olhos.

Ed deu um grito de agonia quando o metal lhe entrou na carne. O revólver disparou, mas a bala se perdeu no teto. Ed abriu os dedos e deixou cair a arma.

Max ficou um instante a olhá-lo. O cheiro de carne queimada lhe entrava pelas narinas. Levava doze anos, mas estava tudo acabado.

— Vamos sair daqui! — disse Charlie, pegando-o pelo braço. — Toda a cidade estará aqui dentro de um minuto!

Max deixou cair o ferro no chão e correu para a porta. Mike estava tomando conta dos cavalos e eles montaram imediatamente. Trinta minutos depois, uma patrulha saía no encalço deles, seguindo-os com uma saraivada de balas.

Três dias depois, estavam refugiados numa pequena gruta nas montanhas. Max voltou da entrada da gruta e falou com seu amigo:

— Como vai indo, Mike?

— Mal, rapaz, muito mal — disse o preto, com voz sumida.

Max enxugou-lhe o suor do rosto.

— Desculpe, Mike, mas a água acabou.

— Não faz mal, rapaz. Dessa vez, tudo se resolve para mim. Não vou mais precisar viajar.

Ouviu-se então a voz de Charlie no fundo da gruta.

— Vai amanhecer daqui a uma hora. É melhor irmos em frente.

— Vá você, Charlie. Eu vou ficar aqui com Mike.

Mike levantou um pouco o corpo, encostando-se à parede da gruta.

— Não seja bobo, rapaz.

— Vou ficar com você — disse Max.

Mike sorriu. Pegou a mão de Max e a apertou.

— Somos amigos, rapaz, não somos? Amigos de verdade?

Max assentiu com a cabeça.

— E eu nunca lhe faltei, não foi? Mas agora vou morrer e nem eu nem você podemos fazer nada.

Max enrolou um cigarro, acendeu-o e o colocou na boca de Mike.

— Cale a boca e descanse.

— Abra meu cinto.

Max desapertou a fivela do cinto do amigo.

— Ah! Assim está melhor. Agora, olhe dentro do cinto, Max.

Max virou o cinto. Havia uma bolsa de dinheiro na parte de dentro. Mike sorriu.

— Há cinco mil dólares aí dentro. Guardei esse dinheiro para o momento exato: agora. Era para o dia em que mudássemos de vida.

Max acendeu um cigarro e olhou para o amigo em silêncio. Mike tossiu.

— Você nasceu com trinta anos de atraso para essa vida. Não há mais lugar no mundo para um pistoleiro. Nós fechamos a retaguarda e só nos resta sair de cena.

— Pode dizer o que quiser, Mike, mas não vou deixá-lo aqui sozinho.

— Não me faça pensar que errei quando tomei aquela decisão no pântano, rapaz. Não me faça pensar nisso, agora que estou morrendo.

No rosto de Max se acendeu um súbito sorriso.

— Você é um merda, Mike!

Mike riu e murmurou:

— Posso resistir à patrulha o dia inteiro. Depois disso, você já estará tão longe no rumo norte que eles nunca o pegarão.

Riu mais e de repente parou, muito sério, porque começou a escarrar sangue. Estendeu a mão para Max e disse:

— Ajude-me a levantar, rapaz.

Max deu as mãos a Mike e o puxou para cima. O amigo ferido cambaleou até a entrada da gruta apoiando nele. A noite se estendia vasta diante dele e uma leve brisa soprava do alto dos montes.

Ficaram ali durante algum tempo, apreciando-se reciprocamente, como acontece a velhos amigos. Por fim, Max deixou Mike descer lentamente para o chão.

— Posso detê-los aqui o tempo que eu quiser — disse Mike, correndo os olhos pela encosta. — Agora, lembre-se do que eu lhe disse, rapaz. Ande direito e não se meta mais em roubos nem em brigas de tiros. Você me dá sua palavra, não dá?

— Já dei minha palavra, Mike.

— Se você quebrar seu juramento, pode ter certeza de que acharei um jeito de voltar do inferno para colocar você no caminho certo. Agora vá andando, rapaz, que o dia já vem nascendo.

Dizendo isso, pegou o rifle, afastou-se e foi até onde estava seu cavalo. Montou e ficou um momento olhando para Mike. Mas o preto não virou a cabeça para seu lado um só instante. Max esporeou o cavalo e partiu.

Uma hora depois, quando o sol já brilhava no céu, Max estava no topo da montanha seguinte. E começou a se espantar com o silêncio. Aquela hora, já deveria haver barulho de tiros atrás dele.

Nunca soube que Mike havia morrido no momento em que ele desapareceu no caminho.

Sem barba, teve a princípio a impressão de estar nu. Esfregando o rosto recém-barbeado, entrou na cozinha.

Charlie levantou os olhos da mesa e exclamou:

— Meu Deus! Nem eu seria capaz de reconhecê-lo!

Martha, mulher de Charlie, virou-se do fogão e sorriu, dizendo:

— Você é muito mais moço do que eu pensava. E mais bonito também.

Max ficou um pouco vermelho e sentou-se desajeitadamente.

— Bem, acho que já é tempo de eu ir tomando meu rumo.

Charlie e a mulher trocaram olhares rápidos.

— Por quê? — perguntou Charlie. — Metade desse rancho lhe pertence. Você não pode sair assim e abandoná-lo.

— Escute — disse Max, acendendo um cigarro. — Já estamos aqui há três meses. Vamos deixar de ilusões. O rancho não dá para nós dois vivermos.

Ficaram em silêncio. Max tinha razão. Embora ele tivesse adiantado o dinheiro para a compra do rancho, o rendimento não dava para o sustento de ambos.

— E se alguém o reconhecer? — perguntou Martha. — O cartaz com seu retrato deve estar agora na sala de todos os xerifes do sudoeste.

— Sem a barba não me reconhecerão — disse Max, sorrindo.

— É melhor pensar também num novo nome — sugeriu Charlie.

— Acho que sim — murmurou Max. — Está na hora de mudar tudo.

Mas o nome não lhe ocorreu até o momento em que se viu sob o ardente sol de Nevada, diante do velho Cord e do jovem Jonas. Naquele momento, o nome veio fácil, quase como se tivesse sido a vida inteira o seu.

— Smith. Nevada Smith.

Era um bom nome e nada dizia sobre ele.

O menino o observava com olhos medrosos, principalmente em vista da enorme arma que levava na mão. Viu a criança seguir seus movimentos com os olhos e deixou o revólver cair no coldre. Sorriu.

— Bem, Júnior, ouviu o que seu pai disse, não foi?

Foi até onde estava seu cavalo e o levou para o barracão, acompanhado obedientemente pelo garoto.

— Você vai ficar morando aqui com Wong Toy? — perguntou o garoto.

— Acho que sim.

Escolheu uma das camas e estendeu nela as suas roupas. Quando acabou de arrumar tudo, o garoto ainda o estava olhando cheio de interesse.

— Vai mesmo ficar?

— Vou.

— De verdade? Para sempre? Não vai embora como os outros? Como mamãe fez?

Havia alguma coisa no olhar do garoto que o comoveu. Ajoelhou-se ao lado dele e murmurou:

— Ficarei aqui o tempo que você me quiser.

De repente, o garoto passou os braços pelo pescoço de Nevada e encostou o rosto no rosto dele.

— Estou contente — disse ele. — Agora você pode me ensinar a montar.

Nevada levantou-se com o garoto ainda agarrado a ele. Saiu do barracão e o colocou na sela de seu cavalo. Já ia montar atrás dele, quando sentiu o revólver pesar na coxa.

— Voltarei num minuto — disse ele e tornou a entrar no barracão. Desamarrou rapidamente os cordões e tirou o cinto com o revólver. Pendurou-o num prego acima da cama e saiu de novo para o campo banhado de sol.

Nunca mais carregou uma arma.

Rina saltou do trem nas sombras claras e reluzentes da tarde que varriam a plataforma da estação. Um motorista fardado se aproximou dela e perguntou, tirando o quepe:

— Srta. Marlowe?

Rina assentiu com a cabeça.

— O sr. Smith pede desculpas por não esperá-la. Ficou preso no estúdio e mandou dizer que a verá na hora do coquetel.

— Obrigada — disse Rina.

Virou o rosto um instante para esconder sua decepção. Três anos eram muito tempo.

O chofer pegou as malas e disse:

— Quer ter a bondade de me seguir até o carro, senhora?

Saíram da estação e caminharam até uma cintilante limusine Pierce-Arrow. O chofer arrumou prontamente as malas na frente e abriu-lhe a porta. O pequeno brasão dourado na maçaneta atraiu sua atenção.

N

S

Recostou-se no banco e procurou um cigarro. A voz do chofer pelo interfone a assustou um pouco.

— Os cigarros estão nessa caixa perto de sua mão direita, senhora.

Rina acendeu o cigarro e examinou o carro. O brasão dourado estava por toda parte, até bordado nos tapetes e revestimentos internos do carro.

Não sabia por que isso lhe deveria causar surpresa. Lera muita coisa nos jornais a respeito dele. Sua fazenda e a mansão de trinta quartos que ele mandara construir bem no centro de Beverly Hills. Mas ler essas coisas nunca parecia corresponder à realidade. Fechou os olhos. Então começou a se lembrar de tudo o que soubera a respeito de Nevada.

Cinco meses depois de ter ido para o leste, fora passar uma se mana em Nova Iorque para fazer compras, quando um banqueiro, amigo de seu pai, a convidara para assistir à estreia de um filme produzido por uma companhia na qual ele tinha consideráveis interesses financeiros.

— Como se chama o filme? — perguntou ela.

— *O xerife de Vila Pacífica* —, dissera o banqueiro. — É uma produção de Norman. Bernie Norman diz que é o maior *western* que já se fez.

— Não tolero *westerns*. Cansei de tudo isso quando estive no oeste.

— Norman diz que o homem que faz o papel principal é um novo astro. Chama-se Nevada Smith e...

— Como é mesmo o nome? — perguntou Rina, pensando não ter ouvido direito.

— Nevada Smith. Deve ser um nome arranjado como os de todos esses artistas de cinema.

— Quero ver o filme, sim.

Lembrou-se de sua chegada ao cinema... da multidão, dos fortes refletores acesos, dos homens bem vestidos, das mulheres cheias de joias. E depois aquele mundo parecera

desvanecer-se diante da magia das imagens na tela.

Já no final do filme, o xerife de Vila Pacífica colocava o revólver à cintura. O revólver que ele havia jurado nunca mais tocar. A câmara se aproximou tanto do rosto dele que ela pôde ver-lhe os poros da pele e quase sentir seu hálito quente.

Pôde sentir o cansaço que havia nele, a tortura da decisão que lhe apertava os lábios, cerrando o queixo quadrado e acentuando as linhas das maçãs proeminentes de índio. Mas foram os olhos que a impressionaram mais.

Eram os olhos de um homem que havia conhecido a morte. Não uma, mas muitas vezes. *Os* olhos de um homem que conhecia a futilidade, a dor e a tristeza.

O xerife foi até a porta a passos lentos e saiu. A luz brilhante do sol incidiu sobre seu rosto. Puxou o chapéu preto para cima dos olhos a fim de protegê-los da claridade, e começou a descer a rua vazia. O povo da cidade espiava por trás das persianas, das vidraças e das cortinas. Ele não olhou nem para um lado nem para outro, e continuou impassível a caminhar com a camisa desbotada já molhada de suor, a calça remendada cobrindo as pernas magras e arqueadas. Brilhando em seu peito, a insígnia de metal.

A morte estava vestida de roupas macias e caras. A poeira não aparecia nas botas lustrosas, no cabo de marfim do revólver. O rosto mostrava ódio, o gosto voluptuoso de matar, e a mão pairava como uma cascavel por cima do coldre do revólver.

Encararam-se por um momento. Os olhos da morte brilhavam de alegria pelo combate. Os olhos do xerife estavam cheios de tristeza. A morte tomou a iniciativa, levando a mão rapidamente ao revólver; mas, com uma velocidade que dificilmente a vista podia acompanhar, a arma do xerife pareceu saltar-lhe na mão. A morte foi arremessada violentamente para o chão e a arma caiu de sua mão. O corpo estremeceu ao levar mais duas balas e, depois, ficou imóvel. O xerife ainda ficou ali um momento. Guardou, então, lentamente a arma. Deu as costas ao morto e voltou pela rua.

O povo começou a sair das casas. Todos olhavam para o xerife com o rosto transmitindo a emoção do duelo que haviam acabado de presenciar. Mas o xerife não retribuiu os olhares.

A garota apareceu numa varanda e o xerife parou diante dela.

Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

Os do xerife estavam bem abertos e fixos. Uma expressão de desprezo apareceu de repente em seu rosto. Era o desgosto pela sede de sangue da garota, pela cidade que exigia sacrifícios a seu modo.

Levou a mão à camisa e arrancou a estrela, jogando-a no chão aos pés dela e, dando as costas, afastou-se.

A garota olhou atônita para a insígnia, e depois para o homem que se afastava. Começou a segui-lo e parou.

Ao longe, na rua, o xerife montou em seu cavalo e rumou para as montanhas, ombros encurvados e cabeça baixa, saindo das vidas do povo de Vila Pacífica para a luz forte do sol, enquanto a tela começou a escurecer. Era o fim do filme.

Houve silêncio quando as luzes se acenderam. Rina virou-se para o banqueiro que sorriu embaraçado com os olhos muito vermelhos e tossiu para limpar a garganta apertada.

— E a primeira vez que um filme me emociona assim — justificou-se.

Rina também sentiu um nó na garganta. Disse com voz rouca:

— A mim também.

Ele tomou-lhe o braço.

— Lá está Bernie Norman. Vamos cumprimentá-lo.

Abriam caminho por entre uma multidão de entusiastas que cercavam o produtor. Norman era um homem robusto, de grandes maxilares. Seus olhos brilhavam de contentamento.

— Que tal aquele rapaz, o Nevada Smith? — perguntou ele. — Já viu alguém assim antes? Ainda quer que eu contrate Tom Mix para fazer um filme?

O banqueiro riu, e Rina olhou-o surpresa, pois isso não era habitual nele.

— Tom Mix? Quem é ele?

Norman bateu nas costas do banqueiro.

— Esse filme deve render uns dois milhões. E Nevada Smith vai começar outro filme para nós imediatamente!

A limusine entrou por uma alameda no sopé da colina. Passou por um portão de ferro encimado pelo brasão já conhecido de Rina e começou a subir a estreita estrada até o alto da colina. Rina olhou pela janela e viu a grande casa cujo teto a luz do sol poente incendiava.

Começou a sentir-se deslocada. Que estava fazendo ali? Aquele não era o Nevada que ela conhecia. De repente, abriu nervosamente a bolsa e procurou o telegrama de Nevada. Sentiu-se mais calma ao relê-lo.

Ela lhe telegrafara da Suíça no mês anterior. Ficara três anos sem ter notícia dele. Três anos andando de um lado para outro. Vivera os primeiros seis meses em Boston até se cansar da cidade. Fora para Nova Iorque e estivera depois em Londres, Paris, Roma, Madri, Constantinopla e Berlim. Houve festas, desejos, casos febris, homens apaixonados, homens vorazes. E quanto mais vagava pelo mundo mais amedrontada e sozinha se sentia.

Por fim, despertara uma manhã em Zurique, com o sol ofuscando seus olhos. Estava nua na cama, com apenas um lençol branco a cobri-la. Sua garganta estava tão seca que ela teve a impressão de que fazia meses que não bebia um copo de água. Estendeu a mão para o jarro na mesinha de cabeceira e não o encontrou. Compreendeu então que não estava em seu quarto.

O quarto era luxuosamente mobiliado à moda europeia, mas inteiramente estranho para ela. Correu os olhos à procura de seu robe, mas não encontrou uma só peça de sua roupa. Onde poderia estar? Havia cigarros e fósforos na mesinha ao lado da cama e ela acendeu um. A fumaça acre doeu-lhe nos pulmões e, nesse momento, a porta se abriu.

Uma bela mulher de cabelo preto entrou no quarto. Parou, ao ver Rina sentada na cama. Sorriu e se aproximou.

— Ah, já acordou, *ma chérie*? — disse ternamente, beijando-a na boca.

— Quem é você? — perguntou Rina, aturdida.

— Não se lembra de mim, *mon amour*?

Rina negou com a cabeça.

— Talvez isso lhe refresque a memória, *ma chérie* — disse ela, abrindo o lençol e encostando a cabeça de Rina em seus seios nus. — E agora? Lembra-se de quanto nos amamos?

Rina empurrou-a, indignada. Nisso, a porta se abriu de novo e apareceu um homem trazendo na mão uma garrafa de champanhe. Estava inteiramente nu. Sorriu para elas e disse:

— Ah! Todo mundo já está acordado de novo. A festa estava começando a ficar chata.

Aproximou-se de Rina e estendeu-lhe a garrafa.

— Tome um pouco de champanhe, querida. É ruim a gente acordar com uma sede terrível, não é mesmo?

Rina levou as mãos à fronte e sentiu o sangue latejar. Aquilo era um pesadelo. Não era real. Não podia ser.

O homem acariciou-lhe a cabeça solícitamente.

— Está com dor de cabeça, não é? Vou buscar uma aspirina para você.

Quando ele saiu, Rina voltou-se aterrorizada para a mulher.

— Por favor, estou começando a pensar que fiquei maluca. Onde estamos?

— Em Zurique, é claro, na casa de Philippe.

— Zurique? Philippe? E esse homem que esteve aqui?

— *Mais non*, claro que não. Esse é Karl, meu marido. Não se lembra?

Rina sacudiu a cabeça.

— Não me lembro de nada.

— Nos conhecemos nas corridas há três semanas em Paris — disse a mulher. — Você estava sozinha em seu camarote, junto ao de Philippe. O amigo que você esperava não apareceu, lembra-se?

Rina fechou os olhos. Estava começando a lembrar. Apostara num belo cavalo alazão e o homem do camarote vizinho se inclinou para ela, dizendo: "Escolheu muito bem. Esse cavalo é meu. Sou o conde De Chaen".

— O conde do camarote ao lado! — exclamou ela.

A mulher sorriu.

— Já se lembra então? A festa começou em Paris, mas lá estava fazendo muito calor e nós viemos para cá, para o chalé de Philippe. Há quase duas semanas.

— Duas semanas?

— Sim, e tem sido uma festa maravilhosa. Você é muito bonita, sabe?

Rina olhou-a, sem saber o que dizer. A porta se abriu de novo e Karl entrou, com um vidro de aspirina numa mão e a garrafa de champanhe na outra. Atrás dele veio um homem alto e louro, vestido com um robe. Jogou algumas fotos em cima da cama.

— Veja se gosta, Rina.

Ela olhou para as fotografias e sentiu a náusea subir-lhe à garganta. Não podia ser ela. Assim, daquele jeito. Nua. Com aquela mulher e aqueles homens. Olhou-os, aterrada.

— Podiam ter saído melhores — disse o conde, sorrindo. — Mas acho que a objetiva está com algum defeito.

A mulher pegou as fotografias.

— Pois acho que saíram muito boas, Philippe. Foi tão engraçado! Você fazendo amor com o disparador da máquina na mão, para poder bater as fotografias no momento que achasse melhor.

Rina continuou em silêncio.

Karl se aproximou dela com dois comprimidos na mão.

— A nossa pequena *américaine* ainda não está se sentindo bem. Tome estas aspirinas, menina. Vai se sentir melhor.

Rina olhou para os três e disse com voz sumida:

— Tenham a bondade. Eu gostaria de me vestir.

— Não é problema — disse a mulher. — Suas roupas estão no armário.

Todos saíram então do quarto. Rina saiu da cama e lavou o rosto rapidamente. Pensou em tomar um banho, mas achou que era melhor desistir. Queria era desaparecer o quanto antes dali. Vestiu-se e passou para a sala.

A mulher ainda vestia seu penhoar, mas os homens já estavam com calças e camisas leves. Caminhou para a porta sem ao menos olhá-los. O homem que se chamava Karl a chamou:

— Esqueceu sua bolsa, Cord.

Sem dizer nada, voltou para pegar a bolsa, evitando encará-lo.

— Coloquei dentro dela uma coleção de fotos como lembrança de nossa festa.

Rina abriu a bolsa e encontrou as fotos obscenas.

— Não as quero — disse ela, tirando-as da bolsa.

— Fique com elas. Nós sempre podemos tirar mais cópias dos negativos.

Lentamente, ela voltou os olhos para ele, que estava sorrindo.

— Gostaria de tomar uma xícara de café enquanto falamos de negócios? — perguntou Karl, polidamente.

Os negativos custaram dez mil dólares e ela os queimou num cinzeiro antes de sair da sala. Logo que chegou a um hotel, passou um telegrama para Nevada.

Estou mais sozinha e amedrontada que nunca. Ainda é meu amigo?

A resposta chegou no dia seguinte junto com uma ordem bancária de cinco mil dólares e passagens reservadas de Zurique até a Califórnia.

Tornou a dobrar o telegrama enquanto a limusine chegava ao alto da colina. O telegrama era típico do Nevada que ela lembrava. Mas não se parecia em nada com o Nevada a quem ia ver.

O telegrama dizia:

Ainda sou seu amigo.

Estava assinado *Nevada*.

Nevada recostou-se na cadeira e correu os olhos pelo espaçoso escritório. Uma aura de tensão tomara conta do ambiente. Dan Pierce, afável e sorridente, disse:

— Não se trata de dinheiro, Bernie, é que achamos a ocasião oportuna. Vamos fazer um filme que mostrará o oeste como realmente era, evitando todos os convencionalismos que se acumularam com o passar dos anos.

Norman olhou por um momento para o *script* de capa azul que tinha na mão. Assumiu uma expressão grave, e disse:

— Acredite que não é pelo *script*, Dan. Nós o achamos notável, não é mesmo, Von Elster?

O calvo diretor concordou.

— Um dos melhores que já li.

— Então por que relutam? — perguntou o agente.

— A ocasião não é boa — disse Norman. — A indústria está perturbada. A Warner vai lançar dentro em breve um filme falado. *As luzes de Nova Iorque*. Há muita gente que pensa que quando isso acontecer o cinema mudo estará liquidado.

Dan Pierce riu.

— Conversa! Cinema é cinema. Quem quer ouvir os atores falarem vai ao teatro, que é o lugar próprio para isso.

Norman voltou-se para Nevada, com um tom paternal na voz:

— Escute, Nevada, já tomamos alguma decisão errada a seu respeito? Desde o dia em que você entrou aqui, nós o tratamos corretamente. Se a questão é dinheiro, não há problema. Basta dizer quanto quer.

— Não é dinheiro, Bernie — disse Nevada, sorrindo. — Você bem sabe disso. Dez mil dólares por semana bastam para qualquer pessoa, mesmo considerando que tenho de pagar sete por cento de Imposto de Renda. É esse *script*. Foi o primeiro enredo de verdade que li aqui.

Norman pegou um charuto. Nevada recostou-se na cadeira e se recordou de quando ouvira falar pela primeira vez daquele *script*. Fora no ano anterior: Ele estava trabalhando em *Tiriteio ao entardecer*.

Um autor de *scripts*, um homem moço, de óculos e muito pálido o havia procurado.

— Sr. Smith — perguntou ele com alguma timidez —, pode me dar um minuto de atenção?

Nevada, que estava sendo maquilado, virou-se para ele.

— Mas claro, sr. ...

— Mark Weiss.

— Muito bem, Mark — disse Nevada, sorrindo. — O que há?

— Gostaria que lesse um *script*. Passei dois anos fazendo pesquisas. É a respeito de um dos últimos pistoleiros do sudoeste. Acho que é uma coisa diferente de tudo que já se fez.

Era um dos aspectos inevitáveis da vida de um astro do cinema. Todo mundo tinha um *script* para se ler, e era sempre o melhor que já havia sido escrito.

— Terei prazer em lê-lo. Qual é o título?

— *O renegado* — disse o homem, entregando-lhe uma pasta de capa azul.

Nevada folheou-o, olhou a última página e viu que era três vezes maior do que os *scripts* comuns.

— É um pouco longo, não é?

— Decerto, mas não encontrei jeito de reduzi-lo. Tudo que está aí é verdade. Passei estes dois últimos anos consultando os arquivos de velhos jornais do sudoeste.

Nevada voltou à maquilagem, ainda com o *script* na mão.

— Que aconteceu ao homem? — perguntou a Weiss, sem olhar para ele.

— Parece que ninguém sabe. Um belo dia, desapareceu e nunca mais se teve notícias dele: A patrulha que o perseguiu na ocasião em que desapareceu chegou à conclusão de que ele havia morrido nas montanhas.

— Uma história nova é sempre uma coisa boa, Mark. O público se cansa dos mesmos velhos heróis. Qual foi o nome que deu a esse camarada?

— Max Sand.

O *script* caiu da mão de Nevada e ele sentiu o sangue fugir-lhe da face.

— Como foi que disse? — perguntou com voz rouca.

— Max Sand. Podemos mudar o nome, mas era assim que o homem se chamava.

Nevada sacudiu a cabeça e olhou para o *script* no chão. Weiss apanhou-o prontamente e disse, preocupado:

— Não está se sentindo bem, sr. Smith?

Nevada respirou profundamente e viu que seu autocontrole tinha retornado. Tomou de volta o *script* estendido por Weiss, e forçou um sorriso.

— Obrigado, sr. Smith — disse Weiss com expressão de alegria e de alívio. — Não sabe o quanto lhe agradeço. Muito obrigado.

Nevada passou uma semana sem coragem de ler o *script*. Tinha a estranha impressão de que, se assim fizesse, estaria perdido e todos saberiam de tudo. Mas uma noite, depois do jantar, entrou na biblioteca onde Von Elster o estava esperando e encontrou-o mergulhado na leitura do *script*.

— Há quanto tempo isso está com você? — perguntou o diretor.

— Há uma semana, mais ou menos. Esses escritores sempre nos inundam de *scripts*. Esse aí presta?

— Se presta! É formidável. Se você fizer esse filme, quero ser o diretor.

Ainda naquela noite, com a luz acesa até de madrugada, Nevada compreendeu o que o diretor queria dizer: Weiss tinha dado profundidade ao retrato de um homem que vivera só e chegara a um conceito de vida nascido da dor e da tristeza. Os seus crimes não tinham qualquer sensacionalismo; eram apenas resultado de uma luta desesperada pela sobrevivência.

Depois da leitura, Nevada teve certeza de que faria o filme. O *script* era tão bom que não podia ser posto de lado. Além disso, teria de fazer o filme para proteger a si próprio. Se o *script* caísse em outras mãos, não seria possível prever quanto iriam procurar saber ainda sobre a vida de Max Sand.

No dia seguinte, comprou o *script* de Mark Weiss por mil dólares.

Nevada voltou de súbito ao presente e ouviu Norman dizer:

— Vamos esperar um ano. Até lá, saberemos para onde pular

Dan Pierce olhou para Nevada. Ele sabia o que significava aquele olhar. Pierce já fora até onde era possível.

— Chaplin e Pickford pensaram bem em formar a United Artists — disse Nevada. — Parece que é o único meio que tem um artista de fazer os filmes que quer.

— Mas ainda não acertaram — disse Norman, com uma leve mudança no olhar. — Decaíram um pouco.

— Talvez — retrucou Nevada. — Com o tempo é que se vai ver. A companhia ainda é nova.

— Está bem — disse Norman, de repente. — Vou fazer um trato com você. Vamos aplicar meio milhão no filme. Você garantirá as despesas que passarem disso.

— É mais um milhão e meio! — exclamou Pierce. — Onde é que Nevada vai arranjar tanto dinheiro?

Norman sorriu.

— No mesmo lugar onde nós arranjamos dinheiro. No banco. Não terá dificuldade nenhuma, pois eu tomarei as providências necessárias. O filme será cem por cento propriedade sua. Só ficaremos com as porcentagens da distribuição e teremos nosso dinheiro de volta. É um negócio melhor do que a United Artists poderia fazer. Isso mostra como estamos dispostos a dar-lhe apoio, Nevada. Está satisfeito?

Nevada não tinha ilusões. Se o filme fracassasse, seu nome ficaria preso no banco e não o de Norman. Perderia tudo que tinha e mais alguma coisa. Olhou para a capa azul. E uma decisão começou a tomar forma em sua mente.

O pai de Jonas dissera um dia que não havia nenhum prazer em ganhar ou perder quando se jogava com o dinheiro dos outros. Aquele filme não podia deixar de fazer sucesso.

— Está bem — disse ele, afinal. — Negócio fechado.

Quando chegaram à tardinha no escritório de Norman, Nevada olhou para seu agente. Pierce estava carrancudo e disse:

— Vamos ao meu escritório. Temos muito que conversar.

— Vai ficar para amanhã — disse Nevada. — Tenho uma pessoa do leste à minha espera em casa.

— Você mordeu mais do que pode engolir, Nevada.

— Já estava em tempo. A única maneira de ganhar dinheiro de verdade é arriscar muito dinheiro.

— Mas assim também se pode perder muito.

Nevada parou ao lado de seu Stutz Bearcat branco. Colocou a mão na porta com o mesmo carinho com que afagaria um cavalo.

— Não vamos perder, Dan.

— Espero que saiba o que está fazendo, Nevada. Não gosto dessa história de Norman deixar todos os lucros para nós. Deve haver alguma sujeira no meio de tudo isso.

Nevada sorriu e, antes de entrar no carro, disse:

— O seu defeito, Dan, é ser agente. Todos os agentes são desconfiados. Bernie não poderia deixar de agir assim. Não quer arriscar-se a me perder. Estarei amanhã em seu escritório às dez

da manhã.

— Certo. Mas, olhe, não estou gostando dessa história de cinema falado. Mais duas companhias já anunciaram que vão fazer filmes falados.

— Podem fazer à vontade, Dan. Essa mania vai passar depressa. Na época em que nosso filme for lançado, ninguém mais nem falará em filmes falados.

O telefone tocou na mesinha de cabeceira. Rina atendeu, notando que também ali, no centro do disco, estava a insígnia de Nevada.

— Alô.

A voz amiga de Nevada chegou-lhe aos ouvidos:

— Como vai, menina? Tudo resolvido?

— E você, Nevada?

— Será que você tem outros amigos?

— Já abri as malas e estou admirada — disse ela, rindo.

— De quê?

— De tudo. Desta casa. E fabulosa. Nunca vi nada igual.

— Não é grande coisa. Talvez um pouco avantajada. Mas é isso o que chamo de lar.

— Ainda não posso acreditar, Nevada! Por que mandou fazer esta casa fantástica, tão diferente de você?

— Tudo isso faz parte da profissão, Rina. É como o chapelão branco, as camisas e as botas coloridas.

— Com suas iniciais em tudo?

— Com minhas iniciais em tudo. Mas não se impressione com isso. Em Hollywood há coisas muito mais malucas.

— Tenho tantas coisas para lhe contar, Nevada! A que horas voltará para casa?

— Para casa? Eu estou em casa. Estou aqui embaixo no bar, à sua espera.

— Vou descer já. Mas, Nevada, como é que vou saber onde é o bar? Isto aqui é tão grande!

— Temos guias índios exatamente para essas ocasiões. Vou mandar um buscá-la.

Rina desligou o telefone e foi para o espelho. Quando tinha acabado de passar batom, bateram de leve na porta. Abriu a porta e encontrou Nevada sorrindo.

— Perdão, senhora — disse ele, com fingida cerimônia. — Corri a casa toda e o único índio que encontrei fui eu!

— Oh, Nevada! — disse ela com voz terna.

Jogou-se então nos braços dele, com o rosto escondido nos músculos fortes do peito do amigo, e começou a molhar de lágrimas a brancura da camisa enfeitada.

JONAS - 1930

LIVRO III

As luzes de Los Angeles apareceram sob a asa esquerda. Olhei para Buzz, que estava sentado perto de mim na carlinga, e disse:

— Estamos quase em casa.

O rosto dele se franziu num sorriso. Olhou para o relógio.

— E acho que conseguimos um novo recorde.

— Ao diabo com o recorde — disse eu. — O que quero é esse contrato de mala postal.

— Bem, agora está no papo. Graças a este aviãozinho. Sobrevoei a cidade, rumo a Burbank. Se pegarmos o contrato de mala postal de Chicago para Los Angeles, dentro em pouco a Intercontinental estará voando por todo o país. A etapa seguinte seria pegar o contrato de Chicago a Nova Iorque.

— Li nos jornais que Ford tem projetos para um avião trimotor que levará trinta e dois passageiros — disse Buzz.

— Quando ficará pronto?

— Daqui a dois ou três anos. Será essa a próxima etapa.

— Sim, mas não podemos esperar por Ford, Buzz. Eles podem levar cinco anos até sair com alguma coisa prática. Temos de estar prontos daqui a dois anos.

— Dois anos? Como? É impossível!

— Escute aqui: quantos aviões postais temos em voo agora?

— Trinta e quatro.

— E se pegarmos o novo contrato da mala postal?

— Duas, talvez três vezes mais, Onde você quer chegar?

— Os fabricantes desses aviões estão ganhando com os nossos contratos mais do que nós.

— Se está pensando em fabricar nossos próprios aviões, você está maluco! — exclamou Buzz. — Só para instalar uma fábrica levaríamos dois anos.

— Não, minha ideia é comprar uma que já esteja em funcionamento — repliquei.

Ele pensou por um momento, e disse:

— A Lockheed, a Martin, a Curtiss-Wright estão todas fazendo muitos bons negócios e não serão vendidas. A única possível é a Winthrop. Estão despedindo empregados desde que perderam o contrato com o Exército.

— Está raciocinando certo, Buzz.

— Oh, não! — exclamou. — Eu trabalhei para o velho Winthrop, e ele jurou que nunca...

Estávamos sobrevoando o Aeroporto de Burbank. Volteei pelo lado sul da pista, onde ficava a fábrica Winthrop. Inclinei a asa do avião para que Buzz visse do lado dele.

— Olhe para baixo, Buzz.

Gigantescas letras brancas se destacaram na escuridão, iluminadas por dois possantes refletores, no teto pichado da fábrica.

Os repórteres nos rodearam logo que pousamos. Os flashes começaram a estourar e pisquei os olhos.

— Está cansado, sr. Cord? — perguntou um deles.

Coei a barba crescida e sorri.

— Não. Estou novinho em folha.

Uma pedra no chão do aeroporto machucou meu pé e eu disse a Buzz, que ainda estava no avião:

— Quer jogar meus sapatos?

Ele riu, jogou os sapatos e os repórteres fizeram muita confusão para bater uma foto minha enquanto estava calçando os sapatos.

Buzz desceu do avião. Bateram mais algumas fotos e nos encaminhamos para o hangar.

— Como se sente por estar de novo em casa? — perguntou outro repórter.

— Bem — respondi.

— Bem de verdade! — acrescentou Buzz.

E era um fato. Cinco dias antes, havíamos partido do aeroporto de Le Bourget, em Paris. Terra Nova, Nova Iorque, Chicago, Los Angeles. Em cinco dias.

Um repórter apareceu correndo, com uma folha de papel na mão.

— Sabem que bateram o recorde de Chicago a Los Angeles? Com esse, foram cinco recordes que quebraram nessa rota!

— Um por dia — disse eu, com um sorriso. — Não temos de que nos queixar.

— Quer dizer que pegarão mesmo o contrato da mala postal? — perguntou outro repórter.

Atrás deles, na entrada do hangar, avistei McAllister acenando freneticamente.

— Essa é a parte comercial da história. Eu a deixo para meu sócio, Buzz — disse aos repórteres. — Ele lhes dirá tudo que quiserem saber.

Deixei-os conversando com Buzz e me dirigi para onde estava McAllister.

— Pensei que não chegasse a tempo — disse ele, ainda aflito.

— Não disse que chegaria aqui às nove horas?

— Tenho um carro esperando. Iremos daqui diretamente para o banco. Prometi a eles que o levaria lá.

— Espere um pouco. Prometeu a quem?

— Ao grupo que concordou com seu preço pela concessão de exploração da patente do novo processo industrial para o plástico. Até a Du Pont faz parte do grupo.

— Espere um minuto, McAllister! Não vejo cama há cinco dias e estou exausto. Falarei com eles amanhã.

— Amanhã? Estão à sua espera agora!

— O que eu tenho com isso? Deixe-os esperar.

— Mas eles vão lhe dar dez milhões de dólares!

— Não vão dar coisa nenhuma para mim. Tiveram a mesma oportunidade que nós tivemos para comprar a patente. Estiveram todos na Europa, mas não quiseram se arriscar. Agora que precisam da patente, podem esperar até amanhã.

Entrei no carro e disse:

— Beverly Hills Hotel.

McAllister entrou e sentou-se a meu lado. Disse, perplexo:

— Amanhã? Eles não vão querer esperar.

O chofer pôs o carro em movimento. Olhei para McAllister e sorri. Senti-me um tanto preocupado com ele. Sabia que aquela transação não tinha sido nada fácil.

— Escute, Mac. Vou para o hotel, pego umas seis horas de sono e, então, poderemos fazer a reunião.

— Mas... serão três horas da madrugada!

— Leve-os para meu apartamento no hotel. Estarei à disposição deles.

Monica Winthrop estava à minha espera na suíte do hotel. Apagou o cigarro e se levantou do sofá logo que me viu entrar. Correu a meu encontro e me beijou.

— Que barba! — exclamou com fingida surpresa.

— O que está fazendo aqui, Monica? Esperava tê-la visto no aeroporto.

— Quis ir até lá, mas tive medo de que papai aparecesse.

Monica tinha razão. Amos Winthrop era muito mulherengo e se nos visse juntos saberia logo da verdade. O defeito dele era não saber dividir bem o tempo. Deixava as mulheres atralharem seu trabalho e o trabalho atralhar as mulheres. Mas Monica era filha única e, como todos os devassos, julgava a filha uma criatura excepcional. E era, mas não no sentido que ele pensava.

— Prepare um drinque — disse eu, indo para o quarto. — Vou meter-me numa banheira cheia de água quente. Estou com um cheiro tão forte que nem eu estou gostando mais de minha própria companhia.

Ela encheu um copo com gelo e uísque e o levou para o quarto.

— Seu drinque está pronto e a banheira cheia.

Peguei o copo e perguntei:

— Como soube que eu viria para cá?

— Ouvi pelo rádio.

Ainda não tinha tomado o primeiro gole, quando ela se encostou em mim.

— Não precisa tomar banho por minha causa. Estou achando esse seu cheiro excitante.

Fui para o banheiro, tirando a camisa no caminho. Quando me volvei para fechar a porta, lá estava ela atrás de mim.

— Não entre já na banheira. É uma pena desperdiçar todo esse cheiro bom de macho.

Passou-me os braços pelo pescoço e colou o corpo ao meu. Procurei seus lábios, mas ela afastou a cabeça e a enterrou no meu ombro. E a senti respirar fundo, trêmula, deliciando-se com meu cheiro. Gemeu baixinho, e o calor que veio dela pareceu sair de um forno.

Segurei seu rosto e a olhei. Estava com os olhos quase fechados e gemia enquanto o corpo se contorcia. Desapertei o cinto e deixei as calças caírem no chão. Joguei-as longe com um pontapé e a encostei na penteadeira que tomava toda a parede. Ainda estava com os olhos fechados quando saltou sobre mim como um macaco subindo num coqueiro.

— Respire fundo, menina — disse, quando ela começou a gemer mais intensamente. — Talvez leve muitos anos para ter de novo esse cheiro.

A água estava quente e boa e lavava meu cansaço. Tentei esfregar as costas com o sabonete e não consegui.

— Deixe que eu faço isso — disse ela.

Começou a esfregar minhas costas. O movimento lento e circular era relaxante, e fechei os olhos.

— Não pare, Monica! É tão bom!

— Você é como uma criança. Precisa de alguém que tome conta de você.

— Estive pensando nisso também — disse, abrindo os olhos. — Acho que vou contratar um criado japonês.

— Um criado japonês não faria isso. Vire-se um pouco para trás que eu quero tirar esse sabão.

Virei-me dentro da água, fechando de novo os olhos. Quando pouco depois os reabri, ela estava olhando para mim.

— Parece tão pequeno e fraco... — disse ela.

— Não foi o que você achou ainda há pouco.

— Eu sei — disse ela num sussurro, com os olhos meio anuviados.

Entendi aquele olhar. Levantei um pouco o corpo e passei o braço pelo pescoço dela, sentando-a na borda da banheira. Beije-i-a e senti sua mão descer para mim.

— Oh! Você está criando força — exclamou, apertando sua boca na minha.

Nesse exato momento o telefone tocou. Levamos um susto, e eu caí dentro da banheira, espirrando água por todos os lados e molhando a frente de seu vestido. Ela pegou o telefone em cima da penteadeira e o levou para mim.

— Alô!

Era McAllister. Estava embaixo, na portaria.

— Eu disse três horas, Mac.

— Mas já são três horas. Podemos subir? Winthrop também está conosco. Diz que precisa falar com você.

Olhei para Monica. Era só o que faltava: o pai dela subir e encontrá-la em meu quarto.

— Não — disse eu. — Ainda estou na banheira. Leve-os para o bar e pague-lhes um drinque.

— Os bares estão todos fechados.

— Está bem. Então irei vê-los na portaria.

— A portaria não é lugar para uma transação dessas. Não há isolamento suficiente. Eles não vão gostar. Não compreendo por que não podemos subir.

— Porque estou com uma pequena aqui, entendeu?

— Que é que tem? Acha que eles vão estranhar?

— A pequena é Monica Winthrop.

Mac silenciou por um instante.

— Epa! — exclamou ele, depois de um longo silêncio. — Seu pai tinha razão. Você nunca deixará de ser assim.

— Fique descansado, que deixarei quando tiver sua idade.

— Ainda não sei — murmurou ele. — Eles não vão gostar da ideia de conversar na portaria.

— Se é isolamento que querem, já sei qual é o lugar ideal, Mac.

— Onde?

— O lavatório dos homens ao lado dos elevadores. A estas horas não aparece ninguém. Estarei lá daqui a cinco minutos.

Desliguei o telefone e saí da banheira. Olhei para Monica.

— Dê-me uma toalha. Tenho de descer para ir falar com seu pai.

Cheguei ao lavatório dos homens esfregando o rosto. Ainda estava com a barba de cinco dias. Não tive tempo de fazê-la. Sorri ao vê-los, tão engolfados em suas preocupações que nem perceberam minha chegada.

— Podemos começar a reunião, senhores.

Olharam todos para mim, com uma expressão de espanto. Ouvi um deles praguejar baixinho e calculei que havia ali alguma pequena tragédia.

McAllister veio a meu encontro dizendo com certa ênfase:

— Por certo, Jonas, escolheu um lugar bastante estranho para nossa reunião.

Eu sabia que ele só procedia assim para salvar a situação com os outros, mas não me importei. Olhei para as calças dele e disse:

— É melhor abotoar a braguilha, Mac.

Ele ficou muito vermelho e baixou imediatamente a mão.

Ri e me virei para os outros:

— Desculpem a inconveniência, cavalheiro. O lugar certo seria meu apartamento. Mas estou com um problema lá em cima. Tenho uma enorme caixa que está tomando todo o espaço disponível.

Amos Winthrop foi sem dúvida o único que compreendeu. Deu um sorriso irônico e fiquei imaginando o que faria se soubesse que a pequena era a filha dele.

Mac já havia recuperado sua serenidade e tomou as providências que lhe cabiam. Foram feitas as apresentações. Então começamos a tratar de negócios. Como Mac me explicou, as três grandes companhias de produtos químicos haviam organizado uma empresa à parte para explorar a patente que me pertencia. Essa empresa faria o primeiro pagamento e me garantiria os *royalties*. Eu só tinha uma pergunta a fazer:

— Quem garante o dinheiro?

— O Sheffield, aqui — disse Mac, apontando para um dos homens. — O sr. Sheffield é um dos sócios da George Stewart Inc.

Olhei para Sheffield. Stewart, Morgan, Lehman, todos eram bons nomes na Wall Street. Não poderia, do ponto de vista financeiro, querer coisa melhor. Mas tinha a impressão de que aquele homem não me era desconhecido. Por fim, a memória não falhou.

F. Martin Sheffield. Nova Iorque, Boston, Southampton, Palm Beach. Escola de Administração da Universidade de Harvard, *summa cum laude*, antes da guerra. Major do Exército de 1917 a 1918. Três condecorações por bravura em combate. Jogador de polo, campeão. Figura da sociedade. Idade aparente: trinta e cinco anos. Idade registrada: quarenta e dois.

Lembrei-me de que fora procurar meu pai uns dez anos antes. Queria fazer uma emissão pública de títulos para a companhia. Meu pai não havia concordado.

— Por mais agradável que façam parecer tudo, Jonas — dissera meu pai —, nunca deixe essa gente meter as garras em você. No fim, seu negócio acabará sendo deles e não seu. Tudo que podem dar para você é dinheiro, quando a única coisa que conta mesmo é a capacidade de mandar. E isso eles guardam para si.

Olhei para Sheffield e perguntei:

— Como é que vai garantir os pagamentos?

Seus olhos cintilaram por trás dos óculos bifocais *pince-nez*.

— Estamos nesse contrato com os outros, sr. Cord.

Sua voz era surpreendentemente forte para um homem tão frágil. E muito seguro de si. Falou como se não se dignasse a me dar uma resposta, como se todo mundo soubesse que bastava o nome de Stewart num contrato para garantir qualquer coisa.

Talvez fosse verdade, mas havia naquilo algo que me irritava.

— Perdão, sr. Sheffield, mas não respondeu à minha pergunta — disse eu polidamente. — Perguntei como o dinheiro seria garantido. Não sou banqueiro nem homem da Wall Street. Sou apenas um pobre rapaz que teve de deixar os estudos e começar a trabalhar porque o pai morreu. Não compreendo essas coisas. Sei que, quando entro num banco e me pedem garantias, tenho de apresentar alguma garantia, como terras, hipotecas, títulos, antes de me darem alguma coisa. É esse o sentido de minha pergunta.

— Sem dúvida alguma, sr. Cord — concordou, com um sorriso. — Está querendo sugerir que todas as companhias não sejam capazes de pagar a quantia combinada?

— Nada poderia estar mais longe de meu pensamento, sr. Sheffield. O que acontece é que homens que têm mais experiência do que eu, que são mais velhos e sabem mais, dizem que os tempos atuais são incertos. O mercado está desnorteado e há bancos em falência por todo o país. Não se pode saber ao certo o que ainda está para acontecer. E eu quero saber como é que vou ser pago.

— Seu dinheiro será garantido pela renda da nova companhia — disse Sheffield, ainda pacientemente explicando.

— Compreendo. Vou ser pago com o dinheiro que os senhores ganharão se eu lhes ceder a patente.

— Mais ou menos.

Acendi um cigarro e disse:

— Mas uma coisa ainda não compreendo. Por que não me pagam tudo desde já?

— Dez milhões de dólares representam uma quantia muito grande, mesmo para essas companhias — disse ele. — As exigências de capital são muito grandes. E por isso que figuramos nessa sociedade.

— Ah! — exclamei, ainda me fazendo de inocente. — Quer dizer que sua firma vai adiantar o dinheiro?

— Não! Não se trata absolutamente disso. Estamos apenas subscrevendo as ações e fornecendo o capital inicial que dará vida à nova empresa. Só isso importará em alguns milhões.

— Inclusive seus honorários de corretagem?

— Claro! — disse ele. — É de praxe.

— Claro.

Ele me olhou vivamente.

— Tem alguma objeção a fazer quanto à nossa posição, sr. Cord?

— Absolutamente. Não tenho, nem poderia ter. Não me cabe dizer a ninguém como deve gerir seus negócios. Já chega o trabalho que tenho cuidando dos meus.

— Mas parece ter algumas dúvidas sobre nossa proposta...

— E tenho. Minha impressão era de que eu iria receber dez milhões de dólares por esses direitos. Vejo agora que vou ter apenas a *garantia* de dez milhões de dólares. Há uma diferença entre os dois casos. No primeiro, recebo o dinheiro imediatamente; no segundo, sou participante acidental do empreendimento dos senhores, sujeito aos mesmos riscos dos senhores, mas com um limite estabelecido na extensão de minha participação.

— É contrário a um negócio dessa natureza?

— Absolutamente. Apenas gosto de conhecer exatamente minha posição.

— Muito bem. Neste caso, podemos começar a assinar os papéis — disse Sheffield, com um sorriso de alívio.

— Ainda não — retruquei, decidido, e o sorriso dele desapareceu instantaneamente. — Estou disposto a ser participante da maneira sugerida, mas, se vou também assumir os riscos, neste caso a garantia deve ser de quinze milhões, e não de dez.

Houve durante um momento um silêncio melindroso e, então, todo mundo começou a falar ao mesmo tempo.

— Mas o senhor já concordou com dez milhões! — protestou Sheffield.

— Não, de modo algum. É a primeira vez que nos encontramos.

Mac resfolegava como uma válvula.

— Espere um pouco, Jonas. Deu-me motivos para acreditar que levaria em consideração uma oferta de dez milhões de dólares!

— E levei.

Vi pela primeira vez sua calma de advogado desfeita.

— Agi de boa-fé, em seu nome. Não participarei dessas negociações incorretas. Se o negócio não se fechar de acordo com o combinado, lavo as mãos de tudo! Peço demissão!

— Será como quiser — disse eu, encarando-o impassível.

Mac perdeu inteiramente a calma.

— O seu mal é que você está querendo ser maior do que é. Ainda me lembro de quando você era garoto...

Eu já estava zangado, mas minha voz era calma.

— O mal é que você é apenas meu advogado. São meus bens que estão aqui em jogo. Sou eu quem toma as decisões sobre meus bens. Posso vendê-los, dá-los, fazer o que quiser. Os bens são meus e você trabalha para mim. Não se esqueça disso!

O rosto de Mac ficou branco. Eu sabia de tudo que passava por sua cabeça. Os cem mil dólares por ano que eu lhe pagava. Sua participação nos lucros. A casa onde ele morava. As escolas que os filhos estavam frequentando. Sua posição na sociedade. Talvez naquele momento estivesse lamentando haver deixado os sessenta mil por ano que ganhava antes de trabalhar para mim.

Eu não poderia dar-me ao luxo de ter pena dele. Sabia perfeitamente o que estava fazendo. De qualquer maneira, tinha de lhe dar uma chance.

— Pare com isso, Mac — disse com voz bem cordial. — Estamos muito ligados para que uma coisa dessa interfira conosco. Não pense mais nisso. Haverá outros contratos. O importante é assinar logo a renovação de seu contrato para que nenhum desses piratas roube você de mim.

Vi o alívio que se mostrou no rosto dele.

— Claro, Jonas. — Ele hesitou um instante. — Acho que estamos ambos um pouco cansados. Eu, com essas negociações; você, com esse voo em que bateu tantos recordes. Creio que não compreendi o que me disse.

Voltou-se para os outros e falou com sua voz calma de sempre:

— Desculpem-me, senhores. A culpa foi minha. Não tive a intenção de enganá-los, mas não compreendi bem as determinações do sr. Cord. Peço desculpas.

Um pesado silêncio envolveu o local. Dei um sorriso irônico e fui até um dos urinóis.

— Então a situação é essa, e não podemos considerar esta reunião um prejuízo total — disse eu, de costas para eles.

Foi Sheffield quem tomou a iniciativa. Escutei-o conversar em voz baixa com os outros. Logo que me voltei, ele disse:

— Cada lado perde um pouco. Doze milhões e meio.

Tinham mesmo necessidade da patente. Caso contrário, não cederiam tão depressa. Ia fazendo um sinal afirmativo com a cabeça, mas de repente tive uma ideia.

— Meu pai me falou muito a seu respeito, sr. Sheffield — disse eu. — Ele me contou que é um verdadeiro esportista e que é capaz de fazer apostas sobre tudo.

— Bem, já tenho feito algumas apostas — respondeu ele com um sorriso.

— Muito bem, aposto dois milhões e meio de dólares como o senhor não é capaz de urinar de onde está naquele urinol. Se conseguir, fecharemos negócio por doze milhões e meio. Se não conseguir, será por quinze.

Ele abriu a boca e arregalou muito os olhos por trás dos óculos.

— Sr. Cord! — exclamou.

— Pode me chamar de Jonas. Lembre-se de que a aposta é de dois milhões e meio.

Ele olhou para os outros e depois para mim. Por fim, o homem da Mahlon Chemical deu sua opinião:

— São dois milhões e meio de dólares. Até eu seria capaz de tentar isso por tanto dinheiro!

Sheffield hesitou um momento. Olhou para Mac, mas desviou o olhar. Voltou-se então para o urinol e levou a mão à braguilha. Olhou para mim e eu gesticulei com a cabeça, como a confirmar a aposta. Nada aconteceu. Nada mesmo. Ele ficou ali, com a vermelhidão a subir-lhe do pescoço para o rosto. Passou-se um tempo.

Quebrei o silêncio, dizendo com voz muito séria:

— Está bem, sr. Sheffield. Perdi. Ganhou a aposta. O contrato será de doze milhões e meio.

Ele me olhou, procurando compreender o que eu tinha em mente. Estendi a mão para ele.

— Posso chamá-lo de Martin? — perguntei.

— Faça-me esse favor — respondeu com um fraco sorriso.

Apertei sua mão e disse solenemente:

— Martin, sua braguilha está aberta!

McAllister fez as alterações necessárias nos contratos e nós assinamos ali mesmo. Já passava de quatro e meia quando saímos para a portaria. Eu estava caminhando para o elevador, quando Amos Winthrop bateu em meu ombro. Eu não queria falar com ele.

— Pode ficar para amanhã, Amos? Tenho de dormir um pouco.

O rosto dele se franziu num sorriso sabido.

— Eu sei qual é o sono que você quer, mas isso é importante.

— Nada pode ser tão importante.

A porta do elevador se abriu e entrei. Amos estava bem a meu lado. As portas se fechavam, quando pedi ao ascensorista:

— Espere um momento.

As portas do elevador tornaram a se abrir e eu saí.

— Está bem, Amos. O que há?

Fomos até um sofá e nos sentamos.

— Preciso de mais dez mil.

Encarei-o. Não era de admirar que estivesse sempre sem dinheiro. Gastava tudo mais depressa do que o governo podia imprimir.

— Para onde foi todo o dinheiro que recebeu pelas ações?

— Acabou — disse, com uma expressão de angústia. — Você sabe que eu devia muito.

Eu sabia. Ele devia a todo mundo. Depois de se entender com todos os credores e com suas ex-esposas, não devia mesmo sobrar muito dos cinquenta mil dólares. Estava começando a me arrepender de havê-lo incluído no negócio, mas julguei que ele poderia dar alguma valiosa colaboração à companhia. Já fora um dos melhores projetistas de aviões do país.

— Seu contrato não se refere a adiantamentos assim.

— Sei disso. Mas desta vez é importante. Prometo que não voltará a acontecer. É para Monica.

— Monica? — perguntei, achando muito curiosa a situação. — O que há com ela?

— Quero mandá-la viver com a mãe na Inglaterra. Ela é um grande peso para mim e não posso mais controlá-la. Está se encontrando com um sujeito às escondidas e, se já não está enroscada com ele, isso não demora.

Cheguei a pensar por um momento que aquilo fosse uma forma delicada de chantagem. Podia ser que já soubesse de tudo. E aquela era uma maneira de me comunicar.

— Você conhece o sujeito?

— Não. Se conhecesse, seria capaz de matá-lo — disse com raiva. — Uma menina inocente como ela!

Conservei-me impassível. O amor é cego, mas os pais são ainda mais cegos. Até um trapaceiro matriculado como Amos, com toda sua experiência, não era mais sabido que qualquer simplório do interior.

— Conversou com ela?

— Conversei, mas não adiantou nada. Bem sabe como são as moças hoje em dia. Aprendem tudo na escola e ninguém pode ensinar-lhes mais nada. Quando tinha dezesseis anos,

encontrei uma caixa de camisinhas na bolsa dela.

Ele deveria ter tomado providências naquela época. Estava atrasado três anos. Ela já tinha dezenove.

— Sujeitos como você nunca aprendem.

— E o que você acha que eu podia fazer? — perguntou ele, veemente. — Conservá-la presa dentro do quarto?

— Você poderia ter tentado ser pai dela.

— Está falando como se fosse um especialista. Mas, se tivesse seus próprios filhos, não teria tanta certeza assim.

Eu poderia ter explicado. Eu também tivera um pai muito ocupado sempre com seus negócios. Mas estava cansado, e me levantei.

— E o dinheiro? — perguntou ele, ansiosamente.

— Eu o darei a você — disse, e um sentimento de repulsa me dominou. Para que eu precisava de sujeitos como aquele perto de mim? Sanguessugas. Pegavam-se à gente e nunca mais largavam. — Vou fazer até mais. Vou dar vinte e cinco mil dólares.

O rosto dele se encheu de satisfação.

— É sério, Jonas?

— É, mas com uma condição.

— Qual? — perguntou, com um ar de cautela nos olhos.

— Quero sua demissão.

— Da Winthrop Aircraft?

— Da Cord Aircraft.

O rosto dele começou a perder a cor.

— Mas... mas fui eu que fundei a companhia. Conheço todos os seus segredos. Agora mesmo, tenho projetos para um avião que o Exército com certeza irá...

— Pegue o dinheiro, Amos, e cuide de sua vida — disse eu, friamente.

Entrei no elevador e o ascensorista fechou a porta na cara dele.

— Sobe, sr. Cord? — perguntou o ascensorista.

"Que pergunta estúpida", pensei. Para onde mais poderia ir?

— Direto — respondi, mostrando cansaço.

Monica estava deitada na cama em cima de meu pijama, meio adormecida. Abriu os olhos quando entrei e perguntou:

— Foi tudo bem?

Assenti com a cabeça e joguei a camisa em cima de uma cadeira.

— O que meu pai queria?

Tirei as calças e Monica me jogou o pijama.

— Acabou de me entregar seu pedido de demissão.

Ela se sentou na cama, com os olhos castanhos arregalados de surpresa.

— É verdade? Por quê?

— Disse que é por sua causa. Quer mais tempo para ser seu pai.

Ela me olhou um instante, então começou a rir.

— Muito engraçado isso! Toda minha vida desejei que ele me desse um pouco de atenção e só agora ele se lembra disso, agora que não preciso mais dele.

— Não precisa mais dele?

— Não. Nem agora, nem nunca mais — disse ela, levantando da cama e encostando a cabeça em meu peito. — Agora tenho você, que é tudo para mim: pai, irmão, amante.

Acaricieei docemente seu cabelo castanho. E senti de repente uma onda de compaixão dentro de mim. Sabia como uma pessoa pode sentir-se sozinha aos dezenove anos.

Os olhos dela estavam fechados e havia em torno deles leves, marcas de cansaço. Beijei-lhe suavemente a testa.

— Venha para a cama, menina. O dia está amanhecendo.

Ela adormeceu no mesmo instante, com a cabeça em meu ombro e o pescoço na curva de meu braço. Fiquei um bom tempo sem poder dormir, olhando aquele rosto tranquilo, enquanto a luz do sol invadia o quarto.

Que Amos Winthrop fosse para o inferno! Que Jonas Cord fosse para o inferno! Mande para o inferno todos os pais que viviam tão ocupados com seus negócios e eram tão egoístas que não podiam ser pais de seus filhos.

Comecei a sentir o cansaço me dominar. Meio adormecido, percebi-a virando-se na cama e o calor de seu esbelto e gracioso corpo me encheu de alegria. Por fim, o sono chegou. A noite escura e sem estreias do sono profundo.

Casamos no fim da tarde seguinte na pequena capela de Reno.

Vi a brilhante fosforescência agitar-se dentro da água e joguei alegremente o anzol no rio, bem acima da truta. Tinha certeza do êxito. Uma questão de instinto. A água, as sombras vacilantes das árvores da margem, a mancha azul, verde e vermelha da isca, uma mosca na ponta da minha linha. Mais um instante e a bandida morderia. Tive um sobressalto quando ouvi a voz de Monica na beira do rio, atrás de mim.

— Jonas!

A voz dela quebrou o silêncio e a truta mergulhou para o fundo do rio. A mosca começou a descer na correnteza e, antes de me virar, sabia que a lua de mel estava terminada.

— Que é? — perguntei com uma ponta de mau humor.

Ela me apareceu de *short*, com os joelhos vermelhos e o nariz descascando.

— Um telefonema para você. De Los Angeles.

— Quem é?

— Não sei. É uma mulher, mas não disse o nome.

Olhei para o rio. Não havia mais brilho dentro da água. O peixe havia desaparecido. Era o fim. A pesca naquele dia estava encerrada.

— Diga para ela esperar. Subo num minuto.

Monica voltou para a cabana. Comecei a enrolar a linha pensando em quem poderia telefonar para mim. Não eram muitas as pessoas que sabiam da existência daquela cabana nas montanhas.

Quando era garoto, costumava ir para lá com Nevada. Meu pai sempre prometia ir também, mas nunca chegou o dia.

Tomei o caminho de volta. Já estava escurecendo e os ruídos noturnos iam começando. Por entre as árvores, os grilos ensaiavam as suas cantigas.

Encostei o canção na parede da cabana e entrei. Monica estava sentada numa cadeira perto do telefone folheando uma revista. Peguei o telefone.

— Alô.

— Sr. Cord?

— Ele mesmo.

— Um momento — disse a telefonista. — Los Angeles, o sr. Cord está na linha.

Ouí um clic e, então, uma voz conhecida:

— Jonas?

— Rina?

— Sim. Há três dias que tento falar com você. Ninguém soube dizer onde você estava. Foi então que me lembrei da cabana.

— Ótimo — disse eu, olhando para Monica. Ela continuou a folhear a revista, mas eu sabia que estava escutando.

— Escute, quero dar-lhe os parabéns — disse Rina, com sua voz rouca e baixa. — Desejo-lhe muitas felicidades. Sua mulher é muito bonita.

— Você a conhece?

— Não. Mas vi o retrato nos jornais.

— Ah, muito obrigado. Mas não foi para isso que você telefonou.

— Não, não foi. Preciso de sua ajuda.

— Se é de mais dez mil que precisa, pode sempre contar comigo.

— E mais do que isso. Muito mais.

— Quanto?

— Dois milhões de dólares.

— O quê? Para que precisa de tanto dinheiro?

— Não é para mim. É para Nevada. Ele está numa situação difícil. Corre o risco de perder tudo o que tem.

— Mas eu pensei que ele estava muito bem. Os jornais dizem que está ganhando meio milhão de dólares por ano.

— Está, mas...

— Mas o quê?

Acendi um cigarro e bati com as mãos em volta à procura de um cinzeiro. Eu sabia que Monica estava me observando, mas sua cabeça não se levantou da revista.

— Nevada empenhou tudo o que tem para fazer um filme. Trabalha nele há mais de um ano e agora tudo está dando errado e ninguém mais quer distribuir o filme.

— Por quê? Não presta?

— Nada disso. É um filme notável. Mas agora os cinemas só querem mostrar filmes falados.

— E por que ele não fez um filme falado?

— Ele começou o filme há mais de um ano, num tempo em que ninguém acreditava no cinema falado. Agora, o banco está exigindo o pagamento do empréstimo e Norman não quer adiantar mais o dinheiro. Diz também que está com muitos filmes encalhados.

— Compreendo...

— Você tem de ajudá-lo, Jonas. Toda a vida dele depende desse filme. Se não der certo, ele estará perdido.

— Nevada nunca deu muito valor ao dinheiro.

— Não é o dinheiro. É a importância que esse filme tem para ele. Acredita no filme. Teve afinal a oportunidade de mostrar o oeste como realmente era.

— Ninguém se interessa pelo oeste como realmente era.

— Já viu algum dos filmes dele?

— Não.

— Não é possível que você não tivesse curiosidade em ver como ele aparece na tela.

— Para quê? Conheço Nevada demais.

— Está bem. Vai ajudá-lo?

— É muito dinheiro. Que motivo teria eu para gastá-lo?

— Um dia, você precisava muito de uma coisa e ele lhe deu.

Eu sabia do que ela estava falando. Era das ações de Nevada na Cord Explosives.

— Mas isso não custou a ele dois milhões de dólares.

— Não? E quanto vale agora?

Isso me abalou um instante. Talvez ainda não valesse tanto, mas daí a cinco anos valeria.

— Se ele está em tais dificuldades, por que não me telefonou pessoalmente?

— Nevada é muito orgulhoso. Você sabe disso.

— E por que você está tão interessada?

— Porque é meu amigo. Quando precisei de ajuda, ele não me fez uma só pergunta.

— Não prometo nada. Mas irei de avião para Los Angeles esta noite. Onde posso procurá-la?

— Estou na casa de Nevada. Mas é melhor nos vermos em qualquer outro lugar. Não quero que saiba que eu lhe telefonei.

— Está bem. Estarei no Beverly Hills Hotel à meia-noite.

Desliguei o telefone.

— Quem era? — perguntou Monica

— A viúva de meu pai — respondi, indo para o quarto. — Vamos arrumar as malas. Vou levar você de volta à fazenda. Tenho de ir para Los Angeles a negócios esta noite.

— Mas só estamos aqui há cinco dias. E você me prometeu uma lua de mel de duas semanas.

— Trata-se de uma situação de emergência.

— O que pensarão se voltarmos da nossa lua de mel ao fim de cinco dias apenas?

— O que me importa o que vão pensar?

Ela começou a chorar e insistiu, batendo o pé:

— Não vou.

— Então fique sozinha. Vou buscar o carro lá embaixo. Se não estiver pronta quando eu voltar, irei sem você!

O que há, afinal de contas, com as mulheres? Basta a gente ficar diante de alguém numa igreja durante cinco minutos e tudo está mudado.

Antes de casar, tudo era muito bom. Ela me tratava como a um rei. Com uma mão, pegava na coisa para mostrar que queria, com a outra tentava acender meu cigarro, lavar minhas costas, me cercava de veludo.

Depois das palavras mágicas a gente tem de implorar tudo! Tem de andar de acordo com todas as regras, ser cheio de gentilezas, ficar de joelhos, acender-lhe os cigarros, abrir-lhe as portas. E preciso até agradecer quando ela resolve dar a mesma coisa que antes ela é que sentia prazer em dar.

Parei o carro diante da cabana e toquei a buzina. Monica saiu com uma maleta e ficou esperando eu abrir a porta do carro para ela. Depois de um instante, ela mesma abriu a porta e entrou com a cara enfarruscada. Ficou com a mesma cara durante as duas horas que gastei até chegar à fazenda.

Eram nove horas quando parei diante da casa. Como de hábito, Robair já estava na porta. Não mudou de expressão quando fiquei no carro depois que ele pegou a maleta de Monica. Olhou-me um instante e, depois, cumprimentou Monica.

— Boa noite, sra. Cord. Seu quarto está em ordem.

Quando ele entrou com a maleta, Monica me perguntou, com uma voz retesada como uma corda de arco:

— Quanto tempo vai demorar?

— O tempo que for preciso para resolver os meus negócios! — respondi asperamente. Mas logo senti a ternura que ela me inspirava. Afinal tínhamos apenas cinco dias de casados. — Voltarei o mais depressa que puder.

— Não precisa correr! — deu-me as costas e entrou em casa sem olhar um só instante para trás.

Fiquei indignado e disparei o carro para a fábrica. Ainda tinha lá o meu velho Waco. A verdade é que minha raiva só passou quando eu estava a setecentos metros de altitude, a caminho de Los Angeles.

Olhei para Rina com o *script* de capa azul na mão. O tempo não havia tirado coisa alguma de Rina. Continuava esbelta e forte e os seios ainda se projetavam como as pedras num *canyon*. Deviam estar tão firmes quanto eram da última vez que a vi. Só os olhos estavam mudados. Havia neles uma segurança que não existia antes.

— Não sou muito de ler coisas — disse eu.

— Eu sabia que ia dizer isso, Jonas. Por isso, consegui do estúdio uma projeção do filme para você. Estão à espera.

— Há quanto tempo você está por aqui?

— Há um ano e meio. Desde que voltei da Europa.

— E tem estado com Nevada todo esse tempo?

— Tenho.

— E tem dormido com ele?

Ela não teve a menor evasiva.

— Sim. Ele é muito bom para mim.

— E você é boa para ele?

— Procuro ser — respondeu tranquilamente, seus olhos fixos em mim. — Mas não é isso o que importa. A você pouco interessa o que eu seja ou não seja.

— Estava apenas curioso — repliquei, levantando-me e jogando o *script* em cima de uma cadeira. — Curioso para saber como é que se consegue prendê-la.

— Não é o que você pensa — disse ela, prontamente.

— O que é, então? Dinheiro?

— Não. Um homem. Um homem de verdade. Nunca me dei bem com garotos.

Essa me acertou.

— Bem, com o tempo chegarei lá.

— Você só está casado há cinco dias.

Olhei-a e senti a mesma excitação que ela provocava em mim.

— Vamos! — falei bruscamente. — Não posso perder a noite toda.

Sentei-me na sala de projeção entre Rina e Von Elster, o diretor.

Rina não havia mentido. O filme era notável, mas apenas por um motivo: Nevada. Ele mantinha o filme do princípio ao fim, com uma força que parecia iluminar a tela.

Era a força que eu sempre sentira nele, mas que ali era maior, mais determinada e mais irresistível. Começava o filme como um garoto de dezesseis anos e acabava pelas montanhas como um homem de vinte e cinco. Mas nunca em todo o filme eu sentira sua verdadeira idade.

Recostei-me na cadeira com um suspiro quando as luzes se acenderam. Peguei um cigarro, ainda sentindo a emoção do que acabara de ver. Mas percebi vagamente a falta de alguma coisa. Senti então um calor nas coxas e compreendi o que era.

Olhei para Von Elster e disse:

— Tirando o caso daquela madame de Nova Orleans e, depois, o da filha do presidiário, não há mulheres no filme.

Von Elster sorriu.

— Há algumas coisas que não se fazem num *western*. Meter mulheres é uma delas.

— Por quê?

— Porque a indústria julga que se deve conservar sem mancha a imagem do herói puro e forte. O herói pode ser culpado de qualquer crime, menos o de fornicação.

Ri e levantei.

— Desculpe a pergunta. Mas por que não acrescenta o diálogo a esse filme, da mesma maneira que se faz com a música. Por que tem de fazer tudo de novo?

— Seria ótimo se pudéssemos acrescentar o diálogo. Mas acontece que o ritmo de projeção do filme mudo é muito diferente do ritmo do filme sonoro. O filme falado é projetado com a velocidade da palavra falada, ao passo que o filme mudo tem um andamento muito mais rápido, dependendo dos letreiros e de uma ação mais ampla para exprimir o enredo.

O que ele dizia era mecanicamente sensato. Como em tudo no mundo, havia uma técnica naquela atividade que começava a me interessar. Sem a mecânica, não seria possível fazer nada daquilo.

— Venha para o hotel comigo. Gostaria de conversar mais sobre essas coisas.

Rina teve um sobressalto.

— São quase quatro horas — disse ela. — Creio que já avançamos o máximo sem o conhecimento de Nevada.

— Está certo — respondi. — Leve-o ao hotel amanhã às oito horas.

— Oito horas está bem.

— Posso deixá-lo no hotel, sr. Cord — disse Von Elster.

Olhei para Rina. Ela fez um sinal quase imperceptível com a cabeça.

— Não, muito obrigado. Rina pode me deixar no caminho para casa.

Ela não disse uma única palavra até o carro parar diante do hotel.

— Von Elster tem um interesse pessoal no caso — disse ela. — Está preocupado. Nunca fez um filme falado e quer fazer esse. É um grande filme; e, se der certo, sua posição estará assegurada.

— Quer dizer que ele está abalado?

— Todo mundo em Hollywood está. De Greta Garbo e John Gilbert para baixo. Ninguém sabe ao certo qual será o efeito do cinema falado sobre a própria carreira. Ouvi dizer que a voz de John Gilbert é tão ruim que a MGM não fará mais nenhum filme com ele.

— E a voz de Nevada?

— É boa. Muito boa. Fizemos outro dia um teste sonoro.

— Já é uma coisa a menos para dar preocupação.

— Como é? Vai ajudar ou não?

— O que eu ganho se ajudar?

— Pode ganhar muito dinheiro.

— Não preciso. Vou ganhar muito dinheiro de uma maneira ou de outra.

Ela olhou firme para mim. Sua voz ficou gélida.

— Você não mudou nada, hein?

— Não. Mudar para quê? Ninguém muda. Você mudou? — disse eu, segurando-lhe a mão, que estava fria como gelo. — Quanto é exatamente que você me dará para socorrer Nevada?

— Daria tudo o que tenho se fosse necessário.

Senti uma ponta de tristeza. Quantas pessoas diriam o mesmo a meu respeito? Só pude pensar numa. Larguei a mão de Rina e saí do carro.

— Então, Jonas? Já resolveu?

— Ainda não. Há muitas coisas que ainda quero saber. Mas não se preocupe. Quando resolver, você será a primeira pessoa de quem exigirei pagamento.

— Conhecendo você como conheço, não esperava outra coisa — disse ela duramente.

Fez sinal ao chofer e a limusine se afastou. Entrei no hotel, subi para meu quarto e peguei o *script*. Levei quase uma hora e meia para chegar ao fim. Quando fechei os olhos, eram quase seis horas.

O telefone tocou repetidamente dentro de minha cabeça. Acordei e olhei para o relógio. Passava alguns minutos das sete. Peguei o telefone.

— Sr. Cord? E Von Elster. Desculpe incomodá-lo tão cedo, mas estou aqui na portaria com o sr. Norman. É muito importante falarmos com o senhor antes de seu encontro com Nevada.

— Quem é Norman? — perguntei, ainda tonto de sono.

— Bernard B. Norman, da Norman Films. É a companhia que distribuirá o filme. O sr. Norman julga que poderá ajudá-lo muito no negócio que vai fazer com Nevada.

— Acha que preciso de alguma ajuda? Conheço Nevada desde criança.

— Escute, sr. Cord — disse ele, passando a um tom confidencial —, Nevada é um homem cem por cento. Mas o agente dele, Dan Pierce, é muito esperto. O sr. Norman acha que pode dar algumas sugestões antes que o senhor tenha de enfrentá-lo.

Peguei um cigarro. Von Elster não perdera tempo. Corra depressa para o patrão logo que sentira o cheiro de meu dinheiro. Não sabia o que eles queriam, mas não devia ser nada de bom para Nevada.

— Espere um pouco aí até eu me vestir. Eu lhe telefonarei.

Desliguei o telefone e acabei o cigarro. A capa azul do *script* chamou minha atenção por um instante. Tornei a pegar o telefone. Dei à telefonista o número do financista Tony Moroni.

— Desculpe ligar a essa hora, Tony. É Jonas.

A voz dele foi muito cordial.

— Não tem importância. Eu já estava acordado. Parabéns pelo casamento.

— Obrigado — agradei automaticamente, lembrando de repente, que eu não pensara em Monica desde que chegara à cidade. — É o seu banco que está financiando o novo filme de Nevada Smith?

— *O renegado*?

— Sim.

— Somos nós, de fato.

— O que há sobre o filme, Tony?

— É um bom filme. Teria mais possibilidade se fosse falado, mas é um bom filme.

— Se acha que é bom, por que está exigindo o pagamento do empréstimo?

— Você sabe como trabalhamos, Jonas. Fizemos o empréstimo a Smith com penhor de seus bens e mais a garantia da Norman Films. Agora Bernie Norman precisa de crédito para reformular alguns de seus filmes e retirou a garantia. Tivemos automaticamente de exigir o pagamento do empréstimo.

Não era de admirar que Von Elster e Bernie Norman estivessem lá embaixo à minha espera. Não queriam interferências em suas trapaças contra Nevada.

— E o que exatamente vai acontecer a Nevada?

— Se ele não puder pagar o empréstimo, nós penhoraremos o filme e todos os seus bens. Depois liquidaremos tudo até recuperar nosso dinheiro.

— E o que farão com o filme? Jogarão no arquivo?

— Nada disso — respondeu, rindo. — Entregaremos o filme a Norman para distribuição.

Isso dará a Norman a oportunidade de reaver seu dinheiro, pois ele empregou cerca de quatrocentos mil dólares no filme. Depois que ele recuperar esse dinheiro, nos entregará a quantia excedente. Quando nosso empréstimo estiver integralmente coberto, daremos o que sobrar a Smith.

A coisa estava começando a ter sentido. Quando qualquer dinheiro chegasse às mãos de Nevada, ele já estaria liquidado.

— Quais são as possibilidades de sobra, Tony?

— Muito pequenas. Nos termos do presente contrato, as despesas de distribuição são bem reduzidas e a parte de Smith é a maior. Quando o filme passar para nossas mãos, as despesas triplicarão, e a parte dele ficará para o fim.

— Quem recebe o dinheiro da distribuição? O banco?

— Claro que não. É Bernie. Ele é o distribuidor.

Agora eu sabia de tudo. Os camaradas lá embaixo estavam querendo dar um golpe de mestre. Limpar Nevada. Dessa maneira iriam encher os bolsos sem qualquer risco ou despesa. Como o atual agente de Nevada, sendo tão esperto como diziam, caíra numa armadilha dessas?

— Uma pergunta mais, Tony, e deixarei de importuná-lo. Quanto custará a transformação de *O renegado* em filme falado?

— Vamos ver. Os *seis* ainda estão no lugar e eles têm o guarda-roupa. É cerca de metade do custo. Talvez mais um milhão. Menos, se tiverem sorte.

— Vale a pena?

Ele hesitou.

— Não gosto de correr o risco de dar opinião sobre filmes. Muitas coisas podem acontecer.

— Corra o risco desta vez. Quero a opinião de quem não tem interesse pessoal direto no caso.

— De tudo que sei, deve ser um risco muito bom.

— Obrigado, Tony. Agora, faça-me um favor. Suspenda qualquer providência a respeito do empréstimo até eu lhe dar alguma palavra ainda hoje. É possível que eu assuma a garantia em lugar de Norman.

— Depois disso, você precisará gastar ainda um milhão.

— Eu sei. Mas a mão com que escrevo ainda está perfeita. Posso muito bem assinar outro título.

Moroni riu enquanto nos despedíamos pelo telefone. Ele não estava preocupado. Sabia que eu podia perfeitamente cobrir o dinheiro com o que ia receber da companhia que ia explorar a minha patente do novo processo industrial para plástico. Os banqueiros estão sempre dispostos a emprestar todo o dinheiro que quisermos, desde que tenhamos bens suficientes em garantia.

Olhei para o relógio logo que desliguei o telefone. Eram quase sete e meia e me sentia meio sonolento ainda. Peguei o telefone, mas mudei de ideia. Fossem para o inferno e esperassem mais um pouco se quisessem falar comigo. Entrei no banheiro. O que eu mais queria naquele momento era um bom banho.

O telefone tocou três vezes enquanto estava debaixo do chuveiro. Deixei a água quente ensopear minha pele e varrer o cansaço. Eram quase oito horas quando saí do banheiro. Ouvi o telefone tocar de novo.

Era Von Elster outra vez, falando naquela voz baixa de conspirador.

— Nevada, Rina e o agente estão subindo. Não nos viram.

— Muito bem.

— Mas quando é que vamos conversar?

— Acho que agora é tarde. Vou ver o que posso fazer com o agente de Nevada. Diga ao sr. Norman que agradeço muito a oferta. Se precisar de alguma coisa, telefonarei para ele.

Ouvi uma exclamação de surpresa e decepção quando desliguei. Ri pensando no que ele iria dizer ao patrão. Vesti as calças e já ia pegando uma camisa, quando bateram na porta.

— Entre — gritei do quarto.

Ouvi a porta abrir e acabei de abotoar a camisa. Procurei os sapatos e vi que estavam do outro lado da cama. Não valia a pena ter tanto trabalho para apanhá-los e saí com os pés descalços.

Rina já estava sentada no sofá. Nevada e outro homem estavam de pé no meio da sala. Um sorriso se esboçou no rosto de Nevada, que estendeu a mão.

— Jonas! — exclamou ele, afetuosamente.

Apertei-lhe a mão sem jeito. Era engraçado apertar a mão dele como se fosse uma pessoa estranha.

Havia pequenas rugas de tensão nos cantos dos seus olhos, mas desapareceram um instante na satisfação com que me olhou.

— Você está cada dia mais parecido com seu pai.

— Também você está com muito bom aspecto. Onde arranjou essas roupas?

Ele ficou um pouco embaraçado.

— Isso faz parte da profissão. Tenho de andar assim. Os garotos gostam. — Meteu a mão no bolso e tirou uma bolsa de fumo. Começou a fazer um cigarro. — Tenho lido muita coisa nos jornais a seu respeito. O voo de Paris a Los Angeles, seu casamento. Sua mulher está aí com você?

Fiz um gesto negativo com a cabeça.

Ele me olhou meio surpreso, e vi que compreendera tudo o que havia em meu casamento com Monica. Nunca pudera esconder nada de Nevada.

— É uma pena. Eu bem que gostaria de conhecê-la.

Olhei para o outro homem, pois queria mudar de assunto, e Nevada fez a apresentação:

— Dan Pierce, meu agente.

Apertei a mão do agente e entrei direto no assunto:

— Vi seu filme ontem à noite. Gostei muito. É uma pena que você tenha de fazê-lo de novo.

— Pensei que o cinema falado não fosse vingar — disse Nevada.

— Não é essa toda a verdade — começou Pierce, irritado. — Nevada queria fazer o filme mudo mesmo, mas logo que começamos as filmagens viu que estava errado. Tentamos transformá-lo num filme falado, mas não conseguimos.

— Por quê?

— Norman não deixou — continuou Pierce. — Só dispunha de um palco de som nessa época e precisava dele para seus outros filmes. Quisemos esperar, mas ele afirmou que se não prosseguíssemos imediatamente nas filmagens ele retiraria a garantia que estava dando.

Com isso, tudo se esclareceu. A trama fora preparada desde o início. Olhei para Nevada sem compreender. Ele fora um grande jogador de pôquer.

Nevada então me surpreendeu, dizendo:

— Eu sei o que você está pensando. Mas eu queria fazer o filme. Achava que dizia mais do que todas as coisas falsas que eu até então representara.

— E Norman? — perguntei. — Por que não lhe adiantou o dinheiro para acabar o filme?

— O crédito dele diminuiu — disse Nevada. — É por isso que o banco está exigindo o pagamento do empréstimo.

— Tudo isso é conversa — disse Pierce, explodindo de novo. — Estamos é sendo torpemente explorados. Bernie Norman faz o banco exigir o pagamento e o banco entrega o filme a ele. Norman consegue o filme de graça, por quase um terço do que lhe custaria se o fizesse com o dinheiro dele.

— Quanto custaria fazer o filme de novo? — perguntei.

— Cerca de um milhão de dólares — respondeu Nevada.

— Sem contar o pagamento do empréstimo, que o banco está exigindo — acrescentou Dan Pierce prontamente.

— Norman ainda teria de distribuir o filme? — perguntei.

— Claro. Ele tem contrato com dez mil cinemas, e se for um filme falado não haverá um só que o recuse.

— E se for mudo?

— Teremos sorte se for exibido em mil e quinhentos cinemas. Todos querem filmes falados.

— O que acham que devo fazer?

Nevada hesitou um instante, depois me olhou com sua franqueza habitual e disse:

— Se eu fosse você, não faria nada. Você pode perder todo seu dinheiro.

Vi o olhar de Pierce para Nevada. Cheio de raiva, mas também tocado de especial respeito. Para Pierce, eu era apenas outro trouxa. Mas reconhecia que eu era alguma coisa mais para Nevada.

Olhei-o um instante. Depois me volvei e olhei para Rina, sentada no sofá. Seu rosto estava impassível. Os olhos apenas suplicavam.

— Vou fazer a coisa, Nevada. Mas com uma condição. Comprarei todos os interesses e o filme passará a ser exclusivamente meu. Quando o fizermos de novo, será feito do jeito que eu quiser. Não haverá discussões e todos me obedecerão, você inclusive. Se vou perder a mão, ao menos quero ser quem dá as cartas.

Nevada fez um sinal com a cabeça, concordando. Já ouvira muitas vezes meu pai dizer coisas parecidas. E fora ele mesmo quem me ensinara a pegar no baralho quando as paradas estavam muito altas.

— Mas o senhor sabe alguma coisa a respeito de filmes? — perguntou Pierce.

— Não sei nada. Mas quantas pessoas conhece que já fizeram um filme falado?

Isso o fez calar-se. O que eu dizia era verdade. O cinema passara a ser uma coisa nova e não havia mais veteranos. Virei-me para Nevada.

— Então?

— Não sei. Não gosto de deixar você se arriscar sozinho. Não vou perder nada.

— Está enganado! — exclamou Pierce. — Se o filme não prestar, sua carreira estará encerrada.

— Sempre me arrumei muito bem antes de ser artista — disse Nevada, sorrindo. — Já estou um pouco velho para me preocupar com uma coisa em que entrei por acidente.

— Então, Nevada?

Nevada estendeu a mão, as rugas de preocupação desapareceram de seu rosto e ele voltou a ser um homem jovem.

— Negócio fechado, Júnior.

Apertamos as mãos e fui para o telefone. Liguei para Moroni, no banco.

— Pode transferir o empréstimo para a Cord Explosives.

— Felicidades, Jonas. Sabia que você ia fazer isso.

— Então sabia mais do que eu.

— É por isso que sou um bom banqueiro.

Desliguei e voltei-me para os outros:

— A primeira coisa que temos a fazer é dispensar Von Elster.

— Mas Von Elster é um dos melhores diretores de Hollywood — disse Nevada. — Dirigi todos os meus filmes e foi quem me descobriu.

— Pois é um patifezinho de merda. No momento em que pensou que você estava em dificuldades, tentou traí-lo. Estava às sete da manhã aqui no hotel com Bernie Norman. Queriam me dar algumas sugestões, mas eu nem falei com eles.

— Agora talvez você acredite em mim, Nevada, quando lhe digo que Bernie é o responsável por tudo — disse Pierce.

— Nevada — interrompi a conversa dos dois —, quer você goste, quer não, fizemos um trato. O filme é meu e o que eu disser é o que se fará. O que quero agora é que Pierce providencie para que eu veja tantos filmes falados quanto for possível nos próximos três dias. Depois, no fim da semana, levarei todos de avião para Nova Iorque. Passaremos três ou quatro dias indo ao teatro. Lá poderemos até conseguir um bom diretor de cena e... Por que está sorrindo, Nevada?

— Como já disse, você cada vez se parece mais com seu pai.

Sorri também para ele. Nesse momento, o garçom chegou com o café. Nevada e Pierce foram ao banheiro se lavar. Eu e Rina ficamos a sós.

Ela me olhou com simpatia, e disse afetuosamente:

— Se você seguisse apenas seus impulsos, Jonas, poderia vir a tornar-se um ser humano.

— Não me venha com trapanças, Rina. Nós dois sabemos por que fiz isso. Não se esqueça de nosso trato ontem à noite.

— Quer ser pago agora mesmo?

Eu sabia que a havia ofendido.

— Posso esperar — disse eu, sorrindo.

— Eu também — replicou ela. — Para sempre, se for preciso.

Nesse momento, o telefone tocou e eu disse:

— Atenda.

Rina atendeu e depois estendeu o telefone para mim, dizendo:

— Sua mulher.

— Alô, Monica.

A voz dela estava cheia de raiva.

— Negócios! E quando eu telefono é uma vagabunda que atende. Naturalmente vai dizer que é sua madrasta!

— E é mesmo.

Ela bateu imediatamente o telefone. Fiquei um instante atônito. Então comecei a rir: Tudo estava tão certo...

E tão errado!

Olhei da janela para o campo de pouso. Vários aviões estavam ali alinhados, ostentando no lado e embaixo das asas as iniciais ICA, em vermelho, branco e azul, rodeadas por um círculo. Virei-me para a prancheta e depois para o desenhista.

Morrissey era jovem, ainda mais jovem que eu. Formara-se, especializando-se em planejamento e engenharia aeronáutica. Não era piloto; pertencia a uma nova geração que caminhava no céu. O que propunha era radical. Um avião bimotor, de asa única, com maior força ascensional do que qualquer outro aparelho existente.

— Na minha opinião, sr. Cord — disse ele, com sua maneira segura —, precisamos é baixar as asas para ter toda a força ascensional necessária e também para aumentar a capacidade de combustível. Ainda há a vantagem do controle visual direto do piloto.

— O que me interessa é a capacidade de carga e a velocidade — respondi.

— De acordo com meus cálculos, poderíamos transportar vinte passageiros além do piloto e do copiloto numa velocidade de cruzeiro de cerca de quatrocentos quilômetros. Deverá voar seis horas sem necessidade de reabastecer.

— Quer dizer que poderíamos voar daqui para Nova Iorque apenas com uma parada em Chicago? Não acredito! — exclamou Buzz.

— É o que meus cálculos mostram, sr. Dalton — disse Morrissey, polidamente.

Buzz olhou para mim.

— Você pode jogar seu dinheiro fora nesses planos malucos, mas eu não. Já vi muitos desses sonhos!

— Quanto custará para fazer o primeiro? — perguntei a Morrissey.

— Quatrocentos mil dólares, talvez quinhentos. Corrigidos os defeitos, poderemos produzi-los por um quarto de milhão.

Dalton riu.

— Meio milhão de dólares por um avião? É uma loucura! Nunca recuperaremos o dinheiro!

Uma passagem de Nova Iorque a San Francisco de trem custava mais de quatrocentos dólares. A viagem levava quase quatro dias. Com as refeições, chegava a mais de quinhentos dólares por passageiro. Um avião assim daria uma renda de sete mil dólares com a carga e os passageiros, o que, com o transporte das malas postais, subiria a sete mil e quinhentos dólares. Com cinco viagens por semana, em menos de vinte semanas recuperaríamos o dinheiro e cobriríamos todas as despesas. Daí por diante tudo seria lucro. Poderíamos até dar refeições de graça durante as viagens.

Olhei para o relógio. Quase nove horas. Levantei.

— Tenho de ir ao estúdio. Vamos rodar a primeira cena hoje.

O rosto de Buzz ficou vermelho de raiva.

— Espere aí, Jonas. Vamos tratar de negócios. Há um mês e meio, você gasta todo seu tempo nesse maldito estúdio. Enquanto se diverte com esse filme, temos de lutar para construir um novo avião. Se não o fizermos, toda a indústria passará a nossa frente.

— No que me diz respeito, já temos um avião — repliquei,

— Será que vai mesmo se arriscar com essa coisa?

— Morrissey, pode começar a construir o avião.

— Espere um pouco — exclamou Buzz. — Não pense que é a ICA que vai pagar as contas. Não se esqueça de que metade das ações me pertence.

— E a Cord Explosives possui a outra metade — disse eu. — Também tem meio milhão de dólares de penhor sobre os aviões da ICA, em muitos casos com prazos já vencidos. Se eu levar o caso à Justiça, serei o único dono da Intercontinental Airlines.

— Eu devia saber, Jonas — retrucou Buzz, com um riso amargo. — Eu devia ter aprendido tudo quando perdi aquele Waco para você num jogo de pôquer.

— Você é um grande aviador, Buzz. Continue a voar e deixe a parte dos negócios comigo. Ainda farei de você um homem rico.

— Está bem — Buzz acendeu um cigarro. — Mas ainda acho que é uma loucura sua construir esse avião. Poderemos perder nele até a camisa do corpo.

Não respondi e fui para meu carro. Não adiantava explicar a Buzz o mecanismo simples do crédito. A ICA encomendaria vinte daqueles aviões à Cord Aircraft. As duas companhias dariam os aviões em penhor à Cord Explosives. A Cord Explosives descontaria nos bancos os títulos do penhor antes mesmo de serem construídos os aviões. O pior que poderia acontecer, caso o avião não prestasse, seria a Cord Explosives fazer uma vantajada dedução nos impostos.

Entrei no carro e Buzz gritou no momento em que eu ia me afastando:

— Boa sorte com o filme!

Entrei pelo portão principal dos estúdios de Norman. O guarda me viu e fez sinal para passar.

— Bom dia, sr. Cord. Boa sorte, senhor!

Sorri e levei o carro até o estacionamento. Havia uma placa com meu nome no espaço reservado para mim. Aquela gente do cinema em matéria de bajulação era perfeita. Na sala de jantar dos diretores havia uma mesa reservada com meu nome. Eu tinha também um bangalô particular com escritório e duas secretárias, um armário de bebidas cheio até as bordas, uma geladeira elétrica, banheiro completo, sala de vestir, sala de conferência e mais duas salas menores, além de meu gabinete.

Entrei pelos fundos e fui direto ao gabinete. No momento em que sentei à mesa, uma das secretárias apareceu e se plantou diante de mim, com ar muito eficiente, de bloco e lápis em punho.

— Bom dia, sr. Cord. Alguma coisa para ditar?

Neguei com a cabeça. Ela já devia saber. Havia cinco semanas que aquilo acontecia todas as manhãs. Nunca escrevo coisa alguma. Nada de cartas, memorandos ou instruções. Se quero qualquer coisa escrita, chamo McAllister. É para isso que existem advogados.

O telefone da minha mesa tocou. A secretária atendeu imediatamente.

— Escritório do sr. Cord.

Escutou um instante e se voltou para mim:

— Já terminaram os ensaios no Palco Nove. Vão começar o primeiro *take* e gostariam de saber se o senhor quer assistir.

— Diga que já estou indo para lá — pedi, levantando.

O Palco Nove ficava bem longe, nos fundos do estúdio. O *set* de Nova Orleans fora construído ali porque se calculara que haveria mais silêncio, sem qualquer interferência de som dos outros palcos. Comecei a andar pelos caminhos margeados de tijolos. Irritado com a distância, quando

vi a bicicleta de mensageiro encostada a um dos bangalôs, não tive dúvidas: um momento depois estava pedalando como um alucinado e ouvindo os gritos do mensageiro às minhas costas.

Parei em frente ao Palco Nove e quase me choquei com um homem que estava abrindo a porta de entrada. Ele me olhou com uma scandalizada surpresa. Era Bernie Norman.

— Ora, sr. Cord — disse. — Não precisava fazer isso. Poderia ter chamado um carro para trazê-lo.

Encostei a bicicleta na parede:

— Não tive tempo, sr. Norman. Disseram que já iam começar. É meu dinheiro e meu tempo que estão gastando aí dentro.

Estavam prontos para filmar a primeira cena, aquela em que Max, ainda moço, fala pela primeira vez com a madame da casa suspeita. Não era o começo do filme, mas é assim mesmo que se faz um filme: primeiro todas as cenas internas, depois, todas as externas. Quando tudo termina, há um homem que junta tudo na ordem certa.

A atriz que fazia o papel da madame era Cynthia Randall. Era a maior estrela de Norman. Tinha-se por certo que era a coisa de mais *sexappeal* do cinema. Pessoalmente, não me dizia nada. Gosto de mulheres com peitos de verdade. Dois maquiladores e um cabeleireiro rodeavam-na enquanto ela se sentava diante da penteadeira que fazia parte do *set*.

Nevada estava no outro canto, de costas para mim, falando com Rina. Virou-se quando eu entrei. Fiquei emocionado, pois tive imediatamente uma recordação da minha infância. Nevada parecia ainda mais moço do que quando eu o conhecera. Não sei como fazia isso, mas até os olhos eram de um rapaz.

— Alô, Júnior — disse sorrindo. — Lá vamos nós.

— Pois então vamos! — respondi.

— Todos nos seus lugares — gritou alguém.

— Acho que isso é comigo — disse Nevada.

O rosto de Rina estava voltado para o *set*, e em seus olhos havia uma expressão de fascinação. Um homem passou, carregando um cabo. Afastei-me dele e quase dei um encontrão em outro. Resolvi ir para bem longe para não causar algum prejuízo.

Fui para perto da aparelhagem sonora. Dali podia ver e ouvir tudo. Comecei a compreender por que é preciso gastar tanto dinheiro para fazer um filme. Estávamos no décimo primeiro *take* daquela mesma cena, quando notei o homem do som. Estava curvado sobre a mesinha de controle, com fones nos ouvidos, e rodava freneticamente os seus botões. De vez em quando, movia os lábios em pragas mudas e se punha novamente a girar os botões.

— Algum defeito na máquina? — perguntei.

Olhou para mim e percebi que ele não sabia quem eu era.

— Não. A máquina está perfeita.

— Está aborrecido com alguma coisa?

— Escute aqui, rapaz — disse ele —, nós dois precisamos de nossos empregos, não é?

Concordei.

— Pois bem, quando o chefe nos diz para fazer alguma coisa parecer boa, a gente tem de fazer sem discutir, não é mesmo?

— Claro.

— Pois bem, estou fazendo o possível. Mas não sou Deus. Não posso mudar o som das vozes. Senti uma espécie de desânimo. Só Rina me havia dito que a voz de Nevada era boa.

— A voz de Nevada Smith?

— Não — disse ele, talvez com desprezo da minha ignorância. — Ele é ótimo. É a moça. A voz dela é tão nasal que parece falar com os olhos.

O homem do som voltou para a sua máquina. Então me aproximei e peguei rápido os fones. Ele se virou, todo zangado.

— Que ideia é essa?

Mas eu já estava com os fones nos ouvidos e ele nada podia fazer senão me olhar. Nevada estava falando. A voz era perfeita, quente e compreensível. Então, Cynthia Randall começou a falar e fiquei estarelecido.

A voz dela tinha todas as qualidades irritantes de um gato a miar em cima de um muro, sem qualquer sugestão sensual. Um arrepio atravessou minha espinha. Uma voz como aquela acabaria com o sexo, mesmo na mais luxuosa casa de Nova Orleans. Tirei os fones dos ouvidos e os meti nas mãos do atônito homem do som. Parti impetuosamente para o *set*. Um homem tentou me segurar, mas eu o empurrei raivosamente para o lado.

Alguém gritou "Corta!", e um súbito silêncio caiu sobre o *set*. Todos me olharam com expressões de espanto.

Eu estava fervendo. Só sabia que alguém estava querendo me enganar, e não gostava nem um pouco disso. Acho que a moça sabia o que estava fazendo ali. Havia em seus olhos um ar de cautela, mesmo quando tentou sorrir.

Bernie Norman correu para o *set*, e um ar de alívio e satisfação apareceu no rosto da artista. Já compreendi tudo. Ela pegou no braço de Bernie no momento em que ele se voltou para mim e perguntou:

— Houve alguma coisa, sr. Cord?

— Houve, sim! Ela! Tire-a do *set*! Está despedida!

— Não pode fazer isso, sr. Cord. Ela tem um contrato para este filme!

— Talvez tenha, mas não comigo. Não foi com a minha pena que o contrato foi assinado.

Bernie me olhou, muito pálido. Ele sabia do que eu estava falando.

— O procedimento é muito irregular. A srta. Randall é uma estrela muito importante.

— Para mim pode ser até a rainha de Sabá — disse, olhando para o relógio no meu pulso.

— Tem exatamente cinco minutos para tirá-la deste *set* ou interrompere o filme e jogarei sobre sua cabeça o maior pedido de indenização em juízo da história!

Sentei na cadeira de lona com meu nome gravado e corri os olhos pelo *set* já quase deserto. Algumas pessoas se moviam por ali como fantasmas. Olhei para o homem do som ainda no seu lugar e com os fones nos ouvidos. Fechei os olhos, cansado.

Ouvi passos se aproximando. Era Dan Pierce. Por telefone havia tentado conseguir uma estrela emprestada nos outros estúdios.

— Então? — perguntei.

— Nada feito. A MGM não pode ceder Greta Garbo, pois vai fazer um filme falado com ela.

— E Marion Davies?

— Acabei de telefonar para ela. Gosta do papel, mas não para ela. Talvez seja melhor nos

arranjarmos com Cynthia Randall. A filmagem parada representa um prejuízo de trinta mil dólares por dia.

— Prefiro perder tudo agora a ser ridicularizado e perder tudo depois.

— Poderíamos talvez trazer uma artista de Nova Iorque.

— Não há tempo. Dez dias são trezentos mil.

Nesse instante Rina entrou com alguns sanduíches.

— Achei que deviam estar com fome e mandei preparar isso.

Peguei um sanduíche e comecei a comer; carrancudo. Rina ofereceu sanduíches a todos, inclusive ao homem do som.

— Obrigado, srta. Marlowe.

— De nada — respondeu ela, indo depois sentar junto de Nevada.

— E uma pena não poderem achar alguém com a voz dela — disse de repente o homem do som, mastigando seu sanduíche.

Olhei para ele.

— O que quer dizer com isso?

— Ela tem alguma coisa na voz que empolga. Se sair na trilha sonora assim, será uma coisa de fazer as plateias delirarem.

— Está falando de Rina?

Ele acabou de comer o sanduíche e disse com um sorriso: — É dela, sim. E, se não estou enganado, deve ser um bocado fotogênica. É toda mulher.

— O que você acha? — perguntei a Dan.

— E possível — disse, sem se comprometer.

— Então vamos em frente! Afinal, trinta mil dólares por dia é muito dinheiro.

Rina tomou a coisa como pilhéria quando lhe pedi que dissesse algumas frases ao microfone. Ainda não pensava que eu estivesse falando a sério quando chamei todo o pessoal para fazer um teste completo. Creio que só começou a acreditar quando, às duas da madrugada, fomos todos ver projetada uma cena que ela fizera com Nevada.

Eu nunca tinha visto na tela nada parecido. Tudo o que ela possuía aparecia multiplicado na tela. Na realidade, era de dar água na boca.

— Vá para casa e direto para a cama. Quero você no estúdio para providenciar o guarda-roupa às seis da manhã. Começaremos a filmar às nove.

— Está bem, Jonas. A brincadeira já está passando da conta. E não quero mais brincar.

— Esteja pronta no set para a filmagem às nove horas, ouviu? Foi você quem telefonou e não eu, lembra-se?

Olhei para Nevada. Havia uma expressão de surpresa em seu rosto e creio que interpretei mal a clara inocência dos seus olhos.

— E você tome providências para que ela não falte!

Saí da sala de projeção. Estavam todos surpresos e sem ação quando a porta bateu atrás de mim.

Abri lentamente os olhos e espiei o relógio. Duas horas! Levantei imediatamente e a dor que senti quase me rachou a cabeça. Dei um gemido alto e a porta se abriu.

Era Dan, já vestido de *slacks* creme e camisa esporte vistosa. Tinha na mão um copo de alguma coisa que parecia suco de tomate.

— Pronto — disse ele. — Beba isso e não sentirá mais nada.

Levei o copo à boca. O gosto era horrível, mas Dan tinha razão. Um momento depois a cabeça começou a melhorar. Corri os olhos pelo quarto. A desordem era completa.

— Onde estão as pequenas? — perguntei.

— Paguei e as mandei para casa.

— Ótimo. Tenho de ir ao estúdio. Iam começar a filmagem às nove.

— Já telefonei para lá e disse que você estava muito ocupado, mas que estaria lá à tarde. Achei melhor você dormir um pouco. A noite foi bem agitada.

Ri. Dan e eu tínhamos tido realmente uma noite agitada. Encontrara-me com ele na saída do *set* e me ofereci para levá-lo até a cidade. No caminho, resolvemos parar e comer alguma coisa. Eu estava meio tenso e ele propôs me ajudar a relaxar. Depois dos bifes acompanhados de uísque num lugar que deveria estar fechado mas não estava, uma noite arrumada graças ao caderninho preto de telefone que todos os agentes parecem possuir.

O criado japonês de Dan já havia preparado ovos mexidos e salsichas quando saí do banheiro. Estava com fome e comi como um lobo. Depois, da quarta xícara de café, Dan sorriu e perguntou:

— Como se sente agora?

— Nunca me senti melhor em toda minha vida!

De fato. Sentia-me calmo e bem disposto, sem nada daquela ansiedade habitual quando pensava no que tinha de fazer durante o dia.

Naquela noite havia conversado com Dan, muito mais do que costumava conversar com uma pessoa estranha. Dan Pierce era diferente. Nunca tinha conhecido ninguém como ele e o tipo me fascinava. Era um sujeito dinâmico, vivo, sabia o que queria. Eu estava metido naquilo até a raiz do cabelo, sem entender grande coisa do assunto. Não ia levar muito tempo, mas quando eu pegasse o macete da coisa, um sujeito como Dan Pierce me seria muito útil.

— Vendi minha agência hoje de manhã — disse ele.

— Por quê?

— Porque de agora em diante vou trabalhar com você.

— Não está avançando um pouco o sinal, Dan? Só vou fazer esse filme. Depois, o que você vai fazer?

Dan sorriu.

— Isso é o que você acha. Pode até ser sincero agora. Mas eu é que sei. Você tem jeito para essa atividade, uma inclinação natural que não é todo mundo que tem. E um desafio ao qual não poderá resistir. Descobriu um novo campo de jogo. Você vai ficar no cinema.

Tomei mais um pouco do café forte e puro como eu gostava.

— E por que acha que vou precisar de você?

— Porque conheço todas as facetas desse negócio, todos os truques, que você levaria muito tempo para conhecer. Você é um homem ocupado e o tempo é a coisa de maior valor que você tem. Não valeria tanto se o cinema fosse sua única ocupação. Mas não é e nunca será. Para você, é apenas outro jogo de dados.

— Dê-me uma amostra grátis.

— Bem, eu não começaria qualquer filme sem submeter todo mundo a um teste de som.

— Ora, isso é uma coisa que já aprendi. Quero algo que ainda não saiba.

Ele pegou o *script* de capa azul e disse:

— Se Rina aparecer na tela como o teste promete, podemos fazer algumas alterações neste *script* e economizar uns quatrocentos mil dólares.

— Como?

— Dando espaço maior à parte dela na história e ampliando o episódio de Nova Orleans. Isso economizará cinco semanas de externas. E ainda não se sabe se os microfones funcionarão bem ao ar livre.

— Se fizermos isso — perguntei, acendendo lentamente um cigarro —, o que acontecerá a Nevada? O papel dele perderá muito de sua importância.

— Nevada não é mais problema meu, Cord. Os novos donos da agência que tratem dele. Estou trabalhando para você agora e creio que você já esgotou nesse filme todas as reservas de sentimento. O cinema é um negócio como qualquer outro. O importante é ganhar dinheiro.

Pela primeira vez, desde que Rina me telefonara, eu estava normal. Ela me fizera rodar como um pão. Não sabia se ia ou vinha. Mas agora era diferente.

— Que combinação quer fazer comigo, Dan?

— Não quero salário. Bastam dez por cento das ações e todas as despesas pagas.

— Você não disse que tinha vendido a agência?

— E essa é a única maneira que tenho de receber uma compensação sem aumentar suas despesas gerais.

— Não brinque comigo. Você vai viver de sua conta de despesas.

— Claro. Também faria isso se ganhasse salário. Como conseguiria trabalhar para você sem gastar dinheiro? Dinheiro é a única coisa nesta cidade que ninguém trata mal.

— Vou lhe dar dez por cento dos lucros. Mas nada de ações.

Ele refletiu um momento e perguntou:

— E quanto às despesas pagas? Estendi a mão.

— Negócio fechado.

Só cheguei ao Palco Nove depois das três horas. Havia grande movimento, uma eficiente balbúrdia de vozes e gestos. Iam fazer outro *take*. Nevada estava a postos, mas não vi Rina em parte alguma. Parei junto do homem do som.

— Como vão as coisas?

— Otimamente! — disse, rindo e batendo nos fones.

Fui para onde estava Nevada. Ele conversava com o diretor, e ambos se voltaram para

mim quando cheguei.

— Como vai ela? — perguntei.

— No começo estava um pouco nervosa — disse o diretor. — Mas depois foi se habituando. Será ótima.

— Ela é formidável! — disse Nevada com entusiasmo. — Nunca pensei, quando ela me dava as dicas no *script*, que isso um dia serviria para ela.

Um dos assistentes do diretor chegou apressadamente.

— Tudo pronto, sr. Carrol!

O diretor fez um gesto de aquiescência e o assistente gritou:

— Todos nos seus lugares!

O diretor foi para perto da câmara e Nevada entrou no *set*. Virei-me e vi Rina, que entrava pelo lado; quase não pude acreditar em meus olhos. Seu longo cabelo louro e platinado estava amarrado no alto da cabeça. Seus lindos seios estavam tão apertados na roupa que ela mais parecia um rapaz. A boca estava pintada como um pequeno arco de cupido e as sobrancelhas marcadas a lápis num traço fino e artificial. Não era mais uma mulher, e sim uma caricatura dos anúncios de propaganda.

O rosto de Dan ficou impassível.

— Trabalharam bem com ela. Dará uma boa imagem.

— Não parece uma mulher.

— É disso que gostam.

— Não quero saber do que gostam! Eu é que não gosto. Há mulheres assim nesta cidade por um tostão a dúzia!

— Se não gosta, mude — disse Dan, com um sorriso. — Você é o patrão e o filme é seu.

Tive vontade de invadir o *set* e dar largas ao meu temperamento. Mas o instinto me conteve. Mais uma explosão como a da véspera e ninguém mais teria moral para fazer nada que prestasse.

— Diga ao Carrol que quero falar com ele — pedi a Dan.

— Ótimo! Essa é que é a maneira de agir. Estou vendo que vai precisar menos de mim do que eu julgava.

Um instante depois o diretor anunciou um intervalo de dez minutos e veio falar comigo todo nervoso.

— Alguma coisa, sr. Cord?

— Quem aprovou a maquiagem e o guarda-roupa?

— Acho que foi aprovado pelos respectivos departamentos. Nevada recomendou que dessem a ela um trato completo.

— Nevada? Escute, Dan, quero todo mundo em meu escritório daqui a dez minutos.

— Certo, Jonas.

Olhei o escritório e cheguei à conclusão de que o estúdio sabia o que estava fazendo. Havia ali espaço suficiente para todos nós.

Dan sentou-se numa poltrona ao lado de minha mesa. Carrol, o novo diretor, ficou ao lado dele. Rina e Nevada sentaram-se no sofá. A frente deles estava o *cameraman*. Do outro lado da sala, o homem da maquiagem e a chefe do departamento de guarda-roupa, uma mulher magra de idade indeterminada, rosto jovem e cabelo precocemente embranquecido, usando um vestido muito simples. Por fim, minha secretária, que segurava nas mãos os infalíveis lápis e bloco de papel.

Acendi um cigarro e disse:

— Todos viram o teste feito ontem à noite. Foi muito bom. Como aconteceu que a mulher do teste não foi a mesma que chegou ao *set* esta tarde?

Ninguém respondeu.

— Rina, levante-se, por favor.

Ela se levantou sem nada dizer e ficou me olhando. Virei-me para os outros.

— Como é que ela se chama?

O diretor tossiu e riu nervosamente.

— Ora, sr. Cord, todos sabem o nome dela.

— Como é?

— Rina Marlowe.

— Então por que ela não está parecida com Rina Marlowe em vez de parecer uma combinação pífia de Clara Bow, Marion Davies e Cynthia Randall? A verdade é que ela se parece com todo mundo, menos com Rina Marlowe.

A mulher do guarda-roupa disse:

— Acho que não estou compreendendo, sr. Cord.

— Como é seu nome? — perguntei a ela.

— Ilene Gaillard. Sou desenhista do guarda-roupa.

— Muito bem, srta. Gaillard. Quer explicar o que não compreende?

— A srta. Marlowe tem de ser vestida no rigor da moda, sr. Cord. Ainda que tenhamos de fazer algumas concessões à época em que se desenrola o filme, o desenho fundamental dos trajes tem de representar a última palavra da moda. É isso que as mulheres vão ver no cinema. Os filmes ditam o estilo.

— Com estilo ou sem estilo, srta. Gaillard, não faz sentido transformar uma mulher num garoto para estar na moda. Nenhum homem em seu juízo perfeito poderia interessar-se por um corpo metido numa roupa como essa.

— Não culpe a srta. Gaillard, Jonas — disse nesse momento Nevada. — Fui eu que dei a ordem.

— Foi sua a ordem? — perguntei, voltando-me para Nevada.

Ele confirmou com a cabeça.

Mais cedo ou mais tarde, isso tinha de acontecer. Procurei falar com voz contida:

— É meu dinheiro que está no fogo e o que combinamos foi que eu daria as ordens.

Portanto, de hoje em diante, só pense no seu trabalho de representar. O resto é comigo.

Nevada apertou os olhos e percebi no fundo de seu olhar o quanto o havia ofendido. Desviei os olhos porque não queria ver aquilo. Rina nos observava com um curioso ar de desprendimento.

— Rina — exclamei, vendo cair prontamente sobre seus olhos uma máscara impassível —, vá ao banheiro e lave toda essa sujeira do rosto. Aplique sua maquilagem habitual.

Enquanto Rina saía em silêncio, dei a volta em minha mesa e fui sentar. Ninguém disse uma palavra até ela voltar com a boca larga e grande de sempre, os lábios cheios e as sobrancelhas seguindo sua curva natural. O cabelo se derramava como ouro líquido até os ombros: Só uma coisa não estava certa. Por baixo do *négligé*, o corpo ainda era uma tábua.

— Está bem melhor — comentei. — Vamos filmar aquelas cenas de novo.

Rina fez menção de caminhar para o *set*. A voz da srta. Gaillard a fez parar.

— Ela não pode ser fotografada assim.

— O que está dizendo? — perguntei à desenhista.

— Não é possível fotografá-la assim. O busto está pulando.

— E o que tem isso? — perguntei, rindo. — Peitos bonitos foram feitos para pular.

— Pode ser. Mas na tela tudo aparecerá exagerado. Não é mesmo, Lee?

O *cameraman* concordou.

— É verdade, sr. Cord. O busto assim não parecerá absolutamente natural.

— Temos de colocar alguma espécie de sutiã — disse a srta. Gaillard.

— Está bem. Veja o que pode fazer.

Instantes depois, Rina e a desenhista saíram do banheiro. Aproximaram-se de mim. Estava melhor do que antes, mas os seios não me pareciam tão bonitos como quando estavam soltos. Não me parecia certo.

Levantei e cheguei perto de Rina.

— Deixe ver.

Rina olhou para mim, com os olhos deliberadamente distantes. Deixou impassivelmente cair o *négligé* dos ombros, mantendo-o apenas na curva dos braços.

— Vire à direita — pedi. — Agora à esquerda.

Recuei um pouco e olhei para Rina. Eu entendi o que estava acontecendo agora. Sempre que ela se virava, o sutiã cedia e se achatava, dando aos seios aquele aspecto pouco natural. Olhei para a desenhista.

— E se tirarmos as alças dos ombros?

— Podemos experimentar — disse Ilene Gaillard, encolhendo os ombros.

Fez cair as alças, enquanto Rina permanecia com os olhos fitos em algum ponto por sobre meus ombros.

— Agora, vire-se — pedi novamente.

O sutiã ainda apertava e deformava os seios.

— Não, não, não. Continuo a não gostar.

— Há ainda uma coisa que posso tentar — sugeri a srta. Gaillard.

— Vamos ver — concordei.

Alguns minutos depois retornaram. Rina estava com uma armadura reforçada com arames que parecia quase um pequeno espartilho, embora não lhe chegasse aos quadris. Quando ela se movia, os seios ficavam parados. Eram perfeitamente visíveis, mas pareciam feitos de gesso.

— Não há jeito de cortarmos alguns desses arames? — perguntei à desenhista.

— Penso que está muito bom, sr. Cord. De qualquer maneira, não sei por que o senhor está tão preocupado com o busto. As pernas são bem feitas, e aparecerão bem.

— Srta. Gaillard, desde que não é homem, não espero que compreenda onde quero chegar. Posso ver todas as pernas que quiser ali na rua. Limite-se a responder minhas perguntas.

— Não, não podemos cortar os arames, sr. Cord — respondeu. — Se fizermos isso, será como se ela não estivesse usando nada. Não haveria rigidez suficiente para sustentar os seios.

— Talvez se eu mostrasse o que quero, a senhorita pudesse fazer. Tire isso — disse eu, aproximando-me de Rina.

Imperturbável, Rina virou-se de lado. Quando se voltou, a armadura estava numa mão e com a outra ela segurava a parte de cima do *négligé* fechada.

Peguei a armadura e a joguei sobre a mesa. Levei as mãos ao *négligé* de Rina e o puxei para baixo, até ele formar um quadrado sobre o busto um pouco acima dos bicos. Os dois peitos se erguiam como duas alvas luas gêmeas, colados aos meus punhos escuros. Voltei-me para a desenhista.

— Está vendo o que quero?

Talvez ela não visse, mas não havia um só homem ali na sala que não estivesse de olhos arregalados.

— O que o senhor quer é impossível, sr. Cord. Rina tem um corpo grande. Tem trinta e oito de busto. Não há nenhum sutiã capaz de sustentar o busto da maneira que o senhor quer. Sou desenhista, sr. Cord, não engenheiro de estruturas.

Larguei o *négligé* de Rina e me volvei para a srta. Gaillard.

— Obrigado. Foi a primeira ideia construtiva que ouvi desde que esta reunião começou. E fui para o telefone.

Morrissey chegou em menos de vinte minutos, e estava visivelmente nervoso.

— Tenho um pequeno problema, Morrissey, e preciso de sua ajuda.

Seu nervosismo desapareceu pouco a pouco.

— Tudo o que eu puder fazer, sr. Cord.

— Levante-se, Rina — disse eu.

Ela se levantou e veio até onde estávamos. Os olhos de Morrissey se arregalaram por trás dos óculos. Vi com prazer que outras coisas podiam interessá-lo, além de aviões. Então falei:

— Não há um sutiã que consiga impedir que os seios pulem e ao mesmo tempo permaneçam com um aspecto natural. Quero que faça um capaz de resolver o problema.

Ele se virou para mim, com uma expressão atônita.

— Está brincando, sr. Cord!

— Nunca falei tão sério em toda minha vida.

— Mas... mas eu não entendo nada de sutiãs. Sou engenheiro aeronáutico — gaguejou, seu rosto ficando muito vermelho.

— Foi por isso que o chamei — disse calmamente. — Se é capaz de desenhar aviões que têm de suportar milhares de libras de tensão, deve ser capaz também de desenhar alguma coisa que sustente um par de seios. Srta. Gaillard, diga-lhe tudo o que ele precisa saber.

— Talvez seja melhor o senhor ir trabalhar na minha sala — disse ela a Morrissey. — Tenho ali tudo que é necessário.

Morrissey admirava os seios de Rina enquanto a desenhista falava. Julguei que por um momento ele havia ficado paralisado. Mas depois voltou-se para mim e disse:

— Acho que posso dar um jeito.

— Eu sabia disso — murmurei, sorrindo.

— Não estou prometendo nada. Mas o problema é muito curioso.

— Muito — concordei solenemente.

— Por acaso tem um compasso? — perguntou Morrissey à desenhista.

— Compasso? Para que precisamos disso?

— E como é que acha que vou medir a altura e a circunferência? — disse Morrissey, perplexo.

Ela o olhou por alguns instantes com expressão de surpresa. Depois, tomando-lhe o braço, saiu com ele da sala.

— Podemos conseguir isso no departamento de engenharia. Venha conosco, Rina.

Morrissey estava de volta em pouco mais de uma hora, trazendo na mão uma folha de papel.

— Acho que conseguimos! Na verdade, foi muito simples depois de encontrado o ponto de tensão. O peso de cada seio puxa para qualquer dos lados. Isso mostra que a origem da tensão cai entre eles, bem no centro da fenda.

Olhei para ele. Sua linguagem era uma curiosa mistura de engenharia e desenho de moda. Mas ele estava embebido demais em sua explicação para dar atenção ao meu olhar. E continuou:

— Tudo então se torna um problema de compensação. Tivemos de achar um meio de aproveitar a tensão para manter os seios firmes. Inseri um arame em forma de V na separação, com o emprego do princípio da suspensão. Compreendeu?

— Não — respondi, balançando a cabeça. — Não consegui acompanhá-lo.

— Sabe qual é o princípio usado numa ponte pênsil?

— Vagamente.

— Segundo esse princípio, quanto maior for a pressão que a massa exerce sobre si mesma, maior será a pressão criada para mantê-la no lugar.

Eu ainda não compreendia bem. Mas já tinha tudo de que precisava. Minha única preocupação era saber se daria resultado.

Não tive de esperar muito. Pouco depois Rina entrou na sala com Ilene Gaillard. Ela deixou a capa cair no chão e se mostrou no *négligé* já consertado.

— Ande até onde está o sr. Cord — disse a desenhista.

Rina se dirigiu lentamente para mim. Não podia tirar os olhos de cima dela, daquele par de seios suavíssimos, os mais macios em que alguém poderia descansar a cabeça. Parou diante de mim, olhou-me e falou pela primeira vez naquela tarde.

— Então?

Tive consciência do esforço que me custou levantar os olhos e encará-la de frente. Os olhos de Rina mostravam-se frios e calculistas. A cachorra sabia do efeito que tinha sobre mim.

— Uma coisa mais, srta. Gaillard. Amanhã, quando começarmos as filmagens, quero ver a srta. Marlowe num *négligé* preto e não nesse branco. Quero que todos vejam que ela é uma mulher da vida e não uma noiva donzela.

— Está bem, sr. Cord — disse Ilene, se aproximando de minha mesa, os olhos brilhando. — Acho mesmo que vamos criar um novo estilo com a srta. Marlowe. Se não estou enganada, as mulheres do mundo inteiro tentarão imitá-la logo que o filme começar a ser exibido.

— Não criaremos moda alguma, srta. Gaillard. As mulheres já pareciam mulheres muito antes de qualquer de nós nascer.

Ela concordou com a cabeça e foi saindo. Olhei para a sala e vi que todo mundo estava levantando para sair. Nevada foi o último. Então o chamei.

Virei-me e olhei para minha secretária. Estava ainda sentada com o caderno cheio de riscos de taquigrafia.

— O que é isso aí?

— As minutas da reunião.

— Para quê?

— É uma regra da companhia. As minutas de todas as reuniões de diretores são mimeografadas e distribuídas.

— Dê-me esse caderno.

Peguei-o acima da cesta de papéis e aproximei das folhas um fósforo aceso. Quando o fogo começou a devorar o caderno, joguei-o na cesta e olhei para ela.

Ela ficou olhando, horrorizada.

— Agora, saia com esse corpinho daqui. E, se souber de qualquer outra minuta sobre o que se passa aqui dentro, pode tratar de procurar outro emprego!

Nevada sorriu quando me volvei para ele.

— Desculpe ter de falar como falei, Nevada.

— Está tudo bem, Júnior. Eu não devia ter me metido nisso.

— Há muita gente aqui nesta cidade que pensa que sou um trouxa e que estou metido nisso para ser roubado. Você e eu sabemos que isso não é verdade, mas tenho de pôr um fim nesses boatos. Não posso tolerar isso.

— Compreendo, Júnior. Seu pai era assim também. Só havia um que mandava onde ele estava.

De repente, percebi como estávamos longe um do outro. Tive, por um instante, saudade da infância, quando podia apelar para Nevada toda vez que precisava de ajuda e proteção. Não era mais assim. Era exatamente o contrário. Nevada é que estava precisando de mim, agora.

— Obrigado, Nevada — agradei, forçando um sorriso nos lábios. — E não se preocupe. Tudo acabará bem.

Dan Pierce apareceu logo depois que Nevada saiu.

— Pensei no que você sugeriu hoje de manhã — disse para ele, acendendo um cigarro. — Acho que devemos alterar o *script*. Pode falar com os responsáveis.

Dan abriu um sorriso e disse:

— Já falei.

Terminamos o filme em quatro semanas. Nevada entendeu o que estava acontecendo, mas nunca disse uma só palavra. Duas semanas depois, fizemos uma estreia de surpresa num cinema do vale.

Cheguei atrasado e o publicitário do estúdio me fez entrar.

— Só há ainda alguns lugares nos lados, sr. Cord.

Olhei para a plateia. A parte central da sala havia sido reservada para os convidados do estúdio. Estava repleta. Todo mundo, de Norman para baixo, estava presente. Todos ansiosos para assistir ao meu fracasso.

Fui até a galeria no momento em que as luzes se apagaram e a exibição começou. No escuro, encontrei uma cadeira vazia e sentei no meio de um bando de rapazolas.

Meu nome na tela pareceu estranho para mim:

Jonas Cord Apresenta

Mas essa sensação passou quando os letreiros dos créditos terminaram. E o filme começou.

— Mas que merda! — disse um dos rapazes. — Pensei que fosse uma coisa diferente e é mais um desses filmes chatos de mocinho e bandido.

Rina afinal apareceu na tela. Cinco minutos depois, quando olhei para os rapazes, estavam todos de olhos pregados na tela, de boca aberta e expressões fascinadas. Dava para ouvir o barulho de suas respirações ofegantes. Perto de mim, um rapaz apertava com força a mão de uma moça. Quando finalmente Rina puxou Nevada para a cama, o rapaz não pôde conter uma exclamação.

Peguei um cigarro e comecei a sorrir. Não era preciso ninguém me dizer que aquele filme seria um sucesso de bilheteria. Quando fui para o saguão depois de terminada a projeção, Nevada estava num canto, cercado de garotos e distribuindo autógrafos. Olhei para Rina. Estava no outro lado do saguão, cercada de repórteres. Bernie Norman rondava em torno dela como um pai orgulhoso.

Dan estava no centro de uma roda de homens. Levantou os olhos quando me viu chegar e exclamou radiante:

— Você tinha razão, Jonas! Ela foi melhor do que tudo. Vamos ganhar dez milhões de dólares.

Fiz um sinal e ele me seguiu até o carro.

— Quando isso acabar, leve Rina para meu hotel.

— Ela ainda o está roendo por dentro, não é?

— Deixe de sermões e faça o que estou dizendo.

— E se ela não quiser ir?

— Irá, sim — disse friamente. — Diga que é o dia do pagamento!

Era uma hora da madrugada, e eu já estava com uma garrafa de uísque pela metade, quando bateram à porta. Rina entrou e fechei a porta.

— Então? — perguntou, me encarando.

Apontei o quarto. Ela me olhou um instante. Em seguida, dando de ombros, caminhou displicentemente para o quarto.

— Antes de vir para cá, disse a Nevada o que ia fazer.

— Por que tinha de fazer uma sujeira dessa? — perguntei, furioso.

— Nevada e eu vamos casar — respondeu, calmamente. — Disse a ele que eu é que queria dar-lhe a notícia.

— Não! — gritei. Minha voz estava rouca. Não podia acreditar no que meus ouvidos escutavam. — Você não pode! Não consentirei nisso. Ele é velho e está acabado. E você será a maior estrela do cinema quando esse filme for distribuído. Então por quê? Você não precisa mais dele. Você não precisa de ninguém.

— Porque, quando precisei, ele me ajudou. Agora é a minha vez. Ele precisa de mim.

— Precisa de você? Por quê? Por que ele foi orgulhoso demais para pedir ajuda?

— Isso não é, verdade e ninguém sabe melhor do que você.

— Fui eu quem tive a ideia de fazer de você uma estrela!

— Não pedi isso e nem ao menos queria. Não pense que não compreendi o que você fez. Cortou o mais possível o papel de Nevada no filme que era dele e levantou em mim um monumento ao seu egoísmo, ao mesmo tempo que o arruinava!

— Você não teve a menor reação contra isso. Nós dois sabemos que ele está acabado. Há agora num dos estúdios um novo tipo de *cowboy*. Canta e aparece em cena com um violão em vez de um revólver.

— Pois é justamente por isso que ele precisa mais do que nunca de mim!

Perdi a calma e a agarrei pelos ombros, sacudindo-a violentamente.

— E eu? Por que acha que me meti nisso? Acha que foi por amor a Nevada? Não. Foi por sua causa. Quando cheguei aqui às carreiras logo que você me telefonou, teve por acaso ideia de que eu precisava de você?

— Você nunca precisará de ninguém senão de você mesmo, Jonas! Do contrário, não teria deixado sua mulher sozinha. Se você tivesse qualquer parcela de sentimento dentro do coração, mesmo que fosse apenas piedade, já teria ido para lá ou a chamaria para cá.

— Não meta minha mulher nisso!

Ela virou-se para se desvencilhar de mim e a frente de seu vestido se rasgou até a cintura. Vi os seios balançarem, e a febre me tomou.

— Rina! — gritei, esmagando-lhe a boca num beijo. Ela tentou afastar minha boca, mas no instante seguinte me beijava com mais força ainda do que eu, com os braços em volta de meu pescoço.

Estávamos assim, quando a porta se abriu atrás de mim.

— Fora daqui! — esbravejei, sem voltar-me.

— Não desta vez, Jonas.

Empurrei Rina para dentro do quarto e virei-me lentamente. Lá estavam meu sogro e outro homem. Monica, atrás dele, na porta. Olhei-a espantado. Estava com uma barriga enorme.

Havia na voz de Amos Winthrop um tom de triunfo.

— Dez mil dólares eram demais para você me dar quando eu queria mandá-la embora a

tempo. Agora, quanto lhe custará livrar-se dela?

Olhei para Monica e comecei a praguejar intimamente. Amos Winthrop tinha toda razão de rir. Eu conhecera Monica menos de um mês antes de casarmos. Mesmo aos meus olhos sem prática, ela estava grávida de cinco meses. Isso queria dizer que já estava grávida de dois meses quando casara comigo.

Meu pai costumava dizer que ninguém é tolo como um jovem tolo. E, como sempre, meu pai tinha razão.

Não era meu o filho que ela trazia no corpo.

A HISTÓRIA DE
RINA MARLOWE

LIVRO IV

Zelosamente, Rina fechou a revista que estava lendo, marcando o canto da página com uma dobra, e a deixou cair na manta branca que cobria seu corpo.

— Quer alguma coisa, querida? — perguntou Ilene, sentada na poltrona ao lado da cama, com o rosto grave, mostrando preocupação.

— Não. Que horas são?

— Três horas.

— A que horas o médico disse que vinha? — perguntou Rina.

— Às quatro. Não há nada que você queira?

— Não, obrigada. Estou bem.

Rina tornou a pegar a revista, folheou e a jogou de novo sobre a colcha.

— Imploro ao inferno para que me deixem sair daqui!

Ilene levantou-se da poltrona e foi até o lado da cama.

— Não se preocupe. Você sairá em breve. Mas então desejará voltar para cá. Soube que o estúdio está aguardando sua saída para começar a trabalhar em *Madame Pompadour*.

Rina deu um suspiro.

— Não é possível que ainda pensem nisso. Todas as vezes que o estúdio fica sem saber o que produzir, tira esse velho filme do arquivo, limpa a poeira e espalha a notícia. Depois de conseguirem toda a publicidade possível, o filme volta para o arquivo.

— Desta vez, não. Falei ontem com Bernie Norman em Nova Iorque. Ele confiou a história a um grande escritor e diz que o *script* está ficando muito bom. Terá grande conteúdo social.

— Conteúdo social! — exclamou Rina, sorrindo ironicamente. — Quem está escrevendo a história é Eugene O'Neill, não é?

— Você já sabia?

— Não, não sabia. Foi apenas um palpite. Bernie conseguiu mesmo O'Neill?

— Sim. Disse-me que lhe mandará uma cópia do *script* logo que ele estiver pronto.

Rina, mesmo sem querer, ficou impressionada. Talvez Bernie estivesse mesmo disposto dessa vez. E isso lhe interessava muito. O'Neill era um escritor e não um dos rotineiros autores de enredos de Hollywood. Poderia aproveitar o máximo da história. De repente, perdeu o interesse, sentindo-se ainda mais cansada do que antes. Conteúdo social. Tudo o que se fazia naquele tempo levava esse rótulo. Desde que Roosevelt assumira a presidência.

— Que horas são?

— Três e dez — disse Ilene.

Rina recostou-se no travesseiro e sugeriu:

— Por que não vai tomar uma xícara de café?

— Estou bem aqui — respondeu Ilene, sorrindo.

— Você passou o dia inteiro aqui.

— Mas eu quero ficar aqui.

— Vá — disse Rina, fechando os olhos. — Acho que vou tirar um cochilo até o médico chegar.

Ilene ficou ainda um instante, até ouvir a respiração suave de Rina, que adormecera. Ajeitou delicadamente os cobertores e olhou para o rosto de Rina. Os olhos estavam fechados e as faces se mostravam magras e repuxadas ao lado das maçãs salientes. Havia uma leve palidez azulada por trás da pele queimada pelo sol da Califórnia. Ela afastou o cabelo platinado do rosto de Rina, beijou de leve a boca exausta e saiu do quarto.

No aposento contíguo, encontrou a enfermeira. Avisou:

— Vou descer para tomar um pouco de café. Ela está dormindo.

— Não se preocupe, srta. Gaillard — disse a enfermeira, com segurança profissional. — O sono é o que há de melhor para ela.

Ilene saiu para o corredor, sentindo a opressão no peito e a névoa nos olhos que tanto a haviam acompanhado naquelas últimas semanas. Saiu do elevador e sentou à mesa da lanchonete.

Ainda estava tão imersa em seus pensamentos que nem ouviu a voz do médico:

— Com licença, srta. Gaillard. Importa-se que sente aqui?

Finalmente percebeu sua presença. Cumprimentaram-se e dentro em pouco estavam ambos sentados diante de duas xícaras de café.

— Por que não come alguma coisa? — perguntou o médico. — Acho que precisa comer um pouco. Não quero ter duas pacientes ao mesmo tempo.

— Não, muito obrigada. Basta o café.

O médico terminou de beber o seu e disse:

— Bom café.

— Rina está dormindo — Ilene o interrompeu com a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— Muito bem — disse ele. Seus olhos escuros brilharam através dos bifocais. — A srta. Marlowe tem parentes aqui?

— Não — respondeu Ilene. — O senhor está querendo dizer...

— Não estou querendo dizer nada. Mas num caso como esse, é bom saber os nomes dos parentes mais próximos, caso alguma coisa aconteça.

— Rina não tem qualquer parente que eu conheça.

— E o marido dela?

— O quê? — perguntou Ilene, confusa.

— Não é casada com Nevada Smith?

— Foi. Divorciaram-se há três anos. Casou-se depois com Claude Dunbar, o diretor.

— Acabou em divórcio, também?

— Não — disse Ilene, contrafeita. — Ele cometeu suicídio depois de pouco mais de um ano de casados.

— Oh, sinto muito! Nestes últimos anos não tive muito tempo para me manter informado.

— Se é preciso tomar alguma providência, eu tomarei. Sou a amiga mais íntima, e ela me passou procuração para tudo.

O médico ficou olhando Ilene em silêncio. Ela quase podia ler o que se passava em sua mente, por trás daquelas lentes bifocais brilhantes. Levantou a cabeça, orgulhosa. O que importava o que ele pensasse? O que qualquer pessoa pudesse pensar? E perguntou:

— Já tem os resultados do exame de sangue?

O médico fez sinal afirmativo.

— E leucemia? — perguntou ela, com uma voz que se esforçava para continuar firme.

— Não, não é. E aquilo de que já suspeitávamos: encefalite. Às vezes é chamada de doença do sono.

As esperanças de Ilene se recusavam a morrer.

— Ainda há alguma possibilidade?

— Muito pequena. Mas se ela escapar, ninguém sabe o que poderá acontecer.

— Como assim? — perguntou Ilene asperamente.

— A encefalite é produzida por um vírus que se aloja no cérebro. Nestes próximos quatro ou cinco dias, a ação do vírus aumentará de intensidade e ela estará sujeita a febres muito altas. Durante essas febres, o vírus atacará o cérebro. Só depois que a febre passar é que poderemos ter noção da extensão dos danos causados.

— Quer dizer que ela poderá perder o juízo? — questionou Ilene, horrorizada.

— Não sei. As lesões podem tomar várias formas. Talvez fique parálitica total ou parcialmente. Talvez ainda saiba como se chama, talvez não. Os efeitos residuais são semelhantes aos de um derrame. Depende da parte do cérebro que venha a ser afetada.

Ilene sentiu-se invadida por um medo imenso. Procurou respirar, sentindo-se empalidecer.

— Respire fundo e tome um pouco de água — recomendou o médico.

Ela obedeceu e seu rosto recuperou a cor.

— Há alguma coisa que possamos fazer, doutor? Seja lá o que for?

— Estamos fazendo tudo que é possível. Ainda sabemos muito pouco a respeito dessa doença e sobre como ela é transmitida. Na ocorrência mais frequente, nas regiões tropicais, supõe-se que seja propagada pelos insetos e transmitida por picadas. Mas muitos casos, nos Estados Unidos e em outros lugares, se manifestam sem qualquer causa aparente.

— Voltamos da África há três meses — disse Ilene. — Fizemos um filme lá.

— Eu sei. A srta. Marlowe me contou. Foi a primeira coisa que me fez desconfiar.

— Mas ninguém mais está doente. E vivemos todos ali durante três meses exatamente da mesma maneira e nos mesmos lugares.

— Na verdade, como já expliquei, não temos qualquer certeza a respeito da causa — disse o médico, encolhendo os ombros em sinal de dúvida.

— Mas por que não aconteceu comigo? — perguntou Ilene, com a voz amargurada. — Ela tem tanto para viver.

O médico bateu-lhe de leve na mão. Com esse gesto de carinho, desarmou Ilene, sempre na ofensiva contra a maioria dos homens.

— Não sabe quantas vezes na minha vida de médico já ouvi essa pergunta. E acredite: conheço a resposta tanto agora quanto no tempo em que comecei a clinicar.

— Acha que devemos dizer alguma coisa a ela? — perguntou Ilene.

— Para quê? Vamos deixar que continue com seus sonhos.

Rina ouvia as vozes indistintas do outro lado da porta. Estava cansada. Muito cansada. Sentia-se cada vez mais prisioneira do sono. Sorriu inconscientemente e virou a cabeça no travesseiro. Já estava completamente tomada por seu sonho. O sonho de morte que sonhara

desde menina.

O pátio era fresco, à sombra das velhas macieiras. Sentada na grama, Rina arrumava as bonecas em volta da pequena tábua que servia de mesa.

— Ora, Susie — disse à bonequinha de cabelo preto. — Você não sabe que deve comer com modos?

Os olhinhos pretos da boneca pareciam encará-la.

— Pronto, Susie! Derramou tudo no vestido e vou ter de trocar sua roupa de novo!

Pegou a boneca e tirou-lhe a roupa rapidamente. Lavou as roupas num tanque imaginário e depois as passou a ferro.

— Agora veja se não se suja mais! — exclamou, numa zanga teatral.

Voltou-se para a outra boneca:

— E você, Mary? Está gostando? Faça o favor de não deixar nada no prato. É preciso comer tudo para crescer bonita e forte.

De vez em quando, olhava para a casa. Sentia-se feliz quando a deixavam sozinha, mas nem sempre isso acontecia. Geralmente uma das empregadas, mais cedo ou mais tarde, ia chamá-la. Então a mãe a repreendia, dizendo que ela não devia brincar no pátio e que teria de ficar perto da porta da cozinha, no outro lado da casa.

Mas ela não gostava de lá. Era quente e não havia grama, só terra. Além disso, ficava perto das cocheiras e do cheiro dos cavalos. Não compreendia por que sua mãe insistia tanto com aquilo. O sr. e a sra. Marlowe nunca diziam coisa alguma quando a encontravam lá. Uma vez, até o sr. Marlowe a carregara e lhe fizera cócegas com o bigode, até que não aguentasse mais de tanto rir.

Mas, quando ela entrara, a mãe estava muito zangada. Deu-lhe uma palmada e mandou que fosse para seu quarto e ficasse lá o resto da tarde. Era o pior castigo para ela. Gostava de ficar na cozinha enquanto a mãe preparava o jantar. O cheiro de tudo era tão gostoso! Todo mundo dizia que sua mãe era a melhor cozinheira que os Marlowe já tinham tido.

Ouviu passos e olhou. Era Ronald Marlowe, que se deitou no chão a seu lado. Rina terminou de dar de comer a Susie e perguntou com voz muito séria:

— Quer comer alguma coisa, Laddie?

— Não estou vendo nada para comer — murmurou ele, desdenhosamente, com a superioridade de seus oito anos.

— É porque você não está olhando bem — explicou ela, metendo-lhe nas mãos um prato de boneca. — Coma, que faz muito bem!

Depois de alguma hesitação, ele fingiu que comia. Logo em seguida, se cansou e levantou.

— Estou com fome. Vou procurar comida de verdade.

— Não vai encontrar nada.

— Por quê?

— Porque mamãe ainda está doente e ninguém cozinhou.

— Ora, vou achar alguma coisa — disse ele, confiante.

Ela o viu afastar-se e voltou às bonecas. Já estava escurecendo quando Molly, a arrumadeira do andar de cima, apareceu à sua procura. O rosto da moça estava vermelho de tanto chorar.

— Venha, *macushla* — disse Molly, carregando Rina nos braços. — Sua mãezinha quer ver você outra vez.

Peters, o cocheiro, Mary, a arrumadeira do andar de baixo, e Annie, a servente da cozinha, estavam todos lá. Todos em volta da cama de sua mãe. Abriam um lugar para ela quando apareceu no quarto. Havia também um homem vestido de preto, com uma cruz na mão.

Ela ficou quietinha ao lado da cama, olhando solenemente para a mãe. Sua mãe estava muito bonita, com o rosto branco e calmo e o cabelo louro levantado sobre a testa. Rina chegou mais perto da cama.

Sua mãe moveu os lábios, mas Rina não pôde ouvir o que ela dizia. O homem de preto tomou-a nos braços.

— Beije sua mãe — disse ele.

Rina beijou obediente o rosto da mãe e sentiu que estava muito frio. A mãe sorriu, e fechou os olhos. Tornou a abri-los pouco depois, mas eles estavam virados e não pareciam ver nada. O homem prontamente mudou Rina para o outro braço. Depois, inclinou-se e fechou os olhos de sua mãe.

Molly tomou Rina dos braços do homem. Rina olhou para a mãe. Dormia. Estava bonita como nos dias em que acordava bem cedo e a via com os olhos ainda tontos de sono.

As empregadas estavam chorando e até Peters, o cocheiro, tinha lágrimas nos olhos.

— Por que está chorando? — perguntou Rina a Molly. — Minha mãe morreu?

Molly teve novo acesso de choro e apertou Rina com mais força.

— Estamos chorando, meu bem, porque gostamos dela.

Saiu do quarto com Rina nos braços. Logo depois, Rina perguntou:

— Mamãe vai acordar a tempo de fazer o almoço amanhã?

Molly a olhou sem saber o que dizer. Depois, sentou-se no alto da escada e começou a embalá-la nos braços, chorando.

— Pobrezinha, pobre orfãzinha!

Rina sentiu-se contagiada pelas lágrimas e daí a pouco estava chorando também. Mas não sabia por quê.

Peters entrou na cozinha na hora em que as empregadas estavam jantando. Rina, ao vê-lo entrar, sorriu e exclamou:

— Tive três sobremesas, sr. Peters!

— Fique quietinha, querida, e acabe o seu sorvete — ordenou Molly, com lágrimas nos olhos.

Rina levou lentamente a colher à boca. Não podia compreender por que as moças começavam a chorar sempre que falavam com ela. Aquele sorvete de creme com baunilha feito em casa estava uma delícia. Tomou outra colher.

— Acabei de falar com o patrão — disse Peters. — Ele pediu para levarmos o corpo até a sala que fica por cima da cocheira. E o padre Nolan diz que ela poderá ser enterrada em Saint Thomaz.

— Mas estará certo? — perguntou Molly. — Nós nem sabemos se era católica. Nos três anos que passou aqui, não foi uma só vez à missa.

— Que importância tem isso? — voltou a falar Peters. — Ela não se confessou ao padre

Nolan? Não recebeu os sacramentos? O padre Nolan achou com certeza que ela era católica.

Mary, a arrumadeira do andar de baixo, que era a mais velha das três empregadas, deu sua opinião:

— Acho que o padre Nolan tem toda razão. Talvez ela tivesse feito alguma coisa que lhe dava medo de entrar na igreja para ouvir missa. Mas o importante é ela voltar à igreja, agora...

— Então está resolvido — disse Peters. — Molly, leve a menina para dormir com você esta noite. Vou até o salão pedir a alguns dos amigos que me ajudem a transportar o corpo. O padre Nolan me disse que vai mandar o sr. Collin para tomar todas as outras providências e que a igreja pagará as despesas do enterro.

— Como é bom aquele padre! — exclamou Mary.

— Deus o abençoe — disse Annie, fazendo o sinal da cruz.

— Quero mais sorvete — interrompeu Rina.

Bateram à porta e Molly foi abrir.

— Oh, é a senhora — murmurou ela.

— Vim ver se a menina vai bem — disse Geraldine Marlowe.

— Não quer entrar, madame?

A sra. Marlowe olhou para a cama. Rina já dormia profundamente, com suas bonecas Susie e Mary, uma de cada lado. O cabelo muito louro se espalhava em cachos em torno da cabeça.

— Como está ela?

— Bem, madame. A pobrezinha estava tão exausta com toda a confusão que logo adormeceu como uma pedra. Graças a Deus não compreende nada. Ainda é muito menina.

Geraldine olhou para a criança e pensou por um momento no que aconteceria se fosse ela quem tivesse morrido, deixando o seu Laddie sozinho e órfão. De qualquer maneira seria muito diferente, pois Laddie ainda teria o pai.

Lembrou-se do dia em que contratara a mãe de Rina. As referências eram muito boas, embora ela não trabalhasse já havia alguns anos.

— Tenho uma filha, madame — ela dissera, com modos e pronúncia de quem tivera boa educação. — Uma menina de dois anos de idade.

— E seu marido, sra. Osterlaag?

— Morreu no naufrágio de seu navio. Ele e a filha não chegaram a se conhecer. Tivemos a menina já um pouco idosos. Nós, finlandeses, não casamos cedo. Esperamos até ter dinheiro suficiente. Vivi o quanto pude de nossas economias. Agora tenho de voltar a trabalhar.

A sra. Marlowe hesitava. Uma criança de dois anos poderia ser algo bem incômodo.

— Rina não é problema, madame. É uma boa criança e muito sossegada. Dormirá no meu quarto e estou pronta a pagar-lhe a pensão dela com parte de meu ordenado.

A sra. Marlowe sempre quisera uma menina, mas depois do nascimento de Laddie o médico dissera que não poderia mais ter filhos. Seria bom Laddie ter alguém com quem brincar. Estava ficando mimado demais.

— Não terá de pagar coisa alguma, sra. Osterlaag — dissera com um sorriso. — Afinal de contas, o que uma criancinha pode comer?

Já quase três anos haviam se passado. E a mãe de Rina tinha razão. A criança não dera o menor trabalho.

— O que será agora da menina, madame? — perguntou Molly, em voz baixa.

— Não sei — disse a sra. Marlowe, pensando nisso pela primeira vez. — O sr. Marlowe vai ver se encontra os parentes.

— Não vai encontrar ninguém, madame. Ouvi a mãe dizer muitas vezes que não tinha família alguma — disse Molly, com os olhos cheios de lágrimas. — Coitadinha! Vai ter de ir para o orfanato.

A sra. Marlowe sentiu um aperto na garganta. Olhou para Rina, que dormia tranquilamente na cama. Sentiu lágrimas nos olhos.

— Não chore, Molly. Ela não irá para o orfanato. Tenho certeza de que meu marido descobrirá a família.

— E se não descobrir?

— Nesse caso, pensaremos em outra coisa.

Saiu do quarto e parou no estreito corredor ao ouvir um rumor de vozes e passos. Ouviu a voz de Peters:

— Por aqui, rapazes.

Logo ele apareceu com os outros no corredor, e ela se encostou à parede para deixá-los passar.

— Perdão, madame — disse ele, com o rosto afogueado pelo esforço.

Passaram com o corpo amortalhado, deixando no ar quente e parado um leve mas inconfundível cheiro de cerveja. E ficou pensando se agira corretamente ao fazer com que o marido permitisse que usassem o apartamento que ficava no andar de cima do estábulo. Ninguém poderia prever as consequências de um velório irlandês.

Ouviu os passos pesados dos empregados que levavam Bertha Osterlaag, nascida numa aldeia de pescadores na Finlândia. Ela ia ser enterrada numa igreja estranha e em terra estranha.

Da porta, Harrison Marlowe viu a cabeça da esposa curvada sobre o bordado que fazia. Atravessou em silêncio a sala e, inclinando-se sobre as costas da cadeira, beijou-a de leve no rosto. A voz dela mostrava a habitual surpresa contente.

— Harry! E se os criados estiverem vendo?

— Esta noite não podem — disse ele, rindo. — Só estão pensando é na festa. Já vi Mary toda arrumada.

Um tom de censura transpareceu nas palavras de sua esposa:

— Você bem sabe que não é uma festa.

— Claro que não chamam isso de festa. Mas fique descansada que os irlandeses sabem fazer de tudo uma festa. Quer um pouco de xerez antes do jantar, querida?

— Se não é muito incômodo, acho que prefiro um martini, querido — disse Geraldine, com um pouco de hesitação.

Ele se virou, surpreso. Quando havia visitado a Europa em sua lua de mel, um *barman* em Paris lhe servira a nova bebida e, desde então, isso era como uma espécie de sinal entre eles.

— Claro, querida. — Puxou a corda da campainha, e Mary apareceu à porta. — Traga algum gelo picado, por favor, Mary.

A empregada fez uma reverência e desapareceu. Ele foi ao bufê e pegou uma garrafa de gim, outra de vermut francês e um vidrinho de biter de laranja. Com um copinho de prata, colocou três medidas de gim na coqueteleira e uma de vermut. Depois deixou cair quatro gotas de biter na mistura. O gelo já estava em cima do bufê e ele encheu a coqueteleira até a borda. Em seguida, tampou e começou a sacudir vigorosamente.

Quando achou que já bastava, destampou a coqueteleira e serviu a bebida nos cálices próprios. Então deixou cair uma azeitona em cada cálice e, recuando um pouco, olhou com satisfação os coquetéis. Cada cálice estava cheio. Mais uma gota, o coquetel se derramaria, menos uma gota e os cálices não estariam cheios.

Geraldine Marlowe levou o cálice a seus lábios. Depois, fez com a cabeça um sinal de aprovação, e elogiou:

— Está delicioso.

— Obrigado — respondeu Harrison, pegando o seu cálice. — A sua saúde, querida.

Pousou, compenetrado, o cálice na mesinha, e olhou para a mulher. Talvez fosse verdade o que diziam. As mulheres só florescem realmente quando ficam mais velhas e seus desejos aumentam. Tinha trinta e quatro anos, Geraldine, trinta e um. Estavam casados havia sete anos e, com exceção da lua de mel, a vida deles assumira um padrão de regularidade. Mas, agora... duas vezes em menos de uma semana... Talvez fosse verdade...

Se fosse, não se queixaria. Amava sua mulher. Só por isso é que fora para aquela casa em South Street. Queria poupar-lhe a humilhação de ter de suportá-lo mais do que ela quisesse.

— Descobriu alguma coisa sobre a família de Bertha hoje? — ela perguntou.

— Aqui ela não tem qualquer parente — disse Harrison Marlowe. — Talvez na Europa, mas não sabemos nem a aldeia em que ela nasceu.

— É terrível — retrucou Geraldine, calmamente, olhando para o seu coquetel. — O que acontecerá à menina agora?

— Não sei. Creio que devo comunicar às autoridades. Ela irá provavelmente para o orfanato do condado.

— Não podemos permitir uma coisa dessa! — exclamou impulsivamente Geraldine. Harrison a olhou, surpreso.

— Por quê? Não sei o que podemos fazer além disso.

— Por que não podemos continuar com ela e criá-la?

— Não é possível. E preciso observar uma porção de formalidades. Uma criança órfã não é um objeto. Não podemos ficar com ela apenas porque está por acaso em nossa casa.

— Mas você pode falar com as autoridades, Harry. Tenho certeza de que preferirão deixá-la conosco a sustentá-la por conta da Prefeitura.

— Não sei... Podem exigir que a adotemos para que ela não volte nunca a ser um ônus para a Prefeitura.

— Ótima ideia, Harry! — disse Geraldine, sorrindo. Levantou-se da cadeira e se aproximou do marido. — Não sei por que ainda não havia pensado nisso.

— Pensado em quê?

— Em adotar Rina. E por isso que o admiro. Você tem uma inteligência tão viva que pensa logo no melhor.

O marido olhou-a sem nada dizer. Ela passou os braços pelo pescoço dele.

— Mas você sempre teve vontade de ter uma menina em casa, não é? E Laddie ficará tão contente em ter uma irmãzinha.

Ele sentiu o suave contato do corpo de Geraldine, todo aquele delicioso calor fluindo para si e excitando-o. Ela o beijou de leve na boca.

— De repente fiquei tão excitada! — disse Geraldine, escondendo o rosto nos ombros do marido. — Acha que seria direito tomarmos outro martini?

Dandy Jim Callahan olhou para eles no seu gabinete e esfregou pensativamente o queixo.

— Não sei. E um pouco difícil o que querem.

— Ora, senhor prefeito, sei que o senhor pode fazer isso — disse prontamente Geraldine Marlowe.

— Não é tão fácil quanto pensa, minha senhora. Não se esqueça de que a Igreja tem de concordar também. Final de contas, a mãe era católica, e não é possível entregar uma criança católica a uma família protestante. Ao menos em Boston, não é. Talvez nunca permitam.

Geraldine se calou com a decepção fortemente estampada no rosto. Foi então que ela viu pela primeira vez o marido como um ser diferente do simpático estudante de Harvard com quem casara.

Ele começou a falar e havia em sua voz uma expressão de força que ela nunca percebera.

— A Igreja gostaria ainda menos do caso se eu provasse que a mãe nunca foi católica. Fariam todos então papel de idiotas, não acha?

— Tem essas provas? — perguntou o prefeito.

— Tenho — disse Marlowe, tirando alguns papéis do bolso. — O passaporte da mãe e a certidão de nascimento da criança. Ambos mostram claramente que eram protestantes.

Dandy Jim examinou os papéis e depois perguntou:

— Se tinha isso, por que não os impediu de agir como agiram?

— Porque não pude. Os empregados e o padre Nolan tomaram todas as providências sem me consultar. Além do mais, só recebi esses documentos hoje. E que importância tem isso? De qualquer maneira, a pobre mulher teve um enterro cristão.

Dandy Jim devolveu os papéis.

— Isso dará muitos aborrecimentos ao padre Nolan. Um padre jovem, na sua primeira paróquia, cometer um engano desse. O bispo não vai ficar nada satisfeito.

— Não há nenhuma necessidade de isso chegar ao conhecimento do bispo — disse Marlowe.

Dandy Jim o olhou, mas nada disse. Marlowe voltou à carga:

— Há uma eleição no ano que vem.

— Há sempre uma eleição — murmurou Dandy Jim.

— É verdade. Haverá outras eleições e campanhas. Um candidato precisa de contribuições quase tanto quanto precisa de votos.

Dandy Jim sorriu.

— Já contei o que me aconteceu com seu pai?

— Não — disse Marlowe, também sorrindo. — Mas meu pai me falou nisso muitas vezes. Disse que o botou para fora do escritório dele.

— É verdade. Seu pai tem um temperamento bem impulsivo. Até parece que tem sangue irlandês. Só fui pedir-lhe uma pequena contribuição para minha campanha. Foi há uns vinte anos e eu era candidato a vereador. Sabe o que foi que ele me disse?

Marlowe sacudiu a cabeça.

— Jurou que se algum dia eu fosse eleito, nem que fosse para pegador de cachorros na carrocinha, ele se mudaria daqui com toda sua família. Aposto que não vai gostar quando souber que contribuiu para o fundo de minha campanha.

— Meu pai é meu pai e eu o respeito muito — disse Marlowe, com firmeza —, mas o que faço em matéria de dinheiro e de política é da minha conta e não da dele.

— Têm outros filhos? — perguntou Dandy Jim.

— Um menino de oito anos — Geraldine respondeu rapidamente.

— Não sei — disse Dandy Jim, sorrindo. — Algum dia as mulheres vão votar e se essa menina for criada lá esse é um voto que nunca irei conseguir.

— Vou prometer uma coisa, senhor prefeito — Geraldine afirmou prontamente. — Se isso acontecer algum dia, todas as mulheres de minha casa votarão no senhor!

O sorriso de Dandy Jim se alargou. Cumprimentou agradecendo e disse:

— Os políticos têm sempre a fraqueza de viverem fazendo tratos.

No dia seguinte, Timothy Kelly, secretário do prefeito, apareceu no escritório de Marlowe, no banco, e recebeu um cheque de quinhentos dólares. Aconselhou Marlowe a ir conversar com determinado juiz, do fórum municipal.

Foi ali que se fez a adoção. Quando Marlowe saiu da sala do juiz, deixara com ele uma certidão de nascimento passada no nome de Katrina Osterlaag.

Levara no bolso uma certidão de nascimento com o nome de sua filha, Rina Marlowe.

Embaixo do grande guarda-sol fincado na areia, Geraldine Marlowe estava sentada numa cadeira de lona. Abanava-se lentamente com o leque.

— Não me lembro de um verão tão quente como esse — disse, respirando com alguma dificuldade. — Deve estar fazendo uns trinta e cinco graus à sombra.

O marido resmungou alguma coisa na cadeira ao lado, ainda imerso na leitura do jornal de Boston, que chegava ao Cabo com um dia de atraso.

— O que foi que você disse, Harry?

Ele mostrou o jornal para a mulher.

— Esse Wilson está positivamente maluco!

— Por que diz isso, querido? — perguntou Geraldine, os olhos ainda voltados para o mar.

— Essa história da Liga das Nações. Ele diz que agora vai para a Europa a fim de assegurar a paz no mundo.

— Pois eu acho a ideia magnífica. Afinal de contas, tivemos sorte dessa vez. Laddie era moço demais para ir à guerra. Da próxima vez, poderá ser diferente.

— Não haverá próxima vez — disse Marlowe. — A Alemanha está derrotada para sempre. Além do mais, o que temos com isso? Eles estão do outro lado do mar. Podemos ficar aqui, e deixá-los que se matem à vontade se quiserem começar outra guerra.

Geraldine encolheu os ombros.

— Chegue mais para baixo do guarda-sol, querido. Você bem sabe como fica vermelho quando toma sol.

Harrison Marlowe levantou-se e levou a cadeira para a sombra. Sentou, deu um suspiro e tornou a abrir o jornal. Rina apareceu de repente à frente da mãe.

— Já faz uma hora que almocei, mamãe. Posso entrar na água?

Geraldine olhou para Rina. A menina havia crescido muito naquele verão. Difícil acreditar que só tivesse treze anos.

Era bem alta para a idade. Um metro e cinquenta e sete, apenas dois centímetros a menos que Laddie, três anos mais velho. O cabelo estava ainda mais claro por causa do sol, enquanto sua pele estava tão queimada que os olhos amendoados pareciam claros em contraste com o bronzeado. As pernas eram compridas e benfeitas, os quadris começavam a arredondar-se e os peitos já se mostravam cheios e redondos sob o maiô de banho de menina, parecendo mais os de uma moça de dezesseis anos.

— Posso, mamãe?

— Pode. Mas tenha cuidado, querida. Não nade muito para fora. Não quero que você se canse.

Mas Rina já saíra as carreiras, sem ouvir o resto. Geraldine Marlowe sorriu para si mesma. Rina era assim mesmo, diferente de todas as mocinhas que ela conhecia. Nadava e corria mais que qualquer dos rapazes com quem Laddie andava, e todos eles sabiam que ela era capaz de vencê-los. Não fingia ter medo da água nem se preocupava em se proteger do sol. Tampouco se interessava em conservar a pele macia e clara.

Harrison Marlowe interrompeu a leitura do jornal.

— Tenho de ir à cidade amanhã. Vamos fazer o empréstimo a Standish.

— Está bem, querido — Geraldine respondeu, ouvindo ao longe as vozes estridentes das crianças, e acrescentou; — Temos de fazer alguma coisa a respeito de Rina.

— Rina? O que há com Rina?

— Não notou ainda? Nossa filhinha está crescendo.

— Sim, sim, mas ainda é uma menina.

Geraldine Marlowe sorriu. Era bem verdade o que diziam dos pais. Falavam mais sobre os filhos mas, secretamente, encantavam-se com as filhas.

— Ela já é mulher desde o ano passado — replicou.

Harrison ficou vermelho e olhou para o jornal. Havia percebido vagamente isso, mas era a primeira vez que falavam abertamente do fato. Olhou para o mar, procurando Rina no meio do grupo barulhento que se debatia dentro da água.

— Não acha que devemos chamá-la? É perigoso para ela ficar tão longe da praia.

Geraldine sorriu. Pobre Harrison! Podia ler o pensamento dele como um livro. Não era do mar que ele tinha medo, mas dos rapazes.

— Não, Harry. Não há perigo. Ela nada como um peixe.

Ele a olhou, meio confuso.

— Não acha que deve ter uma conversa com ela? Talvez explicar-lhe algumas coisas... como eu fiz com Laddie há uns dois anos.

O sorriso de Geraldine era malicioso. Gostava de ver o marido, habitualmente tão seguro de si, tão positivo em todas as suas ideias, e convicções, assim atrapalhado.

— Não seja bobo, Harry. Não preciso explicar-lhe mais nada. Quando uma coisa assim acontece, é natural dizer tudo o que ela deve saber.

— Muito bem — ele concordou, com um suspiro de satisfação.

Geraldine continuou:

— Acho que Rina vai ser uma dessas crianças que fazem a transição da adolescência sem passar por qualquer das suas fases desagradáveis. Não há nela o menor sinal de angulosidade, e a pele é clara, sem qualquer mancha ou espinha. Muito diferente do que acontece com Laddie. Apesar de tudo, acho que vou tomar uma providência a respeito de Rina. Vou comprar uns sutiãs.

Marlowe nada comentou.

— Sinceramente — prosseguiu Geraldine —, penso que o busto dela já é tão grande quanto o meu. Espero que não cresça muito mais. Ela vai ser uma bela mulher.

— Teve a quem sair — disse ele, com um sorriso.

Ela sorriu também. Sabia perfeitamente o significado daquelas palavras. Não passou pela cabeça de nenhum deles que Rina não fosse realmente sua filha.

— Você se importaria de me levar para a cidade esta noite? — perguntou ela. — Seria ótimo passar a noite num hotel.

— Também acho — ele aprovou, apertando-lhe a mão.

— Molly pode tomar conta das crianças. E eu teria tempo de fazer algumas compras pela manhã, antes de voltarmos.

— Magnífico! — ele disse, olhando para ela e rindo. — O chalé aqui está um pouco cheio demais. Vou telefonar para o hotel e mandar preparar uma batelada de martinis para o

momento em que chegarmos.

Ela soltou sua mão e exclamou rindo:

— Mas que homem imoral!

Rina nadava com braçadas pausadas e determinadas; seus olhos estavam fitos na jangada que os rapazes usavam para mergulhar, ancorada além da arrebentação. Laddie devia estar lá com seu amigo Tommy Randall. Saiu da água quase aos pés deles. Os rapazes estavam deitados de costas, com os rostos voltados para o sol, e se sentaram, logo que Rina começou a subir a escada.

— Por que não ficou lá com as meninas? — exclamou Laddie, irritado com a invasão de seu santuário.

— Tenho tanto direito de estar aqui quanto você — ela retorquiu, depois de recuperar o fôlego e ajeitar as alças do maiô.

— Ora, vamos — disse Tommy —, deixe-a ficar.

Rina olhou-o pelo canto dos olhos e viu que o olhar dele estava interessado em seus peitos parcialmente à mostra. Foi nesse exato momento que ela começou a se tornar mulher.

Até Laddie a estava olhando de uma maneira curiosa, que ela nunca percebera nele. As mãos dela caíam instintivamente para os lados. Se era só isso que era preciso para que a aceitassem, podiam olhar à vontade. Sentou-se diante deles, sentindo ainda os olhos cravados nela.

Uma sensação esquisita começou a percorrer seus peitos e ela se olhou. Os bicos estavam claramente desenhados contra o jérsei preto do maiô. Ergueu a vista para os rapazes e viu que a observavam sem disfarce algum.

— O que é que vocês estão olhando?

Os dois rapazes ficaram embaraçados e imediatamente desviaram os olhares. Tommy virou-se para o mar, e Laddie para o chão da jangada.

— Então? — ela perguntou a Laddie.

O rosto do irmão ficou muito vermelho.

— Eu vi! Vocês estavam olhando para o meu peito!

Laddie levantou-se imediatamente.

— Vamos embora, Tommy. Isto aqui está ficando cheio demais!

Ambos deram um mergulho. Rina observava-os enquanto nadavam para a praia. Depois estendeu-se na jangada e fitou o céu, pensando que os meninos eram mesmo uma gente esquisita.

O maiô apertado machucava os peitos. Ela encolheu os ombros e libertou os seios do incômodo maiô. Baixou a cabeça e ficou se olhando.

Lá estavam eles, muito brancos, em contraste com a pele queimada dos braços e do pescoço. Os bicos estavam rosados e maiores do que até então os vira. Tocou-os com as pontas dos dedos. Eram duros como pedrinhas e uma espécie de dor quente e agradável chamejava ao contato dos dedos.

O calor do sol começou a enchê-los de uma sensação doce e prazerosa. Fez uma leve massagem para aquilo passar, e o calor que se irradiava dos peitos lhe tomou todo o corpo. Sentiu-se meio tonta, com um contentamento que nunca sentira até aquele dia.

Diante do espelho, Rina ajustava as alças do sutiã. Respirou profundamente, e voltou-se para a mãe, sentada na cama atrás dela.

— Pronto, mamãe — disse ela, orgulhosa. — Que tal? Geraldine olhou indecisa para a filha.

— Talvez se você apertasse o último gancho...

— Já tentei, mamãe. Mas não posso usar assim, que me machuca.

Geraldine concordou com um gesto. Da próxima vez, compraria um tamanho maior. Mas quem iria pensar que um trinta e quatro ficaria tão apertado num corpo ainda não totalmente desenvolvido?

— Não acha que preciso também de maiôs novos, mamãe? Os que tenho estão muito apertados.

— Estava pensando nisso, Rina. E alguns vestidos novos também. Talvez papai queira levar-nos de carro a Hyannis Port depois do café.

Rina abriu um alegre sorriso. Correu para junto da mãe e abraçou-a afetuosamente.

— Muito obrigada, mamãe!

Geraldine beijou Rina na cabeça e depois ergueu o rosto bronzeado da filha. Olhou Rina bem dentro dos olhos, acariciando de leve suas faces.

— O que será que está acontecendo à minha menina? — perguntou quase com um tom de tristeza na voz.

Rina pegou a mão da mãe e beijou-lhe a palma.

— Nada, mamãe — disse ela, com a segurança e a confiança que seriam sempre características de sua personalidade. — Só que, como a senhora já me disse, eu estou crescendo.

— Não tenha muita pressa, minha criança — disse ela, apertando a cabeça da filha contra seu peito. — A infância infelizmente é muito curta.

Mas Rina mal a ouviu. E, se ouviu, é de duvidar que as palavras tivessem significado grande coisa para ela. Eram apenas palavras, e as palavras eram tão importantes diante das forças que despertavam dentro dela como as ondas que se quebravam irremediavelmente na praia defronte da janela.

Laddie girou o corpo e arremessou rápido a bola para a primeira base. O outro jogador lançou-se em desabalada carreira e se jogou, escorregando em direção à marca de *safety*, os calcanhares levantando uma nuvem de poeira. Quando a poeira assentou, o juiz gritou:

— Você está fora!

E a partida havia terminado.

Os rapazes se aglomeraram em torno de Laddie para abraçá-lo e elogiar o jogo. Depois, dispersaram-se e encaminharam-se para a praia. Ele e Tommy ficaram sozinhos.

— O que vai fazer hoje à tarde? — perguntou Tommy.

— Nada — disse Laddie, encolhendo os ombros. Ainda pensava no jogo e, apesar dos elogios, não estava satisfeito com seu próprio desempenho. Teria de melhorar, treinar muito, pois do contrário não faria parte da equipe principal de Barrington.

— O Bijou tem um filme novo de Hott Gibson — disse Tommy.

— Já vi esse filme em Boston. Quando é que Joan chega?
— Quem? Minha prima? — perguntou Tommy.
— Conhece outra pessoa com esse nome? — replicou Laddie, sarcasticamente.
— Talvez ela venha neste fim de semana.
— Então talvez a levemos ao cinema.
— Muito bonito! — exclamou Tommy. — Para você está tudo ótimo, e para mim? Pensa que é engraçado sentar perto de vocês dois, sozinho? E quem eu vou levar?

— Não sei...
Andaram mais alguns instantes. De repente, Tommy deu um estalo com os dedos e exclamou:

— Já sei!
— Quem?
— Rina, sua irmã.
— Rina? — disse Laddie. — Mas ela ainda é uma garotinha!

Tommy riu.
— Garotinha, nada! Viu como estão grandes? Ainda estão maiores do que quando nós os olhamos na jangada há uns quinze dias.

— Mas ela só tem treze anos, Tommy...
— E daí? Minha prima Joan tem catorze. Tinha treze no verão passado, quando você já vivia todo agarrado com ela na varanda dos fundos.

Laddie achou que talvez Tommy tivesse razão. Rina estava crescendo.
— Está bem — concordou ele, balançando os ombros. — Pode convidá-la. Mas eu sei que não adianta. Minha mãe não vai permitir que ela vá.

— Deixará, se você pedir.
— Vou tomar banho e trocar de roupa — disse Laddie. — Até já, na praia.
— Combinado. Até já.

O chalé estava fresco, depois da algazarra e do calor do beisebol. Laddie foi até a cozinha e chamou Molly.

Ninguém respondeu, e ele se lembrou de que era quinta-feira, dia de folga de Molly. Ouviu um barulho em cima e foi até a escada!

— Mamãe!
Foi Rina quem respondeu:
— Foram de carro até Hyannis Port jantar com alguém.

Laddie voltou para a cozinha e abriu a geladeira. Tirou uma garrafa de leite e cortou um pedaço de bolo de chocolate. Só depois de ter comido tudo se lembrou de que havia feito uma promessa de não tocar em doces, para ver se sua pele melhorava.

Ficou ali sentado, meio apático. Ouviu a porta do banheiro abrir e passos na direção do quarto de Rina. O que ela estaria fazendo àquela hora da tarde dentro de casa? Habitualmente já era hora de estar na praia com seu grupo de amigas tolas.

Talvez Tommy tivesse razão. Ela estava crescendo. Sem dúvida alguma o jeito que ela ficara na jangada com os peitos quase à mostra, e deixando que a olhassem, não era de uma

menina. E Tommy tinha razão também numa coisa: os peitos de Rina eram maiores que os da prima dele.

Pensou de novo em Rina na jangada e de novo imaginou: os peitos querendo sair do maiô, o cabelo molhado caindo até os ombros e os lábios apertados em sinal de aborrecimento.

Sentiu um calor habitual subir-lhe pelo corpo. Não! Outra vez, não! Tinha jurado depois da última vez que ia parar com aquilo. Levantou-se abruptamente. Não iria fazer aquilo dessa vez. Colocou o prato vazio na pia, saiu da cozinha e subiu a escada. Tomaria um banho frio e depois iria à praia.

O quarto de Rina ficava bem em frente ao patamar da escada, e a porta estava parcialmente aberta. Já estava no meio da escada, quando notou que havia movimento dentro do quarto. Parou, com o coração batendo com força. Ficou de joelhos de modo que só seus olhos ficassem acima do patamar.

Rina estava diante do espelho, de costas para a porta, vestida apenas de sutiã e calção. Enquanto ele olhava, ela estendeu a mão para trás e desabotoou o sutiã. Depois, virando o corpo um pouco, tirou o calção. Ainda com eles na mão, atravessou o quarto e voltou logo, trazendo um maiô de banho. Parou de novo em frente ao espelho e vestiu-o. Ajeitou-o sobre os seios e ajustou as alças.

Laddie sentia a testa banhada de suor. Era a primeira vez que via uma moça crescida completamente nua. Nunca pensara que pudessem ser tão belas e excitantes.

Passou pela porta dela em passos lentos e foi para seu quarto. Fechou a porta e jogou-se na cama, ainda trêmulo. Ficou por muito tempo ali deitado, com aquele calor que o fazia quase dobrar-se de dor.

Debateu a questão consigo mesmo. Não. Não devia. Se cedesse daquela vez, cederia para sempre. Afinal, começou a sentir-se melhor. Enxugou a testa com o braço e levantou-se.

Só era preciso ter um pouco de força de vontade e determinação. Sentiu orgulho de si mesmo. O que ele tinha de fazer era afastar-se de todas as espécies de tentação. Isso abrangia tudo. Até os postais franceses que comprara na tabacaria em Lobstertown..

Abriu uma gaveta da cômoda e tirou os postais de baixo de uma tábua solta. Colocou-os virados sobre a cômoda. Quando fosse tomar banho, jogaria tudo dentro do vaso e puxaria a descarga.

Tirou a roupa rapidamente e vestiu o roupão de banho. Foi até a cômoda e olhou-se no espelho. O rosto estava iluminado por uma nobre determinação. É curioso ver como uma decisão correta transforma a pessoa. Saiu do quarto, mas esqueceu os postais em cima da cômoda.

Estava se enxugando, quando ouviu os passos de Rina pelo corredor em direção a seu quarto. De repente, lembrou-se de que havia deixado os postais em cima da cômoda. Vestiu apressadamente o roupão de banho.

Mas já era tarde. Quando chegou ao quarto, ela estava de pé junto à cômoda e com os postais na mão. Olhou-o surpresa.

— Onde arranjou essas fotografias, Laddie? — perguntou ela, com interesse.

— Dê-me isso! — exclamou ele.

Rina esquivou-se e correu para o outro lado da cama.

— Deixe-me terminar — disse ela, calmamente. — Depois eu devolvo.

— Não! — gritou ele com voz rouca, avançando para ela por cima da cama.

Rina se virou para evitá-lo, mas a mão dele agarrou seu ombro. Ela caiu na cama ao lado dele e os postais se espalharam. Procurou agarrá-los de novo. Laddie segurou-a pela alça do maiô a fim de impedi-la, e a alça arrebentou. Ficou parado, e muito pálido, vendo o seio branco que escapara do maiô.

— Você arrebentou minha alça — disse ela, calmamente, sem fazer o menor gesto para cobrir-se, olhando-o bem nos olhos.

Ele ficou em silêncio, atônito.

Ela sorriu, levando a mão ao seio e esfregando lentamente o bico.

— Não sou tão bonita como qualquer dessas mulheres das fotografias?

Ele estava fascinado, sem poder falar, seguindo com os olhos o movimento deliberado da mão de Rina.

— Não acha que sou, Laddie? Pode falar, que não contarei pra ninguém. Por que acha que eu deixei você me espiar enquanto eu trocava de roupa?

— Você sabia que eu estava olhando? — perguntou ele, atônito.

— Claro, seu bobo. Via você pelo espelho. Quase estourei na gargalhada. Pensei que os olhos lhe fossem saltar da cabeça.

Laddie sentiu a excitação que o empolgava e exclamou:

— Não vejo nada de engraçado nisso!

— Olhe para mim — disse Rina. — Gosto que você olhe para mim. Se eu pudesse, todo mundo olharia.

— Não é direito, Rina.

— Por quê? O que há de errado nisso? Eu gosto de olhar para você. Por que é que você não pode gostar de olhar para mim?

— Mas você nunca me olhou!

— Já, sim — Rina olhava para ele com um sorriso enigmático.

— Onde? Quando?

— Numa tarde em que você voltou da praia. Não havia ninguém e eu espiei pela janela do banheiro. Vi tudo o que você fez!

— Tudo? — perguntou ele, alarmado.

— Tudo — disse ela, calmamente. — Você estava brincando com seu músculo. Nunca pensei que ele pudesse ficar tão grande. Sempre pensei que ainda fosse pequeno e caído como quando você era garotinho.

Ele sentiu um aperto na garganta e mal pôde falar. Começou a se levantar da cama, e disse com voz rouca:

— É bom você ir embora daqui.

Ela olhou para ele ainda sorrindo.

— Quer me ver outra vez?

Ele não respondeu.

Rina puxou a outra alça e, depois, tirou o resto do maiô. Ele ficou olhando o corpo todo nu, sentindo as pernas tremerem.

— Agora tire o roupão e deixe-me ver você todo.

Como tomado de atordoamento, ele abriu o roupão e o deixou cair: Com um gemido, caiu de joelhos ao lado da cama, tentando controlar-se.

No mesmo instante, ela rolou pela cama e olhou para ele.

— Agora — disse ela, com um tom de triunfo na voz. — Faça isso por mim.

Ele levantou a mão para tocar o seio. Ela o deixou ficar assim por um momento, mas de repente afastou-se dele.

— Não! — exclamou ela. — Não me toque!

Ele a olhou, cheio de angústia.

— Faça isso por mim — disse ela, com voz rouca. — E eu farei isso por você. Mas não me toque!

Durante toda a sessão de cinema, Laddie os ouviu rir e conversar em voz baixa. Podia imaginar o que estavam fazendo no cinema às escuras, ainda que não os pudesse ver. Visões passavam-lhe pela cabeça.

Tommy estava oferecendo uma bala a Rina. Laddie viu-o estender o saquinho para ela com a mão displicentemente, encostando em seu seio. Mexeu-se inquietamente na cadeira, tentando devassar a escuridão. Mas não adiantou. Não deu para ver.

— Quer me dar mais um bombom? — disse Joan do meio da escuridão.

— Como? — perguntou ele, levando um susto. — Ah, sim. Pois não.

Estendeu o saquinho para ela se servir e sentiu a suave pressão de seus seios. Mas isso só serviu para fazê-lo lembrar-se de Rina.

No caminho de casa, pararam diante da casa de Tommy.

— Querem tomar algum refrigerante? — perguntou Joan. — A geladeira está cheia.

— Não, obrigado — Laddie respondeu prontamente. — Já é tarde e prometi a mamãe que estaríamos em casa antes de escurecer.

Rina nada falou.

— Não pode voltar depois? — perguntou Joan. — Depois de deixar Rina em casa?

— Não sei — disse ele, sentindo o olhar de Rina e ficando vermelho. — Estou muito cansado. Acho que vou dormir cedo hoje.

Joan olhou-o de maneira estranha, mas nada mais disse e foi entrando em casa. Foi um instante difícil, até que Tommy falou:

— Está bem. Então, boa noite. Até amanhã, na praia.

Fizeram o resto do caminho em silêncio. Já estava escuro quando chegaram à varanda. Laddie abriu a porta para ela. Ela entrou e de repente ficou parada, ao ver que ele não fazia menção de segui-la.

— Não vai entrar?

— Já, não. Vou ficar aqui fora mais um pouco.

— Então eu também vou — disse ela, voltando para a varanda.

Laddie deixou a porta bater, e o barulho repercutiu na casa toda.

— São vocês, crianças? — perguntou Geraldine Marlowe.

— Sim, mamãe — respondeu Rina. Olhou rapidamente para Laddie e acrescentou: — Podemos ficar aqui fora ainda um instante, mamãe? A noite está tão quente.

— Está bem. Mas só meia hora, Rina. Quero vocês na cama às oito e meia.

— Certo, mamãe.

Laddie atravessou a varanda e sentou-se na grande cadeira de vime. Rina foi sentar-se ao lado dele.

— Por que Joan queria que você voltasse?

— Não sei.

— Ela queria que você fizesse aquilo por ela?

— Claro que não! — respondeu ele, indignado.

— Não gosto de Joan — disse ela, impulsivamente. — E uma hipo... hipo...

— Hipócrita — completou Laddie, surpreso com a inesperada profundidade de sua percepção. — Por que diz isso?

— Tommy quis que eu pegasse nele e, quando eu não quis, ele segurou a mão de Joan e ela não teve dúvidas em fazer sua vontade.

— Não! — exclamou Laddie.

A exclamação foi involuntária, mas Rina tinha razão. Joan era uma hipócrita.

— Ela nem olhou uma só vez para ele — continuou Rina. — Ficou sempre com os olhos pregados na tela e uma vez chegou a pedir bombons a você. O que será que estão fazendo agora?

Laddie teve uma visão de Joan e Tommy juntos e sentiu-se excitado.

— Mas eu não sou hipócrita, sou? — perguntou Rina, com um leve sorriso nos lábios. De repente, ele sentiu os dedos dela nas coxas e ela perguntou, num sussurro: — Quer fazer aquilo agora?

— Agora? — perguntou ele, olhando para a casa.

— Não tenha receio. Eles não virão aqui. Papai está lendo o jornal e mamãe está tricotando. Olhei pela porta.

— Mas... — gaguejou ele — Como?

Ela sorriu e tirou o lenço do bolso da camisa de Laddie.

Geraldine olhou para o relógio. Oito e meia em ponto. A porta da varanda bateu e Rina entrou na sala. Os olhos da filha estavam brilhando e um sorriso feliz iluminava seu rosto. Contagiada por aquela boa disposição, Geraldine sorriu para ela.

— Gostou do cinema, querida?

— Muito, mamãe. Nem queira saber como é bom ver um filme sem aquela garotada fazendo barulho e correndo pelo cinema como acontece nas matinês.

Geraldine riu.

— Ainda outro dia você fazia parte dessa garotada.

— Mas não faço mais, não é, mamãe?

— Não, querida. Você já está crescida agora.

— Tem razão, mamãe — disse Rina, alegremente. — Já sou bem crescida!

— Agora já para a cama, mocinha. Ainda precisa descansar.

— Está bem, mamãe. — Rina a beijou com carinho. — Boa noite. — Atravessou a sala e beijou o rosto do pai. — Boa noite, papai.

Ela saiu da sala e os dois puderam ouvir seus passos ligeiros pela escada. Harrison Marlowe tirou os olhos do jornal.

— Ela parece bem feliz.

— Por que não estaria? — disse Geraldine. — É a primeira vez que sai com um rapaz. Isso é sempre um acontecimento para uma moça.

— Vamos tomar um pouco de ar fresco na varanda? — sugeriu Harrison.

Chegaram à varanda e Geraldine chamou-

— Laddie!

— Estou aqui, mamãe.

Ela o viu levantar-se da cadeira.

— Divertiu-se, meu filho?

— Sim — disse ele, laconicamente.

— Rina não o aborreceu?

— Não.

— Você não parece muito feliz por tê-la levado

— Impressão sua, mamãe — havia tensão em sua voz

— Meu filho — disse o pai —, às vezes temos de fazer coisas de que não gostamos. Uma delas é tomar conta da irmã. É um dever do irmão.

— Já não disse que foi tudo bem, papai? — exclamou ele, quase gritando.

— Laddie! — Geraldine mostrou-se surpresa

— Desculpe, papai — disse Laddie em voz baixa.

Geraldine se aproximou dele, preocupada.

— Você não está se sentindo bem, Laddie? Você me parece com um pouco de febre e seu rosto está banhado de suor. Vou enxugá-lo para você. Onde está seu lenço, Laddie? Tenho certeza de que o vi sair com ele no bolso.

Por um instante, os olhos dele pareceram os de um animal acuado. Mas isso logo passou.

— Acho... acho que perdi, mamãe.

Ela passou a mão em sua testa.

— Tem certeza de que não está com febre?

— Acho bom ir para a cama, Laddie — disse o pai.

— Sim, papai. Boa noite.

Em seguida, beijou a mãe, deu boa noite e entrou em casa.

— O que será que há com ele?

— Acho que sei o que há com ele — disse Harrison entre dentes.

— O que é, Harry?

— Ele é muito mimado, esse é o problema. Ele está tão mal acostumado a ter tudo o que quer que fica aborrecido quando tem de fazer por conta própria alguma coisa, até mesmo acompanhar a irmã. Está zangado porque não pôde ir para a varanda dos Randall bolinar Joan, a prima de Tommy.

— Harry, você está saindo do sério!

— Não estou, não. Ouça o que estou dizendo. Conheço esses rapazes. É preciso um pouco de disciplina. E Rina precisa de disciplina também, fique sabendo. Você faz tudo o que ela quer. Dentro em pouco estará mimada também.

— Eu é que sei por que está assim — disse ela. — Não lhe agrada a ideia de seus filhos crescerem. Gostaria que fossem crianças para sempre.

— Não, mas você tem de reconhecer que estão mimados.

— Talvez estejam um pouco, Harry...

— De qualquer maneira, é bom que estejam voltando para a escola no mês que vem. Barrington será bom para Laddie.

— Sim. E estou satisfeita que Rina tenha sido aceita na escola de Jane Vincent. Será bem educada lá.

Para Laddie foi um verão de dor e ternura, de selvagens sensações físicas e de cruciantes lutas de consciência. Não podia dormir; não podia comer; tinha medo de olhar para Rina de manhã e, quando a via, não queria mais sair de perto dela. Sentia verdadeiras agonias de ciúme quando a via sorrir ou conversar com outros rapazes. Visões nascidas do que aprendera com ela enchiam seus sonhos. Havia sempre nele um contentamento inquieto e amedrontado quando estavam juntos.

E todo o tempo, no fundo de sua mente, havia medo; o medo de serem descobertos, o medo do sofrimento, da revolta e do ódio que os pais sentiriam quando soubessem.

Mas, quando ela o olhava, sorria para ele ou o tocava, tudo isso desaparecia de repente e ele seria capaz de fazer tudo no mundo para agradá-la. Humilhava-se, rastejava diante dela, chorava na agonia de sua autoflagelação. Depois, o medo voltava. Não podia fugir do fato de que ela era sua irmã e de que o que faziam era errado.

Foi com um sentimento de alívio que viu aquele verão alucinante aproximar-se do fim. Julgava que dentro em pouco tudo terminaria. Longe dela, poderia dominar-se, reencontrar-se, debelar as febres que ardiam por dentro. Quando voltassem para a praia no verão seguinte, tudo seria diferente, para ele e para ela.

Nunca mais, ia dizer para ela. Isso é errado e acabou para sempre.

Era nisso que acreditava quando voltou para a escola no fim daquele verão.

— Estou grávida — disse ela. — Vou ter um filho.

Laddie se sentiu inteiramente atordoado. Sempre soubera que tudo iria acabar assim. Desde aquele primeiro verão, dois anos antes. Olhou para ela, apertando os olhos.

— Como sabe?

— Atrasou — respondeu ela calmamente, como se estivesse falando do tempo. — É a primeira vez que isso acontece.

— E o que vai fazer — Laddie perguntou, olhando para suas mãos bronzeadas remexendo a areia alva da praia.

— Não sei. Se nada acontecer até amanhã, acho que terei de dizer a mamãe.

— E... e contará tudo sobre nós?

— Claro que não. Direi que foi Tommy, ou Bill ou Joe,

— Fez isso com algum deles? — perguntou ele rudemente, de súbito golpeado por intenso ciúme.

— Não — ela o olhou com firmeza. — Claro que não. Foi só com você.

— E se ela falar com algum deles? Descobrirá que você mentiu.

— Não, ela não fará isso. Especialmente se eu disser que não sei ao certo qual foi.

Ele a olhou espantado. Em muitos aspectos, ela era mais adulta do que ele.

— O que você acha que ela fará?

— Não sei. Mas acho que não há muitas coisas que ela possa fazer.

Ele a viu seguir pela praia para se encontrar com algumas amigas e estendeu-se de bruços na areia, com a cabeça sobre os braços. Tinha acontecido. Sempre soubera, no fundo do coração, que isso iria acontecer. Lembrou-se daquela noite, algumas semanas antes.

Tinham ido para a praia naquele verão, como todos os anos. Mas dessa vez ia ser diferente. Ele havia feito um juramento. E havia comunicado sua decisão a ela.

— Nunca mais — prometera. — Isso é coisa de criança. Você ficará com suas amigas eu com meus amigos. Só teremos dificuldades e aborrecimentos se continuarmos com isso.

Ela havia concordado. Chegara mesmo a prometer também. E era preciso reconhecer que ela havia mantido sua palavra. Ele é que quebrara o juramento. E tudo por causa daquela maldita garrafa de laranja.

Era uma tarde chuvosa e os dois estavam sozinhos no chalé. O ar quente e úmido envolvia o corpo de Laddie como uma invisível e asfixiante manta. A camisa e as calças estavam ensoadas de suor quando ele entrou na cozinha. Abriu a geladeira, mas não encontrou a garrafa de laranja que costumava guardar ali. Bateu com raiva a porta da geladeira.

Subiu. E quando passou pelo quarto de Rina, que estava com a porta aberta, custou a acreditar que viu. Ela estava nua, meio reclinada na cama, com a garrafa de laranja na mão.

Sentiu a cabeça latejar e uma nova onda de suor inundou seu corpo.

— O que está fazendo com a minha laranja? — perguntou, sentindo o quanto aquela pergunta era idiota.

— Estou bebendo — Rina replicou, levando a garrafa à boca. — O que acha?

A laranjada escorreu da boca de Rina, descendo pelo rosto, pelos seios, pela barriga, até os lençóis. Ela sorriu e estendeu a garrafa.

— Quer um pouco?

Como se fosse outra pessoa, Laddie viu-se atravessar o quarto, tomar a garrafa e levá-la aos lábios. O gargalo ainda estava quente do contato de Rina. Sentiu na boca o gosto do líquido adocicado e olhou para ela.

Rina estava sorrindo e disse:

— Você está excitado. Disse que nunca mais, mas está excitado!

Um pouco de laranjada se derramou na sua camisa quando ele percebeu que havia se denunciado. Virou-se para sair; mas a mão dela roçou suas coxas. Ele quase deu um grito ante a súbita e ardente tortura do toque.

— Só mais esta vez — murmurou ela. — E, depois, nunca mais!

Ele ficou parado, com medo de se mover; com medo de tropeçar e cair. O tremor lhe abalava o corpo.

— Não — murmurou com voz rouca.

— Por favor — pediu ela, procurando-o com os dedos.

Continuou como que paralisado. De repente, deu um gemido de angústia. Teria de acabar com aquela humilhação, com aquele rastejar diante dela. Dessa vez ela iria aprender a deixá-lo em paz. Com uma mão, agarrou-lhe os pulsos. Os olhos dela estavam confiantes e sem medo. De repente, ele encostou sua boca na dela. Estava quente e úmida e ainda havia um gosto de laranjada. Então moveu a cabeça e começou a correr os lábios pelo corpo dela, pelos seios.

Rina começou a se debater.

— Não! — gritava, procurando desvencilhar-se dele. — Não! Não me toque!

Mas ele nem a ouvia. A raiva fazia latejar suas têmporas e havia em seu peito uma fornalha ardente. Sentiu as unhas dela arranhando-o, abrindo-lhe um rastro de dor e sangue na carne. Ficou ainda mais furioso.

— Com homem não se brinca, ouviu? — gritou ele, sacudindo com toda força o braço livre. A pancada a atingiu bem no rosto, fazendo-a cair na cama, de onde ficou a olhá-lo, apavorada.

— Cadela! — exclamou ele, tirando o cinto das calças. Levantou os braços dela acima da cabeça e amarrou seus pulsos na guarda de ferro da cama. Depois, pegou a garrafa quase vazia e perguntou:

— Ainda está com sede?

Rina fez que sim com a cabeça.

Laddie virou a garrafa e, começou a rir, enquanto a laranjada se derramava sobre ela.

— Beba! Beba tudo que quiser!

Jogou a garrafa longe. Subiu na cama e, segurando suas pernas, prendeu-as com os joelhos.

— Agora, minha queridinha, acabaram-se as brincadeiras!

— Acabaram-se as brincadeiras — murmurou ela, de olhos muito arregalados.

Ele a beijou violentamente e ela perdeu de repente toda a vontade de resistir.

Foi então que aquela dor aguda e forte lhe penetrou o corpo. Deu um grito. Ele cobriu-lhe a boca pesadamente com a mão, e ela sentiu de novo a dor rasgá-la.

E, no fim, só ficaram o som de sua voz vibrando no fundo da garganta e o pavor do corpo dele no seu.

Laddie rolou o corpo na areia. Tudo estava perdido. No dia seguinte sua mãe saberia. E a culpa seria dele. Todos o culpariam, e com razão. Fossem quais fossem as circunstâncias, ele nunca deveria ter deixado que aquilo acontecesse. Sentiu uma sombra cair sobre ele e se virou.

Era Rina, que se sentou a seu lado e perguntou:

— E agora? O que vamos fazer?

— Não sei...

Ela pegou sua mão e disse num sussurro:

— Eu não devia ter deixado.

— Você nada podia fazer. Eu é que devia estar maluco. Se fôssemos uma moça e um rapaz diferentes do que somos, fugiríamos hoje mesmo para nos casar.

— Eu sei.

— É verdade que não somos realmente irmãos. Se não a tivessem adotado...

— Mas adotaram. E não podemos culpá-los por isso. Fizeram o que julgaram melhor — disse Rina, com lágrimas nos olhos.

— Não chore, Rina.

— Não posso deixar de chorar. Estou... estou com medo...

— Eu também. Mas chorar não resolve nada.

As lágrimas rolavam pelas faces de Rina. Depois de algum tempo, ela ouviu a voz de Laddie:

— Sabe que, mesmo você sendo minha irmã, eu a amo?

Ela não respondeu.

— Acho que sempre a amei. Foi uma coisa que nunca pude vencer. As outras moças todas nada significavam para mim quando as comparava com você.

— Creio que sempre fui tão má porque tinha ciúme das pequenas com quem você passeava — confessou ela, impulsivamente. — Não queria que elas tivessem você. Foi por isso que fiz o que fiz. Nunca deixei outro rapaz me pegar. Não podia tolerá-los.

— Quem sabe? — disse ele, apertando-lhe as mãos com os dedos entrelaçados com os dela. — Talvez tudo ainda acabe bem.

— Talvez — murmurou ela, com uma voz em que não havia muita esperança.

Depois não tiveram mais nada o que dizer, e ficaram assim, de mãos dadas, olhando as ondas que se quebravam na praia e os levavam à infância.

Laddie estava ao leme de seu barquinho a vela e olhava a mãe, sentada na proa. Sentiu uma pancada de vento na vela e automaticamente virou um pouco o leme. No céu havia algumas ameaçadoras nuvens negras. Estava na hora de voltar. Começou a fazer lentamente a manobra.

— Vai voltar, Laddie?

— Sim, mamãe.

Parecia estranho que ela estivesse a bordo. Mas ela insistira em dar aquele passeio. Parecia saber que alguma coisa o estava afligindo.

— Tem estado bem calado esta manhã, Laddie.

— É que tenho de prestar atenção ao barco, mamãe.

— Não sei o que meus dois filhinhos têm ultimamente. Andam ambos tão esquisitos!

Ele não respondeu. Não tirava os olhos daquelas nuvens de temporal. Pensou em Rina, em si mesmo, nos pais, e uma tristeza imensa o invadiu. Sentiu os olhos se molharem.

— Mas, Laddie, você está chorando! — exclamou a mãe, surpresa.

Nesse momento, ele não pôde mais conter-se, e os soluços sacudiram seu peito. Sentiu a mãe abraçar sua cabeça de encontro ao seio, como fizera tantas vezes quando ele era pequeno.

— O que há com meu filhinho? O que está preocupando o meu Laddie? — perguntou ela, com voz suave e terna.

— Nada — balbuciou ele, tentando conter as lágrimas. — Nada.

— Não, meu filho. Há alguma coisa. Eu sei que há. Pode contar pra mim, com toda confiança, Laddie, seja lá o que for. Compreenderei e procurarei ajudá-lo.

— Não há nada que você possa fazer! Nada mais que ninguém possa fazer!

— Por que não tenta comigo? — disse ela, sentindo um curioso temor — É alguma coisa... com Rina?

— Sim, sim! — gritou de repente. — Ela vai ter um filho... E o filho é meu, mamãe! Fui eu que a forcei, e ela agora está grávida!

— Oh, não!

— É verdade, mamãe — confirmou ele, sentindo-se estranhamente aliviado depois de haver dito tudo.

Geraldine cobriu o rosto com as mãos e chorou. Não era possível que aquilo acontecesse a seus filhos. Quisera que eles tivessem tudo, fizera tudo por eles. Ao fim de algum tempo, conseguiu, dominar-se.

— Acho que é melhor voltarmos — ela conseguiu dizer, afinal.

— Sim, mamãe — ele obedeceu, retomando o leme. As palavras começaram a sair-lhe impulsivamente da boca e ele falou com voz cheia de tensão e olhos agonizados: — Não sei o que me deu, mamãe. Sempre pensei que crescer fosse uma coisa maravilhosa. Mas não é. Os livros, e tudo o que dizem, estão errados. Crescer é uma merda! Oh... desculpe, mamãe.

— Não faz mal, meu filho.

Ficaram alguns instantes em silêncio, enquanto as ondas batiam com força no casco do barco.

— Não culpe Rina, mamãe. Ela ainda é uma menina. A culpa de tudo o que aconteceu é minha...

Geraldine olhou para o filho e um brilho de intuição pareceu rasgar o véu cinzento que lhe caíra diante dos olhos.

— Rina é uma moça muito bonita, Laddie. Acredito que qualquer pessoa acharia difícil não amar sua irmã.

— Eu a amo, mamãe — disse ele calmamente, encarando a mãe. — E, afinal de contas, ela não é de verdade minha irmã.

Geraldine nada disse.

— É horrível dizer isso, mamãe! Eu não a amo como irmã. Gosto dela... de uma maneira

diferente.

"Diferente", pensou Geraldine. Tanto valia essa palavra quanto outra qualquer.

— É horrível, não é, mamãe?

Ela olhou para o filho com uma tristeza tão grande que não podia explicar.

— Não, Laddie. É uma dessas coisas infelizes que não se podem evitar.

O rapaz deu um suspiro e começou a se sentir melhor. Ela havia compreendido e não o condenara.

— O que vamos fazer, mamãe?

— A primeira coisa que temos de fazer é dizer a Rina que compreendemos. A pobrezinha deve estar apavorada.

Ele se inclinou para tomar a mão da mãe e levá-la aos lábios.

— Você é tão boa, mamãe — disse, olhando-a cheio de ternura.

Foram as últimas palavras que proferiu na vida. Nesse momento, o temporal os colheu do lado de boreste e virou o barco.

Rina viu, petrificada, os pescadores trazerem para a praia os dois corpos encolhidos e inertes. Olhou-os, Laddie e a mamãe. Começou a sentir uma violenta vertigem nascer dentro dela. Um espasmo no meio do corpo de repente a fez dobrar-se e cair de joelhos na areia ao lado dos dois cadáveres. Fechou os olhos para chorar; enquanto um terrível líquido começava a derramar-se de seu corpo.

Margaret Bradley olhou com raiva para as provas que lhe enchiam a mesa. Estavam cobertas com os garranchos hieroglíficos das meninas que passavam pela sua aula de Ciências. Afastou tudo para o lado e se levantou. Foi até a janela e olhou, inquieta. Estava cansada de carregar às costas aquela tarefa enfadonha, dia a dia, ano a ano.

Olhando para as coisas que a cortina de cinza do crepúsculo amortilhava, pensou com estranheza que ainda não recebera a carta de Sally. Já havia mais de duas semanas que não tinha notícias dela e, em geral, as cartas chegavam duas vezes por semana, com toda regularidade. Seria possível que Sally houvesse encontrado alguém? Ou outra amiga com quem pudesse falar de seus segredos?

Nesse instante, bateram à porta e ela se voltou.

— Quem é?

— Carta expressa para a senhora, srta. Bradley — disse com sua voz trêmula o porteiro Thomas.

Abriu prontamente a porta e recebeu a carta.

— Muito obrigada, Thomas.

O envelope mostrava a letra de Sally. Correu para a mesa e a abriu.

*Querida Peggy,
casei-me ontem...*

Alguém bateu de novo à porta, mas tão de leve que ela a princípio nem ouviu. Tornaram a bater, dessa vez com um pouco mais de força.

— Quem é? — perguntou a srta. Bradley, com sua voz rouca.

— Rina Marlowe. Posso falar um instante com a senhora, srta. Bradley?

— Um momento — disse a professora, levantando-se aborrecida.

Foi até o banheiro e mirou-se no espelho. Os olhos estavam vermelhos e inchados, o batom um pouco manchado. Parecia ter mais que seus vinte e seis anos. Abriu a torneira e limpou a maquilagem do rosto. Havia dez anos que ela e Sally eram inseparáveis. Agora, estava tudo acabado.

Foi até a porta e a abriu. Rina olhou para a professora e teve a impressão de que ela havia chorado. Disse:

— Desculpe se a estou incomodando. Se quiser, posso voltar depois.

— Não, não. Está tudo certo — a professora foi até a mesa e se sentou. — O que é, minha filha?

— Queria saber se podia ser dispensada do baile de sábado à noite.

Margaret Bradley a encarou, espantada, sem poder acreditar no que ouvia. Perder o baile mensal era considerado o maior dos castigos. As meninas eram capazes de tudo para não perder aquela oportunidade. Era a única ocasião em que se permitia a entrada de rapazes na escola.

— Não compreendo, minha filha.

— O que acontece é que não estou com vontade nenhuma de ir — explicou Rina, com os

olhos no chão.

Não poderia ser porque os rapazes não gostassem dela. A professora sabia que o que acontecia era justamente o contrário. A esbelta moça loura de dezesseis anos que estava à sua frente ficava cercada de rapazes em todos os bailes. Era de muito boa família. Os Marlowe eram bem conhecidos em Boston. O pai dela era um banqueiro, viúvo.

— Seu pedido é um pouco estranho. Você deve ter algum motivo.

Rina continuou com os olhos voltados para o chão e não respondeu.

— Ora, minha filha — disse Margaret Bradley, forçando um sorriso nos lábios. — Pode falar à vontade comigo. Não sou assim tão mais velha que não possa compreender.

Rina olhou-a, e ela ficou surpresa com o profundo medo que percebeu nos olhos da moça. Foi só por um breve instante, pois Rina tornou a olhar para o chão.

A professora levantou-se, tomou Rina amistosamente pela mão e a levou para uma cadeira.

— Você está com medo de alguma coisa, minha filha.

— Não posso suportar que me agarrem — disse ela, num sussurro.

— Quem? — perguntou Margaret Bradley, surpresa.

— Os rapazes. Todos querem me agarrar; e eu sinto arrepios na pele. Não me incomodaria se quisessem apenas dançar e conversar mas estão sempre querendo levar a gente para algum canto.

— Quais são esses rapazes? — perguntou a professora, com voz áspera. — Proibiremos terminantemente a entrada deles.

Rina levantou-se e disse nervosamente:

— Vou embora! Acho que não adianta nada mesmo!

— Espere um pouco! — ordenou Margaret Bradley, decidida. — Algum deles... fez mais do que... agarrá-la?

Rina fez que sim com a cabeça.

— Quantos anos você tem?

— Dezesseis.

— Então, acho que já deve saber que os rapazes são sempre assim. Eu sentia a mesma coisa quando tinha sua idade.

— Sério? — perguntou Rina, com os olhos brilhando. — Pensei que fosse só eu. Nenhuma das minhas colegas é assim!

— É porque são bobas! — replicou, impulsiva, a professora. No mesmo instante, compreendeu que devia controlar-se. Não adiantava permitir que o ressentimento denunciasse sua amargura. — Escute, ia agora mesmo preparar um pouco de chá para mim. Quer me acompanhar?

— Mas seria muito incômodo — disse Rina, hesitante.

— Não será nenhum incômodo. Sente-se aí e fique à vontade, que eu já venho trazer o chá.

Foi para a pequena kitchenette e se surpreendeu cantarolando enquanto acendia o gás sob a chaleira.

— Acho que será ótimo para ela passar o verão na Europa até chegar o tempo de entrar para o Smith College no outono — disse Margaret Bradley.

Harrison Marlowe recostou-se na cadeira e olhou para a professora, sentada à mesa do jantar. Depois para Rina, que estava à frente dela. Aquela criatura lhe inspirava confiança. Não era bonita, mas ainda não devia ter trinta anos. Usava roupas simples, costumes quase masculinos, que pareciam proclamar-lhe a profissão. Não tinha as maneiras grosseiras tão habituais nas moças daquele tempo. Nada havia nela de melindrosa. Era muito séria e franca.

— A mãe dela e eu muitas vezes conversamos sobre a ida de Rina à Europa.

— Na realidade, não se pode considerar completa a educação de uma moça que nunca foi à Europa — reforçou categoricamente a professora.

Marlowe fez um gesto de assentimento, pensando na grande responsabilidade que era criar uma filha. Mas só fora compreender isso alguns meses antes, quando, ao voltar para casa, encontrara Rina.

Estava com um vestido azul que de algum modo a fazia um pouco mais velha. O cabelo muito louro brilhava na penumbra da sala.

— Oi, papai.

— Rina! O que está fazendo em casa?

— Fiquei pensando em como você devia estar se sentindo sozinho nesta casa tão grande e resolvi roubar alguns dias da escola para vir fazer-lhe companhia.

— E seus estudos?

— Estou com boas notas e estudarei um pouco mais depois.

— Mas...

— Não está contente de me ver, papai?

— Claro que estou, querida.

— Então, por que não me beija? — disse ela, oferecendo a face para ele.

Depois que ele a beijou no rosto, ela o abraçou e disse:

— Agora quem vai beijá-lo sou eu.

Beijou-o na boca e ele sentiu os lábios quentes. Depois, ela exclamou, rindo:

— O seu bigode faz cócegas!

— Você sempre disse isso — murmurou ele, com um sorriso cordial. — Desde quando era uma garotinha.

— Mas não sou mais uma garotinha, sou, papai?

Ele a olhou, bonita como estava, quase uma mulher no seu vestido azul.

— Não, acho que não.

Ela se virou para o bufê.

— Achei que talvez quisesse beber alguma coisa antes do jantar.

As garrafas estavam alinhadas para ele. Havia até um balde de gelo picado.

— O que comeremos no jantar? — perguntou ele.

— Mandei Molly fazer o que você gosta. Galinha assada com batatas coradas.

— Ótimo — exclamou, pegando uma garrafa de uísque. Mas ela segurou sua mão.

— Por que não toma um martini? Há muito tempo que não toma.

Hesitou um instante e, então, pegou a garrafa de gim. Só mais tarde é que percebeu que

tinha dois coquetéis na mão. O hábito era uma coisa muito estranha. Colocou um dos cálices em cima do bufê.

— Posso, papai? Tenho mais de dezesseis anos. Os pais de muitas das minhas colegas na escola consentem que elas tomem um coquetel antes do jantar.

Harrison Marlowe pegou o outro cálice, derramou metade dentro da coqueteleira e entregou-lhe o coquetel. Levantou depois o cálice num brinde.

Rina provou delicadamente a bebida.

— Está delicioso — apreciou com as mesmas palavras e o mesmo tom de voz que ele tantas vezes ouvira de Geraldine.

Sentiu as lágrimas subirem aos olhos e voltou rapidamente a cabeça para que Rina não visse. Sentiu a mão dela no braço e voltou-se para ela. Os olhos da filha estavam cheios de compreensão e amizade. Deixou que ela o levasse para se sentar no sofá ao lado dela.

Naquele momento, deixou de ser pai dela. Era apenas um homem sozinho que chorava ao colo da mãe, da esposa, da filha. Sentiu os braços jovens e fortes passados pelos seus ombros e as mãos que acariciavam seu cabelo. Ouviu a voz repassada de ternura, que sussurrava:

— Pobre papai! Pobre papai!

Mas esse momento se desvaneceu rapidamente, e ele teve consciência dos seios firmes e rígidos a que encostara o rosto. Levantou a cabeça instantaneamente.

— Acho que fiz um papel bem ridículo.

— Não, papai. Pela primeira vez na vida, deixei de me sentir uma menina. Sinto-me uma pessoa adulta e necessária.

— Você ainda tem muito tempo para crescer — disse ele, com um sorriso cansado.

Mais tarde, depois do jantar, ela foi sentar no braço de sua poltrona.

— Não vou mais para a escola, papai. Vou ficar aqui para tomar conta da casa e de você.

— Em pouco tempo você cansaria disso — replicou ele, sorrindo. — Sentira falta da agitação da escola, dos namorados...

— Namorados? Ora, papai, posso passar muito bem sem eles. São um bando de animaizinhos ansiosos, que não dão um momento de descanso pra gente. Não posso suportá-los.

— Não pode, hein? — disse ele, zombeteiramente. — E que espécie de homem agradaria à Sua Majestade?

— Acho que um homem mais velho. Talvez alguém como você. Uma pessoa que faça a gente se sentir protegida, segura e necessária. Os rapazes são sempre ansiosos por conseguir alguma coisa e mostrar que são fortes e mais importantes.

— É porque são ainda muito moços — retrucou ele, rindo.

— Eu sei. E é por isso que me metem medo. Só se interessam por aquilo que querem e não pensam um só momento em mim.

Rina alisou a cabeça do pai.

— Gosto tanto do seu cabelo com esse toque grisalho! É uma pena que eu não possa me casar com você, papai. Eu te amo muito.

— Não! — disse ele em voz alta, tão alta que ele mesmo se surpreendeu com a inesperada violência de sua reação.

— Não o quê, papai? — perguntou ela, assustada.

— Não, você não vai ficar aqui em casa. Vai voltar para a escola amanhã mesmo. Vou mandar Peters levá-la.

Ela o olhou fixamente e seus olhos se encheram de lágrimas. Era outra vez uma menina.

— Não gosta de mim, papai? Não quer que eu fique com você?

— É claro que gosto de você, querida! — disse ele, cheio de compaixão. — Mas não podemos nos proteger suficientemente do mundo a nossa volta, apenas nos escondendo dentro de um caracol. Ninguém compreenderá que você abandone os estudos para vir meter-se dentro de casa.

— Mas eu só quero ficar com você, papai!

— Não, minha filha. Sei que você pode querer isso agora, mas, mais tarde, quando estiver casada e com filhos, compreenderá.

— Nunca! — exclamou ela, indignada. — Não quero casar! Não quero ter filhos! Nunca deixarei nenhum rapaz botar as mãos sujas em cima de mim!

— Rina! — exclamou ele, com voz escandalizada.

— Oh, papai — continuou ela, com a voz entrecortada de soluços. — Não sou eu quem não compreende, é você!

E no mesmo instante saiu correndo da sala. Ele ouviu seus passos apressados pela escada e, então, a porta do quarto bater violentamente.

Voltou ao presente, à mesa a que estava sentado com a professora e com Rina, cujos olhos brilhavam cheios de expectativa.

— Tenho certeza de que a mãe de Rina, se fosse viva, srta. Bradley — disse Marlowe, cerimoniosamente —, teria o prazer que tenho em confiar nossa filha a suas mãos experientes.

Margaret Bradley baixou prontamente os olhos para o prato, a fim de que ele não visse o brilho de triunfo que se acendera neles.

— Obrigada sr Marlowe — agradeceu, com modéstia afetada.

Ficaram no convés até passarem pela Estátua da Liberdade e a ilha Ellis. A água em volta do navio era verde-garrafa e já não se avistava mais a terra.

— Satisfeita? — perguntou Margaret Bradley.

— Parece um sonho — disse Rina, com olhos radiantes.

— E ainda vai ser melhor, muito melhor. Agora acho que devemos descer para nosso camarote e descansar um pouco até a hora do jantar.

— Mas não estou nem um pouquinho cansada — protestou Rina.

— Vai ficar. Passaremos seis dias a bordo do *Leviathan*. Você terá tempo de sobra para ver tudo.

Margaret não pôde deixar de se impressionar quando entrou na cabine. Dinheiro não era problema para Harrison Marlowe quando era preciso fazer alguma coisa para a filha. Era um camarote de primeira classe, com duas camas e banheiro. Também não houvera hesitação quando ela sugerira que Rina precisava de um novo guarda-roupa para a viagem. O banqueiro se limitou a entregar-lhe um cheque de mil dólares e dizer que se não fosse suficiente bastaria avisá-lo.

Haviam comprado algumas coisas em Nova Iorque. O resto comprariam em Paris. Porém, sem Rina saber, Margaret havia comprado várias coisas que mandara diretamente para bordo. Estava ansiosa por ver a expressão nos olhos de Rina quando as visse.

As caixas estavam sobre a cama, mas ela não chamou atenção para o fato. Esperaria o momento oportuno. Tirou o abrigo leve de primavera e sentou numa poltrona funda e confortável. Abriu a bolsa e pegou um maço de cigarros. Só depois de acender o cigarro foi que notou que Rina a olhava, espantada. Nunca a tinha visto fumar.

— Quer um? — disse ela, entregando-lhe o maço.

Rina hesitou. E a professora insistiu:

— Fume. Não faz mal algum. Descobrirá que são muitas as mulheres europeias que fumam. Não são tão provincianas quanto nós.

Ela viu Rina acender um cigarro e riu quando a garota começou a tossir.

— Não engula a fumaça.

Rina prendeu a fumaça na boca e deixou-a sair devagar.

— Que tal?

— Ótimo.

— É muito divertido, srta. Bradley.

— Escute, agora que já estamos viajando, podemos deixar de formalidades. De agora em diante, você tem de me chamar de Peggy. Quer tomar banho primeiro, Rina?

— Pode ir na frente, srta. Bradley.

— Peggy!

— Quero dizer, Peggy.

— Assim está melhor — disse Margaret.

Viu Rina sair do banheiro, amarrando o cinto do roupão. O longo cabelo louro lhe caía pelos

ombros, parecendo mais prateado em contraste com a pele bronzeada. Bateram de leve na porta e Rina olhou para Margaret.

— Pedi um pouco de xerez — disse a professora. — É bom para o apetite em seu primeiro dia no mar. Ajuda a evitar o enjoo.

Tomou a bandeja das mãos do garçom e deu um copo a Rina.

— Viva! — Margaret sorriu e provou o vinho.

— É bom — disse Rina.

— Fico contente por você gostar.

Rina tomou mais um gole e perguntou:

— Devo estrear o meu novo vestido azul para o jantar?

— Os jantares da primeira classe exigem traje a rigor, Rina.

— Tenho alguns vestidos de festa que posso usar.

— Um daqueles horríveis vestidos que você usava nos bailes da escola? Não!

— Acho que são muito bonitos — disse Rina, com uma leve expressão de enfado.

— Para meninas, talvez. Mas não para uma jovem senhorita em sua primeira viagem à Europa.

— Não sei então o que vou vestir.

Margaret achou que já havia brincado além da conta com Rina e disse:

— Aquelas caixas em cima da cama são suas. Talvez encontre nelas alguma coisa que possa vestir.

A fisionomia de Rina ao abrir as caixas foi tudo o que Margaret poderia ter desejado. Rina escolheu um vestido preto que colou a seu corpo, deixando os ombros nus. Quando entraram no salão de jantar uma hora depois, todos os olhares masculinos as seguiram.

Logo que sentaram à mesa, Margaret cobriu com sua mão a mão de Rina e disse:

— Você está linda, querida.

Margaret largou a toalha e parou em frente ao espelho para olhar-se inteira, da cabeça aos pés. Satisfeita, passou as mãos pelos lados do corpo e espreguiçou-se voluptuosamente. Seus pequenos seios com os bicos diminutos não eram maiores que os de muitos homens, os quadris eram retos e as pernas secas.

Vestiu o pijama de seda, abotoou as calças que tinham braguilha como se fossem de homem e vestiu o pequeno bolero justo. Depois escovou o cabelo e o prendeu. Uma vez mais olhou-se no espelho. Sua silhueta era quase masculina.

Satisfeita, deixou o banheiro e entrou no quarto.

— Pode ir, Rina.

Rina olhou-a, espantada.

— Srta. Bradley! Quero dizer, Peggy. Esse pijama!

— Gosta? — perguntou Margaret.

Rina fez que sim.

— É de brocado chinês legítimo. Uma amiga me mandou a fazenda de San Francisco e eu mesma desenhei o modelo.

Era preciso fazer justiça a Sally: tinha muito bom gosto. E aquele pijama era o presente de que Margaret mais tinha gostado.

Rina levantou da cadeira, tirou do armário uma camisola de algodão e foi indo para o banheiro.

— Espere um pouco — chamou Margaret, apanhando uma caixa menor em seu armário. — Também comprei algumas camisolas.

— Mas são de seda! — exclamou Rina, abrindo a caixa.

— Tinha receio de que você quisesse usar aquelas coisas horríveis do enxoval da escola.

Rina olhou para a caixa.

— Há uma cor diferente para cada noite da semana. São todas tão bonitas que nem sei qual vou vestir primeiro.

— Por que não veste a branca esta noite?

— Está bem. Não sei como agradecer, Peggy. Você sabe tornar tudo tão maravilhoso!

— É exatamente como quero que tudo seja para você — disse, e acrescentou, como se só então a ideia lhe houvesse ocorrido: — O que acha de festejarmos nossa viagem com uma festa íntima? Enquanto você troca de roupa, vou pedir uma garrafa de champanhe.

— Será ótimo! — aprovou Rina, rindo. — Sempre quis beber champanhe, mas papai nunca deixou.

— Prometo que isso será um segredo entre nós — disse Margaret, pegando no telefone. — Fique descansada que ele nunca saberá.

Rina pousou o copo e começou a rir. Margaret perguntou:

— O que está achando tão engraçado?

— Minha camisola estala e solta pequenas faíscas quando me movo.

— Isso é o que se chama eletricidade estática, Rina. A seda é boa condutora de eletricidade.

— Eu sei. Lembro-me de você ter ensinado isso na aula. Dá umas pequenas faíscas azuis. Está vendo?

— Não.

Rina levantou-se.

— Vou apagar a luz para você poder ver.

Apagou as luzes e foi para perto de Margaret. Correu as mãos pelos lados da camisola e saíram faíscas diminutas das pontas dos dedos dela. Tomou o resto de champanhe e estendeu a taça para Margaret.

— Posso tomar mais um pouquinho?

— Sem dúvida — Margaret tornou a encher sua taça.

— Gosto de champanhe — Rina deu um pequeno gole. — Parece um refrigerante feito de vinho. Mas é mais gostoso e não é muito doce.

— Está fazendo calor, não acha? — perguntou Margaret.

— Está, sim. Quer que eu ligue o ventilador?

— Não — disse Margaret. — Poderíamos ficar resfriadas com a corrente de ar. Vou é tirar minha blusa.

Sentiu os olhos de Rina em seu pequeno busto e pegou de novo na taça.

— Você se importa que eu fique assim?

Rina negou com a cabeça e tomou outro gole de champanhe.

— Não está ouvindo a música, Peggy?

— É a orquestra do salão de baile. Estão tocando uma valsa.

— Gosto de dançar — disse Rina, levantando e girando pelo quarto ao compasso da música. A camisola branca levantou enquanto ela girava, mostrando suas pernas longas e bronzeadas.

Margaret sentiu um aperto na boca do estômago e ficou de pé.

— Também gosto de dançar — emendou, fazendo uma reverência zombeteira. — Pode dar-me o prazer desta dança, srta. Marlowe?

— Só esta — disse Rina, sorrindo. — Já estou comprometida para as outras, srta. Bradley.

— Sr. Bradley. — corrigiu Margaret.

Rina riu.

— Pois não, sr. Bradley.

Margaret passou o braço em torno da cintura de Rina. Ambas riram quando as pequenas faíscas azuis estalaram da camisola de Rina. Margaret sentiu as pernas trêmulas com o calor dos seios de Rina através da seda da camisola. Segurando firme a moça, começou a valsar furiosamente com ela e, em dado momento, parou de maneira abrupta.

— É melhor tomarmos um pouco de champanhe — sugeriu, enchendo novamente as taças. — Você dança muito bem, Rina.

— Obrigada. E você é melhor como cavalheiro do que qualquer dos rapazes que vão aos bailes da escola. Você faz tudo tão bem! Mas essa dança me deixou um pouco tonta.

— Talvez seja bom você deitar em sua cama e descansar um momento.

— Nunca — disse Rina. — Acha que vou estragar nossa festa?

— Deite um minuto. Isso não acabará com a festa. Irei sentar na cama a seu lado.

Rina foi até a cama, colocou a taça na mesinha de cabeceira e estendeu-se nos lençóis.

Margaret sentou-se ao lado dela.

— Está se sentindo melhor?

— Ainda vejo tudo rodando..

Margaret começou a alisar a cabeça dela levemente.

— Melhorou — disse Rina, depois de alguns minutos de silêncio. — A tontura já passou.

Margaret não respondeu, mas continuou alisando a cabeça dela. Rina abriu os olhos.

— Um pouco mais de champanhe? — perguntou Margaret.

Rina fez um sinal afirmativo. Bebeu e devolveu a taça a Margaret, que a pegou com um sorriso.

— Estou muito satisfeita de irmos à Europa juntas — disse Rina de repente. — Nunca tive até hoje uma amiga íntima de verdade. As meninas na escola sempre me pareceram muito bobinhas. Só tem uma conversa: rapazes.

— São quase todas meninas tolas — disse Margaret. — Foi por isso que gostei de você desde o momento em que entrou no meu quarto naquela noite. Vi logo que você era diferente, amadurecida.

— Desde que Laddie morreu, nunca mais pude suportar rapazes.
— Laddie?
— Meu irmão. Ele e meu pai foram os dois únicos homens de quem realmente gostei.
— Ele deve ter sido muito bonito.
— E era. Creio que o amava — disse Rina, virando o rosto para o lado.
— Não tem importância — replicou Margaret. — Todas as moças amam os irmãos.
— Ele não era meu irmão de verdade. Eu fui adotada.
— E como sabe que o amava?
— Apenas sei. E acho que ele também me amava.
— Acha? — perguntou Margaret, sentindo seu ciúme aumentar. — Ele... fez alguma coisa com você?
— Nunca falei sobre isso com ninguém — disse Rina, desviando o olhar.
— Pode contar tudo. Somos amigas. Não há segredos entre nós.
— Não vai ficar zangada comigo?
— Não, não ficarei zangada com você — disse Margaret, quase com aspereza. — Conte-me!

A voz de Rina saiu abafada pelo travesseiro.

— Eu não deixava que ele me tocasse, com medo do que poderia acontecer. Mas um dia ele entrou no meu quarto, amarrou minhas mãos na cama com o cinto dele e fez aquilo comigo. Machucou-me tanto!

— Machucou você é porque não a amava.

— Mas machucou! Não compreende, Peggy? Eu também queria. Vivia a provocá-lo e, quando ele fez o que nós dois queríamos, fiquei sabendo que o amava. Alguns dias depois, ele saiu de barco para dar um passeio junto com mamãe e os dois morreram.

Começou a soluçar e continuou:

— A culpada de tudo fui eu. Eu é que devia morrer e não mamãe. Ela tomou o meu lugar no sonho. E eu nem tenho mais esse sonho.

— Você voltará a sonhar — disse Margaret, encostando ao seio a cabeça de Rina.

— Não!

— Sonhará, sim. Diga qual é o sonho, e eu a ajudarei.

Rina parou de chorar.

— Acha que podemos? — disse ela, olhando para o rosto de Margaret.

— Conte-me o sonho e vamos ver

Rina respirou profundamente e murmurou:

— Eu sonhava que estava morta e que todo mundo estava em volta de minha cama, chorando. Eu sabia o quanto me amavam, porque todos me pediam que não morresse. Mas eu não podia fazer nada. Estava morta.

Margaret sentiu um arrepio de excitação pelo corpo. Levantou e disse:

— Feche os olhos, Rina, e vamos representar o sonho. Quem você quer que eu seja?

— Quer ser Laddie? — perguntou timidamente Rina.

— Vou ser Laddie. Agora feche os olhos.

Margaret olhou-a e de repente seus olhos se encheram de lágrimas. Sentiu-se tomada de súbito medo. Rina estava morta. Morta de verdade!

— Rina! Não morra! Por favor, não morra!

Rina não se moveu e Margaret caiu de joelhos ao lado da cama.

— Por favor, Rina! Não posso viver sem você!

E, dizendo isso, cobria de beijos o rosto de Rina. De repente, Rina abriu os olhos, com um sorriso contente no rosto.

— Mas você está chorando mesmo, Peggy?

Tornou a fechar os olhos, satisfeita. Margaret tirou-lhe lentamente a camisola e murmurou:

— Você é linda, Rina! É a mulher, mais bonita do mundo! É tão bela que não pode morrer!

— Acha mesmo que sou bonita?

— Sim — disse Margaret, tirando as calças do pijama. — Basta olhar para mim para ver como você é bonita. Olhe! Passe a mão pelos meus seios, pela minha barriga, pelas minhas coxas. Está vendo como tudo é liso e chato, como se eu fosse um homem?

Deitou na cama ao lado de Rina e começou a acariciar-lhe os seios, ao mesmo tempo que cobria de beijos as faces macias.

— Sinto-me tão segura com você, tão bem! — murmurou Rina. — Você não é como os rapazes, que não quero que toquem em mim. Deles eu tenho medo. Mas não tenho medo de você

Com um sussurro de agonia, Margaret virou-se na cama e abriu com os joelhos as pernas de Rina.

— Amo-a, Rina! Por favor, não morra!

Beijou-a na boca, sentiu por um momento o fogo da língua de Rina. E então ouviu-lhe a voz rouca, sussurrando

— Penetre em mim, Laddie. Goze comigo!... Goze em mim! Como amo você, meu Laddie!

Rina olhou para o relógio. Duas e meia.

— Preciso mesmo ir embora.

— Tanta pressa depois de um almoço como esse! — exclamou Jacques Deschamps. — É um sacrilégio. Deve tomar um licor antes de ir.

Rina sorriu para o *avocat* magro e um pouco grisalho.

— Mas eu...

— Já está em Paris há mais de um ano — disse Jacques —, e já deveria saber que ninguém deve levantar-se da mesa com pressa depois que acaba de comer. Seja o que for, terá de esperar. Garçon!

O garçon apareceu e cumprimentou respeitosamente.

— *Monsieur?*

Jacques olhou para Rina e ela disse:

— Pernod. Muito gelo.

Ele estremeceu e repetiu ao garçon:

— Muito gelo. Não ouviu a *mademoiselle?*

O garçon olhou Rina com aquele ar entendido de apreciação que parece comum a todos os franceses.

— Muito bem. E para o *monsieur?* O de costume?

Jacques fez sinal que sim e o garçon sé afastou. Depois, voltou-se para Rina:

— Como vai a pintura? Está fazendo progressos?

Rina riu.

— Bem sabe que nunca serei uma pintora.

— Mas está se divertindo?

Ela voltou os olhos para a rua. Pairava no ar aquele cheiro de maio característico de Paris. Os motoristas dos caminhões já estavam em mangas de camisa e as mulheres haviam desde muito abandonado os deselegantes e pesados casacos de inverno.

— Não respondeu a minha pergunta — insistiu ele, enquanto o garçon chegava com as bebidas.

— Sim, até que está sendo divertido. — Rina pegou seu copo.

— Mas não tem muita certeza.

— Claro que tenho — afirmou ela, rindo.

— *À votre santé* — disse ele, erguendo o copo.

— *À votre santé* — repetiu Rina.

— E sua amiga? Como vai ela?

— Peggy vai otimamente. É muito boa para mim, sabe? Não sei o que faria sem ela.

— Isso não pode saber. Nunca experimentou. As possibilidades são muitas. É jovem e bela. Podia casar, ter filhos, podia até...

— Ser sua amante? — disse ela, sorrindo.

— Sim, até ser minha amante. Não é a pior coisa que lhe poderia acontecer. Mas já sabe as

minhas condições.

— Você é muito bom, Jacques — disse ela, lembrando-se do dia em que soubera das condições dele.

Ela e Peggy já estavam em Paris havia alguns meses e tinham se mudado pouco antes para um apartamento, depois que o pai lhe dera permissão para passar um ano todo em Paris. Peggy fora a uma festa dada por um professor da universidade onde ela começara a trabalhar.

Rina sentia-se muito sozinha na festa. Seu francês não era suficiente para manter um diálogo fluente e ela se retirara para um canto. Estava folheando uma revista, quando ouviu uma voz.

— *Mademoiselle américaine?*

Ela levantara os olhos. Viu um homem pequeno, moreno, com um toque grisalho nas têmporas, sorrindo amavelmente.

— *Non parla fran.?*

— Falo inglês — dissera ele prontamente.

Ela sorria.

— Posso saber o que uma moça tão bonita está fazendo sozinha com uma revista? Quem é tão insensato a ponto de trazê-la para uma festa como esta e depois...

— Foi minha amiga que me trouxe — disse Rina, apontando Peggy. — Ela acaba de conseguir um emprego na universidade.

Peggy estava conversando animadamente com um dos professores. Parecia muito simpática em seu terno feito sob encomenda.

— Oh! — exclamou ele, com um olhar diferente, enigmático.

— E quem foi que o senhor trouxe?

— Ninguém. Para dizer a verdade, só vim até aqui na esperança de encontrá-la.

Ela olhou para as mãos dele e viu a aliança.

— Acha mesmo que vou acreditar nisso? E sua mulher, o que dirá?

— Minha mulher compreenderia perfeitamente tudo. Ela não pôde vir comigo. Está com uma barriga deste tamanho.

Ainda estavam rindo quando ela ouviu a voz de Peggy, que se aproximava.

— Está se divertindo muito, querida?

Algumas semanas depois, ela estava sozinha no apartamento, quando o telefone tocou. Era Jacques, e ela aceitou o convite para almoçarem juntos. Isso aconteceu várias vezes depois.

Uma bela tarde, num dia exatamente como aquele, estavam bebendo tranquilamente seus licores depois do almoço, quando de repente ele perguntou:

— Por que tem tanto medo dos homens?

— Por que diz isso? — replicou ela, toda vermelha.

— Porque sinto que é a verdade.

Ela olhou para o cálice de licor e não respondeu.

— Sua amiga não é a solução — continuou ele.

— Não, Peggy não tem nada com isso. E apenas uma boa amiga e nada mais.

— Escute, não se esqueça de que estamos na França. Isso não é nenhum crime, nós

compreendemos essas coisas. O que não compreendo é você. No fundo, você não é, absolutamente, uma mulher desse tipo.

— Não acho que esteja sendo muito delicado comigo.

— De fato, estou sendo grosseiro. Mas é que não gosto de ver uma mulher como você desperdiçar-se assim.

— Preferiria então que eu fosse dormir com algum idiota bruto e egoísta que nada sabe e a quem pouco interessa o que eu sinto?

— Não. Não gostaria absolutamente disso. O que eu gostaria era que fosse para a cama comigo.

— Por que acha que com você seria diferente?

— Porque sou um homem e não um garoto. Porque quero dar-lhe prazer. Os garotos são como todos: só pensam em si mesmos. Quanto a isso, tem razão. Mas nem por isso acho que só as mulheres sabem amar. Há homens que também respeitam e sabem despertar a sensibilidade feminina.

— Você, por exemplo? — perguntou ela, sarcasticamente.

— Sim, eu. Acha então que a tenho procurado repetidamente apenas porque tenho um interesse puramente intelectual por você?

— Você, ao menos, é honesto — disse ela, rindo.

— Eu acredito muito na verdade.

Alguns meses depois, numa tarde de chuva, ela foi ao apartamento dele e tudo se passou como ele prometera. Foi bondoso, gentil e não a ofendeu. E durante todo o tempo ela sentiu em si a força de levá-lo a um estado de êxtase do qual ele não podia mais voltar e que não encerrava nenhum temor, pois ela podia sempre controlá-lo e controlar-se.

Olhou-o enquanto ele abotoava a camisa diante do espelho.

— Jacques?

— Sim, *chérie*.

— Venha cá, Jacques — chamou-o para si de braços abertos.

Ele se aproximou da cama e, curvando-se, beijou-lhe o seio nu.

— Quando você ama, querida — disse ele —, os bicos dos seus seios são como ameixas maduras. Agora parecem duas lindas papoulas rosadas.

— Foi como você disse que seria, Jacques.

— Fico satisfeito com isso.

Ela tomou-lhe as mãos morenas e fortes e olhou-as, vendo a aliança brilhar. Ergueu o rosto para ele e disse ternamente:

— Acho que gostaria de ser sua amante.

— *Bon*, esperava que dissesse isso. Foi por isso que aluguei este apartamento. Pode mudar-se hoje mesmo.

— Mudar para cá? — perguntou, surpresa.

— Se não gosta do lugar, procuraremos outro.

— Mas não posso fazer isso. E Peggy?

— Que tem ela? *C'est fini*.
— Não podemos continuar assim? Virei aqui sempre que quiser.
— Não quer então se mudar?
— Não posso. O que Peggy iria fazer? Ela precisa de minha ajuda para pagar o apartamento. Além disso, se meu pai descobrisse, seria capaz de me matar.
— E ele não se importa de você viver com... com aquela *lesbienne*?
— Você não conhece meu pai. Lá em Boston, nem se pensa nessas coisas.
— O que ele pensa que ela é?
— O que sempre foi — respondeu Rina. — Minha professora, minha acompanhante.
— Tem sido sua professora, sim — disse ele, dando uma rápida gargalhada.
— Oh, Jacques! — Rina deixou transparecer toda sua aflição na voz. — Não estrague tudo agora. Por que não podemos continuar assim?
— Não quer mudar-se para cá?
— Não posso. Não compreende que não posso?
Ele se levantou, foi até o espelho da cômoda, arrumou a camisa e pegou a gravata.
— Não compreendo por que seria diferente — continuou Rina. — Afinal, você é casado. Quanto tempo poderia passar aqui?
— Isso é diferente — disse ele, com frieza.
— Diferente por quê? Por que é diferente para você e não é para mim?
— Um homem pode ser infiel à sua esposa, como esta pode ser infiel a seu marido, se tiver vontade. Mas um homem nunca é infiel à sua amante, nem uma mulher infiel a seu amante.
— Mas Peggy não é um homem!
— Não — replicou Jacques, amargamente. — É pior do que um homem.
Rina olhou-o um momento e, em seguida, levantou altivamente a cabeça.
— São essas suas condições?
Estava sentada, nua, na cama, com os seios magníficos a ostentar-se vitoriosamente. Jacques olhou-a e pensou que nunca em sua vida havia conhecido mulher mais bonita. Mas disse:
— Se é assim que quer chamá-las, são exatamente essas as minhas condições.
— Não compreendo... — murmurou ela. — É melhor você me jogar o vestido.

Isso havia acontecido muitos meses antes e o mais interessante de tudo é que eles tinham continuado amigos. Ela levou o Pernod à boca e tomou tudo de um gole.

— Tenho de ir — insistiu. — Prometi a Pavan que estaria no ateliê dele às três horas.
— Pavan? Está aprendendo escultura, agora?
— Não. Estou servindo de modelo.

Jacques sabia como Pavan trabalhava. Usava muitos modelos para fazer uma só estátua. Procurava sempre criar a mulher ideal sem jamais conseguir.

Rina sentiu o olhar do advogado descer para seu busto, e riu.

— Não é o que você pensa.
— Não? — perguntou ele. — Por quê?

— Diz ele que são muito grandes.

— Deve estar louco para dizer uma coisa dessa. Mas os artistas são mesmo malucos. O que é, então?

— Meu púbis.

Pela primeira vez desde que o conhecia, ele ficou sem ter o que dizer. E ela riu.

— Mas por quê? — perguntou ele, finalmente.

— Porque é a montanha mais alta que qualquer homem poderá escalar, diz ele, e mais homens morrerão tentando escalá-la do que ao Everest. Mas nós nunca contaremos a ele que você voltou vivo da ascensão, não é, Jacques?

Ela beijou rapidamente seu rosto e afastou-se pela calçada. Jacques ficou a olhá-la até desaparecer, e chamou o garçom:

— Acho que vou querer mais um licor.

Ela nem reparou no, polido cumprimento do porteiro ao subir correndo os três lances de escada. Passara no ateliê mais tempo do que havia planejado. Agora estava atrasada para preparar o jantar antes de Peggy chegar.

Rina atravessou a pequena sala de estar e chegou à cozinha. Acendeu o bico do aquecedor da banheira e, com o mesmo fôsforo, o forno, deixando o fogo baixo. Tirou do embrulho a galinha assada que comprara na *rôtisserie* da esquina e colocou-a dentro de uma caçarola no forno para conservá-la quente. Cortou algumas fatias de pão, arrumou-as num prato com um pedaço de queijo e começou a pôr a mesa. Daí a poucos minutos, havia terminado.

Olhou para o relógio. Ainda teria tempo para um banho se a água estivesse quente o bastante. Chegou à banheira e viu que teria de contentar-se com água morna.

Foi buscar a toalha e estava a caminho do banheiro, já desabotoando a blusa, quando ouviu a porta abrir.

— Chegou cedo, Peggy!

Peggy olhou para ela friamente e não respondeu. Fechou a porta. Rina encolheu os ombros. Peggy era assim mesmo. Havia momentos em que estava alegre e simpática, mas logo em seguida tornava-se fria e até mal-humorada. Aquilo passaria.

— Se quiser algo antes do jantar, há vinho e queijo em cima da mesa — avisou, continuando a caminho do banheiro

Mas a mão de Peggy deu-lhe um violento puxão

— Já lhe disse que não tornasse a falar com Deschamps!

Então era isso. Alguém com certeza os vira no restaurante e contara a Peggy. Estranho que, de todos os homens que ela conhecia, Peggy só tivesse ciúmes de Jacques. Nunca se aborrecera com os homens mais moços. Mas Jacques, com seu curioso sorriso confiante e as têmporas grisalhas, nunca deixara de exasperá-la.

— Encontrei-o por acaso, e ele me convidou para almoçar — explicou, não porque tivesse medo dos acessos de raiva de Peggy, mas porque queria evitar uma cena. — Não poderia fazer a grosseria de não aceitar.

— Onde ficaram então a tarde toda? Você não estava na escola de arte e não estava em casa. Telefonei para um lugar e para outro a tarde toda até ficar quase morta de preocupação.

— Não tive vontade de ir à escola — disse Rina.

— Não teria ido, também por acaso, ao apartamento dele?

— Não, não fui.

— Ele foi visto quando entrava no apartamento com uma loura, às quatro horas da tarde.

Rina levantou as sobrancelhas. Jacques não perdera tempo.

— Não sou a única loura de Paris.

— Toquei para o apartamento e ele não atendeu.

Rina sorriu.

— Não é possível censurá-lo por isso, não acha?

Peggy bateu com toda a força no rosto de Rina.

— Mentirosa!

Rina levou a mão ao rosto e ficou olhando Peggy, muito espantada.

Peggy tornou a esbofeteá-la e ela sentiu a outra face arder. Pegou Rina pelos ombros e começou a sacudi-la.

— Quero saber a verdade!

— Já contei a verdade! — gritou Rina. Em seguida, avançou furiosamente para Peggy. Esta ficou desnorreada com a violência do ataque. Caiu no chão e disse com voz queixosa:

— Por que faz essas coisas comigo quando sabe como eu a amo?

Rina a encarou. E, pela primeira vez desde que a conhecera, sentiu repulsa por Peggy e por si própria.

Quase no mesmo instante, Peggy, de joelhos, se agarrou às pernas de Rina.

— Querida, não me olhe assim. Não se zangue comigo. Perdão! É o ciúme louco que tenho de você.

Rina sentiu o rosto doer no lugar da bofetada. De repente se sentiu cansada de tudo aquilo.

— Não faça isso outra vez... nunca mais!

— Nunca, nunca! — prometeu Peggy, freneticamente. — Mas está acima de minhas forças pensar naquele porco pondo as mãos em você!

— Ele não é um porco, é um homem — disse Rina. E acrescentou, com uma nota de desprezo na voz: — Um homem e não uma imitação de homem!

— Ensinei-lhe mais coisas do que você poderia aprender com todos os homens do mundo!

Rina teve um vislumbre da verdade. Sentiu um arrepio pelo corpo e olhou para a cabeça encostada em sua saia.

— Aí é que está o erro. Você esta sempre ansiosa para me demonstrar seu amor, para me ensinar a amar. Mas tudo fica na superfície, não chega ao meu íntimo. Por que não pode me ensinar a sentir amor, a dar amor?

Então caiu de joelhos também e, na falta de lugar melhor, encostou o rosto ao peito de Peggy, e começou a chorar.

— Chore, querida — murmurou Peggy. — Chore até aliviar a alma. Tomarei sempre conta de você. O amor é exatamente para isso.

Ainda era cedo quando Amru Singh chegou à festa que Pavan estava dando para festejar o descerramento de sua grande estátua. Devia ser seis horas quando Amru Singh apresentou cumprimentos ao dono da casa, recusou polidamente uma bebida e foi para seu lugar, encostado à parede na sala vazia.

Como era seu hábito, tirou a camisa, dobrou-a cuidadosamente e colocou no chão. Depois tirou os sapatos — não usava meias — e colocou-os ao lado da camisa. Respirou profundamente e, encostando-se à parede, deixou-se ir escorregando até ficar sentado na camisa por cima das pernas cruzadas.

Era assim que podia observar, sem virar a cabeça, os atos de todas as pessoas na sala. Era também nessa posição que podia pensar melhor. Pensava sobre muitas coisas, mas principalmente sobre as vaidades e ambições dos homens. Amru Singh estava à procura de um homem cujas vaidades e ambições transcendessem tudo o que fosse pessoal, aspirando apenas à glória que fora soterrada pelos séculos no fundo do espírito humano. Não havia ainda encontrado esse homem, mas não desanimava.

Contraíu seus músculos ao máximo, provocando aquela tensão peculiar; depois relaxou-os totalmente, o que lhe provocou uma sensação de conforto. E sua respiração se tornou mais lenta e menos profunda. Bloqueou uma parte da mente durante poucos minutos, mas continuou com os olhos abertos e vigilantes. Sua busca poderia, a qualquer momento, talvez ainda naquela noite, terminar.

Entretanto começou a sentir o espírito mau da deusa Kali solto pela sala. Resignou-se interiormente, afastando de si o sentimento de decepção. Havia muitas pessoas ali.

Sobre o chão, no canto atrás do grande sofá, um homem e uma mulher estavam cometendo um ato de fornicação, escondidos, segundo julgavam, dos outros. Pensou nas posições obscenas esculpidas no alto das paredes do templo da deusa e sentiu o desgosto invadi-lo. A feia cópula que observava pelo espaço entre as pernas altas do sofá não se justificava nem mesmo por um culto sagrado do mal.

Num nicho perto da porta, com a luz de uma única lâmpada brilhando de cima para baixo, estava uma estátua drapejada sobre um pedestal; parecia um cadáver envolto numa mortalha. De repente, a porta se abriu para mais duas pessoas convidadas. Sem mover os olhos, Amru ficou sabendo de quem se tratava. Eram a americana loura e a amiga dela, a mulher morena. Fechou sua mente a ambas, enquanto o relógio batia a hora e Pavan iniciava sua palestra.

Não era senão uma repetição de tudo o que ele vinha dizendo todas as noites, e muitas vezes antes; mas daquela vez, quando chegou ao fim, começou a chorar. Estava muito bêbado, e quase caiu no momento em que, num gesto rápido, descobriu a estátua.

Houve silêncio na sala enquanto todos olhavam para a fria estátua de mármore. Havia sido esculpida em escala de dois terços do tamanho natural, com mármore italiano rosa avermelhado, ao qual a luz da sala dava uma suave nuança de calor vital. A figura estava na ponta dos pés, com os braços estendidos acima da cabeça erguida à procura de seu amante, o sol.

Por fim, o silêncio foi quebrado e todos começaram ao mesmo tempo a tecer seus comentários e a felicitar o escultor. Isto é, todos menos Leocadia, o negociante de obras de arte. Era um homem pequeno e grisalho, com os lábios finos e apertados de usurário.

No fim, dissessem todos o que dissessem, o julgamento definitivo era o dele. Era ele quem determinava o valor. Pouco importava que o preço estabelecido por ele impedisse para sempre a venda. Sua avaliação era o reconhecimento da importância artística de uma obra.

Pavan aproximou-se ansiosamente do sujeito.

— Então, *monsieur*? O que acha?

Leocadia não olhou para Pavan. Nunca olhava para ninguém com quem falasse. Os artistas diziam que ele não tinha coragem de encará-los porque era um parasita que vivia à custa do sangue deles.

— O mercado de esculturas está muito fraco — murmurou.

— Ora! — exclamou Pavan. — Não quero saber do mercado. Quero saber é da minha obra.

— Sua obra está como sempre — disse evasivamente o negociante.

Pavan começou a gesticular, voltado para a estátua.

— Olhe aqueles seios. Tirei-os de diversas mulheres para conseguir a simetria que não há na natureza. E o rosto? Perfeito! Repare na testa, nos olhos, nas maçãs do rosto no nariz.

Ficou por um instante em silêncio, olhando a estatua.

— O nariz — murmurou, quase num sussurro.

Voltoou-se para os modelos, encostados à parede, e disse:

— Tragam uma garrafa de vinho para o *monsieur*. O nariz! Por que não me falou do nariz, *monsieur*?

Leocadia ficou em silêncio. Não era a ocasião de dizer a Pavan que não percebera defeito algum no nariz. Tinha de manter sua reputação.

— Meu cinzel! — gritou Pavan.

Subiu a uma cadeira e procurou a melhor posição para o cinzel. Arranhou de leve a pedra e depois poliu a superfície com a manga do casaco. O mármore brilhou de novo e ele desceu da cadeira para olhar.

Exclamou de repente, em atormentada frustração:

— Está errado! Está tudo errado! Por que não me disse, *monsieur*? Por que me deixou passar por esse ridículo?

Leocadia ainda estava em silêncio.

Pavan olhou para o negociante, com lágrimas nos olhos. Depois, virou-se e brandiu violentamente o martelo na cabeça da estátua. O mármore rachou e a cabeça caiu no chão despedaçada. Pavan começou a golpear desesperadamente a estátua. Os braços caíram, caiu um dos ombros. O busto rachou-se e também se desagregou. A estátua balançou no pedestal e também rolou em pedaços pelo chão.

Pavan abaixou-se por entre os fragmentos e continuou a vibrar o martelo como um louco.

— Eu a amava! — exclamou ele, com as lágrimas a rolar pelas faces. — Eu a amava e você me traiu!

Final, deixou-se cair, exausto, e ficou estendido no chão, entre os destroços.

Com a mesma rapidez com que haviam chegado, as lágrimas desapareceram, e Pavan começou a remexer desesperadamente os pedaços de mármore esparsos. Até que encontrou o que procurava. Levantou-se com um fragmento nas mãos e mostrou-o ao negociante.

— Já vi onde foi que errei! Está vendo também?

Leocádia olhou para o pedaço de mármore. Não sabia nem de que parte da estátua era. Mas não devia falar. Limitou-se a fazer um vago gesto de assentimento.

— Graças aos céus! — exclamou Pavan. — Graças aos céus não destruí o único fragmento de beleza que havia na vastidão do meu erro!

Quase todos se aproximaram para ver o que Pavan tinha na mão. Parecia apenas um pedaço de mármore quebrado.

— O que é isso? — uma das pessoas cochichou para outra.

— Ignorantes e cegos! Não sabem de onde vem isso? Não conhecem a alma da beleza de uma mulher? — exclamou Pavan. — Isso é uma coisa de que só os deuses podem aproximar-se!

Olhou para o pedaço de mármore e seu olhar encheu-se de ternura.

— Agora compreendo o meu erro! É em torno deste pequeno núcleo que esculpirei na pedra a mulher perfeita! — exclamou dramaticamente.

Leocadia tornou a olhar para o pedaço de mármore. Já sabia o que era. Quase imediatamente, pensou no jovem e gordo príncipe egípcio que havia aparecido em sua galeria.

Ali estava uma coisa de que ele havia de gostar.

— Mil francos — disse ele, abrindo afinal a boca.

Pavan olhou para o negociante com sua confiança subitamente restabelecida. Mas murmurou com desprezo:

— Mil francos!

— Mil e quinhentos então — disse Leocadia.

Pavan estava empenhado na velha luta do artista com o negociante. Voltou-se para os outros artistas:

— Só me oferece mil e quinhentos francos! Pois fique sabendo que não aceito um cêntimo a menos que dois mil e quinhentos francos e a encomenda de uma estátua da mulher que serviu de modelo para esta perfeição.

— Como posso fazer essa encomenda, quando nem conheço o modelo?

Pavan olhou em volta. Os modelos se entreolharam, curiosos, procurando saber quem havia posado para aquela parte da estátua. De repente, Pavan apontou o dedo:

— Você! Venha cá!

Todos seguiram o dedo de Pavan, e Rina se sentiu como que paralisada. Muito vermelha, ficou sem saber o que fazer, mas logo todos a empurraram para onde estava Pavan.

O escultor tomou sua mão e virou-se para o negociante. Leocadia olhou-a um instante e, logo depois, desviou o olhar, murmurando:

— De acordo!

O escultor deu um verdadeiro urro de triunfo. Abraçou Rina e beijou-a nervosamente nas duas faces.

— Você viverá para sempre, oh, bela! Esculpirei sua beleza no mármore, para que seja venerada por toda a eternidade!

Rina começou a rir. Aquilo era uma loucura. Todo mundo ali estava doido. Pavan começou a cantar com voz rouca e a girar com ela numa dança sem medida e sem rumo. De repente, ergueu-a e colocou-a sobre o pedestal onde estivera a estátua. Ela sentiu mãos puxando seu vestido, as roupas de baixo. Estendeu os braços para se defender, para não cair. Até que ficou completamente nua sobre o pedestal. Um estranho silêncio caiu sobre a sala.

Foi o próprio Pavan que a ajudou a descer. Cobriu-a com um pano enquanto ela caminhava para o banheiro. Um dos modelos lhe entregou as roupas de baixo e o vestido rasgado. Rina entrou no banheiro e reapareceu momentos depois.

Peggy estava à sua espera. Quase que arrastando Rina para a saída, bateu com força a porta atrás de si.

De repente, uma das defesas da mente de Amru Singh se abriu. E através do delgado biombo atrás de sua cabeça começou a ouvir vozes obscuras.

— Você está louca?

— A coisa não tem tanta importância assim, Peggy.

— E se os jornais souberem? Já imaginou o que acontecerá se a notícia chegar a Boston?

Rina riu.

— Posso até ver as manchetes. "Moça de Boston escolhida como a vulva mais bonita de Paris!"

— Parece até que está orgulhosa disso!

— E não tenho motivos para estar? Afinal, foi a primeira coisa em que já me destaquei na vida!

— Quando isso se espalhar, todos os homens de Paris andarão como cães atrás de você! Você naturalmente adoraria isso.

— Talvez. Já está em tempo de eu pensar pela minha cabeça e não pela sua.

Houve o som estalado de uma bofetada e, depois, uma voz colérica:

— Você é uma prostituta ordinária, e é assim que uma prostituta deve ser tratada!

Fez-se um momento de silêncio.

— Eu lhe disse que nunca mais fizesse isso!

Amru Singh ouviu o estalo de outra bofetada.

— Prostituta, cadela! É essa a única linguagem que você entende!

Houve uma pausa e, depois, um grito:

— Rina!

Vibrou nesse grito a nota oculta do medo. Amru Singh pensou que parecia o grito de um domador de tigres que entra na jaula e descobre que o filhote se transformou num tigre real.

— O que está fazendo? Largue esse sapato!

Depois, ouviu-se um grito e o barulho de um corpo caindo aos trambolhões pela comprida escada. Então, pela primeira vez na memória de todos os que ali estavam, Amru Singh saiu de uma festa antes do último convidado.

Rina estava apoiada ao corrimão, muito pálida, olhando escada abaixo. Ainda tinha na mão o sapato de salto alto e fino. Tirando-o dela, ele se abaixou e calçou-o pé de Rina.

— Nem toquei nela!

— Eu sei — disse Amru Singh, calmamente.

Rina perdeu de repente as forças e teve de se apoiar nele. Amru Singh sentiu o coração da moça pulsar aceleradamente contra seu peito.

— Ela escorregou e caiu!

— Não diga nada a ninguém — ordenou ele, com firmeza. — Deixe o que tiver de ser dito para mim!

Nesse momento, a porta se abriu e dois convidados, que saíam, apareceram. Amru Singh voltou-se para eles, apertando de tal modo o rosto de Rina ao seu peito que ela mal podia respirar, muito menos falar.

— Houve um acidente — disse ele, com sua voz serena. — Chamem um médico.

Sentiu Rina começar a chorar em seu ombro. Olhou a cintilante cabecinha loura. Um olhar de estranha satisfação brilhou naquele rosto moreno.

Seu presságio se realizara. Kali, a deusa perversa, havia atacado. Mas, dessa vez, não iria receber o sacrifício de uma inocente como novo tributo ao seu poder, por mais cuidadosamente que houvesse preparado tudo para fazer a culpa recair sobre ela.

Rina estava de cabeça para baixo, com o corpo todo apoiado na parede quando Jacques entrou no apartamento. Ficou um momento a olhá-la, o corpo esbelto dentro do macacão de malha, o cintilante cabelo espalhado pelo chão.

— O que está fazendo? — perguntou ele, com gentileza.

Ela sorriu para ele.

— Estou de cabeça para, baixo.

— Isso estou vendo. Mas por quê?

— Amru Singh diz que é muito bom para o cérebro. O sangue lava a cabeça e a gente tem outra perspectiva do mundo. E tem razão. Nem queira saber como tudo é diferente olhando de cabeça para baixo.

— Será que Amru Singh ensinou também como se beija uma pequena que está de cabeça para baixo?

— Não — disse ela, com um sorriso malicioso. — Isso fui eu mesma que tive de descobrir.

Arqueou prontamente as costas e moveu as pernas. Jacques riu. Não era possível deixar de ver o convite que representava o ípsilon que ela formava junto à parede. Inclinou-se, colocando a cabeça entre as pernas abertas de Rina e beijou-a.

Ela se estendeu no chão às gargalhadas.

— É bom ouvi-la rir — disse Jacques. — Antes você não ria muito.

— Antes eu não era feliz.

— E é feliz agora?

— Muito.

Rina já era uma pessoa bem diferente da atordoada moça daquela noite muitos meses antes. Ele se lembrou do telefone tocando à cabeceira de sua cama.

— *Monsieur* Deschamps? — perguntara uma voz grave e calma.

— *Oui* — respondera, ainda tonto de sono.

— Peço-lhe desculpas por perturbar seu descanso — continuou a pessoa a falar em francês, com um curioso sotaque que era inglês, mas não perfeitamente inglês. — Meu nome é Amru Singh. Estou aqui com uma amiga sua, mademoiselle Rina Marlowe. Ela precisa de sua ajuda.

Já estava bem desperto.

— É coisa grave?

— Muito grave. *Mademoiselle* Bradley morreu de uma queda e a polícia está criando dificuldades.

— Quer chamar *mademoiselle* Marlowe ao telefone?

— Infelizmente, ela não está em condição de falar. Acha-se em completo estado de choque.

— Onde está?

— No ateliê de *monsieur* Pavan, o escultor. Sabe onde é?

— Sei. Estarei aí dentro de meia hora. Não a deixe falar com ninguém até eu chegar.

— Já tomei essa providência — disse Amru Singh. — Ela não falará com ninguém até o senhor chegar.

Jacques não compreendeu o que Amru Singh quisera dizer até ver o rosto pálido de Rina e seu olhar parado. A polícia a havia isolado no pequeno quarto de vestir do ateliê.

— Sua amiga parece em forte estado de choque — disse o inspetor de polícia, depois que Jacques se apresentou. — Já mandei chamar um médico.

— Muita bondade sua, inspetor. Pode dizer-me o que aconteceu? Vim em resposta a um telefonema de um amigo comum.

— É um caso de pura rotina. *Mademoiselle* Bradley caiu da escada. Só queremos uma palavra de *mademoiselle* Marlowe, única pessoa que estava com ela na hora.

Jacques assentiu com a cabeça. Deve haver mais alguma coisa, pensou. Do contrário, por que Amru Singh o teria chamado?

— Poderia ir até o quarto? — perguntou.

— Sem dúvida alguma. — O inspetor indicou o caminho.

Jacques entrou no quarto e viu Rina sentada numa cadeira, meio escondida atrás de um homem alto de turbante.

— *Monsieur* Deschamps? — perguntou o homem.

— Para servi-lo, *monsieur* Singh — disse Jacques, olhando para Rina. Ela parecia não vê-lo.

Amru Singh disse então, em voz branda, como se estivesse falando a uma criança.

— Seu amigo, *monsieur* Deschamps, está aqui, *mademoiselle*.

Rina levantou os olhos parados, sem o menor sinal de reconhecimento.

— Eu estava no local do acidente — disse o indiano. — Ela ficou muito impressionada com o que aconteceu e parecia inclinada a assumir a culpa pela morte da amiga.

— Teve ela alguma interferência no caso? — perguntou Deschamps.

— Como já expliquei à polícia, nada do que vi me leva a pensar assim.

— O que ela disse à polícia?

— Achei melhor que ela não falasse com a polícia — disse Amru Singh.

— O senhor é médico?

— Não, sou um estudioso.

— Como então conseguiu impedi-la de falar com a polícia?

— Disse-lhe que não falasse — respondeu Amru Singh, com o rosto impassível.

— Ela obedeceu?

— Quase não teve outro jeito.

— Posso falar com ela?

— Perfeitamente. Mas sugiro que seja em outro lugar. Aqui, a polícia poderá interpretar erradamente o que ela disser.

— Mas a polícia já mandou chamar um médico. E quando ele chegar...

— O médico irá apenas confirmar que ela está em choque — disse Amru Singh, sorrindo.

Foi exatamente isso que aconteceu. E Jacques falou ao inspetor:

— Se me der licença, vou levar *mademoiselle* Marlowe para a casa dela, inspetor. Eu mesmo a acompanharei para depor amanhã à tarde em sua delegacia, depois que o médico-

assistente houver tratado dela.

O inspetor concordou.

No táxi, Jacques deu ao motorista o endereço de Rina.

— Creio que será melhor não levar *mademoiselle* Marlowe para o apartamento onde vivia — disse prontamente Amru Singh. — Muitas coisas ali a farão lembrar-se de sua falecida amiga.

Jacques teve um momento de reflexão, e deu ao motorista o endereço do apartamento que havia alugado.

Amru Singh entrou no apartamento e Rina o seguiu docilmente. Jacques fechou a porta. Amru Singh a levou até uma cadeira. Fez um gesto e ela se sentou.

— Vou deixar de carregá-la sobre meus ombros — disse ele, tranquilamente. — Não posso mais falar com você. Chegou a sua vez de falar.

Rina ergueu lentamente a cabeça. Piscou os olhos como se estivesse despertando de um sono profundo. De repente, viu Jacques. No mesmo instante seus olhos se encheram de lágrimas e ela atirou-se nos braços dele.

— Jacques, Jacques! Eu sabia que você viria!

Com o corpo sacudido de soluços, começou a proferir palavras desconexas.

— Calma — disse Jacques, acariciando-a. — Não tenha medo. Tudo acabará bem.

Ouviu a porta fechar-se e percebeu que Amru Singh havia desaparecido.

No dia seguinte, foram à delegacia de polícia. Passaram depois no apartamento que Rina dividia com Margaret e levaram tudo o que era de Rina. Duas noites depois, Jacques chegou inesperadamente ao apartamento e encontrou Amru Singh, que se levantou ao vê-lo.

— Amru Singh é meu amigo — disse Rina, depois de alguma hesitação.

Jacques estendeu a mão ao indiano, dizendo:

— Se ele é seu amigo, é meu amigo também.

Os dentes brancos do indiano brilharam num sorriso e as mãos se apertaram cordialmente. Daí por diante, os três jantavam juntos ao menos uma vez por semana.

Jacques abriu a porta, afastou-se um pouco para deixar Rina entrar e, depois, acompanhou-a até o quarto. Logo que ela entrou, jogou longe os sapatos, sentou-se na cama e esfregou os pés, dizendo:

— Ah! Disso é que eu gosto!

Ele ajoelhou-se à frente dela e fez massagens nos seus pés.

— Estava muito bonita esta noite — disse, sorrindo.

Ela olhou maliciosamente e replicou:

— *Monsieur le ministre* também achou. Tanto que me disse que, se eu estivesse pensando em outra ligação, não me esquecesse dele.

— Que velho devasso! — exclamou Jacques. — Aquilo já tem mais de oitenta anos e ainda vai ao Ópera.

Ela se levantou da cama, tirou o vestido e sentou-se no chão numa posição de ioga. Sentava-se sobre as pernas cruzadas e os braços formavam um quadrado à altura do peito.

— O que está fazendo? — perguntou Jacques, surpreso,

— Estou me preparando para a meditação. Amru Singh diz que cinco minutos de meditação antes de dormir aliviam o corpo e o espírito de todas as tensões.

Jacques tirou as abotoaduras dos punhos da camisa e depositou-as sobre a cômoda. Depois, olhou-a pelo espelho e disse:

— Sabe que seria muito fácil eu ter ciúme de Amru Singh?

— Para mim, isso seria muito desagradável, Jacques, porque neste caso eu teria de deixar de ver Amru Singh.

— Seria capaz disso por minha causa?

— Claro que sim, porque é a você que amo. Amru Singh é apenas meu amigo, meu professor.

— Ele também é meu amigo e eu não gostaria que uma frase minha dita de brincadeira perturbasse nossas relações.

Ela sorriu para ele. Jacques começou a tirar a camisa.

— O que aprendeu hoje com nosso amigo?

— Há grandes possibilidades de que eu em breve possa livrar-me da vontade de morrer que tem governado quase todos os meus atos desde meus tempos de menina.

— Ótimo. E como vai conseguir isso?

— Ele está me ensinando os exercícios de ioga para o parto. Isso me dará controle sobre todo o corpo.

— Não compreendo para que isso pode servir. Os exercícios só são importantes para as mulheres que estão esperando filho.

— Eu sei.

— Então por que está dizendo isso?

— Escute — disse ela, impassível. — O dr. Fornay diz que você me deixou *enceinte*.

No instante seguinte, ele estava no chão ao lado dela, abraçando-a e beijando-a, dizendo que ia divorciar-se para que a criança nascesse na vila da família ao sul da França.

Ela o fez calar-se, pondo um dedo em seus lábios, e Jacques teve a impressão de que ela se tornara de repente mais velha do que ele.

— Deixe disso, Jacques. Você está agindo como um americano, com essas ideias bobas e provincianas. Bem sabe que um divórcio lhe arruinaria a carreira, para não falar em outras coisas. Eu terei a criança e tudo continuará como agora entre nós.

— E se seu pai souber?

— Não há nenhuma necessidade de ele saber. Quando voltar à América para visitá-lo, poderei dizer que fiz um casamento errado e ninguém saberá de nada. Agora, vá tomar banho. Seu dia foi muito agitado. Consegui os jornais de Boston para mim?

— Estão na minha pasta.

Jacques entrou na banheira. A água estava quente e transmitia uma sensação repousante; o pulsar acelerado de seu coração foi pouco a pouco voltando ao normal.

Saiu do banheiro amarrando o cinto do roupão. Rina estava no quarto e ele foi até a sala de estar. Havia alguma coisa que o impressionou desagradavelmente na maneira pela qual ela estava sentada à mesa, olhando firmemente para o jornal.

— Rina!

Ela voltou-se para ele e Jacques viu a profunda angústia que a dominava. Era como se ela houvesse perdido todas as esperanças de salvação.

— Não poderei ter a criança, Jacques — sussurrou, num fio de voz.

— Como?

As lágrimas molhavam o rosto de Rina.

— Tenho de voltar para casa.

— Mas por quê? — perguntou ele, sentindo-se já tremendamente infeliz.

Ela apontou o jornal. Jacques se aproximou e viu por cima do ombro dela uma manchete que tomava toda a largura do jornal.

HARRISON MARLOWE DENUNCIADO!

Criminalmente responsável pela falência

do banco da família,

o representante de cinco gerações de banqueiros

de Boston

Via-se abaixo um clichê de três colunas com o retrato de Harrison Marlowe.

— Oh, minha querida! — ele a confortou, abraçando-a.

— E eu queria tanto esse filho — murmurou ela, entre soluços.

Jacques nem se deu ao trabalho de discutir com ela. Havia no caso uma coisa que ele, como francês, compreendia perfeitamente: o dever filial.

— Teremos outro filho, Rina. Quando tudo isso estiver acabado, você voltará para a França.

— Não! — exclamou ela. — O dr. Fornay me disse categoricamente que depois desse não haverá mais filhos!

O grande ventilador do teto zumbia e o calor de agosto pairava pesado e úmido no gabinete do governador. O secretário franzino e nervoso levou Rina a uma cadeira em frente à grande mesa de trabalho.

Ela se sentou e ficou olhando o secretário, que se mantinha de pé ao lado do governador, apanhando folha por folha de papel à medida que o governador as assinava. Finalmente as assinaturas terminaram e o secretário saiu do gabinete, levando os papéis.

O governador apanhou um charuto e perguntou:

— O fumo a incomoda, srta. Marlowe?

Ela sorriu em resposta e ele acendeu o charuto, espalhando na sala o cheiro forte e um tanto agradável da fumaça.

— É um dos poucos prazeres que os médicos ainda me permitem — disse ele. Tinha uma voz simples mas extraordinariamente clara que enchia facilmente a sala, embora falasse baixo, como se fosse um ator habituado a se fazer ouvir mesmo nas galerias, mesmo sussurrando. — Espero viver mais de cem anos e os médicos dizem que talvez chegue lá se fumar menos.

Ela foi grata àquela maneira de lhe dar confiança, falando de coisas pessoais.

— Tenho certeza de que chegará, governador.

Ele se recostou na cadeira com um sorriso levemente irônico.

— Na verdade, pouco me importa viver tanto ou não. Mas a questão é que, quando morrer, não quero deixar um só inimigo, e a única maneira de conseguir isso é viver mais que todos os que tenho.

Ele riu e ela riu com ele, esquecida por um momento do que fora fazer. Havia nele um ar de mocidade e vigor que desmentia as grandes manchas grisalhas do cabelo.

O governador a olhou, sentindo de novo a marcha inexorável do tempo. Gostava do aspecto dela. Nada daquelas tolices modernas que obrigavam as mulheres a fazerem regime e cortarem impiedosamente o cabelo. O belo cabelo da moça chegava até os ombros.

— Você era uma criança quando aprovei os seus papéis de adoção — ele disse, com um sorriso embaraçado.

— Minha mãe e meu pai sempre me disseram que o senhor foi muito bondoso em tudo isso, e que não poderiam adotar-me se o senhor não os ajudasse.

— Tem dezoito anos, não é?

— Faço dezenove no mês que vem.

— Você cresceu um pouco desde que a vi pela última vez — disse ele, colocando o charuto no cinzeiro. — Sei por que veio falar comigo e quero que saiba que sinto muito a situação em que se encontra seu pai.

— Já examinou as acusações formuladas contra ele?

— Li apenas os jornais.

— Acha que ele é culpado?

— O negócio bancário é como a política, minha filha. Há mui-coisas que são moralmente certas e legalmente erradas. Enquanto tudo dá certo, todo mundo fecha os olhos. Quando não dá, é preciso julgar de acordo com a lei.

— Quer dizer que o segredo de tudo é não ser descoberto?

Ele sorriu, satisfeito. Gostava de conversar com pessoas jovens e inteligentes, que percebiam tudo com facilidade e com quem era possível trocar ideias. Pena que a política atraísse tão pouca gente desse gabarito.

— Não é tão simples assim. A lei não é uma coisa inflexível. Costuma refletir as esperanças e os desejos do povo. É por isso que as leis são muitas vezes mudadas ou emendadas. No fim, há a aspiração de que a lei e a moral um dia se encontrem no infinito, do mesmo modo que os matemáticos dizem que as paralelas se encontram.

— O infinito é tempo demais para um homem com a idade de meu pai — disse Rina. — Ninguém pode esperar tanto, nem mesmo o senhor, que passará dos cem anos.

— Infelizmente, a decisão é sempre o maior risco de quem dirige, minha filha. Seu pai correu esse risco ao autorizar os empréstimos. Justificou a si mesmo com a ideia de que, sem o dinheiro, certas fábricas poderiam ver-se na contingência de fechar, deixando muitas pessoas desempregadas e fazendo outras perderem seus investimentos ou seu meio de vida. Seu pai, portanto, fez uma coisa perfeitamente correta do ponto de vista moral. Mas, legalmente, a coisa muda de figura. A primeira obrigação de um banco é com seus depositantes. A lei leva isso em conta e o Estado tem leis que regulam tais empréstimos. De acordo com a lei, seu pai não podia fazer os empréstimos, porque não havia garantias suficientes. É claro que, se as fábricas não tivessem de fechar e os empréstimos tivessem sido pagos, nada teria acontecido. Ele seria considerado um benfeitor público e um banqueiro de descortino. Mas aconteceu o contrário, e as mesmas pessoas que o teriam levado às nuvens estão furiosas com ele.

— Não tem qualquer importância que ele houvesse perdido toda sua fortuna pessoal tentando salvar o banco? — perguntou Rina.

— Infelizmente, não.

— Então, não há nada que possa fazer por ele?

— Um bom político não pode ir contra a opinião pública disse ele, lentamente. — Agora mesmo o povo está à procura de um bode expiatório. Se seu pai apresentar alguma defesa, perderá e será condenado a dez ou quinze anos de prisão. Neste caso, deixarei este cargo muito antes de poder conceder-lhe livramento condicional.

Apanhou o charuto no cinzeiro e o rolou entre os dedos fortes.

— Se puder convencer seu pai a reconhecer sua culpa, o que evitará o julgamento por um júri, eu providenciarei para que um juiz lhe dê de um a três anos de sentença. Quinze meses depois, concederei o perdão.

— E se lhe acontecer alguma coisa nesse meio tempo?

— Já se esqueceu de que vou viver mais de cem anos? Mas, ainda que eu não estivesse presente, seu pai não poderia perder. Vinte meses depois conseguiria o livramento condicional.

Ela se levantou e estendeu-lhe a mão.

— Muito obrigada por ter me recebido. Aconteça o que acontecer, espero que passe muito dos cem anos.

Do seu lado da tela de arame, Rina viu o pai aproximar-se. Os olhos estavam sem expressão, o cabelo se mostrava ainda mais branco, e até o rosto parecia haver tomado uma coloração cinzenta que se confundia com a do uniforme da prisão.

— Como vai, papai? — disse ela, ternamente, quando ele se sentou na cadeira.

— Alô, Rina — respondeu, forçando um sorriso.

— Está bem, papai? Como o estão tratando?

— Estão me tratando muito bem. Estou trabalhando na biblioteca. Encarregaram-me de organizar um novo sistema de controle. Têm perdido muitos livros ultimamente.

Ela percebeu que ele estava brincando, e um pesado silêncio caiu sobre eles.

— Recebi uma carta de Stan White — disse ele, por fim. — Teve uma oferta de sessenta mil dólares pela casa.

Stan White era o advogado dele.

— É bom — murmurou ela. — Pelo que me disseram, pensei que não se conseguisse tanto. O mercado para essas casas grandes não está muito bom.

— Os que querem comprar a casa são judeus — disse ele sem rancor. — Por isso pagam tanto.

— De qualquer maneira, a casa seria grande demais para vivermos nela depois que você sair daqui.

— Não sobrar muito para vivermos. Talvez uns dez mil dólares depois que pagarmos aos credores e a Stan.

— Não precisaremos de muito, papai. Nos arranjarremos até você entrar de novo em atividade.

Dessa vez, sua voz foi amarga:

— Ninguém mais vai arriscar-se comigo. Não sou banqueiro. Sou um presidiário.

— Não fale assim, papai. Todo mundo sabe que a culpa não foi sua. Sabem que não guardou nada para você.

— Isto é pior ainda, minha filha. Uma coisa é ser condenado como ladrão. Outra é ser condenado por ter sido idiota.

— Eu não deveria ter ido para a Europa. Deveria ter ficado em casa com você. Talvez nada disso tivesse acontecido.

— Fui eu que falhei nas obrigações que tinha com você.

— Você nunca me falhou, papai.

— Tenho tido muito tempo para pensar aqui dentro. Passo noites acordado pensando no que você irá fazer agora.

— Eu me arranjarei, papai. Vou procurar um emprego.

— Para fazer o quê?

— Não sei. Mas arranjarei alguma coisa.

— Isso não é tão fácil assim, Rina. Você não se preparou para trabalhar. E eu até estraguei suas possibilidades de fazer um bom casamento.

— Não estou pensando em casar. Todos os moços de Boston não são mais do que isso. Apenas moços. Parecem meninos, e eu não tenho paciência com eles. Quando casar, será com um homem amadurecido, como você.

— Você precisa é de umas férias. Parece exausta.

— Nós dois teremos férias quando você voltar para casa. Iremos para a Europa. Conheci um lugar na Riviera onde poderemos viver o ano todo com menos de dois mil dólares.

— Mas isso ainda vai demorar muito, Rina. Você precisa de férias agora.

— Onde quer chegar, papai?

— Escrevi a meu primo Foster. Ele e Betty, sua esposa, querem que você vá passar uns tempos com eles. Dizem que lá é muito bonito e você pode ficar na casa deles até eu sair daqui.

— Mas, assim, não poderei vir visitá-lo, papai!

— Será melhor assim. Teremos menos coisas tristes para rebordar.

— Mas... papai — ela começou a dizer.

O guarda se aproximou e o pai levantou-se.

— Já dei instruções a Stan White. Faça o que estou dizendo e vá para lá.

Ela o viu afastar-se para o interior da prisão. Seus olhos estavam velados de lágrimas. Só tornou a vê-lo muitos meses depois, quando estava de novo a caminho da Europa em viagem de lua de mel. Ela levava o marido para vê-lo na prisão.

— Papai — disse ela, quase com timidez —, esse é Jonas Cord.

O que Harrison Marlowe viu foi um homem de sua idade, talvez até mais velho, mas com uma juvenil vitalidade, típica dos homens do oeste.

— Há alguma coisa que eu possa fazer por você, papai?

— Faremos tudo que for humanamente possível, sr. Marlowe — acrescentou Jonas Cord.

— Não, muito obrigado.

Cord olhou-o, e Harrison Marlowe sentiu como era penetrante aquele olhar.

— Meus negócios estão se expandindo, sr. Marlowe. Antes de fazer quaisquer planos depois de sair daqui, gostaria que conversasse comigo. Um homem com sua experiência pode ajudar-me muito nos aspectos financeiros de meus negócios.

— É muita bondade sua, sr. Cord.

Jonas Cord voltou-se para Rina:

— Com sua licença, sei que quer ficar algum tempo sozinha com seu pai. Estarei à sua espera do lado de fora.

Os dois homens se despediram. Quando pai e filha ficaram sozinhos, Rina perguntou:

— O que acha dele, papai?

— É quase tão velho quanto eu!

— Não se lembra de eu ter dito que me casaria com um homem amadurecido, papai? Nunca pude suportar garotos.

— Mas você é uma mulher moça, Rina. Tem a vida inteira pela frente. Por que casou com ele?

— É um homem muito rico, papai. E vive muito sozinho.

— Quer dizer que casou com ele por isso? — perguntou Marlowe, compreendendo subitamente o motivo da oferta do marido de Rina. — Foi para que ele tomasse conta de mim?

— Não, papai. Não foi absolutamente por isso que casei com ele.

— Por que foi então?

— Foi para que ele tomasse conta de mim.

— Mas, Rina...

Ela imediatamente o interrompeu.

— Afinal, papai, você mesmo disse que eu não estava preparada para qualquer trabalho. Não foi por isso que me mandou para a casa de meu primo?

Ele não respondeu. Nada havia que pudesse dizer. Despediram-se depois de mais alguns momentos penosos. Marlowe se estendeu no estreito catre em sua cela. Sentia frio. Tremeu um pouco e cobriu as pernas com o cobertor. Qual tinha sido sua falha com Riria? Onde havia errado?

Virou o rosto para o travesseiro e lágrimas quentes começaram a rolar em suas faces. Sentia cada vez mais frio. Naquela noite levaram-no para a enfermaria da, prisão com quarenta graus de febre. Morreu três dias depois de bronquite pneumônica, enquanto Rina e Jonas Cord ainda estavam em alto-mar.

A dor começou a repercutir-lhe nas têmporas, dilacerando seu sonho como uma faca. Sentiu a terrível solidão do despertar. Agitou-se, inquieto. Tudo estava esmaecendo, menos ela. Prendeu a respiração um instante, lutando contra a volta à realidade. Mas era inútil. Os últimos vestígios quentes do sonho desapareceram. Estava acordada.

Abriu os olhos e ficou um momento sem identificar o quarto do hospital, mas logo se lembrou de onde estava. Havia flores novas no jarro. Deviam ter chegado enquanto dormia.

Moveu lentamente a cabeça. Ilene estava cochilando na poltrona perto da janela. Tudo estava escuro lá fora. Já era noite e ela devia ter dormido a tarde toda.

— Estou com uma terrível dor de cabeça — disse baixinho. — Pode dar-me uma aspirina? Ilene acordou de súbito e olhou para Rina.

— Acho que dormi a tarde toda — Rina deu um sorriso.

— A tarde toda? — perguntou Ilene, percebendo que pela primeira vez em toda a semana Rina estava consciente. — Sim, a tarde toda...

— Estava tão cansada! E nunca deixo de ter dor de cabeça quando durmo assim durante o dia. Quero tomar uma aspirina.

— Vou chamar a enfermeira.

— Deixe que eu mesma chamo — disse Rina, procurando o botão da campainha. Mas não pôde levantar o braço. Viu que este estava amarrado ao lado da cama. Havia uma agulha metida numa veia do braço e ligada a um comprido tubo que saía de um vidro pendurado com o gargalo para baixo numa armação de ferro.

— Para que isso?

— O médico achou melhor não acordar você para lhe dar comida — disse Ilene, levantando-se e tocando a campainha.

A enfermeira apareceu quase no mesmo instante. Chegou ao lado da cama e sorriu para Rina.

— Como é? Já acordamos? — perguntou ela, com sua jovialidade profissional.

— Já — disse Rina, sorrindo. — Você é nova, não é? Não me lembro de você.

A enfermeira olhou rapidamente para Ilene. Tinha estado de serviço desde que Rina chegara ao hospital.

— Sou a enfermeira da noite. E acabo de chegar.

— Sempre tenho dor de cabeça quando durmo à tarde. Posso tomar uma aspirina?

— Vou perguntar ao médico — disse a enfermeira.

Rina voltou a cabeça e disse a Ilene:

— Você deve estar exausta. Por que não vai para casa e descansa um pouco? Passou o dia inteiro aqui.

— Não, não estou cansada, Rina. Também dormi um pouco à tarde.

Nesse momento, o médico entrou e Rina o olhou. Lá estava ele, com os olhos brilhando por trás dos óculos.

— Boa noite, srta, Marlowe. Descansou bem?

— Descansei demais, doutor. Fiquei até com dor de cabeça. Mas é uma dor de cabeça

esquisita.

O médico aproximou-se da cama e perguntou, tomando-lhe o pulso:

— Esquisita? Esquisita, como?

— Parece doer mais quando procuro lembrar-me dos nomes das pessoas. Conheço o senhor, conheço minha amiga ali, mas quando procuro lembrar o nome dos dois, a dor de cabeça aperta e não consigo lembrar mais nada.

O médico riu.

— Não há nada de esquisito nisso. Há alguns tipos de enxaqueca que fazem as pessoas esquecerem até o próprio nome. Tem dificuldade também com seu próprio nome?

— Não.

O médico tirou um oftalmoscópio do bolso e disse:

— Vou examinar seus olhos com isto. Assim poderei ver o fundo ao seu olho e apurar se tudo, como acredito, não passa de vista cansada. Não tenha medo.

— Não estou com medo, doutor. Um colega seu em Paris me examinou uma vez com uma coisa dessas. Pensou que eu estivesse em estado de choque, mas errou. Eu estava era hipnotizada.

Ele colocou o polegar num canto do olho e levantou a pálpebra. Apertou um botão e um raio fino e forte de luz saiu do instrumento.

— Como é seu nome?

— Katrina Osterlaag — disse ela, prontamente. — Está vendo, doutor? A dor de cabeça não é assim tão forte, pois ainda me lembro de meu nome.

— Como é o nome de seu pai? — perguntou ele, passando o instrumento para o outro olho.

— Harrison Marlowe. Também me lembro.

— Como é seu nome? — perguntou ele de novo, enquanto a luz fazia um semicírculo no canto superior do olho.

— Rina Marlowe — respondeu ela e riu. — Pensou que podia me enganar, hein?

O médico desligou o instrumento, levantou-se e disse sorrindo:

— Não, já vi que não posso.

Nesse momento duas serventes entraram no quarto, empurrando um grande aparelho quadrado, que deixaram ao lado da cama.

— Aquilo serve para tirar o que nós chamamos de eletroencefalograma. Mede os impulsos elétricos que se produzem no cérebro. Ajuda às vezes a apurar a causa das dores de cabeça, para que possamos tratar delas.

— Parece muito complicado — disse Rina.

— Mas não é. É até muito simples. Vou explicar tudo.

— E eu que achei que uma simples aspirina curava minha dor de cabeça.

— Ora, bem sabe como nós, médicos, somos. Como podemos justificar o dinheiro que ganhamos apenas receitando alguns comprimidos?

Ela tornou a rir, e o médico voltou-se para Ilene, fazendo um gesto na direção da porta.

— Você voltará, não é? — perguntou Rina.

Ilene viu que a enfermeira já estava preparando Rina e disse:

— Claro que voltarei.

O médico só saiu do quarto quase uma hora depois. Deixou-se cair numa cadeira à frente de Ilene, e meteu a mão no bolso à procura de um maço de cigarros todo amassado. Acendeu o cigarro de Ilene e o seu.

— E então, doutor?

— Só poderemos falar com mais certeza depois de uma análise mais detalhada do eletroencefalograma. Mas já é possível ver certos sinais de lesão em algumas áreas nervosas. E por isso que ela tem dificuldade em lembrar coisas simples e corriqueiras, como nomes, lugares e horas. Em sua memória tudo é presente, não havendo passado e, talvez, nem o dia de hoje. É o esforço inconsciente de recordar essas pequenas coisas que causa a tensão e, conseqüentemente, a dor de cabeça.

— E isso não é um bom sinal? — perguntou Ilene, cheia de esperança. — É a primeira vez em quase uma semana que ela parece parcialmente normal.

— Bem sei como está preocupada — disse o médico. — E não quero parecer por demais pessimista, mas a máquina humana é muito especial. A doente só está se mantendo tão bem assim em vista de sua excepcional resistência física. Tem sofrido acessos repetidos de uma febre altíssima, que destrói tudo o que atinge. É quase um milagre que, quando a febre diminui, como aconteceu agora, ela volte a ter uma aparência de lucidez.

— Acha então que ela vai delirar de novo?

— A febre já começou a subir.

Ilene levantou-se rapidamente.

— Doutor, posso falar com ela agora, antes que ela perca de novo a consciência?

— Desculpe, mas acho que não. A febre começou a subir vinte minutos depois que saiu do quarto. Dei-lhe sedativos para aliviar a dor.

— Meu Deus! — exclamou Ilene, em voz contida. — Por quanto tempo, doutor? Por quanto tempo ela ainda terá de sofrer assim?

— Não sei — disse o médico, tomando-a pelo braço. — Por que não me deixa levá-la para casa? Acredite que nada há que possa fazer aqui esta noite. Ela está dormindo.

— Eu... eu gostaria de vê-la apenas um momento — disse Ilene, com hesitação.

— Está bem, mas quero avisá-la. Não se impressione com sua aparência. Tivemos de cortar-lhe o cabelo para fazer o eletroencefalograma.

Ilene fechou a porta de seu escritório e foi para sua escrivaninha. Havia alguns esboços dos costumes para um novo filme à espera de sua aprovação. Acendeu a luz e se aproximou do armário embutido do bar.

Apanhou uma garrafa de uísque e encheu um copo com gelo. Serviu o uísque, voltou para a mesa e começou a examinar os desenhos, bebendo de vez em quando um gole.

Apertou um botão no braço da cadeira e um possante refletor se acendeu no teto, distribuindo um feixe de luz sobre o desenho. Virou a cabeça para o manequim à sua esquerda tentando imaginar o vestido no modelo.

Mas as lágrimas teimavam em impedi-la de trabalhar. Os desenhos começaram a desaparecer e ela só conseguia ver ali Rina, com a luz brilhando sobre o cabelo claro, o lindo cabelo de que só restavam alguns tufo no pobre cabelo tosquiado.

— Por que você teve de fazer isso, meu Deus? — gritou chorando, furiosa, com os olhos erguidos para cima. — Por que é preciso sempre destruir as coisas belas? Já não há horrores de sobra neste mundo?

As lágrimas continuaram a enevoar-lhe os olhos, mas ainda podia ver Rina ali, em seu escritório, com o corpo envolto em cintilante seda branca.

Não fora muito tempo antes. Cinco anos apenas. A seda branca era para um vestido de noiva. Havia sido usada no casamento de Rina com Nevada Smith.

Começou como um casamento tranquilo, mas acabou transformado num espetáculo de circo, na maior promoção de publicidade que já se vira em Hollywood. Tudo isso porque David Woolf conseguira afinal ir para a cama com a extra ruiva que fizera uma ponta em *O renegado*.

Embora fosse apenas um publicitário júnior, pouco acima do funcionário de menor salário no departamento, e ganhasse só trinta e cinco dólares por semana, David tinha muito prestígio com as mulheres do estúdio. Tudo podia ser explicado com uma palavra: nepotismo. David era sobrinho de Bernie Norman.

Não que o parentesco lhe adiantasse muito. Mas as mulheres não sabiam disso. Como podiam elas saber que Norman não queria nem ver o filho de sua irmã, e só lhe dera o emprego para se ver livre das insistências dela? Para impedir que o sobrinho o aborrecesse, dera ordem a suas três secretárias para não deixarem David entrar em seu gabinete, fossem quais fossem as circunstâncias.

David não gostava disso, mas não dava importância demasiada ao fato. Tinha vinte e três anos e coisas mais interessantes em que pensar. Que diferença entre as pequenas de Hollywood e as que conhecera em Nova Iorque! Pensava nos vagalumes do Bijou Theater, nas assustadas pequenas italianas e na irlandesa sem-vergonha, e nos casos passageiros com as garotas que se sentavam sozinhas nos camarotes do segundo andar, geralmente desertos, enquanto o filme corria na tela, lá embaixo. Ainda por lá, o nome de Bernie Norman tinha sido de muita valia para ele. Do contrário, por que teriam transformado um garoto de dezoito anos em gerente do Bijou?

A pequena estava falando. No começo, David não ouviu bem o que ela disse.

— O que você está dizendo?

— Quero ir ao casamento de Nevada Smith.

— Vai ser uma cerimônia íntima — murmurou David, embora achasse que ela escolhera mal a ocasião para falar. Ou talvez muito bem.

— Eu sei, mas haverá no casamento uma porção de gente importante. Se eu não for, nunca terei outra oportunidade para ser descoberta.

Foi um pouco depois que lhe ocorreu a ideia.

— Epa! — exclamou ele, quando todas as possibilidades começaram a se desenhar diante dele.

— Calma, querido. Você assim acordará os vizinhos — disse a pequena, com voz suave, pensando que ele havia chegado ao clímax.

E, de certo modo, ele havia.

Bernie Norman tinha orgulho em dizer que ele era o primeiro diretor a chegar ao estúdio todos os dias. Todas as manhãs, às sete horas, sua comprida limusine preta entrava pelo portão do estúdio e parava em frente ao prédio de seu escritório. Sempre dizia que gostava de chegar cedo, porque isso lhe dava oportunidade de passar os olhos por sua correspondência, que era pelo menos duas vezes maior que a de qualquer outra pessoa no estúdio, antes da chegada de suas três secretárias. Dessa maneira, ficava com o resto do dia livre para atender a quem o procurasse. Gostava de dizer que sua porta estava sempre aberta.

Na verdade, chegava cedo porque era um bisbilhoteiro nato. Embora ninguém comentasse o fato, todo mundo no estúdio sabia o que ele fazia desde o momento em que entrava pela porta

do edifício da administração. Percorria os escritórios vazios, de diretores e secretárias, olhando os papéis que estavam em cima das mesas, abrindo as gavetas destrancadas e lendo todas as cartas e memorandos. Na verdade, se algum diretor queria que alguma coisa chegasse ao conhecimento de Norman, deixava em cima da mesa inocentemente uma minuta de memorando, certo de que não seria mais preciso mandá-lo.

Norman justificava aquela sua atitude com extrema simplicidade. Estava apenas controlando as coisas. Do contrário, como poderia dirigir uma organização tão complexa quanto aquela?

Naquela manhã, chegou a seu gabinete às oito horas, pois sua inspeção tomara um pouco mais de tempo que de costume. Suspirou profundamente e abriu a porta. Problemas, sempre problemas.

Dirigiu-se à sua mesa e, de repente, ficou paralisado de horror: David estava dormindo no sofá, com uma porção de papéis espalhados pelo chão à sua volta. Bernie sentiu a raiva fervendo em seu sangue.

Atravessou a sala e arrancou David do sofá.

— Que diabo está fazendo aqui no meu escritório, seu bastardo imprestável?

David acordou em sobressalto, esfregando os olhos.

— Não tinha intenção de pegar no sono. Mas comecei a ver uns papéis e adormeci.

— Papéis! — exclamou Norman. — Que papéis?

Pegou um dos papéis e deu um grito de horror.

— O contrato de produção de *O renegado*! Teve a audácia de abrir meu arquivo confidencial?

— Posso explicar tudo, meu tio.

— Não quero saber de explicações. Fora daqui! Se não sair do estúdio dentro de cinco minutos, mandarei jogá-lo na rua. Está despedido! Uma coisa que não tolero neste estúdio são espíes! E logo o filho de minha irmã! Fora!

— Deixei disso, tio Bernie — disse calmamente David.

— E ainda tem coragem de me dizer para deixar disso! Sua mãe levou metade da noite me amolando pelo telefone: 'Meu pequenino David ainda não voltou para casa... Talvez tenha sofrido algum acidente...' Acidente! Eu podia ter dito a ela que o pequenino David estava era na cama com uma extra ruiva do estúdio! Fora daqui!

— Como foi que soube disso, tio Bernie?

— Como eu soube? Eu sei de tudo que se passa neste estúdio! Acha que construí essa indústria passando noites na cama com vagabundas? Não! Para chegar onde cheguei, trabalhei como um cão. Dia e noite!

Foi até a cadeira diante de sua escrivaninha e deixou-se cair nela. Levou a mão ao coração num gesto dramático.

— Uma falta como essa de uma pessoa do meu sangue, que deveria me ajudar, é até capaz de matar uma pessoa!

Abriu a gaveta, tirou um vidro de comprimidos e engoliu rapidamente dois ou três. Depois, recostou-se na cadeira, com os olhos fechados.

— Está melhor, tio Bernie? — perguntou David, ao fim de algum tempo.

Norman abriu lentamente os olhos.

— Ainda está aí? — perguntou, com a voz de quem faz um supremo esforço para se controlar. — Saia daqui, vamos! Primeiro, apanhe esses papéis todos do chão! Depois suma!

— O senhor nem sabe o que vim fazer aqui — disse David. — Aconteceu uma coisa importante.

— Se é mesmo alguma coisa importante, poderia ter vindo conversar comigo, como todo mundo faz. Você bem sabe que minha porta vive aberta.

— Aberta? — exclamou David, sarcasticamente. — Nem Cristo, se chegasse a esse estúdio, conseguiria falar com o senhor. Aquelas três fúrias não o deixariam passar!

— Não meta religião nisso! Além do mais, você bem sabe quais são meus princípios. Todo mundo é igual a todo mundo. Quem quer falar comigo basta falar com minha secretária número três. Esta fala com a número dois, que transmite o recado à número um. Se a número um acha que o caso é mesmo importante, fala comigo, e no mesmo instante a pessoa está aqui no meu escritório. No mesmo instante! Faça isso e não entre mais aqui como um ladrão à noite, senão será tratado como um ladrão!

— Oh! — exclamou David, dirigindo-se para a porta, mais certo do que nunca de que não adiantava procurar fazer alguma coisa por aquele velho horroroso. — Mas fique sabendo! Quando eu sair por aquela porta, olhe bem para mim, porque o que vai ver será um milhão de dólares que está fugindo de sua mão.

— Espere um pouco, David. Afinal, eu gosto de ser justo. Não disse que tinha alguma coisa importante para falar? Pode falar que estou ouvindo.

David fechou a porta.

— No mês que vem, antes da estreia do filme, Nevada Smith e Rina Marlowe vão casar.

— Pensa que está contando alguma novidade ou que isso interessa a alguém? Nem me convidaram para o casamento. Além disso, Nevada é um homem liquidado.

— Talvez — disse David. — Mas Rina não é. Viu o filme?

— Claro que vi o filme. Hoje mesmo vamos fazer uma estreia de surpresa num cinema do vale.

— Pois bem. Depois dessa estreia, a pequena vai ser o maior nome da indústria.

O tio olhou para ele, sentindo pela primeira vez alguma possibilidade no rapaz.

— E daí?

— Pelo que vi no seu arquivo, ela não tem contrato com ninguém. Faça-a assinar contrato hoje mesmo. Depois...

Já havia um franco interesse nos olhos do tio. David continuou:

— Depois, diga aos dois que quer bancar as despesas do casamento. Como um presente do estúdio. Faremos do casamento o maior acontecimento a que já se assistiu em Hollywood. A receita do filme aumentará mais cinco milhões.

— E de que nos adianta isso? Não temos quota alguma do filme. Nestas condições, não participaremos dos lucros.

— Mas temos porcentagem sobre a receita pela distribuição, não temos? — disse David, sentindo a confiança aumentar com a demonstração crescente do interesse do tio. — Ora, vinte e cinco por cento de cinco milhões são um milhão e duzentos e cinquenta mil dólares. Isso representa a metade das despesas da nossa rede de distribuição durante um ano. E o melhor será que poderemos descarregar todas as nossas despesas com o casamento na conta da

publicidade e deduzir tudo da receita do filme. Dessa forma, não gastaremos um tostão. Cord pagará tudo da sua quota de lucros.

Norman levantou-se com lágrimas nos olhos.

— Eu sabia! O bom sangue não nega! — exclamou ele, dramaticamente. — De hoje em diante, você trabalhará a meu lado! Será meu assistente. Vou mandar as secretárias prepararem o escritório aí ao lado para você. Não poderia fazer mais por meu filho... se tivesse um!

— Há mais uma coisa.

— O que é? — perguntou Norman, sentando novamente.

— Acho que devemos assinar um contrato com Cord para ele fazer um filme por ano para nós.

— Nunca! Já temos malucos de sobra aqui e não precisamos de mais um!

— Ele entende de cinema. *O renegado* é uma prova.

— Ora, foi apenas um golpe de sorte.

— Não foi. Estive no *set* o tempo todo. Não há no filme nada em que ele não tivesse metido o dedo. Se não fosse ele, Rina Marlowe nunca seria a estrela que vai ser. Tem o maior faro para mulheres que já vi em minha vida.

— É um *goy* — disse Norman, com desprezo. — O que ele entende de mulheres?

— Os *goyim* já entendiam de mulheres antes de Adão sair com Eva do jardim do Éden

— Não — disse Norman.

— Por que não?

— É o tipo de homem que não quero perto de mim. Ele não se contentará em fazer filmes. Dentro em pouco, vai querer tomar conta de tudo. Não é o tipo de homem que gosta de trabalhar com sócios. Não! Com ele não quero relações. Mas acho boas suas outras ideias. Hoje mesmo faremos a moça assinar o contrato. Depois, falaremos sobre o casamento. Nevada não vai gostar, mas acabará concordando. Afinal de contas, o dinheiro dele está no filme e ele não pode arriscar-se!

David tratou de mandar uma cópia especial da filmagem do casamento para Cord, que nessa ocasião estava na Europa. Quando Jonas entrou na pequena sala de projeção em Londres, onde havia conseguido que passassem o filme para ele, a luz imediatamente se apagou e a sala ficou cheia de música. Então, apareceram os letrados:

CINE JORNAL NORMAN

O PRIMEIRO COM AS MELHORES FILMAGENS DOS FATOS DO DIA

A voz dramática e grave do narrador se fez ouvir, acompanhando a tomada em plano geral de uma igreja cercada por um grande número de pessoas.

— *Toda Hollywood, o mundo inteiro, acompanhou com emoção o casamento de conto de fadas de Nevada Smith e Rina Marlowe, astros do grande filme O renegado, a ser distribuído*

proximamente pela Norman Films.

Via-se Nevada indo para a igreja espetacularmente vestido com a roupa resplandecente de cowboy e montado num cavalo branco.

— *Eis o noivo, o mundialmente famoso Nevada Smith, chegando à igreja com Whitey, seu não menos famoso cavalo.*

Nevada subiu a escada da igreja, enquanto a polícia continha a multidão, que aplaudia. Depois, uma limusine preta apareceu e parou em frente à igreja. Bernie Norman desembarcou e voltou-se para ajudar Rina a descer. Ela ficou um instante parada, sorrindo para a multidão. Depois, tomando o braço de Norman, dirigiu-se para a igreja, enquanto a câmera aproximava a imagem num lindo *close* do rosto de Rina.

— *E eis a noiva, a bela Rina Marlowe, estrela de O renegado, ao lado de Bernard B. Norman, conhecido produtor de Hollywood que será seu padrinho. O vestido de noiva da srta. Marlowe é feito com rendas de Alençon, desenhado especialmente para ela pela famosa couturière Ilene Gaillard, que também desenhou os notáveis costumes usados pela srta. Marlowe no filme de Bernard B. Norman, O renegado.*

A câmera então mostrou a parte externa da casa de Nevada em Beverly Hills, com um enorme pavilhão em torno do qual se viam milhares de pessoas.

— *Aqui, nos jardins do palacete de Nevada Smith, está o pavilhão construído pelos funcionários do estúdio de Bernard B. Norman em homenagem ao famoso casal. É grande o suficiente para acomodar e alimentar mil convidados e é o maior do mundo no gênero. E agora vamos dizer alô a alguns dos mais famosos convidados.*

A câmera se deslocou pelos jardins à medida que o narrador apresentava astros e jornalistas famosos, que paravam no meio dos seus grupos, evidentemente arrumados com todas as minúcias por um assistente para sorrir e acenar. Depois, focalizaram a entrada da casa onde Nevada e Rina apareciam. Um instante depois, Norman se mostrou entre eles. Rina segurava um grande buquê de rosas e orquídeas.

— *E eis novamente a noiva e o noivo, felizes, ao lado do amigo, o famoso produtor Bernard B. Norman. A noiva prepara-se para jogar seu buquê à multidão de garotas ansiosas.*

Houve então uma tomada de Rina jogando o buquê e uma confusão de belas jovens. As flores foram apanhadas por uma moça de cabelo ruivo e olhos amendoados, e a câmera se moveu para um rápido *close*.

— *O buquê foi apanhado pela srta. Anne Barry, amiga íntima da noiva. A bela srta. Barry tem importante papel em O renegado e acaba de ser contratada pela Norman Films por sua excelente atuação nesse filme.*

A câmera moveu-se para o *close* final. Rina, Norman e Nevada sorriam na tela. Norman estava entre os noivos, um braço paternalmente nos ombros de Nevada e o outro fora de vista, por trás da noiva. Os três estavam rindo, felizes, quando a cena terminou.

As luzes se acenderam, e Jonas levantou sem sorrir. Saiu. Sentia um frio na boca do estômago. Se era assim que Rina queria, assim seria.

Mas o que nem Jonas nem qualquer outra pessoa que assistiu ao filme puderam ver foi a mão esquerda de Bernie Norman escondida atrás das costas de Rina.

A mão de Norman estava, confortável e casualmente, apalpando os arredondados contornos das nádegas de Rina.

Já passava de oito horas quando Ilene ouviu a porta do escritório da frente abrir. Largou a paleta e limpou no casacão cinzento que vestia as manchas de tinta que tinha na mão. Virou-se para a porta no momento em que Rina entrou.

— Desculpe tê-la feito esperar, Ilene — disse Rina. — Fizemos horas extras no *set* ontem à noite.

Ilene sorriu.

— Não faz mal. Eu tinha mesmo alguns trabalhos para acabar. Você parece cansada, Rina. Por que não senta e descansa alguns minutos? Soube no escritório de produção que você chegaria tarde, por isso mandei buscar café e sanduíches.

— Muito obrigada — disse Rina, jogando-se no grande sofá e tirando os sapatos. — Estou cansada mesmo.

Ilene empurrou uma mesinha de rodas para junto de Rina. Abriu a geladeira e tirou uma bandeja de sanduíches, que colocou sobre a mesinha. Depois abriu uma garrafa térmica e serviu uma xícara de café.

Rina levou à boca o café fumegante.

— Está ótimo — disse, depois do primeiro gole. Bebeu o resto e descansou a cabeça no encosto do sofá. — Estou tão cansada que nem tenho fome.

— E tem todos os motivos para estar. Há um ano, desde que terminou *O renegado*, não tem uma semana de folga. Três filme, um atrás do outro, e na semana que vem vai começar mais um. É um milagre que não tenha tido ainda um colapso.

— Acontece que gosto de trabalhar, Ilene...

— Eu também. Mas há um limite para tudo!

Rina não respondeu. Pegou um exemplar da *Variety* que estava em cima do sofá e começou dispolentemente a folheá-la. Mas alguma coisa chamou sua atenção. Leu a notícia e a mostrou a Ilene.

— Já viu isso?

Ilene olhou. O título já dizia tudo:

"O RENEGADO" É O MAIOR SUCESSO DE BILHETERIA

Durante um ano cheio de queixas e lamentações de exibidores e produtores angustiados pelo poço sem fundo em que parecem estar caindo as receitas da indústria cinematográfica, é animador encontrar ao menos um raio de sol. Sabemos com absoluta certeza, de fontes bem informadas, que as receitas de O renegado no país ultrapassaram nesta semana a marca dos cinco milhões de dólares, menos de um ano após sua estreia. Espera-se, com base nessas cifras, que o filme que revelou Rina Marlowe, e que ainda deverá ser exibido em muitos cinemas dos Estados Unidos e do resto do mundo, renda pelo menos dez milhões de dólares. O renegado, distribuído pela Norman, foi produzido e financiado por Jonas Cord, jovem milionário do oeste, mais conhecido pelo voo recordista de Paris a Los Angeles que fez no ano passado. O filme apresenta também Nevada Smith.

Ilene tirou os olhos do jornal e disse:

— Já havia lido.

— Quer dizer que todo mundo vai recuperar o dinheiro que empregou?

— Acho que sim, Rina. Contanto que Bernie não roube a todos.

Rina riu. Sentiu-se de repente aliviada de pesado fardo. Ao menos Nevada não tinha mais motivo de preocupação. Pegou um sanduíche e começou a comer avidamente.

— De repente, fiquei com fome — disse, entre duas mordidas.

Ilene tornou a servir café. Rina comeu tudo em alguns minutos. Depois tirou um cigarro da caixinha sobre a mesa e o acendeu.

— Sinto-me melhor agora — disse ela, soltando baforadas para o alto, ao mesmo tempo que um pouco de cor voltava a aparecer em suas faces. — Podemos experimentar os vestidos logo que eu acabar este cigarro.

— Não há pressa — disse Ilene. — Tenho muito tempo.

— Não — replicou Rina, levantando e apagando o cigarro no cinzeiro. — Vamos começar logo. Acabei de me lembrar que tenho de fazer uma série de fotografias de meu desjejum para a revista *Screen Stars* às seis horas da manhã.

Ilene abriu o armário. Havia seis macacões de malha, do estilo usado pelos acrobatas de circo, cada qual de uma cor. Ilene pegou um deles e, colocando-o à frente do corpo, disse:

— Estão cada vez menores.

— foi Bernie que os encomendou assim. Afinal de contas, o título do filme é *A moça do trapézio*.

Segurou o costume enquanto Rina se despia. Quando tentou meter-se no macacão apertado, exclamou:

— Acho que não devia ter comido aqueles sanduíches!

Ilene examinou o costume.

— É melhor subir ali no pedestal. Há algumas coisas que tenho de fazer.

Marcou rapidamente as alterações com o giz.

— Muito bem. Agora, vamos experimentar outro.

Rina começou a desabotoar os colchetes nas costas. Um deles ficou preso.

— Você tem de me ajudar, Ilene. Não consigo sair de dentro desta coisa.

Rina desceu do pedestal e voltou as costas para Ilene. Esta desabotoou prontamente o colchete. O pano do macacão se abriu e seus dedos roçaram as costas nuas de Rina. Sentindo o contato firme e quente daquela carne, Ilene ficou atordoada com a onda de sangue que lhe subiu à cabeça. Recuou como se houvesse tocado num ferro quente. Já vencera muitas tentações e não deixaria que uma coisa daquela lhe criasse dificuldades. Levava muitos anos lutando para conseguir aquela posição.

Rina deixou o resto do costume cair até a cintura e lutou para descer o macacão pelos quadris. Olhou para Ilene.

— Acho que terá de me ajudar de novo.

— Suba no pedestal — disse Ilene, com o rosto impassível como uma máscara.

Rina tornou a subir e se voltou para ela. Ilene puxou o costume, sentindo os dedos arderem sempre que tocavam em Rina. Afinal, o macacão desceu e Ilene percebeu Rina estremecer quando sua mão roçou acidentalmente o macio e sedoso púbis.

— Está com frio? — perguntou Ilene, dando um passo para trás.

Rina encarou-a por um momento, e, então, afastou os olhos.

— Não — murmurou, tirando o macacão e entregando-o a Ilene. Estendendo a mão para pegar o costume, Ilene segurou de repente a mão de Rina, com coração a querer saltar-lhe do peito.

— Não! — Rina tremia novamente, com os olhos voltados para o lado. — Por favor, não!

Ilene sentiu como se estivesse sonhando. Nada parecia real.

— Olhe para mim.

Rina virou lentamente a cabeça. Os olhos se encontraram e Ilene percebeu o tremor, agora mais forte, de seu corpo. Viu os bicos dos seios de Rina projetarem-se como flores vermelhas num campo de neve.

Aproximou-se dela e enterrou o rosto nos pelos macios entre suas coxas. Ficaram assim um instante, paradas, enquanto as mãos de Rina acariciavam o cabelo dela. Recuou um pouco e Rina aconchegou-se em seus braços.

Ilene sentiu lágrimas quentes abrirem caminho em seu rosto.

— Por quê? — perguntou impetuosamente. — Por que foi casar com ele?

Como sempre, Nevada acordou às quatro e meia da manhã, vestiu-se e desceu para as cocheiras. Como sempre, ao sair, fechou a porta entre os dois quartos para que Rina soubesse que ele havia saído.

O vaqueiro o aguardava com uma caneca de café simples, bem quente e forte. Conversaram as coisas de sempre enquanto Nevada engolia o café escaldante.

Depois do café correram as cocheiras, estábulo por estábulo. O último era o de Whitey. Nevada parou à frente dele e disse:

— Bom dia, rapaz.

O cavalo esticou a cabeça pela porta e olhou para Nevada com seus olhos grandes e inteligentes. Meteu o focinho na mão dele à procura do torrão de açúcar que sempre encontrava. Como sempre estava lá.

Nevada abriu o portão e entrou. Correu as mãos pelo lombo macio e brilhante do animal.

— Estamos engordando um pouco, rapaz — murmurou. — Não é de admirar, pois temos tido muito pouco que fazer ultimamente. Vou levá-lo para fazer um pouco de exercício.

O vaqueiro trouxe, sem dizer palavra, a grande sela. Nevada a colocou no lombo do cavalo e apertou bem. Ajeitou o freio e as rédeas, e saiu da cocheira com o animal.

Montou e se dirigiu à pequena pista de exercícios que mandara fazer ao pé da colina atrás da casa. Mais adiante, pôde ver as pontas cônicas do telhado. Mecanicamente, freou o cavalo, e o deixou ir devagar, relaxando as rédeas.

A nota que havia lido na *Variety* veio à sua mente. Hollywood era um mundo realmente estranho. Ali estava ele com o filme de maior sucesso do ano e ninguém ainda o procurara para falar em outro filme. A época dos grandes filmes do oeste estava terminada. Eram caros demais.

Pelo menos ele não era o único nessas condições. Mix, Maynard, Gibson, Holt estavam todos em situação semelhante. Maynard havia tentado reagir. Fizera uma série de filmes curtos para a Universal, cujo maior trunfo era o fato de serem rodados em cinco dias. Nevada havia assistido a um deles. Era coisa que não faria. O filme era malfeito e o som, ainda pior. Não se

entendia metade das coisas que os artistas diziam.

Tom Mix procurara outra solução. Levara um show de vaqueiros para a Europa e estava, segundo diziam os jornais, fazendo um sucesso louco por lá com seu cavalo Tony. Era uma coisa para se pensar. Seu próprio show continuava em ação e ainda rendia algum dinheiro. Se ele participasse do espetáculo, a renda seria bem melhor. Ou isso, ou teria de aprender a tocar violão.

Era esse o novo *western*: um *cowboy* cantor e um violão. Sentiu um leve desgosto assim que pensou isso. Dera grande resultado para o tal Gene Autry. O único problema, segundo ouvira de um dos vaqueiros, era fazê-lo manter-se na sela sem cair. Tex Ritter estava ainda muito bem na Columbia, também.

Nevada olhou para a casa. Fora o maior erro que cometera na vida, uma ratoeira de um quarto de milhão. Para que ela funcionasse normalmente, havia permanente necessidade de vinte empregados. A casa comia dinheiro como uma matilha de lobos devorando um veado desgarrado.

A fazenda de gado que tinha no Texas havia começado a dar algum lucro no começo da crise, e ele ainda se dava por muito feliz que cobrisse as despesas. As porcentagens que recebia com a renda dos brinquedos e das roupas de Nevada Smith tinham diminuído, pois o interesse dos garotos se voltava para os *cowboys*. Só lhe restavam sua parte no show e o rancho onde as divorciadas se hospedavam no Estado de Nevada. De tudo isso lhe sobravam no máximo dois mil dólares por mês. As despesas, só com a manutenção da casa, andavam, em seis mil por mês.

Rina havia se oferecido para entrar com parte das despesas, mas ele não aceitara. Achava que era o homem quem deveria pagar contas. Mas, naquela ocasião, mesmo com os empréstimos de *O renegado* pagos, não lhe seria possível manter a casa sem golpear a fundo seu capital. O lógico seria livrar-se dela.

Não poderia fazê-lo sem prejuízo. Thalberg, da Metro, já lhe oferecera cento e cinquenta mil por ela. Assim, não teria pelo menos de pagar comissão a um corretor.

Tomou a decisão. Não adiantava ficar esperando que alguém o procurasse para novos filmes. Sairia em excursão com o show e venderia a casa. Começou a se sentir melhor. Diria tudo a Rina quando ela chegasse do estúdio naquela noite.

O telefone do poste junto à cerca começou a tocar. Levou o cavalo até lá.

— Alô.

— Sr. Smith?

Era a voz do mordomo.

— Sim, James. O que é?

— A sra. Smith gostaria que fosse tomar o desjejum com ela no solário.

Nevada hesitou. Era estranha a rapidez com que os criados percebiam quem era a pessoa mais importante da família. James lhe falava agora com a mesma distante cerimônia com que outrora se dirigia a Rina.

— Posso dizer à sra. Smith que estará presente? — perguntou o mordomo. — Creio que está esperando alguns fotografos da revista *Screen Stars*.

Então era isso. Nevada sentiu uma ponta de ressentimento. Era a primeira vez em muitos meses que Rina o convidava para tomarem o café da manhã juntos, e só o fazia por interesse publicitário. Mas logo controlou esse sentimento. Afinal ela não tinha culpa. Trabalhava, havia meses, dia e noite.

— Diga-lhe que irei logo que levar o cavalo para a cocheira.

— Agora só mais uma foto servindo o café para Nevada e pronto — disse o fotógrafo.

Nevada pegou a xícara e Rina levantou o bule de prata para servi-lo. Os sorrisos automáticos e profissionais se mostraram no rosto de ambos.

Haviam feito toda uma série. Rina preparando os ovos com *bacon* enquanto ele observava por cima do ombro dela; a torrada queimada; um dando comida ao outro na boca; tudo o que os leitores de revistas esperam ver de astros do cinema. Teriam assim a impressão de uma grande felicidade conjugal.

Um silêncio desagradável se instalou no ambiente depois que os fotógrafos se retiraram.

— Felizmente acabou — disse, por fim, Nevada.

— Felizmente — repetiu Rina. Em seguida, olhou para o relógio de parede e exclamou: — E melhor eu ir andando. Tenho de estar pronta para a maquilagem às sete e meia.

Já ia levantar, quando o telefone perto dela tocou.

— Alô?

Rina o olhou de maneira estranha e tornou a falar ao telefone, com suavidade na voz.

— Bom dia, Louella! Não, que ideia! Não me tirou da cama, nada. Nevada e eu estávamos acabando de tomar café... Sim, é verdade. *A moça do trapézio...* O papel é ótimo... Não, Norman decidiu não tomar Clark Gable emprestado à Metro. Ele acha que só há um homem para o papel... É claro! Nevada é o homem, lógico. Um minuto. Vou chamá-lo ao telefone e ele lhe dirá tudo pessoalmente.

Cobriu o fone com a mão e disse apressada a Nevada:

— É Louella Parsons. Bernie resolveu ontem incluir você no *cast*. Louella quer confirmação.

— O que há? — perguntou Nevada, secamente. — A MGM não quis ceder Clark Gable?

— Deixe de conversa! Pegue o telefone.

— Alô, Louella.

Ouviu a voz doce tão sua conhecida.

— Parabéns, Nevada! Acho ótimo você representar de novo ao lado de sua bela esposa!

— Espere um pouco, Louella — disse ele, rindo. — Mais devagar. Não vou fazer o filme.

— Não? — perguntou Louella Parsons, vendo que estava para descobrir mais um furo de notícia. — Por quê?

— Já combinei fazer uma temporada com meu show. E isso me deixará ocupado seis meses, pelo menos. Na minha ausência Rina procurará outra casa para nós. Acho que numa menor viveremos com mais conforto.

— Como? Vai vender Hilltop?

— Vou.

— A Irving Thalberg? Ouvi dizer que ele está interessado.

— Não sei. Várias pessoas estão interessadas.

— Vai me avisar na hora em que decidir?

— Claro!

— Não há alguma divergência entre vocês dois?

— Ora, Louella! Isso é pergunta que se faça a um casal feliz?

— Fico muito contente em ouvir isso. Vocês dois são pessoas tão maravilhosas... Em todo caso, comunique-me se houver alguma novidade.

— Fique descansada, Louella.

— Felicidade para vocês dois.

Nevada desligou o telefone e olhou para Rina. Não queria que fosse assim, mas nunca se sabe como as coisas podem acontecer.

— Você podia ter conversado comigo, antes de contar para o mundo inteiro! — disse Rina, branca de raiva.

— Não tive oportunidade! — replicou ele, também zangado, apesar de suas resoluções. — Há muitos meses que não nos falamos. Além disso, você também já deveria ter me contado sobre o filme.

— Bernie tentou falar com você ontem o dia inteiro, mas não foi possível encontrá-lo. Você não quis atender o telefone.

— Conversa! Fiquei o tempo todo em casa e ele não telefonou uma só vez. Além disso, não aceito esmolas nem dele... nem de você.

— Talvez, se você conseguisse sair dessas malditas cocheiras, pudesse perceber o que vai pelo mundo.

— Sei perfeitamente o que está acontecendo, Rina! E deixe de falar com esse jeito de estrela, está bem?

— Não adianta mesmo. Por que casou comigo?

— Ou você comigo?

E nesse momento ambos perceberam a verdade. Tinham casado porque já não havia nada entre eles e haviam procurado desesperadamente conservar o que já terminara. A consciência desse fato dissipou a cólera.

— Desculpe, Rina.

— Também peço desculpas, Nevada. Bem lhe disse que eu estragava a vida de todo mundo e que não seria boa para você.

— Não diga tolices. A culpa não foi sua. Teria de acontecer de qualquer maneira. O cinema está sofrendo uma grande transformação.

— Não é do cinema que estou falando — disse Rina. — Estou falando de nós dois. Você deveria ter casado com alguém capaz de lhe dar uma família. Eu não lhe dei nada.

— Não pense que a culpa foi toda sua. Nós nos esforçamos, mas nenhum de nós tem aquilo de que o outro precisa. Erramos. E só.

— Só poderei requerer o divórcio depois de terminar meu próximo filme — disse Rina, em voz baixa. — Não me incomodarei se você quiser requerer antes.

— Posso esperar — replicou ele, calmamente.

— Meu Deus! Estou atrasada! — exclamou Rina, olhando para o relógio. — Vou ter de correr.

Chegando à porta, parou e olhou para ele:

— Ainda é meu amigo?

— Serei sempre seu amigo.

Ela ficou ainda um momento parada e Nevada pôde ver as lágrimas que enchiam seus olhos.

Foi até a janela e a viu sair correndo e entrar no carro, que tomou o caminho do estúdio.

Rina nunca mais voltou àquela casa. Passou a noite no apartamento de Ilene. No dia seguinte se mudou para um hotel e, três meses depois, requereu o divórcio em Reno, por incompatibilidade.

E foi assim que, salvo quanto às formalidades legais, tudo acabou.

David ouviu a porta do gabinete do tio bater violentamente. Levantou e foi até lá. Encontrou o tio Bernie sentado em sua cadeira, vermelho, zangado e ofegante, tentando tirar alguns comprimidos do vidro que tinha nas mãos.

David encheu um copo de água, entregou-o ao tio e perguntou:

— O que houve?

Norman tomou os dois comprimidos e olhou para David.

— Por que não me meti no negócio de roupas feitas com meu irmão, seu tio Louie?

David sabia que nada devia dizer e ficou esperando. Norman continuou:

— Cinquenta a cem ternos por dia. Tudo calmo e tranquilo. À noite, Louie vai para casa. Come e dorme. Nada de preocupações, úlceras, irritações. E assim que se deve viver. Calmamente. E não como um cão! Não como eu vivo!

— O que houve? — tornou a perguntar David.

— Como se eu já não tivesse de sobra com que me afligir, agora os acionistas acham que estamos perdendo dinheiro demais. Corro para Nova Iorque a fim de dar explicações. O sindicato ameaça fazer uma greve nos cinemas. Consigo fazer um acordo para que ao menos não se fechem os cinemas. Depois, recebo da Europa a notícia de que Hitler confiscou todos os nossos bens na Alemanha; escritórios, cinemas, tudo! Mais de dois milhões de dólares os antissemitas nos roubaram. Então, os seguradores e os banqueiros se queixam de que os nossos filmes não têm repercussão. Compro os direitos do maior sucesso artístico da Broadway. *Manchas solares* é o nome da peça. É uma coisa tão artística que nem eu entendo o que quer dizer.

— Agora fico com essa bomba artística nas mãos. Falo a respeito com todos os diretores de Hollywood. Não sou tão tolo assim a ponto de não ver logo que eles também nada entendem da coisa. Em vista disso, contrato o diretor que levou a peça ao palco, Claude Dunbar. Um perfeito idiota. Só que está ganhando cinquenta mil dólares.

— Cento e cinquenta mil dólares já gastos e nada de produção. Telefone então para Louie e peço que me empreste Greta Garbo. Ele ri na minha cara. Seu dinheiro não chega para isso, diz ele. Além do mais, precisamos dela para o nosso próprio prestígio. Ela vai fazer *Anna Christie*, de Eugene O'Neill. Desisto dele e telefono para Jack Warner. Pode ser Bette Davis? Espere um minuto, diz ele. E eu fico no telefone dez minutos.

— Aquele camelô pensa que não sei o que ele está fazendo? Está é telefonando para o irmão Harry em Nova Iorque. E aqui estou eu com uma ligação interurbana em Nova Iorque, e ele telefonando para Harry, que está pertinho de mim. Tenho vontade de dizer-lhe que largue o telefone. Posso telefonar para o irmão dele por um níquel.

— Finalmente, Jack volta ao telefone, noventa e cinco dólares depois. Diz que estou com sorte. Ela está desocupada até setembro. Posso tê-la por cento e cinquenta mil dólares. Por cento e cinquenta mil, não me faça favores, digo eu. O máximo que ela está recebendo por filme é trinta, a trinta e cinco mil, talvez nem isso.

— Quanto você quer pagar? pergunta ele. Eu digo cinquenta mil. Nem pense nisso, diz ele. Está bem, então setenta e cinco, digo eu. Por menos de cento e vinte e cinco, nada feito, diz ele. Negócio fechado, digo eu. Fechado, diz ele. Desligo o telefone. Paguei cento e trinta e cinco dólares por um telefonema em que só falei dois minutos.

— Volto então à Wall Street e digo aos banqueiros que agora, sim, vamos ter prestígio. O

filme vai ser tão artístico que duvido até que se consiga fazer uma só pessoa entrar no cinema. Ficam todos muito satisfeitos, dão-me parabéns e volto para Hollywood.

Bernie perdeu o fôlego de repente e bebeu o resto da água do copo.

— Não acha que isso é atrapalhão demais para qualquer pessoa?

David assentiu com a cabeça.

— Você concorda então que minhas atrapalhões já passavam da conta? Pois bem, quem é que eu encontro à minha espera senão Rina Marlowe? Rina, meu bem, digo eu, você está positivamente linda hoje. Ela me agradece ao menos com um alô? Não! Mete-me um número do *Repórter* diante da cara e pergunta: Isto é verdade?

— Pego o jornal e vejo a notícia de Bette Davis no filme. Digo: Por que está tão nervosa, querida? Isto não é para uma artista como você, uma bomba dessa! Tenho um papel para você, espetacular. *Scheherazade*. Os costumes são de fechar o comércio! E sabe o que foi que ela me disse?

— O quê? — perguntou David.

— Depois de tudo o que tenho feito por ela, ouvir Rina dizer isso para mim! — murmurou Bernie, com uma voz cheia de profunda tristeza. — Tire a mão de meus peitos e fique sabendo que, se eu não tiver *esse* papel, você pode meter *Scheherazade* dentro desse traseiro gordo! E saiu, batendo a porta. O que acha disso? E eu só estava procurando acalmá-la. Ela trepa com quase todo mundo em Hollywood e tem coragem de me falar desse jeito!

David também tinha ouvido falar muito dela. Logo que se separara de Nevada, ela parecera ter perdido todo o controle. Todo mundo sabia que as festas que dava em sua casa nova em Beverly Hills eram verdadeiras orgias. Falava-se dela até com Ilene Gaillard, a desenhista de costumes. Mas, como nada disso tinha sido divulgado nos jornais ou revistas, haviam fechado os olhos. O que ela fazia particularmente só interessava a ela, desde que não os prejudicasse.

— O que vai fazer? — perguntou David.

— O que eu posso fazer, David? Vou dar o papel a ela. Se ela nos abandonar, perderemos duas vezes mais do que estamos perdendo.

Pegou um charuto, acendeu-o e disse:

— Vou telefonar para ela hoje à tarde e dar a notícia. Não. Tenho uma ideia melhor. Você irá à casa dela hoje à tarde e falará com ela. Não quero que ela pense que eu estou me curvando à sua vontade.

— Está bem — disse David, levantando para voltar ao seu gabinete.

— Espere um pouco. Sabe quem foi que encontrei no Waldorf na última noite que passei em Nova Iorque? Seu amigo.

— Que amigo?

— Você sabe, o maluco. O aviator, Jonas Cord.

David ficou satisfeito de que o tio ainda se lembrasse de uma conversa que tinham tido sobre Cord alguns anos antes. Ele e Cord nunca haviam trocado uma só palavra. Duvidava até de que Cord tivesse conhecimento de sua existência. Mas perguntou:

— Como vai ele?

— O mesmo. Parece um vagabundo. Sem gravata e de sapatos de tênis. Não sei como ele se arranja dessa maneira. Qualquer outra pessoa seria posta para fora do Waldorf, mas ele não. Isso mostra que para os *goyim* não há nada como o dinheiro.

— Conversou com ele?

— Claro que sim. Li nos jornais que ele vai fazer outro filme. Quem sabe, pensei comigo mesmo, ele pode ter outro golpe de sorte. Além disso, na situação em que estamos, ele pode ser útil. Pagáramos um bocado de contas com o dinheiro dele.

— Eram duas horas da madrugada e ele estava de braço dado com duas pequenas. Chego perto dele e digo: Alô, Jonas. Ele me olha como se não me conhecesse. Não se lembra de mim?, digo eu. Bernie Norman, de Hollywood. Ah, sim, diz ele.

— Mas pela cara dele não posso saber se ele lembra de mim ou não. Estava com a barba por fazer! Estas duas moças são artistas, diz ele. Não vou dizer o nome delas, senão você as contratará. Agora, quando gosto de uma pequena, contrato-a para a Cord Explosives. Não me arrisco mais a perdê-las como quando você contratou a tal Marlowe. Dizendo isso, deu-me tal pancada de brincadeira no ombro que fiquei duas horas sem poder levantar o braço.

— Sorri como se nada tivesse sentido e disse: No nosso negócio é preciso andar depressa senão se fica para trás. Mas isso são águas passadas. Quero falar sobre esse novo filme que soube que está fazendo. Fizemos um bom serviço no seu primeiro filme e acho que devemos conversar.

— O que está fazendo agora?, pergunta ele. Eu, nada. Ele se volta para as meninas e diz: Fiquem esperando aqui. Depois, me pega pelo braço e diz: Vamos para o meu escritório. Olho para ele cheio de surpresa e pergunto: Tem um escritório aqui no Waldorf? Tenho escritório em todos os hotéis dos Estados Unidos, diz ele. Tomamos um elevador e ele diz: Mezanino, por favor. Saímos pelo corredor e chegamos a uma porta. Olho para a placa. CAVALHEIROS. Olho para ele. Ele dá um riso irônico enquanto abre a porta. Meu escritório, diz ele. Dentro tudo está branco e vazio. Há uma mesa e uma cadeira para o servente. Ele senta na cadeira e eu noto, para minha surpresa, que está muito sério, nada de sorrisos.

— Ainda não decidi onde vou distribuir o filme, diz ele. Depende de onde puder encontrar as melhores condições. Bem pensado, mas não posso dizer nada enquanto não souber sobre o que é o filme, digo. Simples. É sobre os aviadores na Guerra Mundial. Comprei uns cinquenta aviões velhos: Spad, Fokker, Nieuport, De Havilland.

— Ora, um filme de guerra, digo eu. Não serve. Depois de *Nada de novo no front*, ninguém quer mais saber de filmes de guerra. Mas já tive uma experiência com você, sei de sua sorte e sou capaz de tentar mais uma vez. Quais as condições que está procurando? Ele olha para mim e diz: Despesas gerais de estúdio, dez por cento; distribuição, quinze por cento, com todas as despesas deduzidas da receita bruta antes de calcular as porcentagens de distribuição. Isso é impossível!, digo eu. Minhas despesas gerais são de vinte e cinco por cento, no mínimo.

— Não serve, diz ele. Mas não vou discutir com você. Quero apenas fazer umas contas bem simples. De acordo com seu relatório anual, suas despesas gerais foram em média nestes últimos anos de vinte e um por cento. Durante esse período, *O renegado* contribuiu com vinte e cinco por cento de sua receita bruta. Deduza isso de sua receita bruta e verá que as despesas gerais foram a quase trinta e seis por cento. O mesmo se aplica no estúdio. É o volume que regula as porcentagens e sou eu que entro com o volume. Não se aplicam a mim, portanto, as porcentagens comuns. Quero um pouco do caldo, como dizem vocês.

— Não posso fazer isso, digo eu. Do jeito que está o cinema, você não pode deixar de fazer isso, diz ele. Os diretores da companhia nunca aprovarão, digo eu. Aprovarão, sim. Espere mais um pouco e verá, diz ele, levantando. Faz uma pausa com um sorriso e diz: Por que não aproveita para urinar, já que está aqui? Fiquei tão surpreso que me dirigi para um dos mictórios.

Quando acabei, vi que ele não estava mais lá. Procurei-o no dia seguinte antes de tomar o trem, e nada. Ninguém sabia dele e até o escritório dele não sabia de sua presença em Nova Iorque. É um homem difícil, fique sabendo.

— Bem lhe disse que ele aprenderia depressa — disse David ao tio. — As contas dele estão certas.

— Acha que não sei disso? Mas será que ele é tão pobre que eu tenha de dar a ele o pão de minha própria boca?

— Tenha a bondade de me seguir, senhor — disse o mordomo. — A srta. Marlowe está no solário.

David o seguiu escada acima e até os fundos da casa. O mordomo parou à frente de uma porta e bateu.

— O sr. Woolf está aqui, senhora.

— Diga-lhe que entre — gritou Rina lá de dentro.

O mordomo abriu a porta e David apertou um pouco os olhos, ofuscado pelo brilhante sol da Califórnia. O teto e as paredes eram inteiramente de vidro.

Numa das extremidades havia um biombo alto. A voz de Rina fez-se ouvir de lá:

— Sirva-se de um drinque aí no bar. Não demoro.

Viu o bar num canto. Havia cadeiras cobertas de lona espalhadas por toda parte e um grande tapete branco que cobria quase todo o chão.

Ilene Gaillard saiu de trás do biombo. Estava com uma camisa branca de mangas arregaçadas e com *slacks* de corte masculino bem apertados nos estreitos quadris. O cabelo mechado estava cuidadosamente escovado para trás.

— Olá, David. Deixe que eu o sirvo.

— Obrigado, Ilene.

— Faça outro martini para mim — disse Rina, de trás do biombo.

Ilene olhou para David.

— O que você quer?

— Uísque, água e um pouquinho de gelo.

— Está bem — disse ela, muito ativa atrás do bar. Pouco depois, estendeu o copo para ele: — Veja se está bom.

— Ótimo! — respondeu ele, depois de provar.

— Meu martini está pronto? — perguntou Rina atrás dele.

David virou-se. Rina estava saindo de trás do biombo, amarrando um roupão branco. Vislumbrou uma parte da coxa enquanto ela se movia e calculou que ela estava completamente nua dentro do roupão.

— Olá, Rina.

— Olá, David. Onde está meu drinque, Ilene?

— Escute — disse Ilene. — David veio evidentemente tratar de negócios. Por que não espera para beber depois da conversa?

— Deixe de ser mandona e faça o drinque! Sabe, David, meu pai me dava martinis quando

eu ainda era uma garotinha. Martini para mim é como se fosse água. Ilene parece não compreender isso.

— Pronto — disse Ilene, com voz meio ressentida.

Rina bebeu e brindou:

— Viva, David!

— Viva!

Ela bebeu metade do martini de um gole e levou David para um grupo de cadeiras.

— Sente-se — sugeriu ela, ao mesmo tempo que se sentava também.

— Bela casa a sua.

— É agradável. Ilene e eu nos divertimos muito mobiliando-a. Ilene tem um senso de colorido admirável. Você devia "falar com seu tio para deixá-la fazer uma experiência no departamento de arte. Tenho certeza de que ela se saíria muito bem.

— Rina — disse Ilene, com uma nota de satisfação na voz. — Estou certa de que David não veio até aqui para falar a meu respeito.

— Vou falar com o tio Bernie. Também tenho toda confiança nela.

— Está vendo? — disse Rina. — O mal de Ilene é que é modesta demais. É uma das pessoas mais talentosas que já conheci.

Entregou o copo a Ilene.

— Mais um pouco.

David viu-lhe de relance os seios fartos. Ela precisaria de um pouco mais que massagens para não engordar se continuasse a beber daquele jeito.

— Como é? — disse Rina, de repente. — O velho patife resolveu me dar o papel no filme?

David respondeu prontamente:

— Você tem de compreender a posição de meu tio, Rina. Você é o elemento mais valioso da companhia. Não pode, portanto, censurá-lo se ele hesita em incluí-la num filme que quase certamente será um abacaxi.

— Nada disso! — Rina exclamou, belicosamente. — O que acontece é que ele acha que não sou capaz de representar bem e que eu só presto para aparecer tão nua quanto possível.

— Ele a considera uma excelente atriz, Rina. Além disso, você é uma estrela nata. Procura protegê-la. É só.

— Eu mesma me protejo. Mas o que quero saber é se o papel é meu ou não?

— É seu.

— Ótimo — disse ela, tomando mais um gole. — Diga a seu tio que não usarei sutiã na próxima vez que for ao gabinete dele.

— Tenho certeza de que ele ficará muito contente — replicou David, rindo. Largou o copo de uísque e levantou.

— Acho que ele quer é trepar comigo — disse ela.

— Quem não quer? — perguntou ele, rindo. — Posso apontar-lhe pelo menos sessenta milhões de homens que pensam nisso de vez em quando.

— Você não está entre eles.

— Quem disse?

— Eu mesma. Você nunca me passou uma cantada.

— Tomara que um dia eu tenha coragem suficiente.

— Está com coragem agora? — perguntou ela, desamarrando o cinto do roupão, que se abriu, mostrando o corpo nu. David a encarou. Ficou tão surpreso que nem pôde falar.

— Vá lá para baixo, Ilene — disse Rina, sem desviar os olhos dele. — Vá ver se o almoço já está pronto.

David viu de relance os olhos de Ilene quando ela passou correndo por ele e se dirigiu para a porta. Mesmo que vivesse cem anos, nunca se esqueceria do abismo de dor e angústia que viu naqueles olhos.

Até conhecer Rina Marlowe, Claude Dunbar só amava três coisas na vida: sua mãe, a si mesmo e ao teatro, nessa ordem. O seu *Hamlet* em trajes modernos fora a mais aplaudida produção shakespeariana já apresentada num teatro de Nova Iorque. Mas foi a direção que imprimiu a *Manchas solares*, peça em tudo medíocre, que o levou ao ponto culminante de sua carreira.

Era uma peça com apenas três personagens: dois garimpeiros que viviam isolados à margem de um grande deserto, e uma jovem amnésica que um dia apareceu no acampamento dos dois. A peça se desenvolve com um conflito entre os dois homens. O mais moço tentava proteger a moça da lascívia do mais velho, mas acabava sucumbindo à lascívia da moça.

Muitas falas e pouquíssima ação. Assim, apesar de a peça já estar há um ano em cartaz na Broadway, Dunbar ficou tão surpreso quando Norman telefonou dizendo que havia comprado os direitos da peça e convidando-o para dirigir o filme, que aceitou sem hesitação. Mas só depois de chegar à Califórnia ficou sabendo quem ia desempenhar o papel principal.

— Rina Marlowe? — exclamou em conversa com Norman. — Mas pensei que seria Bette Davis.

O produtor olhou fixamente e disse em tom confidencial:

— A Warner me passou a perna. Então logo pensei em Rina.

— Não há outra, sr. Norman? — perguntou Dunbar, gaguejando um pouco, como sempre acontecia quando se sentia confuso. — Que tal a atriz que fez o papel no palco?

— É uma desconhecida. Essa sua peça é muito importante. Temos de protegê-la com toda bilheteria que pudermos conseguir. Rina nunca fez um filme que não rendesse muito dinheiro.

— Não duvido. Mas será que ela sabe representar?

— Não há melhor atriz em Hollywood. Você é diretor. Vá à casa dela hoje à tarde com o *script* e veja pessoalmente.

— Sr. Norman...

Mas Norman já o tomara pelo braço levando-o até a porta.

— Seja justo, sr. Dunbar. Dê uma oportunidade à moça, trabalhe com ela um pouco. Depois disso, se ainda achar que não serve para o papel, voltaremos a conversar.

O produtor havia se livrado dele com tanta eficiência que ele só percebeu quando se viu diante da porta fechada, enquanto as três secretárias o olhavam espantadas.

Ficou vermelho e, para dissimular sua confusão, dirigiu-se à moça sentada à mesa mais próxima da porta.

— Pode me dizer onde mora a srta. Marlowe? E como se chega lá?

A secretária sorriu, pegando eficientemente o telefone.

— Posso fazer melhor que isso, sr. Dunbar. Vou providenciar para que um carro o leve até lá.

Naquela tarde, antes de ir à casa de Rina, Claude Dunbar entrou num cinema para ver o mais recente filme da atriz. O filme lhe provocou um sentimento misto de fascinação e horror. Era indiscutível que se tratava de uma mulher belíssima. Tinha até uma espécie de encanto animal que agradava a certas plateias. Mas não era o tipo exigido pelo enredo da peça.

A moça da peça era melancólica, introvertida, amedrontada. Enquanto tentava recuperar

a memória, sua aparência deixava transparecer os sentimentos que a atormentavam. Ela era torturada e consumida pelo calor do deserto. Despertava o desejo dos homens não por sua aparência física mas pelo simples fato de ser uma mulher. E só no final a peça revelava que a raiz de seu pavor era sua tendência à devassidão.

Na tela, Rina se mostrava excitante e audaciosa, tendo consciência de sua sexualidade e insinuando-a para a plateia. Não havia nenhuma sutileza em sua maneira de representar. Mas era inegável a vitalidade que dela emanava. Quando aparecia na tela, quem estivesse em cena ficava em plano secundário, e não era possível desviar os olhos dela.

Saiu do cinema e foi para o hotel, onde o carro iria pegá-lo. Como era seu costume sempre que se sentia perturbado, telefonou para a mãe.

— Sabe quem querem incluir no filme, mamãe?

— Quem? — perguntou ela, com sua calma habitual.

— Rina Marlowe.

— Não!

— É verdade, mamãe. O sr. Norman me disse hoje que não puderam conseguir Bette Davis.

— Você só tem uma coisa a fazer: arrumar as malas e voltar para casa — disse a mãe firmemente. — Diga ao sr. Norman que tem uma reputação a zelar. Afinal, ele lhe prometeu Bette Davis e você não pode aceitar como substituta essa loura insignificante.

— Mas eu já disse ao sr. Norman que falaria com Rina Marlowe. Ele me assegurou que se eu não ficasse satisfeito com ela arranjará outra estrela.

— Está bem, meu filho. Mas nunca se esqueça de que o mais importante de tudo é sua integridade artística. Se não estiver satisfeito, volte para casa.

— Sim, mamãe. Eu amo você.

— Amo você também. Tome cuidado — disse ela, completando o ritual de despedida.

Rina entrou na sala onde ele a esperava, vestindo um manto preto que lhe cobria o corpo dos pés ao pescoço. O cabelo platinado estava penteado para trás e amarrado com uma fita na nuca. Não usava nenhuma maquiagem.

— Sr. Dunbar — disse, aproximando-se dele sem sorrir, com a mão estendida.

— Srta. Marlowe — respondeu ele, segurando sua mão. Surpreendeu-se com o vigor que os dedos de Rina transmitiam.

— Estava ansiosa por conhecê-lo. Tenho ouvido falar muito no senhor.

— Também tenho ouvido falar muito na sua pessoa — disse ele, sorrindo.

— Claro que sim — Rina sorriu pela primeira vez. — Do contrário, como estaria aqui logo em seu primeiro dia de Hollywood? Deve estar curioso para saber por que quero trabalhar em *Manchas solares*, não é mesmo?

— Sim, srta. Marlowe, por quê? Sua posição no cinema já é tão boa...

— Escute, vamos deixar de rodeios. Para todos os efeitos, sou uma atriz. Mas não sei até que ponto posso ir como atriz. E isso o que quero descobrir, e o senhor é o único diretor que pode me ajudar.

Ele a olhou um momento e perguntou:

— Já leu o *script*?

Ela confirmou com um gesto.

— Lembra-se da primeira fala da moça quando chega ao acampamento?

— Lembro.

— Leia para mim — pediu Claude, passando-lhe o *script*. Ela então disse, sem abrir o *script*:

— Meu nome é Mary. Sim, é isso mesmo. Acho que meu nome é Mary.

— Está apenas dizendo as palavras, srta. Marlowe, mas não está sentindo o que significam. Não está sentindo o esforço que representa para a moça tentar lembrar seu próprio nome.

Franziu a testa e continuou:

— Ponha-se no lugar da moça e fale mais ou menos assim: "Não consigo lembrar o meu nome. Mas devia lembrar. Deve ser um nome conhecido. Tenho sido chamada por esse nome a minha vida toda e, apesar disso, é difícil para mim lembrá-lo. Ainda que seja um nome muito comum na igreja e que eu o tenha pronunciado até em minhas orações. Parece que minha memória está voltando agora! Acho que já sei! Meu nome é Mary. Sim, é isso mesmo. Acho que meu nome é Mary".

Rina o encarou em silêncio. Levantou e foi até a lareira. Pôs as mãos no console, de costas para ele. Puxou de repente a fita, deixando o cabelo cair até os ombros, e virou-se para ele.

Seu rosto ficou subitamente sombrio e aparentando cansaço. Ela murmurou com voz rouca:

— Meu nome é Mary. Sim, é isso! Acho que meu nome é Mary.

Claude Dunbar sentiu um arrepio violento pelo corpo. Era o que sempre sentia quando encontrava no teatro alguma coisa realmente grandiosa.

Bernie Norman apareceu no *set* no último dia da filmagem. Balançou a cabeça contrafeito enquanto abria a porta e caminhava para o estúdio. Ele deveria ter tido juízo bastante para não contratar aquele sujeito para dirigir o filme. Pior ainda, deveria ter mandado examinar a cabeça quando se deixara convencer a comprar aquela história. Tudo nela era absoluta insensatez.

Para começar, o início das filmagens havia sido adiado um mês. Isso porque o diretor exigiu trinta dias para ensaiar Rina no papel. Norman só cedeu quando Rina disse que não começaria a trabalhar enquanto Claude não estivesse satisfeito. Nisso foram gastos cento e cinquenta mil dólares só de salários.

Depois, Dunbar havia insistido em fazer tudo como fora feito no teatro. O orçamento pouco interessava. Mais cinquenta mil se foram nessa decisão. Outra exigência dizia respeito ao som: tinha de ser som perfeito em todas as cenas. Nada de arranjos ou remendos. Todas as palavras perfeitas, como se fossem ditas no palco. Pouco se importava com o número de tomadas que fossem necessárias. "Por que o patife iria se preocupar com isso?", pensou Norman. Afinal não era dele o dinheiro que estava em jogo.

A produção do filme passara três meses do prazo. Um milhão e meio jogados fora. Norman espremeu os olhos ao chegar à área mais iluminada do estúdio.

Felizmente era a última cena. Era a que se passava na frente da cabana, quando a moça abre a porta de manhã e vê os dois homens mortos. O velho fora assassinado pelo mais moço, que depois se matara também ao compreender a que abismo a moça o levava. Ela tinha apenas de olhar para os dois homens, chorar um pouco e seguir pelo deserto afora. Simples. Nada poderia sair errado. Dez minutos, e tudo estaria terminado.

— Todos em seus lugares!

Os dois atores se estenderam diante da cabana. Um diretor-assistente e a *script girl* verificaram rapidamente as posições, conferindo-as com fotografias anteriores da cena, e fizeram algumas correções. A mão de um ator estava em posição errada; havia uma mancha no queixo do outro.

Norman viu Dunbar dar o sinal.

— Câmara!

O filme começou a ser rodado, e Dunbar disse calmamente:

— Ação!

Norman sorriu para si mesmo. Aquilo era fácil. Não havia nem som para complicar as coisas. A porta da cabana começou, pouco a pouco, a se abrir. Rina apareceu, e olhou para os dois homens.

Norman ficou irritado. Era de esperar que aquele bandido ao menos lhe rasgasse um pouco o vestido. Afinal, aquilo se passava no deserto. Mas não: o vestido a cobria até o pescoço como se fosse no meio do inverno. O mais belo par de seios do cinema, e Dunbar os escondia daquele jeito.

A grande câmara começou a se aproximar para um *close*. Rina levantou lentamente a cabeça e olhou para a câmara. Um instante se passou. Outro instante.

— Chore! — gritou Dunbar. — Chore! Vamos!

Rina piscou os olhos. Nada aconteceu.

— Corta! — gritou Dunbar.

Dirigiu-se para o *set*, passando por cima de um dos homens prostrados para chegar até Rina.

— Nesta cena, você tem de chorar, lembra-se?

Ela se limitou a concordar com um gesto.

Dunbar voltou então para seu lugar ao lado da câmara. Rina tornou a entrar na cabana, fechando a porta. O diretor-assistente e a *script girl* conferiram de novo as posições e saíram do *set*.

— Câmara!

— Cena 317, tomada 2 — disse o homem da placa, saindo logo da frente da câmara.

— Ação!

Tudo aconteceu exatamente como da outra vez até o momento em que Rina olhou para a câmara. Ficou ali com os olhos parados e secos e, então, afastou-se de repente para o lado.

— Corta! — gritou Dunbar, indo de novo para o palco.

— Desculpe, Claude — disse Rina —, mas não consigo. Creio que é melhor usarmos maquilagem.

— Maquilagem! — gritou furioso o diretor-assistente. — Faça aparecer as lágrimas!

Norman concordou intimamente. Não adiantava desperdiçar dinheiro. Na tela, ninguém era capaz de perceber a diferença. Além disso, as lágrimas falsas davam ainda melhor fotografia; rolavam pelas faces como esferas de rolamento bem lubrificadas.

— Nada de maquilagem! — gritou Dunbar.

— Nada de maquilagem! — repetiu seu assistente. — Suspendam as lágrimas!

Dunbar olhou para Rina e disse:

— Esta é a última cena do filme. Dois homens estão mortos por sua causa e eu só quero uma lagrimazinha de nada. Não é porque você tenha pena deles ou de você mesma. É porque quero ver se ainda há alguma coisa dentro de você, se você ainda tem uma alma. Não muito, mas o bastante para mostrar que você é uma mulher e não um animal. Compreendeu?

Rina fez que sim.

— Então vamos ver!

Ele voltou para seu lugar ao lado da câmara e se inclinou um pouco para a frente, olhando intensamente enquanto Rina saía da cabana. Olhou para os homens e depois para a câmara, que começou a se aproximar.

— Agora! — disse Dunbar, quase num sussurro. — Chore!

Rina olhou para a câmara que se aproximava. E nada aconteceu.

— Corta! — gritou Dunbar, correndo furiosamente para a cena.

— Que diabo de mulher é você?

— Por favor. Claude — suplicou ela.

— Estamos fazendo esse filme há cinco meses. Tenho trabalhado dia e noite por uma razão apenas. Você queria provar que é uma atriz. Pois bem, já fiz tudo o que me era possível. Não vou destruir a unidade e integridade deste filme justamente na última cena só por sua ineficiência. Quer ser uma atriz, não é? Então prove que é! Represente!

Deu-lhe as costas e afastou-se. Norman cobriu o rosto com as mãos. Dez mil dólares por dia era o que aquilo estava custando. Deveria ter tido mais juízo.

— Ação!

O produtor olhou a cena por entre os dedos. Dessa vez, Dunbar estava falando com Rina em voz baixa.

— Assim, assim, saia pela porta. Você olha para o chão e observa os dois corpos. Primeiro para Paul, depois para Joseph. Vê a arma na mão de Joseph e compreende o que aconteceu. Começa a olhar para cima e a pensar. Estão mortos. Talvez não os amasse, mas viveu com eles, utilizou-se deles. Talvez por um momento um deles lhe tenha trazido um fragmento de sua memória, a memória que você perdeu e nunca recuperou. Por uma fração de segundo o véu se levanta. E você vê seu pai, seu irmão, o filho que você não teve, ali estendidos na areia. Lágrimas encham seus olhos.

As mãos de Norman desceram-lhe do rosto. Prendeu a respiração quando se colocou um pouco para o lado, pois a câmara estava obstruindo parte da cena. Rina estava chorando. Lágrimas de verdade.

Dunbar ainda falava com Rina.

— As lágrimas chegaram mas o véu desceu de novo e você não pode saber por que está chorando. As lágrimas param e seus olhos ficam secos. Agora, você se volta e olha para o deserto. Olha, na solidão das areias, alguém a espera, alguém que a fará recobrar a memória. Você encontrará essa pessoa lá. Então saberá quem realmente é. E você começa a caminhar pelo deserto lentamente... lentamente... lentamente...

Dunbar calou-se enquanto Rina começava a caminhada, inspirando compaixão mesmo com a forma altiva e ereta do corpo. Norman correu os olhos em volta. Todos estavam olhando para Rina. Tinham esquecido tudo o mais. Sentiu os olhos molhados. Até a ele aquela maldita cena havia emocionado!

— Corta! — gritou Dunbar com voz rouca e vitoriosa. — Podem copiar esta!

E caiu na cadeira, exausto.

O palco se transformou num pandemônio. Todo mundo batia palmas e até os veteranos da equipe riam de alegria. Norman correu para o palco e apertou, muito agitado, a mão de Rina.

— Você foi admirável, menina! Magnífica!

Rina olhou para ele. Por um momento, foi como se ele estivesse muito longe. Então, seus olhos se clarearam. Olhou para Dunbar, sentado em sua cadeira rodeado pela equipe da câmara e pelos seus assistentes, e voltou-se novamente para Norman.

— Acha mesmo?

— E eu diria isso se não fosse verdade, menina? — perguntou ele sorrindo. — Você me conhece muito bem. Agora, descanse durante algumas semanas enquanto eu preparo tudo para a filmagem de *Scheherazade*.

Ela se voltou e viu Dunbar aproximando-se lentamente, com as linhas de exaustão aparecendo no rosto magro e emaciado de homem de quarenta anos.

— Muito obrigada — disse, tomando a mão de Dunbar.

Ele deu um sorriso cansado.

— É uma grande atriz, srta. Marlowe — elogiou, voltando a tratá-la com cerimônia agora que o trabalho estava terminado. — Foi uma honra trabalhar a seu lado.

Rina sentiu uma nova vitalidade estuar em seu íntimo.

— Mas está que não se aguenta em pé! — exclamou.

— Isso é fácil de curar. É só repousar um pouco — murmurou Dunbar. — Acho que não dormi direito uma noite desde que o filme começou.

— Deixe que eu resolvo isso — disse Rina confidencialmente. — Ilene!

De algum lugar na multidão, Ilene apareceu quase no mesmo instante.

— Telefone para James e diga-lhe que prepare o quarto de hóspedes para o sr. Dunbar.

— Mas, srta. Marlowe — protestou o diretor —, não quero absolutamente dar-lhe esse incômodo.

— Acha então que posso deixá-lo ir para um quarto de hotel no estado em que se encontra?

— Mas prometi a mamãe que telefonaria para ela no momento em que terminasse o filme.

— Pode telefonar de minha casa — disse Rina, sorrindo. — Lá também há telefones.

Norman bateu no ombro de Dunbar.

— Faça o que Rina está dizendo, Dunbar. Precisa descansar. Não se esqueça de que ainda tem dez semanas de edição do filme pela frente. Mas não se preocupe, pois fez um filme excelente. Não me espantaria se ambos ganhassem prêmios da Academia!

Norman não acreditava nisso quando falou, mas foi exatamente isso o que aconteceu.

Nelia Dunbar, sessenta e três anos de idade e forte como um rochedo, atravessou a sala e olhou para o filho.

— Aquela mulher é um monstro — disse ela calmamente.

Sentou-se no sofá ao lado do filho e fez a cabeça dele descansar em seu ombro.

— Eu ficava só pensando quanto tempo você levaria para descobrir a verdade sobre ela. Eu avisei que seria loucura você casar com ela.

Claude nada disse. Não era preciso. Encontrara a velha segurança nos braços da mãe. Tinha sido sempre assim. Desde criança, quando voltava da escola perseguido e maltratado pelos outros garotos. A mãe o conhecia. Não era necessário dizer coisa alguma quando ele se sentia perturbado e confuso. Ela sabia. Instintivamente, ela havia se mudado para a Califórnia logo após o casamento de Claude com Rina.

Nunca fora muito forte; ao contrário, sempre frágil e franzino. Além disso, a grande tensão a que sua atividade criativa o submetia o deixava exausto e mais fraco ainda. Nessas ocasiões a mãe tomava todas as providências. Levava-o para a cama e cuidava ternamente dele, às vezes durante semanas a fio. Ela lhe servia comida, trazia jornais, e lia para ele os livros que ambos amavam.

Quase sempre Claude achava que eram esses os momentos mais felizes de sua vida. Ali, no ambiente agradável de seu quarto, que a mãe havia decorado para ele, se sentia repousado e protegido. Tudo o que desejava vinha facilmente às suas mãos. Toda a sordidez e mesquinha do mundo ficavam lá fora, bem longe das paredes seguras daquele quarto.

O pai nunca fora mais que uma vaga sombra nebulosa. Quase não se lembrava dele, pois morrera quando Claude tinha apenas cinco anos. A morte do pai praticamente não havia mudado o curso de suas vidas, pois ele os havia deixado em boa situação financeira. Não eram ricos, mas não sentiam falta de coisa alguma.

— Volte para aquela casa e pegue as poucas coisas de que precisa — disse a mãe. — Venha para cá. Pela manhã trataremos do divórcio.

— Mas, mamãe, eu nem sei o que falar a um advogado.

— Não se preocupe. Deixe que me encarrego de tudo.

Claude sentiu que um fardo pesado lhe fora tirado dos ombros. Mais uma vez, a mãe dissera as palavras mágicas. Mas, quando chegou diante da casa e viu o carro de Rina à porta da garagem, teve medo de entrar. Podia haver outra cena e ele não aguentaria passar por aquilo de novo. Não tinha mais forças para isso.

Olhou para o relógio de pulso. Quase onze horas. Ela não tardaria a sair; pois tinha um almoço marcado no estúdio. Desceu a rua até o bar da esquina com a rua Sunset. Tomaria um drinque enquanto esperava. E poderia ver o carro de Rina descer pela colina.

O bar estava escuro quando ele entrou; as cadeiras ainda colocadas sobre as mesas, mas já estava aberto e havia um freguês sentado a uma mesa com uma garrafa de cerveja a sua frente. Claude sentou em um banco do bar, perto da janela, de onde podia ver a rua.

Sentiu um arrepio. Começara a chuveirar um pouco antes de ele chegar, e tudo indicava que ia ser uma daquelas tardes desagradáveis e friorentas tão incomuns na ensolarada Califórnia. Sentiu arrepios e teve receio de que fosse ficar resfriado.

— Uísque e água quente — pediu ao garçom, lembrando-se da primeira bebida que a mãe

lhe preparava aos primeiros sinais de um resfriado.

O garçom o olhou espantado.

— Água quente?

— Sim, por favor.

Claude notou que o outro freguês, um jovem de casaco amarelo, também estava olhando para ele.

— E uma rodela de limão, se tiver — recomendou.

Pegou a caneca fumegante, tomou um gole e sentiu o calor encher-lhe o estômago. Olhou pela janela e viu que já estava chovendo. Pegou a caneca novamente e percebeu com surpresa que estava vazia. Resolveu tomar outro uísque. Havia tempo. Sabia exatamente o que Rina estava fazendo naquele momento. Fez um gesto chamando o garçom.

Naquele momento, ela estava sentada em frente à penteadeira, aplicando e limpando a maquilagem até ficar exatamente como ela queria. Trataria então do cabelo, fazendo-o cair negligentemente mas com cada fio quase no lugar marcado.

Tinha uma superstição: não ser pontual. Chegava no mínimo com uma hora de atraso. Ele ficava às vezes alucinado por ter de esperar por ela, mas ninguém mais parecia incomodar-se com isso. Seus atrasos eram uma coisa sabida e aceita por todos.

Claude olhou para a caneca. Estava vazia outra vez. Pediu outro drinque. Estava começando a se sentir melhor: Rina ficaria surpresa quando voltasse para casa e visse que ele levava tudo o que era dele. Não o chamaria mais de meio homem. Ia ver que homem era ele quando o advogado a procurasse com os papéis do divórcio. Saberá então que não poderia passá-lo para trás.

E nunca mais ela o olharia como na noite do casamento: com piedade e desprezo ao mesmo tempo. E, o que mais o incomodava, ele tinha consciência de ter permitido que ela o conhecesse profundamente, deixando-a penetrar todos os segredos mais íntimos de sua alma, segredos que ele procurava esconder até de si mesmo.

Ele havia entrado no quarto escuro, levando uma bandeja com uma garrafa de champanhe gelado e duas taças.

"Trouxe vinho para minha amada."

Começaram a se acariciar. Era tudo delicado e belo, como sempre imaginara que seria, porque ele era virgem. Encontrara conforto e paz nas curvas tão femininas daquele corpo, estendido ali na cama, tão passivo e sem exigências. Havia até começado a pensar num poema em louvor a sua beleza ao sentir na carne as mãos ansiosas.

Ficou um momento como que paralisado, sentindo aqueles dedos estranhos. Depois relaxou, porque o toque era tão leve e delicado que ele mal o percebia. Sentiu um tremor no corpo de Rina e logo depois outro; uma súbita onda de calor pareceu emanar dela.

Um grito nasceu então do fundo dela e ele se sentiu puxado para ela, enquanto as mãos febris lhe rasgavam as calças do pijama. Não se mostrava mais passiva e delicada. Não queria mais saber o que ele sentia e precisava. Estava tomada de verdadeira alucinação e os dedos o machucaram enquanto ela tentava guiá-lo e forçá-lo a entrar nela.

De repente, sentiu-se dominado por um terror selvagem. Teve medo da prorrompente sensualidade exigida por aquele corpo, que antes estivera latente, à espera daquele momento para então repastar-se em sua virilidade e devorá-lo. Estava quase entrando em pânico, quando conseguiu desvencilhar-se, e ficou ali de pé, todo trêmulo, ao lado da cama.

Tentou cobrir-se com o pijama despedaçado e ouviu a respiração ofegante dela se acalmar. Ouvia o rumor dos lençóis amarfanhados e olhou para ela.

Ela fora para o seu lado na cama e o olhava com o cobertor descuidadamente jogado sobre os quadris. Os seios arquejavam e os bicos ainda estavam túmidos de paixão. Os olhos pareciam chamejar quando disse:

— Você é mesmo a espécie de homem que dizem que você é?

Ele sentiu o calor do sangue queimar suas faces. Não havia deixado de perceber as insinuações que faziam a seu respeito, mas não se incomodava, pois as pessoas comuns não eram capazes de compreender como o trabalho o absorvia.

— Não! — disse ele vivamente.

— Que espécie de homem é você, então?

Ele se ajoelhou ao lado da cama, e disse com lágrimas nos olhos:

— Procure compreender. Casei com você porque a amo, mas não sou como os outros. Minha mãe diz que sou extremamente nervoso e sensível.

Ela não respondeu e ele viu em seu olhar a terrível mistura de piedade, desprezo e compreensão.

— Não me olhe assim, meu amor. Da próxima vez será melhor. Eu não estarei tão nervoso. Eu a amo! Eu a amo! Eu a amo!

Ela começou a alisar gentilmente sua cabeça. Pouco a pouco as lágrimas cessaram, e ele tomou as mãos de Rina, beijando-as, agradecido.

— Será melhor, querida — ele prometeu.

Mas nunca chegou a ser melhor. Havia na completa feminilidade do corpo de Rina, em sua terrível sexualidade, alguma coisa que o aterrorizava a ponto de reduzi-lo à absoluta impotência.

— O que você disse?

Essas palavras o fizeram voltar do passado para o presente. Era o outro freguês, o jovem de casaco amarelo, que falava com ele.

— Pensei que houvesse dito alguma coisa. Desculpe.

Claude ficou aborrecido. Não havia dúvida de que realmente falara. Sentiu-se embaraçado. Era muito comum falar sozinho quando estava engolfado em seus pensamentos.

— Falei, sim — disse então, tentando disfarçar sua confusão. — Disse que o tempo ficou horrível.

O homem voltou os olhos para a janela e murmurou:

— É verdade.

Claude olhou-o. Parecia muito amável, e de certo modo muito bem apessoado. Devia ser um ator desempregado que tinha passado para tomar uma cerveja até a chuva passar. Pegou sua caneca, e viu que estava de novo vazia.

— Posso oferecer-lhe um drinque? — perguntou.

— Gostaria de mais uma cerveja — disse o moço. — Obrigado.

— Uma cerveja para este senhor, e me encha de novo esta caneca — disse Claude ao garçom.

Foi só três drinques depois, quando viu o carro de Rina passar, que lhe ocorreu a ideia.

Afinal, havia muita coisa dele na casa e não lhe seria possível carregar tudo sozinho.

Depois de tocar a campainha pela segunda vez, lembrou-se de que era quinta-feira e todos os criados estavam de folga. Tirou a chave do bolso. Subiram ambos a escada até seu quarto. Claude abriu o armário e tirou uma maleta.

— Esvazie essas gavetas — disse ao jovem. — Vou pegar outra maleta.

Quando voltou ao quarto, o outro estava olhando o retrato de Rina que ele tinha em cima da mesa.

— Quem é essa?

— Minha mulher — respondeu Claude de mau humor. Mas logo em seguida riu, dizendo: — Que surpresa ela vai ter quando chegar em casa e não me achar.

— Você é o marido de Rina Marlowe?

— Sou, mas felizmente por pouco tempo. Graças a Deus!

— O que você tem na cabeça para abandonar uma pequena como esta?

Claude arrebatou o retrato da mão do outro e o jogou contra a parede. O vidro se despedaçou e o tapete ficou cheio de cacos. Claude virou-se e foi até o banheiro. Tirou o paletó e afrouxou a gravata. Abriu a torneira da pia para lavar as mãos, mas o barulho da água o fez lembrar de uma vez em que entrara no *solarium*. A água borbulhava no *solarium* no momento em que tomou conhecimento da presença de Rina, que estava deitada nua na mesa enquanto Ilene lhe dava massagens.

Ilene estava nua da cintura para cima, com as pernas metidas nas calças justas que sempre usava. Notou os músculos fortes das costas enquanto trabalhava com as mãos no corpo de Rina.

Rina tinha a mão por sobre os olhos para protegê-los do sol. Torcia o corpo sensualmente ao contato das mãos de Ilene. Quando ambas perceberam sua presença, Rina levantou o braço e Ilene voltou-se. Claude ficou surpreso ao ver como seu busto era sumido.

— Continue, querida — disse Rina a Ilene.

Ilene começou obedientemente a fazer as massagens. O corpo de Rina pareceu readquirir o ritmo sensual, enquanto virava a cabeça para olhar Claude com visível sarcasmo. Em dado momento, ela estendeu os braços, pegou a cabeça de Ilene e levou-a até o ventre.

— Beije-me, amor — disse, ainda olhando para Claude.

Ele fugiu dali imediatamente, ouvindo os risos zombeteiros das duas, misturados ao barulho da água ecoando em seus ouvidos.

A lembrança da cena o fez levar angustiado as mãos ao rosto banhado de suor. Sentia o corpo pegajoso e úmido. Resolveu tomar um banho de chuveiro.

A água quente do chuveiro o acalmou. Era como se sentisse na pele o mesmo calor bom que lhe dava o uísque. Ensaboou-se com o sabonete delicadamente perfumado que a mãe mandava buscar especialmente para ele em Londres.

Saiu do chuveiro, esfregando-se vigorosamente com a toalha. Olhou-se com satisfação. Gostava de se sentir limpo. Procurou o roupão, mas não o encontrou no lugar de sempre.

— Quer pegar o roupão azul no armário para mim? — pediu ele irrefletidamente.

Apanhou o vidro de água de colônia e começou a friccionar o corpo com ela. De repente, levantou os olhos para o espelho. O jovem estava olhando para ele através da porta aberta. Tinha o roupão no braço e havia tirado o casaco amarelo, revelando uma *t-shirt* suja.

Claude viu que o jovem era cabeludo como um macaco, nos braços, nos ombros e no peito.

Teve uma indizível sensação de nojo.

— Pode deixar em cima da cadeira — disse ele cobrindo-se parcialmente com a toalha.

Mas o jovem, com um sorriso canalha, entrou no banheiro e fechou a porta com o pé.

— Saia daqui — gritou Claude, encolerizado.

O rapaz não se moveu e seu sorriso aumentou.

— Deixe disso — exclamou ele. — Eu sei que não foi para arrumar as malas que você me trouxe, não é?

— Saia daqui ou gritarei por socorro — disse ele, sentindo um estranho medo.

— Quem é que vai ouvir? Você mesmo me disse que era o dia de folga dos criados.

— Patife! — exclamou Claude.

Nesse momento, levou um tremendo soco na cabeça e ficou estendido no chão. Procurou levantar-se atordoado e disse, com a voz entrecortada:

— Por favor, vá embora.

O rapaz levantou a mão ameaçadoramente. Claude tentou esquivar-se mas não foi rápido o suficiente. A mão aberta o atingiu em cheio no rosto jogando-o contra a pia. Olhou para o rapaz com os olhos apavorados.

— Eu sei que você no fundo não quer mesmo que eu saia — disse ele, tirando o cinto. — Acho que você é do tipo que gosta de apanhar antes.

— Não sou não!

— Não? — disse o jovem, irônico, levantando o cinto. — Não tente me enganar. Eu estou vendo.

Por um instante, Claude não soube o que ele queria dizer, até que se olhou. Um pensamento maluco lhe ocorreu. Se Rina pudesse vê-lo naquele momento, não diria mais que ele não era um homem.

O cinto o atingiu nas costas, fazendo-lhe correr pela espinha um arrepio de agonia.

— Basta! — gritou ele. — Não me bata mais!

Claude levantou com dificuldade do chão e olhou para o quarto. O jovem havia saído, levando todo o dinheiro. Voltou para o chuveiro e abriu a água quente.

Sentiu as forças voltarem à medida que a água encharcava sua pele. Pensou nas coisas horríveis que haviam acontecido, lembrando-se das indignidades a que o desconhecido o submetera. Experimentou, contudo, um estranho sentimento de satisfação. Se fosse mais forte, o outro teria visto o que era bom. Sentiu a exaltação crescer-lhe dentro do peito, pensando como devia ter tomado o cinto das mãos do outro para espancá-lo até escorrer sangue. A alegria era quase tanta quanto se ele houvesse assim procedido.

Foi nesse momento que percebeu a verdade. Involuntariamente deu um grito, no terror doloroso da revelação. Nunca poderia ter desempenhado aquele papel heroico e viril. O que os outros diziam dele era verdade. Só ele fora cego a essa realidade, até que seu próprio corpo o traiu.

Sentiu-se invadido de atordoada cólera. Sem fechar a torneira, saiu do boxe do banheiro. Abriu o armário de remédios e apanhou a velha navalha que usava desde que havia começado a fazer barba, a navalha que sempre considerara um símbolo de sua virilidade.

Começou a se cortar com uma raiva cega de si mesmo. Se não podia ser homem, ao menos não queria tornar-se mulher. Golpeou-se repetidamente até que, perdendo as forças, caiu por terra.

— Eu a amaldiçoo! — gritou, chorando. — Eu a amaldiçoo, mamãe!
Foram essas as últimas palavras que proferiu.

David Woolf estava à porta do banheiro, sentindo a náusea subir pela boca do estômago. Havia sangue por toda parte, nos ladrilhos azuis e brancos do chão e das paredes, na banheira, na pia, no vaso.

Era difícil acreditar que apenas meia hora antes ele se encontrava na tranquilidade de seu gabinete quando o tio Bernie abriu violentamente a porta. Seu rosto estava vermelhíssimo, agitado.

— Vá o mais depressa possível para a casa de Rina Marlowe! Um dos rapazes da publicidade recebeu da delegacia de polícia de Beverly Hills a notícia de que Dunbar se suicidou!

David já estava na porta, quando o tio ainda gritou:

— Faça tudo para proteger Rina! Temos dois milhões de dólares de filmes em negativo feitos com ela e que ainda não foram distribuídos.

No caminho pegou Harry Richards, chefe de policiamento do estúdio. Richards, que tinha sido sargento da polícia, se encarregaria dos entendimentos com os policiais. Encurtou caminho por Goldwater Canyon, e chegou à casa de Rina vinte minutos depois.

Já encontrou dois funcionários da funerária erguendo o corpo de Dunbar numa pequena padiola em forma de cesto, coberta por uma lona branca. David encolheu-se para deixá-los passar pela porta.

Acendeu um cigarro, o que não lhe aliviou absolutamente a náusea. De repente, ouviu no andar de baixo uma gritaria incrível e se espantou. Imaginou que Rina houvesse conseguido livrar-se do médico que a atendia. Mas, quando olhou da escada, verificou que não era Rina, e sim a mãe de Dunbar.

Debatia-se nas mãos de dois guardas de rosto vermelho que a continham, enquanto a maca passava.

— Meu filhinho! — gritava ela. — Deixem-me ver meu filhinho!

Os funcionários da funerária passaram impassíveis por ela e chegaram à porta. David conseguiu ver a multidão de repórteres lá fora, e começou a descer a escada, ouvindo sempre os gritos da mulher.

Ela conseguira se livrar em parte de um dos guardas e se agarrara ao corrimão da escadaria.

— Aquela cadela assassinou meu filho! — gritava, com uma voz que parecia encher a casa toda. — Matou-o porque soube que ele ia voltar para mim!

Parecia decidida a subir a escada.

— Levem daqui essa velha maluca!

David voltou-se, surpreso ao ouvir aquela voz áspera dizer essas palavras atrás dele no alto da escada. Era Ilene, com uma expressão feroz de cólera no rosto.

— Levem-na daqui! O médico já tem muito trabalho com Rina e ninguém precisa ouvir os gritos dessa histérica!

David olhou para Richards e fez um sinal. No mesmo instante, Richards se aproximou de um dos guardas e falou baixinho com ele. Os dois guardas desistiram então de qualquer aparência de delicadeza. Agarraram com força a mãe de Dunbar. Um deles tampou-lhe a boca, e ela foi quase que arrastada para fora do vestíbulo. Pouco depois uma porta lateral bateu, e fez-se silêncio.

David olhou de novo para cima, mas Ilene já havia desaparecido. Richards aproximou-se:

— Disse para os guardas a levarem ao Sanatório Colton.

David fez um gesto de aprovação. O dr. Colton saberia o que fazer. O estúdio mandava muitos de seus artistas para lá quando precisavam de repouso. Colton não a deixaria falar com ninguém enquanto não a tivesse acalmado.

— Telefone para o estúdio e peça que mandem alguns dos seus homens para cá. Não quero repórteres aqui dentro depois que a polícia for embora.

— Já telefonei. Agora vamos para a sala de estar. Quero apresentá-lo ao tenente Stanley.

O tenente Stanley estava sentado à mesinha do telefone com um caderno de notas aberto a sua frente. Levantou-se para apertar a mão de David. Era um homem magro de barba e cabelo grisalho. David achou que parecia mais guarda-livros que um detetive.

— Foi sem dúvida uma coisa terrível, tenente! — disse David. — Já apurou mais ou menos o que aconteceu?

— Acho que sim. Uma coisa é indiscutível: foi suicídio. Mas ainda há um ponto duvidoso.

— Qual é?

— Investigamos os movimentos de Dunbar, como usualmente fazemos — disse o detetive. — E sabemos que ele pegou um desconhecido no bar antes de vir para cá. Pagou a despesa com um maço gordo de notas, mas não encontramos dinheiro algum. O corpo tem algumas contusões na cabeça e nas costas que o legista não sabe explicar. O *barman* nos fez uma boa descrição do homem. Nós o apanharemos.

— E de que vai adiantar isso? — perguntou David. — Tem certeza de que Dunbar se suicidou. O que o tal desconhecido poderá dizer-lhe?

— Há alguns sujeitos que se especializam em pegar um homossexual, dar-lhe uma surra para seus fins particulares e depois roubá-lo.

— E daí?

— Daí Dunbar não é o único homossexual no nosso distrito — replicou o tenente. — Temos uma lista deles, com seguramente um metro de comprimento. Na maioria não dão trabalho, e até têm direito a alguma proteção.

David olhou para Richards e este se conservou impassível. Voltou-se então para o policial.

— Agradeço muito por ter falado comigo, tenente. Fiquei bem impressionado pela eficiência com que está tratando do caso.

Saiu da sala, deixando Richards e o tenente. Ainda da porta pôde ouvir a voz de Richards.

— Escute, Stan. Se os jornais souberem disso, vai ser uma confusão tremenda lá no estúdio. Já basta o prejuízo que vamos ter com a notícia do suicídio.

David subiu a escada. Trazer o velho sargento foi a coisa melhor que poderia ter feito. Tinha certeza de que não haveria nos jornais qualquer referência a outro homem. Encontrou Ilene, na saleta ao lado do quarto de Rina, atirada numa cadeira.

— Como está ela? — perguntou.

— Dormindo. O médico deu-lhe um sedativo capaz de derrubar um cavalo.

— Você precisa de um drinque — David sugeriu caminhando para o pequeno bar. — E eu também. Uísque está bem?

Ela não respondeu e ele preparou dois copos. Um rubor apareceu no rosto dela após tomar

um grande gole.

— Foi horrível! — disse Ilene.

David manteve-se em silêncio, e ela continuou:

— Rina teve um almoço e nós só chegamos em casa às quatro horas. Subimos para nos vestir às quatro e meia. Rina me disse que estava ouvindo água correr no banheiro de Claude. Os criados estavam todos de folga, e ela me pediu que fosse ver. Deve ter pressentido que havia alguma coisa porque não voltei imediatamente. Entrou no quarto no momento em que eu ainda estava telefonando para a polícia. Procurei impedi-la de ver o que havia acontecido, mas, quando me dei conta, ela já estava na porta do banheiro.

Ilene parou um pouco de falar. Pousou o copo numa mesinha e olhou em volta à procura de um cigarro. David prontamente ofereceu-lhe um e o acendeu. Ela continuou:

— Ela estava ali parada. Olhando para ele, olhando para toda aquela sangueira, e começou a dizer repetidamente: Eu o matei! Eu o matei! Sempre matei todos que me amaram! Daí começou a gritar bem alto.

David levantou para encher de novo o copo. Quando voltou, disse, pensativo:

— Se há uma coisa que nunca pude compreender, Ilene, foi por que ela se casou com Claude.

— Este é o ponto central do problema — disse Ilene um pouco exaltada. — Nenhum de vocês jamais procurou compreendê-la. Para vocês, ela nunca passou de boa bilheteria, de dinheiro no banco. Nenhum de vocês se interessou por ela como realmente ela é. Vou contar para você por que ela se casou com ele. Foi porque tinha pena dele, foi porque queria fazer dele um homem. E é por isso que ela está estendida aí na cama, chorando como uma desesperada, embora esteja dormindo sob a ação dos sedativos. Está chorando porque falhou.

O telefone tocou. Tocou novamente. David olhou para ela.

— Eu atendo — disse ele. Tirou o fone do gancho. — Alô?

— Quem fala?

— David Woolf — respondeu automaticamente.

— Quem fala aqui é Jonas Cord.

— Sr. Cord, sou da Norman...

— Eu sei. Lembro de você. Você é o homem que resolve as dificuldades de Bernie. Acabo de saber do caso pelo rádio. Como vai Rina?

— Está dormindo. O médico deu-lhe uns sedativos fortes.

Houve um longo silêncio do outro lado do fio e David chegou a pensar que Cord havia desligado. Mas a voz de Jonas se fez ouvir novamente.

— Foram tomadas todas as providências necessárias?

— Acho que sim.

— Muito bem. Faça tudo o que for necessário. E se precisar de alguma coisa, fale comigo.

— Fique descansado. Farei isso.

— Não me esquecerei do que está fazendo — disse Cord.

Ouviu-se um clic: Jonas havia desligado. David voltou para a cadeira.

— Era Jonas Cord.

Ilene estava com o rosto entre as mãos e não fez qualquer comentário.

David ficou pensando em sua conversa com Cord. Não fazia sentido: pelo que sabia de Cord, não era do tipo de homem que ficava dando telefonemas de cortesia. Era justamente o contrário. Talvez houvesse entre ele e Rina alguma coisa mais do que ele sabia.

Quatro meses se passaram antes que David visse Rina novamente. Estava sentado no sofá do gabinete do tio, quando ela entrou efusivamente.

— Rina querida! — exclamou Bernie, levantando e abraçando entusiasticamente a artista.

O produtor recuou um pouco para olhá-la, e quase deu uma volta em torno dela, como se fosse uma novilha premiada numa exposição de gado.

— Mais esbelta e mais bela que nunca!

Rina olhou para o lado, e disse:

— Olá, David.

— Olá, Rina. Como vai você?

— Estou bem. Quem não estaria depois de três meses de descanso numa fazenda-sanatório?

— E o filme que você vai fazer agora será uma espécie de outras férias — disse Norman, rindo.

Rina o olhou com um leve sorriso no rosto.

— Vamos, velho bastardo! Conte logo de que se trata.

Norman riu, alegre.

— Sabe que ainda há pouco quase não pude acreditar que era minha velha amiga que estava entrando, de tão bonita que está.

— Vamos deixar disso! Quero saber é das férias!

— África! — retrucou Norman, com um ar de triunfo. — O mais grandioso *script* sobre a selva que li depois de *Trader horn*!

— Eu sabia — disse Rina, voltando-se para David. — Eu sabia que ele acabaria querendo me transformar num Tarzan de saias!

Depois que ela saiu, David disse ao tio:

— Achei Rina mais serena, talvez mais contida.

— Claro! Está mais velha e é natural que esteja assentando a cabeça. — Norman levantou e foi para perto de David. — Só temos seis meses até a reunião dos acionistas em março.

— Ainda não sabe quem está fazendo nossas ações caírem?

— Não. Fiz tudo que foi possível para descobrir. Falei com os corretores, os acionistas, os banqueiros. Ninguém sabe. Mas as ações caem dia a dia. Comprei todas as ações que podia mas não tenho dinheiro que chegue para fazer parar uma coisa dessas. Todo o dinheiro que eu podia pedir ou tomar emprestado já se foi.

— Talvez as ações subam quando anunciarmos o próximo filme de Rina. Todos sabem que ela é um sucesso de bilheteria garantido.

— Tomara que seja assim — disse Norman. — Estamos perdendo dinheiro por todos os lados. Até nos cinemas. Esse foi o erro que cometi. Nunca devia tê-los comprado. Por causa deles tive de vender ações e tomar uma porção de dinheiro nos bancos. Filmes eu conheço, imóveis, zero. Não devia ter dado ouvidos àqueles sujeitos da Wall Street há dez anos. Agora

vendi minha companhia, não sei mais a quem pertence e nem tenho mais dinheiro.

— Ora, não adianta preocupar-se desde já. Ainda faltam seis meses para a reunião. E em seis meses muita coisa pode acontecer.

— Sim — disse Norman, desanimado —, tudo pode ficar ainda pior.

David foi para seu escritório, sentou-se à mesa e começou a passar em revista os nomes dos inimigos que o tio havia feito durante sua vida. A lista era comprida, mas nenhum deles tinha o dinheiro necessário para uma operação daquelas. Além disso, quase todos eram do cinema, e tinham feito ao tio tanto quanto ele lhes havia feito. Era uma espécie de jogo entre sócios de um mesmo clube. Reclamavam e brigavam, mas nenhum deles levava a coisa tão a sério que pudesse agir com tanto rancor.

De súbito, lembrou-se de Rina. Olhou para a porta e chegou a estender a mão para o telefone. Mas desistiu imediatamente. Não adiantava nada arriscar-se a ficar com cara de idiota.

Tinha, porém, uma desconfiança. Só veio a saber o quanto estava certo quando mandou Ilene internar Rina num hospital sob nome fictício, seis meses depois. Ela acabara de chegar da África, onde filmara *A rainha da selva*, e estava gravemente doente. David não queria que a imprensa soubesse disso antes da distribuição do filme.

— Jonas Cord! — exclamou Norman, indignado. — Foi Jonas Cord o tempo todo. Por que você não me disse antes?

David voltou-se da janela do hotel sobre o Central Park, em Nova Iorque, e respondeu:

— Não tinha certeza. Era apenas um palpite.

— Não tinha certeza — disse o produtor, mordendo o charuto apagado. — De qualquer maneira, deveria ter me dito.

— E no que teria ajudado? Eu não tinha nenhuma prova e, ainda que tivesse, você estava sem dinheiro para enfrentá-lo.

Norman tirou o charuto da boca, jogou-o com raiva no chão e perguntou:

— O que eu posso ter feito àquele sujeito para ele querer me arruinar?

David não respondeu, e Norman continuou:

— Nada! A única coisa que eu fiz foi fazê-lo ganhar dinheiro! Mais dinheiro para ele passar a faca no meu pescoço! E isso deve servir-lhe de lição, David. Nunca faça um favor a ninguém, nunca ajude ninguém a ganhar dinheiro. Faça tudo só para você. Do contrário, acordará com uma faca enfiada nas costas, feita com o metal que você mesmo forneceu!

David olhou para o rosto vermelho e irritado do tio, lembrando-se do que havia acontecido na reunião dos acionistas.

Norman chegara à reunião muito mais seguro de si do que nos últimos meses. A percentagem de procurações devolvidas devidamente assinadas era mais ou menos igual à de todos os anos. Só vinte e cinco por cento dos acionistas se davam ao trabalho de mandar procuração. O único interesse dos demais era saber quando começariam a receber os dividendos novamente. Mas essas procurações, e mais os oito por cento das ações que Norman tinha em seu nome, davam uma margem mais ou menos tranquila de trinta e cinco por cento das ações para decidir.

As pessoas presentes à reunião eram as mesmas de sempre. Alguns homens de negócios aposentados e algumas mulheres que possuíam no máximo dez ações e compareciam à assembleia porque não tinham nada de mais interessante para fazer. Havia também os diretores da companhia que por acaso estavam na cidade e os funcionários do escritório de Nova Iorque.

Só depois das formalidades preliminares, e quando Norman estava pedindo à assembleia que indicasse nomes para a diretoria, ele sentiu que alguma coisa não estava certa. Enquanto falava, Dan Pierce, o agente, e outro homem, que Norman conhecia de vista sem conseguir identificá-lo, entraram na sala e sentaram na primeira fila do pequeno auditório.

O vice-presidente encarregado das vendas leu rotineiramente a lista de diretores organizada por Norman. O vice-presidente encarregado das transações com os cinemas deu rotineiramente seu apoio às indicações. Um terceiro vice-presidente, encarregado das atividades estrangeiras, pediu rotineiramente que se encerrasse a indicação de nomes.

Nesse momento, Pierce levantou e disse:

— Senhor, presidente, tenho várias outras indicações de diretores da empresa para fazer.

— Não tem esse direito — replicou Norman do estrado.

— De acordo com os estatutos da empresa — disse Pierce —, qualquer acionista pode indicar tantos nomes quantos cargos houver na diretoria.

Norman voltou-se para seu vice-presidente conselheiro geral:

— É verdade isso?

O advogado nervosamente confirmou a alegação de Pierce.

— Está despedido, seu burro, bastardo! — sussurrou Norman.

Virou-se para Pierce, e gritou:

— É ilegal! É um truque para liquidar a companhia!

O homem que estava sentado ao lado de Pierce levantou.

— As indicações do sr. Pierce estão perfeitamente em ordem e posso atestar pessoalmente o direito legal que ele tem de fazê-las.

Foi então que Norman se lembrou do nome. McAllister; o advogado de Jonas Cord. Recompôs-se imediatamente e perguntou com sobriedade:

— Podem ambos provar que são acionistas?

McAllister sorriu.

— Sem dúvida.

— Quero ver as provas. Acho que tenho o direito de exigir isso!

— Claro que tem — disse McAllister, caminhando para o estrado e entregando um certificado de ações.

Norman examinou o papel. Era um certificado de dez ações regularmente passado em nome de Dan Pierce.

— São essas todas as ações que possuem? — perguntou Norman inocentemente.

— São as necessárias para provar o meu direito de intervir — disse McAllister, esquivando-se à tentativa do produtor de saber quantas ações ele representava. — Posso agora fazer as minhas indicações?

Norman assentiu com a cabeça. Pierce levantou e indicou seis nomes para a diretoria de nove pessoas. O suficiente para assegurar uma maioria de até dois terços quando fosse necessário. Tirando o nome dele e o de McAllister, todos os outros eram de pessoas desconhecidas para Norman.

Quando chegou o momento da votação, McAllister apresentou procurações que representavam quarenta e um por cento das ações da companhia, sendo vinte e cinco por cento em nome de Jonas Cord e quinze por cento de propriedade de várias casas de corretagem. Os seis nomes indicados por Pierce foram eleitos.

Norman voltou-se para seus diretores. Olhou-os um instante e cancelou seis dos nomes indicados com sua autorização, deixando na diretoria apenas ele, David e o vice-presidente tesoureiro.

Encerrados os trabalhos, Norman convocou uma reunião dos diretores naquela tarde nos escritórios da companhia para a escolha dos chefes de serviço.

Saiu da sala mortalmente pálido. Pierce alcançou-o na porta.

— Gostaria que me desse um minuto antes da reunião da diretoria, Bernie.

— Não falo com traidor de sua espécie — disse Norman, friamente. — Vá conversar com Hitler!

E saiu impetuosamente.

Dan Pierce voltou-se para David.

— Faça seu tio ouvir a voz da razão. Cord me autorizou a oferecer três milhões de dólares pelas ações dele. É duas vezes mais do que valem. Se ele não quiser vender, Cord diz que entrará em demanda com a companhia e as ações dele não serão mais do que papel de parede.

— Vou ver o que posso fazer — disse David, saindo apressadamente para alcançar o tio.

No quarto do hotel, Norman estava agitado, andando de um lado para outro e gritando seu desejo de luta. Mostraria àquele maluco do Cord que Bernie Norman não era um imbecil e que não poderia construir uma empresa como aquela partindo praticamente de zero sem ter alguma coisa na cabeça.

David olhou para ele, meio irritado. Estava cheio de ouvir tantas tolices do tio.

O velho já estava em tempo de conhecer as realidades da vida.

— Espere um pouco, tio Bernie! Como é que vai lutar contra ele? Com cusparadas no lugar de dinheiro? E, se lutar, acredita mesmo que alguém vá ficar do seu lado? Nestes últimos quatro anos, a companhia vem tendo prejuízos em cima de prejuízos. O maior filme que tivemos nesse tempo foi *O renegado*, filme de Cord, e não nosso. E o maior filme atualmente no mercado é *Demônios do céu*, também um filme de Cord. Foi o filme que você não quis distribuir porque achou que sua comissão não era suficiente! Acha que alguém em seu juízo perfeito vai hesitar entre Cord e você?

O produtor olhou para ele atônito e exclamou:

— E dizer que é uma pessoa do meu sangue que está dizendo tais coisas!

— Deixe disso, tio Bernie. Família nada tem a ver com isso. Estou apenas encarando os fatos.

— Fatos? Você quer fatos? Pois aí vai. Quem foi que comprou *Manchas solares* e fez um filme que ganhou quase todos os prêmios da Academia?

— E que também deu um prejuízo de um milhão de dólares?

— Foi minha a culpa? Avisei a todos que o prejuízo era certo. Mas queriam prestígio, e tiveram prestígio.

— Isso são águas passadas, tio Bernie. Nada tem a ver com o que está acontecendo agora. Ninguém pensa mais nisso.

— Mas eu penso. É meu sangue que estão derramando. Sou eu o sacrifício que estão oferecendo ao Golem. Mas não morri ainda. Quando souberem do filme que vou fazer com Rina Marlowe, terei todas as procurações de acionistas que eu quiser.

David olhou para o tio e, em seguida, dirigiu-se ao telefone.

— Quero dar um telefonema interurbano para o Sanatório Colton em Santa Monica, na Califórnia, quatro-três-zero-nove. Faça o favor.

Quando a ligação foi completada, voltou a falar, olhando para o tio, que estava à janela.

— Ilene? E David. Como vai ela?

— Mal — respondeu ela em voz tão baixa que ele quase não ouviu.

— O que diz o médico?

David ouviu-a soluçar no telefone.

— Coragem, Ilene. Não está na hora de se descontrolar.

— O médico diz... que ela está morrendo. Acha que é um milagre que ela tenha durado tanto. Não sabe o que a está mantendo viva.

Houve um estalo e o telefone foi desligado. David virou-se para o tio.

— Rina não fará outro filme para o senhor nem para ninguém mais. Está morrendo.

O produtor ficou ainda mais branco e deixou-se cair numa cadeira.

— Meu Deus! O que vai ser da companhia? Ela era a única chance de sobrevivência que tínhamos. Sem ela, estamos acabados. Agora, nem mesmo Cord se incomodará conosco!

— O que quer dizer com isso?

— Idiota! Será que não compreendeu ainda? Terei de traçar um diagrama para você compreender?

— Compreender, o quê?

— Cord pouco se interessa pela companhia. O que ele sempre quis foi a pequena.

— A pequena?

— Sim, Rina Marlowe. Lembra-se do encontro que tive com ele nos mictórios do Waldorf? Lembra-se de que ele me disse que não revelaria os nomes das pequenas que estavam com ele para que eu não as roubasse como havia roubado dele Rina Marlowe?

David subitamente entendeu tudo. Por que não havia pensado nisso antes? Isso explicava o telefonema de Cord na noite em que Dunbar se suicidara. Olhou para o tio com uma admiração que nunca tivera.

— O que vamos fazer agora?

— O que vamos fazer? — exclamou Norman. — Calar a boca, é claro. Vamos à tal reunião. Posso estar com o coração partido, mas se ele ofereceu três milhões pelas minhas ações chegará a cinco sem muito esforço!

Dessa vez, o sonho não se dissipou quando Rina abriu os olhos. Parecia até mais real do que nunca. Ficou um instante muito tranquila, olhando para a cortina de plástico que lhe cobria a cabeça e o peito. Virou lentamente a cabeça.

Ilene estava sentada na cadeira a observá-la. Gostaria de poder dizer a Ilene que não se preocupasse, que não havia coisa alguma de que precisasse ter medo. Já passara por aquilo tudo tantas vezes antes, em seu sonho...

— Ilene!

Ilene teve um sobressalto e se aproximou. Rina sorriu.

— Sou eu mesma, Ilene — disse num sussurro. — Não perdi o juízo.

— Rina! Rina!

E ela sentiu Ilene pegar sua mão por baixo das cobertas.

— Não chore, Ilene. Que dia é hoje?

— Sexta-feira.

— Sexta-feira, 13? — disse, sorrindo e vendo o sorriso que aparecia por trás das lágrimas no rosto de Ilene. — Telefone para Jonas. Quero vê-lo.

Fechou os olhos um momento e só os reabriu quando Ilene se aproximou novamente da cama.

— Conseguiu falar com ele?

— Não. Do escritório disseram que ele está em Nova Iorque, mas que não sabem onde ele

está hospedado.

— Procure-o e fale com ele, onde quer que esteja. Vocês não podem mais me enganar — disse Rina, sorrindo. — Já representei esta cena uma porção de vezes. Procure-o. Não morrerei enquanto ele não chegar aqui.

Um sorriso irônico apareceu em seu rosto e ela acrescentou:

— Depois, ninguém morre aqui no fim de semana. As edições dos jornais de domingo já estão todas prontas.

JONAS - 1935

LIVRO V

Puxei o manche até encostá-lo na barriga, dando uma pequena virada à esquerda. Ao mesmo tempo abri o manete, e o CA-4 deu um salto para cima, como uma flecha disparada de um arco. Sentia a força da gravidade achatando meu corpo contra o banco e fazendo o sangue ferver em meus braços. Nivelei o CA-4 ao horizonte e, quando olhei para os mostradores, vi que estávamos a quinhentos quilômetros por hora, sobrevoando o Atlântico. Long Island já havia ficado muito para trás.

Bati no ombro do piloto do Exército sentado à minha frente e gritei por cima do barulho dos dois motores e do ronco do vento na cobertura de plástico sobre nossas cabeças:

— Que tal, coronel?

Ele assentiu com a cabeça em resposta a minha pergunta, mas não se virou. Eu sabia o que ele estava fazendo. Estava verificando os mostradores à sua frente. O tenente-coronel Forrester era um dos grandes autênticos aviadores da época. Atuara com Eddie Ricken-backer e o velho esquadrão Hat in the Ring. Era muito diferente do velho general que havíamos deixado lá embaixo no Campo Roosevelt e que fora mandado pelo Exército para examinar nosso avião. O general voava muito, mas diante de uma mesa em Washington. Talvez nunca houvesse embarcado num avião. Porém era ele que aprovava as coisas. Por sorte, ao menos um piloto de verdade fazia parte de seu pessoal.

Logo que o general chegou ao hangar, acompanhado por Morrissey, percebi como ele era. Com ele estavam dois ajudantes, um coronel e um capitão. Nenhum deles usava a insígnia da Air Corps. Chegou à porta do hangar e olhou o CA-4. Franziu as sobancelhas, com um ar de desaprovção.

— Como é feio! — comentou. — Parece um sapo.

Eu estava dentro do hangar, dando uma última checada na carlinga. Ouvi perfeitamente o que ele disse. Saltei para a asa e dali para o chão, com os pés descalços. E caminhei na direção dele. Que diabo ele entendia de aerodinâmica e *design*? A cabeça dele provavelmente era tão quadrada quanto a mesa que ocupava em Washington!

— Sr. Cord!

Voltei-me. Era o mecânico. Havia uma expressão curiosa em seu rosto. Provavelmente tinha ouvido a observação do tal general.

— O que você quer?

— Daqui a pouco vamos puxar o avião para fora e não quero esmagar seus sapatos.

Olhei para ele por um momento, ri e disse:

— Obrigado.

Tratei de calçar os sapatos e, quando cheguei ao lugar onde estavam Morrissey e o general, minha cabeça já havia esfriado.

Morrissey tinha nas mãos uma cópia do projeto e das especificações, que lia para o general.

— O Cord Aircraft Four representa um conceito revolucionário para um caça-bombardeiro de dois lugares, com autonomia de voo de mais de três mil quilômetros. Velocidade de cruzeiro: trezentos e oitenta e cinco quilômetros por hora. Velocidade máxima de quinhentos e cinquenta. Pode levar dez metralhadoras, dois canhões e quase meia tonelada de bombas sob as asas num compartimento especial em sua barriga.

Olhei para o avião, enquanto Morrissey falava. Tinha sem dúvida um *design* revolucionário.

Parecia uma grande pantera negra ali no chão do hangar; o comprido nariz se projetando entre as asas enfechadas, e a bolha de plástico cobrindo a carlinga e brilhando como um enorme olho de felino no escuro.

— Muito interessante — ouvi o general dizer. — Agora, tenho só mais uma pergunta.

— Qual, senhor? — disse Morrissey.

O general riu à socapa, olhando para seus ajudantes. Estes se permitiram um sorriso tímido. Eu sabia que a velha besta ia fazer uma das suas gracinhas prediletas.

— Nós, do Exército, vemos mais de trezentos aviões revolucionários por ano. Este voa?

Não podia mais ficar calado. O milhão de dólares que eu já havia gasto com o CA-4 me dava o direito de dizer o que eu quisesse.

— Voará com quem o senhor tiver no Exército, general, desde que tenha competência para pilotá-lo. E voará melhor do que qualquer outro avião no mundo, incluindo os novos caças que Willi Messerschmitt está fabricando.

O general voltou-se para mim, surpreso. Ficou examinando de baixo para cima o meu macacão branco todo sujo de graxa.

Morrissey fez rapidamente as apresentações.

— General Gaddis, Jonas Cord.

Antes que o general pudesse falar, alguém perguntou do vão da porta atrás dele:

— Como sabe o que Willi Messerschmitt está fabricando?

Vi então que o general trouxera mais alguém com ele. Asas prateadas brilhavam em seu blusão, como as folhas de carvalho também prateadas nos ombros. Tinha perto de quarenta anos, era magro e usava bigodes. Portava apenas duas fitas na blusa: a Croix de guerre da França e a Distinguished Flying Cross.

— Sei porque ele me contou — respondi.

O tenente-coronel me olhou com curiosidade e perguntou:

— Como vai Willi?

A voz do general nos interrompeu:

— Estamos aqui para ver um avião e não para troca de informações sobre amigos comuns.

Foi minha vez de ficar surpreso. Lancei um rápido olhar para o tenente-coronel, mas uma cortina havia caído sobre seu rosto. Era fácil ver que não havia qualquer simpatia entre ele e o general.

— Sim, senhor — disse rapidamente. Depois, virou-se e olhou para o avião.

— O que lhe parece, Forrester? — indagou o general.

— Interessante — respondeu-. — Hélice de passo variável...

Ótimo! Era um homem de boa vista para haver percebido isso na fraca iluminação do hangar.

— Conceção fora do comum — continuou ele —, colocar as asas onde estão, e inclinadas para trás. Deve dar quatro vezes a área de sustentação comum.

— E dá — confirmei, dando graças a Deus por haver ali ao menos um homem que entendesse de aviões.

— E que acha da aparência, Forrester? — insistiu o general.

A cortina voltou a cair sobre o rosto de Forrester, que murmurou:

— Fora do comum, general. Diferente.

— É exatamente a minha opinião. Feio. Parece um "sapo sentado.

Eu já havia aguentado demais aquela merda.

— Costuma julgar aviões como julgaria mulheres num concurso de beleza, general?

— Claro que não — respondeu prontamente o general. — Mas há certas convenções de fabricação de aviões reconhecidas como padrões. Por exemplo, o novo caça Curtiss que fomos ver outro dia. É um avião que parece um avião e não uma bomba com asas.

— Este avião tem o dobro da blindagem. Carrega quinhentos quilos de bombas a mais, voa mil e duzentos quilômetros mais longe, mil e quinhentos metros mais alto e cento e trinta quilômetros por hora mais depressa do que o caça Curtiss de que está falando! — repliquei.

— Curtiss fabrica bons aviões — disse o general, inflexível.

Não adiantava discutir. Era como se eu estivesse falando com um muro de pedra.

— Não estou dizendo o contrário, general — retruquei. — Curtiss há muitos anos constrói aviões excelentes. Estou dizendo apenas que este é o melhor que existe.

O general Gaddis virou-se para Morrissey.

— Estamos prontos para assistir a uma demonstração de seu avião. Isto é, se o seu piloto já acabou de discutir.

Morrissey olhou nervosamente para mim. Era evidente que o general não ouvira meu nome. Mas achei melhor ficar calado. Voltei-me para o mecânico e disse:

— Pode puxar o avião para fora.

Morrissey, o general Gaddis e seus ajudantes saíram. Quando cheguei do lado de fora, vi que Morrissey e os outros haviam formado um grupo em torno do general, mas Forrester estava um pouco afastado, falando com uma mulher jovem, bonita, de olhos selvagens e boca sensual.

Acompanhei o avião até a pista de decolagem. Ouvi passos atrás de mim. Era Morrissey.

— Não devia ter tratado o general assim.

— Ora, talvez isso tenha feito bem ao velho bastardo. Deve andar tão cercado de gente que concorda com tudo o que ele diz que até poderia ser um produtor de cinema.

— Sim, está certo. Mas a venda do avião já é difícil. Soube que a Curtiss está vendendo o seu modelo a cento e cinquenta mil dólares cada um e o mínimo que podemos fazer é duzentos e vinte e cinco mil — replicou Morrissey.

— E daí? — disse eu. — É a diferença entre bosta de galinha e salada de galinha. Não se pode comprar um Cadillac pelo mesmo preço de um Ford.

Ele me olhou fixamente por um momento, depois encolheu os ombros, dizendo:

— Bem, o dinheiro é seu, Jonas.

Fiquei observando-o voltar para onde estava o general. A verdade é que ele era um bom engenheiro-aeronáutico, mas se mostrava tão ansioso que nunca poderia ser um bom vendedor.

Perguntei ao mecânico:

— Pronto?

— Tudo pronto, a sua disposição, sr. Cord.

Quando subi para a carlinga, alguém me puxou pela perna. Era o tenente-coronel.

- Incomoda-se de me levar como passageiro?
- Absolutamente. Suba!
- Obrigado. Desculpe, mas não entendi bem o seu nome.
- Jonas Cord.
- Roger Forrester — disse ele, estendendo a mão.

E foi somente naquele instante que consegui relacionar o nome dele com os fatos. Roger Forrester, um dos ases da esquadrilha Lafayette. Só ele derrubara vinte e dois aviões alemães. Tinha sido um dos meus heróis quando eu era garoto.

- Já ouvi muita coisa a seu respeito, Forrester.
- E eu a seu respeito, Cord.

Ambos rimos, e eu me senti melhor. Dei-lhe a mão e ele subiu pela asa, vindo parar ao meu lado. Olhou para dentro da carlinga e perguntou:

- Sem paraquedas?
 - Nunca uso paraquedas. Fico nervoso. É psicológico. Indica falta de confiança.
- Ele riu.

- Posso conseguir um para você, se quiser. — Ele deu outra risada.
- Quem foi que disse que eu quero?

Cinquenta quilômetros mar adentro, fiz com o avião todas as acrobacias que constam dos manuais e mais algumas que só o CA-4 podia fazer. Forrester não fez o menor sinal.

Como teste definitivo, subi na vertical até pouco mais de quatro mil e trezentos metros; o avião balançou no céu parecendo uma mosca se equilibrando na ponta de uma agulha. Então deixei o aparelho cair num parafuso alucinado, com o manche solto. Quando chegamos a quatrocentos e cinquenta metros, dei um tapinha no ombro de Forrester. O homem virou a cabeça tão depressa que ela quase saiu do pescoço. Eu ri, e gritei: — Ele é todo seu, coronel!

Já estávamos a trezentos e sessenta metros quando ele assumiu o comando; a duzentos e cinquenta, quando controlou o aparelho; a cento e oitenta, quando saiu do parafuso, e a cento e vinte, quando pode puxar o manche para trás.

Senti o avião tremer e as asas gemerem como uma pequena que está sentindo prazer. A força da gravidade me prendeu ao banco e senti o ar obstruindo minha garganta. As bolhas de ar chegaram aos meus olhos. De repente, a pressão se atenuou. Estávamos a menos de quinze metros da água quando começamos a subir.

Forrester olhou para mim e disse, sorrindo:

— Só me lembro de ter ficado tão assustado assim quando voei sozinho pela primeira vez em 1915. Tinha certeza de que o avião não perderia as asas num mergulho desses?

— Certeza não tinha! Mas não podia haver melhor ocasião do que esta para descobrir!

Ele riu. Sua mão se estendeu para frente dando leves pancadinhas no painel de instrumentos.

- Que avião! É como você disse. Voa de verdade!
 - Não precisa dizer a mim. Diga àquele velho caduco lá embaixo.
- Uma sombra desceu sobre seu rosto.

— Vou dizer. Mas não sei se adiantará muito. Agora, assumo os controles e volte com o avião para o campo.

Dava para ver Morrissey e os soldados lá embaixo no campo de pouso nos observando com binóculo. Fiz uma viragem bem ampla e dei um toque no ombro de Forrester.

— Aposto dez dólares como farei voar longe o quepe do general na primeira passagem.

Ele hesitou um momento, mas logo sorriu.

— Você manda.

Estávamos a trezentos metros de altitude. Descemos em voo rasante e nivelei o avião a cerca de cinco metros da pista. Pude ver o susto no rosto do pessoal lá embaixo. Aí puxei o manche. Passamos sobre as cabeças deles numa subida quase vertical, envolvendo-os no turbilhão de vento provocado pelo avião.

Olhei para trás a tempo de ver o capitão correndo atrás do quepe do general. Tornei a bater no ombro de Forrester. Ele olhou para trás e riu tanto que chegou a chorar.

O avião pousou com a leveza de um pombo voltando ao seu pombal. Deslizei para trás a cobertura de plástico e saltamos. Olhei para Forrester enquanto nos dirigíamos para o grupo. Todo o riso desaparecera de seu rosto, que mostrava de novo a cansada máscara de cautela.

O general já estava com o quepe na cabeça.

— Então, Forrester? — disse ele, secamente. — O que acha?

— Sem dúvida alguma, general, é o melhor caça que existe atualmente — respondeu em um tom de voz destituído de qualquer emoção. — Sugiro, senhor, que seria oportuno enviar um grupo de pilotos de prova para confirmar minha opinião.

— Acha mesmo? — perguntou friamente o general.

— É o que penso, general.

— Mas é preciso levar em conta outros fatores, Forrester. Tem qualquer ideia de quanto um avião desses poderia custar?

— Não, senhor. A minha responsabilidade se limita a dar opinião sobre o funcionamento do aparelho.

— Pois as minhas responsabilidades vão muito além disso. Deve saber que dispomos de verbas muito restritas.

— Sim, senhor.

— É bom que não se esqueça disso — exclamou severamente o general Gaddis. — Se eu aceitasse todas as ideias malucas que se metem na cabeça de vocês do Air Corps, não haveria dinheiro suficiente para sustentar o Exército por um mês.

— Sim, senhor — disse Forrester, ficando vermelho.

Eu não conseguia compreender por que ele suportava aquilo tudo. Não fazia sentido. Não com a reputação que tinha. Olhei de relance para ele, pensando por que continuava ali parado, aguentando aquela situação em silêncio. Poderia a qualquer momento ganhar vinte vezes mais em qualquer companhia de aviação do país. Só o que tinha a fazer era sair do Exército.

O general voltou-se para Morrissey e disse com voz quase cordial:

— Agora, sr. Morrissey, quer dizer com quem devemos falar a respeito de fatos e cifras relativos ao avião?

— Pode falar com o sr. Cord, general.

— Muito bem. Então vamos até o escritório falar com ele.

— Não é preciso, general — disse imediatamente. — Podemos falar aqui mesmo.

O general olhou para mim, espantado, e deu o que na opinião dele era um sorriso cordial.

— Ah! Desculpe, rapaz. Acho que não liguei os nomes.

— Não tem importância, general.

— Seu pai e eu somos velhos amigos — disse ele. — Durante a guerra, comprei boas partidas de explosivos dele e, se não se incomoda, gostaria de discutir isso com ele. Para recordar os bons tempos, apenas. Além disso, nosso contrato poderá vir a ser uma coisa muito importante, e creio que ele gostará de tratar de tudo pessoalmente.

Senti meu rosto ficar branco. E tive de fazer um grande esforço para me dominar. Quanto tempo eu ainda teria de viver à sombra de outro homem?

— Tenho certeza de que ele gostaria muito, general. Mas infelizmente terá de falar comigo. O senhor não conseguiria falar com ele.

— Por quê? — perguntou ele friamente.

— Meu pai morreu há dez anos — respondi, dando-lhe as costas e caminhando para o hangar.

Fui para a saleta dos fundos, que Morrissey usava como escritório. Fechei a porta atrás de mim e andei até a escrivaninha. Tirei da gaveta a garrafa de uísque que sempre ficava ali a minha espera. Enchi um copo de papel e deixei o uísque descer pela garganta. Queimou como o inferno. Olhei para as mãos. Estavam tremendo.

Há gente que não morre. Pode-se fazer tudo o que se quiser. Enterrar o corpo, jogar no mar ou cremar. Mas a memória da pessoa continua a atazanar nossa vida como se ela ainda fosse viva.

Lembrei-me do que meu pai dissera uma manhã no curral, nos fundos da casa. Foi pouco depois do casamento dele com Rina, e eu havia ido até lá para ver Nevada amansar um cavalo xucro. Eram cinco horas da manhã e os primeiros raios de sol projetavam a sombra alongada da figura de meu pai na areia do deserto.

O xucro era um cavalo fogoso, rijo, um pequeno vil bastardo preto que, sempre que conseguia derrubar Nevada, avançava sobre ele a coices e dentadas. Na última vez em que o derrubou, tentou até rolá-lo pelo chão. Nevada conseguiu livrar-se e pular para a cerca.

Ficou encostado à cerca, respirando pesadamente, enquanto os vaqueiros mexicanos afugentavam o animal. Seus gritos e apupos cortavam a brisa matinal.

— Ele é um louco — exclamou Nevada.

— O que você vai fazer com ele? — perguntei, curioso. Não era muito comum ver Nevada levar três quedas seguidas de um cavalo.

Os vaqueiros tinham pego o cavalo pelo cabresto e o conduziam de volta.

— Vou experimentar mais uma vez — respondeu Nevada, pensativamente. — Se não der certo vou mandar soltá-lo.

— É justamente isso que ele quer que você faça — disse meu pai, que chegava por trás de mim.

Nevada e eu nos voltamos. Meu pai já estava pronto para o seu dia de trabalho. Usava terno preto, camisa branca e uma gravata impecavelmente centrada no colarinho engomado.

— Por que não coloca uma braçadeira no focinho? Assim ele não poderá mordê-lo.

Nevada olhou para ele.

— Ninguém pode chegar perto daquele cavalo para fazer isso sem perder um braço.

— Toliche! — disse meu pai.

Pegou um pequeno laço pendurado nas estacas sobre a cerca e, passando por entre as traves, entrou no curral. Fez um cabresto com a corda enquanto andava na direção do animal.

Lá estava o xucro, escarvando o chão. Seus olhos vigiavam meu pai. Os vaqueiros apertaram com mais força as cordas no pescoço do animal. O potro empinou, recuando um pouco, assim que meu pai ergueu o cabresto. De repente avançou. Meu pai conseguiu se livrar por pouco.

Ficou ali um momento, olhando bem para os olhos do cavalo. Então tentou de novo. O xucro levantou a cabeça e golpeou com selvageria o braço de meu pai. Os cascos erraram meu pai por uma fração de centímetro.

A essa altura o xucro estava furioso de verdade, pulando e se contorcendo como se alguém o tivesse montado. Os vaqueiros puxaram mais as cordas, tentando mantê-las esticadas. Depois

de um tempo, ele se aquietou e meu pai voltou a se aproximar.

— Você, seu ordinário, filho de uma puta — disse meu pai calmamente. O cavalo arregalou os dentes e tentou mordê-lo. Meu pai desviou ligeiramente o braço, e a cabeça do animal ainda roçou nele.

— Larguem-no! — gritou meu pai aos vaqueiros.

Os dois homens se olharam por um momento; depois, abrindo os braços como querendo eximir-se de qualquer responsabilidade, largaram as cordas.

Sentindo-se livre, o animal ficou imóvel por uma fração de segundo, confuso. Meu pai estava ali, na frente dele, alto e forte em seu terno preto. Os olhos estavam fitos uns nos outros. Então meu pai começou a levantar a mão e o potro explodiu, os olhos soltando faíscas, os dentes à mostra, enquanto recuava para atacar de novo com seus coices. Dessa vez, meu pai recuou um pouco, mas atirou-se contra ele, assim que o animal tocou as patas no chão.

Vi o punho fechado de meu pai atingir o animal como um martelo, pouco acima dos olhos. O barulho do murro repercutiu até onde nós estávamos como uma pequena explosão. O xucro ficou um instante parado. Então dobrou seus joelhos, e as pernas dianteiras se enrugaram como se fossem de borracha.

Meu pai fez rapidamente uma volta para o lado, e deu uma palmada no pescoço do animal, que então se deitou de lado e ficou um momento ali, ofegante. Depois, levantou a cabeça e olhou para meu pai. Nós quatro, os dois vaqueiros, Nevada e eu, estávamos silenciosos, observando-os.

A cabeça levantada do potro projetava a comprida sombra pelo chão do curral, ao lado da de meu pai, ainda mais comprida. Os dois ficaram se encarando por alguns momentos, até que o animal pareceu dar um grande suspiro e deixou sua cabeça cair novamente no chão.

Meu pai, então, puxou as rédeas e o fez levantar-se. O potro ficou parado, com as pernas trêmulas e a cabeça baixa. Não a levantou nem quando meu pai passou pela frente dele e atravessou o curral para voltar até onde nós estávamos.

— Agora você não terá muito trabalho com ele, Nevada — disse meu pai, colocando a corda em cima da cerca. — Vamos tomar café, Jonas?

Nevada já estava dentro do curral, aproximando-se do xucro. Alcancei meu pai na varanda dos fundos. Nós nos viramos e ficamos observando Nevada montar no cavalo. Este pulou um pouco, mas era evidente que sua disposição estava quebrada.

Meu pai virou-se para mim, sem sorrir:

— Alguns cavalos são como gente. A única linguagem que entendem é uma pancada na cabeça.

— Não pensei que se interessasse tanto por cavalos — disse eu. — Nunca chega perto do curral.

— Cavalos pouco me interessam. O que me interessa é você. Ainda tem muito que aprender.

Eu dei uma risada.

— Não acho que haja muito o que aprender em vê-lo dar uma pancada na cabeça de um potro.

— Você aprendeu que Nevada não pôde montar naquele animal até que eu tornei isso possível.

— E daí?

Meu pai virou-se. Ele era um homem bem grande, com mais de um metro e oitenta de altura, mas eu era mais alto.

— Daí que você pode ser grande quanto for, mas não terá tamanho para calçar os meus sapatos enquanto eu não deixar.

Entrei com meu pai na sala de jantar. Rina estava de costas para mim e seus cabelos brilhavam como prata quando ela estendeu o rosto para meu pai dar-lhe o beijo matinal. Havia um brilho de triunfo nos olhos dele quando voltou a me olhar. Sentou-se na cadeira sem falar. Não era preciso. Eu sabia o que estava pensando. Ele não teria necessidade de me dar uma pancada na cabeça.

— Não vai tomar café conosco, Jonas? — perguntou gentilmente Rina.

— Não, muito obrigado. Não estou com fome — respondi, sentindo um nó na boca do estômago.

Saí apressadamente da sala de jantar, quase esbarrando em Robair, que ia chegando com uma bandeja. Quando voltei ao curral, Nevada estava passeando com o potro para cima e para baixo, habituando-o ao manejo das rédeas. Papai tinha razão. O cavalo não estava mais dando trabalho a Nevada.

Já se haviam passado doze anos. Mas eu ainda podia ouvir sua voz, do mesmo modo como ecoara naquela manhã, na varanda dos fundos.

— Deixe-me, velho, deixe-me! — murmurei com raiva, dando um soco em cima da escrivaninha.

— Sr. Cord!

Olhei surpreso. Morrissey estava na porta aberta, olhando para mim de boca aberta. Tive de fazer um esforço para voltar ao presente.

— Não fique parado aí, Morrissey — disse ríspida e rapidamente. — Pode entrar.

Ele entrou hesitante e, logo depois, Forrester apareceu pela porta atrás dele.

— Sentem-se e tomem um drinque — convidei, empurrando a garrafa de uísque para eles.

— Não repare, mas eu aceito — disse Forrester, pegando um copo de papel e servindo-se de uma boa dose.

— Vamos ao general — eu disse. — A propósito, onde se encontra o velho rapaz?

— Voltou para a cidade. Tem encontro marcado com um fabricante de papel higiênico.

— Ao menos, é uma coisa que ele pode testar por si mesmo.

Forrester riu, mas Morrissey não desfranziu a testa. Empurrei o uísque para ele.

— Não quer? Deixou de beber?

Não respondeu, apenas redarguiu:

— O que vamos fazer agora?

Tornei a servir-me de uísque e disse:

— Eu estava agora pensando em declarar guerra aos Estados Unidos. É uma maneira pela qual poderíamos comprovar as qualidades do nosso avião.

Nem assim Morrissey sorriu.

— O CA-4 é o melhor avião que já projetei!

— E daí? Que diabos! Você não gastou nada. O dinheiro todo foi meu. E que lucro lhe dá a construção de aviões? Tudo que você vier a ganhar com o CA-4 não chega nem à décima parte do que lhe rende a patente daquele sutiã que você fez para Rina Marlowe.

Era verdade. Mas McAllister é que vira o valor comercial da coisa e requirera uma patente em nome da Cord Aircraft. Morrissey tinha um contrato de emprego comum, que estipulava que todos os seus planos e invenções pertenciam à companhia, mas McAllister fora camarada e lhe dera como gratificação dez por cento sobre os *royalties* do sutiã especial e no ano anterior ele recebera só por isso mais de cem mil dólares. O mercado crescia sem parar. Tetas não iriam deixar de ser moda por bom tempo ainda.

Morrissey nada comentou. Então não esperei que dissesse mais nada. Era um desses camaradas que não dão o menor valor ao dinheiro. Só se interessava por seu trabalho.

Terminei meu uísque e acendi um cigarro. Estava indignado comigo mesmo. Não devia ter deixado que uma referência infeliz a meu pai me perturbasse daquele jeito. Não me faltavam recursos financeiros para enfrentar um revés, mas ninguém gosta de jogar um milhão de dólares pelo ralo.

— Talvez eu possa fazer algo — disse então Forrester. Um raio de esperança brilhou nos olhos de Morrissey.

— Acha mesmo que pode?

Forrester deu de ombros.

— Não sei ao certo — murmurou lentamente. — Eu disse talvez.

— O que quer dizer com isso? — perguntei.

— É o melhor avião que já vi. Não gostaria que o perdêssemos por causa da estupidez de um velho.

— Obrigado — eu disse. — Ficaremos gratos por tudo o que fizer.

— Você não me deve nada. Eu sou um sujeito à antiga, e tenho receio de ver o país despreparado quando as coisas começarem a acontecer.

— E isso não tardará, Forrester. Basta Hitler concluir seus preparativos

— Quando acha que será, Cord?

— Daqui a três ou quatro anos. Quando ele tiver suficientes aviões e pilotos treinados.

— Onde poderá consegui-los? Não os tem agora.

— Ele vai consegui-los. As escolas de planadores estão preparando dez mil pilotos por mês e, antes de o verão acabar, Messerschmitt começará a produção em série do seu ME-109-

— O estado-maior pensa que Hitler não poderá fazer muito quando chegar diante da linha Maginot.

— Não chegará nela — afirmei. — Voará sobre ela.

— Maior razão para que eu procure convencer essa gente a experimentar o seu avião. Escute, Cord, você fala dessas coisas como se as conhecesse bem.

— E conheço. Estive lá há menos de nove meses.

— Agora me lembro. Os jornais falaram disso. E não falaram muito bem, não foi?

— Claro que não. Certas pessoas me acusaram de ser simpatizante nazista.

— Por causa do milhão de dólares que você depositou no Reichsbank?

Lancei uma rápida olhada para ele. Forrester não era tão simples como se fazia parecer.

Então respondi:

— Acho que sim. Acontece que transferei o dinheiro para lá na véspera do dia em que Roosevelt proibiu a transferência de fundos para a Alemanha.

— Sabia que a proibição ia ser decretada, não é mesmo? Poderia ter poupado seu dinheiro se esperasse apenas mais um dia.

— Não podia esperar. O dinheiro tinha de ir para a Alemanha. Não havia outro jeito.

— Mas por quê? Por que transferiu o dinheiro se tinha consciência de que os nazistas são nossos inimigos potenciais?

— O dinheiro foi para o resgate de um judeu — disse eu.

— Alguns dos meus melhores amigos são judeus — disse Forrester. — Mas não posso nem me imaginar gastando um milhão de dólares por um deles.

Olhei-o por um momento, tornei a servir-me de uísque e disse:

— Esse judeu valia isso.

Chamava-se Otto Strassmer e começara a vida como técnico de controle de qualidade numa fábrica de porcelana da Baviera. Da cerâmica havia passado para a matéria plástica, e fora ele quem inventara o processo de moldagem de alta rapidez que eu comprara e vendera a um consórcio de industriais americanos. O nosso contrato original foi à base de *royalties*, mas, depois de estar em vigor por vários anos, Strassmer quis modificá-lo. Foi em 1933, logo depois que Hitler subiu ao poder.

Otto fora me procurar no meu quarto de hotel em Berlim. Eu estava naquela cidade por ocasião de minha visita anual à Europa, e Strassmer expôs o que desejava. Estava disposto a abrir mão de todos os *royalties* daí por diante em troca de um pagamento de quitação de um milhão de dólares, que seria depositado em seu nome nos Estados Unidos. É claro que isso era vantajoso para mim. Sua parte dos *royalties* subiria a muito mais que isso durante o período da concessão. Só não compreendia por que ele fazia isso. Então perguntei.

Levantou de sua cadeira e foi até a janela.

— Quer saber por que, sr. Cord? — perguntou no seu inglês de sotaque peculiar. — Venha ver.

Fui até a janela e olhei. Ali, na rua, diante do Adlon, um grupo de jovens vestindo camisas marrons, pouco mais que meninos, atormentavam um velho metido num capote. Duas vezes enquanto estávamos olhando, haviam empurrado o velho para a sarjeta. Pudemos vê-lo estendido no meio-fio, com a cabeça enfiada na sarjeta, o sangue correndo pelo nariz. Os rapazes ainda ficaram alguns momentos observando-o. Depois, deram-lhe alguns pontapés com mais desprezo que raiva e se foram.

Virei-me para Strassmer, sem compreender.

— Aquele homem é judeu, sr. Cord.

— E daí? Por que ele não chamou a polícia?

Strassmer apontou a esquina. Havia dois policiais.

— Aqueles dois viram tudo o que aconteceu.

— E por que nada fizeram?

— Porque têm ordens de não intervir nesses casos. Hitler afirma que os judeus não têm direitos perante a lei alemã.

— E o que isso tem a ver com você?

— Sou um judeu — disse simplesmente Strassmer.

Fiquei em silêncio por um momento. Depois acendi um cigarro.

— O que quer que eu faça com o dinheiro?.

— Guarde-o até posterior decisão minha. Minha mulher e minha filha já estão nos Estados Unidos. Ficaria muito grato se as procurasse para contar que estou bem.

— Por que não vai para junto delas?

— Talvez eu vá... no momento certo. Mas sou alemão. E ainda tenho esperança de que essa loucura passe um dia.

No entanto, as esperanças de Otto Strassmer nunca se concretizaram. Foi o que eu soube menos de um ano depois no gabinete do Reichsmarschall Göring.

— Os judeus do mundo estão condenados, como os judeus da Alemanha — disse-me ele. — Nós, da Nova Ordem, já reconhecemos isso e esperamos de braços abertos os nossos amigos e aliados do outro lado do mar que queiram unir-se a nossa cruzada.

Fiquei em silêncio, esperando que ele voltasse a falar.

— Nós, homens da aviação, sempre nos entendemos — continuou Göring.

Concordei com a cabeça.

— Sim, excelência.

— Ótimo — comentou, sorrindo. — Não temos tempo a perder.

Jogou alguns papéis em cima da mesa e disse:

— Em cumprimento às novas leis, o Reich confiscou todos os bens de um certo Otto Strassmer. Soubemos que há uma certa quantia que é devida ao mesmo e, assim, sou encarregado de ordenar-lhe que deposite esse dinheiro no Reichsbank.

Não gostei da expressão "ordenar-lhe" e disse:

— Estou procurando falar com o sr. Strassmer.

Göring sorriu,

— Otto Strassmer sofreu um grave colapso e está internado num hospital.

— Compreendo — respondi levantando.

— O Terceiro Reich não esquecerá seus amigos — afirmou o Reichsmarschall, apertando um botão em sua mesa.

Um jovem tenente apareceu na porta.

— *Heil Hitler!* — disse, o braço levantado na saudação nazista.

— *Heil Hitler!* — respondeu Göring displicentemente, e se voltou para mim. — O tenente Mueller o escoltará à fábrica Messerschmitt. Espero vê-lo de novo no jantar, sr. Cord.

A fábrica Messerschmitt me abriu os olhos. Nada havia de parecido com aquilo em matéria de fabricação de aviões nos Estados Unidos. A única coisa comparável eram as linhas de montagem de automóveis em Detroit. E, quando vi alguns dos esboços do ME-109 no escritório da Messerschmitt, não tive mais dúvidas. Se não tomássemos providências, estaríamos todos perdidos.

Naquela noite, por ocasião do jantar, Göring me levou para um canto.

— O que achou de nossa fábrica?

— Estou impressionado.

Ele assentiu, num gesto com a cabeça, agradecido.

— Bem, seguimos o padrão de sua fábrica na Califórnia. Apenas em escala um pouco maior, claro.

— Claro — concordei, tentando imaginar como eles haviam conseguido entrar na minha fábrica. Mas percebi que nada fazíamos de secreto. Até então, não havíamos trabalhado para o governo. Só fazíamos aviões comerciais.

Göring deu um amplo sorriso. Depois virou-se para ir embora. Mas voltou dizendo em voz mais baixa:

— *O fuhrer* ficou muito satisfeito com sua cooperação. Quando receberemos o dinheiro? Gostaria de dar a notícia *ao fuhrer* com certa antecedência.

— No dia em que o sr. Strassmer entrar no meu escritório em Nova Iorque — disse eu, encarando-o com firmeza.

Ele me olhou, surpreso.

— *O fuhrer* não vai gostar disso. Eu havia dito que o senhor era nosso amigo.

— Sou amigo também do sr. Strassmer.

Ele ficou me olhando, pensativo.

— Agora fico sem saber o que vou dizer *ao fuhrer*. Vai ficar muito decepcionado quando souber que não receberemos o dinheiro.

— Nesse caso, por que decepcioná-lo? Um judeu a mais ou a menos não tem grande importância para a Alemanha.

Ele concordou, pensativamente, com a cabeça.

— Talvez esse seja o melhor caminho.

Exatamente um mês depois, o engenheiro alemão entrou no meu escritório em Nova Iorque.

— Que vai fazer agora? — perguntei.

— Antes de mais nada, vou ver minha família no Colorado e descansar um pouco. Depois vou procurar trabalho. Não sou mais um homem rico.

Sorri para ele.

— Venha trabalhar comigo. Considerarei o milhão de dólares como um adiantamento sobre seus *royalties*.

Logo que ele saiu do meu escritório, dei sinal verde a Morrissey para continuar trabalhando no CA-4. Se não estava enganado, o tempo de que dispúnhamos era curto. Difícil mesmo seria fazer o Exército dos Estados Unidos compreender isso.

Olhei por sobre a escrivaninha para Forrester.

— Vou voltar para a cidade e dar alguns telefonemas para Washington — disse ele. — Vou falar também com o general. É possível que consiga convencê-lo.

— Ótimo.

Olhei para o relógio. Quase meio-dia e meia. A reunião dos acionistas deveria estar terminando àquela hora. McAllister e Pierce logo estariam de volta ao hotel, com Norman sob controle.

— Tenho um encontro marcado à uma da tarde no Waldorf — disse. — Quer que eu o leve?

— Com prazer — disse Forrester. — Tenho um almoço hoje que não gostaria de perder por nada.

Chegou ao Waldorf comigo e seguiu seu caminho enquanto eu me dirigia para os elevadores. De repente, virei-me e o vi ao lado da mulher com quem falara no campo de aviação. Estranhei, sem muito interesse, que ela não o houvesse esperado lá.

Vi Rico, o *maitre*, levá-los para uma mesa num canto. Cheguei até a entrada do salão e fiquei esperando que Rico voltasse.

— Ah, *monsieur* Cord! Vai almoçar sozinho?

— Não vou almoçar, Rico — respondi, passando-lhe uma nota. — Quero apenas fazer uma pergunta. A senhora que está com o coronel Forrester, quem é ela?

Rico sorriu com ar de conhecedor. Beijou sua própria mão.

— *Charmante*, não? É madame Gaddis, a esposa do general.

Corri os olhos em torno e fui para os elevadores. O general devia estar ali por perto. Eu bem percebera por sua atitude com Forrester. Entre eles devia haver algo mais que Exército e aviões.

Eu o vi atravessar o vestíbulo na direção dos lavatórios. Estava muito agitado e parecia necessitado de mais alívio do que podia encontrar no lugar para onde estava indo.

Pela primeira vez desde que pousara o avião no Campo Roosevelt, comecei a me sentir melhor. Tudo estava entrando nos eixos, agora.

Não estava mais preocupado. A questão agora era saber quantos aviões o Exército ia comprar.

O que eu mais queria era tomar um banho e dormir um pouco. Só conseguira pegar no sono naquela noite por volta das cinco horas da manhã. Joguei as roupas na cadeira, fui para o boxe do banheiro e abri o chuveiro. O telefone tocou várias vezes enquanto eu estava debaixo da água, mas pouco me incomodei.

Quando saí do banheiro, liguei para a telefonista do hotel e pedi que não fizesse mais ligações para mim até quatro horas da tarde.

— Mas o sr. McAllister me recomendou que o chamasse logo que o senhor voltasse. Diz ele que é urgente — insisti eu.

— Pode ligar para ele às quatro horas. Desliguei, caí na cama e dormi como uma criança.

A campainha do telefone me acordou. Olhei para o relógio de pulso ao estender a mão para o aparelho. Quatro horas em ponto. Era Mac.

— Estou tentando falar com você a tarde toda. Onde foi que se meteu?

— Estava dormindo.

— Dormindo? Temos uma reunião da diretoria nos escritórios de Norman. Já deveríamos estar lá.

— Você não me disse nada disso.

— Como eu poderia, se você não atendia ao telefone?

— Quero falar com o general Gaddis — pedi à telefonista do hotel. — Creio que ele está hospedado aqui.

Acendi um cigarro enquanto esperava. Dentro em pouco, ouvi a voz áspera pelo fone:

— Fala o general Gaddis.

— General, quem fala é Jonas Cord. Estou no meu apartamento aqui, número 31-15. Gostaria de conversar com o senhor.

— Nada temos a conversar. O senhor é um moço grosseiro, inconsciente e...

— Não é sobre minha falta de educação que desejo conversar, general. É sobre sua mulher.

— Minha mulher? — disse ele, numa explosão. — O que ela tem com nossos negócios?

— Muita coisa, se não estou enganado, general. Nós dois sabemos com quem ela se encontrou hoje às treze horas para almoçar. Não acredito que o Departamento de Guerra fique satisfeito em saber que uma questão pessoal serviu de base para a rejeição de um avião como o CA-4.

Houve um longo silêncio do outro lado do fio.

— A propósito, general, o que o senhor gosta de beber?

— Uísque — respondeu ele, automaticamente.

— Ótimo, tenho uma garrafa aqui à sua espera. Que tal daqui a quinze minutos?

Desliguei antes que ele pudesse responder e liguei para a copa; queria comer alguma coisa.

Enquanto esperava, Mac e Dan Pierce entraram. Mac estava com seu habitual ar de preocupação, mas Dan era todo sorrisos. Estava prestes a conseguir, tudo o que queria.

O telefone da copa finalmente atendeu. Ouvi o barulho dos pratos pelo telefone e, de repente, senti fome. Nada havia comido desde o café da manhã. Pedi três sanduíches de carne,

uma garrafa de leite, um bule de café, uma garrafa de uísque escocês, duas de *bourbon* e uma porção dupla de batatas fritas.

Desliguei o telefone e perguntei:

— Então? Como foram?

— Bernie guinchou como um porco sangrando — disse Pierce, rindo. — Mas sabia que nada podia fazer.

— E as ações dele?

— Não sei, Jonas — disse Mac. — Ele não quis falar com Dan.

— Mas eu falei com David Woolf — interferiu prontamente Dan. — Pedi-lhe que convença o velho a vender, do contrário entraremos com o pedido de falência da companhia.

— Já preparou tudo? — perguntei a Mac. Ele sabia do que eu estava falando, uma petição para que fosse nomeado um síndico para a massa falida.

— Está na minha pasta. Antes da reunião, falei com nossos advogados aqui. Aham que podem conseguir a decretação da falência.

— Mas você não parece muito contente com isso, Mac.

— E não estou. Norman tem muita tarimba nos negócios. Sabe perfeitamente que você perderia tanto quanto ele se requeresse a falência. Não conseguirá enganá-lo assim.

— Mas gosta muito de dinheiro, também. E não vai querer perder tudo o que tem só para me fazer companhia.

— Espero que seu raciocínio esteja certo.

— Logo veremos. Dan, conseguiu falar com Rina?

— Não. Fiz tudo o que era possível. O telefone da casa dela não atende. O estúdio não sabe onde ela está. Falei até com Louella Parsons, mas ela também não sabe do paradeiro de Rina.

— Continue tentando. Temos de encontrá-la. Quero que ela leia aquele *script*.

— Também quero — disse Dan. — Ela é a única coisa que nos está prendendo agora. Já resolvi até o caso de De Mille com a Paramount.

— A Paramount está de acordo?

— Recebi, hoje de manhã, o telegrama de Zukor, aprovando tudo.

— Ótimo — disse eu.

Seria o maior filme já feito no estilo de De Mille. Íamos filmá-lo por um processo novo chamado Technicolor, e isso nos custaria seis milhões de dólares. Era a história de Maria Madalena, e o título seria *A pecadora*.

— Não está dando um passo maior que suas pernas? — perguntou Mac. — E se ela não quiser fazer o filme?

— Vai fazer, sim — afirmei. — Para que pensa que eu quero a empresa de Norman? A única coisa de valor que eles têm é o contrato de Rina.

— Mas o contrato dela lhe dá o direito de recusar *scripts*.

— Ela vai aprovar esse.

Não podia deixar de ser assim. Eu havia mandado fazer aquela porcaria especialmente para ela.

Quando o garçom chegou e arrumou a mesa ao lado da cama, eu percebi como estava com

fome. Antes de o garçom sair, eu já havia comido um dos sanduíches de carne e tomado a metade da garrafa de leite.

Estava no meio do segundo sanduíche, quando o general chegou. Dan o trouxe até o quarto. Fiz as apresentações e pedi a Dan e a Mac que nos deixassem a sós.

— Sente-se, general — disse eu, logo que a porta se fechou. — E sirva-se do uísque. A garrafa está aí em cima da mesa.

— Não, obrigado — disse o general, de cara fechada e ainda de pé.

Peguei o terceiro sanduíche e entrei direto no assunto:

— Se eu fizer Forrester deixar o Exército, que valor terá isso para o senhor?

— O que o faz pensar que desejo isso?

Comi o resto do sanduíche e disse:

— Não vamos começar com escaramuças, general. Sou um homem crescido e tenho dois olhos. Tudo que desejo é que o Exército apure com justiça as qualidades do CA-4. Não há nenhuma outra condição.

— Por que acha que não procederei com justiça em relação ao seu avião?

— E fazer o prestígio de Forrester crescer ainda mais aos olhos de sua mulher?

Podia entender o que estava se passando dentro dele. Por um instante, cheguei a ter pena do homem. As estrelas de sua farda não significavam nada. Era apenas outro caso de um velho querendo desesperadamente prender uma mulher jovem. Quis dar alguns conselhos e dizer que se conformasse. Se não fosse Forrester, seria outro qualquer.

— Acho que vou aceitar seu uísque.

— À vontade, general.

Ele abriu a garrafa, tomou um bom gole e sentou na cadeira ao meu lado.

— Não faça mau juízo de minha esposa, sr. Cord — disse ele, quase chorando. — O que acontece é que ela é jovem e impressionável.

A mim ele não enganava. Talvez não enganasse nem a si mesmo.

— Compreendo, general.

— Bem sabe como são as mulheres jovens. Sentem-se atraídas por uniformes. Um homem como Forrester... Bem, é fácil compreender. As águias de prata no seu blusão, a Croix de guerre...

Nada disse e me servi de uma xícara de café.

— Talvez ela tenha pensado que eu era um militar assim quando se casou comigo. Mas não tardou a descobrir que não passo de um agente de compras graduado.

Tornou a encher o copo e continuou:

— O Exército é hoje uma máquina complexa, sr. Cord. Para cada homem na linha de frente é preciso haver cinco ou seis homens na retaguarda para manter os abastecimentos. E eu me orgulho de meu trabalho porque procuro dar a nossos homens o que pode haver de melhor.

— Não tenho a menor dúvida a esse respeito, general.

Levantou e olhou para mim. Talvez fosse minha imaginação, mas tive a impressão de que estava mais alto e mais apumado, quando falou:

— Foi por isso que vim falar-lhe, sr. Cord — disse ele, com tranquila dignidade. — Não foi porque o senhor resolveu meter minha esposa em assuntos estranhos às relações que devem

existir entre nós, mas para dizer-lhe que um grupo de pilotos de prova estará amanhã de manhã no Campo Roosevelt para testar seu avião. Tomei as providências hoje de manhã, logo que voltei para a cidade. Telefonei para o sr. Morrissey, mas creio que ele não conseguiu falar com o senhor.

Olhei para ele com surpresa e me senti envergonhado. Deveria ter cabeça bastante para telefonar a Morrissey antes de dar com a língua nos dentes.

Um leve sorriso apareceu no rosto do general.

— Assim sendo, sr. Cord, não terá necessidade alguma de entrar em qualquer combinação com Forrester por minha causa. Se seu avião for aprovado nos testes, o Exército irá comprá-lo.

A porta fechou-se atrás dele e eu peguei um cigarro. Recostei-me na cabeceira da cama e dei uma tragada bem forte.

A telefonista localizou Forrester no bar.

— É Jonas Cord quem fala. Estou no meu apartamento aqui no Waldorf e gostaria de conversar com você.

— Também gostaria de conversar com você. Vão testar seu avião amanhã.

— Eu sei. É por isso que quero falar-lhe.

Chegou ao meu apartamento em menos de dez minutos. Seu rosto estava vermelho, como se tivesse passado a tarde inteira ao lado de uma garrafa de bebida.

— Parece que o velho teve um lampejo de bom senso.

— É o que você acha realmente? — perguntei, enquanto ele se servia de um drinque.

— Você pode falar o que quiser, mas Gaddis é um bom soldado. Ele cumpre seu dever.

— Quer preparar um drinque para mim? — disse eu.

Ele apanhou outro copo e preparou a bebida.

— Acho que já é tempo de você deixar de brincar de soldado.

— Como assim?

— Acho que a Cord Aircraft vai ter agora muitos negócios com o Exército. E preciso de alguém que conheça as pessoas, que saiba o que é mesmo que querem num avião, que consiga amigos para nós, contatos. Você entende, sabe o que eu quero dizer.

— Entendo perfeitamente o que quer dizer. Quer que eu deixe de ver Virgínia Gaddis porque isso não ficará bem para a companhia.

— Algo assim.

Virou seu copo.

— Não sei se serei bom nisso. Estou na Força Aérea desde garoto.

— Nunca se sabe antes de experimentar. Além do mais, você será mais útil à Força Aérea fora do que lá dentro. Ninguém o impedirá se quiser realizar algumas de suas ideias.

— Por falar em ideias, de quem foi esta? Sua ou de Gaddis?

— Minha. Tive essa ideia agora de manhã, depois de nossa conversa no escritório de Morrissey. E essa ideia nada tem a ver com a compra ou não do CA-4.

— Eu também decidi hoje de manhã — disse ele, rindo. — Aceitaria, desde que você me convidasse.

— Onde gostaria de começar?

— No cargo mais alto que for possível. O Exército só respeita gente de cima.

— Ótimo — repliquei. Aquilo fazia sentido. — Você é o novo presidente da Cord Aircraft. Quanto quer ganhar?

— Você me deixou escolher o cargo. Vou deixá-lo dizer o salário.

— Vinte e cinco mil dólares por ano e despesas pagas.

Ele deu um assobio de surpresa e disse:

— Não é preciso ir tão longe. É quatro vezes mais do que estou ganhando agora.

— Lembre-se disso quando vier me pedir aumento.

Demos boas risadas e bebemos para comemorar.

— Há algumas modificações que gostaria de discutir antes dos testes de amanhã.

Nesse momento, McAllister entrou no quarto.

— Já são quase seis horas, Jonas. Não podemos fazê-los esperar indefinidamente. Dan acaba de falar com David Woolf. Ele diz que Norman está falando em ir embora.

— É só o tempo de eu enfiar as calças.

O telefone tocou enquanto eu abotoava a camisa.

— Atenda para mim, por favor, Mac.

— E as modificações no avião? — perguntou Forrester, enquanto Mac atendia ao telefone.

— Vá até o campo de pouso e entenda-se sobre isso com Morrissey.

— É de Los Angeles — disse Mac, cobrindo o fone com a mão. — Não temos muito tempo.

— Diga que acabo de sair para uma reunião. Poderão ligar para mim daqui a duas horas no escritório de Norman.

Estava apenas começando a fazer frio e as pequenas saíam de seus apartamentos em Park Avenue ainda trajando vestidos de verão, mas já com as estolas de pele passadas displicentemente pelos ombros.

Também na Sexta Avenida, as pequenas estavam saindo. Mas estas não tomavam táxis; corriam para os *subways* e desapareciam nos acessos subterrâneos, felizes por estarem livres do trabalho pelo resto do dia.

Nova Iorque tinha uma forma de vitalidade estranha e curiosa, que contrastava com a atmosfera de depressão geral que pairava sobre o país. As construções civis continuavam, apesar das queixas e dos lamentos da Wall Street. Edifícios de escritórios e apartamentos caros. Se não havia dinheiro, como tantas prostitutas de luxo ainda estavam morando nos melhores lugares? Havia dinheiro, sim, embora vivesse escondido, à espera de um tempo em que os riscos fossem menores e os lucros maiores.

Na Sexta Avenida, havia cartazes tristemente pendurados diante das agências de empregos. Os quadros-negros, com suas listas de empregos escritas a giz, já começavam a parecer velhos, e as putinhas de dois dólares já haviam iniciado sua patrulha noturna.

Uma delas virou-se para me olhar enquanto eu passava. Seus olhos eram grandes e cansados, aborrecidos, mas inteligentes. Ouvia-a murmurar, quase sem mover os lábios:

— Você vai ser o primeiro hoje, benzinho. Quer me fazer começar bem a noite?

Sorri para ela. E ela tomou isso como um sinal de encorajamento. Aproximou-se.

— É só dois dólares. Posso ensinar coisas que você nunca aprendeu na escola.

Parei, ainda sorrindo, e disse:

— Aposto como pode.

Mac e Dan passaram. Mac voltou-se para mim alguns passos adiante a me olhar com ar de irritação. A mulher olhou de relance para eles, depois para mim.

— Diga a seus amigos que farei um preço especial para todos. Cinco dólares.

Meti a mão no bolso, tirei um dólar e o coloquei na mão dela.

— Tome para você. Fica para outra vez. Mas não creio que meus professores vão aprovar.

Ela olhou para o dólar e murmurou:

— São camaradas como você que mimam demais uma mulher. Ela se acomoda e depois não dá mais vontade de enfrentar o trabalho.

Entrou num café do outro lado da rua no momento em que chegávamos ao novo edifício da RCA, no Rockefeller Center.

Eu ainda sorria quando entramos na sala da diretoria. Norman estava sentado à ponta de uma mesa comprida. David Woolf, à sua direita, e um homem que eu conhecia de vista no estúdio, Forrest Hawley, o tesoureiro, à sua esquerda. Nos outros lugares estavam os nossos homens: dois corretores, um banqueiro e um contador.

Dan e Mac sentaram um à frente do outro e deixaram a outra ponta para mim. Nesse momento, Bernie levantou e disse:

— Espere aí, Cord. Esta reunião é exclusivamente para diretores. Prefiro retirar-me a sentar à mesma mesa com você.

Tirei um pacote de cigarros do bolso e acendi um.

— Então saia. Depois desta reunião, você não terá mesmo muito o que fazer aqui.

— Cavalheiros, cavalheiros — disse McAllister. — Isso não é maneira de se realizar uma reunião importante. Temos de discutir muitos problemas graves que dizem respeito ao futuro da companhia. É impossível chegar a qualquer solução numa atmosfera de desconfiança.

— Desconfiança! — exclamou Bernie. — Espera que eu confie nele depois de me haver roubado a companhia pelas costas?

— As ações estavam à venda no mercado livre e eu simplesmente as comprei.

— Mas a que preço? Primeiro, forçou uma baixa no mercado, comprando as ações muito abaixo de seu valor nominal. Pouco se importou com o mal que essa manobra fazia à companhia. E agora ainda quer que venda as minhas ações ao mesmo preço vil que pagou pelas outras?

Sorri para mim mesmo. O negócio estava engatilhado. O velho achava que a melhor maneira de conseguir o que queria era me atacar. A essa altura a conveniência ou não de minha presença na reunião já havia sido esquecida.

— O preço que ofereci foi duas vezes o que paguei no mercado livre.

— O mercado foi manobrado por você.

— Não era eu quem dirigia a companhia, e, sim, você. E tem mais... há seis anos que está tendo prejuízo.

Ele levantou e avançou um passo largo pelo lado da mesa.

— E seria capaz de fazer melhor?

— Se não pensasse assim, não estaria aplicando mais de sete milhões de dólares na companhia.

Norman me encarou com raiva durante alguns instantes. Depois, voltou para sua cadeira e sentou. Pegou um lápis e começou a bater na mesa com ele.

— Está aberta a sessão ordinária da diretoria da Norman Picture Company, Incorporated. David, você atuará como secretário, até apontarmos outro.

O velho continuou:

— Há quorum para a sessão e também está presente, a convite, o sr. Jonas Cord. Tome nota disso, David. O sr. Cord está presente a convite de alguns diretores, mas sob a objeção do presidente.

Olhou para mim, à espera de alguma reação. Permaneci impassível no meu canto.

— Trataremos agora do primeiro item constante da ordem do dia, que é a eleição dos diretores da companhia para o próximo ano.

Fiz um sinal para McAllister.

— Sr. presidente — disse Mac —, proponho que a eleição dos diretores seja adiada até que o senhor e o sr. Cord concluam as negociações a respeito da venda de suas ações.

— Por que acha que estou interessado na venda de minhas ações? — perguntou Bernie. — Continuo a ter como sempre uma fé inabalada no destino da companhia. Tenho planos para assegurar o funcionamento próspero da companhia, e quem achar que pode me deter terá de enfrentar um processo judicial como nunca viu antes em sua vida.

Até McAllister não pôde deixar de sorrir. Com que ele iria lutar? Já dispúnhamos de quarenta e um por cento das ações com direito a voto.

— Se o interesse do presidente pelo futuro da companhia fosse tão sincero quanto o nosso — disse polidamente McAllister —, certamente ele iria perceber o prejuízo que causaria, provocando uma questão judicial que possivelmente não poderia vencer.

O rosto de Bernie assumiu uma expressão astuta.

— Não sou tão ingênuo quanto pensam — disse. — Passei a tarde ocupado e consegui compromissos de acionistas em número suficiente para me assegurar a maioria dos votos, se eu quiser lutar. A verdade é que não cheguei a esta idade para entregar de bandeja minha própria companhia, a companhia que construí com o suor do meu rosto. E entregaria a Cord, para que ele possa doar mais dinheiro aos seus amigos nazistas. Não — continuou ele, dando um soco na mesa —, não, ainda que ele me pagasse, só pelas ações, sete milhões de dólares.

Levantei realmente zangado.

— Gostaria de perguntar ao sr. Norman o que faria com os sete milhões de dólares, caso os desse a ele. Entregaria tudo ao Fundo de Ajuda aos Judeus?

— Não é da conta do sr. Cord o que eu faço com o meu dinheiro! — gritou ele da outra ponta da mesa. — Não sou rico como ele. Posso apenas algumas ações de minha própria companhia.

Abri um sorriso.

— Sr. Norman, gostaria que eu lesse aos presentes a relação de valores líquidos de suas propriedades particulares e *holdings*, as que estão em seu nome e no de sua esposa?

— Relação? — exclamou Bernie, confuso. — Que relação?

Olhei para McAllister. Ele me entregou uma folha de papel que tirou de sua pasta e comecei a ler:

— Depósitos em nome de May Norman: Security National Bank, Boston, um milhão e quatrocentos mil dólares; Manhattan Company Bank, Nova Iorque, dois milhões e cem mil dólares; Pioneer National Trust Company, Los Angeles, setecentos mil dólares; Lehman Brothers, Nova Iorque, três milhões cento e cinquenta mil dólares. Além disso, há alguns depósitos menores espalhados em vários bancos do país, que chegam a seiscentos mil ou setecentos mil dólares. E a sra. Norman possui ainda quatrocentos hectares de terras valiosíssimas em Westwood, perto de Beverly Hills, que podem ser modestamente avaliadas em cinco mil dólares por hectare.

Bernie olhou para mim.

— Onde conseguiu essa relação?

— Não tem a menor importância a maneira pela qual a consegui.

O velho virou-se para o sobrinho:

— Veja, David — disse Bernie, em voz alta —, como uma boa esposa pode economizar com o dinheiro de despesas domésticas.

Se ele não fosse tão ladrão, eu teria dado uma gargalhada.

Mas o sobrinho mostrava, por sua aparência, que não tinha o menor conhecimento da existência de todo aquele dinheiro. Algo me disse que as decepções de David não iam terminar por aí.

Bernie voltou-se para mim:

— Então minha mulher economizou alguns dólares. Isso lhe dá o direito de me roubar?

— Nesses últimos seis anos, enquanto sua companhia estava perdendo cerca de onze

milhões de dólares, me parece estranho que sua mulher tenha depositado um milhão de dólares todo ano em suas várias contas.

O rosto de Bernie estava vermelho.

— Minha mulher é muito hábil e feliz em seus investimentos — defendeu-se. — Não tenho tempo para tomar conhecimento dos negócios dela.

— É possível — disse eu. — Mas, se tomasse conhecimento desse negócio, descobriria que ela negocia com todos os fornecedores da Norman Company. Não poderá dizer que não está ciente de que ela recebe uma comissão de cinco a quinze por cento em todas as compras feitas por esta companhia.

Ele afundou-se em sua cadeira

— E que mal há nisso? É uma praxe comercial perfeitamente normal. Ela é nossa agente nessas compras. Por que não deveria receber comissões?

Já estava farto daquilo. Encarei-o firmemente:

— Está bem, sr. Norman. Vamos deixar de conversa fiada. Ofereci um preço mais do que justo por suas ações. Quer vender ou não?

— Não por três milhões e meio. Por cinco milhões eu poderia pensar.

— Não está em posição de barganhar, sr. Norman. Se não aceitar minha oferta, pedirei a falência da companhia. Veremos então se a Justiça federal achará ou não características criminosas nas transações de sua mulher que o senhor parece considerar perfeitamente legítimas. Parece estar esquecendo que a administração de sua companhia é da alçada da Justiça federal, desde que as ações são vendidas no mercado aberto. Assim, é bem possível que vá parar na cadeia.

— Você não ousaria!

— Não? — disse eu, estendendo a mão a McAllister, que me entregou as petições. Arremessei-as para Bernie. — Agora, resolva. Se não vender, darei entrada nesses papéis em juízo amanhã de manhã.

Bernie olhou para os papéis, depois para mim. Havia um ódio mortal em seus olhos.

— Por que faz isso comigo? — choramingou. — E porque odeia tanto os judeus, que não perdoa nem aqueles que, como eu, não procuraram senão ajudá-los?

Não pude mais. Levantei e fui até ele. Puxei-o pelo colarinho e encostei-o na parede. Gritei:

— Escute, seu pequeno judeu bastardo! Não tolero mais seus desaforos. Toda vez que se ofereceu para me ajudar, meteu a mão no meu bolso. Só está aborrecido agora porque não estou me deixando roubar de novo!

— Nazista!

Soltei lentamente a presa e disse a McAllister:

— Pode requerer a falência. E mova também uma ação criminal contra Norman e sua mulher por roubarem a companhia.

Encaminhei-me para a porta.

— Espere um pouco! — a voz de Bernie me fez parar. Havia um sorriso abjeto em seu rosto. — Não há necessidade de ir embora só porque me exaltei um pouco. Volte. Podemos resolver tudo isso em poucos minutos. Como cavalheiros.

Fiquei perto da janela, vendo Bernie assinar os papéis de transferência das ações. Era estranho vê-lo desfazer com algumas penadas o trabalho de toda sua vida. Não é preciso gostar de um sujeito para ter pena dele. E de certo modo foi pena o que me inspirou Bernie naquele momento.

Era um velho egoísta, desprezível. Não tinha qualquer noção de honestidade, nenhuma honra ou ética. Não hesitaria em sacrificar fosse quem fosse por seus interesses, mas eu tinha a impressão de que estava assinando aquelas transferências não com tinta, mas com o sangue de suas veias.

Olhei pela janela para a rua, trinta andares abaixo. Aqueles pequenos seres, que lá embaixo se agitavam como insetos, tinham com certeza pequenos sonhos, planos diminutos. O dia seguinte seria um sábado e eles estariam de folga. Iriam para as praias, para os parques. Os que tivessem dinheiro dariam um passeio de carro pelo campo. Levariam a esposa e os filhos e respirariam o ar puro do campo. Tinham sorte.

Não viviam numa selva onde o valor era medido pela habilidade em viver ao lado dos lobos. Não tinham tido um pai que só podia amar o filho se ele fosse exatamente feito à sua imagem. Não viviam cercados de gente que só pensava em viver perto da fonte da riqueza. Quando amavam alguém era apenas pelo que o coração sentia, não pela ideia de que podiam tirar disso algum benefício.

Senti um gosto amargo na boca. Talvez a vida lá embaixo também fosse amarga, mas eu não estava certo disso. E não estava particularmente ansioso em descobrir a verdade. Gostava dali de cima.

Era como estar no céu, sem ninguém para dizer o que se podia ou não fazer. No meu mundo, eu é que fazia as regras e os outros tinham de observá-las, quisessem ou não quisessem. Pelo menos, enquanto eu estivesse lá em cima. E eu pretendia ficar em cima o mais possível, pelo menos até que, quando alguém dissesse meu nome, estivesse pensando em mim e não em meu pai.

Saí de perto da janela e voltei para a mesa, Peguei os certificados e dei uma rápida olhada. Estavam assinados corretamente: Bernard B. Norman.

Bernie olhou para mim. Tentou um sorriso. Mas não foi muito bem-sucedido.

— Há muitos anos, quando Bernie Normanovitz abriu seu primeiro cinema na rua 4, no East Side, ninguém seria capaz de pensar que um dia ele venderia sua companhia por três milhões e meio de dólares.

De repente, deixei de ter pena dele. Havia dilapidado e saqueado uma companhia de mais de quinze milhões de dólares e sua única desculpa era o fato de ele mesmo a ter fundado.

— Acho que vai querer isso também — disse ele, entregando-me uma folha de papel dobrada que havia tirado do bolso do paletó.

Era uma carta em que pedia demissão dos cargos de presidente da companhia e da assembleia.

— Quer mais alguma coisa, sr. Cord?

— Não.

— Mas eu ainda vou fazer uma coisa pelo senhor — disse Norman, indo até o telefone numa mesa ao canto. — Telefonista, quem fala é o sr. Norman. Pode completar aquela ligação para o sr. Cord.

Passou-me o telefone e ouvi a voz da telefonista:

— Los Angeles, o sr. Cord já está na linha.

Vi Bernie me olhar de maneira esquisita e depois dirigir-se para a porta.

— Vamos, David?

O sobrinho se levantou para acompanhá-lo, mas eu cobri o fone com a mão e disse:

— Você fica.

David olhou para Bernie, balançou vagarosamente a cabeça em gesto afirmativo, e tomou a sentar-se. O velho deu de ombros e murmurou:

— O que mais eu poderia esperar de uma pessoa do meu próprio sangue?

A porta fechou-se atrás dele.

Ouvi uma voz de mulher pelo telefone. Havia algo de familiar nela.

— Jonas Cord?

— Sim. Quem fala?

— Ilene Gaillard. Passei a tarde toda à sua procura. Rina... Ri-na... — a voz dela sumiu.

Senti um arrepio agourento apertando-me o coração.

— Sim, srta. Gaillard. O que há com Rina?

— Está morrendo, sr. Cord — disse, soluçando. — E deseja vê-lo.

— Morrendo?

Era inacreditável. Rina sempre me parecera indestrutível.

— Sim, sr. Cord. Encefalite. E é melhor se apressar. Os médicos não sabem quanto tempo ela ainda poderá resistir. Está no Sanatório Colton em Santa Monica. Posso dizer a ela que virá?

— Diga-lhe que já estou a caminho! — e desliguei o telefone.

Voltei-me para David Woolf. Ele estava me olhando com uma expressão estranha.

— Você sabia — disse eu.

Ele se levantou, gesticulando com a cabeça.

— Sim, eu sabia.

— Por que não me contou?

— Como poderia? Meu tio tinha receio de que, se o senhor soubesse, não compraria mais as ações.

Um estranho silêncio dominava a sala quando peguei de novo o telefone. Dei à telefonista o número de Morrissey no Campo Roosevelt.

— Posso ir embora? — perguntou Woolf.

Concordei com um gesto da cabeça. Havia sido redondamente embrulhado, tosquiado como um cordeirinho, mas não tinha direito de me queixar. Conhecia as regras do jogo.

Mas aquilo perdera qualquer importância. Agora nada mais importava. A única coisa que importava era Rina. Estava impaciente, esperando que Morrissey atendessem o telefone.

A única possibilidade que eu tinha de encontrar Rina com vida era voar para lá no CA-4.

O hangar profusamente iluminado fervilhava de atividade. Os soldados trabalhavam nas asas com as máscaras descidas, e os maçaricos projetavam sua chama azul soldando os tanques de combustível às asas. Os mecânicos estavam arrancando do avião tudo o que não era absolutamente essencial ao voo, tentando diminuir ao máximo o peso.

Olhei para meu relógio quando Morrissey se aproximou de mim. Era quase meia-noite. Nove da noite na Califórnia.

— Ainda demora muito?

— Não muito. Já tiramos tudo, mas ainda estamos seiscentos e trinta e cinco quilos acima da força ascensional desejável.

O centro-oeste estava completamente fechado por tempestades, de acordo com os boletins meteorológicos. Eu teria de me livrar dela fazendo uma rota pelo sul. Morrissey havia calculado que precisaríamos de quarenta e três por cento mais de combustível para o próprio voo, e no mínimo mais sete por cento como margem de segurança.

— Por que não espera até amanhã? — perguntou Morrissey. — O tempo deverá estar melhor, e você poderá voar direto para lá.

— Não.

— Pelo amor de Cristo! Você não conseguirá nem levantar voo. Se está com tanta vontade de morrer, é mais simples usar um revólver.

Olhei para o montão de coisas já tiradas do avião, e perguntei:

— Quanto pesa o rádio?

— Duzentos e vinte quilos. Mas você não pode fazer isso. Como irá saber onde está ou qual é o tempo que vai encontrar?

— Do mesmo jeito que se fazia antes de instalarem rádios nos aviões. Tire-o!

Voltou carrancudo para junto do avião, balançando negativamente a cabeça. Então tive outra ideia.

— E o sistema de pressurização de oxigênio na carlinga?

— Trezentos e quatro quilos, incluindo os tanques.

— Tire-o também. Vou voar baixo.

— Vai precisar de oxigênio nas Montanhas Rochosas.

— Ponha um tanque portátil na carlinga.

Fui até o escritório e liguei para Buzz Dalton no escritório da Intercontinental em Los Angeles. Já havia saído. Pedi para transferirem a ligação para a residência dele.

— Buzz, aqui é Jonas.

— Estava mesmo querendo ter notícias suas.

— Preciso de um favor seu.

— Claro! — respondeu prontamente. — O que é?

— Vou de avião para a Califórnia esta noite. Quero que haja sinais de meteorologia para mim em todos os hangares da Intercontinental pelo país.

— O que há com seu rádio?

— Vou com o CA-4, em voo sem reabastecimento. E tenho de aliviar o peso.

Ele soltou um assobio.

— Você não vai conseguir isso, meu amigo!

— Vou, sim. Pisque os refletores à noite e pinte os tetos dos hangares durante o dia.

— Faremos isso. Qual é seu plano de voo?

— Não sei ainda. Transmita a ordem a todos os campos.

— Faremos isso. Boa sorte.

Desliguei o telefone. Era por isso que eu gostava de Buzz. Era um homem com quem se podia contar. Não perdia tempo com perguntas tolas como por que, quando ou onde. Fazia o que se pedia. Só se preocupava com a linha aérea. E por isso a ICA estava tornando-se a maior empresa de aviação comercial do país.

Tomei um gole de uísque e me estendi no sofá. Minhas pernas ficaram penduradas balançando na beirada, mas isso não tinha importância. Podia descansar um pouco enquanto os mecânicos terminavam o trabalho com o avião.

Senti Morrissey a meu lado e abri os olhos.

— Pronto?

Ele fez que sim com a cabeça. Levantei e olhei para o hangar.

Estava vazio.

— Onde está o avião?

— Lá fora, aquecendo os motores.

— Ótimo — disse eu.

Olhei para o relógio. Passava um pouco das três. Morrissey me acompanhou até o banheiro.

— Você está muito cansado — disse ele, enquanto eu banhava o rosto com água fria. — Acha mesmo que deve fazer esse voo?

— Tenho de fazer.

— Coloquei seis sanduíches de rosbife e duas garrafas térmicas de café no avião.

— Obrigado. — Fui saindo.

Sua mão me fez parar. Estava me oferecendo um vidrinho branco.

— Telefonei para meu médico e ele recomendou que você levasse isso.

— O que é?

— Um remédio novo. Benzadrina. Tome um comprimido caso sinta sono. Ele o manterá desperto. Mas tenha cuidado. Se tomar demais, sairá pelo teto do avião. — Começamos a caminhar para o avião. Ele continuou: — Outra coisa. Só acione os tanques de reserva quando tiver um quarto de combustível no reservatório. O abastecimento por gravidade não funcionará se houver mais que isso no tanque, e pode até ficar entupido.

— E como vou saber se os tanques de reserva estão funcionando?

— Só saberá quando a gasolina acabar. E se houver entupimento, a pressão do ar conservará o mostrador em um quarto de tanque, ainda que este esteja seco.

Chegamos ao avião. Subi na asa e virei-me para a carlinga Senti puxarem minhas calças. Virei-me.

— O que vai fazer com o avião?

— Vou até a Califórnia.

— E os testes de amanhã? — Ele gritou. — Trouxe até Steve Randall aqui esta noite para ver o aparelho.

— Sinto muito. Transfira-os.

— E o general? Como vou explicar isso a ele?

Entrei na carlinga e respondi:

— O problema não é mais meu. É seu.

— E se acontecer alguma coisa ao avião?

Senti-me de repente satisfeito. Não havia errado no meu juízo sobre ele. Seria um excelente administrador. Não se preocupava absolutamente comigo, só com o aparelho.

— Se houver alguma coisa, faça outro — gritei. — Você é o presidente da companhia.

Dei adeus e, soltando os freios, comecei a taxiar pela pista. Coloquei o aparelho em posição e o conservei assim enquanto acelerava o motor. Fechei a carlinga e, quando o tacômetro chegou a duas mil e oitocentas rotações por minuto, soltei os freios.

Corremos pela pista. Não tentei subir enquanto não cheguei a uma velocidade de cento e vinte quilômetros por hora. Estávamos quase no fim da pista, quando o avião começou a abocanhar um pedaço do céu. Daí em diante subiu com facilidade.

Nivelei a mil e duzentos metros e rumei para o sul. Olhei para trás. A estrela Polar ficara bem às minhas costas, brilhante, piscando muito no céu límpido e escuro. Era difícil acreditar que a menos de mil e novecentos quilômetros o céu estivesse fechado.

Voava sobre Pittsburgh, quando me lembrei de uma coisa que Nevada me ensinara quando eu era garoto. Estávamos seguindo os rastros de um grande felino e ele apontou a estrela Polar.

— Os índios dizem que, quando a estrela Polar pisca desse jeito, há uma tempestade correndo para o sul.

E a estrela Polar estava exatamente como na noite em que Nevada me disse isso. Lembrei-me de outro dito índio que Nevada me ensinara. O caminho mais rápido para o oeste é contra o vento.

Tomei a decisão. Se os índios estavam certos, quando eu chegasse ao Médio Oeste a tempestade estaria ao sul em relação à minha posição. Virei o avião contra o vento e, quando tirei os olhos da bússola, a estrela Polar brilhava intensamente a minha direita.

Minhas costas doíam, tudo doía, ombros, braços, pernas. As pálpebras pesavam uma tonelada. Senti que iam fechar-se e peguei a garrafa térmica. Estava vazia. Olhei para o relógio. Já fazia doze horas que eu partira do Campo Roosevelt. Enfie a mão no bolso e peguei o vidro de comprimidos que Morrissey me havia entregue. Tomei um.

Por alguns minutos, não senti nada. Depois, comecei a me sentir melhor. Inspirei profundamente, e esquadrinhei o horizonte. Calculei que não devia estar muito longe das Montanhas Rochosas. Vinte e cinco minutos depois, elas surgiram à frente.

Verifiquei o mostrador do combustível. O ponteiro estava firme em um quarto de tanque. Eu já havia aberto os tanques de reserva. Passara no Médio Oeste pela orla da tempestade e isso me custara mais de uma hora de suprimento da gasolina. Agora, eu precisaria da ajuda do vento para chegar ao fim da viagem.

Virei o manete da gasolina, atento aos motores. Roncavam com força e firmeza ao receber nas veias a rica mistura. Puxei o manche e comecei a subir para as montanhas; sentia-me um

tanto cansado e tomei outro comprimido.

A três mil e quatrocentos metros, comecei a sentir frio. Calcei os *huarachos* e peguei o tubo do tanque de oxigênio. Quase imediatamente tive a impressão de que o avião dera um pulo de mil metros. Olhei para o altímetro. Estava apenas em três mil e novecentos metros.

Aspirei mais um pouco de oxigênio. Uma onda repentina de energia invadiu meu corpo e eu apoiei as mãos no painel de instrumentos. Aos diabos com a gasolina! Eu poderia levantar aquele avião por cima das Montanhas Rochosas com minhas próprias mãos. Tudo era questão de força de vontade. Como os faquires da Índia dizem após deixarem as pessoas perplexas com truques de levitação: é apenas uma questão do domínio da mente sobre a matéria. O segredo está no espírito.

Rina! Quase gritei. Olhei para o altímetro. O ponteiro havia caído para dois mil e oitocentos e cinquenta metros e ainda estava descendo. Vi as montanhas que avançavam cada vez maiores para mim. Botei as mãos no manche e o puxei. Pareceu uma eternidade até o momento em que vi as montanhas de novo abaixo de mim.

Levei as mãos à testa para enxugar o suor. Meu rosto estava molhado de lágrimas. A estranha onda de energia havia desaparecido, e a cabeça começava a doer. Morrissey me havia advertido a respeito dos comprimidos, e o oxigênio me ajudara um pouco também. Girei o manete e regulei cuidadosamente a gasolina que alimentava os motores.

Ainda havia quase oitocentos quilômetros a percorrer, e eu não queria ficar sem gasolina.

Pousei em Burbank as duas horas da tarde. Estivera no ar durante quase quinze horas. Fiz o avião taxiar até os hangares da Cord Aircraft, desliguei os motores e tratei de desembarcar. Ainda sentia nos ouvidos o ronco dos motores.

Logo que pus os pés no chão, me vi cercado por uma verdadeira multidão. Reconheci alguns jornalistas.

— Desculpem — disse, e procurei dirigir-me para os hangares. — Ainda estou meio surdo com o barulho dos motores. Não consigo ouvir o que estão dizendo.

Buzz também estava ali, um largo sorriso no rosto. Apertou minha mão com força e disse alguma coisa, mas eu só pude ouvir o final:

— ... um novo recorde leste a oeste, costa a costa.

Que importância tinha isso para mim naquele momento?

— Tem um carro aí a minha espera?

— Está no portão da frente.

Um dos repórteres adiantou-se, e perguntou aos gritos:

— Sr. Cord, é verdade que fez esse voo só para ver Rina Marlowe antes que ela morra?

Ele precisaria de um banho depois do olhar que lhe lancei. Não respondi.

— É verdade que comprou a Norman só para ficar com o controle do contrato de Rina?

Consegui chegar à limusine, mas eles ainda estavam me bombardeando de perguntas. O carro partiu. Um guarda de motocicleta foi a nossa frente, tocando a sirene. Ganhamos velocidade assim que o tráfego se diluiu a nossa frente.

— Sinto muito o que aconteceu a Rina, Jonas — disse Buzz. — Não sabia que ela tinha sido casada com seu pai.

— Como ficou sabendo?

— Está em todos os jornais. O estúdio da Norman mandou um *press release* com a história dela, e contando que você estava realizando esse voo para ir vê-la.

Mordi os lábios. O mundo do cinema era assim. Um bando de hienas em torno de uma sepultura.

— Trouxe uma garrafa de café e sanduíches. Caso queira...

Tomei o café. Estava quente, e o senti bater no estômago. Virei-me e olhei pela janela. As costas estavam doendo de novo.

Não sabia se aguentaria esperar chegarmos ao hospital para ir ao banheiro.

O Sanatório Colton parece mais um hotel que um hospital. Fica no alto dos penhascos do Pacífico, dominando o oceano. Para chegar lá, é preciso sair da Coast Highway e passar por uma entrada sinuosa e estreita. No portão de ferro da entrada, há um guarda. Sua função é exatamente identificar as pessoas.

O dr. Colton não é nenhum curandeiro da Califórnia. É apenas um homem perspicaz que percebeu a necessidade de um hospital verdadeiramente particular. As estrelas do cinema internam-se lá para tudo, para ter um filho, para se curar de entorpecentes ou bebida, para fazer cirurgia plástica ou repousar depois de um esgotamento nervoso. Uma vez do lado de dentro do portão de ferro, podem respirar aliviadas e relaxar, pois nenhum repórter consegue penetrar ali. Podem ter certeza de que, qualquer que tenha sido o motivo que ali as levou, as outras pessoas

só saberão o que elas quiserem contar.

O porteiro estava a nossa espera, porque começou a abrir o portão logo que avistou o guarda da motocicleta. Os repórteres gritaram para nós e os fotógrafos tentaram bater algumas fotos. Houve até um que se agarrou ao estribo do carro e passou pelo portão conosco. Mas outro guarda apareceu e o fez sair na marra.

Virei-me para Buzz:

— Eles nunca desistem, não é?

— É melhor você se habituar a isso de hoje em diante, Jonas. Tudo o que você fizer será notícia.

— Coisa nenhuma, Buzz. E só hoje, por causa de Rina. Amanhã, estarão interessados em outra pessoa.

— Você diz isso porque não leu os jornais nem ouviu rádio. Hoje, você é um herói nacional. O que estava fazendo despertou o entusiasmo do público. As estações de rádio davam a posição de seu avião de meia em meia hora. Amanhã, o *Examiner* começará a publicar a história de sua vida. Depois de Lindbergh, ainda não houve quem agitasse tanto a nação.

— Por que diz isso?

Ele sorriu.

— Só vou lhe contar uma coisa. As paredes da cidade estão cheias de cartazes nos quais se veem o seu retrato e as palavras:

Leiam a história da vida de Jonas Cord, o homem misterioso de Hollywood, por Adela Rogers St. Johns.

Tinha mesmo de me habituar àquilo. Adela St. Johns era a colunista de maior prestígio da cadeia de publicações Hearst. Isso significava que o velho Hearst dera seu selo de aprovação a minha pessoa. Daí em diante, eu estaria vivendo dentro de um aquário, à vista de todo mundo.

O carro parou e apareceu um porteiro.

— Tenha a bondade de me acompanhar, sr. Cord — disse, respeitosamente.

Eu o segui escadaria acima, para dentro do hospital. A enfermeira da portaria sorriu para mim, apontando um grande livro preto, encadernado em couro.

— Faça o favor, sr. Cord. É praxe do hospital que todos os visitantes assinem aqui.

Assinei o livro rapidamente, enquanto ela apertava o botão de uma campainha. Um instante depois, outra enfermeira apareceu.

— Queira vir comigo, sr. Cord — ela disse, polidamente. — Vou levá-lo à suíte da srta. Marlowe.

Eu a segui até os elevadores, ao fundo do vestibulo. Ela apertou os botões. Franziu a testa, aborrecida.

— Desculpe, sr. Cord, mas terá de esperar alguns minutos. Os dois elevadores estão na sala de cirurgia.

Um hospital era um hospital por mais que se quisesse fazê-lo parecer um hotel. Corri os olhos pela portaria até encontrar o que eu estava procurando. Uma placa discretamente colocada numa porta: *CAVALHEIROS*.

Tirei um cigarro do bolso no momento em que as portas do elevador se fecharam. Dentro, o

cheiro era o de qualquer outro hospital. Álcool, desinfetante, formol. Doença e morte. Risquei um fósforo e acendi o cigarro, receoso de que a enfermeira percebesse os meus dedos tremendo.

As portas do elevador se abriram e saímos para um corredor muito limpo de hospital. Aspirei com força o cigarro, acompanhando a enfermeira. Ela parou diante de uma porta.

— Acho que terá de apagar esse cigarro, sr. Cord.

Vi um pequeno aviso alaranjado:

É PROIBIDO FUMAR

OXIGÊNIO EM USO

Dei mais uma tragada e joguei o cigarro num cinzeiro ao lado da porta. De repente, senti um medo incrível diante daquela porta. A enfermeira a abriu para mim.

— Pode entrar, sr. Cord.

Entre numa pequena antessala. Outra enfermeira estava sentada numa poltrona, lendo uma revista. Logo que me viu, disse em tom de cordialidade formal:

— Entre, sr. Cord. Estávamos à sua espera.

Entre lentamente. A porta se fechou atrás de mim. Pude ouvir passos da enfermeira que me escoltara se afastando. A outra me levou à segunda porta e disse:

— A srta. Marlowe está aí dentro.

Parei sob o vão da porta. Ainda não dava para vê-la. Ilene Gaillard, um médico e outra enfermeira estavam ao lado da cama, de costas para mim. Então, como que a um sinal, os três se voltaram ao mesmo tempo. Caminhei até a cama. A enfermeira se afastou de lado. Ilene e o médico se moveram um pouco para me dar espaço. Então eu a vi.

Uma tenda de plástico transparente estava suspensa sobre a cabeça e os ombros, e ela parecia dormir. Só o rosto não estava coberto pelas ataduras brancas que lhe escondiam por completo o lindo cabelo dourado. Os olhos estavam fechados e as pálpebras apareciam cercadas de uma orla azulada. A pele estava esticada sobre as proeminentes maçãs do rosto, dando a impressão de que a carne desaparecera. A boca rasgada, sempre tão quente e viva, estava descorada e entreaberta, mostrando os dentes brancos e perfeitos.

Fiquei um momento em silêncio. Não dava para notar a respiração de Rina. Olhei para o médico. Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Está viva, sr. Cord — disse ele, baixinho. — Mas muito mal.

— Posso falar com ela?

— Pode tentar, sr. Cord. Mas é possível que ela não responda. Está assim há dez horas. E, mesmo que fale, sr. Cord, pode não reconhecê-lo.

Virei-me para ela e disse, compassadamente:

— Rina, sou eu, Jonas.

Ela continuou imóvel. Meti a mão por baixo da tenda e encontrei a mão dela. Estava fria e flácida. De repente, senti um arrepio de horror dentro de mim. A mão estava fria. Ela já estava morta. Morta.

Caí de joelhos ao lado da cama. Empurrei o plástico para o lado e curvei-me sobre ela.

— Rina! Rina! Sou eu, Jonas! Por favor, não morra!

Senti uma leve pressão em minha mão. Olhei para ela, com lágrimas correndo pelo meu rosto. O movimento de sua mão ficou um pouco mais forte. Os olhos se abriram lentamente e

agora estavam olhando para mim.

O olhar foi a princípio vago e distante. Depois, clareou e ficou mais firme. Os lábios se arquearam numa aparência de sorriso.

— Jonas — murmurou. — Eu sabia que você viria.

— Tudo o que você tinha a fazer era assobiar para eu vir correndo.

— Nunca aprendi a assobiar — disse ela, depois de um instante, com visível esforço.

Ouvi a voz do médico atrás de mim:

— Convém descansar um pouquinho agora, srta. Marlowe.

Rina olhou para ele.

— Oh, não — ela sussurrou. — Não tenho mais tempo. Deixe-me falar com Jonas.

— Está bem — disse o médico. — Mas só um momento.

Ouvi a porta se fechar, e olhei para Rina. Ela levantou a mão e me acariciou de leve a face. Segurei seus dedos e pressionei-os contra meus lábios.

— Tinha de ver você, Jonas.

— Por que esperou tanto tempo, Rina?

— Era por isso mesmo que eu tinha de vê-lo. Para explicar...

— De que adiantam mais explicações, agora?

— Por favor, tente compreender, Jonas. Amei você desde o primeiro momento em que o vi. Mas tive medo. Dei azar a todas as pessoas que me amaram. Minha mãe e meu irmão morreram porque me amavam. Meu pai morreu de desgosto na prisão.

— Você não teve culpa.

— Empurrei Margaret pela escada e a matei. Matei meu filho antes mesmo de ele nascer; roubei a carreira de Nevada, e Claude se suicidou por causa do que eu estava fazendo com ele.

— São coisas que acontecem. Você não é responsável por elas.

— Sou, sim. Veja o que fiz com você, com seu casamento. Eu não deveria ter ido ao seu quarto no hotel naquela noite.

— Você não teve culpa. Eu é que a forcei a ir.

— Ninguém me forçou. Fui porque queria ir. Somente quando ela apareceu compreendi meu erro.

— Erro, por quê? Só porque ela estava com uma barriga que não tinha tamanho? E o filho nem era meu!

— Que importância tem isso? Que mal faz que ela tenha dormido com outro homem antes de conhecê-lo? Você devia ter sabido disso quando se casou com ela. Se não tinha importância nessa época, por que passou a ter quando ela apareceu com o filho de outro homem?

— Tinha importância. E ela só estava interessada no meu dinheiro. Por que ela aceitou o meio milhão de dólares que lhe paguei pela anulação do casamento?

— Não é verdade, Jonas. Ela o amava. Vi isso perfeitamente naqueles olhos cheios de mágoa. E, se o dinheiro era tão importante para ela, por que deu tudo ao pai?

— Eu não sabia disso.

— Há uma porção de coisas que você não sabe. Mas não tenho tempo de contar mais. Só isso. Arruinei seu casamento. É por minha culpa que aquela pobre criança está crescendo sem

ter seu nome. E quero dar para ela, de alguma maneira, alguma compensação. — Fechou os olhos por um momento. — Talvez eu não deixe muita coisa. Nunca fui muito boa para negócios, mas deixei tudo o que tenho para ela e nomeei você meu testamenteiro. Prometa-me que zelará pelos interesses dela.

— Prometo, Rina.

— Muito obrigada, Jonas. Sempre pude contar com você.

— Está bem. Agora, procure descansar um pouco.

— Para quê? Para poder viver mais alguns dias neste mundo louco e alucinado? Não, Jonas. Dói demais. Eu quero morrer. Mas não quero morrer aqui, presa dentro desta tenda. Leve-me para o terraço. Quero ver o céu, ver o sol brilhar mais uma vez.

— O médico...

— Por favor, Jonas — disse ela, sorrindo.

Retribuí aquele sorriso e afastei a tenda de oxigênio. Tomei Rina nos braços. Estava leve como uma pena.

— Que bom estar nos seus braços outra vez, Jonas — sussurrou ela.

Beijei-a na testa e caminhei para a luz do sol.

— Quase havia esquecido do verde das árvores. Em Boston, há um carvalho que é a coisa mais verde que já vi em toda a minha vida. Leve-me para lá, Jonas, por favor.

— Eu levarei.

— E não deixe que transformem isso num espetáculo de circo, como costumam fazer no cinema.

— Eu sei.

— Há lugar para mim, Jonas — sussurrou —, junto de meu pai.

A mão dela caiu do meu peito e senti nos braços um peso diferente. Olhei para ela, mas o rosto estava escondido em meu ombro. Olhei depois para a árvore que a fizera lembrar-se de casa. Mas não pude vê-la por causa das lágrimas.

Quando voltei, Ilene e o médico estavam no quarto. Em silêncio, levei Rina para a cama e a deitei.

Olhei para eles e quis falar, mas não pude. Quando consegui, a voz estava rouca:

— Ela quis ver o sol pela última vez.

Olhei para o pastor, que lia em silêncio a pequena Bíblia com capa preta de couro que tinha nas mãos. Ele fechou o livro. Pouco depois, os outros o acompanharam e só eu e Ilene permanecemos ao lado da sepultura.

Ela estava diante de mim, magra e calada, com um vestido preto e um véu cobrindo seus olhos.

— Está acabado — disse ela, com voz cansada. Olhei para a pedra na sepultura. *RINA MARLOWE*.

Fiz um gesto com a cabeça, concordando. Agora, não era mais do que um nome.

— Espero que tudo tenha sido como ela desejava — disse.

— Tenho certeza de que foi.

Ficamos em silêncio com o embaraço de pessoas que se encontram num cemitério e cujo único elemento de ligação é uma sepultura. Estava na hora de ir embora.

— Quer que a leve até o hotel?

— Não. Gostaria de ficar aqui mais um pouco, sr. Cord.

— E vai ficar tudo bem para você?

— Sim, sr. Cord. Nada mais pode me acontecer.

— Mandarei um carro ficar à sua espera. Até logo, srta. Gaillard.

— Até logo, sr. Cord. E... muito obrigada.

Desci a alameda do cemitério. Os mórbidos e os curiosos ainda estavam por ali, contidos pelos cordões de isolamento da polícia, do outro lado da rua. Um murmúrio veio da multidão quando saí pelo portão do cemitério. Eu me havia esforçado ao máximo, mas não conseguia evitar aquela multidão.

A porta da limusine se fechou e o chofer perguntou:

— Para onde, sr. Cord? Para o hotel?

Olhei pelo vidro de trás. Estávamos no alto de uma pequena ladeira e dava para avistar Ilene lá embaixo, no cemitério. Era um vulto patético, sentado ao lado da sepultura com o rosto entre as mãos. Dobramos uma curva e sua imagem sumiu de vista.

— Para o hotel, sr. Cord? — tornou a perguntar o chofer.

Inclinei-me para apanhar um cigarro.

— Não. Para o aeroporto.

Dei uma tragada forte, jogando a fumaça para o fundo dos pulmões. De repente, senti que só queria fugir. De Boston e da morte, de Rina e dos sonhos. Memórias demais para suportar, tudo ainda muito claro na minha mente.

O barulho encheu meus ouvidos e comecei a subir a longa escadaria negra dentro da escuridão que me cobria. Quanto mais eu subia, maior era o barulho. Abri os olhos.

Diante da janela, passava chocalhante o elevador da Terceira Avenida. Dava para ver as pessoas se comprimindo dentro e fora das estreitas plataformas de embarque. Depois que o trem passou, um estranho silêncio caiu sobre o quarto. Olhei a minha volta.

Era um quarto pequeno e sombrio. O papel branco das paredes já estava bem encardido.

Perto da janela havia uma mesinha e, na parede, um crucifixo. Eu estava deitado numa velha cama de ferro. Mergulhei lentamente os pés no chão e sentei.

Minha cabeça não parava de girar.

— Então já está acordado?

Comecei a me virar, mas a mulher que falara deu a volta e apareceu a minha frente. Tive impressão de que já a conhecia, mas não pude lembrar-me de onde. Passei a mão pelo queixo. Minha barba estava áspera como uma lixa.

— Há quanto tempo estou aqui? — perguntei.

— Quase uma semana — respondeu ela, com uma risadinha. — Estava pensando que sua sede não ia acabar nunca.

— Estive bebendo?

— Não fez outra coisa.

Segui os olhos dela para o chão. Havia três caixas de papelão com garrafas de uísque vazias. Não era de admirar que minha cabeça estivesse doendo.

— Como vim parar aqui?

— Não se lembra?

Fiz que não com a cabeça.

— Você se aproximou de mim diante da loja na Sexta Avenida e me pegou pelo braço, dizendo que estava pronto para tomar algumas aulas. Você já estava bem alto. Depois, fomos ao White Rose Bar e tomamos alguns drinques. Você quis brigar com o garçom e eu o trouxe para casa, a fim de livrá-lo de encrencas.

Esfreguei os olhos. Estava começando a recordar. Saía do aeroporto e ia pela Sexta Avenida a caminho dos escritórios da Norman, quando senti que precisava de um drinque. Depois disso, tudo ficou confuso. Lembrava-me vagamente de haver procurado diante de uma loja de rádios alguém que me havia prometido ensinar coisas que eu não havia aprendido na escola.

— Foi você mesmo? — perguntei.

Ela riu.

— Não, não fui eu, mas no seu estado isso não fazia muita diferença. Você não estava procurando por uma mulher, queria mesmo era afogar sua tristeza.

Levantei-me. Estava apenas de cueca. Olhei para a moça, curioso.

— Levei suas roupas para a lavanderia logo que você parou de beber, ontem. Vou descer e pegá-las, enquanto você se lava.

— Onde é o banheiro?

Ela apontou uma porta.

— Não há chuveiro, mas tem água quente para encher a banheira. E há um aparelho de barba na prateleira em cima do lavatório.

As roupas estavam a minha espera quando saí do banheiro.

— Seu dinheiro está na gaveta da cômoda — disse ela, enquanto eu terminava de abotoar a camisa e vestir o paletó. Fui até a gaveta da cômoda.

— Está tudo aí, menos o dinheiro com que comprei o uísque.

Já com o maço de notas na mão, olhei para ela.

— Por que me trouxe para cá?

Ela encolheu os ombros.

— Nós, irlandesas, não servimos para mulheres da vida. Ficamos muito sentimentais quando encontramos um bêbado.

Olhei para as notas na minha mão. Havia cerca de duzentos dólares. Separei uma nota de cinco dólares, que guardei no bolso, e coloquei o resto do dinheiro em cima da cômoda.

Ela pegou o dinheiro silenciosamente e me acompanhou até a porta.

— Bem sabe que ela está morta e todo o uísque do mundo não a fará viver de novo — disse, com a mão no meu ombro.

Ficamos nos olhando um momento. Depois ela fechou a porta e eu desci por uma escura escada até chegar à rua. Entrei num supermercado na esquina da Terceira Avenida com a rua 82 e telefonei para McAllister.

— Onde diabos você se meteu todo esse tempo, Jonas?

— Estava bebendo. Consegui a cópia do testamento de Rina?

— Consegui, sim. Varremos toda a cidade à sua procura. Sabe o que está acontecendo na companhia de cinema? Todo mundo está correndo lá, para cima e para baixo, como um bando de galinhas com a cabeça cortada.

— Onde está o testamento?

— Na mesa da sala de seu apartamento, exatamente onde me pediu para que o deixasse. Se não marcarmos logo uma reunião para resolver os problemas da companhia de cinema, você não terá mais de se preocupar com o dinheiro que gastou. Perderá tudo.

— Está bem. Marque a reunião — disse. E desliguei antes que ele pudesse falar mais alguma coisa.

Saltei do táxi, paguei ao chofer e segui pela calçada à frente das casas. Crianças brincavam no gramado e olhos curiosos me seguiam. Muitas casas estavam com as portas abertas e eu não podia ler os números.

— Quem está procurando, moço? — perguntou um dos garotos.

— Monica Winthrop — eu disse.

— É uma moça que tem uma garotinha de cinco anos, mais ou menos?

— Acho que sim.

— É a quarta casa abaixo.

Agradei ao garoto e desci a rua. Ao chegar à quarta casa, olhei o nome na placa junto à campainha. *WINTHROP*. Ninguém atendeu. Tornei a tocar a campainha.

— Ela ainda não voltou do trabalho — disse um homem, por cima da cerca da casa vizinha. — Ela passa primeiro pela creche da escola para pegar a filha.

— A que horas costuma chegar em casa?

— Não deve demorar.

Olhei para o relógio. Faltavam quinze para as sete. O sol começava a desaparecer e o calor que fizera durante o dia estava menor. Sentei-me nos degraus da casa e acendi um cigarro. Sentia um gosto horrível na boca e o começo de uma dor de cabeça.

O cigarro estava quase no fim, quando Monica apareceu ao longe. Caminhava pela calçada

e uma menininha pulava sem parar à sua frente.

Levantei no momento em que a criança parou e olhou para mim.

Franziu o nariz e apertou os olhinhos pretos.

— Mamãe — disse, com sua vozinha fina —, tem um homem aqui na nossa porta.

Olhei para Monica. Por um momento, nada pudemos fazer senão ficar ali olhando um para o outro. Ela parecia a mesma, apesar de um tanto mudada. Talvez fosse a maneira de pentear o cabelo. Ou o vestido simples que usava. Mas, principalmente, os olhos. Há via neles uma tranquilidade, uma auto-segurança que eu não conhecia. Pegou a criança nos braços.

— Não há nada demais, Jo-Ann — disse ela. — É um amigo da mamãe.

A criança sorriu.

— Olá, moço.

— Olá, Jo-Ann. Olá, Monica.

— Olá, Jonas. — Sua voz soou muito séria. — Como vai?

— Bem. Quero falar com você.

— Sobre o quê? Pensei que tudo estivesse resolvido.

— Não é sobre nós — apressei-me em dizer. — É sobre a menina.

Ela abraçou com mais força a criança, num gesto de proteção. Seus olhos deixaram transparecer uma súbita apreensão.

— O que há com Jo-Ann?

— Nada que lhe dê motivo de preocupação.

— Talvez seja melhor entrarmos.

Deixei-a passar para abrir a porta e entrei em uma pequena sala. Ela colocou a menina no chão e disse:

— Vá para seu quarto brincar com as bonecas, Jo-Ann.

A menina correu para dentro, rindo. Monica voltou-se para mim:

— Você parece cansado. Esperou muito?

— Não muito.

— Sente-se — disse ela, calmamente. — Vou fazer um café.

— Não se incomode. Não vou tomar muito seu tempo.

— Não faz mal. Até gosto. Não é muito comum termos visitas.

Ela foi para a cozinha e eu me sentei numa cadeira, olhando à minha volta. Não podia aceitar que ela vivesse naquele lugar. Os móveis eram limpos e práticos, mas muito baratos. Quando eu a conhecera, Monica só se servia do que houvesse de melhor.

Voltou com uma xícara de café preto bem quente e colocou-a na mesa a meu lado.

— Duas pedras de açúcar, certo?

— Certo.

Ela colocou açúcar na xícara e mexeu o café. Provei e comecei a me sentir melhor.

— Bom café — disse eu.

— Café solúvel. Para quem trabalha como eu, não há coisa melhor para poupar tempo.

— O que falta inventarem? — murmurei.

— Quer uma aspirina? Parece que está com dor de cabeça.

— Como sabe?

— Lembra-se de que já fomos casados? Quando você está com dor de cabeça, há sempre uma ruga especial em sua testa.

— Duas, então, por favor. Muito obrigado.

Depois que tomei os comprimidos, ela se sentou diante de mim e perguntou:

— Está surpreso de me ver morando num lugar assim?

— Um pouco, Monica. Só há poucos dias fiquei sabendo que você não ficou com um tostão do dinheiro que lhe dei. Por quê?

— Eu não queria dinheiro. Meu pai é que queria, para os seus negócios. Então passei para ele.

— O que você queria?

Ela hesitou um pouco antes de responder:

— O que tenho agora. Jo-Ann. E a possibilidade de viver em paz. Fiquei com dinheiro suficiente para vir para o leste e ter a criança. Depois, quando ela atingiu idade suficiente, saí e arranjei um emprego. Sei que isso para você não é nada, mas sou secretária executiva e ganho setenta dólares por semana.

Fiquei um instante em silêncio, enquanto bebia o resto do café.

— Como está Amos? — perguntei.

Ela encolheu os ombros.

— Não sei. Há quatro anos não tenho notícias dele. Como descobriu onde eu morava?

— Através de Rina.

Ela nada falou por alguns instantes. Depois, respirou fundamente e disse com sinceridade:

— Senti muito, Jonas. Talvez não acredite, mas senti de verdade a morte dela. Soube pelos jornais. Foi terrível. Ter tanta coisa e desaparecer assim.

— Rina não tinha nenhum parente vivo. É por isso que estou aqui.

— Não compreendo — disse, surpresa.

— Ela deixou tudo o que tinha para sua filha. Não sei a quanto monta, talvez a trinta ou quarenta mil dólares, depois de pagos os impostos e as dívidas. Ela me nomeou testamenteiro e me fez prometer que a menina receberia tudo.

Monica ficou de repente muito pálida e as lágrimas surgiram em seus olhos.

— Por que ela fez isso? Não me devia nada!

— Ela se considerava culpada pelo que aconteceu conosco.

— Você e eu tivemos culpa no que aconteceu — disse ela, energicamente. Interrompeu-se, depois olhou para mim. — É uma tolice perder a calma por uma coisa que já aconteceu há tanto tempo. Tudo isso passou e está acabado.

Olhei-a um momento. Então me levantei.

— Tem razão, Monica. Passou e está acabado. — Comecei a andar para a porta. — Procure comunicar-se com McAllister. Ele preparará todos os papéis.

— Por que não fica um pouco e me deixa preparar um jantar para você? — convidou, gentilmente. — Parece muito cansado.

Não adiantava dizer-lhe que o que ela estava vendo era o começo de uma ressaca.

— Não, obrigado. Tenho de voltar. Vou resolver alguns negócios hoje.

Um olhar sinuoso, quase amargo, apareceu em seus olhos.

— Oh, quase havia esquecido. Os seus negócios...

— É verdade...

— Suponho então que deva estar agradecida porque você veio gastar seu tempo comigo.

Antes que eu pudesse responder, ela se virou e chamou a criança:

— Jo-Ann, venha se despedir desse moço simpático.

A menina entrou na sala com uma bonequinha na mão e sorriu para mim.

— Esta é a minha boneca.

Sorri também para ela.

— Muito bonita a sua boneca.

— Diga adeus, Jo-Ann.

Jo-Ann estendeu sua mão para mim.

— Adeus, moço — e acrescentou seriamente: — Venha ver a gente de novo. E não demore.

Segurei sua mão.

— Voltarei, Jo-Ann. Adeus.

Jo-Ann sorriu, e logo saiu da sala.

— Adeus, Monica — disse eu. — Se precisar de alguma coisa, telefone.

— Estarei bem, Jonas. — Estendeu a mão para mim esboçando um sorriso. — Muito obrigada, e tenho certeza de que Jo-Ann, se pudesse compreender, também lhe agradeceria.

Apertei sua mão e retribuí o sorriso.

— É uma excelente menina.

— Adeus, Jonas — disse ela, indo até a porta. Ficou me olhando enquanto eu descia pela calçada.

De repente, me chamou:

— Jonas!

Virei-me.

— Sim, Monica?

Ela hesitou um momento. Depois riu.

— Nada, Jonas. Não trabalhe demais.

Ri também e disse:

— Vou procurar seguir seu conselho.

Ela fechou a porta e continuei a descer pela calçada. Forest Hills, Queens. Um lugar danado para se morar. Tive de andar seis quarteirões até encontrar um táxi.

— Mas o que vai fazer com a companhia? — perguntou Woolf.

Olhei por cima da mesa para ele, então peguei a garrafa de uísque para encher meu copo de novo. Fui até a janela e contemplei Nova Iorque.

— *E A pecadora?* — Dan perguntou. — Temos de tomar uma decisão. Já contatei a Metro para nos emprestar Jean Harlow.

— Não quero saber de Jean Harlow — disse eu, com raiva. — O filme era para Rina fazer.

— Por Deus, Jonas! — exclamou Dan — Você não pode jogar o *script* fora. De qualquer maneira, terá de pagar meio milhão de dólares a De Mille.

— Pouco me importo com a despesa! Não vou fazer o filme!

Houve silêncio na sala e tornei a olhar pela janela. À esquerda, as luzes da Broadway subiam para o céu. A direita, ficava o rio East. Do outro lado do rio, Forest Hills. Acabei de tomar o úsque pensando que numa coisa Monica estava certa. Eu estava trabalhando demais.

Tinha muita gente nas minhas costas e negócios demais. Cord Explosives, Cord Plastics, Cord Aircraft, Intercontinental Airlines. E até uma companhia de cinema que não me interessava.

— Bem, Jonas — disse McAllister. — O que vai fazer?

Fui até a mesa e tornei a encher meu copo. Havia chegado a uma decisão. Sabia exatamente o que iria fazer daí por diante. Só o que eu quisesse. Eles que aprendessem a fazer jus ao que ganhavam e a me mostrar para que realmente prestavam.

Olhei para Dan Pierce.

— Você vive dizendo que é capaz de fazer filmes melhores do que qualquer pessoa na indústria. Está muito bem. Agora você é o chefe da produção.

Sem que ele tivesse tempo de dizer coisa alguma, voltei-me para Woolf:

— Você está preocupado com o que vai acontecer à companhia. Pois vai preocupar-se de verdade. Tome conta do resto: vendas, salas de projeção, administração.

Voltei a olhar pela janela.

— Muito bem, Jonas — disse McAllister. — Mas ainda não resolveu sobre os diretores.

— Você será o presidente da diretoria, Mac. Dan, o presidente da companhia. David, o vice-presidente executivo. Mais alguma pergunta?

Todos se entreolharam e Mac tomou a palavra:

— Na sua ausência, David fez um estudo. A companhia precisa de um crédito rotativo de três milhões de dólares para atravessar este ano. Do contrário, não poderemos manter o nível de produção atual.

— Terão um milhão de dólares, e se arranjem com isso.

— Mas, Jonas — protestou Dan —, como acha que vou fazer os filmes que tenho em mente sem dinheiro?

— Se não puder, desista. Colocarei outro em seu lugar.

O rosto de Dan branqueou. Apertou os lábios, mas não replicou, Olhei para os outros.

— Isso se aplica a todos vocês. De hoje em diante, não vou mais servir de ama de leite para todo mundo. Quem não der conta do serviço, pode ir saindo. Daqui pra frente, não quero que ninguém me consulte nem me peça coisa alguma. Quando precisar de vocês, eu mesmo os procurarei. Se tiverem alguma coisa para me comunicar, exponham tudo por escrito e mandem para meu escritório. É só, cavalheiros. Boa noite.

Depois que todos saíram, fiquei ali sentindo a mesma indefinível angústia. Olhei pela janela. Forest Hills. Que escolas haveria ali que uma menina como Jo-Ann pudesse frequentar?

Engoli o resto de meu drinque. E isso agravou a angústia em vez de atenuá-la. De repente, senti a necessidade de uma mulher.

Peguei o telefone e liguei para José, gerente do Rio Club.

— Pronto, sr. Cord.

— José, aquela cantora do conjunto de rumba. Aquela que tem...

— Olhos grandes — interrompeu-me, rindo levemente. — Sei, sr. Cord. Ela estará aí dentro de meia hora.

Levei a garrafa para a janela, enquanto enchia meu copo. Naquela noite, eu havia aprendido uma coisa muito importante.

As pessoas pagariam qualquer preço por aquilo que de fato queriam. Monica se sujeitara a morar em Queens, para poder criar a filha. Dan engolira meus insultos para poder fazer filmes. Woolf era capaz de tudo para provar que podia administrar a companhia melhor que o tio. E Mac aguentaria tudo em troca da segurança que eu lhe dava.

Quando se trata do assunto que atinge as pessoas, todas têm o seu preço. A moeda varia. Dinheiro, prestígio, glória ou sexo. Qualquer coisa. Basta saber o que realmente desejam.

Bateram na porta. Gritei:

— Entre.

Ela entrou. Olhos escuros e brilhantes, cabelo comprido e negro, solto, caindo quase até os quadris. Estava com um vestido preto decotado. Dava quase para ver o umbigo.

— Olá, sr. Cord — disse ela, sorrindo e sem o tom com que costumava falar na boate. — Foi muito gentil em mandar me chamar.

— Tire o vestido e tome um drinque.

— Quem está pensando que eu sou? Não sou dessas, não — disse ela, indignada e fazendo menção de ir embora.

— Tenho aqui na carteira quinhentos dólares que afirmam que você é.

Ela se virou para mim, sorriso nos lábios, os dedos já ocupados com o zíper às costas do vestido. Virei-me e fiquei olhando pela janela enquanto ela se despiu.

Não havia tantas luzes em Queens quanto em Manhattan. E as poucas que havia não eram tão brilhantes. De repente, fiquei furioso e puxei o cordão que prendia a veneziana. A cortina desceu rapidamente, fazendo barulho. E escondeu a cidade. Virei-me para a garota.

Seus olhos estavam fixos em mim, arregalados. Tudo que estava vestindo era uma calcinha de renda preta; os braços cruzados sobre o peito, escondendo apenas os bicos de seus grandes seios.

— Por que fechou a janela? — perguntou ela. — Ninguém pode ver a gente aqui.

— Estou cansado de olhar para Queens — respondi, aproximando-me dela.

A HISTÓRIA DE
DAVID WOOLF

LIVRO VI

David Woolf entrou no quarto do hotel e se atirou na cama completamente vestido. Começou a olhar para o teto às escuras. Aquela noite parecia ter mil anos, embora ele soubesse que era apenas pouco mais de uma da madrugada. Estava cansado e, ao mesmo tempo, não estava. Sentia-se exultante e, ao mesmo tempo, deprimido, vitorioso e, apesar disso, com o gosto amargo de uma frustração incompreensível misturando-se em seu coração.

Aquela era a oportunidade, a primeira luz do alvorecer de suas ambições, suas esperanças e seus sonhos secretos. Por que então aquela confusa mistura de emoções? Nunca lhe acontecera isso. Sabia exatamente o que queria. Tudo tinha sido muito simples. Havia traçado uma linha reta entre ele e seu objetivo.

Era Cord. Tinha de ser Cord. Não havia outra razão. Provocaria Cord o mesmo efeito sobre outros? Sentia ainda o choque experimentado quando entrara na suíte de Cord e o vira pela primeira vez desde que saíra da reunião da diretoria e fora de avião para a Califórnia, onde Rina estava morrendo.

Quinze dias se haviam passado, duas semanas durante as quais se instalara o pânico e a companhia começara a desintegrar-se ante seus olhos. Ainda ecoavam em seus ouvidos os murmúrios dos empregados do escritório de Nova Iorque. Recordava os olhares furtivos e preocupados que lhe lançavam quando passava pelo corredor. E nada havia que ele pudesse dizer-lhes, nada que pudessem fazer. Era como se a empresa estivesse em estado de choque, à espera de uma transfusão que lhe injetasse vida nova nas veias.

E então, para completar o quadro, Cord se havia instalado por lá, sempre com uma garrafa semivazia de uísque na mão. Restava apenas a sombra torturada do homem de poucas semanas antes. Estava mais magro e a exaustão lhe cavara profundas rugas no rosto. Mas só observando-se os olhos dele é que se compreendia que a mudança não era apenas física. A mudança havia começado por seu íntimo.

A princípio, David não pôde compreender ao certo o que ocorria. Então, por um breve momento, o véu se levantou e ele de repente entendeu tudo. Percebeu a estranha solidão daquele homem. Era como se fosse uma criatura vinda de outro planeta. David e o resto do pessoal eram agora estranhos para ele, quase crianças, por cujos desejos simples ele já tivesse passado na infância. Seria capaz de tolerá-los enquanto precisasse deles, mas depois se retiraria de novo para aquele mundo no qual existia sozinho.

Depois que saíram do apartamento de Cord, os três desceram o elevador em silêncio. Somente quando chegaram à portaria do hotel e se misturaram com a multidão que entrava para o show da meia-noite no terraço Starlight, um deles, McAllister, falou:

- Acho bom procurarmos um lugar sossegado para uma conversa.
- O Men's Bar, no porão — disse Pierce. — Ainda deve estar aberto.
- Estava, e o garçom serviu os drinques. McAllister levantou seu copo.
- Boa sorte — os três brindaram.

Mac olhou para um, depois para o outro, antes de falar:

— Cavalheiros, de agora em diante seguramente estamos por nossa conta. Gostaria de ser mais direto na minha contribuição. Mas acontece que sou advogado e não entendo quase nada de filmes. Posso, entretanto, explicar o plano de reorganização da companhia, que foi aprovado por Jonas antes que o negócio tivesse sido realmente consumado.

Foi só então que David teve uma ideia de como a visão comercial de Jonas chegava longe. Ele havia aprovado a retirada das velhas ações e sua substituição por outras, a emissão de ações preferenciais para atender a certas obrigações de monta da companhia e de debêntures gravando de hipoteca todos os bens imóveis da companhia, inclusive os cinemas e o estúdio. Isso em troca da entrega por ele de um milhão de dólares de capital de giro.

Em seguida, McAllister falou das compensações. David e Dan Pierce assinariam contratos de sete anos com salários que começariam em sessenta e cinco mil dólares por ano e aumentariam treze mil dólares por ano até o término do contrato. Além disso, seriam totalmente reembolsados das despesas que fizessem, e receberiam, caso houvesse lucros, uma gratificação à base de dois e meio por cento, que poderia ser paga em dinheiro ou em ações.

— É isso, cavalheiros. Alguma dúvida? — perguntou McAllister.

— Parece bom — disse Pierce. — Mas que garantia temos de que Jonas nos manterá no negócio depois que o milhão de dólares tiver acabado? Absolutamente nenhuma. Mas ele ficará protegido pelas ações e pelas debêntures.

— Tem razão — McAllister concordou. — Vocês não têm garantia, mas ele também não tem nenhuma garantia de que as ações que possui valham alguma coisa se vocês não fizerem a companhia andar. No meu ponto de vista, o sucesso depende de vocês dois.

— Mas, se o raciocínio de David está correto — continuou Dan —, não estaremos nem no meio do primeiro filme quando descobriremos que não temos mais dinheiro para pagar a folha semanal. Não sei o que deu na cabeça de Jonas. Não é possível fazer filmes de milhões de dólares sem dinheiro.

— Quem disse que temos de fazer filmes de milhões de dólares? — perguntou David, calmamente.

De repente, tudo ficou bem claro. Estava começando a compreender o que Jonas havia feito. Antes, sentira-se decepcionado por não ter sido escolhido para encarregado do estúdio. Teria gostado de ter a palavra "presidente" na porta de seu escritório. Mas Cord havia percebido rapidamente todo o mecanismo do negócio. Na realidade, o estúdio não passava de uma usina que fabricava os produtos da companhia. A administração, as vendas e os cinemas estavam sob seu controle e era daí que entrava o dinheiro. O dinheiro ditava a política do estúdio, e ele controlaria o dinheiro.

— Com um milhão de dólares, podemos fazer dez filmes. E já estaremos recebendo o retorno do primeiro quando o quinto entrar em produção.

— Não contem comigo — disse secamente Dan. — Não cheguei onde cheguei no cinema para fazer filmes baratos. Isso é para a Republic ou a Monogram.

— A Columbia, a Warner e a RKO não são tão orgulhosas — replicou David, com aspereza na voz.

— Isso é com elas — exclamou Dan, rapidamente. — Mas eu tenho de manter minha reputação.

— Não me venha com asneiras! — David explodiu. — A única coisa que se respeita na indústria do cinema é o sucesso. E ninguém se importa com a espécie do sucesso desde que ele se traduza em dinheiro, em boa bilheteria. Toda a indústria sabe que você manobrou Cord para fazê-lo comprar a companhia a fim de se tornar produtor. Se desistir, perderá toda a reputação que tem.

— Quem falou em desistir?

David relaxou e se acomodou na cadeira. Uma sensação nova, de poder, surgiu dentro dele. Já compreendia por que o tio Bernie tivera tanta relutância em afastar-se da companhia. Encolheu os ombros.

— Ouviu o que Cord disse. Se você não fizer, outro fará no seu lugar.

Pierce olhou-o por um momento, depois encarou McAllister. O rosto do advogado permanecia impassível.

— É muito fácil falar — resmungou Pierce. — Mas, enquanto eu estiver quebrando a cabeça, o que você estará fazendo?

— Estarei tomando providências para que você possa realizar seu programa de produção — respondeu David.

— De que modo? — perguntou McAllister, com visível interesse.

— Vou despedir amanhã quarenta por cento do pessoal em todos os departamentos da companhia.

— Não acha que é drástico demais? — disse McAllister. — Além disso, acha que poderá trabalhar nessas condições?

David olhou para o advogado. Era mais um desafio.

— Com toda certeza — disse, sem levantar a voz.

— Não é um modo de fazermos amigos — observou Dan.

— Isso é uma coisa que me interessa bem pouco. Não é minha intenção ganhar um concurso de popularidade. E isso será apenas o começo. Não me importa que alguém fique melindrado. O que mais me interessa é que a companhia tem de sobreviver.

O advogado ficou olhando para ele. David julgou perceber nele o esboço de um sorriso. McAllister voltou-se para Dan:

— O que acha?

— Acho que nos arrumaremos — disse Dan, sorrindo. — Por que acha que Jonas fez questão de ter David?

McAllister abriu sua pasta e disse a David:

— Aqui está seu contrato. Jonas quer que você o assine esta noite.

— E Dan?

McAllister sorriu.

— Dan assinou no dia da reunião da diretoria.

David sentiu ódio. Tudo havia sido simulado. Eles o tinham colocado numa situação difícil só para ver como se sairia. Mas controlou sua respiração. Que diferença fazia? Pegou a caneta que o advogado lhe entregava.

Esse era apenas o começo. Eles ainda estavam por fora e levariam muito tempo para conhecer a companhia como ele. E aí isso não teria mais importância.

Desde que assinasse o contrato, tudo estaria em suas mãos.

A porta que ligava o seu quarto ao do tio se abriu e a luz se acendeu.

— Já chegou, David?

— Já, tio Bernie — respondeu, sentando-se na cama.

— Então? — perguntou Norman. — Viu o homem?

— Vi, sim — disse David, acendendo um cigarro. — Está terrivelmente abatido. Parece que sentiu muito a morte de Rina.

O velho deu uma risada.

— Não consigo ter pena depois do que ele me fez — disse Norman, com amargura, ao mesmo tempo que tirava um charuto do bolso e o levava à boca sem acendê-lo. — Ele lhe ofereceu um emprego, não foi?

— Sim.

— Que emprego?

— Vice-presidente executivo.

O tio levantou as sobrancelhas.

— Sério? — disse Norman, interessado. — Quem é o presidente?

— Dan Pierce. Ele vai fazer os filmes. O resto é comigo. Administração, vendas e cinemas.

— Estou orgulhoso de você — disse Norman, abraçando David, todo sorridente. — Tinha certeza de que um dia você seria alguma coisa na vida.

David olhou para o tio com surpresa. Não era aquela a reação que esperava. Uma acusação de traição estaria mais de acordo com o temperamento do velho.

— Está satisfeito, tio Bernie?

— Claro que estou. Que mais poderia eu esperar do filho de minha própria irmã?

— Pois eu pensei...

— Pensou? — disse o velho, ainda sorrindo. — Que diferença faz o que você pensou? O que passou, passou. Agora realmente vamos poder trabalhar juntos. Eu lhe mostrarei modos de ganhar dinheiro com que você nunca sonhou.

— Ganhar dinheiro?

— Claro — Bernie replicou, baixando a voz a um tom confidencial. — Uma cabeça de *goyim* é uma cabeça de *goyim*. Com você à frente de tudo, quem vai saber o que está acontecendo? Amanhã farei saber a todos os fornecedores que o velho trato continua de pé. Só aí você pega vinte e cinco por cento da comissão.

— Vinte e cinco por cento?

— O que há? — perguntou Bernie, já com um tom de esperteza. — Vinte e cinco por cento não chegam para você?

David não respondeu.

— Bem, você não poderá chamar seu tio Bernie de miserável. Vá lá! Cinquenta por cento.

David apagou o cigarro no cinzeiro. Levantou-se e foi em silêncio até a janela.

— Em que está pensando? — disse o tio atrás dele. — Não acha justo cinquenta por cento? Você, afinal de contas, me deve alguma coisa. Se não fosse eu, nunca ocuparia esse lugar.

David apagou o cigarro no cinzeiro. Pôs-se de pé e caminhou silenciosamente para a janela. Olhou para o parque, do outro lado da rua. Voltou-se e disse com raiva para o velho:

— Devo-lhe alguma coisa? Por todos esses anos em que viveu me explorando por miseráveis trezentos e cinquenta dólares semanais? Sempre que lhe pedia algum dinheiro a mais, começava a lamentar-se dos prejuízos que a companhia estava tendo. E, todo esse tempo, metia calmamente no bolso um milhão de dólares todo ano.

— Nessa época foi diferente. Você não me compreende.

Davidriu.

— Compreendo perfeitamente, tio Bernie. Compreendo que dispõe de quinze milhões de dólares limpos e vivos na mão. Se vivesse duzentos anos, não poderia gastar tudo o que tem. E ainda quer mais.

— E que mal há nisso? — perguntou Bernie. — Trabalhei para isso. É meu direito. Quer que desista de tudo só porque um patife me expulsou para fora de minha própria companhia?

— Sim.

— Você fica do lado daquele... daquele nazista, contra sua própria carne e sangue? — guinchou o velho, com o rosto vermelho de raiva.

David o encarou.

— Não sou obrigado a escolher um lado, tio Bernie. O senhor mesmo reconhece que a companhia não é mais sua.

— Mas você está dirigindo a companhia.

— Sim, quem está dirigindo a companhia sou eu, e não você.

— Quer dizer que vai ficar com tudo para você? — disse o velho em tom acusador.

David deu as costas ao tio, sem falar. Houve silêncio durante um instante. Por fim, o tio disse amargamente:

— Você é ainda pior que ele. Ao menos, ele não estava roubando de sua própria carne e sangue.

— Deixe-me em paz, tio Bernie — disse David, sem virar-se para o velho. — Estou cansado e quero ver se durmo um pouco.

Ouviu os passos do velho atravessando o quarto. Depois, a porta ser batida violentamente atrás dele. Encostou a cabeça num lado da janela. Era por isso que o velho não havia voltado para a Califórnia logo depois da reunião dos acionistas. Sentiu um nó na garganta e, sem saber por que, teve vontade de chorar.

Ouviu um fraco som de sirene soar na rua. O barulho aumentou e uma ambulância virou para oeste vindo da rua 59, e entrou na Quinta Avenida. Afastou-se da janela, com o barulho ecoando em seus ouvidos. Parecia ter ouvido àquilo a vida toda.

Quando andava ao lado do pai, que era negociante de trastes velhos, sentado no banco duro da carreta, tinha a impressão de que nunca ouviria outra coisa. O som de uma sirene.

Os sinos dependurados na carroça do pai de David Woolf tilintavam preguiçosamente enquanto a égua cansada avançava bem devagar por entre os carrinhos de mão que se alinhavam de ambos os lados da Rivington Street. O calor sufocante do verão açoitava sua cabeça. Deixou as rédeas descansarem frouxas nos dedos. Não era preciso fazer força para guiar a égua. Ela mesma procurava seu caminho na rua atravancada, avançando automaticamente cada vez que via um espaço livre à frente.

— Cooompram-se... roupas velhas!

O cantarolar monótono e estridente de seu pai se fazia ouvir acima do barulho da feira livre, subindo até as janelas dos prédios, de onde olhares apáticos e vagos espreitavam o mundo faminto.

— Coompram-se... roupas velhas!

Do carro via o pai, caminhando ao lado pela calçada repleta, com as longas barbas agitadas pelo vento, enquanto olhava para as janelas, à procura de fregueses. O velho se revestia de inegável dignidade. Usava um chapéu preto de pele de castor; um sobretudo preto comprido que lhe batia quase nos tornozelos; uma camisa bem engomada mas já com o colarinho de pontas viradas um pouco enrugado; e uma gravata com o grande laço logo abaixo do proeminente pomo-de-adão. O rosto era pálido e fresco, sem o menor sinal de transpiração na testa, enquanto David estava ensopado de suor. Até parecia que as roupas pretas o isolavam do calor.

— Ei, senhor!

O pai se afastou até a sarjeta para ver melhor. Mas foi David quem viu primeiro. Uma velha fazia sinais da janela de um quinto andar.

— É a sra. Saperstein, papai.

— Acha que estou cego? — perguntou o pai, resmungando.

— Olá, sra. Saperstein!

— É o senhor, sr. Woolf?

— Sim — gritou o pai. — O que tem para nós?

— Suba. Vou mostrar.

— Roupas de inverno não quero. Ninguém compra!

— Quem falou em roupas de inverno? Suba para ver.

— Amarre o cavalo ali — disse o pai, apontando um espaço entre dois carrinhos de mão. — Depois suba para ajudar a trazer as mercadorias.

Enquanto o pai desaparecia na entrada do prédio, David levou a égua para perto do passeio, amarrou-a num hidrante e passou-lhe um embornal, com comida, pela cabeça

Tateou o caminho pelo corredor e pela escada escuros e mal iluminados, e parou diante de uma porta. Bateu. A porta se abriu imediatamente. Era a sra. Saperstein, com seu cabelo grisalho preso em tranças no alto da cabeça.

— Entre, entre.

David entrou na cozinha e viu o pai sentado à mesa. À sua frente, havia um prato cheio de bolinhos.

— Um bolinho, David? — perguntou a velha, indo até o fogão.

— Não, obrigado, sra. Saperstein — disse David, com polidez.

Ela tirou uma latinha vermelha da prateleira acima do fogão e mediu cuidadosamente duas colheres de chá. Despejou-as na água fervente. E as folhas foram se abrindo na água. O chá já estava quase tão preto quanto um café, quando a velha o coou e serviu em um copo a seu pai.

O pai pegou um torrão de açúcar no vaso, colocou-o entre os dentes e bebeu o chá. Após o primeiro gole escaldante, abriu a boca.

— Aah!

— Está bom? — a sra. Saperstein perguntou, sorrindo. — É chá chinês autêntico, como o que tomávamos na velha terra. Não é como o que se encontra por aqui.

O pai sorriu com ar de entendido e ergueu o copo de novo. Quando o pousou na mesa, estava vazio e as formalidades da cortesia encerradas. Era hora de tratar de negócios.

— Então, sra. Saperstein?

Mas a sra. Saperstein ainda não estava disposta a tratar de negócios; olhou para David e disse:

— É um menino tão simpático o seu David. Lembra meu Howard quando tinha a mesma idade.

Tirou um bolinho do prato e ofereceu ao garoto.

— Coma, meu filho. Fui eu mesma que fiz.

David comeu o bolo. Estava duro e seco e se esfaleou na boca.

— Coma outro, David. Parece magro e precisa comer bem.

Ele fez um gesto negativo com a cabeça.

— Sra. Saperstein — disse então o pai —, desculpe, mas sou um homem ocupado e já está tarde. Tem alguma coisa para mim?

— Venha ver.

Eles a seguiram pelo corredor estreito ladeado de quartos do apartamento. Num dos cômodos, sobre a cama, havia vários ternos de homem, alguns vestidos, camisas, um sobretudo, além de sacos de papel com vários pares de calçados.

O pai de David aproximou-se e examinou algumas das roupas.

— Roupa de inverno! — disse ele, com desprezo. — E foi para isso que subi quatro lances de escada?

— Tudo está em estado de novo, sr. Woolf. Meu filho Howard e a esposa só usam roupas por uma temporada. Iam dar para o Exército da Salvação, mas pedi que me dessem.

O pai de David não respondeu. Estava selecionando as roupas rapidamente.

— Meu filho Howard mora no Bronx — continuou ela, com orgulho. — Numa casa nova em Grand Concourse. É médico.

— Dou dois dólares por tudo — declarou o pai.

— Sr. Woolf! Isso vale no mínimo vinte dólares!

Ele deu de ombros.

— Só estou comprando isso para dar à HIAS. Melhor que o Exército da Salvação.

David assistia à barganha dos dois com pouco interesse. HIAS era a sigla com que se designava a Sociedade de Auxílio ao Imigrante Hebreu. As afirmações do pai não o impressionavam absolutamente. Sabia que as roupas nunca iriam para lá. Depois de lavadas com cuidado e escovadas por sua mãe, acabariam nas vitrines das lojas de roupas de segunda mão no

baixo Bowery e na zona leste da Broadway.

— Dez dólares — disse a sra. Saperstein. A dissimulação acabara; ela estava barganhando com determinação. — Por menos, não dá para fazer. Não pagaria nem a gasolina que meu filho Howard gastou, para vir do Bronx até aqui.

— Cinco dólares. E não se fala mais nisso.

— Seis, sr. Woolf. Ao menos para pagar a gasolina.

— Os metrô estão funcionando — disse o pai de David. — Devo ter prejuízo só porque seu filho é importante e gosta de andar de automóvel?

— Cinco e meio — disse a velha.

O pai de David olhou para ela. Depois meteu a mão no bolso do sobretudo e pegou uma bolsa amarrada ao cinto por um cordão de sapato comprido.

— Está bem — disse suspirando. — Cinco e meio. Mas o céu é testemunha de que estou perdendo dinheiro.

Fez um sinal para David e começou a contar o dinheiro, colocando-o nota por nota nas mãos da velha. David enrolou toda a roupa no sobretudo, amarrando as mangas por cima do embrulho. Depois colocou o amarrado nos ombros e começou a descer a escada. Jogou-o dentro da carroça e foi para a frente da égua. Tirou o embornal da cabeça do animal e, depois de desamarrar as rédeas do hidrante, subiu na boleia.

— Ei, David!

Olhou para o passeio. Um rapaz alto estava olhando para ele e sorrindo.

— Procurei você o dia inteiro, David.

— Estivemos em Brooklyn — disse David. — Meu pai estará aqui neste minuto.

— Então vou falar depressa. Shocky lhe dará dez dólares se você conseguir o carro e a égua esta noite. Temos de levar uma carga.

— Mas hoje é sexta-feira.

— Por isso mesmo. As ruas lá estarão vazias. Não haverá ninguém para querer saber o que estamos fazendo, à noite. E os guardas não nos incomodarão quando virem a placa da carroça.

— Vou ver se posso — disse David. — A que horas, Needlenose?

— Às nove, nos fundos da garagem de Shocky. Lá vem seu velho. Até logo.

— Com quem você estava falando? — perguntou o pai.

— Com um dos meus amigos, papai.

— Isidore Schwartz?

— Sim, o Needlenose.

— Afaste-se dele, David — disse o pai, severamente. — De gente assim não precisamos. É um vagabundo, como todos os que vivem na garagem de Shocky. Roubam tudo que encontram.

David fez que sim com a cabeça.

— Leve a égua para a cocheira. Vou à sinagoga. Diga a mamãe para preparar o jantar às sete horas.

Esther Woolf estava em frente ao candelabro ritual, com a cabeça coberta pelo xale de orações. As velas arderam com suas chamas amarelas depois que ela as acendeu com o fósforo

comprido de madeira. Apagou o fósforo assoprando e colocou-o no pratinho em cima da mesinha do bufê. Esperou que a chama das velas se firmasse e começou a rezar.

Rezou primeiro pelo filho, o seu querido Duvidele, que chegara bem tarde, quando ela e o marido já haviam quase perdido as esperanças de ter aquela bênção. Rezou depois para que Jeová desse ao marido maior vontade de vencer; ao mesmo tempo que pedia perdão ao Senhor, porque era a obra do Senhor na sinagoga que fazia o marido descuidar-se de seus interesses. Depois, como sempre, reconheceu-se culpada do pecado de haver desviado Chaim da obra que ele escolhera.

Quando se conheceram na velha terra, Chaim era um estudante talmudista. Lembrava-se dele ainda como fora nessa época, jovem, magro e pálido, com os primeiros anéis macios da barba preta brilhando com leves reflexos avermelhados. Os olhos ficavam negros e luminosos quando ele se sentava à mesa na casa do pai dela, molhando no vinho um pedaço de bolo e mostrando-se bem à altura do velho rabino e dos anciãos.

Mas, quando se casaram, Chaim foi trabalhar com o pai dela. Depois os *pogroms* começaram e os rostos dos judeus se tornaram magros e amedrontados. Só saíam de casa na escuridão da noite, às pressas, como se fossem pequenos animais das florestas. Ou ficavam amedrontados nos porões das casas, com portas e janelas fechadas e trancadas, como galinhas procurando esconder-se no galinheiro quando sentem a aproximação do *shochet*.

Até que numa noite ela não suportou mais. Levantou-se gritando do catre, ao lado do marido. Conservava fresca na memória a carta que recebera de seu irmão, Bernard, que estava na América.

— Temos de viver como coelhos dentro de uma armadilha, esperando os cossacos chegarem? — gritou chorando. — É neste mundo sombrio que meu marido espera que eu lhe dê um filho? Nem Jeová poderia lançar a sua semente num porão.

— Cale-se! — disse Chaim, em voz baixa e dura. — Não se deve tomar em vão o nome do Senhor. Reze para que Sua atenção não se desvie de nós!

Ela riu amargamente.

— Ele já nos abandonou! Ele também está fugindo dos cossacos!

— Cale-se, mulher! — disse Chaim, indignado.

Ela olhou para os outros catres do úmido porão. Mal podia ver na penumbra os rostos pálidos e amedrontados dos pais. Logo em seguida, houve um tropel de cascos de cavalos em torno da casa e começaram a ressoar na porta trancada as pancadas das coronhas dos fuzis.

O pai de Esther se levantou rápido.

— Depressa, *kinder* — disse ele, sussurrando. — Saiam pela porta dos fundos do porão. Vão pelos campos que não serão vistos.

Chaim pegou Esther pela mão e levou-a para a porta dos fundos. Parou de repente, vendo que os sogros não os acompanhavam.

— Venham! — chamou. — Depressa, que não resta muito tempo!

O pai de Esther continuou onde estava, com o braço passado sobre os ombros da mulher.

— Nós não vamos — disse ele. — É melhor que encontrem alguém, senão começarão a fazer buscas pelos campos.

O barulho no alto estava mais forte, pois a porta já começava a ceder às pancadas dos fuzis. Chaim voltou-se e disse ao sogro, ao mesmo tempo que apanhava um pau no chão:

— Então ficaremos todos aqui. Eles verão que um judeu não morre com muita facilidade.

— Vão embora — disse calmamente o sogro. — Nós lhe demos nossa filha em casamento. É da segurança dela que deve cuidar e não da nossa. Sua coragem não passa de insensatez. Como é que os judeus têm sobrevivido há milhares de anos senão fugindo?

— Mas... — protestou Chaim.

— Vão! — disse o velho. — Vão depressa! Estamos velhos. Já vivemos muito. Vocês são moços e seus filhos devem ter a oportunidade de nascer.

Poucos meses depois chegaram aos Estados Unidos. Mas vinte anos se passaram até o Senhor Deus Jeová se compadecer e lhes permitir ter um filho.

Por último, rezou por seu irmão Bernard, que tinha negócios num lugar muito afastado, chamado Califórnia, onde o verão durava o ano inteiro. Rezava para que ele tivesse boa saúde e vivesse em segurança, sem ser muito perseguido pelos índios, como ela via de vez em quando no cinema com os ingressos gratuitos que ele lhe mandava.

Suas orações terminaram, ela voltou para a cozinha. A sopa estava fervendo, deixando no ar o cheiro gostoso e forte da galinha. Pegou uma colher e foi até o fogão. Com uma escumadeira, retirou os glóbulos de gordura que estavam na superfície e guardou-os num jarro. Depois, quando a gordura estivesse fria e coagulada, poderia ser passada no pão ou misturada com bolinhos de carne para dar gosto. De repente, ouviu a porta da frente se abrir.

Pelo barulho dos passos, ficou sabendo quem era.

— É você, Duvidele?

— Sim, mamãe.

Acabou o que estava fazendo, pousou a colher no fogão e virou-se. Como sempre, sentiu o coração bater de orgulho ao ver o filho, tão alto e forte, ali à sua frente.

— Papai foi à sinagoga, mamãe. Estará em casa às sete horas.

Ela sorriu para ele.

— Muito bem. Vá lavar as mãos. O jantar está pronto.

Quando David fez com que a égua entrasse no beco que levava aos fundos da garagem de Shocky, Needlenose apareceu imediatamente.

— É você, David?

— Quem poderia ser?

— Puxa! Estávamos em dúvida se você viria ou não. Já são quase dez horas.

— Só pude sair depois que meu velho foi dormir — disse David, parando a carroça ao lado da garagem.

Um instante depois, Shocky apareceu, com a calva brilhando. Era um homem de estatura média, robusto e com braços tão compridos que lhe chegavam quase aos joelhos.

— Você demorou muito a chegar — disse ele.

— Mas estou aqui, não estou?

Shocky não respondeu. Virou-se para Needlenose.

— Comece a trazer as latas para o carro. Ele pode ajudá-lo.

David desceu do carro e entrou com Shocky na garagem. A comprida fila de latas se estendia no chão à luz da lâmpada elétrica que pendia do teto. David deu um assobio de admiração.

— Deve haver quarenta latas aqui!

— Quer dizer que sabe contar, hein? — murmurou Shocky.

— Devem pesar uns cento e oitenta quilos. Não creio que Bessie agüente puxar tudo isso.

— Ora, você levou a mesma coisa da outra vez.

— Isso é que não. Foram apenas trinta latas. E mesmo assim houve ocasiões em que pensei que Bessie ia estourar. Já imaginou o que aconteceria? Eu ficaria no meio da rua encalhado com uma égua morta e não sei quantos litros de bebida. Se meu velho soubesse de uma coisa dessas eu estaria perdido.

— Só esta vez — disse Shocky. — Eu prometi a Gennuario.

— Por que não leva tudo num de seus caminhões?

— Não posso. É justamente isso que os detetives federais estão procurando. Mas não suspeitarão de um carro de comprador de roupas velhas.

— O máximo que posso transportar são vinte e cinco latas.

— Escute, vai ganhar vinte dólares desta vez, porque estou numa enrascada.

David ficou em silêncio. Vinte dólares era mais do que seu pai fazia numa semana toda, saindo com a carroça todos os dias, chuva ou sol, inverno ou verão, todos os dias, menos aos sábados, quando ia à sinagoga.

— Vinte e cinco dólares — disse Shocky.

— Está bem. Vou arriscar.

— Então vamos começar a carregar — disse Shocky, pegando logo duas latas.

David ia sozinho sentado no banco da carroça, enquanto Bessie se arrastava lentamente pela rua, puxando a sua carga. Freou o cavalo numa esquina para deixar um caminhão passar. Um guarda se aproximou.

— Olá, David. O que está fazendo com a carroça a estas horas da noite?

David olhou para o espaço de carga do carro. As latas de bebida estavam escondidas debaixo da lona, cobertas por grande quantidade de trapos.

— Soube que estão pagando bem por trapos na fábrica de papel — respondeu. — E resolvi limpar a carroça.

— Onde está seu pai?

— Não sabe que hoje é sexta-feira?

— Ah! — disse o guarda. — Seu pai sabe?

David fez que não com a cabeça e o guarda riu.

— Vocês, garotos, são todos iguais.

— É melhor eu ir andando antes que o velho sinta minha falta.

Deu um estalo com a língua e Bessie começou a andar. Mas o guarda ainda o chamou:

— Diga a seu pai, David, para ver se encontra alguma roupa que sirva para um garoto de nove anos. A roupa do ano passado já não cabe mais no meu Michael.

— Pode deixar, sr. Doyle, falarei com ele.

Shocky e Needlenose já estavam esperando, quando David encostou o carro na plataforma de descarga. Um pouco atrás, Gennuario observava os três começando a descarregar.

Os detetives surgiram de repente da escuridão, de armas em punho.

— Estão todos presos!

David ficou paralisado com uma lata nas mãos. Teve por um instante a ideia de largar a lata no chão e sair correndo, mas não podia abandonar Bessie e a carroça ali. Que explicações iria dar ao pai?

— Largue essa lata, rapaz — disse um dos detetives.

David largou a lata e virou-se para ele.

— Muito bem. Vá ficar ali, junto à parede.

— Você não devia ter tentado isso, Joe — disse um detetive a Gennuario.

Mas Gennuario sorriu, como se não se perturbasse absolutamente com o que estava acontecendo.

— Faça o favor de entrar, tenente — disse calmamente. — Tenho certeza de que tudo se resolverá.

O tenente entrou no depósito com Gennuario, e David teve a impressão de que nunca sairiam de lá. Mas, dez minutos depois, os dois saíram sorrindo.

— Tudo certo — disse o tenente. — Parece que íamos cometendo um grande erro. O sr. Gennuario explicou tudo corretamente. Vamos.

Os detetives desapareceram com a mesma rapidez com que haviam surgido. David ficou olhando, sem compreender.

Needlenose estava sentado ao lado de David na carroça quando chegaram ao estábulo e deixaram lá a carroça.

— Garanto a você que não há mais perigo. Tudo já está arranjado — disse afinal, assim que os dois saíram para a rua.

Arranjado ou não, David não queria mais saber daquilo. Nem mesmo os vinte e cinco

dólares que levava no bolso pagavam o susto que levava.

— Para mim, chega.

Needlenose deu uma risada.

— Por quê? Está com medo?

— Claro que estou. Deve haver uma maneira mais fácil de ganhar a vida.

— Se descobrir uma, não se esqueça de me avisar. — Ele riu. — Shocky tem duas chinesas lá no apartamento dele. Diz que podemos dar uma trepada com elas, se quisermos.

David não respondeu.

— Uma delas é Sing Lu — continuou Needlenose. — Aquela bonitinha, que raspa todos os cabelos do corpo.

David hesitou, sentindo uma súbita excitação percorrer o corpo.

Era uma hora da madrugada no relógio da vitrine da mercearia da Goldfard, quando ele dobrou a esquina de sua rua. Havia um carro da polícia parado na frente da porta e uma pequena multidão em volta do carro, olhando para a porta.

David sentiu um súbito medo. Alguma coisa havia dado errado e a polícia estava ali para prendê-lo. Pensou em fugir. Mas uma compulsão o impeliu para sua casa.

— O que houve? — perguntou a uma pessoa da multidão.

— Não sei. Ouvi um guarda dizer que alguém está morrendo lá dentro.

Súbita e freneticamente David começou a abrir caminho pelo meio da multidão. Já ia subindo a escada para o apartamento do terceiro andar, quando ouviu o grito.

Sua mãe estava na porta, debatendo-se nos braços de dois guardas.

— Chaim! Chaim!

David sentiu um aperto no coração.

— Mamãe! O que aconteceu?

A mãe o olhou, como se não o reconhecesse.

— Chamo um médico e aparece a polícia — murmurou. Depois virou o rosto para o corredor. No fim dele estavam os banheiros.

— Chaim! Chaim! — gritou de novo.

O olhar de David seguiu o de sua mãe. A porta dos banheiros estava aberta.

Seu pai estava sentado na tábua do vaso, encostado à parede de uma maneira esquisita, com os olhos e a boca abertos, enquanto a baba escorria pela barba grisalha.

— Chaim! — gritou a mãe, como se estivesse acusando. — Você me disse que estava com gases. Não que estava saindo para morrer!

— Então é minha culpa que o pai dele tenha morrido antes que ele terminasse os estudos? — explodiu tio Bernie, raivoso. — Que arranje um emprego e estude à noite, já que faz tanta questão.

David estava sentado na beira de sua cadeira, olhando para a mãe. Não falava nada.

— Não é caridade que estou pedindo, Bernie — disse ela. — David quer um emprego. É só isso que peço.

Norman virou-se e olhou desconfiado para o sobrinho.

— Com certeza, gostaria de um lugar de vice-presidente na minha companhia, hein?

David perdeu a paciência e se levantou.

— Vou sair, mamãe. Tudo o que me disseram a respeito dele é verdade.

— A meu respeito! — o tio gritou bem alto. — O que falaram de mim?

— Sim, na sinagoga, quando fui rezar por meu pai, falaram que você não tinha comparecido aos funerais porque estava com receio de que alguém fosse pedir dinheiro.

— Como podia eu vir da Califórnia a Nova Iorque em um dia? Não tenho asas!

David nada respondeu e se encaminhou para a porta.

— Espere, David — disse sua mãe. Ela se virou para o irmão. — Quando, antes da guerra, você precisou de quinhentos dólares para seus negócios, com quem foi que arranjou?

Esperou um instante, antes de ela mesma responder:

— Foi com seu miserável cunhado, Chaim, o comprador de roupas velhas. Ele lhe deu o dinheiro e você deu para ele um pedaço de papel. Ainda tenho o papel. Mas algum dia vimos o dinheiro?

— Papel? — perguntou Bernie. — Que papel?

— Ainda o tenho, na mesma caixa em que Chaim guardou na noite em que lhe deu o dinheiro.

— Deixe-me ver — disse Bernie, seguindo-a com os olhos enquanto ela saía da sala. Estava começando a lembrar: Era um documento pelo qual prometia ao cunhado cinco por cento das ações da Norman quando ele comprara a velha Diamond Film. Havia esquecido por completo. Mas um advogado esperto poderia tirar daquilo um bocado de dinheiro.

A irmã voltou e passou-lhe o papel. Estava amarelado e desbotado, mas perfeitamente legível, inclusive a data: 7 de setembro de 1912. Fazia catorze anos. Como o tempo havia passado depressa!

Olhou para sua irmã.

— É contra a minha política empregar parentes na companhia. Sempre dá mau resultado nos negócios.

— Mas quem vai saber que é seu sobrinho? Além disso, quem pode trabalhar melhor por você do que uma pessoa de sua própria carne e sangue?

Bernie ficou olhando para ela. Depois se levantou.

— Está bem. Vou concordar. É contra os meus princípios, mas talvez você tenha razão. Afinal de contas, o sangue é mais forte que a água. Tenho um depósito na rua 43, perto do rio. Vá para lá. Encontrará trabalho.

— Obrigado, tio Bernie — disse David, agradecido.

— Mas, olhe lá, não vá dizer a ninguém que é meu sobrinho. Basta uma palavra sobre isso e estará despedido.

— Guardarei segredo, tio Bernie.

Norman foi para a porta. Mas, antes de sair, virou-se, com o papel na mão. Ele o dobrou e pôs no bolso.

— Vou levar isso comigo, Esther. Quando chegar ao meu escritório, mandarei para você um cheque de quinhentos dólares e mais os juros de catorze anos. A três por cento.

— Tem certeza de que pode dispor de tanto dinheiro, Bernie? — perguntou a irmã, com um ar de preocupação. — Não há pressa. Desde que David trabalhe, nós nos arranjaremos.

— Poder, não posso — disse Norman, magnanimamente. — Mas ninguém irá dizer que Bernie Norman não cumpre sua palavra.

Era um velho e sujo prédio industrial, próximo ao rio Hudson, onde funcionara uma fábrica, e que fora dividido em cômodos. Havia dois grandes elevadores de carga nos fundos e três pequenos elevadores de passageiros perto da entrada. Mal davam vazão ao grande número de empregados que para ali acorriam às oito horas da manhã e de lá saíam às seis da tarde.

O prédio era ocupado por seis locatários. O andar térreo era de uma companhia de peças de automóveis; no segundo havia uma fábrica de cosméticos; no terceiro, as oficinas de uma pequena companhia de discos; no quarto, a fábrica da Companhia Henri France, os maiores fabricantes de preservativos e preventivos anticoncepcionais baratos do mundo. O quinto e o sexto andares pertenciam a Norman Pictures.

David chegou cedo. Saltou do elevador no sexto andar e caminhou por um largo corredor entre prateleiras de madeira e aço. No fim, perto das janelas dos fundos, havia várias escrivaninhas, juntas duas a duas, uma à frente da outra.

— Olá! — disse David. — Há alguém aqui?

Sua voz ecoou pelo cavernoso pavimento vazio. Havia um relógio acima de uma das mesas. Marcava sete e meia.

As portas do elevador de carga abriram-se ruidosamente, e um homem de cabelo branco colocou a cabeça para fora e olhou para David.

— Parece que ouvi alguém chamar — disse ele.

David andou em sua direção.

— Vim procurar o gerente para falar de um emprego.

— Ah! Então é você?

David ficou confuso.

— O que quer dizer?

— O novato, o sobrinho do velho Norman — o homem respondeu.

David nada disse, de tão surpreso que ficou. O homem do elevador avisou, antes de fechar a porta:

— Não chegou ninguém ainda. Só aparecem às oito horas.

As portas de aço se fecharam e o elevador se moveu com uma terrível barulheira de ferragens. David virou as costas para o elevador pensativamente. O tio Bernie lhe recomendara

que nada dissesse. Mas todo mundo já sabia. Que iria dizer o tio quando tivesse conhecimento disso? Voltou para junto das escrivainhas.

Parou de repente à frente de um grande cartaz. Havia grandes letras vermelhas que diziam: *VILMA BANKY E ROD LAROCQUE*. Os desenhos mostravam Vilma Banky reclinada num sofá, o vestido bem acima dos joelhos, e atrás dela, de pé, Rod Larocque, moreno e simpático no estilo Valentino, de acordo com a moda em vigor na época, olhando para ela com ar de ardente paixão.

Alguém no depósito havia feito um acréscimo no cartaz. Um preservativo de borracha estava preso por um percevejo na frente da calça de Rod Larocque, vendo-se ao lado, escritas com pincel, as palavras: *COM OS CUMPRIMENTOS DE HENRI FRANCE*.

David sorriu e começou a andar pelo corredor, olhando as prateleiras. Havia ali pilhas bem arrumadas de material — cartazes, tabuletas, fotografias, curiosidades —, cada uma delas referente a um filme. Era espantoso como o material diferia um pouco de filme para filme. Parecia até que o único trabalho dos artistas era mudar os nomes dos atores e o título dos filmes.

Ouviu o elevador de passageiros parar, o som de passos no corredor. Virou-se e esperou.

Um homem alto e magro, de cabelo vermelho e com ar de preocupação no rosto, apareceu. Parou e olhou para David em silêncio.

— Meu nome é David Woolf. Mandaram-me vir falar com o gerente sobre um emprego.

— Eu sou o gerente. Meu nome é Wagner, Jack Wagner.

David estendeu a mão.

— Prazer em conhecê-lo, sr. Wagner.

O homem olhou a mão estendida. Seu aperto de mão foi fraco e hesitante.

— Você é sobrinho de Norman — ele disse, como se fizesse uma acusação.

David percebeu então que o homem estava nervoso, ainda mais nervoso que ele próprio. Não entendia. Era absurdo o homem ficar nervoso por causa do seu parentesco com tio Bernie. Mas não iria falar sobre isso, embora aparentemente todo mundo soubesse.

— Ninguém aqui sabe disso além de mim — disse Wagner. — Sente-se aí.

Apontou para uma cadeira ao lado da escrivainha. Tirou da gaveta uma ficha de candidato a emprego e disse a David:

— Preencha isto. No lugar onde pergunta se tem algum parente que trabalha na companhia, deixe em branco.

— Sim, senhor.

Wagner levantou-se e saiu. David começou a preencher a ficha. De vez em quando, ouvia o barulho das portas do elevador de passageiros que se abriam e fechavam. Vários homens passavam à sua volta. Olhavam furtivamente para ele quando se dirigiam para as mesas de empacotamento, onde começavam a cuidar do trabalho. David continuou a preencher a ficha.

Às oito horas, uma campainha tocou e um débil rumor de atividade começou a encher o prédio. O dia havia começado.

Quando Wagner voltou, David estendeu-lhe a ficha. Wagner a examinou apressadamente.

— Bom — murmurou vagamente, jogando-a sobre sua escrivainha. Afastou-se novamente.

David ficou observando-o conversar com o homem da primeira mesa. Estavam de costas

para ele, mas David tinha certeza de que era sobre ele que falavam. Começou a se sentir nervoso e acendeu um cigarro. Wagner olhou para ele e o ar de preocupação do seu rosto se agravou.

— Não pode fumar aqui dentro — disse a David. — Não viu os avisos?

— Oh, desculpe! — replicou David, procurando um cinzeiro. Não encontrou e percebeu, de repente, que todo mundo havia parado de trabalhar e estava olhando para ele. Sentiu que a testa estava enopada de suor.

— Pode ir fumar no banheiro — Wagner disse, apontando para os fundos. David seguiu pelo corredor até encontrar o banheiro. De repente sentiu vontade de urinar e entrou num dos mictórios.

Nesse momento, a porta se abriu e ele percebeu que um homem estava às suas costas.

O homem falou em iídiche, e David se virou para vê-lo. Sorria com todos os dentes de ouro da boca.

— Você é filho de Chaim Woolf, não é?

— Sou.

— Pois eu me chamo Ytzchak Margolis. Da Sociedade Prushnitzer, como seu pai.

Não era de admirar que todo mundo soubesse com tanta rapidez.

— Trabalha aqui? — perguntou David.

— Claro que trabalho. Ou pensa que vim de tão longe só para urinar? Cá entre nós, acho que foi um grande golpe de seu tio colocar você aqui.

— Golpe?

O homem fez um gesto afirmativo com a cabeça; depois continuou a falar, em voz bem baixa:

— Agora, a boa vida dessa gente acabou. Está todo mundo alarmado, e com razão. Tudo que você precisa fazer é conferir as guias.

— As guias?

— Sim, as guias de embarque. Sou capaz de embalar num dia o que eles fazem numa semana. Não tenho com que me preocupar. Os vadios é que correm perigo de perder o emprego.

Foi então que David começou a compreender. Estavam todos com medo de ficar desempregados.

— Mas ninguém tem motivos para se preocupar — disse David. — Não estou aqui para tirar o emprego de ninguém.

— Não? — perguntou Margolis, admirado.

— Claro que não. Só estou aqui porque preciso mesmo do emprego.

O homem teve uma expressão de decepção. Mas não tardou a esboçar um sorriso manhoso.

— Compreendo, compreendo. Você não quer tirar o emprego de ninguém. Vou espalhar a notícia.

Foi saindo, mas, quando chegou à porta, voltou-se e olhou para David.

— Você é igualzinho a seu tio, sabe? O velho nunca deixa a mão esquerda saber o que a direita está fazendo.

David jogou fora o cigarro e saiu. Estava no meio do corredor, quando encontrou Wagner.

- Sabe trabalhar com uma empilhadeira?
- Dessas que usam para levantar fardos?
- Exatamente.
- Claro que sei.

A ansiedade abandonou os olhos de Wagner por um momento.

— Muito bem. Há um carregamento de quinhentos e cinquenta mil folhetos de anúncio lá embaixo na plataforma. Traga tudo cá para cima.

O elevador parou no andar térreo e as portas pesadas se abriram na plataforma de embarque. Vários caminhões estavam estacionados de ré na plataforma, e havia uma porção de gente trabalhando na carga e descarga dos caminhões.

— Qual é o material que devo levar para cima? — David perguntou ao ascensorista.

— Pergunte ao chefe da plataforma. Eu só cuido do elevador.

— Quem é o chefe da plataforma?

O homem do elevador apontou um homem atarracado, vestindo camiseta, com pelos negros espessos cobrindo o peito e os antebraços. As feições eram grosseiras e a pele tinha o tom avermelhado de alcoólatra. David se aproximou dele.

— O que quer? — o homem perguntou.

— O sr. Wagner me mandou apanhar os folhetos.

O chefe da plataforma olhou para ele.

— Wagner, hein? Onde está Sam?

— Sam?

— Sim, Sam, o escriturário dos recebimentos, seu idiota!

— Diabos! Como posso saber? — perguntou David, que já estava perdendo a calma.

O chefe da plataforma virou-se para o homem do elevador.

— Será que mandaram o Sam embora para dar o lugar a esse bestinha?

— Não. Vi Sam trabalhando lá em cima, numa das mesas de empacotamento.

O chefe da plataforma se voltou para David.

— Estão ali encostados à parede. — Apontou.

Os folhetos estavam embalados em quatro engradados, contendo cento e vinte e cinco pacotes de mil unidades cada um. David levou a empilhadeira para lá e prendeu os dois ganchos sob um dos engradados. Segurando as alças da extremidade da corda presa à roldana, deixou cair todo seu peso, mas seus cinquenta e nove quilos não foram suficientes para levantar o engradado do chão.

David olhou em volta. O chefe da plataforma estava rindo ironicamente.

— Pode me dar uma ajuda aqui?

O homem deu uma risada.

— Tenho meu próprio serviço para cuidar — disse, com sarcasmo. — O velho Norman mandou um garoto fazer trabalho de homem.

David de repente tomou consciência do silêncio que caíra sobre a plataforma. Olhou em volta. O ascensorista dava um sorriso afetado, malicioso; até os motoristas dos caminhões estavam rindo. Indignado, sentiu o rosto ficar vermelho. Todos estavam contra ele. Torciam e se deliciavam com o fracasso do sobrinho do patrão. Tirou distraidamente um cigarro do bolso e tratou de acendê-lo.

— É proibido fumar aqui — avisou o chefe. — Se quiser fumar, vá para o meio da rua.

David ficou olhando para ele por um instante, depois desceu em silêncio a rampa em direção à rua. Atrás dele, uma explosão de gargalhadas. A voz do chefe arrematou:

— Acho que mostramos ao judeuzinho bastardo que conosco ele não arranja nada!

David afastou-se dali, começou a caminhar pela calçada ao lado do edifício. Acendeu o cigarro. Estava preocupado em saber se todos de fato estavam contra ele. Até o gerente, o tal Wagner, não ficara exatamente satisfeito em vê-lo. Wagner o mandara fazer aquele serviço, sabendo muito bem que ele não teria força para levantar o engradado.

Havia uma garagem do outro lado da rua, e isso lhe deu uma ideia.

Deu meio dólar ao mecânico e voltou empurrando o grande macaco hidráulico, próprio para caminhões. Um silêncio tomou conta da plataforma enquanto ele ajustava o macaco sob o engradado. Pôs em ação a alavanca do macaco e o engradado foi suspenso.

Em menos de cinco minutos, David levou os quatro engradados para o elevador.

— Muito bem — disse para o ascensorista. — Vamos subir.

Sorriu ao ver a cara carrancuda do chefe da plataforma, enquanto as portas do elevador se fechavam.

Todos os empregados das mesas olharam para o elevador.

— Espere um pouco — disse ao ascensorista. — Vou perguntar a Wagner onde quer que deixe isso.

Foi até a mesa do gerente. Estava vazia. Perguntou aos empregados:

— Onde está Wagner?

Os homens se entreolharam confusos. Foi Margolis quem respondeu:

— Está no banheiro, fumando um cigarro.

David agradeceu e seguiu pelo corredor até o banheiro. O gerente conversava com outro homem, com um cigarro na mão. Estava de costas e teve um sobressalto quando David disse:

— Sr. Wagner?

— Sim, David, o que há? — perguntou, com visível mau humor. — Não conseguiu trazer os folhetos?

David olhou-o fixamente. Sim, o gerente também estava contra ele. Sentiu um assomo de amargura. E o tio Bernie havia dito que tudo ficaria em segredo.

— Bem, se não conseguiu, pode dizer — exclamou o gerente, mais irritado ainda.

— Já estão aqui em cima. Só quero saber onde devo colocá-los.

— Já trouxe tudo? — perguntou Wagner, sem a segurança de pouco antes.

— Claro que sim.

— Está bem — disse Wagner, jogando o cigarro na privada. — Leve-os para o corredor cinco. Vou mostrar o lugar certo.

Já eram quase dez e meia quando David acabou de esvaziar os engradados e empilhar todos os folhetos nas prateleiras. O suor encharcava sua camisa. A camisa branca e limpa que a mãe o fizera vestir agora estava toda molhada e suja. Enxugou a testa na manga e foi até a escrivaninha do gerente.

— O que quer que eu faça agora?

— Foram quinhentos pacotes ao todo?

— Exatamente.

O gerente entregou-lhe uma folha de papel.

— Então, assine a fatura.

David examinou a fatura enquanto apanhava um lápis. Era a nota dos folhetos: quinhentos mil folhetos, a um dólar cada pacote de mil unidades, preço total de quinhentos dólares. Esse papel é bem caro, pensou, enquanto escrevia suas iniciais ao pé da fatura.

Logo depois de ele haver assinado, o telefone da escrivania, tocou e o gerente atendeu.

— Depósito.

— Sim, sr. Bond, acabaram de chegar — continuou Wagner. Depois, cobriu o fone com a mão e disse a David:

— Quer ir pegar um daqueles folhetos e me trazer?

David saiu para o corredor, tirou um folheto de um dos pacotes e levou-o para o gerente. Wagner pegou, examinou e disse ao telefone:

— Não, sr. Bond. São de uma só cor.

Quem falava do outro lado do fio estava tão irritado que David quase podia ouvir o que era dito. Wagner mostrou-se aborrecido, e logo depois colocou o fone no gancho.

— Era o sr. Bond, do departamento de compras. Os folhetos que acabamos de receber deviam ser de duas cores?

David olhou para o cartaz sem compreender o motivo de tanto estardalhaço. Eram apenas folhetos para distribuir nas ruas. Que diferença fazia se não estavam impressos em duas cores?

— O sr. Bond mandou jogar tudo fora.

— Jogar fora? — perguntou David, surpreso.

— Sim, tire tudo das prateleiras e leve outra vez lá para baixo. Vamos precisar do espaço. Os novos folhetos chegarão esta tarde.

David estava cada vez mais perplexo. Que negócio mais maluco aquele em que se jogava uma coisa fora antes mesmo de pagá-la. Mas nada tinha com isso.

Já era meio-dia e meia quando ele chegou à plataforma levando o primeiro engradado de cartazes. O chefe da plataforma berrou:

— Ei, para onde vai com isso?

— É lixo.

O chefe da plataforma se aproximou e olhou dentro do elevador.

— Lixo, hein? Tudo isso?

— Sim — respondeu David. — Onde coloco isso?

— Não vai colocar isso em lugar nenhum. Suba agora mesmo e vá dizer a Wagner que terá de me pagar cinco dólares se quiser que eu jogue seu lixo fora.

David sentia cada vez mais raiva do homem. Mas subiu e foi até a mesa de Wagner.

— O chefe da plataforma quer cinco dólares para jogar o lixo fora.

— Oh, é claro! Havia esquecido — disse Wagner, abrindo uma caixa de metal sobre a mesa e tirando uma nota de cinco dólares.

— Escute — disse David, sem acreditar no que estava vendo —, vai mesmo pagar esse dinheiro a ele?

— Naturalmente.

— Mas o papel dos folhetos é muito bom. Qualquer comprador de papel velho dará no mínimo cinquenta dólares por aquilo.

— Não temos tempo de tratar dessas coisas. Dê-lhe os cinco dólares e esqueça.

David o encarou. Nada daquilo fazia sentido. Jogavam fora quinhentos dólares de papel antes mesmo de pagá-los e não procuravam nem ganhar cinquenta dólares com ele para diminuir o prejuízo. Chegavam até a pagar cinco dólares para se livrarem da mercadoria.

O tio não era tão esperto quanto diziam, pois do contrário não faria negócios dessa espécie. O que ele devia ter era sorte. Se não fosse a falta de sorte, o pai dele teria se tornado milionário.

— Tenho uma hora para almoço, sr. Wagner? — perguntou, depois de tomar uma decisão.

— Claro. Todos têm.

— Posso tirar a minha hora de almoço agora?

— Pode tirar depois de resolver o caso dos folhetos.

— Se não se incomoda, tratarei disso na hora de meu almoço.

— Não me incomoda, mas não há necessidade. Trate primeiro do caso e depois faça sua hora de almoço.

— Posso dar um telefonema?

Wagner concordou e David ligou para Needlenose na garagem de Shocky.

— Em quanto tempo você consegue chegar aqui com um caminhão? — perguntou ele, depois de explicar rapidamente o negócio.

— Vinte minutos, David. Mas... espere um pouco — continuou Needlenose: — Shocky diz que cobrará dez dólares pelo caminhão.

— Está certo. E traga um soco-inglês para você. E outro para mim. Poderemos ter tempo quente.

— Entendi, David.

— Está bem. Estarei à sua espera na calçada da frente.

Wagner mostrava ansiedade depois que David desligou o telefone.

— Não quero encrencas — disse nervoso.

David pensou que, se todos estavam com tanto medo dele que não o deixavam trabalhar direito, não faria mal algum dar-lhes realmente motivo para ter medo.

— Encrenca o senhor vai ter, sr. Wagner; é se o tio Bernie souber que gasta cinco dólares para perder cinquenta.

— A responsabilidade não é minha — disse prontamente o gerente, muito pálido. — Faça apenas o que o departamento de compras manda.

— Neste caso, não tem motivo algum de se preocupar.

Wagner pôs a nota de cinco dólares de volta no caixa. Trancou as gavetas da escrivaninha e se levantou.

— Vou almoçar — disse.

David sentou na cadeira dele e acendeu um cigarro, infringindo deliberadamente a proibição de fumar. Os empregados das mesas estavam todos de olhos voltados para ele. David também os encarava, em desafio, sem nada dizer. Pouco depois, os homens começaram a sair, um por um. Dentro em pouco, o único que permaneceu, além dele, foi Margolis.

— Acredite no que vou dizer. Não adianta você se sujeitar a ser massacrado. Tony, o chefe da plataforma, é pior do que um cossaco. Peça outro emprego a seu tio.

— Como posso fazer isso? Já foi bastante difícil ele me dar este. Se eu aparecer agora lá chorando, ele nem me receberá.

— Sabe para onde foram todos, menino? Todos eles? Não saíram para o almoço. Estão lá embaixo na rua, ansiosos por ver Tony arrepentá-lo.

David deu uma longa tragada, pensativo, e perguntou:

— Por que é que esses cinco dólares são tão importantes?

— Todos os locatários do edifício pagam alguma coisa a Tony. Ele não pode deixar você livre de fazer o mesmo. Do contrário perderá tudo.

— Então, além do mais, é um idiota! — disse David, zangado. — Eu queria apenas fazer o meu serviço. Se ele não me tratasse como me tratou, nada teria acontecido, e ele continuaria calmamente a receber o dinheiro.

David levantou, jogou o cigarro no chão e esmagou-o com o salto do sapato. Sentia um gosto amargo na boca. Tudo aquilo era uma coisa sem pé nem cabeça. E ele não era tão inteligente quanto se julgava. Caíra direitinho na armadilha que lhe haviam preparado. Agora não podia recuar, nem se quisesse. E não podia também perder a luta lá embaixo. Se perdesse, o tio com certeza ficaria sabendo, e ele perderia o emprego.

Needlenose estava esperando por ele lá embaixo.

— Onde está o caminhão? — perguntou David.

— Do outro lado da rua. Trouxe o que você me pediu. Quer liso ou de ponta?

— De ponta.

A mão de Needlenose saiu do bolso da calça e David pegou a soqueira de ferro. Olhou para os empregados. As pontas redondas e pontudas brilharam perigosamente. Enfiou a arma no bolso.

— Como vamos enfrentar o cara? — perguntou Needlenose. — Estilo chinês?

Era um artilheiro comum em Chinatown. Um homem pela frente e outro pelas costas. A vítima avançava para o homem que estava à sua frente e era atingida pelas costas. Em noventa por cento dos casos, ficava sem saber o que havia acontecido, quando mais tarde recobrava os sentidos.

— Não. Para dar resultado, tenho de enfrentá-lo sozinho.

— Ele pode matar você — replicou Needlenose. — Tem pelo menos vinte quilos mais que você.

— Se eu estiver em apuros, você entra na briga e me ajuda.

— Se você estiver em apuros, David, o que poderei fazer será apenas tratar de seu enterro.

— Nesse caso, mande a conta para o tio Bernie. A culpa foi dele. Vamos lá.

David olhou para ele, depois deu um sorriso irônico.

Estavam esperando, sim. Margolis dissera a verdade. Todo o edifício sabia o que ia acontecer. Havia até algumas moças da fábrica de cosméticos e da Henri France a postos para apreciar o acontecimento.

Fazia calor e David sentia o suor encharcar sua roupa. Até pouco antes, a plataforma estivera barulhenta. Muita gente conversava; alguns comiam sanduíches fingindo que estavam interessados apenas nisso. Naquele momento, porém, ninguém mais fingia. As conversas haviam cessado e os sanduíches foram esquecidos dentro dos embrulhos de papel impermeável.

O silêncio o envolveu e ele sentiu que todos os olhares estavam fitos nele. Correu os olhos distraidamente à sua volta. Reconheceu alguns homens do depósito. Eles desviaram o olhar do seu.

De repente, sentiu-se meio atordoado. Aquilo tudo era uma loucura. Não era nenhum herói. De que adiantava aquilo? Que valor tinha aquele emprego miserável para que ele se arriscasse a morrer para não perdê-lo? Viu então o chefe da plataforma e não teve mais dúvidas. Não podia recuar.

Em toda a parte era a lei da selva — nas ruas do East Side, nos depósitos de papel velho à margem do rio e mesmo naquele depósito da rua 43. Sempre havia um pequeno ditador, disposto a lutar para manter o seu reinado, toda vez que aparecia alguém para pôr sua tirania em perigo.

Aquele foi um momento revelador para o espírito de David. Naquele breve momento ele entendeu. O mundo era assim mesmo. Até seu tio, sentado à sua escrivaninha no alto de tudo, era um ditador, à sua maneira. Quem sabe quantas noites o tio Bernie ficava sem poder dormir, preocupado com as ameaças ao seu império?

Reis e ditadores vivem mais amedrontados que os outros, porque têm mais o que perder. Além disso, sabem que um dia, mais cedo ou mais tarde, perderão tudo. Quando não por outras razões, pela velhice que lhes rouba as forças e o poder de raciocinar. Os que dominam o mundo têm de morrer e deixar tudo para os herdeiros. Seria assim com o chefe da plataforma e com o tio Bernie. Tudo aquilo seria dele um dia, porque ele era moço.

— Traga o caminhão — disse David, por entre os dentes.

Needlenose desceu a rampa e foi até o caminhão encostado no outro lado da rua. David colocou o macaco sob o engradado mais próximo. Acionou a alavanca e o engradado foi suspenso do chão. Chegou à beira da plataforma no momento em que Needlenose encostava nela a traseira do caminhão.

Descendo do caminhão, Needlenose perguntou:

— Quer que lhe dê uma mão, David?

— Não. Deixe que eu me arranjo.

Empurrou o macaco carregado para a plataforma aberta do caminhão e destravou. O engradado pousou no chão do veículo. Olhou de relance o chefe da plataforma quando voltou para apanhar outro engradado de cartazes. O homem não havia se movido.

David sentiu uma leve esperança no fundo do coração. Talvez estivesse errado, talvez todos estivessem errados. Levou o último engradado para o caminhão e puxou a trava. Não ia haver briga nenhuma.

Ouviu um leve suspiro da multidão amontoada na plataforma, quando virou o macaco para

tirá-lo do caminhão. Levantou os olhos e viu o chefe da plataforma, bloqueando a traseira do caminhão. Sem se perturbar, David empurrou o macaco para onde ele estava. Quando chegou perto do chefe da plataforma, este estendeu o pé na frente do macaco e encarou David em silêncio.

David o encarou também e tentou empurrar o macaco para a plataforma. O homem moveu rapidamente o pé. A alavanca do macaco foi arrancada da mão de David, o macaco escorregou para o lado e a parte da frente saiu por completo do caminhão. As rodas do macaco ficaram girando no estreito espaço entre a plataforma de embarque e o caminhão. Novo suspiro nervoso se elevou da multidão.

O chefe da plataforma falou com voz autoritária:

— Para tirar esse caminhão daqui tem de pagar cinco dólares, judeuzinho! Se não tem dinheiro, vai ficar tudo aí mesmo!

David meteu a mão no bolso. Enfiou os dedos no soco-inglês, sentindo a frieza do metal.

— Tenho uma coisa para você — disse, aproximando-se do homem, ainda com a mão no bolso.

— Agora, está ficando sabido, judeuzinho — disse o homem, desviando seus olhos de David para a multidão. Foi nesse momento que David atacou. Sentiu a dor subir-lhe pelo braço quando atingiu com toda a força o rosto do homem. As pontas de metal do soco-inglês abriram-lhe o rosto como se fosse um melão maduro.

O homem deu um grito contido de dor e desfechou tremendo soco em David, atingindo-o na cabeça e arremessando-o contra o lado do caminhão. David se sentiu completamente atordoado. A briga teria de ser rápida, caso contrário o homem poderia matá-lo mesmo. Sacudiu a cabeça para recuperar-se e viu que o inimigo avançava contra ele. Firmou os pés na borda do caminhão e procurou atingir novamente o rosto do homem.

O soco não atingiu o alvo. O homem aparou-o no braço mas, ainda assim, teve de recuar para a plataforma. David atacou-o outra vez. O homem conseguiu esquivar-se, mas perdeu o equilíbrio e caiu no chão.

David encostou-se no grande macaco hidráulico e olhou para ele. O homem estava se levantando nas mãos e nos joelhos. Virou o rosto para David, com o sangue escorrendo por suas faces e os lábios cerrados numa expressão selvagem.

— Vou matá-lo por isso, judeuzinho miserável!

David olhou para ele. O homem estava quase de pé.

— Foi você mesmo quem pediu! — disse, empurrando o macaco sobre o homem.

O chefe da plataforma deu um grito quando o pesado macaco caiu em cima dele. Depois, ficou ali estendido, imóvel, com o macaco sobre as costas, como um monstro primitivo.

David aprumou o corpo, ofegante, e olhou para a multidão. Todos já estavam começando a se dispersar, com os rostos pálidos e amedrontados. Needlenose subiu no caminhão e disse, olhando para o chefe da plataforma:

— Será que você liquidou o homem?

David encolheu os ombros. Jogou a soqueira no bolso do amigo e disse:

— Convém tirar logo esse caminhão daqui.

Needlenose tomou o volante e David desceu para a plataforma.

O caminhão desapareceu na rua no momento em que Wagner chegava com um guarda.

Este olhou para David e perguntou:

— O que houve?

— Um acidente.

O guarda olhou para o chefe da plataforma.

— Telefonem chamando uma ambulância. E me ajudem a tirar essa coisa de cima dele.

David encaminhou-se para o elevador de carga. Ouviu a sirene da ambulância quando estava no banheiro se lavando. A porta se abriu e Margolis apareceu, com uma toalha na mão.

— Tome. Achei que ia precisar disto.

David agradeceu, pegou a toalha e a ensopou na água quente, cobrindo depois o rosto com ela. O calor lhe fez bem. Fechou os olhos. O barulho da sirene foi diminuindo a distância.

— Está se sentindo bem? — perguntou o velho.

— Estou, muito obrigado.

Ouviu os passos do velho saindo do banheiro. Pouco depois, tirou a toalha do rosto e se olhou no espelho. Exceto por um pequeno galo no lado direito da testa, estava perfeito. Lavou o rosto com água fria e se enxugou. Depois deixou a toalha na beira da pia e saiu.

Havia uma moça perto da escada, vestindo um avental azul que tinha bordadas no bolso as iniciais da Henri France. Parou para olhá-la e teve a vaga impressão de que a conhecia. Provavelmente era uma das garotas que havia visto lá embaixo.

Ela o olhou firmemente, com um sorriso que mostrava dentes não muito bonitos.

— É verdade que você é sobrinho do velho Norman?

— É, sim.

— Fred Jones, que é o chefe do seu laboratório fotográfico, diz que eu devia trabalhar no cinema. Tirou algumas poses minhas

— Foi?

— Estou com as provas aqui. Quer ver?

— Claro.

Ela sorriu e tirou algumas fotografias do bolso. David olhou e achou que o tal Fred, fosse lá quem fosse, sabia tirar fotografias.

— Gosta?

— Gosto.

— Pode ficar com elas.

— Obrigado.

— Se tiver oportunidade, mostre-as a seu tio — disse, sem demora. — É assim que muitas começam no cinema.

Houve um instante de silêncio e ela continuou:

— Vi tudo o que houve lá embaixo. Já era tempo de Tony levar uma lição.

— Não gosta dele?

— Ninguém gosta dele. Todos têm medo dele. O guarda me perguntou o que houve. Eu disse que foi um acidente. O macaco caiu em cima dele.

David a olhou bem nos olhos, cintilantes e firmes.

— Você é bonito — disse ela. — Eu gosto de você.

Tirou alguma coisa do bolso e entregou a David. Parecia uma caixinha de aspirinas, mas nela se lia em letras douradas: *HENRI FRANCE DE LUXE*,

— Essas aí não lhe darão aborrecimentos. São as melhores que fazemos. Pode-se ler um jornal através delas. Fui eu mesma que examinei e enrolei todas.

— Obrigado.

— Tenho de voltar ao trabalho — disse ela, começando a descer a escada. — Até a vista.

— Até a vista.

David abriu a caixinha. Ela tinha razão. Eram tão finas que se podia ler através delas. Havia um papel no fundo da caixa. Trazia escritos o nome Betty e um número de telefone.

Wagner estava sentado à escrivaninha, quando David apareceu.

— Você teve sorte. O médico disse que Tony teve apenas um choque momentâneo e duas costelas quebradas. Mas levou doze pontos no rosto.

— Ele é que teve sorte. Foi um acidente.

O gerente baixou os olhos e disse:

— O homem da garagem quer dez dólares para mandar consertar o macaco.

— Irei pagar amanhã.

— Não é preciso — replicou Wagner, prontamente. — Já paguei.

— Obrigado.

O gerente o encarou firmemente e disse em voz baixa:

— Gostaria de fazer de conta que não aconteceu nada hoje de manhã. Gostaria de começar tudo de novo.

David olhou-o por um instante. Em seguida, estendeu a mão e sorriu, dizendo:

— Meu nome é David Woolf. Mandaram-me vir falar com o gerente para trabalhar aqui.

O gerente levantou-se e apertou-lhe a mão com força.

— Sou eu o gerente. Wagner, Jack Wagner. Muito prazer em tê-lo conosco. Vou apresentá-lo ao pessoal.

Quando David se voltou para as mesas, todos estavam sorrindo para ele. De repente, haviam deixado de ser estranhos. Eram todos amigos.

Bernie Norman entrou no seu escritório de Nova Iorque. Eram dez horas da manhã. Ele estava com os olhos brilhantes e as faces rosadas pelo ar do inverno, depois da rápida caminhada do hotel até ali.

— Bom dia, sr. Norman — disse sua secretária. — Fez boa viagem?

Norman sorriu para ela, entrando no seu gabinete e abrindo a janela. Deixou-se ficar ali respirando o ar puro e frio. Como era bom aquilo, diferente da terrível uniformidade do clima da Califórnia.

Foi então para sua escrivaninha, apanhou um grande charuto e o acendeu lentamente, apreciando com prazer a fragrância do tabaco. Até os charutos em Nova Iorque eram melhores.

Sentou, começou a ler os papéis em cima da mesa e sua satisfação aumentou. Os negócios iam muito bem. Os cinemas de Nova Iorque estavam dando bons lucros. O Norman, seu melhor cinema, na Broadway, havia aumentado consideravelmente a receita desde que começara a dar shows no palco entre as exibições de filmes. Podia ser comparado com o Loew's State e o Palace. Continuou a folhear os boletins dos cinemas e parou surpreso quando chegou ao do Park, que acusava uma média de quatro mil e duzentos dólares por semana nos últimos dois meses. Devia haver algum engano. O Park nunca fizera, e ainda assim excepcionalmente, mais do que três mil dólares por semana. Era apenas um cinema de terceira ou quarta categoria, no pior trecho da rua 14.

Norman examinou mais detidamente o boletim e encontrou um item de despesa com o título de Gratificações aos Empregados. O total médio por semana chegava a quase trezentos dólares. Pegou imediatamente o telefone. Alguém tinha enlouquecido. Jamais concordaria com gratificações dessa ordem. O boletim só podia estar todo errado.

— Pronto, sr. Norman — disse a secretária pelo telefone.

— Diga a Ernie que venha imediatamente falar comigo.

Ernie Hawley era o tesoureiro e teria de explicar aquilo direitinho.

Hawley entrou daí a pouco, com os olhos protegidos pelos óculos escuros.

— Como vai, Bernie? — perguntou ele. — Fez boa viagem?

— O que há com este boletim do Cine Park? — perguntou, batendo no boletim. — Nunca aprendem a fazer nada certo?

— O Park? — Hawley demonstrou profunda surpresa. — Deixe-me ver.

Norman entregou-lhe o boletim e se recostou na cadeira, tirando furiosas baforadas do charuto.

— Não vejo nada de errado — disse Hawley, depois de olhar o boletim.

— Não vê? — replicou Norman, sarcástico. — Pensa que não sei que o Park nunca rendeu mais do que três mil dólares desde que foi inaugurado? Posso ser tolo, mas tanto assim, não!

— Os totais do boletim estão certos, Norman. Nossos contadores verificam tudo a cada semana.

— E essas gratificações aos empregados? Dois mil e quatrocentos dólares em dois meses! Pensa que estou maluco? Nunca aprovaria uma coisa dessa!

— Mas é claro que aprovou, Bernie! É a gratificação de vinte e cinco por cento que você determinou para os gerentes. Seria paga caso eles conseguissem manter o nível de renda depois

do Natal, quando normalmente a receita diminui.

— Mas nós calculamos isso sobre a renda máxima dos cinemas. Só daríamos a gratificação sobre o que passasse daí e calculamos que não gastaríamos quase nada. Qual foi o máximo estimado para o Park?

— Três mil.

— Então há truque nisso. Taubman está nos roubando deslavadamente. Do contrário, como poderia estar faturando quatro mil e duzentos dólares por semana?

— Taubman não está mais dirigindo o cinema. Teve de se submeter a uma operação de apêndice logo depois do Natal e ainda está se recuperando.

— Mas a assinatura no boletim é dele.

— Não. E apenas um carimbo, como todos os gerentes têm.

— Então quem é que está administrando o cinema? Quem é esse sabidinho que está tirando do nosso bolso trezentos dólares por semana?

Hawley já demonstrava claramente todo seu nervosismo.

— Estávamos em dificuldades, Bernie. A doença de Taubman nos pegou desprevenidos e não tínhamos ninguém para botar no lugar dele.

— Deixe de rodeios e diga-me a verdade agora mesmo — disse Norman, secamente.

— É seu sobrinho, David Woolf.

Norman bateu com a mão na testa dramaticamente.

— Eu já sabia! Eu já sabia!

— Não tivemos outro jeito, Bernie — disse Hawley, acendendo nervosamente um cigarro. — Mas o rapaz está trabalhando bem, Bernie. Entrou em entendimento com o comércio das vizinhanças e está sorteando brindes em todas as sessões. Duas vezes por semana faz desfiles de propaganda dos filmes. Instituiu ainda o que chama de "noites da família" às segundas e terças, que são os dias de menor movimento. Uma família inteira pode entrar por setenta e cinco cents. E está dando resultado. A venda de bombons e pipocas é quatro vezes maior do que antes.

— E quanto é que isso tudo está nos custando?

— Bem, as despesas gerais aumentaram um pouco, mas achamos que vale a pena.

— Sério? — falou alto Norman. — Aumentaram exatamente quanto?

Hawley pegou o boletim:

— Entre oito e oito dólares e meio por semana.

— Entre oito e oito dólares e meio por semana — repetiu Norman, sarcasticamente. Levantou-se, furioso com o tesoureiro: — Devo mesmo admitir que o pessoal que trabalha para mim não passa de um bando de idiotas! O aumento da receita não nos adianta nada. Mas para ele é ótimo. Trezentos dólares por semana a mais no bolso dele.

Foi até a janela e fechou-a violentamente. O tempo em Nova Iorque era desagradável com aquele frio horrível tão diferente do clima quente e cheio de sol da Califórnia.

— Acho que está sendo vantajoso — disse Hawley. — Quando se calcula a receita geral, inclusive as concessões de vendas, chega-se à conclusão de que estamos recebendo cento e cinquenta dólares a mais por semana.

— Sim, ele gasta novecentos dólares do nosso dinheiro por semana para ganhar trezentos. Devemos agradecer-lhe a gentileza de deixar cento e cinquenta para nós? E isso enquanto ele

não descobrir um meio de nos tirar esses também!

Sentou novamente à escrivaninha.

— Não sei por que, mas toda vez que venho a Nova Iorque consigo me aborrecer!

Jogou o charuto no cesto e apanhou outro. Colocou-o na boca e começou a mastigá-lo.

— Há um ano e meio vim para cá e o que encontrei? Ele estava trabalhando no depósito havia pouco mais de um ano e já tinha mais lucro com aquilo do que nós. Ganhava mil dólares por um vendendo cartazes inaproveitados, e mais dois mil fazendo fotografias pornográficas que imprimia às centenas com material do nosso laboratório. Arrumou a concessão para vender preservativos de borracha por atacado em todos os nossos escritórios no país. Foi uma sorte eu haver acabado com isso, senão iríamos todos parar na cadeia.

— Mas temos de reconhecer, Bernie, que o depósito nunca foi mais bem administrado. O inventário rotativo perpétuo que ele idealizou nos permitiu economizar uma verdadeira fortuna em compras dispensáveis.

— E você acha que ele fez isso visando aos nossos interesses? Não seja bobo! Ele ganhava dezessete dólares por semana, mas ia todos os dias para o trabalho num Buick de dois mil e trezentos dólares.

Bernie riscou um fósforo e acendeu o charuto.

— Coloquei-o então no Norman como subgerente. Pensei que tudo estava resolvido e que eu podia dormir em paz. Afinal, o que poderia acontecer de errado num cinema famoso como aquele, onde tudo funciona por si mesmo? Isso é o que eu pensava. Seis meses depois, quando voltei, descobri que ele transformara o cinema numa casa de tolerância e num ponto de *bookmakers*! Todos os artistas de vaudeville do país, de repente, queriam trabalhar no Norman. E por que não? Você acha que no Loew's State ou no Palace eles encontrariam empregadas bonitas e à disposição das dez da manhã à uma da madrugada? E onde mais eles poderiam encontrar um subgerente pronto a aceitar apostas para todos os prados do país, sem que eles precisassem sair de seu próprio camarim?

— Mas os artistas mais famosos do país se apresentaram no cinema, não foi? E continuam se apresentando. Isso deu ainda maior prestígio ao cinema.

— Pois foi uma felicidade que eu o mandasse para o Hopkins, no Brooklyn, antes que a polícia fechasse o Norman. Pensei que minhas preocupações haviam se acabado. Ele poderia ficar ali como subgerente. Afinal, que tipo de problema ele poderia nos criar no Brooklyn? Voltei para a Califórnia com o coração tranquilo.

Levantou-se de repente e exclamou, encolerizado:

— Seis meses depois, porém, chego aqui e o que encontro? A companhia toda anarquizada por ele, que está fazendo mais dinheiro do que um vice-presidente.

— Talvez seja isso o que você deve fazer — disse Hawley.

— O quê?

— Fazer dele um vice-presidente.

— Mas é ainda um garoto,

— Fez vinte e um anos no mês passado. E é um camarada que eu gostaria de ver sempre do nosso lado.

— Não — disse Norman, pensativo. — Quanto ele está ganhando agora?

— Trinta e cinco dólares por semana.

— Tire-o do Park e transfira-o para o departamento de publicidade do estúdio. Ali eu mesmo fiscalizarei seu trabalho; assim, ele não poderá arranjar encrencas.

— Vou tratar disso agora mesmo, Bernie — disse Hawley, levantando-se.

Bernie viu o tesoureiro sair e resolveu telefonar para a irmã. Não queria que ela ficasse preocupada. Ele pagaria todas as despesas da mudança para a Califórnia. Depois lembrou-se de que ela não tinha telefone e que seria preciso mandar chamá-la na casa de bombons da esquina. Resolveu passar por lá depois do almoço. Não seria necessário avisar. Ela nunca saía de casa.

Sentiu um estranho orgulho. Aquele seu sobrinho era um rapaz muito vivo, embora tivesse ideias loucas. Com um pouco de orientação, coisa que nunca pudera ter do próprio pai, quem poderia prever onde ele chegaria? O rapaz iria longe.

Sorriu quando pegou de novo o boletim. A irmã tinha razão: bom sangue não nega.

Harry Richards, chefe do policiamento do estúdio, estava no portão principal quando Nevada Smith chegou no seu carro. Aproximou-se dele, com a mão estendida.

— Sr. Smith! Muito prazer em vê-lo de novo.

Nevada sorriu, evidentemente satisfeito com aquela sincera manifestação de amizade.

— O prazer é todo meu, Harry.

— Há quanto tempo não aparece!

— É verdade, sete anos — disse Nevada, lembrando-se de que a última vez em que estivera no estúdio fora logo depois da estreia de *O renegado*, em 1930. — Tenho hora marcada com Dan Pierce.

— Ele está à sua espera no antigo gabinete de Norman.

Nevada engatou a marcha e Richards afastou-se do carro, dizendo:

— Espero que tudo se resolva de forma satisfatória, sr. Smith. Será como nos velhos tempos, se o senhor voltar.

Nevada sorriu e seguiu com o carro para o edifício da administração. Uma coisa ao menos não havia mudado no estúdio. Não havia segredos. Todo mundo sabia o que estava acontecendo. E certamente todos sabiam mais do que ele. Ele só tinha conhecimento do que estava escrito no telegrama de Dan.

Chegando do campo, havia encontrado o telegrama na entrada. Abriu e leu:

Tenho importante assunto tratar com você. Gostaria me procurasse imediatamente.

Dan Pierce

Martha apareceu logo depois de ele haver lido o telegrama.

— O almoço está pronto — disse ela.

Nevada mostrou o telegrama.

— Dan Pierce está me chamando. Diz que tem um assunto importante para tratar comigo.

— Devem estar em dificuldades — replicou ela, calmamente. — Senão, para que ele iria chamá-lo depois de tanto tempo?

Ele encolheu os ombros, fingindo uma tranquilidade que não sentia.

— Não creio que haja dificuldades, Martha. Jonas não é como Bernie Norman. Talvez as coisas tenham mudado depois que ele tomou conta do estúdio.

— É o que eu espero — disse ela, com animação. — Não quero que o explorem como já aconteceu.

Martha voltou para a cozinha. E Nevada percebeu que gostava das atitudes dela. Era firme e solidária com ele. Colocava-o acima de tudo, até de si mesma. Sabia que seria assim quando casara com ela dois anos antes. A viúva de Charlie Dobbs era a espécie de mulher com quem deveria ter casado muito antes.

Seguiu-a até a cozinha.

— Tenho de ir a Los Angeles para resolver com o banco o caso da compra dos quatrocentos hectares a Murchison. Não faria mal algum passar para ver o que Dan quer comigo.

— Não, não faria — murmurou ela, botando o bule de café em cima da mesa.

— Sabe de uma coisa, Martha? Vamos os dois juntos. Nos hospedaremos no Ambassador e trataremos de nos divertir um pouco.

Bastava olhar para a animação que a fisionomia de Nevada demonstrava para saber que se houvesse alguma coisa para ele, voltaria a trabalhar no cinema. Não que precisasse de dinheiro. Nevada era um homem rico. Tudo estava rendendo bom dinheiro — o show *Oeste Selvagem*, que ainda usava o seu nome, o rancho para divorciadas em Reno, de que ele e o primeiro marido de Martha tinham sido sócios, e a fazenda de gado no Texas, onde estavam morando.

Não, por dinheiro não era. Ele havia recusado uma oferta de um milhão de dólares de entrada e mais os *royalties* pela exploração da parte norte da fazenda, em cujas vizinhanças havia sido encontrado petróleo. Queria conservar a terra como era, limpa e bonita, sem aquelas horríveis torres de petróleo.

Era o prazer da fama, de ser acompanhado por olhos que cintilavam ao reconhecê-lo quando passava pelas ruas, de viver cercado e aplaudido pelos garotos. Mas estes já tinham outros heróis. Era o que lhe faltava — isso e Jonas.

No fundo, talvez fosse apenas Jonas. Jonas era o filho que ele nunca tivera. Tudo mais era acessório e substitutivo, até ela própria. Por um instante, ela teve pena dele.

— O que acha? — perguntou ele, olhando-a.

Martha sentiu um assomo de ternura. Tinha sido sempre assim. Mesmo muitos anos antes, quando ele era bem moço e fora do Texas para o rancho em Reno, onde ela e Charlie se haviam estabelecido. Cansado, vencido e fugitivo da polícia, tinha ele aquele olhar ferido de quem se sente sozinho na vida. Desde então, ela sentira a bondade do coração de Nevada.

— Acho que será magnífico — disse, sorrindo e quase com timidez.

— É infernal — explodiu Dan. — Não estamos mais fazendo filmes. Isto agora é uma fábrica. Temos de produzir, de qualquer maneira, determinada cota mensal de filmes.

Nevada recostou-se na poltrona e sorriu.

— Mas parece-me que você está se dando bem com isso, Dan. Sua aparência está ótima.

— As responsabilidades estão dando cabo de mim. Mas, de qualquer modo, é um trabalho.

Nevada o olhou. Dan estava mais gordo e com ar de quem vive regaladamente.

— Em todo caso, vai dando para viver, não é?

— Eu sabia, Nevada, que não podia esperar compreensão de sua parte.

Ambos riram. Dan baixou os olhos para a mesa e disse, em seguida, muito sério:

— Deve estar querendo saber por que lhe mandei aquele telegrama, não?

— É por isso que estou aqui.

— Agradeço muito você ter vindo. Logo que tomamos conta do estúdio, você foi a primeira pessoa em quem pensei.

— Obrigado — disse Nevada, secamente. — Por que tanta pressa?

Dan arregalou os olhos e fingiu-se ofendido.

— Isso é maneira de falar com um velho amigo? Lembre-se de que fui seu agente. Quem foi que lhe arranhou o primeiro trabalho no cinema?

— Lembra-se também de ter deixado o meu show de lado, quando viu que podia ganhar

mais dinheiro com o show *Buffalo Bill*?

— Isso foi há muito tempo, Nevada. Estou até admirado de que tenha falado nisso.

— Foi apenas para refrescar-lhe a memória. Qual é sua ideia, Dan?

— Você sabe como os filmes são vendidos hoje em dia? Vende-se por adiantamento a produção do ano inteiro. Tantos filmes de classe A, tantos de classe B, tantos de ação e aventuras, tantos de horror e mistério, tantos *westerns*. Talvez apenas dez por cento de tudo isso esteja filmado quando se faz a venda. Depois disso, vive-se numa trabalhadeira louca para fazer os filmes e cumprir os contratos.

— Por que não acumula uma reserva para distribuição posterior? — perguntou Nevada. — Isso deverá resolver seus problemas.

— De fato, mas não temos as reservas de dinheiro necessárias. Estamos sempre à espera de que entrem os dólares dos filmes já feitos para iniciarmos a filmagem dos novos. É um círculo vicioso.

— Ainda não sei qual é sua proposta.

— Já vou chegar lá. Mas tenho de lhe falar com franqueza. Jonas nos mantém com um orçamento muito apertado. Não estou me queixando. Talvez ele tenha razão. De qualquer maneira, não tivemos prejuízo no ano passado, sendo a primeira vez em cinco anos que equilibramos receita e despesa. Bem, neste ano, o departamento de vendas acha que pode colocar catorze *westerns*.

— Muito bem — disse Nevada.

— Ainda não temos o dinheiro para fazê-los. Mas o banco está disposto a fazer o empréstimo se você estrelar esses filmes.

— Tem certeza?

— Conversei pessoalmente com Moroni. Ele acha que é uma grande ideia.

— Quanto lhe adiantarão?

— Quarenta mil dólares por filme.

Nevada riu.

— Para todas as despesas?

— Sim.

— Obrigado e passe bem — disse Nevada, levantando.

— Espere um pouco até eu acabar, Nevada. Acha que iria chamá-lo se não achasse que você também podia ganhar algum dinheiro?

Nevada tornou a sentar.

— Eu sei qual é sua opinião sobre filmes dessa espécie. Mas estes serão diferentes. Ainda temos os cenários que serviram para *O renegado*. Bastará fazer alguns reparos e ficarão como novos. Utilizarei o meu melhor pessoal de produção. Você poderá escolher qualquer dos diretores ou *cameramen* de que dispomos. E escritores e produtores, também. Meu conceito em relação a você é bom demais para estragá-lo com coisa inferior!

— Muito bem — disse Nevada. — Mas vou trabalhar em troca de quê? Só pelo dinheiro dos cigarros?

— Creio que tenho um bom trato para você. Mande a contabilidade examinar o caso e descubri um meio de você ficar com algum dinheiro, em vez de gastar tudo nesses malditos

impostos com que Roosevelt nos persegue.

— Vamos ver...

— Nós lhe pagaremos dez mil dólares por filme. Isso quer dizer que você ganhará cinco mil dólares por semana, pois cada filme não levará mais de duas semanas para ser rodado. Você esperará a entrada dos primeiros lucros para receber seu salário, e nós, ao fim de sete anos, transferiremos para você a posse do filme, negativos e cópias, direitos e tudo mais. Nessa ocasião, caso queira, compraremos o filme de você. Isso lhe dará um bom lucro.

— Tenho a impressão de estar ouvindo Bernie Norman — disse Nevada, impassível. — Deve ser influência da sala.

Pierce sorriu.

— A diferença é que Norman queria explorá-lo e eu não. O que quero, apenas, é manter esta fábrica em funcionamento.

— E quais serão as histórias?

— Não quis tratar disso enquanto não falasse com você. Sabe que sempre tive muita confiança no seu critério em matéria de histórias.

Nevada sorriu. A resposta de Dan mostrava que ele ainda não havia pensado nos argumentos.

— O importante seria apresentar em toda a série um personagem em quem as pessoas pudessem acreditar.

— Exatamente o que eu tinha em mente. Talvez você pudesse fazer o papel de Nevada Smith mesmo. Cada filme, uma aventura nova. Mas com os mesmos velhos truques e ideias.

— Não é possível — disse Nevada. — Isso nunca deixa de parecer falso. Gene Autry e Roy Rogers já fazem isso na Republic. Além do mais, não creio que ninguém se convença se eu fizer papéis de mocinho. Com este meu cabelo branco, não pode ser.

— Não custa nada pintá-los de preto...

— Nada disso. De certo modo, já me habituei a eles assim...

— Conseguiremos então argumentos apropriados — disse Dan. — Ainda que tenhamos de recorrer a alguma coisa de Zane Grey e Clarence Mulford. Logo que você concordar, trataremos disso.

Nevada levantou-se e disse:

— Deixe-me pensar um pouco. Vou conversar com Martha e depois falarei com você.

— E verdade — disse Dan. — Soube que casou de novo. Embora um pouco tarde, meus parabéns.

Nevada encaminhou-se para a porta. No meio do caminho, voltou-se e perguntou:

— Como é que Jonas vai passando?

Pela primeira vez, Pierce demonstrou hesitação.

— Deve ir bem.

— Deve? Por que diz isso? Não o tem visto?

— A última vez em que o vi foi há dois anos, em Nova Iorque, quando tomamos conta da companhia.

— E não o viu mais desde esse tempo? Nunca vem ao estúdio?

Dan baixou os olhos, como se estivesse embaraçado.

— Raramente. De vez em quando, fala conosco pelo telefone. Às vezes, aparece por aqui. Mas é sempre tarde da noite e quando não há mais ninguém. Só sabemos que esteve aqui porque encontramos os recados que deixa escritos nas mesas.

— E se acontecer alguma coisa importante?

— Nesse caso, telefonamos para McAllister, que transmite a Jonas a comunicação. Às vezes, nos telefona. Mas, na maioria dos casos, limita-se a dizer a Mac o que devemos fazer.

Nevada teve de repente a impressão de que Jonas estava precisando dele.

— O fato, Dan, é que não poderei tomar uma decisão enquanto não conversar com Jonas.

— Mas se acabo de lhe dizer que ninguém consegue ver o homem!

— Você não quer que eu faça os filmes? — perguntou Nevada.

— Mas pode ser que ele nem esteja no país. Podemos passar até um mês sem ter notícia dele.

— Não faz mal. Eu espero — disse Nevada, abrindo a porta.

— Vai ficar para jantar, Duvidele?

— Não posso, mamãe — disse David. — Passei só para saber como a senhora vai.

— Com eu vou? Do jeito de sempre. Sofrendo com minha artrite. Nem muito, nem pouco. Como sempre.

— A senhora devia era sair, tomar um pouco de sol. Aproveita tão pouco o sol da Califórnia!

— Para que eu quero sol? — perguntou a sra. Woolf. — Já não tenho um filho? Ainda que quase nunca o veja, ainda que ele viva num hotel? Aparece de vez em quando, talvez de três em três meses. E ainda devo dar-me por muito feliz por ele se lembrar de vir me ver.

— Não fale assim, mamãe. Bem sabe como vivo cheio de trabalho.

— Seu tio Bernie voltava para casa todo dia.

— Os tempos eram diferentes, mamãe — murmurou ele.

Não podia dizer à mãe que o irmão dela era conhecido em toda Hollywood como o homem das matinês. Além disso, tia May seria capaz de matar o marido, se ele tivesse a ideia de sair à noite.

— Você já está aqui há uma semana e esta é só a segunda vez que veio me ver. E nem ao menos fica para jantar!

— Prometo da próxima vez ficar para jantar, mamãe.

— Quinta-feira, então — disse ela, com muito interesse.

— Por que quinta-feira especialmente?

Ela teve um sorriso misterioso.

— Quero que você conheça uma pessoa. Uma pessoa muito interessante.

— Outra moça,, mamãe? Será possível?

— Sim, que mal há nisso? Acredite. É uma moça muita boa, David. A família tem dinheiro. E ela estudou na universidade.

— Mas, mamãe, não quero conhecer moças. Não tenho tempo.

— Não tem tempo de conhecer moças? Pois você já tem trinta anos, e é tempo de sobra para se casar. Com uma boa moça de uma boa família. Para não levar a vida toda dentro de boates com essas...

— Isso é a negócios. Tenho de sair com elas.

— Tudo o que você faz, diz que é por causa dos negócios. E tudo o que não quer fazer, também. Mas eu só quero saber é de uma coisa: vem jantar na quinta-feira ou não?

David olhou para a mãe com essa mistura de ternura e enfado própria dos filhos e disse, encolhendo os ombros resignadamente:

— Está bem. Venho sim, mamãe. Mas não se esqueça de que terei de sair cedo. Tenho uma porção de coisas para fazer.

Ela sorriu satisfeita.

— Ótimo. Mas não venha tarde, ouviu? Às sete horas em ponto.

Quando chegou ao hotel, encontrou um recado: precisava telefonar para Dan Pierce.

— O que há, Dan? — perguntou ele, depois de fazer a ligação.

— Sabe onde Jonas está?

— Jonas? O nome não me é desconhecido — disse David rindo.

— Deixe de brincadeira. O assunto é sério. A única maneira que temos de conseguir Nevada para fazer aqueles *westerns* é providenciar uma conversa dele com Jonas.

— Quer dizer que ele está mesmo disposto a fazer o negócio?

David não acreditara que Nevada fosse concordar com aquilo. Não precisava do dinheiro e todo mundo sabia o que ele pensava daqueles filmes rápidos.

— Fará, sim, mas só depois de conversar com Jonas.

— Eu também gostaria de falar com Jonas — disse David. — O governo está de novo insistindo na campanha contra os trustes.

— Eu sei. Os sindicatos vivem infernizando minha vida. Não sei por quanto tempo ainda poderei resistir: Eu podemos mais alegar prejuízo, pois nosso balanço anual já foi publicado. Equilibramos as despesas e deveremos ter lucros no ano que vem.

— Acho melhor falarmos com Mac. Conversaremos sobre isso também. Afinal de contas, dois anos sem uma reunião da diretoria é tempo demais.

Mas McAllister também não sabia por onde Jonas andava. Como David já dissera, isso gerava um sentimento de frustração. Era como se o trabalho fosse feito dentro de um vácuo. Nada havia de palpável por todos os lados. Tudo o que se fazia era fechar contratos para ganhar tempo. Pilhas de contratos, como uma pirâmide sem fim. Contratos eram assinados com a Fox, com a Loew's, com a RKO, com a Paramount, com a Warner. Isso permite inclusive a exibição dos filmes de uma nas salas da outra. Vivia-se pulando ora num pé, ora no outro, sem nunca se poder tomar uma atitude ou uma posição mais estável.

David não entendia por que Jonas procedia daquela maneira com a companhia. A coisa era muito diferente com seus outros interesses. A Cord Aircraft havia se transformado rapidamente num gigante da indústria. A Intercontinental Airlines já era a maior empresa de aviação comercial do país. A Cord Explosives e a Cord Plastics faziam vitoriosamente concorrência à Du Pont.

Mas, quando se tratava da companhia de cinema, bastava não deixá-la morrer. Mais cedo ou mais tarde, Jonas teria de enfrentar a realidade. Precisaria decidir entre permanecer no negócio ou afastar-se. Era necessário ir em frente. Essa que era a dinâmica da ação na indústria do cinema. Quem parava enfraquecia-se e desaparecia.

E David já fizera todo o movimento que lhe era possível. Provara que a companhia podia manter-se. Mas, para transformá-la numa empresa de verdade, teriam de fazer alguma coisa de fato grande — ou filmes ou contratos.

No fundo, o que ele desejava eram contratos. Aquilo era uma coisa mais segura e muito menos arriscada do que os filmes que custavam milhões. Disney, Goldwyn e Bonner andavam à procura de novos canais de distribuição. Todos eles produziam grandes filmes, que rendiam muito e, o mais importante, eram inteiramente financiados por eles mesmos. David estava à espera dos resultados das sondagens que mandara fazer junto à Goldwyn e à Disney. Já tivera uma conversa com Maurice Bonner. Mas a aprovação de negócios dessa natureza tinha de ser dada por Jonas e por ninguém mais.

Bonner queria uma combinação da mesma espécie que Hall Wallis fizera com a Warner e Zanuck tinha com a Twentieth Century-Fox — supervisão executiva de todo o programa, produção pessoal dos seus quatro projetos principais em cada ano, ações e opções na companhia.

Era um preço alto, mas inevitável quando se queria o melhor. Skouras não havia hesitado quando precisara de Zanuck. Um homem assim podia acrescentar vinte milhões de dólares à receita da companhia. Era a diferença entre existir simplesmente e prosperar.

E, enquanto isso, onde estava Jonas? Jonas era quem tinha a chave que poderia abrir as portas de ouro.

— Há um certo Irving Schwartz ao telefone — disse-lhe a secretária pelo interfone.

— O que ele quer? Não conheço nenhum Irving Schwartz.

— Ele diz que o conhece, sr. Woolf. Pediu que lhe falasse em Needlenose.

— Needlenose! — exclamou David, rindo. — Por que não disse logo? Pode ligar.

A secretária transferiu a ligação e David falou.

— Needlenose! Como está você, seu bandido?

Needlenose riu satisfeito ao telefone.

— Bem. E você, David?

— Muito bem. Mas trabalho como um cão.

— Sei disso. Tenho ouvido falar muito a seu respeito. E não se pode deixar de ficar satisfeito quando se tem conhecimento de que um velho amigo venceu na vida.

— Vencer ainda não. Mas vai se lutando — replicou David, pensando que aquilo não podia deixar de ser uma investida. Quanto merecia um velho amigo? Cinquenta dólares ou cem?

— Mas seu lugar já é bem importante.

— Chega de falar em mim — disse David, ansioso por mudar de assunto. — E você? O que está fazendo por estas bandas?

— Vou indo regularmente. E moro aqui. Tenho uma casa em Goldwater Canyon.

David quase deu um assobio. O velho amigo devia ir muito bem. As casas ali valiam no mínimo setenta e cinco mil dólares. Pelo menos, não se tratava de uma fachada.

— Ótimo! Foi um pulo muito grande o que você deu de Rivington Street.

— Sem dúvida. Gostaria de conversar com você, David.

— Eu também gostaria de vê-lo. Mas estou tão assoberbado de trabalho aqui...

A voz de Needlenose era calma, mas firme.

— Sei disso, David, e, se não fosse muito importante, não o incomodaria.

David pensou por um instante. Se não se tratava de uma fachada, por que podia ser tão importante?

— Por que é que não vem até aqui no estúdio? Podemos almoçar e, depois, você fará uma visita completa.

— Não serve, David. Temos de nos encontrar num lugar onde ninguém nos veja.

— Na sua casa então?

— Também não serve. Não confio nos criados. Também não pode ser em nenhum restaurante. Alguém poderia nos espiar.

— Não poderíamos falar pelo telefone?

— Também não confio em telefones.

— Espere aí — disse David, lembrando-se de repente. — Vou jantar com minha mãe esta noite. Vá jantar conosco. Ela está nos Apartamentos Park, em Westwood.

— Parece ótimo. Sua mãe ainda faz aquelas sopas deliciosas?

— Claro. E os mesmos bolinhos de carne com gordura de galinha. Você terá impressão de que ainda está na velha Nova Iorque.

— Está bem. A que horas?

— Sete horas.

— Estarei lá.

David desligou o telefone, ainda curioso sobre o que o Needlenose poderia querer. Não teve de esperar muito. Dan Pierce entrou no seu escritório, todo afogueado e suarento.

— Falou pelo telefone com um camarada chamado Schwartz?

— Acabei de desligar — disse David, um tanto surpreso.

— Vai encontrar-se com ele?

— Esta noite.

— Graças a Deus! — exclamou Dan, deixando-se cair numa cadeira e tirando o lenço para enxugar o rosto.

David o olhou com curiosidade.

— Você pode me explicar o que tem assim de tão importante um camarada que eu conheço desde menino?

— Sabe quem é ele?

— Claro que sei. Era meu vizinho em Rivington Street. Fomos colegas de escola.

David riu.

— Pois seu amigo do East Side subiu muito na vida. Mandaram-no para cá há seis meses, quando Bioff e Brown se viram em dificuldades. É o dirigente máximo dos sindicatos na costa do Pacífico.

David olhou para ele atônito, sem saber o que dizer.

— Espero que consiga se entender com ele — continuou Dan. — Já tentei e não consegui nem falar com ele. Se você não conseguir nada, estaremos na rua da amargura daqui a uma semana. Será a maior greve que você já viu. Vão parar tudo: estúdios, cinemas, tudo!

David olhou para a mesa na sala de jantar, enquanto acompanhava a mãe até a cozinha. A mesa estava posta para cinco pessoas.

— Não me disse que íamos ter tanta gente assim para jantar, mamãe.

A mãe, que estava olhando uma panela, não se voltou.

— E você acha que uma boa moça pode vir jantar pela primeira vez na casa de um rapaz sem os pais?

David teve vontade de sair dali correndo. A coisa ainda ia ser pior do que ele esperava.

— Por falar nisso, mamãe, ponha mais um prato na mesa. Convidei um velho amigo para vir jantar conosco.

— Convidou alguém para jantar aqui? Esta noite? — perguntou a mãe, um tanto desapontada.

— Fui obrigado, mamãe. Negócios.

A campainha da porta tocou. David olhou para o relógio. Sete horas. Devia ser Needlenose.

Abriu a porta para um homem pequeno, de cabelo grisalho e ar preocupado, que parecia ter uns sessenta anos. Acompanhavam-no uma senhora da mesma idade e uma moça. O ar de preocupação desapareceu quando o homem sorriu e estendeu a mão.

— Deve ser David. Sou Otto Strassmer.

— Muito prazer, sr. Strassmer.

— Minha mulher, Frieda, e minha filha, Rosa.

David sorriu para elas. A sra. Strassmer cumprimentou com a cabeça e disse alguma coisa em alemão, ao mesmo tempo que a filha murmurou, com voz agradável:

— Muito prazer.

O som daquela voz fez David olhar subitamente para ela. Não era alta e seu corpo era magro. O cabelo preto, arrumado em pequenos cachos na cabeça, emoldurava uma testa bem larga e belos olhos claros, envolvidos por longas pestanas. Havia um leve desafio na curva da boca e no ângulo do queixo. David compreendeu de repente que a moça tinha tanto interesse por aquela reunião quanto ele.

— Quem é, David? — perguntou a mãe, da cozinha.

— Perdão. Querem fazer o favor de entrar? — disse ele às visitas. Então respondeu à mãe: — São os Strassmer, mamãe.

— Leve-os para a sala de estar. Há *Schnapps* em cima da mesa.

David fechou a porta da sala e perguntou à moça:

— Quer me dar seu casaco?

A moça tirou o casaco. Estava vestida com uma blusa muito simples e uma saia presa na fina cintura por um largo cinto de couro. David ficou surpreso. Tinha experiência bastante para saber que os seios que espetavam tão agressivamente a seda daquela blusa não estavam tolhidos por nenhum sutiã.

A sra. Strassmer disse alguma coisa em alemão. Rosa olhou para ele.

— Mamãe está dizendo que pode ir beber alguma coisa com papai. Enquanto isso, ela e eu iremos até a cozinha para ver se sua mãe precisa de alguma ajuda.

David olhou para ela. Aquela voz de novo. Tinha sotaque, mas quase imperceptível. Ao menos, não era tão carregado quanto o do pai dela. As mulheres foram para a cozinha e ele se voltou para o sr. Strassmer. O homem sorriu, e ambos se encaminharam para a sala de estar.

David encontrou na mesa uma garrafa de uísque cercada de cálices. Era uma garrafa de Old Overholt. David conteve as duras penas uma careta. Era a bebida tradicional que aparecia em todas as cerimônias — nascimentos, *bar mitzvah*, casamentos, mortes. Uma mistura forte de aguardente de centeio que queimava a garganta e enchia o nariz de um cheiro desagradável de álcool. Devia ter-se lembrado de uma garrafa de uísque escocês! A seu ver, o Old Overholt era o maior responsável pelo fato de os judeus não gostarem do verdadeiro uísque.

Mas era evidente que o sr. Strassmer não pensava da mesma forma. Pegou a garrafa e disse, sorrindo:

— Ah, *gut Schnapps!*

David sorriu, tomou-lhe a garrafa da mão e quebrou o gelo, perguntando:

— Puro ou com água?

Outra coisa tradicional: a garrafa tinha de estar sempre selada. Em nenhuma circunstância, qualquer que fosse a ocasião, poderia se servir a bebida numa garrafa aberta. David pensou por um momento no que acontecia a todas as garrafas abertas que ficavam pela metade. Talvez estivessem metidas no fundo de algum armário, aguardando o dia da libertação.

— Puro — disse Strassmer, com uma leve nota de horror na voz.

David encheu um cálice, entregou-o e disse, como que pedindo desculpas:

— Não posso dispensar um pouco de água.

Nesse exato momento, Rosa apareceu com um jarro de água e alguns copos.

— Achei que podiam precisar disso — disse ela, sorrindo e colocando tudo sobre a mesinha.

Rosa retirou-se e David preparou um drinque com grande quantidade de água. Voltou-se para Strassmer, que levantou o copo.

— *L'chaim!*

— *L'chaim!* — repetiu David.

Strassmer bebeu de um só gole, num gesto quase ritual. Tossiu um pouco e virou-se para David, com lágrimas nos olhos.

— *Ach, gut!*

David provou o seu drinque. O gosto era horrível, mesmo com água.

— Mais um? — perguntou, polidamente.

Otto Strassmer sorriu. David tornou a encher seu copo e sentou-se num sofá.

— Então é você o grande David. Tenho ouvido muitas coisas a seu respeito.

David sorriu. Era assim que ia transcorrer a noite. Quando tudo terminasse, ele provavelmente estaria com o rosto dolorido de tanto sorrir.

— Sim — continuou Strassmer —, tenho ouvido muitas coisas a seu respeito. E há muito tempo tenho vontade de conhecê-lo. Não sabe que trabalhamos ambos para o mesmo homem?

— O mesmo homem?

— Sim, Jonas Cord. Trabalha para ele no negócio de cinema. Trabalho para ele na indústria de plásticos. Conhecemos sua mãe no *shul*, ano passado. Começamos a conversar e descobrimos que minha mulher, Frieda, era prima de seu pai. As duas famílias eram da Silésia.

Acabou de beber o uísque, tornou a tossir e olhou para David com os olhos lacrimosos.

— O mundo é bem pequeno, hein?

— Sem dúvida — murmurou David.

A mãe apareceu então à porta, perguntando:

— Onde está seu amigo? O jantar já está pronto e nada de ele aparecer.

— Deve chegar a qualquer momento, mamãe.

— Não disse a ele que era às sete horas?

— Disse.

— Então por que ele não está aqui? Não sabe que quando é hora de comer é preciso comer, senão tudo fica estragado?

A campainha tocou naquele exato momento e David deu um suspiro de alívio.

— Aí está ele, mamãe — disse, e levantou para abrir a porta.

O homem alto e elegante que estava à frente de David não tinha quase semelhança com o rapaz magro e nervoso de quem ele se lembrava. Aquele nariz enorme e pontudo que lhe tinha valido o apelido havia sido substituído por um nariz fino, quase aquilino, que contrastava agradavelmente com a boca rasgada e o queixo forte. Sorriu ao ver a expressão de espanto de David.

— Mandeí consertá-lo numa oficina. Não me ficaria bem andar por Beverly Hills com um nariz do East Side. Muito prazer em vê-lo, David — concluiu, estendendo a mão.

O aperto de mão foi firme e cordial.

— Entre logo. Mamãe está quase estourando. O jantar já está pronto.

Entraram na sala de estar. Strassmer levantou-se e a mãe de David olhou para Needlenose, desconfiada. David correu os olhos pela sala. Rosa não estava presente.

— Lembra-se de Irving Schwartz, mamãe?

— Como vai, sra. Woolf?

— Claro que me lembro de Yitzchak Schwartz — disse ela. — Que foi que houve com seu nariz?

— Mamãe! — protestou David.

— Não tem importância, David — interrompeu-o o amigo, sorrindo. — Mandeí consertar, sra. Woolf.

— Pois fez mal. Com um narizinho desse, nem sei como você consegue respirar. Já arranjou um emprego, Yitzchak? Ou ainda está metido com aqueles vagabundos da garagem?

— Mamãe! — exclamou David. — Irving mora aqui agora.

— Quer dizer que você é Irving agora? — bradou a mãe, cada vez mais zangada. — Não bastou consertar o nariz. Consertou também o nome. O que havia de errado com o nome que seus pais lhe deram... Isidore?

Needlenose começou a rir e voltou-se para David.

— Como você disse, nada mudou. Mas, sra. Woolf, nada havia de errado com meu nome! Apenas Irving é mais fácil de pronunciar.

— Você devia ter acabado a escola, como seu amigo David. Assim, não teria dificuldade em pronunciar os nomes.

— Ora, sra. Woolf, David me prometeu que haveria sopa e eu sei que não pode deixar de haver aquele saboroso *knaidlach* que só a senhora sabe fazer. Passei o dia inteiro com fome só de pensar nisso.

A sra. Woolf não se conteve de satisfação:

— Pois seja um bom rapaz e pode vir todas as sextas-feiras comer o meu *knaidlach*.

— Virei, sim, sra. Woolf.

— Bem, agora vou ver se a sopa ainda está quente.

Rosa entrou na sala no momento em que David ia apresentar seu amigo aos Strassmer. Parou à porta, com um ar de surpresa no rosto.

— Sr. Schwartz! — exclamou ela. — Muito prazer em vê-lo.

— Como vai, doutora? — disse Irving, estendendo-lhe a mão. — Não sabia que conhecia meu amigo David.

— Só nos conhecemos esta noite.

Irving olhou para David.

— Foi a dra. Strassmer quem me recauchutou o nariz. Ela é formidável nessas operações plásticas. Soube que foi ela quem tratou de Linda Davis no ano passado?

David olhou com curiosidade para Rosa. Ninguém lhe havia dito que ela era médica. E a operação em Linda Davis fora realmente notável. O rosto da atriz ficara todo retalhado em consequência de um desastre de automóvel. Mas, quando ela reapareceu diante das câmaras, um ano depois, não havia o menor vestígio.

Teve de repente consciência de que os pais de Rosa o observavam nervosamente. Sorriu para a moça.

— Doutora, estava justamente querendo fazer-lhe uma consulta. Que devo fazer para curar esse vazio no estômago que estou sentindo agora?

Ela o olhou agradavelmente. Não havia mais nervosismo nos olhos de David, que agora brilhavam zombeteiramente.

— O que eu costumo receitar nesses casos é um pouco do *knaidlach* de sua mãe.

— *Knaidlach*? Quem falou no meu *knaidlach*? — disse a mãe de David, chegando à porta. — Vamos todos para a mesa, que a sopa já está ficando fria.

Quando o jantar acabou, Rosa olhou para o relógio.

— Desculpem-me, mas tenho de passar pelo hospital para ver um doente.

— Posso levá-la de carro, se quiser — disse David.

Ela sorriu.

— Não há necessidade. Também vim de carro.

— Para mim, não será incômodo nenhum. Ao menos, permita-me fazer-lhe companhia.

Irving levantou-se.

— Também preciso ir, sra. Woolf, muito obrigado pelo seu delicioso jantar. Matou as saudades que sinto de casa.

A mãe de David sorriu.

— Continue a ser um bom rapaz, Yitzchak, e pode aparecer quantas vezes quiser.

Rosa sorriu para a sra. Woolf.

— Não nos demoraremos.

— Vá — disse ela, sorrindo. — E não precisam ter pressa os dois. Nós, os mais velhos, temos muito que conversar.

— Desculpe, Irving — disse David, quando saíram do edifício. — Não tivemos muita oportunidade de conversar. Vamos combinar uma hora para amanhã.

— Podemos falar agora. Tenho certeza de que podemos confiar em Rosa. Não podemos, doutora?

Rosa fez um gesto.

— Posso ficar esperando no carro.

David a fez parar.

— Não, não é preciso. Irving, você deve ter tido uma péssima impressão quando falou comigo pelo telefone. Mas é Dan Pierce que trata de todos os assuntos trabalhistas na companhia.

— Não tem importância, David. Calculei que fosse assim.

— Dan me disse que estamos ameaçados de uma greve. Você deve saber que não resistiremos se isso acontecer. Será a ruína da companhia.

— Sei perfeitamente disso, David, e procurarei ajudá-los. Mas também estou numa situação difícil. Por isso temos de conseguir entrar num acordo.

— Qual é a situação difícil em que você pode estar? Ninguém está fazendo pressão sobre você para a greve. Só agora os filiados do sindicato estão se recuperando do desemprego causado pela depressão.

— De fato, eles não querem a greve, mas os comunistas estão em ação. Fazem muita propaganda sobre os fabulosos lucros das empresas de cinema. E muita gente está dando ouvidos ao que eles dizem. Não há quem não saiba dos salários astronômicos das estrelas e dos dirigentes das companhias. Os trabalhadores então acham que devem ganhar um pouco mais, e é isso que os comunistas dizem a eles todos os dias.

— E Bioff e Brbwn?

— Eram uns canalhas. Um lado não chegava para eles. Queriam receber dos dois lados. Foi

por isso que os botamos para fora.

— Botaram? O que eu soube é que tinham sido presos.

— E onde você acha que o governo encontrou a documentação necessária para prendê-los e processá-los? Se não fôssemos nós, a justiça não poderia nem falar grosso com os dois.

— Parece-me que você está querendo servir-se de nós para apagar um incêndio que sua própria gente ateou. Também está se servindo dos comunistas como pretexto.

— Talvez — continuou Irving, sorrindo. — Mas os comunistas estão em grande atividade nos sindicatos técnicos. Graças a isso, toda a indústria assinou, há pouco, novos acordos com o sindicato dos diretores e o sindicato dos escritores, que conseguiram o maior aumento da história do cinema. Naturalmente os comunistas ficaram com todo o mérito por esse resultado. Agora, estão começando a agir nos sindicatos profissionais, onde se está pensando que os comunistas podem fazer por eles o mesmo que fizeram pelos técnicos. Dentro em pouco teremos eleições nos sindicatos profissionais. Os comunistas estão fazendo uma campanha muito intensa e, se não apresentarmos um bom resultado imediatamente, perderemos para eles. Se isso acontecer, vocês verão que eles são muito mais duros no trato do que nós.

— O que está sugerindo, então, Irving, é que devemos decidir se queremos tratar com vocês ou com os comunistas. E os próprios trabalhadores? Não têm direito a se fazer ouvir também?

— Na maioria, são incapazes até de pensar. Só querem saber é do dinheiro que recebem e estão dispostos a ouvir quem quer que seja que lhes prometa mais dinheiro. Neste momento, os comunistas estão em condições de fazer promessas melhores.

David ficou em silêncio enquanto o outro acendia um cigarro. Depois, quando Irving guardava o isqueiro de ouro, o paletó se abriu um pouco e David viu o cabo preto de um revólver que saía de um coldre preso no ombro.

Isqueiros de ouro e revólveres. E dois garotos do East Side de Nova Iorque numa noite quente de primavera sob os céus estrelados da Califórnia a falar de dinheiro, de poder, de comunismo. Ficou curioso por saber o que aquilo tudo rendia para Irving, mas nada perguntou. Havia coisas que não eram de sua conta.

— O que você quer que eu faça?

Irving jogou o cigarro no chão.

— Os comunistas estão acenando com um aumento de vinte e cinco centavos por hora e uma semana de trinta e cinco horas. Nós faremos um acordo por cinco centavos por hora logo, mais cinco centavos no ano que vem e uma semana de trabalho de trinta e sete horas e meia: Dan Pierce diz que não tem autoridade para tomar uma decisão dessas. E não consegue falar com Cord, que é quem deve decidir. Estou esperando há três meses. E não posso esperar mais. A greve será decretada. Vocês perdem e nós perdemos. Mas vocês perdem mais: A companhia irá por água abaixo. Nós ainda teremos outros lugares onde agir: E com tudo isso só os comunistas é que ganharão.

David hesitou. Não tinha mais autoridade do que Dan para resolver uma situação como aquela. Mas não havia tempo de esperar por Jonas. Gostasse ou não gostasse, teria de concordar com ele.

— Feito — disse ele.

Irving sorriu e deu uma pancadinha no ombro de David.

— Ótimo! Eu sabia que não teria nenhuma dificuldade em mostrar-lhe a verdade dos fatos.

A comissão do sindicato tem encontro marcado com Pierce amanhã de manhã. Nessa ocasião, tudo ficará assentado.

Voltou-se para Rosa.

— Desculpe ter atrapalhado assim sua festa, doutora. Mas tive muito prazer em revê-la.

— Não tem importância, sr. Schwartz.

Viram Irving caminhar até o meio-fio e entrar no seu carro, um Cadillac conversível. Deu partida no motor e, antes de sair com o carro, voltou-se para eles:

— Querem saber de uma coisa, vocês dois?

— O que é? — perguntou David.

— Como sua mãe diria, David, vocês formam um belo par!

Depois que ele dobrou a esquina, David olhou para Rosa. Teve a impressão de que ela estava um pouco vermelha. Tomou-lhe o braço.

— O meu carro está do outro lado da rua.

Rosa ficou em silêncio até quase chegarem ao hospital.

— Está preocupada com alguma coisa, doutora? — perguntou David, de repente.

— Com isso mesmo. Todos me chamam de doutora. Gosto bem mais de ser chamada de Rosa.

Ele sorriu.

— E em que mais está pensando, Rosa?

— Viemos de tão longe só para ficarmos livres deles.

— Deles?

— Na Alemanha foi a mesma coisa. Os nazistas, os bandidos. São a mesma espécie de gente e dizem sempre o mesmo. Se não se entenderem conosco, terão de fazer as contas com os comunistas. No fim, tomam tudo, dominam tudo. Foi assim que fizeram na Alemanha.

— Está querendo dizer que meu amigo Irving Schwartz é nazista?

— Não, seu amigo não é nazista. Mas tem a mesma louca ambição de poder dos nazistas. Seu amigo é um homem muito perigoso. Anda armado, sabia disso?

— Vi a arma.

— Não sei o que ele teria feito se você recusasse.

— Nada. Irving seria incapaz de me ofender.

— Não, não digo com o revólver. Contra você ele dispõe de outras armas. Poderia, por exemplo, levar sua companhia à falência. Por outro lado, um homem não anda com um revólver se não tiver a intenção de utilizá-lo, mais cedo ou mais tarde.

David parou o carro em frente ao hospital.

— E o que acha que eu devia ter feito? Recusar um acordo com Irving e perder tudo pelo que venho trabalhando tão duramente há tantos anos? Levar à ruína todos os investidores que depositaram na companhia sua fé e seu dinheiro? Jogar nossos empregados na rua, à procura de emprego? Acha que eu devia ter feito isso? Tenho culpa de que meus empregados não têm juízo suficiente para escolher representantes decentes e para manter um sindicato honesto?

Sem que ele percebesse, sua voz se levantara, indignada. De repente, ela colocou a mão quente e firme sobre a dele, que descansava no volante.

— Não, claro que você não tem culpa — disse ela. — Fez o que achou estar certo.

Um porteiro desceu a escadaria do hospital e abriu a porta do carro.

— Boa noite, dra. Strassmer.

— Boa noite — disse ela, voltando-se em seguida para David: — Quer entrar e ver onde trabalho?

— Não quero atrapalhar você. Se não se incomoda, prefiro esperar aqui.

— Por favor, venha — disse ela, segurando sua mão. — Será melhor para mim. Ao menos, sei que não ficará pensando com raiva na minha ousadia em meter-me nos seus negócios.

David riu e, ainda de mão dada com Rosa, a acompanhou e subiu os degraus da escadaria do hospital.

Ficou na porta e a viu levantar delicadamente as ataduras do rosto da criança. Rosa estendeu a mão em silêncio e a enfermeira molhou um algodão num vidro entregando a ela o chumaço umedecido.

— Pode doer um pouco, Mary. Mas você não se moverá nem falará, não é mesmo?

A menina concordou com a cabeça.

— Muito bem. Agora fique quietinha, muito quietinha. Enquanto sua voz se fazia ouvir mansa e confortadora, ela passou rapidamente o algodão em torno dos lábios da menina.

David viu os olhos da criança encherem-se de lágrimas e teve por um momento a impressão de que ela iria mover a cabeça. Mas isso não aconteceu.

— Ótimo — disse Rosa, enquanto a enfermeira lhe tomava o algodão. — Você é bem valente, querida. Amanhã de manhã, vamos tirar essas ataduras e você poderá voltar para casa.

A menina pegou um bloco e um lápis e escreveu alguma coisa que entregou a Rosa. Esta leu, sorriu e disse:

— Amanhã de manhã, depois que tirarmos as ataduras.

Os olhos da menina brilharam, e Rosa saiu do quarto, dizendo a David:

— Agora podemos voltar para a casa de sua mãe.

— Uma menina linda — disse David, enquanto esperavam o elevador.

— É, sim. Lábio leporino. Nasceu com isso, mas agora será como qualquer outra criança — disse ela, com um pouco de orgulho na voz. — Ninguém vai mais caçoar quando ela rir ou falar.

Entraram no elevador. David viu na mão de Rosa o papel em que a menina havia escrito e o pegou. A letra era um rabisco infantil e dizia: "Quando é que eu posso falar?"

— Isso deve dar-lhe felicidade — murmurou David.

— E muita. Cirurgia plástica não é apenas consertar narizes ou tirar a papada das atrizes. O importante é ajudar as pessoas para que tenham uma vida normal. Como a pequena Mary. Você não imagina quanto, mas um defeito desses pode prejudicar a vida de uma criança.

Havia em David um novo respeito por ela quando chegaram à porta principal do hospital. O porteiro levou a mão ao boné e disse:

— Um momento, que eu vou buscar o carro do senhor.

Enquanto desciam a escadaria, uma grande limusine parou bem à frente deles. David notou-a sem dar grande atenção ao fato e puxou o maço de cigarros do bolso.

— Quer fumar, Rosa?

Viu a porta da limusine abrir-se, enquanto Rosa tirava um cigarro e ele o acendia para ela. Nesse momento, alguém disse às suas costas:

— Queria falar comigo, David?

Ele se voltou tão surpreso que quase deixou cair o isqueiro. Era Jonas Cord.

David olhou involuntariamente para Rosa. Havia um brilho estranho nos olhos dela. Ele pensou que era medo e tomou-lhe a mão.

A voz de Jonas fez-se ouvir com um riso calmo.

— Está tudo bem, David. Entre. Pode trazer Rosa também.

Rosa sentou num canto da grande limusine. Olhou para David, ao lado dela, e depois para Jonas. Estava escuro dentro do carro e, de vez em quando, a luz de uma lâmpada da rua brilhava sobre o rosto de Jonas.

— Como vai seu pai, Rosa?

— Muito bem, sr. Cord. Fala sempre no senhor.

— Dê-lhe muitas lembranças minhas.

— Darei, sim. Muito obrigada, sr. Cord.

O grande carro aumentou de velocidade quando entraram na Coast Highway. Rosa olhou pela janela. Estavam indo na direção de Santa Bárbara, afastando-se de Los Angeles.

— McAllister disse que você queria falar comigo, David.

Ela sentiu David mover-se no banco ao seu lado e inclinar-se para o lado de Jonas.

— Já fomos até onde era possível por nossa conta e risco. Para prosseguirmos, precisamos de sua autorização.

A voz de Jonas não tinha a menor emoção.

— Para que prosseguir? Estou satisfeito com a situação como ela está. Vocês já eliminaram os prejuízos e, de agora em diante, deverão ter lucros.

— Os lucros não durarão muito. Os sindicatos estão querendo aumento, sob ameaça de greve. Isso absorverá os lucros.

— Não dê atenção aos sindicatos. Você não tem que lhes dar nada.

— Já dei.

Foi um pouco angustioso o instante de silêncio que se seguiu, ao menos para Rosa.

— Deu? — perguntou Jonas, ainda calmo, mas com alguma frieza na voz. — Pensei que as negociações com os sindicatos fossem da competência de Dan.

A voz de David soou firme. Havia uma nota de cautela, mas, sem dúvida, tratava-se do cuidado de um homem que está pisando em terreno desconhecido, e não de quem está com medo.

— Eram, de fato, até esta noite, ou melhor, até que começaram a afetar o destino da companhia. Passaram então a ser da minha competência.

— Por que Dan não pôde resolver o caso?

— Porque você nunca respondeu ao que ele lhe informou nesse sentido, e ele achou que nada podia fazer sem sua aprovação.

— E você pensou de maneira diferente?

— Exatamente.

A voz de Jonas ficou mais fria ainda.

— E o que foi que o fez pensar que podia dispensar minha aprovação mais do que ele?

Rosa viu David acender um cigarro e responder calmamente:

— Achei que sua intenção era fazer-me levar a companhia à falência. Você não deixaria de me dizer isso há dois anos.

Jonas não comentou a resposta.

— Sobre que mais queria me falar?

— O governo reiniciou a campanha contra os trustes. Querem que separemos os cinemas do estúdio. Já lhe mandei há algum tempo todas as informações necessárias a esse respeito. Temos de dar uma resposta à gente do governo.

Jonas não pareceu muito interessado.

— Já disse a Mac o que se deve fazer sobre isso. Teremos de contemporizar até depois da guerra, quando deveremos conseguir um bom preço pelos cinemas. A propriedade imobiliária sempre se valoriza muito depois de uma guerra.

— E se não houver guerra?

— Vai haver guerra. Nestes próximos anos, Hitler vai se ver diante de um impasse. Ou expandir-se, ou fazer estourar toda a falsa prosperidade que deu à Alemanha.

Rosa sentiu um aperto no estômago. Uma coisa era sentir que isso era inevitável, porque sempre se tinha a esperança de estar errando. Outra era colocar a questão com tanta simplicidade e concisão quanto Jonas... Sem emoção, como quem dissesse que dois e dois são quatro. Guerra. E então não haveria mais para onde ir: A Alemanha dominaria o mundo. Seu próprio pai dizia que a Alemanha estava tão adiantada em relação ao resto do mundo que os outros países levariam um século para alcançá-la.

Como poderiam os americanos saber tão pouco das coisas? Acreditavam honestamente que poderiam escapar incólumes dessa guerra? Como podiam conversar tranquilamente de negócios, tendo consciência do que ia acontecer? David era judeu. Não sentia também a sombra de Hitler estender-se sobre ele?

Ela escutou David rir e o ouviu, com surpresa, continuar:

— Então estamos todos no mesmo barco. O que temos feito, em virtude de economias forçadas, é criar uma prosperidade fictícia para a companhia, na qual podemos considerar lucro o que sobra ao eliminarmos nossas necessidades vitais, inclusive a de crescimento. Mas a verdade é que não estamos criando nenhuma fonte real de lucro.

— E é por isso que você tem conferenciado com Bonner?

Rosa percebeu em David um movimento de surpresa. Pela primeira vez, não havia segurança em sua voz.

— É por isso, sim.

— E achou que podia iniciar essas negociações sem me consultar previamente?

— Há mais ou menos um ano, mandei-lhe uma nota, pedindo autorização para entrar em negociações com Zanuck. Nunca recebi resposta e Zanuck assinou contrato com a Fox.

— Se fosse minha intenção autorizá-lo a entrar em negociações com Zanuck, você receberia uma resposta. E por que acha que Dan não é capaz de fazer o mesmo com Bonner?

David hesitou. Apagou o cigarro no cinzeiro do carro, a sua frente, e disse:

— Em primeiro lugar, não estou depreciando Dan. Tem demonstrado ser um administrador extremamente capaz e um diretor de estúdio excepcional. Traçou um programa que mantém o estúdio em funcionamento com a máxima eficiência. Mas o que acontece é que ele não tem a força criadora de homens como Bonner e Zanuck: A capacidade de captar uma ideia e transformá-la, pelo vigor pessoal, num grande filme.

Depois de um momento de silêncio, David disse:

— A falta de força criadora é o que distingue um verdadeiro produtor de um diretor de

estúdio, o que Dan realmente é. A força criadora faz a pessoa acreditar que pode fazer filmes melhor do que todo mundo e lhe dá a capacidade de fazer os outros acreditarem nisso também. Na minha opinião, você mostrou mais força criadora nos dois filmes que fez do que Dan nos cinquenta e tantos que produziu nos últimos dois anos.

— E depois? — perguntou Jonas, sem tomar conhecimento do elogio de David. Rosa sorriu ao compreender que ele aceitara o elogio como um fato incontestável.

— Depois, há o dinheiro — continuou David. — Presumindo-se que Dan pudesse desenvolver essa força criadora, haveria necessidade de dinheiro para atingir isso. Cinco milhões de dólares para fazer dois ou três grandes filmes. Você não quer investir esse dinheiro. Bonner trará o seu financiamento próprio. Fará quatro filmes por ano e o nosso investimento será mínimo, não passando das despesas gerais em cada um deles. Com a porcentagem da distribuição e a nossa cota de lucros, não haverá prejuízo, aconteça o que acontecer. E a supervisão dele no resto do programa só servirá para nos ajudar.

— Já pensou o que isso representaria para Dan? — perguntou Jonas.

— Dan é assunto da sua responsabilidade e não da minha — disse David. Hesitou por um momento e acrescentou: — E haveria ainda muito para Dan fazer.

— Do jeito que você quer, não — disse Jonas. — Não há negócio que possa ser administrado por duas cabeças.

David ficou em silêncio.

E Jonas continuou, com uma voz cortante.

— Pode fazer o negócio com Bonner. Mas você é que terá de resolver o caso com Dan. Robair, pode levar-nos de volta para onde ficou o carro do sr. Woolf.

— Sim, sr. Cord.

Jonas virou-se para David e disse:

— Estive com Nevada hoje. Ele vai fazer a tal série para nós.

— Ótimo. Vou começar a procurar argumentos para ele.

— Não será preciso. Já resolvemos isso. Sugeri que ele fizesse o papel de Max Sand em *O renegado*, a partir do ponto em que o filme acabou.

— Mas isso não é possível. No filme, ele acaba dirigindo-se às montanhas, para morrer ali.

Jonas sorriu.

— Faremos de conta que nada disso aconteceu. Ele continuou vivo, adotou outro nome, converteu-se à religião. E resolveu passar o resto da vida ajudando as pessoas que não têm ninguém mais a quem recorrer. Só faz uso dos revólveres em último recurso. Nevada gostou da ideia.

"E por que Nevada não iria gostar?", pensou David. Era uma coisa que empolgava imediatamente a imaginação. Não havia em toda a indústria cinematográfica um só astro de filmes do oeste que não agarraria com as duas mãos a oportunidade de fazer uma série assim. Isso é o que se pode chamar de força criadora. E Jonas a tinha.

O carro parou em frente ao hospital. Jonas abriu a porta e disse calmamente:

— Pode descer.

A conferência estava terminada.

Os dois ficaram ao lado do carro e viram a grande limusine preta desaparecer. David abriu a porta do carro e Rosa entrou, ao mesmo tempo em que perguntava:

— Foi uma grande noite, não foi?

— Sim, realmente. Uma noite e tanto.

— Não é preciso você me levar. Posso pegar um táxi aqui. Compreendo perfeitamente.

— Escute — disse David, sorrindo —, o que acha de tomarmos um drinque em algum lugar?

Ela hesitou um pouco. Porém logo aceitou:

— Tenho uma casinha na praia de Malibu. Não é longe daqui. Poderíamos ir até lá, se você quiser.

Daí a quinze minutos estavam chegando.

— Não repare no estado da casa — disse Rosa, colocando a chave na porta. — Não tenho tido tempo de vir dar uma arrumação.

Ela acendeu a luz e David a seguiu até uma grande sala de estar, onde não havia muita mobília. Um sofá, algumas cadeiras e duas mesinhas com abajures. Numa extremidade, havia uma lareira, na outra, uma grande parede de vidro de frente para o mar. Perto dela, um cavalete com um quadro a óleo inacabado. No chão, estavam um avental e uma paleta.

— Vai beber o quê? — perguntou Rosa.

— Uísque escocês, se houver.

— Há, sim. Sente-se enquanto eu preparo.

David sentou, mas pouco depois levantou e foi olhar o quadro. Era um pôr do sol sobre o Pacífico, com manchas vermelhas, amarelas e alaranjadas sobre a água quase negra. Ouviu o tilintar do gelo nos copos e voltou-se.

— É seu? — perguntou ele, tomando o copo que ela lhe entregava.

— É, sim. Não sou boa em matéria de pintura. Pinto mal, do mesmo modo que toco piano. Mas é minha maneira de descontrair, de vencer as frustrações que essa minha incapacidade me causa. E assim que compenso o fato de não ser um gênio.

— Não há muitas pessoas que o sejam. Mas, pelo que sei, acho que é muito boa médica.

— Acho que sim. Porém não sou tão boa quanto queria. O que você disse hoje foi muito revelador. E muito verdadeiro.

— Que foi?

— A respeito da força criadora, da capacidade de fazer o que ninguém mais pode fazer. Um grande médico ou um grande cirurgião precisam também de força criadora. Eu sou apenas uma boa operária.

— Talvez você não esteja sendo justa consigo mesma.

— Nem pense nisso. Já estudei com médicos que eram gênios e conheço muita gente na profissão, de modo que sei o que estou dizendo. Meu pai é, a sua moda, um gênio. Pode fazer coisas com plástico e cerâmica que ninguém mais pode. Sigmund Freud, que é um amigo de meu pai, Picasso, que eu conheci na França, George Bernard Shaw, que fez conferências no colégio onde eu estudei na Inglaterra, são todos gênios. E todos têm uma qualidade comum: a força criadora que lhes permite fazer coisas que antes deles ninguém fez. Não, eu me conheço e sei que nem me aproximo disso.

— E eu também — murmurou David.

Voltou-se para o mar e continuou a falar ao lado dela.

— Também tenho conhecido alguns gênios. Meu tio Bemie, que fundou a Norman Films, era um deles. Fazia tudo o que agora nem dez homens conseguem fazer. E Jonas Cord é também, de certo modo, um gênio. Ainda não sei ao certo em que setor. Há tantas coisas que ele é capaz de fazer que é uma pena vê-lo desperdiçar-se em mil atividades.

— Compreendo o que você quer dizer. Meu pai disse quase a mesma coisa a respeito dele.

— É triste, não é? — disse ele, olhando para ela, com um sorriso. — Duas pobres criaturas destituídas de genialidade aqui paradas a olhar o mar...

— E um mar tão grande! — replicou ela, rindo.

— O maior de todos — disse ele, solenemente. — Pelo menos foi o que algum gênio afirmou. O maior do mundo. Vamos beber em honra desse fato.

Beberam e ele olhou de novo para o mar.

— Creio que está quente o bastante para um banho.

— Ora — disse Rosa —, acho que o maior mar do mundo não se zangaria se duas pobres criaturas tomassem um banho nele.

— Podemos?

— Claro que sim. Há um calção para você dentro do armário.

David saiu da água e se estendeu na toalha aberta em cima da areia. Viu Rosa voltar também da água e caminhar na sua direção. Prendeu a respiração. Era uma mulher tão perfeita que ficava difícil lembrar-se de que era também médica.

Ela sentou ao seu lado e disse:

— Não achei a água tão fria assim.

— Pois eu achei ótima. Quando era garoto, costumava tomar banho no cais do East Side. Não era nada que se parecesse com isso.

Acendeu um cigarro e passou-o para Rosa.

— Sente-se melhor agora? — perguntou ela.

— Sim, foi exatamente isso que o médico me receitou. Todos os nós estão desatados.

— Ótimo.

Deu duas tragadas no cigarro e devolveu-o a David.

— Sabe, Rosa — disse ele, quase timidamente —, quando minha mãe me chamou para jantar a fim de conhecê-la, minha maior vontade era nem aparecer por lá.

— Também não tive muita vontade. Pensei que você fosse um idiota.

Ela caiu em seus braços, tendo na boca um gosto de mar. David procurou com uma das mãos o seio, por baixo do maiô. Sentiu-a estremecer toda quando seus dedos apertaram delicadamente o bico. No mesmo instante, as mãos dela estavam em suas coxas, capturando sua virilidade.

David tirou lentamente o maiô de Rosa. Sentiu o coração pulsar desordenadamente quando apertou o rosto de encontro aos seios dela. Os braços dela se fecharam em torno da cabeça de David, fazendo a noite desaparecer. De repente os dedos dela o puxaram desesperadamente e a voz era dura e insistente:

— Não seja tão delicado, David! Eu sou uma mulher!

Rosa entrou na casinha da praia e foi diretamente para o quarto. Olhou para o relógio na mesinha de cabeceira. Estava na hora do noticiário das seis. Ligou o rádio e ouviu a voz do locutor, que enchia o quarto enquanto ela trocava de roupa.

Hoje o orgulho do Exército alemão, Rommel, a "Raposa do Deserto", sentiu pela primeira vez o gosto de bater em retirada pela areia, sob uma violenta tempestade, quando Montgomery iniciou sua ofensiva na direção de Tobruk. Sem dúvida alguma despreparados para a vigorosa ofensiva, os italianos se renderam em massa. Com os flancos assim expostos, Rommel nada pôde fazer senão bater em retirada, na direção do mar. Em Londres, o primeiro-ministro Winston Churchill disse hoje...

Rosa desligou o rádio. Notícias de guerra. Era só o que se ouvia. Mas não era isso o que ela tinha vontade de ouvir. Virou-se e olhou seu corpo nu no espelho por cima da cômoda.

Levou a mão à barriga. Virou-se de lado e se olhou. Ainda estava tudo quase normal. Dentro em pouco começaria a arredondar-se. Sorriu ao lembrar da surpresa que o dr. Mayer tivera.

— Mas, dra. Strassmer, a senhora está grávida!

Ela tinha rido.

— Era o que eu pensava, dr. Mayer.

— Mas... mas...

— Não fique tão scandalizado, dr. Mayer. Isto é uma coisa que costuma acontecer a muitas mulheres.

O que a surpreendeu foi o sentimento de orgulho e felicidade que a empolgou. Nunca esperara que fosse se sentir assim. A ideia de ter um filho sempre a deixara alarmada. Não era nenhum receio de ordem física, mas preocupava-se com o fato de que a gravidez pudesse afastá-la do trabalho e desorganizar sua vida.

Por outro lado, não era absolutamente nada disso que estava acontecendo. Sentia-se orgulhosa, feliz e entusiasmada. Ali estava uma coisa que só ela podia fazer. Não havia em toda a história da medicina um só caso de homem que houvesse dado à luz um filho. Pôs um robe sobre o corpo e foi para o banheiro; abriu a torneira da banheira. Quase languidamente, espalhou os sais de banho na água. O cheiro lhe chegou ao nariz e ela espirrou.

— *Gesundheit!* — disse em voz alta.

Riu sozinha. A criança ainda nem se formara e ela já estava conversando com ela. Olhou-se no espelho do banheiro. A pele estava clara e rosada e os olhos cintilavam. Pela primeira vez na vida, sentia-se feliz por ser mulher.

Mergulhou na água quente da banheira. Não podia demorar-se muito tempo ali. Precisava estar perto do telefone às sete horas, quando David ligaria de Nova Iorque. Queria sentir a felicidade na voz dele quando recebesse a notícia.

David olhou para o livro de contabilidade encadernado em couro azul. Quase dois milhões no ano passado. Seis milhões de dólares naquele ano. Ao menos, as cifras provavam que ele estivera certo em fechar o contrato com Bonner três anos antes.

Sem dúvida, Bonner ganhara pessoalmente outro tanto. Mas tinha todo o direito a isso. A quase totalidade desse lucro provinha dos grandes filmes que ele mesmo produzira e financiara. Se David tivesse conseguido convencer Jonas a contribuir para o financiamento, como Bonner havia proposto, os lucros seriam naquele ano de dez milhões de dólares.

Só uma coisa inquietava David. No ano anterior, Cord tratara de liquidar pouco a pouco suas ações, à medida que as cotações subiam. Já recuperara seu investimento primitivo, e os trinta e dois por cento de ações que ele ainda possuía estavam livres e desembaraçados. Em geral, numa companhia grande como aquela, isso representava controle. Mas havia alguém que estava comprando. Era o mesmo que acontecera com o tio Bernie. Só que desta vez Jonas estava do outro lado da cerca.

Um dia, um corretor chamado Sheffield fora procurar David. Dizia-se que era a figura de proa de um poderoso consórcio e que possuía ações da companhia em número considerável. David olhou-o cheio de curiosidade, enquanto o homem se sentava.

— Há quase um ano estamos tentando conseguir uma conferência com o sr. Cord, para discutir os nossos problemas comuns — dissera Sheffield. — Mas parece que nunca ninguém sabe onde ele está ou como pode ser encontrado. Não tivemos nem resposta às nossas cartas.

— É verdade, o sr. Cord é um homem muito ocupado.

— Eu sei. Já tive negócios com ele em outras ocasiões. O menos que se pode dizer é que ele é um excêntrico. Mas acontece que já estamos perdendo a paciência. Temos um investimento considerável na companhia, a tal ponto que não é possível tolerar uma administração displicente ou uma evidente negligência em face das oportunidades de lucros.

— Parece-me que os investidores não têm motivos de queixa, sr. Sheffield, especialmente em vista dos lucros deste ano.

— Reconheço sua lealdade, sr. Woolf. Mas o senhor entende perfeitamente o que estou dizendo. De qualquer modo, o grupo que represento estava disposto a adiantar o financiamento necessário para alguns filmes que teriam duplicado os nossos lucros. O sr. Cord não quis. Estamos prontos a discutir um plano de posse de ações e participação nos lucros para certos diretores. Mas o sr. Cord não quer. E sem dúvida alguma não temos o menor interesse em onerar a companhia com certas despesas, como as do Boulevard Park Hotel.

David já estava mesmo esperando que ele tocasse nisso. Era um segredo conhecido de todo mundo na indústria, o harém de Cord, como diziam.

A coisa havia começado dois anos antes, quando Jonas tentara alugar um apartamento do hotel para uma garota e teve sua proposta recusada. Servindo-se da companhia como um subterfúgio, arrendou vários andares do respeitável hotel das vizinhanças de Beverly Hills. No dia em que o contrato foi assinado, fez o estúdio mandar para o hotel todas as atrizes contratadas que quisessem instalar-se lá.

Foi o caos, um verdadeiro tumulto. A entrada de trinta moças em outros tantos apartamentos, sob os olhos scandalizados do gerente do estabelecimento, causou um alvoroço tremendo. Os jornais trataram longamente do assunto, observando que nenhuma das moças ganhava por ano o que cada apartamento custava por mês.

Isso havia acontecido dois anos antes, mas o contrato era por quinze anos. Sem dúvida alguma, isso custava muito dinheiro à companhia. O hotel estava mais do que disposto a cancelar o contrato, mas Jonas não queria saber disso. Pouco a pouco, quase todas as moças se haviam mudado do hotel e muitos apartamentos estavam vazios. De vez em quando Jonas mandava algum convidado especial hospedar-se lá.

David recostou-se na cadeira e disse ao corretor:

— Creio que não é preciso lhe dizer que o sr. Cord não recebe qualquer remuneração nem cobra da companhia suas despesas.

— Não faríamos qualquer objeção se o sr. Cord prestasse algum serviço à companhia. Mas ele não se mostra absolutamente ativo. Ainda não compareceu a uma só reunião da diretoria desde que sua associação com a companhia começou.

— O sr. Cord comprou o interesse de controle da companhia. Por conseguinte, sua associação com ela não está compreendida na categoria comum dos empregados.

— Sei disso perfeitamente. Mas tem certeza de que o controle da companhia ainda pertence ao sr. Cord? Temos tantas ações quanto ele ou talvez mais. Julgamo-nos no direito de ter voz ativa na administração.

— Terei prazer em encaminhar suas sugestões ao sr. Cord.

— Não será necessário. Temos certeza de que ele não se interessa por isso, pois nunca deu sequer uma resposta aos nossos pedidos de uma reunião.

— Neste caso, por que veio me procurar? — perguntou David.

As escaramuças preliminares estavam terminadas: iam entrar diretamente no assunto.

Sheffield aproximou-se mais de David.

— Achamos que o êxito da companhia deve ser atribuído diretamente a sua pessoa e a sua orientação. Fazemos o melhor conceito de sua competência e gostaríamos de vê-lo no lugar que realmente lhe cabe, como diretor principal da companhia. É claro que com a devida autoridade e a remuneração correspondente.

Era o mundo numa bandeja de prata.

— Tenho muito prazer em ouvir isso — respondeu cautelosamente. — E se eu lhe pedisse que deixasse as coisas nesse pé? Se eu conseguisse convencer o sr. Cord a adotar algumas de suas sugestões? Isso seria satisfatório para o senhor?

Sheffield sacudiu a cabeça.

— Com todo o respeito que sua sinceridade merece, não. Acontece que estamos firmemente convencidos de que Cord é prejudicial ao progresso da companhia.

— Quer dizer que promoveria uma luta entre os acionistas, se eu não concordasse com o senhor?

— Não creio que isso será necessário. Já disse que dispomos de uma quantidade considerável de ações. Alguns corretores já se comprometeram conosco a conseguir mais cinco por cento. E tenho aqui uma promessa assinada pelo sr. Bonner: ele nos venderá todas as ações em seu poder no dia 15 de dezembro, na semana que vem, quando será realizada a reunião anual. Os dez por cento do sr. Bonner elevam nossa participação nas ações a trinta e oito por cento. Com ou sem os cinco por cento de sua propriedade, isso nos dá maioria suficiente para controlar a companhia. Por mais que faça, o sr. Cord nunca poderá dispor de mais de trinta por cento das ações.

David pegou o papel. Era um compromisso, sem dúvida alguma. E a assinatura era de Bonner. Devolveu o documento a Sheffield sem dizer uma palavra. Lembrou-se, de repente, do velho depósito onde começara a trabalhar. O rei tem de morrer. Só que dessa vez não era mais um chefe de plataforma e, sim, um homem como Jonas Cord. Nunca isso lhe havia passado pela cabeça até aquele momento. Jonas sempre lhe havia parecido invulnerável.

Mas tudo estava mudado. Jonas fraquejava. E o que Sheffield estava dizendo é que, se ele, David, ficasse do lado deles, seria o novo rei. David respirou profundamente. Por que não? Afinal de contas, aquilo era uma coisa em que havia pensado desde seu primeiro dia de trabalho no depósito.

Rosa largou o jornal em cima da cama e pegou um cigarro. Olhou para o relógio-. Já passava das oito horas. Isso significava que em Nova Iorque eram mais de onze. David já devia ter telefonado. Em geral, quando ele sabia que iria trabalhar até tarde, nunca deixava de avisá-la.

Teria acontecido algo com ele? Estaria ele estendido, ferido, numa rua de Nova Iorque, a cinco mil quilômetros de distância, e ela só saberia tarde demais?

Pegou o telefone e pediu uma ligação para o hotel onde ele estava em Nova Iorque. Ouviu as vozes das telefonistas através do país e, por fim, o telefone tocando no apartamento dele. Tocou durante muito tempo.

— Alô — disse ele, com voz baixa e cautelosa.

— Você vai bem, David?

— Estou bem, sim.

— Estava preocupada. Por que não telefonou?

— Estou em reunião.

— Oh! Está sozinho agora? Está no quarto?

— Sim — respondeu ele, com a mesma voz, cautelosa. — Estou no quarto.

— Está sentado na cama?

— Estou.

— Estou deitada na cama — disse ela e esperou que ele fizesse a pergunta habitual. — Não tenho nada em cima do corpo — murmurou, sentindo-se invadida de repente calor. — David! Estou com tantas saudades de você! Seria tão bom você estar aqui junto de mim!

Ela ouviu o leve ruído de um fósforo riscado.

— Estarei aí no fim da semana.

— Não aguento esperar, David. E você?

— Também não — disse ele, com a mesma reserva.

— Deite-se por um instante na cama, David. Quero que você me sinta como eu sinto você.

— Rosa...

— Oh, David! Posso ver agora. Posso sentir você derramando vida dentro de mim. David, David, não aguento esperar.

— Rosa! Eu...

A voz dela era quente e lânguida.

— Eu seria um caso capaz de dar muito trabalho a Freud — disse ela, rindo. — Está zangado comigo por eu estar com tanta vontade, David?

— Não.

— Felizmente. Tenho uma notícia maravilhosa para você, querido.

— Não pode esperar até amanhã, Rosa? Estou numa reunião muito importante.

Ela hesitou, num silêncio atônito. David tomou isso por um sinal de aquiescência.

— Obrigado, querida. Até amanhã.

Houve um estalo e David saiu da linha antes que ela pudesse dizer alguma coisa. Rosa desligou e pegou o cigarro que ainda estava aceso no cinzeiro. A fumaça acre irritou sua garganta. Apagou-o, nervosa. Escondeu o rosto no travesseiro e ali ficou em silêncio.

Não devia ter telefonado, pensou ela. Ele dissera que estava ocupado. Levantou-se da cama e foi até o banheiro. Olhou-se no espelho.

Tinha de compreender. Havia ocasiões em que ela também estava muito ocupada para atender ao telefone, ainda que o telefonema fosse dele.

Com uma ponta de surpresa, viu lágrimas chegarem a seus olhos e rolares pelas faces. Caiu então de joelhos, com o rosto encostado à porcelana fria do banheiro.

Então, ser uma mulher era isso?

Maurice Bonner sentou-se na cama e viu a mulher caminhar até uma poltrona e sentar. Estudou-a com admiração. A mulher estava nua e era muito bonita. Os seios firmes e cheios pousavam no tórax de linhas delicadas. A barriga sólida e lisa terminava abruptamente na surpreendente eminência do púbis, que depois se afinava nas coxas e nas pernas longas e esbeltas.

Viu os músculos das costas se contraírem de repente, quando ela se voltou para apanhar o maço de cigarros em cima da mesa. Era linda, sim. Talvez não no sentido comum da palavra, mas tão bela quanto uma prostituta devia ser e quase nunca era.

— Ih! Como você é feio — disse a mulher, olhando para ele.

Ele riu, mostrando os dentes tortos e desiguais em seu rosto comprido de cavalo. O que ela dizia não era novidade. Sabia perfeitamente disso, porque podia se ver no espelho. Jogou as cobertas para o lado e saiu da cama.

— Cubra-se, sim? — continuou, jogando-lhe uma toalha. — Você parece um macaco, assim todo peludo.

Ele pegou a toalha, passou-a pela cintura e perguntou, ao mesmo tempo em que acendia um cigarro:

— Foi bom?

Ela não respondeu.

— Valeu a pena?

— Acho que sim — respondeu a moça, com indiferença.

Ele voltou para a cama e se sentou.

— Quer dizer que para você não teve importância nenhuma? Mais um homem apenas, não foi?

— Parece-me que você julga bem as coisas. Mas quer saber da verdade?

— Claro que sim — disse ele, sorrindo.

— Vocês todos são a mesma coisa para mim. É o mesmo que fazer isso com uma garrafa de Coca-Cola entrando em mim.

— Quer dizer que nunca sente nada?

— Sem dúvida que sinto. Sou humana. Mas nunca com meus fregueses. Não posso me dar a esse luxo. Eles pagam para ter a perfeição. Quando estou mesmo com vontade, tiro uma semana de férias e vou para um desses ranchos que arranjam as coisas para mulheres casadas em férias. Há sempre algum falso *cowboy* que pensa que está me dando o máximo. E está mesmo, porque não preciso dar nada em troca. Com quem paga, a coisa é diferente. Tenho de dar tudo o que posso.

— E agindo dessa maneira não está enganando seus fregueses?

— Você se sente enganado? — perguntou ela, sorrindo.

— Não. Mas, de qualquer modo, eu não sabia que você estava fingindo.

— Não estava fingindo. Estava trabalhando. Minha profissão é essa.

Ele nada disse.

A mulher acendeu um cigarro e continuou:

— Escute, você vai a um restaurante e janta muito bem. Depois conta aos amigos que comeu lá um filé ótimo, o melhor que já encontrou. Não se incomoda de falar a respeito e recomenda aos seus amigos, que vão experimentar. Pois comigo é a mesma coisa. Você tem um amigo. Dessa vez, é Irving Schwartz. Vocês estão jogando e em dado momento ele diz: Estive ontem com uma mulher que é um estouro. Chama-se Jennie Denton. Por que não vai experimentar? Você então chega e bota o seu dinheiro em cima da mesa. Tudo corre a seu gosto e até melhor do que você jamais esperou. Aposto que há muito tempo não faz isso três vezes em tão pouco tempo. Ainda se sente enganado?

Ele riu, achando-se de repente jovem e forte. A mulher tinha razão. Havia muito tempo, talvez uns vinte anos, que não se sentia assim. Percebeu de novo o calor que lhe tomava o corpo. Levantou-se, deixando a toalha cair no chão.

A moça soltou uma risada.

— Você ainda é mais moço do que eu pensava. Mas, escute, já é meia-noite.

— E o que tem isso?

— O trato foi até meia-noite. Daqui até amanhã é outro tanto e mais o almoço pago.

Ele riu.

— Você é terrível. Mas... Negócio fechado.

Ela sorriu e se levantou.

— Venha.

Bonner a seguiu até o grande banheiro com uma enorme banheira de mármore no chão. Havia uma mesa de massagens encostada à parede, debaixo da janela. A mulher apontou para a mesa e disse:

— Suba.

Ele sentou à mesa e viu Jennie abrir o armário de remédios. Apanhou um aparelho de barba, um tubo de sabão de barba e um pincel. Encheu um copo com água e molhou uma toalha na torneira da pia. Colocou tudo na beira da pia perto da mesa.

— Deite-se — disse ela, molhando o pincel no copo e fazendo espuma com o sabão.

— O que vai fazer?

— O que você acha? Vou fazer sua barba.

— Fiz a barba hoje à tarde.

— Não no rosto, seu bobo — disse ela, rindo. — Quero ver como você é debaixo de todo esse pelo.

— Mas...

— Deite-se e fique quieto — disse ela, já começando a ensaboar seu peito. — Não vou cortá-lo. Costumava fazer isso quando estava no hospital.

— Trabalhou num hospital?

— Me formei em enfermagem aos vinte anos. E tive distinção durante todo o curso.

— Por que largou?

Ele quase não sentia a navalha passar-lhe pelo corpo.

— Sessenta e cinco dólares por mês, dezoito horas de trabalho por dia. E muitos engraçadinhos pensando que podia ser de graça!

Ele riu ao sentir a navalha na barriga.

— Faz cócega.

— Vire-se. Quero raspar as costas e os ombros.

Ficou deitado de bruços e descansou a cabeça nos braços. O cheiro de mentol do sabão chegava até o nariz. Fechou os olhos.

Ao fim de algum tempo, ela bateu em seu ombro e o fez levantar-se. Entregou um sabonete dizendo:

— Agora tome um banho quente de chuveiro e esfregue-se bem. A água envolveu-lhe o corpo de calor; fumaça e cheiro de jasmim do sabonete. Quando saiu, estava vermelho e satisfeito. A moça lhe entregou uma grande toalha felpuda.

— Enxugue-se e volte para a mesa.

Quando Bonner se estendeu de novo na mesa, ela tirou um pequeno vibrador do armário e o ligou na tomada, começando então a fazer a massagem. O zumbido do vibrador parecia esticar e desprender-lhe os músculos do corpo.

— Isso é melhor do que um banho turco — disse ele.

— Isso é um banho turco — replicou ela, desligando o vibrador. — Agora espere um pouco aí.

Ela foi até a banheira de mármore, mexeu nas torneiras e experimentou a água até ficar na temperatura desejada. Quando havia uns dez centímetros de água na banheira, fechou as torneiras.

— Pronto. Levante-se.

Enquanto Bonner levantava, a moça fechou a porta do banheiro e disse:

— Sabe que não fica mal sem aqueles pelos todos?

Ele se olhou no espelho pendurado atrás da porta e sorriu. A moça tinha razão.

De repente, ele tinha a sensação de estar vinte anos mais moço. O corpo era limpo e branco por baixo de todos aqueles pelos. Parecia até mais magro.

Ela sorriu para ele pelo espelho.

— Chega de narcisismo. Entre na banheira.

Ele se sentou na banheira. A água estava apenas um pouco mais quente do que a temperatura do corpo.

— Estenda-se aí, que eu já volto.

Ele deitou na banheira e daí a um momento ela estava de volta. Trazia uma garrafa grande de champanhe e um vidrinho. Colocou a garrafa de champanhe no chão, abriu o vidro e deixou algumas gotas caírem dentro da água. Um cheiro forte de jasmim impregnou imediatamente todo o banheiro. Depois, ela colocou o vidrinho na borda da banheira e apanhou a garrafa de champanhe.

Com a presteza de uma longa experiência, tirou a folha metálica do gargalo e torceu os arames. A rolha estourou e o champanhe espumou em suas mãos.

— Esqueceu as taças — disse Bonner, olhando-a.

— Não seja bobo. Só os idiotas bebem isso. É para a banheira. É melhor do que qualquer banho de espuma — disse ela, esvaziando a garrafa na água da banheira.

O vinho produziu uma sensação refrescante na pele de Bonner. Ela deixou a garrafa no chão e apanhou uma caixa de cigarros dentro do armário. Tirou um cigarro, acendeu-o e ele sentiu o

cheiro enjoado e acre da maconha.

— Tome. Duas tragadas só.

— Não, muito obrigado. Não gosto dessa coisa.

— Não torne as coisas difíceis para mim — insistiu ela. — Quero apenas retardá-lo um pouco.

Bonner pegou o cigarro e o colocou sem muita vontade na boca. Deu uma profunda tragada, e sentiu o fumo penetrar dentro dele. Não houve necessidade de expelir a fumaça. O corpo a havia absorvido como uma esponja.

Olhou para a moça meio espantado. De repente, sentiu-se cheio de animação. Seu corpo parecia limpo e forte. Olhou de novo para ela quando ela entrou na banheira. Deu mais uma tragada e teve a impressão de que estava boiando em cima da água.

— Chega — disse ela, tirando o cigarro de sua mão e jogando-o no vaso.

— É uma coisa louca — disse ele, quando ela se deitou na banheira ao seu lado.

— E tem de ser — disse a moça, dando-lhe uma dentada no peito. — Essa garrafa de champanhe me custou vinte dólares.

Nunca soube ao certo quando lhe ocorreu a ideia. Certamente foi durante o sono. Mas não tinha importância. O fato é que estava com aquilo na cabeça quando desceu para o café. E sentia a mesma confiança que ideias semelhantes lhe haviam anteriormente inspirado.

Ela o olhou da mesa da sala quando ouviu seus passos na escada.

— Bom dia, sr. Bonner. Está com fome?

— Morrendo de fome... — respondeu ele, e se surpreendeu com o tom de sua voz e com o que ela exprimia. Havia muito tempo não sentia fome pela manhã. Em geral, limitava-se a um copo de suco de laranja e uma xícara de café.

Ela apertou com o pé direito um botão preso no chão ao lado da mesa e uma campainha com som de carrilhão soou na cozinha, nos fundos da casa.

— Tome seu suco — disse ela. — O jejum já vem aí.

Ele sentou à mesa e apanhou o grande copo de suco de laranja que estava dentro de um recipiente cheio de gelo.

— Viva!

Olhou-a com admiração. À luz forte da manhã, não havia nela o menor vestígio de cansaço ou de rugas. Os olhos se mostravam límpidos e luminosos e a única maquilagem era um traço de batom nos lábios. O cabelo castanho-claro estava preso na nuca num rabo-de-cavalo. Os braços saíam morenos das mangas curtas de uma blusa esporte, cuidadosamente metida numa saia elegante.

A porta se abriu e uma robusta mexicana apareceu com uma bandeja que colocou em cima da mesa. Depois tirou o copo vazio que estava diante dele, colocando no lugar um prato.

— *Café, un momento* — disse, saindo rapidamente.

— Sirva-se, sr. Bonner — convidou Jennie. — Nos pratos com as tampas verdes encontrará presunto, tocinho, filé, arenque e rim grelhado. Nos pratos com as tampas amarelas, ovos fritos, ovos mexidos e batatas fritas.

Serviu-se de presunto. Enquanto se servia, a mexicana voltou com um bule de café, pão quente e torradas. Bonner olhou para o prato. O presunto estava exatamente como ele gostava.

Jennie estava se servindo de uma boa porção de filé.

— Que magnífico desjejum! — disse ele, enquanto a mexicana o servia de café.

— Não há nada barato nesta casa — disse ela, sorrindo.

A mexicana encheu a xícara de Jennie e foi depois para a cozinha.

— Você está vestida como se fosse jogar tênis...

— É exatamente o que vou fazer. Jogo duas horas de tênis todas as manhãs.

— Onde joga?

— No Bel Air. Tenho um contrato permanente com Frankie Gardner.

Bonner ergueu as sobrancelhas. Frankie Gardner era um dos grandes profissionais do tênis do país. Suas aulas custavam caro. No mínimo, vinte e cinco dólares por hora.

— Gardner... é um de seus fregueses? — perguntou.

— Nunca jogo com meus fregueses. É errado do ponto de vista comercial. Alugo seu tempo, como faz todo mundo.

— Mas por quê?

— Gosto do exercício. Ajuda a me manter em forma. Compreenda que às vezes trabalho demais.

— Sei o que quer dizer. Já pensou em fazer qualquer outra coisa?

— Que quer dizer com isso? — perguntou ela. — Já não lhe disse que estudei enfermagem?

— Não é disso que estou falando. Por que nunca tentou o cinema?

Ela riu com vontade.

— Não se esqueça, sr. Bonner, de que sou daqui mesmo, da Califórnia. Sei o que acontece com as garotas que vêm para cá, muitas delas bem mais bonitas do que eu. Acabam aceitando carona em carro de homem para ganhar refeição de sanduíches, ou fazendo a vida a cinco dólares no Strip. Comigo, não.

— Mas estou falando sério. Sabe quem sou eu?

— Claro que sei, sr. Bonner. Eu leio os jornais. O senhor é um dos maiores produtores de Hollywood.

— Neste caso, eu devo saber o que estou dizendo, não acha?

— Talvez — replicou ela. — Mas eu também me conheço e sei que não sou atriz.

— Não foi o que me pareceu esta noite.

— Mas isso é diferente. É minha profissão. Além disso, viu como eu vivo. Levaria muito tempo até eu ganhar mil dólares por semana no cinema.

— Como sabe? Temos um argumento nas mãos há cinco anos e não conseguimos encontrar uma pessoa capaz de fazê-lo. O argumento foi feito para Rina Marlowe. E eu tenho certeza de que você poderia fazer o papel.

— Acho que você está é louco! — disse Jennie, rindo. — Rina Marlowe era uma das mulheres mais lindas que já passaram pelo cinema. Não chego nem aos pés dela.

— Você tem coisas que me lembram Rina — disse ele, muito sério.

— E possível. Dizia-se que ela era terrível em matéria de homens.

— Nisso também, mas não é disso que estou falando. Vá ao estúdio amanhã e eu farei um teste com você. Se não der certo, não se fala mais nisso. Se der, precisarei apenas da aprovação

de um homem, e você começará a ganhar dois mil dólares por semana.

— Dois mil? Está brincando?

— Não brinco quando se trata de dinheiro.

— Nem eu. Que homem é esse de cuja aprovação você necessita?

— Jonas Cord.

— Então é melhor encerrar o assunto. Segundo soube de algumas garotas, esse homem é inteiramente gira.

Irving foi com David para a sala de estar, quando Rosa começou a tirar a mesa.

— Nunca a vi com melhor aspecto — disse, estendendo-se numa poltrona ao lado da lareira.

— É — murmurou David distraidamente.

— Está preocupado com alguma coisa, David?

— As coisas de sempre — disse David, evasivo.

— Não foi o que me disseram.

— Que foi que soube? — perguntou David, quase agressivamente.

— Dizem que estão procurando dar o fora no seu chefe.

— Que foi mais que soube?

— A nova turma está disposta a dar a você a chefia de tudo. Disseram-me também que Bonner já vendeu as ações a esse pessoal.

David ficou em silêncio. Não era possível que Jonas não soubesse do que estava acontecendo. Mas, afinal de contas, era bem possível.

— Você não quer falar, David — disse Irving, calmamente. — Entretanto, deve ter tido algum motivo para me chamar.

— Como soube dessas coisas?

— Temos algumas ações. Alguns dos nossos homens me telefonaram, dizendo que os corretores deles tinham sido procurados e queriam saber o que fãmos fazer.

— Quantas ações vocês têm?

— Ora, oitenta ou noventa mil espalhadas por todo o país. Achamos que era um bom investimento, em vista da maneira pela qual você está administrando a companhia.

— Será que você... vocês já resolveram de que lado vão ficar?

Aquelas ações podiam ser importantes. Representavam mais de três por cento sobre os dois milhões e meio de ações em circulação.

— Não, somos muito conservadores. Gostamos de ficar do lado onde está o dinheiro. E eles estão fazendo promessas muito interessantes. Completo financiamento, duplicação de lucros, talvez até bonificação em ações dentro de dois ou três anos.

David pegou um cigarro e o botou na boca, sem acendê-lo. Por que Jonas não respondia aos seus recados? Três vezes havia procurado em vão descobri-lo. Sem dúvida, já devia estar a par de tudo. A última notícia recebida dizia que Jonas estava fora do país. Se fosse verdade, tudo seria um fato consumado quando ele voltasse.

— O que vai fazer, David?

— Palavra que não sei. Não tenho a menor ideia do que vou fazer.

— Não pode ficar sentado na cerca por muito tempo, David. Neste mundo, não há jeito de viver em companhia de quem perde.

— Eu sei — disse David, acendendo afinal o cigarro. — Mas a coisa é assim. Bem sei que Jonas não nos tem dado muita atenção e talvez até nos tenha prejudicado um pouco. Mas sei também que é um técnico em matéria de cinema e pode fazer um filme como poucas pessoas na indústria. Foi por isso que ele comprou a companhia. Para ele, não se trata apenas de um

negócio, como para Sheffield e os outros, simples matemática de banqueiro ou corretor que pouco liga para outra coisa além da conta de lucros e perdas e o balanço anual.

— Mas os banqueiros e corretores têm todas as cartas na mão — replicou Irving. — Só um imbecil abre luta contra eles.

— É verdade — disse David, esmagando o cigarro com raiva no cinzeiro.

Irving ficou calado durante algum tempo. Depois, sorriu.

— Vou lhe dizer uma coisa, David. Vou reunir todas as nossas procurações e botá-las em suas mãos. Quando você decidir o que é melhor, vote então por nós.

— Seria capaz de fazer isso? — perguntou David.

Irving riu.

— Na minha opinião, não tenho outro jeito. Afinal de contas, não foi você quem transportou todo aquele álcool para nós da garagem de Shocky?

— Aqui está o café — anunciou Rosa, chegando com uma bandeja.

— Oba! — exclamou Irving. — Vejam só que lindo bolo de chocolate!

— Eu mesma fiz — disse Rosa, contente.

Irving afundou ainda mais na poltrona.

— Oh, doutora! — falou ele, olhando para Rosa. — Que maravilha!

— Mais um pedaço?

— Já comi três pedaços. Mais alguma coisa e terá de fazer uma operação plástica no meu estômago.

— Então tome mais um pouco de café — insistiu Rosa enchendo sua xícara. Depois começou a tirar os pratos em que servira o bolo.

— Queria perguntar-lhe uma coisa, David — disse Irving. — Já ouviu falar numa tal Jennie Denton?

— Jennie Denton? Não.

— Ah — disse Irving, olhando para Rosa. — Esqueci de que você está fora de circulação.

— O que há com ela? — perguntou Rosa. — Conheci uma Jennie Denton.

— Onde foi que a conheceu, doutora?

— No hospital. Há quatro anos, havia lá uma enfermeira com esse nome.

— Olhos pretos, cabelo castanho-claro, bem feita de corpo e com um andar curioso?

— Provocante, não é o que quer dizer? — insinuou Rosa, rindo.

— Exatamente.

— Então era essa mesma — disse Rosa.

— O que há com ela? — perguntou David.

— Bem, Jennie é provavelmente a mulher mais cara de Los Angeles. Tem uma casa própria e seis cômodos nas montanhas e só se vai lá depois de marcar hora e dia. Não se rebaixa a entrar num quarto de hotel. Só recebe gente importante e muitas vezes é preciso esperar duas ou três semanas. De isso só é possível em cinco dias por semana.

— Se está fazendo propaganda com meu marido, é melhor ir parando por aí — disse Rosa, sorrindo.

— Bem, parece que numa noite, no começo desta semana, Maurice Bonner esteve por lá e

ela lhe deu o tratamento completo. O que se viu foi, logo no dia seguinte, Jennie chegar ao estúdio para fazer um teste. Ele a filmou em cor, numa cena de um velho argumento encostado. Resolveu, então, fazer coisa melhor. Vestiu-a com uma peça de seda branca, para filmar; se não me engano, uma cena de batismo. Quando ela saiu do grande tanque do palco doze, era como se não tivesse nada em cima do corpo. Em dois dias, a cena se tornou a fita de maior sucesso da cidade. Bonner tem tido mais pedidos por ela do que Zelznick teve por ... *E o vento levou.*

David só se lembrava de um argumento que tivesse uma cena de batismo.

— Lembra-se do nome do argumento? — perguntou. — Seria *A pecadora*?

— Acho que sim.

— Nesse caso, é o argumento que Jonas Cord mandou fazer para Rina Marlowe, pouco antes de ela morrer.

— Não sei para quem foi escrito — disse Irving, sorrindo. — Mas você tem de ver o teste. Formidável! Vi duas vezes. E todo mundo que estava comigo na cabine de projeção, também.

— Vou vê-lo amanhã.

— Também gostaria de ver — disse Rosa.

David olhou para ela e sorriu. Era a primeira vez que ela mostrava qualquer interesse por um filme.

— Esteja amanhã no estúdio às dez horas, que nós o veremos juntos.

— Nada tenho de importante para amanhã e também estarei lá a essa hora — disse Irving.

David vestiu o pijama e se sentou na cadeira perto da janela, olhando para o mar.

Ouviu a água correr no banheiro e o leve som da voz de Rosa, que cantarolava enquanto se lavava para ir dormir. Deu um suspiro. Ao menos ela era feliz no trabalho que fazia. Um médico não tem de passar por uma guerra de nervos para exercer a medicina.

Ouviu a porta se abrir e voltou-se para ver Rosa. Ela tinha no rosto uma expressão entre divertida e enigmática.

— Você tem alguma coisa para me dizer, não tem, Rosa? Vá falando.

— Não, David — disse ela, com os olhos brilhantes. — É dever da esposa escutar quando seu senhor e dono fala.

— Não me sinto muito senhor e dono.

— Há alguma coisa, David?

— Ainda não sei — disse ele, e começou a contar toda a história, desde seu encontro com Sheffield na noite em que ela havia telefonado.

Ela se aproximou e o abraçou fazendo com que sua cabeça pousasse em seu seio.

— Pobre David! Tantos problemas!

— Tenho de tomar uma decisão em breve, Rosa. O que acha que devo fazer?

Ela o encarou, com os olhos ainda brilhando. Sentia-se forte e capaz, como se suas raízes se cravassem bem no fundo da terra.

— Seja qual for sua decisão, David, tenho certeza de que será a melhor para nós três.

— Nós três?

Ela sorriu. Aquela força nova era também o que significava ser uma mulher. E foi com voz doce e feliz que murmurou:

— Nós vamos ter um filho.

A luz do sol lhes doeu nos olhos quando saíram da escuridão da cabine de projeção. Seguiram em silêncio para o escritório de David.

— No que está pensando, David? — perguntou ela, calmamente. — O teste o fez lamentar que estivesse casado?

David sorriu. Abriu a porta do escritório depois de passar pela secretária e fez Rosa entrar, indo depois sentar-se a sua mesa. Rosa se acomodou numa poltrona de couro, em frente.

— O que achou do teste, Rosa?

— Agora compreendo por que todos os homens estão alucinados por ela. A maneira pela qual a seda se cola ao corpo quando ela sai da água foi a coisa mais sugestiva que já vi.

— Ponha essa cena de lado. Tirando esse teste, o que acha dela?

— Achei-a admirável. Senti quase um aperto no coração com aquela cena em que só se viam os pés de Jesus andando, com a ponta da cruz arrastando-se pela terra atrás dele. E ela seguindo-o e tentando beijar-lhe os pés. Quase chorei com ela. As lágrimas dela eram de verdade ou maquilagem?

— De verdade. Não se faz maquilagem de lágrimas num teste.

Sentiu sua exaltação aumentar. Rosa havia explicado tudo. Ele nunca se sentira assim desde que vira Rina Marlowe pela primeira vez na tela. Os outros tinham ficado tão cegos com a cena do batismo que não haviam percebido o resto.

Pegou uma folha de papel em cima da mesa e começou a escrever. Rosa o olhou por um momento. Depois levantou-se, deu a volta em torno da mesa e olhou curiosamente por cima do ombro dele. David já havia terminado e estendia a mão para o telefone.

O escrito dizia o seguinte:

Jonas, acho que já é tempo de você voltar ao cinema. Espero suas notícias. David.

— Quero falar com McAllister, em Reno — disse David ao telefone.

Olhou para Rosa e sorriu. Ela também sorriu e voltou para a poltrona.

— Alô, Mac — disse David, com voz firme e forte. — Há duas perguntas que você pode me responder.

Rosa sentiu-se tomada de um sentimento de orgulho. Estava satisfeita por ter ido ao estúdio. Aquela era uma faceta de seu marido que ela até então desconhecia.

— Primeiro — disse David ao telefone —, quero saber se posso fazer uma atriz assinar um contrato com a Cord Explosives. Tenho razões especiais para não querer que ela assine contrato conosco. Importantes razões.

David fez uma pausa e continuou:

— Muito bem. Segunda pergunta: tenho um filme que desejo que Jonas veja o mais depressa possível. Pode falar com ele?

Esperou um pouco e disse:

— É só isso que quero. O filme estará no seu escritório de Los Angeles dentro de duas horas. Obrigada, Mac. Até a vista.

Em seguida, desligou e tornou a falar pelo telefone:

— Srta. Wilson, quero falar com Jess Lee, das cópias e revelações. Depois venha falar imediatamente comigo.

Pegou um cigarro. No mesmo instante, Rosa curvou-se sobre a mesa com um fósforo aceso.

— Jess — disse ele ao telefone, quando a secretária entrou —, vou lhe mandar um bilhete escrito por mim! Quero que você o fotografe e o inclua no título e no fim do teste de Jennie Denton. E faça isso o mais depressa possível.

David cobriu o fone com a mão e disse à secretária:

— Leve correndo este bilhete a Jess Lee. Você mesma.

A secretária pegou o papel, saiu e David voltou a falar com Jess.

— Eu sei que é um teste irregular, Jess. Mas faça uma cópia com meu bilhete e mande-a, logo que acabar, à secretária de McAllister, na Cord Aircraft. Tudo tem de estar lá ao meio-dia.

— Resolveu? — perguntou Rosa.

— Sim, o que estou fazendo é arriscado, mas não tenho outro jeito. Se não der certo, não importa o lado que vencer, eu sairei perdendo.

— Eu sei, David. Coisa semelhante acontece em todas as operações. Você é o operador, está com o bisturi e o doente está aberto a sua frente. De acordo com os livros, há muitas coisas para você fazer, muitos caminhos para escolher. Mas você sabe que só há um caminho: o caminho certo. Então, você toma a decisão. Vai pelo seu caminho. Sejam quais forem as pressões, seja o que for que disserem os livros. Você tem de ir pelo seu caminho. E o que você está fazendo, não é, David?

Ele a olhou, admirando-se da intuição e do conhecimento que ela demonstrava.

— Sim — disse ele, sem hesitação. — Estou seguindo o meu caminho.

David nunca havia pensado naquilo, mas ela estava certa. Ele seguia o seu caminho.

Jennie estava sentada a sua mesa na sala de estar preenchendo cheques para as contas do mês, quando a campainha da porta tocou. A criada mexicana passou por ela no seu andar pesado e foi atender.

Franzindo a testa, Jennie pensou que fora uma tola em se deixar convencer a fazer aquele teste no cinema. Devia saber que seria perda de tempo. Agora, toda Hollywood estava rindo dela. Pelo menos quatro homens haviam telefonado, dando-lhe ironicamente parabéns pelo teste. Todos eles o haviam visto.

Jennie sabia que nunca seria uma boa atriz. Por que se deixara levar por aquela conversa, como qualquer ingênua do interior fascinada pelo cinema? Julgava-se muito sabida e achava que nunca seria capaz de cair numa armadilha. E caíra como todas as outras.

Devia ter percebido, no momento em que se vira diante das câmaras, que aquilo não era para ela. Mas havia lido o argumento: Maria Madalena. A princípio, quase morreu de rir. Não era de admirar que Bonner houvesse pensado nela. Pelo menos metade do papel se ajustava a ela como uma luva.

Depois, alguma coisa na história despertou seu interesse. Sentiu-se comovida e abalada. Identificou-se com o papel e houve ocasiões em que havia chorado com as câmaras voltadas para ela. E chorar era uma coisa que ela não fazia desde seus tempos de menina! Não era de admirar que estivessem rindo. Ela também faria o mesmo se se tratasse de outra pessoa. Uma prostituta chorando por outra prostituta. Era uma coisa que nunca devia ter feito. Uma semana

se havia passado e ela ainda não tivera nenhuma comunicação de Bonner.

Ouviu os pesados passos da mexicana. Talvez fosse o novo homem da polícia. Havia sido avisada de que outro homem iria receber o dinheiro naquele mês.

— *Señor Woolfestá aqui* — disse a empregada.

Woolf? Não conhecia ninguém com esse nome.

— Quem?

— *De las películas* — explicou a mexicana.

— *Tráigalo aqui* — ordenou Jennie, guardando rapidamente as contas na gaveta.

A mexicana voltou acompanhada de um homem.

Ela o olhou friamente e perguntou:

— Foi Bonner que o mandou?

— Não. Para dizer a verdade, Bonner nem sabe que estou aqui.

Ela sabia o que ele ia dizer.

— Ah! Quer dizer que viu o teste?

Ele disse que sim.

— Então pode voltar no mesmo pé — replicou ela, asperamente. — Não recebo ninguém sem antes marcar dia e hora. E pode dizer a Bonner em meu nome que pare de mostrar aquele teste a todo mundo, senão vai se arrepender.

David riu e disse:

— Já tomei essa providência, srta. Denton.

— Já? Uma coisa assim pode arruinar meus negócios.

— De qualquer maneira, seus negócios estão encerrados — afirmou David, com um sorriso.

Ela o olhou, arregalando os olhos.

— Que quer dizer com isso?

— Creio que não está compreendendo — continuou David, tirando um cartão do bolso.

O cartão era caro e gravado em relevo. Nele estava escrito David Woolf e, num canto, Vice-Presidente Executivo e o nome da companhia na qual Bonner trabalhava. Lembrou-se então. Havia lido o nome dele nos jornais. Era o jovem protegido de Cord, de quem se contavam maravilhas.

— Gostaria de fazer o papel de Maria Madalena?

— Não sei — murmurou ela, subitamente nervosa. — Pensei que tudo fosse uma brincadeira de Bonner.

— Talvez fosse. Não sei o que ele pensou. Mas comigo não se trata de nenhuma brincadeira. Acredito que pode ser uma grande estrela. E minha mulher é da mesma opinião.

Ela o olhou sem compreender e ele acrescentou:

— Rosa Strassmer. Ela a conheceu no hospital há quatro anos.

— A dra. Strassmer? A que fez os enxertos de pele no rosto de Linda Davis? Eu era a chefe das enfermeiras na cirurgia, aquele dia. Ela foi formidável.

— Muito obrigado. Agora, quer fazer o papel de Maria Madalena?

Jennie sentiu de repente que era o que ela mais queria no mundo.

— Quero.

— Eu sabia que seria essa sua resposta — disse ele, tirando uma folha de papel do bolso. — Quanto Bonner disse que lhe pagaria?

— Dois mil dólares por semana.

David já estava escrevendo alguma coisa no papel.

— Espere um pouco, sr. Woolf. Eu sei que Bonner só disse isso de brincadeira. Não é preciso o senhor me pagar tanto.

— Já disse que ele podia estar brincando, mas eu não estou. Ele falou em dois mil dólares e é quanto vai ganhar.

Acabou de escrever e lhe entregou o contrato.

— Convém ler com atenção — recomendou.

Ela correu os olhos pela fórmula impressa. Ele só escrevera o nome dela e a importância do salário.

— É preciso? — perguntou Jennie.

— Acho que deve. É muito fácil assinar contratos e muito difícil livrar-se deles.

Jennie recostou-se na cadeira e começou a ler.

— O contrato é assinado com a Cord Explosives — observou ela.

— É uma praxe que adotamos. Cord é o dono da companhia.

Ela leu cuidadosamente, pegou a caneta, assinou o contrato e entregou-lhe o papel.

— E agora, o que vamos fazer? — perguntou, sorrindo.

— A primeira coisa que vamos fazer é mudar seu nome — disse ele, guardando o contrato.

— Por quê? Não gosta do meu nome?

— Há muita gente que o conhece. Isso poderia criar-lhe embaraços.

Jennie pensou por um momento e depois riu.

— Para mim, tanto faz. E para o senhor?

— Não. Pensei apenas na sua conveniência.

Ela tornou a rir. Os homens poderiam lamentar-se à vontade do que haviam perdido.

— Esta casa é sua ou alugada? — perguntou David.

— Alugada.

— Ótimo. Feche tudo e desapareça por algum tempo. Vá para o deserto. Palm Springs seria ótimo. Não diga a ninguém onde está, a não ser para mim.

— Está bem. E o que devo fazer?

— Apenas esperar. Esperar que nós a descubramos.

— Desculpe, David — disse Dan Pierce, levantando-se sorridente, mas com o olhar frio. — Nada posso fazer.

— Por quê?

— Porque vendi minhas ações há um ano.

— A Sheffield?

— Sim.

— Por que não falou com Jonas antes?

— Porque não quis. Jonas me explorou o bastante. Eu servi para ele nos tempos difíceis, para fazer todo o trabalho pesado e manter a indústria em funcionamento. Mas, no momento em que as coisas começaram a correr bem e nós podíamos fazer os grandes filmes, ele meteu Bonner na companhia.

— Você também o explorou. Ele enterrou milhões no negócio só porque você queria ter um estúdio nas mãos. Você é um homem rico graças a ele. E compreendeu, quando Bonner chegou, que era um agente e não um produtor. A indústria toda sabia disso.

— Claro, ele nunca me deu uma oportunidade. Agora, é a vez dele suar um pouco. Estou ansioso para ver se gosta.

Encaminhou-se para a porta muito zangado, mas no meio do caminho voltou-se para falar com David, e toda a raiva parecia ter desaparecido.

— Fale de vez em quando comigo, David. Há alguma chance de eu conseguir Spencer Tracy e Clark Gable emprestados da Metro, desde que você estabeleça boas condições.

David ficou pensando depois que o agente saiu. Os negócios eram assim mesmo. Dan Pierce não hesitava em fazer uma transação como aquela, que poderia proporcionar à companhia um lucro de um milhão de dólares. Fazia parte de sua profissão e nada tinha a ver com Jonas Cord. Mas a venda de suas ações era diferente.

Pegou o interfone e disse para sua secretária:

— Telefone para Bonner e pergunte se posso falar com ele imediatamente.

— No escritório dele ou no seu? — perguntou a secretária.

David sorriu. Normalmente era sempre Bonner que ia falar com ele. Era impressionante a atenção de todas as pessoas do estúdio para esses pequenos detalhes. Todos sabiam que havia alguma coisa no ar e sua própria secretária não se sentia segura de sua posição. Agindo daquela maneira estava tentando averiguar a situação.

— No meu escritório, é claro — disse ele, desligando.

Bonner chegou ao escritório quase uma hora depois. Viera relativamente rápido, em vista da importância de ambos. Bonner não havia demorado demais, a ponto de parecer grosseiro, nem viera tão rápido a ponto de parecer subserviente.

— Desculpe o incômodo que lhe estou causando, Maurice — disse David, logo que o viu entrar.

— Não tem importância, David. Demorei um pouco pois tinha de encerrar a reunião de produção da manhã.

— Ótimo. Quer dizer que dispõe de um pouco de tempo?

— Tenho uma conferência de argumento marcada para já.

— Ora, os argumentistas estão acostumados a esperar.

Bonner olhou para David de uma maneira estranha e, metendo a mão por dentro do paletó, começou a se coçar.

— Está com urticária? — perguntou David, rindo.

— Soube da história, não? — perguntou Bonner.

David piscou o olho, sorridente.

Bonner começou então a se coçar sem qualquer reserva.

— Não pode calcular que coisa incômoda! Mas acho que valeu a pena. É preciso que um dia você vá conhecer Jennie. Aquela mulher pode fazer seu velho violino vibrar como um Stradivarius.

— Não tenho a menor dúvida. Vi o teste.

— Ah! Ia mesmo perguntar. Por que recolheu todas as cópias?

— Fui forçado a fazer isso. *A pecadora* não é nossa propriedade. Pertence pessoalmente a Cord. E você bem sabe como ele é. Não estou querendo enfrentar encrencas.

Bonner o encarou sem nada dizer. Era inútil proceder com rodeios, pensou David, e continuou:

— Sheffield me mostrou o compromisso que você assinou para vender-lhe suas ações.

— Eu sabia que ele viria falar com você.

— Mas por quê? Se queria vender, Bonner, por que não falou com Cord?

— E como iria falar com ele? Nunca vi o homem. Se ele nunca foi bastante delicado para querer me ver uma só vez nos três anos em que trabalho para ele, não havia razão alguma para eu correr atrás dele. Além disso, meu contrato termina no mês que vem e ninguém me falou ainda em renovação. McAllister nem se deu ao trabalho de ligar para mim.

— Por que não veio falar comigo? — perguntou David, acendendo um cigarro. — Afinal, fui eu que o trouxe para cá.

— Era o que eu devia fazer, David. Mas todo mundo sabe que você nada faz sem a aprovação de Cord. Quando você conseguisse falar com ele, meu contrato já estaria terminado. E aí eu ficaria numa situação muito incômoda perante toda a indústria cinematográfica.

David pensou que, afinal, eram todos iguais. Tão hábeis, tão inflexíveis, tão capazes em tantos sentidos e ainda tão crianças, com aquele orgulho insensato.

Bonner interpretou seu silêncio como aquiescência. E continuou:

— Sheffield me disse que se encarregaria de nós. Ele nos quer a ambos, David. Você bem sabe disso. Ele disse que tomará nova orientação no momento em que assumir o controle. Financiará os filmes, organizará um novo plano de divisão de lucros e nos dará opções de ações realmente boas.

— Tem isso por escrito, Bonner?

— Claro que não. Ele não pode assinar um contrato comigo antes de assumir o controle da companhia. Mas temos de confiar na palavra dele. É um homem direito. Não é um camarada como Cord, que ora está frio, ora quente.

— Algum dia Cord lhe faltou com a palavra?

— Nunca. Nunca teve essa oportunidade. Assinamos um contrato. E está quase no fim, de

modo que quem não lhe vai dar a oportunidade sou eu.

— Você é como meu tio — disse David com um suspiro. — Ele deu ouvidos a homens como Sheffield e terminou metido com títulos e ações, e não mais com o cinema. Assim perdeu sua companhia. Você agora está fazendo a mesma coisa. Ele não pode lhe dar um contrato porque não controla a companhia; apesar disso, você deu a ele um acordo escrito para colocá-lo na situação de controlar a companhia. E o que você fará se ele, depois de assumir o controle da companhia, disser que não pode cumprir sua promessa?

— Mas ele precisa de nós para que a companhia funcione. Quem fará filmes para ele, senão eu?

— Meu tio Bernie também achou que a companhia não podia ficar sem ele — disse David ironicamente. — Mas ela funcionou sem ele. E funcionará sem nós. Sheffield poderá sempre encontrar quem dirija o estúdio para ele. Schary está na Metro justamente à espera de uma oportunidade assim. Matty Fox, da Universal, aceitaria o lugar como um pato em frente a uma lagoa. As coisas não seriam para ele tão duras aqui quanto são lá. E você ainda pensa que ele não pode fazer funcionar a companhia sem nós.

Bonner o olhou, um pouco pálido.

— Mas o que eu posso fazer agora, David? Assinei o acordo. Sheffield poderá até me acionar se eu voltar atrás.

David apagou cuidadosamente o cigarro.

— Se não estou enganado, pelo acordo, você se compromete a vender todas as ações que possuir no dia 15 de dezembro, não é verdade?

— Perfeitamente.

— E se acontecer que nessa data você só tenha uma ação? Poderá vendê-la e terá cumprido sua palavra.

— Mas 15 de dezembro é na semana que vem. Quem poderá comprar todas as minhas ações antes dele?

— Jonas Cord.

— E se você não conseguir falar com ele em tempo? Nesse caso, perderei quatro milhões de dólares. Se vender as ações no mercado livre, farei baixar o preço.

— Tomarei providências para que tenha o seu dinheiro — disse David, acrescentando brandamente: — E pode começar a preparar a renovação de seu contrato, Maurice.

— Quatro milhões de dólares! — exclamou Irving. — Onde você acha que posso arranjar tanto dinheiro?

— Deixe disso, Needlenose — disse David. — Bem sabe que é uma situação de emergência.

— E se Cord disser que não quer as ações? — perguntou Irving agora já mais calmo. — O que vou fazer com elas? Usá-las como papel higiênico? Você se diz meu amigo. Mas, se eu perder num negócio como esse, não serei mais amigo de ninguém. Passarei a ser chamado de o falecido Yitzchak Schwartz.

— A coisa não é tão ruim assim.

— Não, é muito pior. O lugar que ocupo não é daqueles que a gente é simplesmente despedido, entendeu?

— Desculpe, Irving. Não tenho mesmo o direito de lhe pedir uma coisa dessas.

Dizendo isso, encaminhou-se para a porta.

A voz do amigo o fez parar.

— Ei, espere um pouco! Para onde vai?

David o encarou.

— Será que me ouviu dizer positivamente que não faria isso por você? — disse Irving.

O vasto seio da tia May arquejava de indignação.

— Seu tio Bernie foi como um pai para você — dizia ela na sua voz estridente e áspera. — E você, foi como um filho para ele? Mostrou consideração pelo que ele fez por você? Não. Nem uma vez, enquanto ele era vivo, você disse muito obrigado a ele.

A tia tirou um lenço do bolso do vestido e começou a enxugar os olhos, enquanto o brilhante de doze quilates de seu dedo brilhava como um farol.

— Só pela graça de Deus é que sua pobre tia não está passando o resto de seus dias num asilo.

David mudou de posição na poltrona, cada vez menos à vontade. Sentia o frio da noite na grande sala daquela enorme casa. Um tremor lhe passou pelo corpo. Não sabia dizer se era frio mesmo, ou se era a sensação desagradável que aquela casa sempre lhe deixava.

— Quer que acenda a lareira para você, tia?

— Está com frio, Duvidele?

— Não — respondeu, encolhendo os ombros. — Pensei que você talvez estivesse com frio.

— Frio? Ora, sua pobre tia está acostumada a sentir frio. Tenho de contar os tostões para poder continuar a viver nesta casa.

David olhou para o relógio.

— Bem, já está ficando tarde, tia May. Preciso ir. Vai me dar a procuração?

— Não tenho motivo nenhum para fazer isso. Vou assinar procuração para ajudar um ingrato, um traidor que roubou a companhia de seu próprio tio?

— Ninguém roubou a companhia. Tio Bernie ia perdê-la de qualquer maneira. Teve sorte de encontrar um homem como Cord, que o deixou sair em tão boas condições.

— Sorte? Você chama isso de sorte? De todas as ações que ele tinha, só me restam vinte e cinco mil. O que houve com o resto? Diga-me isso. O que houve?

— O tio Bernie recebeu por elas três milhões e meio de dólares.

— E daí? Valiam três vezes mais.

— Não valiam nada — replicou ele, perdendo a calma. — O tio Bernie estava roubando a companhia sem pena e você sabe muito bem disso. As ações não valiam o papel em que eram impressas.

— Agora, você está chamando seu tio de ladrão! Fora, vamos! Fora da minha casa!

David a olhou por um momento e então caminhou para a porta. De repente, parou, lembrando-se. Um dia, o tio o pusera para fora do escritório, empregando quase as mesmas palavras. Mas ele, David, tinha conseguido o que queria. E sua tia era ainda mais apegada ao dinheiro do que Bernie jamais fora.

— Escute, tia May — disse ele, voltando-se para ela. — É verdade que são apenas vinte e cinco mil ações, que mal representam um por cento do total. Mas elas agora valem alguma coisa. Há, ao menos, uma pessoa da família que zela por seus interesses. Mas dê sua procuração

a Sheffield e veja o que lhe acontecerá. Foi gente como ele que levou o tio Bernie para a Wall Street e o meteu numa série de complicações. Se proceder assim, não estarei mais presente para cuidar de seus interesses e suas ações voltarão a não valer nada.

— É verdade? — perguntou a velha, muito séria.

David quase podia ver a máquina de calcular em pleno funcionamento na cabeça dela.

— Sem tirar nem pôr.

Ela deu um suspiro profundo e murmurou:

— Está bem, vou lhe dar a procuração. Seu tio sempre me disse que eu deveria procurá-lo quando precisasse de algum conselho. Ele dizia: "Aquele David tem cabeça".

Tia May levantou-se e foi apanhar alguns papéis numa gaveta. Depois sentou-se à mesa, pegou uma caneta e os assinou. David guardou os papéis no bolso.

— Obrigado, tia May.

Ela sorriu e David teve a surpresa de vê-la bater em seu braço quase com timidez.

— Deus nunca nos deu filhos, a seu tio e a mim — disse com voz trêmula. — Tinha você na conta de filho. Não calcula como se sentia orgulhoso quando, depois de se afastar da companhia, sabia de seus sucessos.

David sentiu um aperto na garganta, de piedade por aquela pobre velha que vivia tão sozinha.

— Eu sei, tia May.

Ela tentou sorrir.

— E sua mulher é tão bonita! Não me esqueça tanto. Por que não a traz de vez em quando para tomar chá comigo?

Não pôde deixar de abraçar a velhinha é beijar seu rosto.

— É o que vou fazer, tia May. E não vai demorar.

Rosa estava a sua espera no escritório quando ele voltou ao estúdio.

— Quando a srta. Wilson me telefonou para dizer que você ia chegar tarde, pensei que seria uma boa ideia vir até aqui para jantarmos na cidade.

— Ótimo — disse ele, beijando-lhe o rosto.

— Então?

David deixou-se cair na cadeira dizendo:

— Tia May me deu a procuração.

— Isso significa que você já tem dezenove por cento dos votos.

— Mas não adiantará muito, se Cord não me ajudar. Irving me disse que terá de vender as ações a Sheffield, se Cord não lhe der o dinheiro.

— Bem, você já fez tudo o que era possível — disse ela, convicta. — Agora vamos jantar.

No momento em que David se levantou, sua secretária entrou.

— Um telegrama de Londres, sr. Woolf.

David pegou o envelope e o abriu.

No momento em que ele ia mostrar o telegrama a Rosa, a secretária apareceu de novo.

— Outro telegrama, sr. Woolf.

David abriu-o mais que depressa e, depois de lê-lo, teve uma sensação de indizível alívio.

McAlister tem a sua disposição todo o dinheiro necessário para arrasar Sheffield. Não o poupe.

Como o primeiro telegrama, este estava assinado, simplesmente, Cord. David passou ambos às mãos de Rosa, que os leu e voltou-se para ele com os olhos cintilantes.

— Vencemos! — disse ele com entusiasmo.

Já a tomava nos braços quando a porta novamente se abriu.

— Que é, srta. Wilson? — perguntou ele, com voz um tanto irritada.

— Desculpe, sr. Woolf, mas acaba de chegar outro telegrama.

— Então me dê logo. Não fique aí parada.

Olhou-o e disse a Rosa:

— Este é para nós dois. Abra-o você.

Ela leu o telegrama e, depois, olhou para David, enquanto um sorriso lhe aparecia no rosto. David leu:

Mazel tov! Espero que sejam gêmeos!

Esse trazia outra assinatura: Jonas.

JONAS – 1940

LIVRO VII

— Que coisa mais maluca! — murmurou Forrester, elevando-se no ar com o CAB-200 atrás da formação de Spitfires.

— O que há de maluco? — perguntei, olhando do meu banco de copiloto a cidade de Londres, que ia ficando para trás na névoa do amanhecer. Havia vários incêndios que ainda fumegavam do ataque da noite anterior: — Não compraram o nosso avião, mas comprarão todos os B-17 que pudermos produzir. Que diabos! Todos nós sabemos que eles têm de padronizar.

— Não é disso que estou falando — murmurou Roger.

— Motores um e dois, checados — disse Morrissey às nossas costas. — Motores três e quatro, checados. Pode reduzir o combustível.

— Checado — disse Roger, depois de tomar as providências necessárias. — Estou me referindo a isso — disse ele, apontando para Morrissey, que estava atrás, nas funções de mecânico de voo. — É uma coisa maluca, nós no mesmo avião. Se acontecer alguma coisa, quem vai dirigir a companhia?

— Você se preocupa demais — respondi, sorrindo.

— É para isso que você me paga. O presidente da companhia tem de se preocupar. Sobre tudo quando se trata de uma companhia em franco crescimento como a nossa. No ano passado, tivemos trinta e cinco milhões de lucros. Neste ano, os lucros deverão subir a cem milhões, com as encomendas de guerra. Precisamos preparar quem seja capaz de tomar o nosso lugar, caso alguma coisa nos aconteça.

— O que nos pode acontecer? — perguntei, acendendo um cigarro. — A não ser que você esteja com inveja do pessoal da RAF e tenha ideias de voltar ao serviço ativo.

— Você bem sabe que não é isso, Jonas. Eu não poderia entrar em competição com esses garotos, que me meteriam com a maior facilidade no chinelo. E, se tenho de ser um piloto de escritório, prefiro cumprir meu papel na companhia, onde ao menos faço parte do estado-maior.

O que Roger dizia fazia muito sentido. A guerra nos estava impelindo a uma expansão com a qual nenhum de nós contava. E, a meu ver, estávamos apenas começando.

— Teremos de conseguir alguém para dirigir a fábrica do Canadá.

Sim, a fábrica do Canadá havia sido uma ideia dele e, sem dúvida alguma, uma solução genial. Fabricaríamos todas as peças em nossas usinas nos Estados Unidos e remeteríamos tudo para o Canadá, onde elas entrariam na linha de montagem. À medida que os aviões fossem ficando prontos, a RAF canadense os levaria para a Inglaterra. Se desse certo, poderíamos reduzir em três semanas o tempo de produção de cada avião.

A ideia tinha também algumas vantagens financeiras. Os governos da Inglaterra e do Canadá estavam prontos a financiar a construção da fábrica e nós economizaríamos de duas maneiras. A fábrica custaria menos porque não teríamos de pagar juros e porque a margem de deduções do imposto de renda por depreciação é muito maior no Canadá do que nos Estados Unidos. E o pessoal de Sua Majestade também ficaria satisfeito porque, ao lidar com países do bloco esterilino, teria de pagar menos dólares americanos.

— Estou de acordo. Mas nenhum dos homens que trabalha para nós tem experiência suficiente para uma tarefa dessas, à exceção de Morrissey. E não podemos dispensá-lo. Tem alguém em vista?

— Claro. Mas você não vai gostar do nome — disse ele, olhando para mim pelo canto dos olhos.

— Vamos ver.

— Amos Winthrop.

— Não!

— É o único homem disponível e capaz. E não vai ficar disponível por muito tempo. Do jeito que vão as coisas, logo alguém vai pegá-lo.

— Bom proveito! E um homem vaidoso e que só pensa em mulher. Além disso, tem-se dado mal em tudo aquilo em que se mete.

— Mas entende de produção de aviões — disse obstinadamente Forrester. — Soube do que aconteceu entre vocês dois, mas isso nada tem a ver com o caso.

Não dei resposta. Vi a nossa frente o comandante da formação de Spitfires inclinar a asa. Era o sinal para quebrar o silêncio do rádio. Forrester ligou o comutador.

— Sim, comandante?

— É aqui que nos separamos, meu velho.

Estávamos em pleno Atlântico, a cento e cinquenta quilômetros das ilhas britânicas.

— Muito bem, comandante. Obrigado pela escolta.

— Boa viagem, rapazes. E não se esqueçam de nos mandar os grandes. Precisaremos deles no verão, para dar a Jerry o troco do que eles nos têm dado.

Forrester riu. Os ingleses estavam sofrendo o maior castigo de sua história e só pensavam em pagar ao inimigo na mesma moeda.

— Fique descansado, comandante.

— Está bem. Rádio encerrado.

Inclinou de novo a asa do seu Spitfire e a formação se afastou, descrevendo um amplo círculo de volta a sua costa. Houve depois silêncio e prosseguimos sozinhos na viagem de volta.

Desapertei o cinto de segurança e me levantei.

— Se não se incomoda, Forrester, vou ver se durmo um pouco.

— Está bem — disse ele. — Pense no que eu lhe disse.

— Se é a respeito de Amos Winthrop, não é preciso pensar.

Morrissey estava sentado em seu compartimento, com aparência preocupada, quando lá cheguei.

— Não compreendo — disse ele tristemente.

— Ora — repliquei eu, sentando na cama —, é bem fácil de compreender. O B-17 voa com uma tripulação de cinco homens, ao passo que o nosso aparelho exige nove. Isso significa que eles podem botar no ar duas vezes mais aviões. A viagem de ida e volta à Alemanha é no máximo de três mil e quinhentos quilômetros, de modo que não precisam de uma autonomia de voo de oito mil quilômetros. Além disso, as despesas operacionais são um pouco menos da metade das do nosso avião.

— Mas este avião pode subir três mil metros mais alto e voar trezentos quilômetros por hora mais depressa. E pode transportar uma carga dupla de bombas.

— O ruim com você, Morrissey, é estar muito avançado no tempo. Eles ainda não estão preparados para aviões como este.

Uma infinita amargura estampou-se no rosto de Morrissey e tive muita pena dele. Mas o que eu dissera estava certo. Ele era sem dúvida o maior engenheiro aeronáutico do mundo.

— Deixe isso para lá. Não se preocupe, que eles ainda vão alcançá-lo. Algum dia, haverá aviões como este aos milhares no ar.

— Mas não será nesta guerra — disse ele, desconsolado. Apanhou em seguida uma garrafa térmica: — Acho que vou levar um pouco de café a Roger.

Morrissey saiu para a cabine de pilotagem e eu me estendi na cama. O zumbido dos quatro poderosos motores cantava em meus ouvidos. Fechei os olhos. Três semanas na Inglaterra e eu não dormira bem uma noite sequer. Ora eram as bombas, ora eram as mulheres. Bombas e mulheres. Bombas. Mulheres. Dormi.

O estridente barulho da bomba foi aumentando até o desmedido fragor da explosão, quando ela caiu perto de nós. Todas as conversas à mesa do jantar se interromperam por um instante.

— Estou preocupada com minha filha, sr. Cord — disse a mulher magra e de cabelo grisalho que estava ao meu lado.

Olhei-a e depois voltei o olhar para Morrissey, sentado a minha frente, com o rosto muito pálido e contraído. A bomba caíra quase na casa vizinha e a mulher estava preocupada com a filha, em segurança, nos Estados Unidos. Talvez devesse estar. A mulher era a mãe de Monica.

— Não vejo Monica desde que tinha nove anos de idade — continuou a sra. Holme, nervosa. — Faz quase vinte anos. Penso quase sempre nela.

Não, não pensava nela quase sempre, refleti. Eu costumava julgar que as mães fossem diferentes. Mas eram iguazinhas aos pais. Pensavam primeiro em si mesmas. Eu tinha ao menos uma coisa em comum com Monica. Nossos pais nunca nos haviam dado a mínima atenção. Minha mãe morrera e a dela fora embora com outro homem.

Observei seus olhos sob as compridas pestanas e tive um vislumbre da beleza que ela transmitira à filha.

— Acha que poderá encontrar-se com ela quando voltar para os Estados Unidos, sr. Cord?

— Duvido muito, sra. Holme. Monica mora em Nova Iorque e eu em Nevada.

Ela ficou por alguns instantes em silêncio e me perguntou:

— Não gosta muito de mim, não é, sr. Cord?

— Para dizer a verdade, não havia pensado nisso, sra. Holme. Sinto muito se lhe dei essa impressão.

Ela sorriu e começou a brincar com a colher.

— Não foi nada que o senhor dissesse. Mas pude sentir um leve movimento de repulsa quando eu lhe disse quem era. Com certeza, Amos lhe contou tudo a meu respeito, dizendo como eu fugi com outro homem, deixando-o sozinho para criar nossa filha, não foi?

— Winthrop e eu nunca fomos muito íntimos. De qualquer maneira, jamais conversamos sobre a senhora.

— Deve acreditar em mim, sr. Cord — continuou ela, com súbita intensidade na voz. — Não abandonei minha filha. Quero que ela saiba disso, que compreenda isso. Amos Winthrop era um patife e vivia sempre metido com mulheres. Os dez anos que vivemos juntos foram um inferno para mim. Em nossa lua de mel, me abandonou num quarto de hotel para ir encontrar-se com outras mulheres. Quando por fim conheci e gostei de outro homem decente e honesto,

Amos me obrigou a deixar minha filha com ele, sob a ameaça de fazer escândalo e arruinar a carreira desse homem no serviço público da Inglaterra.

Isso tinha sentido. Eu bem sabia que Amos era capaz de fazer uma coisa assim.

— Escreveu algum dia a Monica para contar isso?

— Como se pode escrever a uma filha para contar coisas desse tipo?

Não tive o que responder.

— Há cerca de dez anos, Amos me avisou que ia mandá-la para viver comigo. Pensei então que, quando ela chegasse a me conhecer, eu poderia explicar tudo e ela compreenderia. Mas soube pelos jornais de seu casamento com ela, e Monica nunca veio.

O mordomo tirou os pratos vazios. Outro empregado serviu-nos café. Logo que ele se afastou, perguntei:

— O que quer exatamente que eu faça, sra. Holme?

— Gostaria que falasse com ela, sr. Cord, dissesse que perguntei por ela, que penso nela e que ficaria muito feliz se recebesse notícias dela.

— Fique certa de que farei isso, sra. Holme.

O mordomo tirou as xícaras, enquanto o surdo fragor do bombardeio na sala coberta de pesados reposteiros lembrava um rumor distante de trovoadas, na Londres do tempo de paz.

O ronco dos quatro motores voltou, aos meus ouvidos quando abri os olhos. Morrissey estava de novo em seu banco, mas cochilava com a cabeça inclinada para um lado. Abriu os olhos quando me sentei na cama.

— Quanto tempo fiquei dormindo? — perguntei.

— Um pouco mais de quatro horas.

— Vou dar um descanso a Roger — disse, levantando.

Forrester ergueu os olhos quando cheguei ao compartimento.

— Você devia estar muito cansado. Houve uma hora em que roncava tanto que cheguei a pensar que tínhamos cinco motores, em vez de quatro.

Sentei no banco do copiloto.

— Vim dar-lhe algum descanso. Onde estamos?

— Mais ou menos aqui — disse ele, apontando o mapa na armação entre nós. Estávamos a cerca de mil e quinhentos quilômetros da Inglaterra, sobre o oceano.

— Estamos indo devagar.

— Pegamos ventos fortes pela frente.

Estendi a mão para o controle e puxei-o até encaixá-lo.

— Pronto! — disse.

Ele desligou seu controle, levantou-se e espreguiçou.

— Vou ver se tiro um cochilo.

— Ótimo — disse eu, olhando pela pequena janela. Estava começando a chover.

— Tem certeza de que poderá ficar com os olhos abertos durante algumas horas?

— Darei um jeito.

Ele riu.

— Ou você é um homem melhor do que eu, Gunga Din, ou estou ficando velho. Houve uma hora em que pensei que você estava querendo conhecer todas as mulheres da Inglaterra.

— Ora, com aquelas bombas todas caindo, só quis aproveitar. Qualquer ocasião podia bem ser a última — repliquei, sério.

Forrester tornou a rir e saiu da cabine. Dediquei-me ao comando do avião. Com certeza, não era a única pessoa que pensava daquela maneira. Parecia-me que as garotas tinham a mesma ideia. Havia um pouco de desespero na forma pela qual se atiravam insistentemente aos homens.

Estava começando a nevar e grandes flocos se chocavam pesadamente contra os vidros. Liguei os degeladores e vi os flocos se transformarem em água. A velocidade estava caindo. Isso significava que os ventos contrários eram mais impetuosos. Resolvi tentar subir acima deles.

Puxei o controle para trás e o grande avião começou lentamente a subir. Saímos das nuvens a quatro mil metros e encontramos um sol brilhante. Olhei para o giro compensador e nivelei o avião.

O voo foi claro e tranquilo pelo resto da viagem.

Robair estava a minha espera com a porta aberta, quando saí do elevador. Embora fossem quatro horas da madrugada, ele parecia tão repousado e alerta como se houvesse acordado àquela hora.

— Bom dia, sr. Cord. Fez boa viagem?

— Fiz, sim, Robair. Muito obrigado. Fechou a porta e disse:

— O sr. McAllister está na sala de estar. Chegou às oito horas da noite e ficou aguardando o senhor.

— Vou falar com ele agora mesmo.

— E eu vou preparar sanduíches de carne e um café bem forte, sr. Cord.

Olhei por um instante para Robair. Não aparentava a idade que tinha. O cabelo ainda era preto e abundante; o corpo, apumado e forte.

— Sabe de uma coisa, Robair? Tive saudades suas.

Ele riu. Não havia nada de subserviente ou falso naquele sorriso. Era o sorriso de um amigo.

— Também tive saudades suas, sr. Cord.

Encaminhei-me para a sala de estar. Robair era mais do que um amigo. Era, de certo modo, meu anjo da guarda. Não sei o que teria sido de mim depois da morte de Rina, se não fosse Robair. Quando cheguei a Reno proveniente de Nova Iorque, estava reduzido a um farrapo. Nada havia que eu tivesse vontade de fazer. Queria apenas beber e esquecer. Não tinha o menor interesse pelo resto do mundo.

A imagem de meu pai cavalgava em meus ombros, como um índio do deserto conduz seu cavalo. Sem dúvida, eu desejara a mulher dele. Mas, afinal de contas, fora sua mulher que morrera. Por que então eu chorava? Por que havia um vazio tão grande dentro de mim?

Então, numa manhã acordei no chão do pátio, nos fundos do quarto de Nevada, perto do dormitório dos vaqueiros, e vi Robair a meu lado. Lembrava vagamente de ter encostado à parede do dormitório enquanto acabava uma garrafa de uísque. Isso fora na noite anterior. Virei a cabeça e vi a garrafa vazia a meu lado.

Firmei as mãos no chão para levantar. A cabeça me doía, a boca estava seca e, quando tentei levantar, não tive forças.

Robair passou-me os braços pelo corpo e me levantou. Começamos a caminhar na direção da casa.

— Obrigado, Robair — disse, firmando-me nele. — Ficarei em perfeito estado logo que beber alguma coisa.

A voz dele era tão branda que a princípio julguei não tê-lo ouvido.

— Uísque, não, sr. Cord.

— Que foi que você disse?

Os olhos dele estavam impassíveis.

— Não vai mais tomar uísque, sr. Cord. Acho que já é tempo de parar.

A cólera me impulsionou e me deu força. Empurrei Robair para longe e gritei:

— Quem você pensa que é? Quando eu quiser beber uísque, bebo e pronto!

Ele sacudiu a cabeça.

— Não vai mais beber uísque. Não é mais um garotinho. Não pode sair correndo e esconder a cabeça numa garrafa de uísque sempre que lhe acontecer alguma coisa desagradável.

Encarei Robair, sem voz para falar, enquanto o choque e a raiva me percorriam o corpo em ondas geladas.

— Está despedido! — consegui, afinal, gritar. — Nenhum negro filho da mãe vai mandar em mim!

Dei-lhe as costas e voltei para casa. Senti a mão dele nas minhas costas e me virei. Havia grande tristeza estampada no rosto dele.

— Desculpe-me, sr. Cord.

— Não adianta pedir desculpas, Robair.

— Não estou pedindo desculpas pelo que disse, sr. Cord — continuou em voz baixa.

Vi então sua mão enorme avançar fechada na direção de meu queixo. Tentei esquivar-me, mas nada havia em mim que funcionasse como devia e tornei a mergulhar na escuridão.

Dessa vez, quando acordei, estava na cama, bem coberto e em lençóis limpos. A lareira acesa aquecia o ambiente, e eu me sentia muito fraco. Robair estava sentado numa cadeira ao lado da cama. Havia uma terrina de sopa quente na mesa perto dele.

— Quer um prato de sopa? — perguntou, olhando bem nos meus olhos.

— Por que me trouxe para cá?

— O ar da montanha vai fazer bem.

— Não vou ficar aqui! — exclamei, fazendo menção de levantar.

Bastava tudo o que me acontecera na última vez em que estivera naquela cabana, em lua de mel.

Robair me fez encostar de novo a cabeça no travesseiro.

— Vai ficar — disse ele calmamente.

Pegou depois a terrina, mergulhou uma colher dentro e disse, aproximando a colher da minha boca:

— Tome.

Havia tamanho tom de autoridade na voz dele, que automaticamente abri a boca. A sopa quente me esquentou a boca. Empurrei sua mão dizendo:

— Não quero.

Senti então dentro de mim uma dor e um vazio como nunca experimentara até então. De repente, comecei a chorar.

— Chore, sr. Cord. Chore à vontade — disse Robair. — Mas vai descobrir que as lágrimas adiantam tão pouco quanto o uísque.

Ele estava sentado na varanda iluminada pelo sol da tarde quando afinal eu saí do quarto. Tudo era verde em torno, árvores e moitas pelo flanco da montanha, até as areias vermelhas e amarelas do deserto. Levantou-se quando abri a porta.

Fui até a balaustrada e olhei. Estávamos bem longe dos homens.

— O que temos para o jantar, Robair?

Ele encolheu os ombros.

— Para dizer a verdade, sr. Cord, eu estava esperando para ver como o senhor se sentia.

— Há um rio perto daqui com umas trutas que não têm tamanho.

— Uma panelada de trutas deve ser ótimo, sr. Cord — disse ele, sorrindo.

Quase dois anos se passaram até descermos da montanha. Havia caça em abundância e uma vez por semana Robair ia de carro comprar mantimentos. Fiquei magro e queimado de sol e toda a flacidez causada pela vida na cidade desapareceu, enquanto os músculos se distendiam e enrijeciam meu corpo.

Organizamos nossa vida e era espantoso ver como os negócios marchavam sem mim. Com isso, provava-se apenas o velho axioma: uma vez que se atinge determinado tamanho, é muito difícil parar de crescer. Todas as companhias iam muito bem, menos a de cinema. Tinha pouco capital, mas a verdade é que ela quase não me interessava mais.

Três vezes por semana, eu falava com McAllister pelo telefone. Isso em geral era suficiente para a solução dos problemas. Uma vez por mês, Mac subia de carro a ladeira que levava à cabana, trazendo uma pasta cheia de papéis para assinar ou de relatórios para ler.

Mac era notavelmente meticuloso. Havia muito pouca coisa que lhe escapasse aos olhos observadores. De alguma forma, para mim misteriosa, tudo o que acontecia de importante em qualquer das companhias aparecia em seus relatórios. Eu sabia que algumas coisas deveriam ser resolvidas pessoalmente por mim, mas o fato é que tudo me parecia distante e sem grande importância.

Já estávamos ali há um ano e meio quando tivemos nossa primeira visita. Eu fora caçar e estava voltando para a cabana, levando na mão uma corda com codornizes, quando vi um carro estranho parado diante da cabana. Era um Chevrolet com chapa da Califórnia.

Dei a volta e olhei para o registro na haste do volante: dra. Rosa Strassmer, Coast Highway, 1104, Malibu, Califórnia.

Entrei na cabana. Uma mulher jovem estava sentada no sofá, fumando um cigarro. Tinha cabelo preto, olhos claros e um queixo firme.

Quando levantou, vi que estava com calças azuis justas e desbotadas, que lhe acentuavam a linha esbelta e feminina dos quadris.

— Sr. Cord? — perguntou ela, com um sotaque leve e curioso. — Sou Rosa Strassmer, filha de Otto Strassmer.

Apertou minha mão com firmeza. Procurei tirar da minha voz qualquer traço de desprazer.

— Como descobriu onde eu estava?

Ela pegou um envelope e passou-o às minhas mãos.

— O sr. McAllister me pediu que lhe deixasse isto, quando soube que eu ia passar por aqui nas minhas férias.

Abri o envelope e olhei os papéis que nele vinham. Nada havia que não pudesse esperar até a próxima visita de Mac. Joguei tudo em cima da mesa. Nesse momento, Robair entrou na sala. Olhei-o com curiosidade, enquanto ele apanhava as codornizes e a espingarda e voltava para a cozinha.

— Espero não estar atrapalhando o senhor — disse ela.

De qualquer maneira, a moça não tinha culpa. Aquilo era um lembrete não muito sutil de Mac, no sentido de que eu não poderia ficar para sempre nas montanhas.

— Claro que não me atrapalha — respondi. — Peço apenas que desculpe minha surpresa. Não recebemos muitas visitas por aqui.

Ela sorriu de repente. O sorriso lhe dava uma estranha e cintilante beleza.

— Acho que compreendo por que não convida ninguém a vir aqui, sr. Cord. Mais de duas pessoas seriam multidão num paraíso como este.

Não respondi.

Ela hesitou por um instante. Depois, levantou-se.

— Bem, já vou indo — murmurou um tanto desajeitadamente. — Foi um prazer conhecê-lo. Meu pai fala muito a seu respeito.

— Dra. Strassmer! Tenho de lhe pedir desculpas de novo. Vivendo aqui como vivo, esqueci até de ser delicado. Como vai seu pai?

— Muito bem e feliz, graças ao senhor. Nunca se cansa de contar como o senhor conseguiu fazer chantagem com Göring, para que ele pudesse sair da Alemanha. Meu pai o considera um homem muito corajoso.

— Seu pai é que é corajoso, doutora — disse eu, sorrindo. — O que fiz foi muito pouco.

— Para minha mãe e para mim, fez muito. Agora me dê licença, pois preciso seguir viagem.

— Por que não fica para jantar, doutora? Robair tem um jeito de rechear codornizes com arroz que é uma verdadeira delícia.

Ela me encarou por um momento, ainda hesitante.

— Está bem, vou ficar, mas com uma condição: terá de me chamar de Rosa, e não de doutora.

— Combinado. Agora sente-se. Vou pedir a Robair que traga alguma coisa para bebermos.

Mas Robair já estava na porta com uma bandeja de martínis. Era tarde demais para ela ir quando acabamos o jantar e, em vista disso, Robair arrumou o quartinho de hóspedes. Ela foi se deitar. Fiquei ainda algum tempo na sala de estar e, depois, fui para meu quarto.

Havia muito tempo que eu não custava tanto a dormir como naquela noite. Fiquei de olhos abertos, vendo as sombras que dançavam no teto. Em dado momento, ouvi um barulho na porta e sentei na cama.

Ela ficou por um instante na porta em silêncio e, então, entrou no quarto.

— Não tenha medo, homem solitário — disse ela, aproximando-se de mim. — Não quero de você senão esta noite.

— Mas Rosa...

Ela colocou os dedos em meus lábios, e subiu para a cama, toda ardor e toda mulher, toda compaixão e compreensão. Fez a minha cabeça descansar em seu seio, num gesto quase maternal de carinho.

— Agora compreendo por que McAllister me mandou aqui.

Tomei nas mãos seus seios jovens e firmes.

— Você é bonita, Rosa — disse, num sussurro.

— Sei que não sou muito bonita, mas fico satisfeita de que você pense o contrário.

Descansou a cabeça no travesseiro e fitou-me com os olhos macios e quentes.

— *Kommen Sie, Liebchen* — disse carinhosamente abrindo seus braços. — Trouxe meu pai de volta a este mundo. Deixe-me agora levá-lo de novo para seu mundo.

De manhã, depois do café, quando ela seguira seu caminho, fiquei na sala, vendo Robair tirar

os pratos da mesa. Nada dissemos. Não era preciso. Naquele momento, ambos sabíamos que nossa partida das montanhas era apenas uma questão de tempo.

O mundo já não estava tão distante.

McAllister dormia no sofá quando entrei na sala. Aproximei-me e bati em seu ombro.

— Alô, Jonas — disse, esticando-se e depois esfregando os olhos. Pegou um cigarro e o acendeu. Um momento depois, o sono havia desaparecido de seus olhos.

— Estou a sua espera porque Sheffield está fazendo pressão para realizarmos uma reunião de acionistas.

Sentei numa cadeira diante dele.

— David já recolheu as ações?

— Já.

— Sheffield sabe disso?

— Acho que não, Jonas. Do jeito que fala comigo, parece que tem absoluta certeza de estar dominando a situação. Sheffield me disse que, se você quiser conversar com ele antes da reunião, estará disposto a levar em consideração suas ações.

— Muita gentileza dele, não é? — disse, rindo e tirando os sapatos. — Pode dizer a ele que vá para o inferno.

— Espere um pouco, Jonas. Acho melhor você conversar com ele, de qualquer maneira. Poderá dar muito trabalho. Afinal de contas, ele tem o respaldo de cerca de trinta por cento dos votos dos acionistas.

— Não faz mal. Se o que ele quer é lutar, ele vai ver com quem está se metendo.

— Mas não custa nada você conversar com ele! Você já tem tantos problemas que é melhor evitar uma luta neste momento.

Como sempre, Mac tinha razão. Eu não podia estar em seis lugares ao mesmo tempo. Além disso, queria filmar *A pecadora* e certamente uma ação judicial por parte de uma minoria de acionistas atrapalharia a produção.

— Está bem. Telefone para ele e diga-lhe que venha imediatamente aqui.

— Imediatamente? São quatro horas da madrugada!

— E o que tem isso? Ele é que está querendo conversar comigo.

Mac encaminhou-se para o telefone.

— Depois de falar com ele — continuei —, telefone para Moroni e pergunte se o banco dele quer me dar o dinheiro para comprar as ações de Sheffield, com a garantia de uma hipoteca sobre nossos cinemas.

Não era sensato eu gastar meu dinheiro mais do que o necessário.

Observei Sheffield, enquanto ele levava a xícara de café à boca. O cabelo mostrava-se um tanto mais grisalho, ele estava um pouco mais magro, mas o óculos sem aro ainda brilhava sobre o mesmo nariz comprido e fino. Contudo, ele aceitara a derrota com mais distinção do que eu faria, se o sapato apertado estivesse no meu pé.

— Onde foi que errei, Jonas? — perguntou displicentemente, como se fosse um médico discutindo um caso clínico. — A verdade é que eu estava disposto a gastar um bom dinheiro.

— A ideia e os planos estavam perfeitos. Acontece, porém, que você não usou o dinheiro como devia.

— Como assim?

— Gente de cinema é diferente. Sem dúvida, gosta de dinheiro como todo mundo. Mas há uma coisa que deseja ainda mais.

— Prestígio?

— Só até certo ponto. O que eles querem mais do que qual quer outra coisa no mundo é fazer filmes, e não simplesmente filmes, mas grandes filmes que lhes deem fama. Querem ser considerados artistas. Bem calçados de dinheiro, é claro, mas artistas.

— Quer dizer que, só porque você é capaz de fazer filmes, eles preferiram suas promessas às minhas?

— Mais ou menos — disse, sorrindo. — Quando eu produzo um filme, sentem que estou correndo os mesmos riscos que eles. Não estou arriscando dinheiro. Mas tudo mais que eu tenho está em jogo: minha reputação, minha capacidade, minha força criadora. Força criadora?

— Sim, uma expressão de David Woolf que adotei. Ele a empregou para classificar alguns produtores, capazes de realizar grandes filmes. Em resumo, preferiram a mim porque eu podia ser julgado pelos critérios próprios da indústria.

— Compreendo — disse Sheffield, pensativo. — Não voltarei a cometer o mesmo erro.

— Tenho certeza disso — murmurei, e imediatamente tive uma suspeita. Tudo aquilo estava sendo muito fácil. Ele havia sido gentil demais. O homem era um lutador e os lutadores não se entregam com facilidade.

Por outro lado, a atitude dele em tudo aquilo não correspondia a sua maneira habitual de fazer negócios. Sheffield era um financista e costumava tratar dos negócios financeiros de seus clientes. Entretanto, naquele caso, fora procurar diretamente a gente de cinema. O natural teria sido ele entrar em contato e, imediatamente depois, em batalha comigo. Cada um de nós teria cedido um pouco e ambos ficaríamos satisfeitos.

Só podia haver uma explicação. Um fato que havia ocorrido quando eu me encontrava na Inglaterra começava de repente a ter sentido. Eu saía da cabine de projeção do nosso escritório em Londres, onde fora ver o teste de Jennie Denton, quando o telefone tocou no escritório do nosso gerente de vendas. Ele atendeu, conversou durante alguns minutos e, depois de desligar, falou comigo.

— Era o comprador de circuitos para a cadeia de cinemas Engel. Estão com falta de filmes. Os estúdios deles foram destruídos no primeiro ataque aéreo dos nazistas e eles não têm contratos com as companhias americanas, como os outros exibidores.

— E o que vão fazer? — perguntei, ainda pensando no teste que acabava de ver. Desde a morte de Rina, era a primeira vez que eu sentia a exaltação que só a ideia de fazer um filme

pode dar. Mal prestei atenção à resposta do gerente de vendas.

— Não sei. Eles têm quatrocentos cinemas aqui na Inglaterra e, se não puderem conseguir mais filmes dentro de seis meses, terão de fechar a metade deles.

— É uma pena — murmurei.

O caso não me interessava absolutamente. Engel, como Korda, era da Europa central e fora para a Inglaterra, acabando no negócio de cinema. Mas, enquanto Korda se dedicara à produção, Engel preferira ser exibidor. Acabara metido também na produção, mas apenas como uma solução dos problemas com que lutava para a programação em seus cinemas. Rank, British Lion, Gaumont e Associated controlavam entre si toda a produção inglesa e americana. Entretanto, não havia motivo algum para ter pena dele. Haviam-me falado que seus investimentos nos Estados Unidos eram superiores a vinte milhões de dólares.

Eu não pensara mais nisso até aquele momento. Tudo se ajustara perfeitamente. Seria um bom golpe Engel ter-me roubado a companhia. E era exatamente a transação que correspondia a sua mentalidade de homem da Europa central.

Olhei para Sheffield e perguntei displicentemente:

— E o que Engel vai fazer agora com as ações?

— Não sei — murmurou ele. Mas logo teve consciência de sua resposta e exclamou: — Agora compreendo por que não conseguimos nada! Você sabia de tudo.

Não respondi. Podia ver o olhar de surpresa de Mac mas nada dei a perceber.

— E cheguei a acreditar no que me disse a respeito da gente de cinema — murmurou Sheffield.

Sorri.

— Agora que o negócio se desfez creio que Engel não terá outro jeito senão fechar a metade de seus cinemas. Não poderá mais conseguir filmes em nenhum lugar por aqui.

— Está bem, Jonas — disse Sheffield. — Qual é sua ideia?

— Engel não gostaria de comprar a Distribuidora Norman da Inglaterra? Isso lhe asseguraria o acesso à nossa produção e ele não teria de fechar os cinemas.

— Quanto custaria isso?

— Quantas ações de nossa companhia Engel possui?

— Cerca de seiscentas mil.

— Pois isso é o que custaria.

— Mas são cinco milhões de dólares! A Norman da Inglaterra só rende trezentos mil dólares por ano. Nessas condições, ele levaria quase vinte anos para recuperar o dinheiro.

— Tudo depende do ponto de vista em que a pessoa se coloca. Se ele tiver de fechar duzentos cinemas, isso representará para ele um prejuízo de mais de um milhão de libras por ano.

Ele me olhou por um momento, depois levantou-se.

— Posso usar seu telefone? Apesar da diferença do fuso horário, creio que ainda poderei pegar o sr. Engel no escritório dele em Londres.

— À vontade — disse eu.

Enquanto ele se encaminhava para o telefone, olhei para o relógio. Eram nove horas e eu sabia que ele estava tentando me enganar. Ninguém, nem mesmo Georges Engel, saía do

escritório às duas horas da tarde. Seria impossível na Inglaterra, onde os escritórios ficam abertos até as seis horas da tarde e os empregados ainda se sentam em tamboretes altos diante de escrivatinhas de feito antiquado. Engel devia estar ao lado do aparelho, ansioso pelo telefonema de Sheffield.

Ao meio-dia, estava tudo resolvido. Engel e seus advogados estariam em Nova Iorque na semana seguinte, para assinar o contrato. Só havia uma coisa desfavorável: eu teria de ficar em Nova Iorque. Fui ao telefone.

— Com quem vai falar? — perguntou Mac.

— David Woolf. É o diretor-executivo da companhia. E acho que deve estar aqui para assinar os papéis.

— Não precisa telefonar. Ele está em Nova Iorque. Trouxe-o comigo.

Larguei o telefone e fui para a janela, ver o movimento de Nova Iorque. O tráfego era intenso em Park Avenue. Já estava começando a me sentir inquieto.

Virei-me para McAllister.

— Bem, traga-o para cá. Vou começar um grande filme daqui a dois meses e quero saber quais as providências já tomadas.

— David trouxe Bonner para falar com você sobre todos os detalhes da produção.

Haviam pensado em tudo. Joguei-me numa cadeira. A campainha tocou. Robair foi atender. Forrester e Morrissey entraram. Olhei para eles surpreso.

— Julguei que você iria partir para a Califórnia hoje de manhã, Morrissey — disse friamente. — Como vamos começar a nova linha de produção desse jeito?

— Não sei se podemos, Jonas.

— Que quer dizer com isso? Você me assegurou que podia. Estava presente quando assinamos o contrato.

— Calma, Jonas — interveio então Forrester. — A questão é que temos um problema. O Exército acaba de encomendar cinco CA-200. Querem a primeira entrega para junho e estamos num impasse. Não podemos fazer os B-17 na mesma linha de produção. Você tem de decidir o que deve ser feito em primeiro lugar.

— Decida você, Forrester. Você é o presidente da companhia.

— Ora essa! Você é o dono da companhia — replicou ele no mesmo tom. — Qual é o contrato que quer cumprir?

— Os dois. Não é nosso negócio jogar dinheiro fora.

— Neste caso, precisamos colocar imediatamente em funcionamento a fábrica do Canadá. Poderíamos fabricar as peças aqui, se os B-17 fossem montados lá.

— Faça isso, então — disse eu.

— Está bem. Consiga-me Amos Winthrop para dirigir a fábrica.

— Já disse uma vez: nada de Winthrop.

— Nada de Winthrop, nada de fábrica no Canadá. Não vou arriscar a vida de muitos homens em aviões montados por amadores apenas porque você é teimoso demais.

— Ainda se julga um herói da aviação? Que lhe interessa quem vai montar os aviões? Não é você quem vai voar neles.

Forrester se aproximou de mim, com os punhos cerrados.

— Enquanto você estava em Londres metido com mulheres, tentando levar para a cama tudo o que lhe aparecesse pela frente, eu estava nos aeroportos vendo aqueles pobres-diabos voltarem cansados e abatidos da luta para afastar as bombas dos nazistas de seu traseiro. Tomei ali a resolução de que, se conseguíssemos o contrato, eu tomaria providências pessoais para que todos os aviões que remetêssemos fossem tão bons que eu não teria medo de voar em qualquer um deles.

— Bravo! Bravo! — disse, sarcasticamente.

— Quando foi que você decidiu dar seu nome a um avião de segunda ordem ? Quando foi que o dinheiro passou a ser mais importante que tudo?

Encarei-o em silêncio. Ele tinha razão. Meu pai dissera uma vez a mesma coisa de outra maneira. Estávamos na fábrica em Nevada quando Jake Platt, gerente da fábrica, apareceu para dar notícias de uma partida ruim de pólvora. Sugeriu que ela fosse misturada com pólvora de melhor qualidade, para tentar absorver o prejuízo. Meu pai voltou-se furiosamente para ele: "E quem absorveria a perda de minha reputação? É meu nome que vai em cada lata de pólvora. Jogue a pólvora ruim fora!"

Tudo isso me passou rapidamente pela cabeça e eu disse:

— Está bem, Roger. Você terá Winthrop.

— Você vai ter de procurá-lo para nós — disse ele com voz mais calma. — Vou mandar Morrissey para o Canadá, para que tome as providências necessárias para começar o trabalho na fábrica. Eu irei para a Califórnia. Preciso dar início à produção das peças o mais rápido possível.

— Por onde anda Winthrop?

— Não sei, Jonas. A última notícia que tive dele foi de que estava em Nova Iorque, mas, quando tentei descobrir seu paradeiro, hoje de manhã, ninguém sabia dele. Parece que sumiu de repente.

Eu estava quase deitado num canto da limusine quando atravessamos a ponte de Queensboro. Quase me arrependia por estar voltando ali. Havia em Queens algo que sempre me deprimia. Olhei pela janela enquanto Robair dirigia habilmente o carro pelo meio do tráfego. De repente, fiquei aborrecido com Monica por ela morar ali.

Reconheci o grupo de casas quando o carro parou. Nada havia mudado. Apenas o gramado estava prejudicado pelo inverno, tendo perdido o belo verde que ostentava no verão.

— Fique esperando aqui — disse a Robair.

Subi os três degraus e toquei a campainha. Um vento frio assobiava por entre as casas e fechei mais meu leve sobretudo. Ajeitei debaixo do braço o embrulho que levava.

Uma menina abriu a porta e ficou olhando para mim. Os olhos eram de um puríssimo violeta-escuro e estavam muito sérios.

— Jo-Ann? — perguntei sem muita certeza.

Ela fez que sim com a cabeça.

Olhei-a por um momento. E impressionante. Só mesmo o crescimento das crianças para mostrar a passagem do tempo. Elas têm um jeito de crescer que marca a nossa idade com mais força do que qualquer relógio. A última vez em que a vira era pouco mais do que um bebê.

— Sou Jonas Cord. Sua mãe está em casa?

— Entre — disse ela com sua vozinha suave. Entrei na sala de estar e ela continuou: — Sente-se. Mamãe está se vestindo e não demora.

Sentei-me e ela se acomodou numa cadeira a minha frente. Olhava para mim com os olhos grandes e sérios, mas não falava. Comecei a me sentir estranhamente nervoso com sua franca investigação de minha pessoa e acendi um cigarro. Quando desviei o olhar à procura de um cinzeiro, ela disse prontamente, apontando para uma mesinha ao lado:

— Está aí.

— Obrigado.

— Não há de quê — respondeu, cerimoniosamente. Ficou de novo em silêncio, com os olhos fitos em mim. Depois de tirar algumas baforadas do cigarro, perguntei:

— Não se lembra mais de mim, Jo-Ann?

Ela desviou os olhos e de repente ficou tímida, alisando a bainha da saia sobre os joelhos, num gesto tipicamente feminino.

— Lembro.

— Quando vi você pela última vez, você era deste tamanho assim — disse eu, sorrindo e erguendo a mão espalmada à altura do meu joelho.

— Eu sei. Estava sentado na escada, esperando a gente voltar para casa.

Peguei o embrulho que levava.

— Trouxe um presente para você. Uma boneca.

Ela recebeu o embrulho e se sentou no chão para abri-lo. Seus olhos brilhavam. Pegou a boneca e olhou para mim.

— É muito bonita.

— Esperava que você fosse gostar.

— E gosto, muito — disse ela, ficando de novo séria. — Obrigado.

Um momento depois, Monica entrou na sala. Jo-Ann levantou-se e correu para ela.

— Veja o que o sr. Cord me trouxe, mamãe!

— Foi muito gentil de sua parte, Jonas — disse Monica.

Levantei. Olhamo-nos bem nos olhos. Havia nela uma espécie de autodomínio quase sublime. O cabelo muito preto descia até os ombros nus sobre um vestido a rigor escuro.

Nesse momento, a campainha tocou. Era a pessoa que ia ficar tomando conta de Jo-Ann, e a menina estava tão empenhada em mostrar-lhe a nova boneca que nem se despediu de nós quando saímos.

Robair estava à espera junto à porta do carro.

— Robair! — disse Monica, estendendo-lhe a mão. — Muito prazer em vê-lo de novo.

— O prazer é todo meu, sra. Monica — respondeu Robair, fazendo uma reverência.

Olhei para o cenário desanimador de Queens enquanto o carro ia rodando para Manhattan.

— Por que você insiste em viver aqui, Monica?

Ela pegou um cigarro e esperou enquanto eu o acendia.

— Jo-Ann pode brincar ao ar livre quando faz tempo bom e eu não fico preocupada de que lhe aconteça alguma coisa, como nas ruas da cidade. Além disso, o que eu pago é muito conveniente. Na cidade teria de gastar muito mais.

— Segundo soube, você está ganhando bem. Se prefere viver nos subúrbios, por que não se muda para Westchester? É mais bonito do que isso aqui.

— É muito caro também. Não ganho o dinheiro que está pensando. Sou apenas redatora da revista. Nem secretária sou ainda.

— Não é, mas parece.

Ela sorriu.

— Não sei se diz isso sinceramente. Mas, na *Style*, procuramos ter o aspecto que nossas leitoras pensam que devemos ter.

Style era uma das melhores revistas de moda para senhoras.

— E por que ainda não é secretária ou diretora?

Ela riu.

— Talvez esteja no caminho. O sr. Hardin é um homem de negócios à antiga. Acha que ninguém pode ocupar um posto de responsabilidade em qualquer empresa sem passar por todos os seus setores. Dessa maneira, poderá resolver todos os problemas que surgirem, com conhecimento de causa. Já sugeriu que o artigo de abertura do próximo número seja escrito por mim.

Ela conhecia o velho Hardin. Era um antigo proprietário de revistas. Pagava muito bem em promessas, mas não em dólares.

— Há quanto tempo ele vem lhe prometendo coisa melhor?

— Há três anos. Mas creio que agora não vai demorar. Ele está querendo lançar uma nova revista de cinema, do jeito da velha *Photoplay*. Tudo já está preparado. Só falta ele arrumar o dinheiro.

— O que você vai fazer nessa revista?

- Reportagens. Sobre a vida das estrelas, sobre as filmagens. Coisas assim.
 - Mas, para isso, você terá de ir para Hollywood.
 - É claro. Mas Hardin não tem dinheiro e só pensarei no caso quando chegar o momento.
- Monica acabou de tomar o café e sorriu para mim.

— Foi um magnífico jantar; Jonas, e você tem sido encantador a noite toda. Diga-me agora o que quer.

— É preciso haver um motivo?

— Preciso não é. Mas conheço você. Quando se mostra agradável, é porque quer alguma coisa.

Esperei que o garçom lhe acendesse o cigarro para dizer:

— Voltei há pouco da Inglaterra. Tive um encontro com sua mãe.

— Foi? — disse ela. Uma sombra de preocupação desceu sobre seus olhos.

— Achei-a uma pessoa muito agradável.

— Pelo que me lembro dela, deve ser — disse Monica, com uma leve nota de amargura na voz.

— Você tem boa memória. Quando ela a deixou, você devia ter a idade que Jo-Ann tem agora.

— Algumas coisas a gente não esquece, como o fato de uma mãe dizer que ama muito a filha e desaparecer um dia, para nunca mais voltar.

— Talvez ela não tivesse outro caminho. Pode ter tido uma boa razão para isso.

— Que razão? Eu nunca abandonaria Jo-Ann assim!

— Talvez, se você escrevesse à sua mãe, ela poderia explicar o que se passou.

— E o que ela poderia me dizer? — murmurou Monica friamente. — Que se apaixonou por outro homem e fugiu com ele? Isso posso até compreender e desculpar. O que não posso compreender nem desculpar é que não me tivesse levado com ela. A única explicação que encontro é que eu nada valia para ela.

— Você pode não conhecer sua mãe, mas em compensação conhece seu pai. E sabe muito bem como ele pode odiar quando sente que alguém o contrariou.

— Como aconteceu com você, Jonas?

— Sim, como aconteceu comigo. Naquela noite, quando vocês chegaram ao hotel em Los Angeles, ele estava pensando mais em ajustar contas comigo do que em defender ou proteger você.

— Foi assim com minha mãe também?

— Mais ou menos assim.

Ela baixou os olhos para a toalha da mesa. Quando tornou a levantá-los, estava novamente calma.

— Agradeço muito haver dito isso, Jonas. Sinto-me bem melhor agora.

— Muito bem — disse eu, enquanto o garçom enchia novamente nossas xícaras. — Por falar nisso, tem visto seu pai ultimamente?

— Não. Há coisa de dois anos, ele apareceu para jantar; me tomou mil dólares emprestados. Foi a última vez que o vi.

— Tem qualquer ideia de onde ele possa estar?

— Nenhuma. Por quê?

— Tenho um bom trabalho para ele no Canadá, mas ele parece haver desaparecido. Ninguém sabe dele.

— Quer dizer que você lhe daria um emprego depois de tudo o que ele fez?

— Sou quase forçado a isso. A ideia não me agrada nada, mas acontece que há uma guerra e preciso de um homem como ele.

— Escreveu-me uma carta há um ano, dizendo que ia trabalhar como administrador, ou coisa parecida, no aeroporto de Teterboro.

— Obrigado, Monica. Irei procurá-lo lá.

De repente, ela estendeu a mão por cima da mesa e segurou minha mão. Olhei-a surpreso e ela sorriu.

— Sabe, Jonas, tenho a estranha impressão de que você é muito melhor como amigo do que como marido.

McAllister estava a minha espera no hotel, quando voltei na tarde seguinte.

— Encontrou o homem? — perguntou.

— Não. Ele só trabalhou no aeroporto para descontar um cheque sem fundos de quinhentos dólares com algum trouxa.

— Deve estar em péssima situação, para descer a esse ponto. Tem alguma ideia do lugar para onde ele foi depois?

— Nenhuma — disse eu, tirando o sobretudo e sentando. — É possível que esteja na cadeia de alguma cidadezinha de que nunca ninguém ouviu falar. Cheque sem fundos, imagine!

— O que você quer que eu faça?

— Nada, Mac. Mas prometi a Roger que tentaria descobri-lo. É melhor encarregar uma agência de detetives. Talvez não se consiga nada, mas ao menos Roger ficará sabendo que fizemos tudo o que era possível. Telefonou para Hardin?

— Sim — disse Mac, olhando-me com curiosidade. — Deve estar para chegar. O que você quer com ele?

— Talvez tenhamos de entrar para o negócio editorial.

— Para quê? Você nem ao menos lê jornais.

— Soube que Hardin está querendo lançar uma revista de cinema. Vou fazer um filme. A melhor maneira que conheço de ganhar espaço e boas notícias é ser dono de uma revista. Calculo que, se ajudar na revista de cinema, ele nos dará matéria em suas outras revistas. A circulação de todas elas anda nuns doze milhões de exemplares por mês.

Mac nada disse. A campanha tocou e Robair foi abrir a porta para o pontual S. J. Hardin, que entrou na sala de mão estendida.

— Jonas, meu velho! — exclamou ele com sua voz perpetuamente rouca. — Que prazer revê-lo!

Apertei sua mão e disse:

— Já conhece meu advogado, McAllister?

S. J. se abriu todo num sorriso e apertou entusiasticamente a mão de Mac, dizendo:

— É um grande prazer para mim!

Depois voltou-se para mim e disse:

— Fiquei muito surpreso quando recebi seu recado. O que há, meu rapaz?

— Soube que está querendo lançar uma revista de cinema.

— Tenho pensado nisso, de fato.

— Soube também que está com problema de falta de dinheiro para o lançamento.

— Sabe como é o negócio de revistas — disse ele, num gesto de quem pedia desculpas. — Sempre falta dinheiro.

Sorri. Quem ouvisse S. J. seria capaz de pensar que ele não tinha dinheiro nem para a condução. Mas tinha dinheiro de sobra, por mais que chorasse. A maneira pela qual saqueava a companhia faria o velho Bernie Norman parecer um escoteiro virtuoso.

— Vou fazer meu primeiro filme depois de oito anos de descanso.

— Parabéns, Jonas. É a melhor notícia destes últimos tempos. O cinema precisa de um

homem como você. Tenho de recomendar ao meu corretor que compre algumas ações da Norman.

— Muito bem.

— E pode ficar certo de que minhas revistas lhe darão uma boa cobertura. Temos tanto interesse nisso quanto você, pois sabemos o que o público quer ler.

— Era justamente sobre isso que eu queria falar com você, S. J. Acho uma vergonha que sua editora não tenha uma revista de cinema.

— Também acho, Jonas.

— Quanto seria preciso para botar uma revista assim nas bancas?

— Digamos uns trezentos mil dólares. É a garantia da publicação da revista durante um ano, o tempo necessário para que ela seja aceita pelo público.

— Uma revista dessas depende do diretor, não é? Com um diretor competente, a revista está feita.

— Exatamente, meu rapaz. E eu tenho os melhores redatores do país. Vejo que você conhece jornalismo, Jonas. E gosto sempre de ouvir opiniões de gente como você.

— E quem você vai encarregar das reportagens em Hollywood?

— Ora, Jonas — disse ele com um ar de falsa inocência —, pensei que já soubesse. É a pessoa com quem você jantou ontem, naturalmente.

Comecei a rir. Eu não podia fazer outra coisa. O velho patife era ainda mais esperto do que eu pensava. Tinha até espiões no Clube 21.

Depois que ele saiu, virei-me para McAllister.

— É preciso mesmo que eu fique aqui para assinar aqueles papéis?

— Acho que não. Por quê?

— Quero ir para a Califórnia. Tenho um filme para fazer. Então para que ficar perdendo tempo aqui em Nova-Iorque?

— David e Bonner estão aqui à espera de um telefonema seu.

— Quer ligar para David?

Um instante depois, ele me passou o telefone e eu disse:

— Alô, David. Como vai Rosa?

— Muito bem, Jonas, e muito feliz.

— Ótimo, David. Telefonei para dizer que fiquei muito satisfeito com seu bom trabalho no caso das ações. E mais uma coisa: não tenho nada que fazer em Nova Iorque e o trabalho de preparação de *A pecadora* me espera. Vou embora para a Califórnia.

— Mas, Jonas, eu trouxe Bonner para Nova Iorque.

— Fez muito bem. Mas diga a ele para voltar ao estúdio. Falarei com ele lá. Não há melhor lugar do que um estúdio para conversar sobre filmes.

— Está bem, Jonas — disse ele, sem disfarçar a decepção que sentia. — Vai de avião?

— Vou. Acho que ainda posso pegar o voo das duas horas da madrugada da TAL. Devo estar na Califórnia amanhã de manhã.

— Telefone para Rosa, sim, Jonas? Ela ficará muito satisfeita.

— Está certo, David. E uma coisa: como posso falar com a tal Jennie Denton? É importante

ao menos eu conhecer a mulher que vai fazer o papel principal em *A pecadora*.

- Ela está em Palm Springs, no Hotel Tropical Tower, com o nome de Judy Belden.
- Obrigado, David. Até a vista.
- Boa viagem, Jonas.

Eram onze e meia, hora da Califórnia, no dia seguinte, quando parei meu conversível diante do Hotel Tropical Tower, em Palm Springs. Passei pela portaria e me dirigi para o bangalô 5. Bati na porta. Ninguém respondeu. Mas a porta não estava trancada e eu fui entrando.

— Srta. Denton? — indaguei.

Ninguém respondeu. Ouvi então o barulho de água correndo no banheiro. Abri a porta. Os contornos do corpo de Jennie eram visíveis através da cortina opaca do box. Ela cantava no banho com uma voz baixa e rouca.

Entrei no banheiro, fechei a porta, acendi um cigarro e fiquei à espera. Não demorou muito.

Ela fechou a torneira da água quente e a ouvi fungar, sentindo o cheiro do cigarro.

— Se é um dos rapazes da portaria que está aí — disse com voz calma —, é melhor cair fora, antes que eu saia daqui e faça queixa à gerência.

Não respondi.

Ela meteu a cabeça pela cortina do chuveiro à procura de uma toalha. Peguei a toalha e a coloquei em sua mão. Através da cortina, vi que ela estava se enrolando na toalha. Depois fez correr a cortina e olhou para mim. Os olhos eram de um cinza escuro e não mostravam medo algum.

— Os empregados deste hotel são terríveis — disse ela. — Aparecem de repente, nas horas mais estranhas.

— Você poderia experimentar trancar a porta.

— Para quê? Todos eles têm chaves-mestras.

Levantei e perguntei:

— Jennie Denton?

— Estou registrada neste hotel como Judy Belden. É da polícia?

— Não. Sou Jonas Cord.

Ela olhou para mim e um sorriso apareceu lentamente em seu rosto.

— Ora! Estava ansiosa por conhecê-lo.

— Para quê? — perguntei, sorrindo também.

Ela se aproximou de mim e estendeu os braços passando-os pelo meu pescoço. No momento em que ficou na ponta dos pés para me beijar, a toalha lhe escorregou do corpo e caiu no chão. Ela então afastou um pouco a cabeça e me olhou com seus olhos maliciosos e cintilantes.

— Não acha que já é tempo de assinar meu contrato, patrão?

O escritório era o mesmo de dez anos antes, quando eu fizera *O renegado*. Nada havia mudado, excetuando as secretárias.

— Bom dia, sr. Cord — disseram elas a uma só voz quando entrei.

Dei-lhes bom dia e entrei no escritório. Bonner passeava nervosamente de um lado para outro. Dan Pierce estava sentado no grande sofá embaixo da janela. Sem dizer uma palavra, fui até a mesa e sentei.

— Pedi a Pierce que viesse até aqui para me ajudar a convencê-lo — disse Bonner. — Não poderá fazer um filme tão caro, sem incluir no elenco um nome famoso.

— Dan não me convencerá de coisa alguma que eu não queira fazer.

— Espere um pouco, Jonas — começou Dan. — Sei como se sente. Mas só estou visando ao seu bem.

— Como fez quando vendeu as ações a Sheffield, sem falar comigo?

— As ações eram minhas — disse ele, exaltado. — Eu podia vendê-las a quem quisesse, sem falar com ninguém. De mais a mais, quem conseguia falar com você? Todo mundo sabia que a companhia pouco lhe interessava e que você mesmo estava vendendo parte de suas ações.

Acendi um cigarro e disse:

— Tem razão, Dan. As ações eram suas e você não me devia nada. Fez seu serviço e eu lhe paguei tudo pelos cinco anos que ainda lhe restavam de contrato. Mas errei numa coisa. Quando o conheci, você era um bom agente. Eu devia ter deixado que continuasse assim.

— O que estou procurando é evitar que você cometa outro erro, Jonas. Quando se fez o *script* de *A pecadora*, foi para servir de veículo a uma grande estrela, Rina Marlowe. Foi a maior que já houve. Não é possível pegar uma moça sem qualquer experiência, e de quem nunca ninguém ouviu falar, e colocá-la num filme sem grandes artistas para lhe dar apoio. Todo mundo sairá rindo do cinema.

— Que acha então que devo fazer?

Percebi o brilho de confiança que prontamente chegou a seus olhos.

— Arranje um ou dois grandes nomes. Inclua a moça se quiser, mas dê-lhe o apoio de alguém como Humphrey Bogart, Spencer Tracy, Ronald Colman, Clark Gable, Errol Flynn. Qualquer deles resolverá o caso.

— Pode consegui-los para mim?

Ele não percebeu o sarcasmo.

— Acho que posso dar um jeito — disse cauteloso.

— Ótimo! Muito obrigado ao seu coraçãozinho amável a dez por cento de comissão. É muita bondade sua!

Levantei então e acrescentei:

— Saia daqui, Dan! Saia daqui antes que o bote para fora! E nunca mais apareça neste estúdio enquanto eu estiver aqui!

Ele me olhou muito pálido.

— Não pode falar assim comigo! Não sou um dos seus criados, que você pode comprar e vender!

— Comprei e vendi você — disse eu friamente. — Você é o mesmo que era quando tentou arruinar o show de Nevada em proveito do de Buffalo Bill. Você seria capaz de vender sua mãe, se visse algum lucro nisso. Mas você não vai mais me vender coisa alguma. Não estou interessado.

Toquei a campainha em minha mesa e uma das secretárias apareceu.

— Pronto, sr. Cord — disse ela.

— O sr. Pierce vai se retirar...

O rosto de Dan estava lívido de raiva.

— Vai se arrepender disso, Jonas.

Saiu batendo a porta e eu me volvei para Bonner.

— Desculpe, Jonas — murmurou ele. — Eu... não sabia...

— Está tudo bem — disse eu, calmamente. — Você não sabia.

— Bem... Para o que diz respeito aos planos para o filme: vai custar mais de três milhões de dólares. Eu ficaria satisfeito se houvesse alguns astros no elenco.

— Os astros consagrados são uma grande coisa. Nada tenho contra eles. Só que, desta vez, prefiro dispensá-los. Estamos fazendo uma história baseada na Bíblia. Quando alguém vir na tela São João ou São Pedro, quero que veja São João ou São Pedro, e não Clark Gable, Spencer Tracy ou Humphrey Bogart. Além disso, o importante é a mulher.

— Mas ninguém nunca ouviu falar nela.

— E o que tem isso? Para que temos um departamento de publicidade? Quando o filme estiver terminado, não haverá uma só pessoa no mundo que não conheça o nome dela. Você a achou bastante interessante para fazer um teste, não foi? E tudo o que sabia dela era que se tratava de uma garota que você conheceu numa festa.

— Mas isso foi diferente — disse Bonner com uma expressão curiosamente embaraçada. — O teste foi mais uma pilhéria. Nunca pensei que alguém fosse levá-lo a sério.

— David viu o teste e o levou a sério. E eu também.

— Mas um teste não é um filme. Ela talvez não possa manter...

— Manterá tudo o que você quiser e você bem sabe disso. Sabe desde o momento em que pediu a ela para fazer o teste.

Bonner cocou a cabeça e me perguntou, hesitante:

— Ela... lhe falou a respeito da festa?

Ri e respondi.

— Sim, ela me disse como você ficou a noite toda olhando para ela e no fim lhe falou a respeito do teste. Não sei como vocês fazem isso. Descubrem Lana Turner num balcão de sorveteria. Descubrem Jennie num jantar. Como podem?

Ele arregalou os olhos e ia dizer alguma coisa, mas o telefone em minha mesa tocou. Era uma das secretárias.

— A srta. Denton já está pronta no cabeleireiro. Quer que vá aí?

— Sim — disse eu. Desliguei o telefone e disse a Bonner: — Mande Jennie para o cabeleireiro. Quería fazer uma experiência com uma ideia que tive.

A porta se abriu e Jennie entrou. Encaminhou-se lentamente, quase sem hesitação, para o centro do escritório. Parou diante de minha mesa e girou lentamente o corpo. O comprido

cabelo não era mais castanho-claro, mas de uma cintilante cor champanhe. Derramava-se pelo pescoço e pelos ombros, criando uma radiossidade translúcida em torno do rosto moreno.

A voz de Bonner exclamou, num sussurro emocionado:

— Meu Deus!

Olhei para ele. Havia uma estranha expressão em seu rosto. Ele murmurou com os olhos fitos nela:

— E como... se ela estivesse aqui!

— Exatamente.

Olhei para Jennie e comecei a sentir um aperto no coração. Rina.

— Quero que ela seja vestida por Ilene Gaillard — disse a Bonner.

— Não sei. Ela deixou de trabalhar e se mudou para o leste. Boston, acho.

Lembrei-me da patética figura de cabelo branco ajoelhada ao lado da sepultura de Rina.

— Mande-lhe um retrato de Jennie. Ela virá.

Bonner veio até perto da mesa e ficou ao lado de Jennie olhando para mim.

— Ah, esqueci de dizer: Austin Gilbert conversou comigo. Achou o *script* interessante e virá ver o teste hoje à tarde. Se gostar de Jennie, dirigirá o filme.

— Ótimo — disse eu.

Com os grandes diretores era assim. Os duzentos mil dólares que recebiam nada significavam para eles, que poderiam conseguir isso com qualquer filme. O importante era o *script*. E os artistas também.

Bonner foi até a porta e ficou ali por um instante, olhando para Jennie.

— Até a vista — disse, finalmente.

— Até a vista, sr. Bonner — respondeu Jennie, cortesmente.

Dei-lhe adeus com a mão.

— Posso sentar? — perguntou Jennie.

— À vontade.

Ela sentou e ficou olhando para mim em silêncio enquanto eu examinava os papéis em cima da mesa. O orçamento preliminar. Cálculos para a construção dos cenários. Bonner tinha razão. Aquilo iria custar um bom dinheiro.

— Tenho de me parecer com ela? — perguntou Jennie suavemente.

— O quê?

— Tenho de me parecer com ela?

— Por que pergunta?

— Não sei — disse ela. — Apenas não me sinto bem. Deixo de ser eu. Tenho a impressão de que me transformei num fantasma.

Nada respondi.

— Foi só o que viu no teste? Rina Marlowe?

— Ela foi o que de maior já apareceu na tela.

— Eu sei. Mas não sou ela. E nunca poderia ser.

— Por dois mil dólares por semana — repliquei —, você será tudo o que eu lhe mandar ser.

Ela não respondeu. Mas continuou a me encarar. Os olhos estavam cheios de maquilagem e semicerrados, e eu não podia adivinhar o que ela estava pensando.

— Lembre-se de uma coisa — continuei. — Todos os anos chegam a Hollywood mil garotas como você. Eu poderei escolher qualquer delas. Se não gostar, volte a fazer o que fazia antes de conhecer Bonner.

Ela mostrou uma expressão de cautela. Não faria mal nenhum meter-lhe um pouco de medo. Ela era um pouco arrogante.

— Bonner lhe contou alguma coisa a meu respeito?

— Nadinha. Mas não era preciso. Você mesma me disse tudo o que eu precisava saber. As garotas como você andam sempre à procura de um produtor a quem impressionar. Você teve sorte e conseguiu um. Não vá estragar sua sorte.

A expressão em seu rosto se desarmou por completo e um sorriso aflorou-lhe aos lábios.

— Está bem, patrão. Tudo o que mandar.

Levantei da mesa e tomei-a nos braços. A boca era macia e quente e, quando a olhei, os olhos estavam fechados. Nesse instante, o maldito telefone tocou. Era McAllister, falando de Nova Iorque.

— A agência de detetives descobriu Winthrop para você — disse ele.

— Ótimo! Procure-o e diga-lhe que venha para cá imediatamente, pois preciso falar com ele.

— O homem da agência diz que ele não irá.

— Telefone então para Monica e peça-lhe que converse com ele. Winthrop não poderá deixar de ouvi-la.

— Já telefonei, Jonas. Mas ela partiu hoje ao meio-dia para a Califórnia, no trem expresso. Se quiser Winthrop, você mesmo terá de tomar as providências.

— Estou muito ocupado e não posso ir a Nova Iorque.

— Não é preciso. Amos está em Chicago. O homem da agência lhe dirá onde poderá encontrá-lo.

— Chicago? Bem, creio que terei de ir buscá-lo.

Desliguei o telefone e olhei para Jennie.

— O fim da semana está próximo. Não estou fazendo nada. E Chicago é uma cidade bem interessante — disse ela.

— Quer ir?

— Quero. Iremos de avião, não é?

— Toda a viagem.

Jennie virou-se para mim:

— Assim é que se deve viajar. Um avião inteiro à disposição.

Corri os olhos pela cabine vazia do avião da TAI que Buzz havia preparado para um voo especial depois do meu telefonema. Olhei o relógio. Eram quase nove horas. Adiantei os ponteiros duas horas para ficar na hora de Chicago. Senti nos ouvidos a leve mudança de pressão. Estávamos começando a descer.

— Deve ser formidável ser dono de uma companhia de aviação — disse Jennie, sorrindo.

— Pelo menos é vantajoso quando se precisa ir a algum lugar depressa.

— Não compreendo você.

— O que você não compreende, menina?

— Você. Acontece que você me confunde e atrapalha. Compreendo quase todos os homens que tenho conhecido. Estão sempre atentos, para tirar todas as vantagens possíveis. Mas você é diferente. Você já tem tudo.

— Nem tudo.

Ela apontou para as luzes de Chicago lá embaixo.

— Creio que quer dizer com isso que não possui aquilo lá embaixo.

— É verdade. Mas não quero muito. Fico satisfeito com o que tenho aqui em cima.

— E se o avião se espatifar?

— Não vai fazer diferença. Da mesma maneira que tudo veio, tudo vai.

— Assim tão simples?

— Assim.

Ela olhou pela janela do avião e virou-se para mim.

— Acho que de algum modo você me possui mesmo.

— Não estava falando em você. Referia-me ao avião.

— Eu sei, mas apesar de tudo é verdade. Você possui todos os que trabalham para você, ainda que isso não esteja em sua consciência. É o dinheiro que faz isso.

— O dinheiro faz muitas coisas para mim.

— E não dá para você comprar um par de sapatos com ele?

Ri, olhando para meus pés calçados apenas com meias.

— Não se preocupe. Tenho sapatos. Devem estar aí em algum canto do avião.

Ela riu. Depois, ficando séria de novo, continuou:

— O dinheiro pode comprar o tempo para você. E permite-lhe transformar as pessoas no que você deseja.

— Não sabia que você era filósofa, além de atriz.

— Você não sabe se sou uma atriz... ainda.

— Não pode deixar de ser. Do contrário, vai me deixar mal, com cara de idiota,

— E você não gostaria disso, não é?

— Claro. Ninguém gostaria. Não sou diferente dos outros.

— Então por que se mete nisso, Jonas? Você não precisa. Não precisa de dinheiro. Para que então quer fazer filmes?

— Talvez porque eu queira ser lembrado por algo mais do que pólvora, aviões ou pratos de plástico.

— Pode ser que se lembrem mais de você por essas coisas do que por um filme.

— Será? Por que um homem é lembrado? Pela emoção que conseguiu transmitir? Ou por ter construído o edifício mais alto do mundo?

— É lembrado por essas coisas, se essas foram as coisas que ele fez.

— Você é filósofo, sim. Nunca pensei que compreendesse tão bem os homens.

— Tenho sido mulher toda minha vida. E os homens são a primeira coisa que uma mulher procura compreender.

Senti as rodas tocarem o chão e o avião pousar. Inconscientemente inclinei-me sobre o manche, para impedir que o avião pulasse. No mesmo instante, compreendi que era apenas passageiro e me descontraí. O hábito é uma coisa engraçada. Eu tinha de fazer as manobras de aterrissagem de todo avião, estivesse ou não no comando.

Jennie teve um tremor de frio e enrolou o casaco leve em torno do corpo, quando a primeira lufada de ar entrou pela porta aberta. Havia neve no chão ao atravessarmos a pista para chegar até o edifício do aeroporto.

Um chofer veio ao meu encontro, levando respeitosamente a mão à pala do boné.

— Seu carro está lá fora, sr. Cord.

Jennie tremia quando entramos no carro.

— Já tinha esquecido de que faz tanto frio durante o inverno — murmurou.

Quarenta e cinco minutos depois, estávamos no Hotel Drake. O gerente foi nos receber à porta.

— Muito prazer em revê-lo, sr. Cord. O apartamento está pronto, a sua espera. Telefonaram de seu escritório na Califórnia.

Estalou os dedos e um elevador abriu suas portas como por encanto. Subimos nele num solitário esplendor.

— Tomei a liberdade de mandar preparar uma ceia quente.

— Muito obrigado, Carter — respondi. — Foi muita gentileza de sua parte.

Carter abriu a porta do apartamento. Havia uma mesa posta num canto da sala e garrafas no bar.

— Telefone quando estiver pronto, sr. Cord. Mandarei subir a ceia imediatamente.

— Bastam apenas alguns minutos para lavarmos o rosto, Carter.

— Muito bem, sr. Cord.

Olhei para Jennie, que ainda estava tremendo de frio.

— Carter!

— Pronto, sr. Cord.

— A srta. Denton não estava preparada para o frio. Acha que pode conseguir um bom casaco de pele?

Carter permitiu-se olhar de relance para Jennie.

- Acho que é possível. Vision, certamente?
- Claro.
- Muito bem. Dentro em pouco, mandarei uma coleção para *mademoiselle* escolher.
- Obrigado, Carter.

Ele saiu, fazendo uma reverência, e Jennie voltou-se para mim, com os olhos arregalados.

— Pronto! Pensei que nada mais neste mundo pudesse me impressionar, mas estou impressionada. Sabe que horas são?

Olhei para o relógio.

- Meia-noite e dez.
- Ninguém, ninguém mesmo, pode comprar casacos de vision depois da meia-noite.
- Não vamos comprá-los. Eles vão ser mandados para cá.
- Ah, compreendo. Essa é a diferença.
- Sem dúvida.
- Escute uma coisa: por que você é tratado como um rei aqui?
- Pago meu aluguel.
- Quer dizer que este apartamento corre todo o tempo por sua conta?
- É claro — respondi. — Como posso saber quando terei necessidade de vir a Chicago?
- Quando estive aqui pela última vez?
- Há coisa de um ano e meio.

O telefone tocou. Atendi e olhei para Jennie, entregando-lhe o fone.

— Para mim? — perguntou, cheia de surpresa. — Mas ninguém sabe que estou aqui!

Fui até o banheiro e fechei a porta. Quando saí, alguns minutos depois, ela estava sentada na cama, ainda atônita.

- Foi o peleteiro. Queria saber o que eu preferia: vision claro ou escuro. E o tamanho.
- Qual foi o tamanho que você disse a ele?
- Dez.

— Devia ter pedido tamanho doze — disse eu, sacudindo a cabeça. Ninguém mais compra casaco de vision tamanho dez. Quase não vale a pena.

— Como já disse, você é um maluco — replicou, atirando-se em meus braços e me abraçando fervorosamente. — Mas é um maluco simpático.

Não pude deixar de rir. Vision sempre dá esse resultado.

O homem da agência de detetives chegou enquanto estávamos jantando. Chamava-se Sam Vitale. Provavelmente achou bastante estranho Jennie estar jantando no apartamento do hotel, à uma hora da madrugada, metida em um casaco de vison preto, mas não deu mostras de sua surpresa.

— Está fazendo muito frio em Chicago — disse ela, numa tentativa de explicação.

— Está, sim, senhora — disse ele, cortesmente.

— Teve muita dificuldade em encontrar o homem? — perguntei.

— Muita, não. Foi só pedir informações nos estabelecimentos de crédito. Ele deixou um rastro de cheques sem fundos. Era apenas uma questão de tempo. Quando afinal todos os indícios apontavam para Chicago, fomos ao Seguro Social. Esse tipo de gente pode mudar de nome à vontade, mas em geral conserva seu cartão do Seguro Social com o nome verdadeiro, para receber o dinheiro a que tem direito. Ele está circulando aqui com o nome de Amos Jordan.

— Onde está trabalhando? — perguntei.

— Numa garagem em Cícero, como mecânico. Ganha o bastante para comprar bebida. Está bebendo muito.

— Onde mora?

— Numa casa de cômodos. Mas só vai lá para dormir. Passa a maior parte do tempo numa espécie de cabaré chamado La Parée. É um desses lugares onde o divertimento é constante. Há sempre uma mulher fazendo *strip-tease* no palco e uma porção de garotas procurando fazer os trouxas pagarem bebidas.

Amos não havia mudado, pensei. Estava sempre nos lugares onde havia mulheres. Acabei de tomar o café e disse:

— Bem, vamos vê-lo.

— Estou pronta — disse Jennie.

Vitale olhou para ela.

— E melhor ficar aqui, senhora. O lugar é pouco recomendável e muito perigoso.

— Nada disso! — exclamou ela. — Não vou perder a chance de estrear o meu casaco!

La Parée era uma entre cerca de vinte boates semelhantes numa rua igual a tantas outras, espalhadas por todas as cidades do país. As vitrines estavam cobertas de cartazes de garotas seminuas: Maybellene, Charlene, Darlene e a inevitável Rosie Tookus. Todas elas iam dançar naquela noite.

O porteiro escancarou um sorriso quando a grande limusine parou à sua frente. Abriu a porta com floreios.

— Sejam bem-vindos, amigos. Do mundo inteiro vem gente a La Parée.

O porteiro nos levou ao salão, onde um gerente de smoking repentinamente se materializou diante de nós. Uma chapeleira com as coxas de fora veio nos tomar os casacos.

Mas Jennie sacudiu a cabeça e ficou com o casaco, enquanto o homem nos levava através do salão cheio de fumaça para uma mesinha diante do palco.

Uma mulher estava fazendo *strip-tease* acima de nossas cabeças. O tambor surdo tocava compassadamente, enquanto ela ficava reduzida ao mínimo de roupa que se pode conceber.

— Duas garrafas de seu melhor champanhe — pedi.

Aquilo não era lugar para beber uísque, a menos que se tivesse um estômago forrado de zinco.

Ouvindo a palavra champanhe, a mulher do *strip-tease* fez uma pausa em seu número, bem no meio de um requebro, e me olhou com o sorriso mais sedutor de seu arsenal.

Jennie deixou então o casaco cair nas costas da cadeira e tirou o turbante. O comprido cabelo louro em que brilhavam todas as luzes do salão se derramou por seus ombros. O sorriso da mulher no palco desapareceu no mesmo instante.

Olhei para Jennie e ela sorriu para mim, dizendo:

— É com fogo que se combate fogo.

Ri. Um garçom de camisa branca apareceu com duas garrafas de champanhe dentro de um balde. Colocou rapidamente três taças em cima da mesa e abriu a primeira garrafa. A rolha saiu com um estouro e a espuma do champanhe escorreu pelo gargalo. O garçom encheu as três taças sem ao menos esperar que eu provasse e foi embora.

Estava um pouco quente, mas era um bom champanhe. Olhei a garrafa. Heidsieck 1937. O rótulo podia ser falso, mas o champanhe não era. Vi um papelzinho branco ao meu lado, na mesa. Oitenta dólares.

— Se tivesse vindo num táxi — disse Vitale —, pagaria vinte dólares por garrafa.

— E se tivesse vindo a pé?

— Quinze dólares — respondeu rindo.

— Viva! — exclamei levantando a taça.

Mal pousamos as taças na mesa, o garçom tratou de enchê-las de novo. Trabalhava rapidamente e derramou um pouco pelas bordas. Depois, ia virar a garrafa de cabeça para baixo no balde, quando segurei sua mão.

— Não é preciso tanta pressa, amigo. Não estou reclamando do preço, mas ao menos deixe-nos acabar a garrafa.

Ele olhou para mim, concordou com a cabeça, colocou a garrafa de pé no balde e foi embora. A bateria tocou mais forte e a mulher saiu do palco, acompanhada por alguns aplausos mais ou menos indiferentes.

— Ele está ali, na outra ponta do bar — disse Vitale.

Virei-me para olhar. Não havia ainda muita luz. Só pude ver um vulto indistinto curvado sobre o balcão do bar, com um copo nas mãos.

— Vou lá falar com ele — disse eu.

— Acha que precisa de ajuda? — perguntou Vitale.

— Não. Fique aqui com a srta. Denton.

Outra mulher apareceu no palco e as luzes diminuíram de novo. No momento em que levantei para ir ao bar, uma mulher roçou em mim na semiescuridão.

— Está procurando alguém, garotão?

Era a mulher que pouco antes estivera no palco. Fiz que não tinha ouvido e continuei indo para onde estava Amos. Ele nem levantou a vista, quando me sentei no banco vazio ao lado dele.

— Uma cerveja — pedi ao homem do bar. A garrafa estava diante de mim, com um copo,

e meu dinheiro desaparecera antes mesmo de eu me acomodar no tamborete.

Voltei os olhos para Amos, que estava olhando para o palco, e tive uma desagradável surpresa. Estava velho. Incrivelmente velho e acabado. Quase calvo e com as pelancas da extrema velhice pendendo-lhe das faces e do queixo.

Levou o copo à boca. Notei que a mão tremia e mostrava uma porção de manchas avermelhadas. Tentei pensar um pouco. Ele não podia ser tão velho assim. Teria no máximo cinquenta e cinco anos. Vi então seus olhos e compreendi tudo.

Estava vencido e nada mais lhe restava senão o passado. Os sonhos haviam morrido porque ele falhara em todas as ocasiões decisivas, e a corrosão do tempo o invadira. Não havia mais para ele nenhum caminho a não ser o dos derrotados. E rolaria ladeira abaixo até morrer.

— Alô, Amos — disse, em voz baixa.

Ele largou o copo em cima do balcão e voltou lentamente a cabeça. Olhou para mim com os olhos vermelhos e lacrimosos.

— Vá embora — respondeu, com uma voz rouca e encharcada de uísque. — É a minha garota que está dançando ali.

Olhei para o palco. Ali estava uma ruiva que havia conhecido melhores dias. Combinavam bem, os dois. Havia lutado, lutado muito, mas tinham sido derrotados.

Esperei que o número chegasse ao final e disse:

— Tenho uma proposta para lhe fazer, Amos.

— Já disse a seu mensageiro que não me interessa.

Por um momento tive vontade de levantar do tamborete e ir embora para a noite fria e pura, bem longe daquele cheiro de cerveja azeda, de vômito e decadência. Mas fiquei, não apenas porque havia feito uma promessa a Forrester, mas também porque, afinal, aquele era o pai de Monica.

— Falei com Monica da oportunidade que ia lhe dar — disse eu — e ela ficou muito satisfeita.

— Monica sempre foi uma idiota — replicou, e riu. — Sabe de uma coisa? Ela não queria divorciar-se de você. Estava furiosa com você, mas não queria o divórcio. Dizia que o amava.

Eu nada disse e ele continuou:

— Mas eu dei um jeito em tudo. Disse a ela que você era igualzinho a mim, incapaz de resistir a um rabo de saia.

— Tudo isso está passado e encerrado há muito tempo, Amos.

Ele bateu com o copo em cima do balcão.

— É o que você pensa, mas não está! Acha então que posso esquecer que você me botou para fora de minha própria companhia? Acha que posso esquecer que você me bloqueou todos os contratos, para que eu não pudesse mais levantar a cabeça? Não sou tolo. Pensa que eu não sabia que você tinha gente para seguir meus passos por todo o país?

Amos estava doente, muito mais doente do que eu havia pensado.

— E agora você me vem com uma proposta falsa! Pensa que eu não sei o que você quer? Pensa que eu não sei que você está procurando me tirar do caminho porque sabe que, no dia em que eu mostrar meus planos a alguém, você estará perdido?

E se aproximou de mim, com os punhos cerrados perto de meu rosto.

Virei-me e o agarrei pelos pulsos. Eram pulsos finos e frágeis, de velho. De repente, o corpo dele desapareceu-se e ele caiu para a frente, com a cabeça em meu peito. Os olhos dele estavam cheios de lágrimas de raiva, ante sua impotência.

— Estou tão cansado, Jonas — murmurou. — Por favor, não me persiga mais. Desculpe. Estou tão cansado que não posso mais nem...

Escorregou então de minhas mãos e caiu no chão. A ruiva apareceu subitamente por trás de mim e deu um grito. A música parou de repente. Uma pequena multidão se juntou em torno de nós, antes mesmo de eu descer do banco do bar. No mesmo instante, fui empurrado violentamente de encontro ao balcão e um homem enorme de terno preto gritou:

— O que há por aqui?

— Pode deixar, Joe — disse Vitale aproximando-se, e o leão de chácara virou-se para olhar quem havia falado.

— Ah, é você, Sam — disse ele, e a pressão que exercia contra mim cessou.

Olhei para Amos. Jennie já estava ao lado dele, afrouxando a gravata e desabotoando o colarinho.

— Perdeu os sentidos? — perguntei.

— Acho que é um pouco mais do que isso — respondeu Jennie. Está ardendo em febre. Acho melhor levá-lo para casa.

— Está bem — disse, jogando uma nota de cem dólares em cima do balcão. — Isso é pela conta da mesa.

Depois vi a ruiva olhando para mim, com lágrimas cavando-lhe um rego na maquilagem. Tirei outra nota de cem dólares e a coloquei na mão dela.

— Vá enxugar as lágrimas.

Abaixei-me então, peguei Amos nos braços e me encaminhei para a porta. Fiquei surpreso ao ver como era leve. Vitale apanhou nossos capotes com a chapeleira.

— Ele não mora longe daqui — disse, quando coloquei Amos no carro.

Era uma casa de cômodos suja e cinzenta, e dois gatos trepados em latas de lixo abertas diante da porta da frente nos olhavam com seus olhos brilhantes, noturnos e sinistros. Da janela do carro observei de relance o lugar e compreendi que não poderia deixar ali um homem doente.

O chofer já havia saltado para abrir a porta. Chamei-o e disse:

— Vamos voltar para o Drake.

Olhei para Amos, estendido no banco de trás. Não era o fato de ele estar doente que me faria pensar de maneira diferente a respeito dele. Mas não podia deixar de pensar que, se as coisas tivessem se passado um pouco diversamente, poderia ser meu pai que ali estivesse.

O médico saiu balançando a cabeça. Jennie vinha logo atrás dele.

— Estará bem, quando acordar amanhã de manhã. Alguém lhe deu uma boa dose de sódio-amital.

— De quê?

— Comprimidos para dormir — disse Jennie.

Sorri. Vitale não deixara nada ao acaso. Desde que eu queria Amos, ele havia tomado todas as providências.

— Ele está muito fraco — acrescentou o médico. — Uísque demais e comida de menos. Está com febre, mas com um pouco de cuidado isso não terá qualquer importância.

— Obrigado, doutor — disse eu, levantando.

— Não há de que, sr. Cord. Passarei de novo pela manhã para vê-lo. Enquanto isso, srta. Denton, dê-lhe um daqueles comprimidos de hora em hora.

— Está bem, doutor.

O médico despediu-se e saiu. Olhei para Jennie.

— Escute aqui, você não precisa passar o resto da noite acordada, cuidando desse bêbado.

— Não me incomode. Não será a primeira vez que passo a noite em claro, cuidando de um doente.

— De um doente?

— É claro. Nunca lhe disse que sou formada por uma escola de enfermagem?

Balancei a cabeça.

— Escola de Enfermagem St. Mary, em San Francisco. Me formei em 1935. Trabalhei como enfermeira um ano. Depois abandonei a profissão.

— Por quê?

— Cansei — respondeu simplesmente, desviando os olhos.

Eu sabia que não devia insistir. Afinal de contas, aquilo era a vida particular dela e eu nada tinha com isso.

— Quer beber alguma coisa? — perguntei, caminhando para o bar.

— Não, muito obrigada. Escute, não adianta nós dois ficarmos acordados a noite toda. Por que não deita e descansa um pouco?

— E você?

— Não tem importância. Botarei o sono em dia de manhã — disse ela. Veio até onde eu estava e me beijou no rosto. — Boa noite, Jonas. E muito obrigada. Acho você um homem muito bom.

Eu sorri.

— Acha então que eu ia deixá-la andar por Chicago com esse frio todo com um casaquinho leve?

— É pelo casaco também, mas não apenas pelo casaco. Ouvi tudo o que ele lhe disse. E, apesar disso, você o trouxe para cá.

— Que mais eu poderia fazer? Não podia largá-lo lá.

— Claro que não — murmurou ela. — Agora vá para sua cama.

Fui para o quarto. Passei uma noite muito agitada. Em meus sonhos, Amos e meu pai me perseguiam em uma sala e ambos gritavam coisas ditas de maneira tão enrolada que eu não podia compreender. Então, Jennie — ou talvez Rina — entrou na sala vestida com um uniforme branco e eles começaram a correr atrás dela. Tentei detê-los e afinal consegui levá-la para fora da sala e fechar a porta. Tomei-a nos braços, mas aí vi que era Monica e ela estava chorando. Nesse momento, alguém me empurrou de encontro à parede. Era o leão de chácara de La Parée. Ele acendeu uma lanterna elétrica bem nos meus olhos e a luz começou a ficar mais forte, cada vez mais forte.

Abri os olhos. A luz do sol entrava pelas janelas. Eram oito horas da manhã.

Jennie estava sentada na sala diante de um bule de café e algumas torradas.

— Bom dia — disse ela. — Quer café?

Fiz que sim com a cabeça. Fui até o quarto de Amos para vê-lo. Estava deitado de barriga para cima, dormindo como uma criança, a sono solto. Fechei a porta e voltei para a sala, sentando ao lado de Jennie.

— Você deve estar cansada — disse, apanhando minha xícara de café.

— Um pouco. Mas, depois de algum tempo, a gente acostuma. Vai se fazendo o que é necessário. Sabe que ele falou um bocado em você durante a noite?

— Foi? Nada de bom, com certeza.

— Ele se culpa por ter feito você se separar de sua mulher.

— Ora, todos nós tivemos um pouco de culpa. Ele não foi mais culpado do que eu... ou ela.

— Ou Rina Marlowe?

— Não, não. Rina não teve culpa alguma — disse, acendendo um cigarro. — Acho que tudo só aconteceu porque Monica e eu éramos muito moços. Para começar, nunca deveríamos ter casado.

Jennie pegou a xícara de café e bocejou.

— Acho melhor você ir descansar agora — disse.

— Não. Tenho de ficar acordada até o médico chegar.

— Vá dormir. Quando ele chegar, eu a acordarei.

— Está bem — disse ela.

Levantou e foi para o quarto. De repente, voltou e apanhou o casaco de vison das costas de uma cadeira.

— Não vai precisar disso, Jennie. A cama ainda está quente.

— Mas isso é muito gostoso — disse, esfregando o rosto no casaco. Entrou no quarto e fechou a porta. Enchi de novo minha xícara e peguei o telefone. Pedi à portaria que me mandassem um prato duplo de presunto com ovos e mais um bule de café.

Amos apareceu quando eu estava comendo. Tinha um cobertor enrolado no corpo, como se fosse uma toga. Chegou-se à mesa e perguntou:

— Quem roubou minhas roupas?

Assim de dia, ele não parecia tão mal quanto na noite passada.

— Joguei tudo fora — respondi. — Sente-se e coma.

Ele ficou onde estava. Correu os olhos pelo apartamento e perguntou:

- Onde está a moça?
- Está dormindo. Passou a noite em claro, cuidando de você.
- Fiquei desacordado?

Era mais uma afirmação do que uma pergunta. Nada respondi.

— Desconfiei disso — murmurou ele. Levou a mão à cabeça e gemeu, quase deixando o cobertor cair.

- Deram-me algum narcótico — disse ele.
- Sente-se e coma, Amos. Você precisa de vitaminas.
- Preciso é beber.
- Sirva-se. O bar é ali.

Foi até o bar, serviu-se de uma dose de uísque e esvaziou o copo de um só gole. Depois, bebeu rapidamente outra e um pouco de cor chegou-lhe às faces. Voltou para a mesa, com a garrafa de uísque ainda na mão, e se deixou cair na cadeira diante de mim.

- Como foi que me descobriu, Jonas?
- Foi fácil. Bastou seguir a pista dos cheques sem fundos.

— Oh! — disse ele. Serviu-se de outro uísque, mas deixou o copo em cima da mesa, sem beber logo. De repente, seus olhos se encheram de lágrimas e disse: — O pior de tudo é que foi você quem me procurou.

Continuei a comer sem responder.

- Você não sabe o que é ficar velho. Perde-se a capacidade.
- Você não a perdeu, Amos. Apenas procurou jogá-la fora.

Ele pegou o copo de uísque.

— Se não está interessado em minha proposta — continuei —, vá em frente e beba mais esse uísque.

Olhou para mim por um momento em silêncio. Olhou para o copo que tinha na mão trêmula e um pouco de uísque se derramou em cima da mesa.

- Por que você ficou tão bom assim de repente, Jonas?

— Não fiquei, não. Não mudei em nada, Amos. Ainda o considero o campeão do mundo da sujeira. Se fosse por mim, não tocaria em você nem com a ponta de uma vara de três metros. Mas Forrester quer que você vá dirigir a nossa fábrica do Canadá. O idiota não o conhece. Ainda pensa que você é o maior.

— Roger Forrester? Foi ele quem testou o Liberty 5 que eu projetei logo depois da guerra. Disse que era o melhor avião em que já havia voado.

Olhei para ele em silêncio. Isso havia acontecido vinte anos antes. Desde então, tinham aparecido aviões notáveis. Mas Amos só se lembrava do Liberty 5. Fora esse avião que o projetara na indústria.

Apareceu em seu rosto um sinal do Amos Winthrop que eu havia conhecido.

- Quais são os termos da proposta?
- Isso é entre você e Roger.

— Ótimo — respondeu, levantando e recobrando uma espécie de dignidade. — Se tivesse de tratar com você, não me interessaria, fossem quais fossem as condições.

Foi para a porta do quarto, mas antes de entrar voltou-se para mim.

— E minhas roupas?

— Há uma loja de artigos para homens lá embaixo. Telefone para lá e peça tudo o que precisa.

A porta se fechou e eu acendi um cigarro. Ouvi o barulho abafado da voz dele no telefone.

Quando as roupas chegaram, mandei que as levassem para o quarto dele. A campainha tocou de novo e fui abrir de mau humor. Estava começando a me sentir um pequeno mordomo.

— Alô, sr. Cord.

Era uma voz infantil e olhei surpreso. Jo-Ann estava diante de mim ao lado de Monica. Tinha numa das mãos a boneca que eu lhe dera e segurava com a outra o casaco da mãe.

— McAllister me mandou um telegrama que recebi no trem — disse Monica. — O telegrama dizia que você provavelmente estaria aqui. Encontrou Amos?

Olhei para ela atônito. McAllister não devia estar muito certo do juízo. Devia saber que o trem fazia uma parada de três horas em Chicago e que ela com toda certeza iria me procurar. E se eu não a quisesse ver?

— Encontrou Amos? — tornou a perguntar Monica.

— Encontrei, sim.

— Que bom! — exclamou Jo-Ann de repente, avistando a mesa do café. — Estou com fome.

Passou por mim e, subindo numa cadeira, pegou um pedaço de torrada.

— Desculpe, Jonas — disse Monica. — Bem sabe como são as crianças.

— Você disse que íamos tomar café com o sr. Cord, mamãe.

— Jo-Ann! — exclamou Monica, ficando com o rosto vermelho.

— Está tudo bem — disse eu. — Não quer entrar?

Ela entrou na sala e eu fechei a porta.

— Vou pedir um bom desjejum para vocês — disse, pegando o telefone.

— Para mim, café apenas — disse Monica, sorrindo.

— O médico já chegou, Jonas? — perguntou de repente uma voz.

Monica arregalou os olhos.

Jennie estava na porta do quarto, com o comprido cabelo louro caído sobre o casaco de vison escuro, que ela enrolara no corpo como se fosse um robe. O pescoço e as pernas nuas deixavam claro que ela não tinha nada mais por baixo.

O sorriso desapareceu do rosto de Monica. Voltou-se para mim com os olhos frios e disse secamente:

— Perdoe-me, Jonas. A experiência já devia ter me ensinado a telefonar antes.

Atravessou a sala e tomou a filha pela mão.

— Vamos, Jo-Ann.

Já estavam quase na porta quando consegui falar de novo.

— Espere um pouco, Monica.

Ouvi então a voz calma de Amos:

— Ah! Chegou bem em tempo, minha filha. Podemos sair juntos.

O velho doente e sujo que havíamos encontrado no bar na noite anterior tinha desaparecido. Era o Amos de outros tempos que ali estava, com um jaquetão cinza listrado e um sobretudo escuro displicentemente no braço. Era da cabeça aos pés o velho diretor; o homem que administrava.

Havia em seus lábios um leve sorriso malicioso quando atravessou a sala e disse, com a mão na porta:

— Eu e os meus não queremos importunar...

Fez um leve cumprimento com a cabeça na direção de Jennie. Corri cheio de raiva para a porta. Quando lá cheguei, ouvi a porta do elevador fechar-se e o silêncio reinar no corredor.

— Desculpe, Jonas — disse Jennie. — Não tive a menor intenção de complicar as coisas para você.

— Você não fez absolutamente nada, Jennie. As coisas já se complicaram há muito tempo.

Fui até o bar e preparei um uísque. Todos os bons sentimentos fugiram de meu coração. Era a última vez que eu tentava ser o bom samaritano. Tomei o uísque e voltei-me para Jennie.

— Você já dormiu com alguém num casaco de vison?

Havia tristeza e compreensão no rosto dela, quando me respondeu em voz sumida:

— Não...

Tomei outro uísque. Ficamos por um momento nos olhando em silêncio. Afinal perguntei:

— E então?

Com os olhos ainda fitos nos meus, ela concordou com um leve movimento de cabeça. Afastou os braços e o casaco se abriu mostrando seu corpo nu. Quando ela falou, havia em sua voz o tom de quem já imaginava que aquilo ia acontecer:

— Venha, meu filho — disse ela, ternamente.

A HISTÓRIA DE
JENNIE DENTON

LIVRO VIII

Jennie saiu pela porta com reposteiros em direção à câmara e o diretor gritou:

— Corta! Muito bem! Pronto! Estava terminado.

Ela ficou parada por um instante, piscando os olhos enquanto os fortes refletores se apagavam. Então, o calor sufocante de agosto caiu sobre ela, que se sentiu um pouco tonta. Estendeu a mão para se apoiar em alguma coisa. Ouviu a distância toda a confusão do gigantesco palco de som. Parecia que todo mundo estava rindo e falando ao mesmo tempo.

Deram-lhe um copo de água, que ela bebeu rapidamente e com prazer. De repente, começou a tremer, como se estivesse com frio, e alguém prontamente jogou um robe sobre seus ombros, cobrindo-lhe o traje diáfano.

— Muito obrigada — murmurou ela.

— Não há de que, srta. Denton — disse a pessoa, que em seguida perguntou: — Está se sentindo bem?

— Otimamente — respondeu Jennie.

Mas gotas de suor frio surgiram em sua testa. O maquilador apareceu no mesmo instante e passou-lhe pelo rosto uma esponja úmida. Um leve cheiro de hamamélis envolveu Jennie e ela começou a se sentir melhor.

— Srta. Denton — disse o maquilador —, convém ir descansar um pouco. Está exausta.

Ela se deixou docilmente levar para o pequeno camarim. Olhou a sua volta ao passar por entre os componentes da equipe. Garrafas de uísque estavam sendo abertas e a bebida era distribuída a todos. Estavam reunidos em volta do diretor, dando-lhe parabéns, dispensando-lhe a adoração que eles julgavam necessária para assegurar uma contratação para o próximo filme. Parecia que todos já a haviam esquecido.

Fechou a porta do camarim, estendeu-se no diva e fechou os olhos. Os três meses inicialmente tidos como suficientes para se fazer o filme acabaram se estendendo a cinco. Havia sido cinco meses de filmagens dia e noite, de exaustão, de acordar às cinco horas da manhã e cair na cama como uma pedra à meia-noite e, às vezes, mais tarde. No decorrer desses cinco meses, o nexo do que havia no argumento se perdera numa confusão de novas tomadas, novos textos e completa incoerência.

Recomeçou a tremer e cobriu-se com a leve manta de lã branca, mas continuou tremendo. Virou-se para o lado, encolheu os joelhos e o corpo todo. Pouco a pouco, seu próprio calor se condensou a sua volta e ela começou a sentir-se melhor.

Quando abriu os olhos, Ilene Gaillard estava numa cadeira diante dela. Nem a ouvira entrar.

— Olá — disse Jennie, sentando-se no diva. — Fiquei muito tempo dormindo?

— Uma hora mais ou menos — respondeu Ilene. — Mas está precisando mesmo descansar.

— Que pena! Em geral tenho mais resistência. Mas me sentia tão fraca!

— Tem vivido sob uma tensão muito forte. Não se preocupe. Quando o filme for exibido, você será uma grande estrela, uma das maiores.

— Assim espero — disse Jennie com humildade. — Quando penso em toda essa gente que trabalhou tão duramente pelo filme e pôs nele tanto de si mesma, acho que seria horrível decepcionar a todos.

— Não se preocupe. Pelo que vi das partes já filmadas, você será notável. Agora, acho bom

beber alguma coisa quente.

Jennie sorriu quando viu Ilene pegar uma lata.

— Chocolate? — perguntou.

— Por que não? Pode dar mais energia do que uma xícara de chá. Além disso, não tem mais de se preocupar com o peso. O filme está terminado.

— Graças a Deus — disse Jennie, levantando. — Mais um almoço com aqueles sanduíches e meu estômago não resistiria. Vou tirar logo isso.

Ilene viu Jennie despir o traje que usara no filme — as amplas calças de odalisca de seda, a blusa diáfana de gaze e o casaco azul bordado de ouro. Examinou aquele lindo corpo com admiração, sentindo-se, como figurinista, satisfeita com o que via.

Já estava sentindo-se feliz por Jonas havê-la chamado. Não fora assim a princípio. Não tinha a menor vontade de voltar para Hollywood, para seus fuxicos, sua eterna batalha por prestígio, suas mesquinhas rivalidades. E, principalmente, não queria voltar para as recordações dos velhos tempos.

Mas, ao olhar a fotografia de Jennie, alguma coisa na moça a atraía. Era a aura estranhamente ascética que se irradiava da fisionomia, apesar de seu aspecto puramente sensual. No retrato, os olhos tinham, por trás de seu conhecimento das coisas do mundo, a límpida inocência de uma criança. Era o rosto de uma pessoa que conservara a alma intata a despeito de tudo o que havia vivenciado.

Jennie abotoou o sutiã e enfiou o grosso suéter preto, puxando-o até chegar ao alto das calças. Sentou e pegou a xícara fumegante de chocolate que Ilene lhe oferecia.

— Sinto-me vazia, de repente — disse ela. — E como se estivesse inteiramente gasta.

Ilene sorriu.

— Todo mundo se sente assim depois de terminar um filme.

— Não me sinto capaz de fazer outro filme. Não seria capaz de ver algum sentido em qualquer outro papel que me dessem. Tenho a impressão de que dei tanto de mim mesma nesse filme que nada mais restou.

— Ora, isso desaparecerá no momento em que lhe puserem nas mãos um novo *script*.

— Acha? — perguntou Jennie. — É isso o que acontece?

— Invariavelmente.

A algazarra lá fora penetrou as paredes finas do camarim e Jennie sorriu.

— Parece-me que a coisa está pegando fogo aí fora.

— Cord mandou preparar uma mesa de comida e há dois homens servindo bebidas.

Ilene terminou seu chocolate e levantou-se.

— Só vim mesmo me despedir.

— Vai embora?

— Sim — respondeu Ilene. — Vou para o leste no trem desta noite.

— Então, obrigada por tudo — disse Jennie simplesmente, estendendo a mão. — Ensinou-me muita coisa.

— Não queria voltar a Hollywood, mas agora não me arrependo de haver voltado — continuou Ilene.

— Espero que ainda tenhamos oportunidade de trabalhar juntas.

— Tenho certeza de que trabalharemos — disse Ilene. — Se precisar de mim, escreva-me. Virei com prazer.

Logo depois de Ilene sair, a porta se abriu e Al Petrocelli, o chefe da publicidade, apareceu chamando Jennie.

— Saia daí, menina. A festa está formidável. Cord mandou buscar uma orquestra.

— Espere um minuto, que já vou — disse Jennie, indo até o espelho para ajeitar o cabelo.

— Escute, Jennie, você não vai aparecer assim!

— Por que não? O filme já está concluído. Ele entrou, fechou a porta e começou a falar.

— Jennie, minha filha, procure compreender. A revista *Life* vai fazer uma reportagem da festa. O que pensariam os leitores da revista se vissem a estrela do maior filme que já fizemos nestes últimos dez anos aparecer de calças e com um suéter todo folgado? Temos de dar a essa gente um pouco mais para ver.

— Não vestirei outra vez aquele traje do filme.

— Por favor, menina. Prometi aos fotógrafos alguns instantâneos bem provocantes.

— Se é isso que eles querem, há fotografias de sobra no arquivo.

— Isso não é hora de ser temperamental, Jennie. Você tem sido uma boa menina até agora. Faça-me esse favor, sim?

— Pode deixar, Al — disse Bonner, aparecendo de repente no camarim com seu sorriso simpaticamente feio. — Se ela não quer trocar de roupa, não é obrigada. E, pensando bem, isso pode até ser uma coisa nova e de maior interesse para os leitores da *Life*.

— Se é essa sua opinião, sr. Bonner, está bem — replicou Al.

Bonner voltou-se para ela, sorrindo.

— Muito bem! Você venceu! Tenho pensado muito em você. Vai ser uma grande estrela.

Jennie nada disse.

— Vai ser muito difícil fazer um filme depois de *A pecadora*!

— Eu não havia pensado nisso.

— Claro que não! Nem você nem Jonas pensaram nisso. Mas não tinham de pensar. E a mim que cabe manter os padrões de produção. Jonas só faz aquilo que tem vontade de fazer. Se lhe dá na telha fazer um filme, faz. Mas pode ser que passem outros oito anos até ele ter vontade de novo.

— E daí?

— Daí, eu é que tenho de fazê-la trabalhar. Se passar tanto tempo sem fazer outro filme, todo mundo se esquecerá de você. Escute, aquela mexicana ainda trabalha para você?

— Ainda.

— Mora ainda no mesmo lugar?

— Sem dúvida.

— Na semana que vem, posso passar por lá uma noite. Tenho alguns *scripts* que quero examinar com você.

Ela ficou em silêncio.

— Jonas vai embora. Vai resolver alguns negócios no Canadá. Sabe que acho uma felicidade que ele não tenha tomado conhecimento das histórias que corriam a seu respeito? Não pensa

assim também?

— Penso.

— Talvez eu passe por lá na quarta-feira à noite.

— É melhor telefonar antes — disse ela secamente.

— É claro. Tinha me esquecido. Tudo do mesmo jeito, hein?

— Não — disse ela ríspida, encarando-o com firmeza.

Em seguida, passou por ele e saiu do camarim. Sentia-se tomada de um grande cansaço. Estava tudo do mesmo jeito. Tudo com ela acontecia sempre assim. Só o que às vezes mudava era o curso das coisas.

Quando acordou, a primeira coisa que viu foi a roupa na corda lá fora, balançando ao vento. O cheiro forte do ensopado de repolho que o vento do verão trazia da cozinha ao lado mostrou-lhe que era domingo. Os domingos tinham sempre aquele aspecto, com a diferença de que quando ela era mocinha tudo parecia mais divertido.

Aos domingos, toda vez que voltava da igreja com a mãe, ela encontrava o pai já acordado e sorridente, com os bigodes aparados e luzidios, o rosto barbeado e cheirando a loção. Jogava-a para cima e aparava-a nos braços, abraçando-a e dizendo:

— Como está minha Jennie querida nesta manhã? Voltou santinha da igreja! Tomou bastante água-benta para durar a semana toda?

Ria muito, ela também, e às vezes até a mãe, dizendo:

— Ora, Thomas Denton, isso é maneira de um pai falar à filha, insinuando que ela é capaz de desobedecer, como ele desobedece, à vontade de Deus?

Nesse tempo, o pai e a mãe eram ambos moços e cheios de riso, de felicidade e do sol que Deus mandava sobre a baía de San Francisco. Depois do almoço, ele vestia seu terno domingueiro azul e, tomando-a pela mão, saía de casa com ela em busca de aventuras.

A primeira aventura ocorria no bonde que passava pela porta da casa. Carregando-a nos braços, o pai tomava o bonde andando e, mostrando o passe azul e branco que lhe dava direito a viajar em todos os carros da companhia, ia com ela até a frente, junto do motorneiro. Ali, deixava o vento bater no rosto dela até que parecia entrar-lhe direto pela garganta e chegar agradavelmente aos pulmões. — É minha filha Jennie — dizia a todas as pessoas que os olhavam ou puxavam conversa com ele.

E os passageiros, que até então estavam entregues aos seus pensamentos particulares, sorriam para ela, participando de algum modo da alegria que se irradiava de seu rosto redondo e radiante.

Iam depois para o parque ou então ao cais, onde comiam camarões ou caranguejos com bastante alho e o pai bebia grandes copos espumantes de cerveja, comprada no contrabandista que fazia seu comércio abertamente ali perto. Mas a cerveja era só para tirar o cheiro do alho. Às vezes, iam ao jardim zoológico e ele comprava um saco de amendoins para ela dar ao elefante ou aos macacos que estavam nas jaulas. Voltavam à tardinha, ela sempre cansada e às vezes dormindo no colo do pai. No dia seguinte, era segunda-feira, mas ela ficava ansiosa para que fosse outra vez domingo.

Não, nada havia que passasse tão depressa como os domingos dos tempos da infância. Fora depois para a escola e a princípio tivera medo das irmãs, sempre severas e vigilantes, com seus hábitos pretos. Seu rostinho redondo ficava muito sério acima da blusa branca e da sainha azul-marinho. Mas ali ensinaram-lhe o catecismo, ela se crismou e perdeu pouco a pouco o medo das irmãs, aceitando-as como mestras e pessoas que a encaminhavam para uma vida cristã mais rica. Os domingos felizes da infância foram caindo cada vez mais profundamente nos recessos do espírito, até chegar um tempo em que dificilmente eram lembrados.

Jennie, aos dezesseis anos, estava deitada com os ouvidos atentos aos ruídos da manhã de domingo. Durante algum tempo, houve apenas silêncio. Depois ouviu a voz estridente da mãe.

— Sr. Denton, é a última vez que aviso que está na hora de se levantar para ir à missa.

A voz do pai era rouca, e não era possível distinguir as palavras. Via-o mentalmente, barbado e com os olhos injetados da cerveja que bebera na noite do sábado, metido em sua

roupa de baixo, de lã, e estendido na cama grande e macia, com a cabeça enterrada no travesseiro. Ouviu a mãe falar de novo.

— Mas prometi ao padre Hadley que iríamos todos sem falta neste domingo. Se você não se preocupa com sua alma, ao menos pense um pouco nas de sua mulher e sua filha.

Jennie não ouviu resposta. Pouco depois, a porta do quarto bateu e sua mãe foi para a cozinha. Jennie botou no chão os pés descalços, à procura dos chinelos. Calçou-os e levantou, vestida com a comprida camisola branca de algodão que lhe chegava quase aos tornozelos.

Antes de ir ao banheiro, passou pela cozinha, onde a mãe se voltou do fogão para falar com ela.

— Pode usar para a missa o gorro azul que fiz para você, Jennie querida.

— Está bem, mamãe.

Escovou os dentes cuidadosamente, lembrando do que a irmã Philomena dissera na aula de higiene. Movimentos circulares com a escova para cima e para baixo, até chegar às gengivas e remover todas as partículas de comida que poderiam causar cárie. Examinou os dentes no espelho. Ela gostava de seus dentes. Eram limpos, brancos e benfeitos.

Gostava de limpeza. Não era como muitas das moças que frequentavam o Colégio Mercy, que só tomavam banho uma vez por semana, aos sábados. Jennie vivia no mesmo bairro pobre que elas, mas tomava banho todas as noites, embora tivesse de aquecer a água na cozinha do pardiêiro em que moravam com outras famílias.

Olhou-se no espelho com seus olhos claros e procurou imaginar-se com o gorro e o uniforme branco de enfermeira. Ela teria de tomar uma decisão o quanto antes. A formatura seria no mês seguinte e nem todas as alunas poderiam conseguir uma bolsa para a Escola de Enfermagem St. Mary.

As irmãs gostavam dela e ela sempre tivera boas notas durante todo o tempo em que estudara no Metc. Além disso, o padre Hadley havia escrito uma carta à madre Mary Ernest, recomendando-a por seu espírito religioso, que a fazia diferente de muitas mocinhas que passavam mais tempo diante de um espelho a pintar-se do que de joelhos na igreja, diante do seu Deus. O padre Hadley havia expressamente declarado sua esperança de que a boa madre achasse um meio de premiar por sua devoção aquela pobre moça que tanto merecia.

A bolsa da St. Mary era concedida todos os anos à aluna que mais se distinguisse por seus méritos religiosos e escolares, a critério de uma comissão presidida pelo arcebispo. Naquele ano, a bolsa seria sua, se ela resolvesse ser enfermeira. Naquele dia, depois da igreja, ela deveria apresentar-se à madre Mary Ernest, na casa das irmãs, para dar sua resposta.

— Você será uma agente da misericórdia de Deus — dissera a irmã Cyril, depois de comunicar-lhe a decisão da comissão. — Mas terá de decidir por si mesma. Pode ser que servir aos doentes e aos desamparados não seja sua verdadeira vocação.

A irmã Cyril olhou para a moça que ali estava de pé em frente à mesa. Jennie era alta e esbelta e já tinha o corpo de mulher; embora houvesse ainda uma calma inocência no fundo daqueles olhos claros. A irmã Cyril sorriu para ela.

— Você ainda tem uma semana para resolver. No domingo que vem, depois da missa, vá até a casa das irmãs. Madre Mary Ernest estará à espera de sua resposta.

O pai havia ficado furioso ao saber da bolsa.

— Isso lá é vida para alguém? Limpar as comadres de velhos imundos? Daqui a pouco, vão convencê-la a ser freira.

Voltoou-se violentamente para a mulher e gritou:

— A culpa é sua! Sua e desses padres com quem você vive de conversa! Qual é a santidade que existe em pegar uma menina na hora em que a seiva da vida está começando a borbulhar dentro dela, para metê-la dentro de um convento?

— O que está dizendo é uma blasfêmia, Thomas Denton — respondeu a mãe, muito pálida. — Se fosse ao menos uma vez conversar com o bom padre Hadley, veria como está errado. E fique sabendo que, se nossa filha se tornasse religiosa, eu seria a mãe mais feliz da cristandade. Que há de errado em dar nossa única filha como noiva a Cristo?

— Está bem — disse o pai gravemente. — Mas quem terá a culpa quando a menina crescer e descobrir que foi roubada dos prazeres a que a mulher tem direito?

Virou-se para Jennie e disse carinhosamente:

— Jennie, querida, não me oponho a que você seja enfermeira, se quiser. Desejo que faça o que quiser, seja lá o que for. Sua mãe e eu não temos importância. Nem mesmo o que a Igreja quer tem importância. A única coisa que interessa é o que você quer. Compreende, minha filha?

— Compreendo, papai.

— Você não ficará contente enquanto sua filha não for uma mulher perdida — disse a mãe.

— Prefiro que seja uma mulher perdida, se isso for da vontade dela, a vê-la ser santa à força.

Voltoou-se para a filha, abrandando novamente a voz.

— Você quer ser enfermeira, Jennie?

— Acho que sim, papai.

— Se é o que você quer, Jennie — disse ele, calmamente —, só poderá me dar prazer.

A mãe olhou o marido, com um brilho de vitória nos olhos.

— Quando vai aprender que não se pode lutar contra o Senhor, Thomas Denton?

Ele ia responder, mas desistiu, trancou os lábios e saiu de casa.

A irmã Cyril bateu na pesada porta de carvalho.

— Entre — disse uma voz clara e forte.

A irmã abriu a porta e fez um gesto a Jennie, que a seguiu um pouco hesitante.

— Essa é Jennie Denton, reverenda madre.

A mulher de meia-idade vestida com um hábito preto levantou os olhos dos papéis que estava examinando. Tinha na mão uma xícara de chá pela metade. Olhou a moça com seus olhos estranhamente vivos e penetrantes. Um instante depois, sorriu, mostrando dentes brancos e iguais.

— Então você é Jennie Denton? — disse, estendendo a mão.

Jennie fez uma reverência e beijou o anel da madre.

— Sim, reverenda madre.

A madre Mary Ernest sorriu de novo.

— Fique à vontade, minha filha. Não vou bater em você, nem devorá-la.

Jennie sorriu timidamente.

— Quer um pouco de chá? — perguntou a madre. — Uma xícara de chá sempre me facilita

as coisas.

— Gostaria muito — disse Jennie.

A madre fez um sinal para a irmã Cyril, acrescentando:

— E traga outra xícara para mim, sim, irmã?

Depois que a irmã Cyril saiu, a madre Mary Ernest voltou-se para Jennie e disse com um sorriso:

— Gosto muito de chá, sabe? E aqui fazem um chá muito bom, bem diferente do chá fraco e morno que servem nos hospitais. O daqui é feito numa panela, que é a maneira certa de fazer chá. Por que não senta, minha filha?

O convite foi tão rápido, que Jennie não teve certeza de havê-lo ouvido.

— Como, madre? — gaguejou.

— Sente-se, minha filha. Não precisa ficar nervosa. Quero ser sua amiga.

— Obrigada, madre — disse Jennie, sentando-se e ficando ainda mais nervosa.

A madre olhou para ela durante alguns instantes e perguntou:

— Resolveu então ser enfermeira?

— Sim, reverenda madre.

— Por quê?

— Por quê? Na verdade não sei. Acho que ainda não pensei nisso.

— Que idade tem, minha filha?

— Faço dezessete anos no mês que vem, uma semana antes da formatura.

— Sempre desejou ser enfermeira e tratar de doentes, desde que era menina, não foi?

— Não, senhora — disse Jennie. — Nunca pensei nisso senão agora.

— A vida de enfermeira é muito dura, minha filha. Você terá muito pouco tempo para si mesma em St. Mary. Terá de trabalhar e estudar o dia inteiro. A noite, não poderá sair da escola. Só terá um dia por mês para visitar sua família. E seu namorado poderá não gostar disso.

— Não tenho namorado, madre.

— Não? Mas você foi a dois bailes da escola com Michael Halloran e joga tênis com ele todos os sábados. Não é seu namorado?

— Não, senhora — respondeu Jennie, rindo ante a ideia de que pudesse haver alguma coisa entre ela e o rapaz magro cujos únicos sentimentos românticos se limitavam a conseguir uma cortada perfeita.

— Ele não é meu namorado. É apenas o melhor jogador de tênis que há por aqui. E, algum dia, vou conseguir vencê-lo.

— Você foi capitã da equipe feminina de tênis no ano passado?

— Fui sim, senhora.

— Você não terá tempo para jogar tênis em St. Mary.

Jennie nada disse.

— Há alguma coisa de que você gostaria mais do que ser enfermeira?

Jennie pensou por um momento e respondeu:

— Gostaria de derrotar Helen Wills e ser campeã de tênis dos Estados Unidos.

A madre começou a rir. Estava ainda rindo quando a irmã Cyril voltou com o chá.

— Você está aprovada, Jennie — disse. — E tenho a impressão de que será muito boa enfermeira, sabe?

Tom Denton percebeu que havia alguma coisa desagradável no momento em que chegou ao guichê para receber o envelope do pagamento. Em geral, o pagador fazia uma pilhéria, perguntando, por exemplo, se ele não queria que o envelope fosse guardado até a mulher dele ir buscar, para que os bares não ficassem com tudo na noite do sábado. Mas naquele dia não houve pilhéria alguma, quebrando um ritual daquele encontro semanal que já durava havia quase quinze anos. O pagador limitou-se a empurrar-lhe o envelope por sob as grades do guichê, desviando os olhos para não encará-lo.

Tom olhou-o por um instante e virou-se para observar os outros que estavam na fila atrás dele. Do jeito que estavam olhando para ele, era claro que todos sabiam. Sentiu-se tomado de estranho sentimento de vergonha. Aquilo não podia estar acontecendo com ele. Afastou-se do guichê, com o envelope na mão.

Ninguém precisaria lhe dizer que os tempos estavam ruins. Corria o ano de 1931 e por toda parte viam-se os sinais da crise. As famílias recebendo socorro do governo, as filas para comprar pão, os rostos tristes e cansados dos homens que tomavam o bonde com ele todas as manhãs.

Já estava quase saindo do barracão. De repente, não pôde mais esperar e se retirou para um canto. Estava ansioso por abrir o envelope de pagamento. Rasgou-o com os dedos trêmulos e a primeira coisa que viu foi o temido papel verde.

Ficou olhando sem acreditar. Devia haver algum engano. Não podiam fazer uma coisa daquelas. Não era um homem de um ou dois anos de serviço. Há muito tempo trabalhava ali. Quinze anos. Não podiam estar despedindo homens com quinze anos de serviço. Ainda não.

Mas estavam. Que ironia! Quando começaram a reduzir os salários, haviam dito que era uma medida para evitar as demissões. Até o pessoal do sindicato confirmara isso.

Enfiou o envelope no bolso, tentando dominar o súbito medo que lhe apertava o estômago. O que iria fazer agora? Só sabia trabalhar em bondes. Havia esquecido tudo mais que fizera. Só lembrava de haver sido servente de pedreiro muito moço ainda.

Quando saiu do barracão, havia um grupo de colegas reunidos no passeio, com suas fardas azuis. Um deles lhe falou:

— Recebeu o papel verde, Denton?

— Recebi — disse Tom.

— Nós todos, também. Estão despedindo os mais antigos porque ganham mais. Vão conservar os mais novos.

— Já foram até o sindicato?

— Já. Estamos de volta. Está fechado. O vigia disse que voltássemos na segunda-feira.

— Telefonaram para Riordan?

— O telefone da casa dele não atende.

— Alguém deve saber onde está Riordan — disse Tom. — E vamos voltar para o sindicato e obrigar o vigia a nos deixar entrar. Afinal de contas, para que pagamos ao sindicato, se não podemos nos reunir lá?

— Boa ideia, Tom. Não podemos deixar que nos substituam por esses novatos, digam o que disserem.

Foram todos para a sede do sindicato, que ficava a uns dois quarteirões do barracão dos bondes. Tom caminhava em silêncio. De certo modo, ainda não podia acreditar. Teria

concordado com um novo corte de salário, se lhe pedissem. Não era justo, porém, o que estavam fazendo com ele. Tinham de encontrar Riordan, que não podia deixar de dar um jeito. Era o homem do sindicato.

A sede do sindicato estava às escuras e eles bateram na porta até que o vigia apareceu para abri-la.

— Já disse a vocês que Riordan não está aqui! — exclamou ele com sua voz irritada de velho.

— Onde está Riordan?

— Sei lá — replicou começando a fechar a porta. — Vão para casa, que é melhor.

Tom meteu o pé na porta e a abriu. O velho recuou, tropeçando e quase indo ao chão. Os homens, então, invadiram a sede atrás de Tom.

— Não podem entrar! Não podem! — exclamou o vigia.

Não deram a menor importância para o que o velho dizia e caminharam para a sala de reuniões, que era bem espaçosa e ficava no fim do corredor. O grupo já contava, àquela altura, com cerca de trinta homens. Ficaram ali indecisos, sem saber o que deviam fazer.

— Vamos até o gabinete de Riordan — sugeriu Tom. — Quem sabe, podemos descobrir onde ele está.

O gabinete de Riordan era um compartimento fechado por um tabique de madeira e vidro no fundo da sala. Foram todos para lá, mas só alguns puderam entrar no cubículo. Tom olhou a mesa do chefe do sindicato. Havia uma folhinha de mesa, um mata-borrão e alguns lápis. Abriu as gavetas uma por uma e só encontrou mais lápis e impressos em branco para cobrança de mensalidades.

O vigia apareceu na porta do salão.

— Se não saírem daqui, vou chamar a polícia! — gritou ele.

— Vá tomar banho, velho! — gritou um condutor.

— Sim! — gritou outro. — Este é o nosso sindicato. Pagamos a mensalidade e o aluguel disto aqui. Podemos ficar o tempo que quisermos.

O vigia desapareceu no corredor. Alguns dos homens olharam para Tom.

— O que vamos fazer agora?

— Talvez seja melhor mesmo voltarmos na segunda-feira — disse alguém. — Veremos então o que Riordan tem para nos dizer.

— Não — disse Tom. — Na segunda-feira ninguém poderá fazer mais nada. Temos de resolver isso hoje.

— Como?

Tom ficou por um momento pensando.

— O sindicato é nossa única chance. Precisamos forçá-lo a fazer alguma coisa por nós.

— Como podemos fazer alguma coisa, se Riordan não está aqui?

— Riordan não é o sindicato — disse Tom. — Nós é que somos. Se não conseguirmos encontrá-lo, teremos de agir sem ele. Patrick, você faz parte da diretoria. O que Riordan costuma fazer num caso desses?

Patrick tirou o boné e cocou a cabeça grisalha.

— Não sei. Mas acho que a primeira coisa que ele faria seria convocar uma reunião.

— Muito bem — disse Tom. — Vá com um grupo aos barracões e diga à turma do dia que venham todos aqui, para uma reunião de emergência.

Alguns minutos depois, o grupo escolhido saiu para os barracões dos bondes. Os outros ficaram esperando.

— Se vamos fazer uma reunião, precisamos ter uma pauta — disse um deles. — Não se faz uma reunião sem uma pauta.

— A pauta é saber se a companhia pode despedir a gente assim — disse Tom.

— Claro. Temos direitos — apoiaram alguns.

— Essa história de reunião está me dando uma sede tremenda — disse alguém. — Parece-me que estou todo seco por dentro.

— Vamos mandar buscar cerveja! — gritou outro.

Houve imediato entusiasmo e concordância e fez-se rapidamente uma coleta. Dois homens saíram com o dinheiro e, quando voltaram, a cerveja foi colocada numa mesa no fundo da sala.

— Agora, sim — disse um deles com o copo cheio —, podemos deliberar à vontade.

A sala parecia um pandemônio de algazarra e confusão, com mais de cem homens ali reunidos, falando e gritando. A primeira remessa de cerveja tinha se esgotado e haviam mandado buscar mais.

Tom batia na mesa com um martelo de madeira que encontrara na escrivaninha de Riordan.

— Ordem! Silêncio! — gritou, batendo com o martelo até que chamou a atenção de alguns homens que estavam a sua frente.

— Silêncio! Vamos ouvir o que Denton tem para nos dizer.

A algazarra diminuiu até não ser mais do que um murmúrio. Tom esperou até o silêncio chegar ao máximo que era razoável e começou a falar, nervoso:

— Esta reunião foi convocada porque a companhia despediu cinquenta homens e não podemos encontrar Riordan para nos dar uma explicação. O sindicato, que tem a obrigação de proteger nossos empregos, tem de agir, mesmo sem sabermos onde está Riordan. Os empregados hoje demitidos são todos antigos na companhia e não há motivo para que ela não os readmita.

Houve um murmúrio de aprovação na assembleia.

— Enquanto vocês estavam bebendo cerveja — continuou Tom —, estive olhando as regras impressas na minha carteira do sindicato. Há um artigo que diz que qualquer greve pode ser votada quando houver mais de vinte e cinco sócios presentes. Somos mais de vinte e cinco aqui presentes e eu proponho que se vote sobre uma greve na segunda-feira, caso a companhia não revogue sua decisão de demitir os cinquenta homens.

— Greve! Greve!

— Todos nós somos há muitos anos empregados leais da companhia. Cumprimos sempre nossos deveres e não podemos ser demitidos assim.

— Certo!

— Cuidado, Tom! — gritou um homem que estava no fundo da sala. — Pode haver um espião da companhia aqui dentro.

Houve risos.

— Se houver um espião — disse Tom, muito sério —, ele deve voltar para a companhia e dizer o que estamos fazendo aqui. Assim ficarão sabendo que não podem fazer conosco o que bem quiserem.

Houve muitos aplausos.

— Muito bem — disse Tom. — Agora, vou pôr em votação a proposta de greve. Todos os que estão a favor digam sim.

Os homens de repente ficaram em silêncio, entreolhando-se nervosamente. A porta do salão se abriu e Riordan apareceu.

— Que conversa é essa a respeito de greve?

O robusto e corado diretor do sindicato entrou no salão e foi até o estrado. Houve um murmúrio por entre a multidão. Parecia até um suspiro de alívio. Riordan havia chegado e ia dizer o que deviam fazer, resolvendo toda aquela situação.

— Alô, Tom — disse Riordan, subindo no estrado e estendendo a mão a Denton.

Tom apertou sua mão. Era a primeira vez que isso acontecia.

— Viemos para cá porque achamos que o sindicato devia fazer alguma coisa por nós — disse.

— É claro, Tom — replicou Riordan. — Fez apenas o que devia fazer.

Tom quase deu um suspiro de alívio. Julgara que Riordan iria ficar zangado com o fato de eles haverem invadido o sindicato.

Riordan voltou-se para a assembleia e levantou a mão, pedindo silêncio.

— Companheiros — disse Riordan, com sua voz forte —, o motivo pelo qual não conseguiram me encontrar foi que eu corri para o escritório da companhia no momento em que soube das demissões. Não havia tempo para convocar uma reunião, mas quero que saibam que o sindicato não dormiu.

Ouviram-se aplausos e os homens se olharam embaraçados.

— Quero externar meus agradecimentos ao companheiro Tom Denton por sua pronta ação em trazê-los todos para a sede do sindicato. Isso mostra que Tom Denton, como todos aqui, sabe que o sindicato é seu amigo.

Tom ficou um pouco vermelho quando os homens bateram palmas de novo. Riordan continuou:

— Estive a tarde toda no escritório da companhia, discutindo e lutando, e afinal consegui que recuassem um pouco.

A sala prorrompeu em aclamações.

Riordan levantou a mão, sorrindo.

— Não batam palmas ainda, companheiros. Como disse, consegui que recuassem um pouco. Não é das melhores soluções, mas foi um bom ponto de partida. Prometeram ter outras conferências comigo no mês que vem.

— Vão nos readmitir? — perguntou Tom.

Riordan olhou para ele e voltou-se novamente para a assembleia.

— A companhia concordou em readmitir dez dos homens que foram despedidos nesta semana. Concordou também em readmitir mais dez no mês que vem.

Um estranho silêncio caiu sobre a sala. Os homens se olhavam nervosamente.

— Mas a companhia despediu mais de cinquenta — disse Tom. — Readmitir apenas dez não significa nada.

— É um ponto de partida, Tom — replicou Riordan. — Não se pode conseguir tudo de uma vez.

— Por que não? — perguntou Tom, irritado. — A companhia não nos despediu a todos de uma vez?

— Mas é diferente. Ela tem o direito de dispensar empregados quando seus negócios vão mal.

— Sabemos disso. Não gostamos foi da maneira como isso foi feito. Não deram a menor atenção aos direitos adquiridos com a antiguidade, de acordo com o estipulado no contrato com o sindicato. Demitiram justamente os antigos, para conservar os novatos, porque ganham menos.

— Sei disso — replicou Riordan com uma ponta de irritação na voz. — Mas a readmissão dos dez homens é um começo. É melhor do que todos os cinquenta ficarem na rua. Dez voltarão ao trabalho agora mesmo. No mês que vem, talvez mais dez. E melhor do que nada. A companhia pouco se importará se vocês entrarem em greve. Acredita que poupará dinheiro se os bondes não circularem.

— Acho que devemos aceitar — disse um dos homens. — Como Riordan diz, dez homens trabalhando ainda é melhor do que nenhum.

— Não! — disse Tom, levantando indignado. — A companhia deve readmitir todos. Cada um de nós tem tanto direito a trabalhar quanto qualquer outro. Se todos nós concordássemos em ter nossos salários reduzidos ao que ganham os novatos, poderíamos todos voltar.

Riordan riu.

— Estão ouvindo? — gritou. — Querem ganhar ainda menos?

Houve um murmúrio inquieto na assembleia.

— Prefiro ganhar menos a ver um companheiro desempregado — disse Tom.

Riordan o encarou. Não havia mais qualquer simpatia em seu olhar. Estava irritado desde o momento em que recebera o telefonema do chefe do pessoal da companhia, avisando que deveria ir imediatamente ao sindicato. O telefonema fora dado num momento muito embaraçoso. Saiu da cama e começou a vestir-se vociferando e falando palavrões.

— O que é, querido?

— Um condutor intrometido tomou conta do sindicato e está convencendo o pessoal a fazer greve.

— Mas ele não pode fazer isso — disse a amante com voz escandalizada. — Você prometeu à companhia que não haveria dificuldades.

— E não vai haver! — gritou ele. — Ninguém vai fazer Riordan deixar de cumprir sua palavra.

Quando chegou ao sindicato, havia se acalmado um pouco. Mas estava de novo indignado. Tinha um trabalho enorme em explicar à esposa onde passava as noites de sábado e agora aquele punhado de estúpidos empregados de bondes estragava tudo.

Voltou-se para a assembleia.

— Proponho que o caso seja resolvido imediatamente. Têm de escolher. Ou dez homens voltam ao trabalho ou greve.

— Espere um pouco — protestou Tom.

— Sua proposta já foi rejeitada pela assembleia — disse Riordan, que em seguida levantou a mão direita. — Todos os que aprovam a volta ao trabalho levantem a mão.

Cerca de noventa homens levantaram a mão.

— Contra?

Apenas algumas mãos se ergueram, além da de Tom.

— Foi aprovada a volta ao trabalho. Agora voltem todos para casa. Direi na segunda-feira quais são os que voltam ao trabalho.

Os homens começaram a sair pouco a pouco da sala. Tom olhou para Riordan, mas este não teve coragem de encará-lo. Em vez disso, foi para seu cubículo e pegou o telefone.

Tom dirigiu-se com passos pesados para a porta. Alguns olharam para ele, mas a maioria passou apressada, como se não quisesse enfrentar seu olhar. Chegando à porta, voltou-se e olhou. Riordan ainda estava ao telefone.

A noite era límpida e tranquila e um vento quente vinha do mar. Foi andando, absorto em seus pensamentos. Tinha certeza de que não seria um dos dez felizardos readmitidos. Riordan não o perdoaria. Dobrou a esquina e encaminhou-se para a parada de bonde do quarteirão seguinte. Pensou distraidamente que talvez seu passe houvesse perdido a validade, depois de ter sido demitido.

Dois homens o alcançaram na rua escura. Um deles parou a seu lado e perguntou:

— Pode me dar um fósforo?

— Pois não.

Tom meteu a mão no bolso. Podia estar desempregado, mas ainda tinha fósforos. Acendeu um. O olhar duro do homem e o rumor de passos às suas costas foram um aviso que chegou tarde demais. Tom levou uma pancada forte na cabeça e caiu de joelhos.

Estendeu as mãos e agarrou as pernas do homem que estava a sua frente. O homem soltou uma praga e deu um pontapé que atingiu Tom na virilha.

Ele uivou de dor e caiu para trás, batendo com a cabeça no passeio. Sem plena consciência do que estava acontecendo, sentiu novos pontapés dos agressores. Um deles meteu a mão em seu bolso e tirou o envelope do pagamento. Tom tentou inutilmente agarrar aquela mão.

— Não! Por favor! É meu pagamento! É tudo o que tenho!

O homem riu asperamente e deu um pontapé de despedida que foi atingir Tom na cabeça.

Tom viu o pesado pé aproximar-se, mas não pôde fazer nem menção de se esquivar. Sentiu como uma explosão cheia de clarões na cabeça. Rolou pelo passeio até cair na sarjeta com o rosto dentro de uma poça de água.

Voltou a si lenta e cansadamente, sentindo a água bater em seu rosto. Uma chuva fina havia começado a cair.

O corpo todo lhe doía quando se firmou nas mãos e levantou. Cambaleou, com a cabeça rodando, e teve de se apoiar num poste de luz para não cair. Nesse momento, a luz se apagou. Era quase dia e a claridade cinzenta do amanhecer se espalhava pela rua.

Viu seu boné azul de condutor caído na sarjeta um pouco adiante. Apanhou-o, limpou-o na roupa e foi andando. Havia um espelho na vitrine da farmácia da esquina. Parou um instante para se olhar.

A farda estava toda rota e suja, a gravata de banda, os botões da camisa arrancados. Levou

a mão ao rosto, espantado. O nariz apresentava-se inchado e um dos olhos se mostrava todo arroxado. Com a língua, sentiu as pontas de alguns dentes quebrados.

Ficou ali por um momento atônito e, então, compreendeu o que havia acontecido. Fora Riordan, tinha certeza. Era isso que Riordan estava fazendo ao telefone, quando ele saía do sindicato.

Isso queria dizer que ele nunca mais voltaria a trabalhar na companhia de bondes. Riordan tomara providências nesse sentido também. Lágrimas começaram a correr pelo seu rosto. Tudo havia saído errado. Não tinha mais emprego, nem dinheiro. E o pior de tudo era ter de dizer a Ellen.

Ela nunca iria acreditar que aquilo não era o resultado de uma bebedeira. E o mais irônico de tudo é que ele não havia tomado nem um copo de cerveja.

— Vai ficar sentado aí o dia inteiro, lendo os jornais e deliberando que espécie de emprego é mais conveniente a Vossa Alteza? — perguntou causticamente Ellen Denton.

Ela estava com o rosto irritado e embrulhava o almoço de Jennie num pedaço de papel impermeável. Tom não respondeu e voltou os olhos para o jornal, enquanto Jennie entrava na sala.

— Bom dia, mamãe — disse ela, com voz jovial. — Bom dia, papai.

— Bom dia, Jennie — respondeu Tom, sorrindo para a filha. — Como está minha comandante esta manhã?

— Muito bem, papai.

Era uma brincadeira particular entre os dois. Ele havia começado a chamá-la assim quando ela conseguira um emprego de datilógrafa numa companhia de seguros um mês antes. Isso acontecera cinco semanas depois de ele haver perdido o emprego na companhia de bondes e duas semanas após a formatura de Jennie no ginásio.

— Você agora é a comandante — dissera ele. — Mas vou conseguir alguma coisa nas próximas semanas e então você poderá ir para a escola de enfermagem, como deseja.

— Você está com muito batom, Jennie — observou a mãe. — É melhor tirar um pouco.

Tom olhou para a filha. Não lhe parecia que estivesse com muito batom. Ao contrário, tinha muito menos do que a maioria das moças que ele via todas as manhãs no bonde.

— Estou trabalhando agora num escritório, mamãe, e não frequentando uma escola. Tenho de andar decente.

— Pode andar decente e não pintada.

— Ora, Ellen, deixe a menina em paz — disse Tom, com uma ponta de aborrecimento na voz.

A mulher virou-se irada para ele:

— Você só terá o direito de abrir a boca quando voltar a trazer dinheiro para casa, para alimentar sua família, como é seu dever.

Tom olhou-a com cara fechada. Sentiu o sangue fugir de seu rosto. Jennie sorria para ele, o que o fez sentir-se ainda pior. Nunca havia imaginado que Jennie fosse ter pena dele. Mordeu os lábios para não prorromper em palavras cheias de raiva.

— Ih, vou chegar atrasada! — disse Jennie, pegando o embrulho de papel em cima da mesa e correndo para a porta. — Até logo, mamãe. Até logo, papai. Boa sorte hoje.

Tom ouviu seus passos na escada. Olhou por um instante o jornal e perguntou:

— Posso tomar mais uma xícara de café?

— Não. Já tomou uma xícara e basta. Quanto acha que pode tomar com os onze dólares que sua filha ganha?

— Mas o café já está feito aí.

— Vou guardar para esquentar de novo amanhã de manhã.

Ele dobrou o jornal cuidadosamente, levantou e foi até o banheiro. Abriu a torneira enquanto preparava o pincel e a navalha. Experimentou a água e viu que ainda estava fria.

— Ellen, não há água quente para eu fazer a barba.

— Faça então com água fria — disse ela da cozinha. — A não ser que você tenha vinte e cinco centavos para o gás. Estou economizando o gás que temos para o banho de Jennie.

Tom olhou-se no espelho. O rosto já estava curado dos sinais da surra que levava, mas o nariz ficara um pouco torto e dois dentes da frente estavam quebrados. Largou o pincel de barba e voltou para a cozinha.

Ellen estava de costas, diante do fogão. Pôs as mãos nos ombros dela e a fez voltar-se.

— Ellen, Ellen, o que foi que houve conosco? — perguntou, com voz terna.

Ela o encarou por um instante e depois afastou-lhe as mãos de seus ombros.

— Tire as mãos de cima de mim, Thomas Denton! Tire as mãos de cima de mim!

— Por que me trata assim, Ellen? Não tive culpa do que aconteceu. Foi a vontade de Deus.

— A vontade de Deus? — disse ela, com um riso irônico. — Olhem só quem fala em vontade de Deus. Um homem que não vai à igreja há tantos anos que eu até já perdi a conta. Se você pensasse um pouco mais no seu salvador e um pouco menos na sua cervejada dos sábados, ele lhe teria mostrado um pouco mais de misericórdia.

Tom deu um suspiro profundo. Depois voltou para o banheiro e começou a fazer a barba com a água fria. Nem sempre ela fora assim azeda e ferina, nem tão fanática a respeito da Igreja e dos padres. Em outros tempos, ela era Ellen Fitzgerald, de olhos buliçosos e pés ligeiros, como no dia em que a conhecera, no salão de danças irlandês Day Street.

Era a moça mais bonita do baile, com seu cabelo castanha, os olhos azuis e os pés pequenos. Fora em 1912 e haviam casado no ano seguinte. Um ano depois, Jennie nascera.

Ele já trabalhava na companhia dos bondes e, quando voltou da guerra, mudara-se com a família para aquele apartamento. Um ano depois, nascera o filho.

Pobre Tommy. O mundo não o quisera e, dois anos mais tarde, levaram-no para repousar no Cemitério Calvary. Jennie tinha então oito anos e não compreendeu muito bem o que aconteceu ao irmão. Ellen fora procurar consolação no sossego da igreja, para onde ia todos os dias, levando a filha. A princípio, ele não dera muita atenção ao fato, achando que o interesse de Ellen pela Igreja era muito natural, apesar de seu exagero, e não duraria muito.

Mas não foi o que aconteceu. Ficou sabendo disso numa noite em que a procurou na cama e a encontrou fria e indiferente. Tentou acariciar-lhe o seio debaixo da camisola grossa de algodão e ela se livrou dele, virando-se para o lado.

— Há meses que não se confessa. Não vai botar outro filho dentro de mim!

Ele tentou pilheriar.

— Quem está falando em filho? Quero apenas um pouco de amor.

— Pior ainda — disse ela, com a voz abafada pelo travesseiro. — É um pecado e não serei cúmplice desse pecado.

— É isso então que os padres estão metendo em sua cabeça? Que você deve repelir seu marido?

Ela não deu resposta. Ele a agarrou pelos ombros e a fez voltar-se para ele.

— É isso? — perguntou, com voz irritada.

— Os padres não me disseram nada. O que faço é por mim mesma. Conheço o Evangelho o bastante para saber o que é certo e o que é errado. E pare com esses gritos, senão vai acordar Jennie no outro quarto.

— Vou parar com os gritos — disse ele, com raiva.

Mas o calor do corpo dela reacendeu-lhe o desejo e ele a possuiu à força. Foi sacudido pelo espasmo e ficou quieto sobre ela, olhando-a. A mulher também o olhava, mas calma e imóvel, na mesma passividade com que procedera durante todo o tempo. Falou por fim numa voz tranquila e distante, indiferente, como se estivesse muito longe dali.

— Já acabou de derramar sua sujeira dentro de mim?

Ele sentiu um frio no estômago. Olhou-a por mais um momento e, depois, rolou para o seu lado da cama.

Ela levantou da cama e ajoelhou-se ao lado do pequeno presépio abaixo do crucifixo.

— Vou pedir à Virgem Mãe que não deixe sua semente ficar em mim — disse, asperamente.

Tom fechou os olhos e virou-se para o outro lado. Era isso que haviam feito com ela, estragando por completo sua vida conjugal. Sentiu-se tomado por imensa revolta.

Nunca mais pôs os pés numa igreja.

O silêncio era completo na nave da igreja. Ellen Denton, ajoelhada diante da imagem, passando por entre os dedos as contas do rosário, estava em paz. As orações que murmurava não lhe perturbavam o espírito, onde havia apenas um calmo, delicioso vazio. Envolvia-lhe o corpo todo e fazia recuar para bem longe o resto do mundo, além daquelas paredes reconfortadoras.

Os pecados de omissão, que a atormentavam quando ela se via longe daquelas paredes, eram apenas débeis ecos naquele momento. O pequeno Tommy repousava sossegado em seu túmulo, sem qualquer censura nos lábios — que eram como um botão de rosa — pela negligência que ela mostrara durante sua doença. Não havia para torturá-la qualquer recordação de seu corpo branco e nu contorcendo-se de prazer; enquanto seu filhinho sofria e agonizava no mesmo quarto.

Parecera apenas um resfriado sem importância, como as crianças em geral têm, amanhecendo quase sempre curadas no dia seguinte. Como podia ela saber que, enquanto ali estava deleitando-se com o marido, uma película qualquer se atravessara na garganta do menino, impedindo que o ar chegasse aos pulmões? Assim, quando ela fora ajeitar as cobertas, como em geral fazia antes de fechar os olhos para dormir, encontrara-o estranhamente imóvel e já frio. Como ela poderia saber que aquele teria de ser o castigo de seus pecados?

O padre Hadley procurara consolá-la em seu transe.

— Não teve culpa pelo que aconteceu, minha filha. O Senhor deu, o Senhor tomou. Seja feita Sua vontade.

Mas ela sabia. A lembrança da alegria que lhe dava o pecado era ainda bem forte dentro dela, embora ela procurasse lavar a alma com repetidas visitas ao confessorário. Mas as palavras consoladoras dos padres não lhe davam alívio à alma. A culpa era dela e só ela poderia extirpá-la. Mas ali, na sossegada paz da igreja, diante da imagem silenciosa e sofredora da Virgem, havia calma, vazio e esquecimento.

Johnny Burke estava aborrecido. Deu a última tragada no cigarro e jogou a ponta na rua. O rapaz com a cara cheia de espinhas que estava a seu lado disse:

— Vamos ver se a Tessie está ocupada.

— A Tessie está sempre ocupada. Além do mais, soube que um camarada pegou uma coisa feia com ela. Não quero me arriscar. Uma vez, pelo menos, gostaria de estar com uma garota com quem ninguém tivesse andado ainda.

— Como vai conseguir isso, Johnny?

— Ora, Andy, há jeitos — disse ele, misteriosamente. — Há sempre jeitos.

— Você fala como se soubesse de alguma coisa — replicou Andy, interessado.

Johnny riu e disse, batendo com a mão no bolso:

— Tenho uma coisa aqui que fará qualquer garota que eu quiser cair em meus braços.

— É sério, Johnny? O que é?

— Cantárida — respondeu Johnny, baixando cautelosamente a voz.

— O que é isso?

— É uma coisa que dá fogo às pessoas, imbecil. Roubei um pouco quando o doutor me pediu

que ficasse olhando a farmácia enquanto ele ia lá em cima.

— E isso dá resultado com qualquer uma?

— Claro que dá. Basta botar um pouco em qualquer coisa que a pessoa beba. Um pouquinho disso e ela fica tão quente como um biscoito quando sai do forno.

O dono da farmácia apareceu na porta.

— Johnny, quer fazer o favor de olhar a farmácia para mim? Preciso ir lá em cima por um instante.

— Pois não, doutor.

Os dois viram-no sumir na porta do lado e entraram na farmácia. Johnny foi para trás do balcão e se encostou displicentemente junto à registradora.

— Quer me dar uma Coca, Johnny? — perguntou Andy.

— Nada disso. Não posso dar nada de graça enquanto fico olhando a farmácia para o doutor.

Johnny começou a abrir as gavetas do balcão.

— Andy! Venha ver onde o doutor guarda as camisinhas!

Andy deu a volta pelo balcão e foi olhar.

— Quer fazer o favor de me dar uma Coca?

A voz da moça do outro lado do balcão os surpreendeu. Levantaram a vista, com olhos assustados, e Johnny fechou rapidamente a gaveta.

— É para já, Jennie.

— Onde está o doutor?

— Foi lá em cima por um instante.

— Ela nos viu — disse Andy, em voz baixa. — Ela sabe o que estávamos olhando.

Johnny olhou para Jennie. Talvez ela soubesse de tudo. Estava com um sorriso malicioso nos lábios. Acionou a bomba e viu o refrigerante escuro encher o copo.

— Teve alguma notícia do Champ, Jennie? — perguntou ele.

— Ainda não. Tínhamos combinado ir ao cinema hoje, mas ele ainda não voltou de Berkeley. Espero que não tenha havido algum contratempo com a bolsa.

— Não poderia haver — disse Johnny, sorrindo. — Ele já não passou nos exames?

Andy aproximou-se dele nesse momento e perguntou baixinho:

— Dará resultado nela?

Johnny compreendeu o que ele queria dizer. Olhou para Jennie e teve de repente a impressão de que nunca a vira direito. Ela havia se afastado do balcão e estava olhando as revistas. Agradou-lhe o jeito como o vestido leve de verão lhe caía no corpo. Nunca percebera que ela tinha um corpo tão bem feito. Não era de admirar que Mike Halloran a vigiasse de perto. De repente, meteu a mão no bolso, tirou um papel e esvaziou o pozinho branco que estava dentro dele no copo de refrigerante.

Jennie pegou uma revista na estante e voltou para o balcão. Johnny viu que ainda havia um restinho do pó boiando no copo. Pegou-o imediatamente e acionou a bomba, acrescentando mais um pouco de bebida. Colocou o copo diante dela e olhou para o relógio.

— É um pouco tarde para você estar na rua, não acha?

— Hoje é sábado — disse Jennie. — Estava fazendo muito calor no apartamento e eu vim

tomar um pouco de ar na rua.

Ela botou o dinheiro do refrigerante em cima do balcão e pegou um canudo de palha. Johnny olhou-a ansioso, enquanto ela provava.

— Está bom?

— Talvez um pouco doce.

— Vou botar um pouco mais de soda — disse Johnny, prontamente. — Que tal agora?

— Está bom — disse ela, depois de provar. — Muito obrigada.

Ele pegou o dinheiro, foi até a registradora e fez soar a campainha.

— Vi o que você fez — disse Andy, num sussurro.

— Cale a boca.

Jennie folheava a revista lentamente, enquanto tomava o refrigerante. O copo estava quase vazio quando o farmacêutico voltou.

— Tudo bem, Johnny?

— Tudo, doutor.

— Obrigado, Johnny. Quer tomar alguma coisa?

— Não, doutor, muito obrigado. Até amanhã.

— Por que saiu assim? — perguntou Andy, quando chegaram à rua. — Agora, nunca vamos saber se deu resultado.

— Vamos saber, sim — disse Johnny, olhando pela vitrine.

Jennie havia acabado o refrigerante e estava se levantando do banco. Colocou a revista de novo na estante e se encaminhou para a porta. Johnny apareceu à sua frente.

— Vai para casa, Jennie?

Ela parou e sorriu.

— Estava com vontade de ir dar um giro pelo parque. Talvez haja algum vento fresco soprando do mar.

— Você se importa se nós formos também? Não estamos fazendo nada.

Ela estranhou Johnny fazer esse pedido. Até então, ele nunca se interessara por ela.

Eram quase dez horas quando Tom Denton saiu do bar que ficava à frente da estação dos bondes. Estava bêbado. Era um bêbado tristonho, choroso e infeliz. Olhou para a estação e viu, lá dentro no desvio, o velho 212, o seu bonde. Mas não era mais e nunca mais seria o seu bonde.

As lágrimas começaram a rolar pelo rosto. Era um fracasso completo. Não tinha mais nem bonde, nem emprego, nem mesmo uma mulher para consolá-lo quando fosse para casa. Ela devia estar, naquela hora, num canto da igreja, rezando.

Não compreendia ela que um homem precisa de mais do que uma oração quando vai para a cama? Se ele tivesse algum dinheiro no bolso, saberia bem para onde ir; As garotas da casa de Maggie sabiam cuidar bem de um homem. Catou todos os níqueis que tinha nos bolsos e contou-os cuidadosamente. Apenas trinta e cinco cents. Pensou em voltar para o bar. Aquilo chegava para beber mais um pouco. Mas, se fizesse isso, teria de pedir dinheiro a Ellen na segunda-feira.

Sentiu que o efeito da bebida estava começando a dissipar-se. Com raiva, tornou a guardar o dinheiro no bolso. Não dava prazer nenhum beber quando se tinha de contar todo níquel que se

gastava. Já quase sem sinal da bebida, tomou devagar o caminho de casa.

Estava sentado no escuro à mesa da cozinha, quando Ellen chegou, meia hora depois. Ele ergueu os olhos, enfadado, quando ela acendeu a luz.

— Não o esperava em casa tão cedo — disse ela. — O que houve? Conseguiu acabar o estoque de uísque do bar?

Ele não deu qualquer resposta.

Ellen saiu da cozinha para o estreito corredor. Ouvia-a abrir a porta do quarto de Jennie e depois fechá-la. Um instante depois voltou à cozinha.

— Onde está Jennie?

— Não sei. Deve ter saído com Mike.

— Mike está em Berkeley. Jennie estava aqui quando saí para a igreja. Disse que ia dormir cedo.

— Está fazendo calor e ela deve ter ido tomar um pouco de ar.

— Não gosto que ela fique na rua sozinha.

— Deixe disso, Ellen. Jennie não é mais menininha.

Ela tirou uma chaleira do armário e colocou-a no fogão, acendendo o gás.

— Quer uma xícara de chá?

Ela o olhou, cheio de surpresa. Havia muito tempo que Ellen não o convidava para uma xícara de chá à noite. Aceitou, muito satisfeito.

Ela tirou as xícaras do armário e colocou-as em cima da mesa. Sentou-se então diante dele para esperar que a água fervesse. Mas tinha no rosto uma expressão preocupada.

— Não se preocupe — disse ele, com pena. — Jennie deve estar para chegar a qualquer instante.

Num raro momento de intuição, ela percebeu o que estava fazendo da vida de ambos. Sentiu as lágrimas virem-lhe aos olhos e tocou a mão de Tom.

— Desculpe, Tom. Não sei o que há comigo. Metade do tempo, fico imaginando coisas que nunca aconteceram.

— Eu sei, Ellen — disse ele, delicadamente. — Eu sei.

Foi nesse momento que o guarda bateu na porta do apartamento, dizendo que Jennie fora encontrada no parque, brutalizada e seviciada. Pela expressão que se estampou na fisionomia de Ellen, Tom chegou à conclusão de que estavam perdidos para sempre.

Os três saíram da igreja para o sol radioso da rua. Sentiram quase imediatamente os olhos de todos observando-os, cheios de curiosidade. Tom sentiu o corpo da filha crispar-se e notou o rubor de vergonha que lhe cobria as faces, ainda tumefatas das pancadas que levava havia quase duas semanas. Ela baixou os olhos para o chão, enquanto desciam os degraus da igreja.

— Levante sua cabeça, Jennie querida — disse ele, em voz baixa. — Eles é que deviam ter vergonha pelo que os filhos deles fizeram, e não você.

Jennie levantou a cabeça e sorriu para o pai, demonstrando toda sua gratidão.

— Você também, Ellen Denton — acrescentou ele. — Deixe de olhar para o chão.

De certo modo, Ellen sentia-se vitoriosa. O marido voltara afinal à Igreja. Pensou no que acontecera naquela manhã. Já estava vestida e pronta para ir à igreja. Foi chamar Jennie. Abriu a porta do quarto e encontrou a filha sentada numa cadeira, com os olhos distantes, voltados para a janela.

— Não está vestida ainda, Jennie! Está na hora da missa.

— Não vou à missa, mamãe — disse ela, com voz inexpressiva.

— Mas você ainda não esteve na igreja desde que recebeu alta do hospital. Quase não saiu de casa, ainda.

— Já saí, sim, mamãe — disse ela, voltando o rosto marcado, com olheiras profundas. — E todos me olharam com olhos arregalados e começaram a cochichar quando eu passei. Não aguento isso, mamãe. Não posso ir à igreja e servir de espetáculo para todo mundo.

— Você está negando o Salvador! — disse Ellen, exaltada. — Como pode esperar o perdão de seus pecados sem ir à igreja?

— De que pecados essa menina tem de ser perdoada? — disse a voz do marido, atrás dela.

Ela se voltou, imediatamente enfurecida.

— Basta um desertar da Igreja nesta casa — disse ela. — Não há necessidade de outro. Vá se vestir, Jennie. Você irá comigo, nem que eu tenha de levá-la à força.

— Não irei, mamãe — disse Jennie. — Não posso.

Ellen avançou ameaçadora para a filha, com a mão levantada. De repente, sentiu sua mão ser agarrada com força e se virou. Os olhos frios e duros do marido a encaravam.

— Deixe a menina, ouviu? Será que ficou completamente maluca?

Ela o olhou por um momento atônita e, então, a cólera se dissolveu dentro dela, deixando-a cansada e fraca. Seus olhos se encheram de lágrimas.

— O padre Hadley me pediu que a levasse. Ia fazer uma prece especial por ela.

Tom sentiu que a raiva de Ellen se havia dissipado e largou-lhe a mão. O braço de Ellen caiu, inerte. Tom voltou-se para a filha.

— É por isso que você não quer ir à igreja, Jennie querida? — perguntou, com uma imensa ternura na voz. — Porque ficarão olhando para você?

Ela confirmou com a cabeça.

— Você iria, se eu fosse também?

Jennie olhou para ele e viu amor em seus olhos. Pensou por um instante e respondeu:

— Sim, papai.

— Muito bem. Trate de se vestir. Vou fazer a barba e me aprontar num minuto.

Ellen continuou no quarto depois que ele saiu, tão surpresa que nem compreendia bem o que acontecera.

Houve um murmúrio de surpresa quando eles entraram na igreja e se encaminharam para o banco. Tom percebia os pescoços esticados, os olhos arregalados, e tremia ao contato da crueldade inerente a todos os seres humanos. Apertou com carinho e decisão a mão da filha, sorrindo enquanto dobrava o joelho diante do altar mor e fazia o sinal da cruz antes de sentar.

Pior ainda do que a entrada foi a saída. Os curiosos tiveram tempo de se aglomerar na escadaria, sob o sol radioso do domingo. Era como se Tom e sua família passassem por entre uma guarda de honra de idiotas.

— Pronto — disse ele, quando dobraram a esquina.

Atravessaram a rua, na direção da farmácia na outra esquina. Alguns rapazes estavam perto da porta da farmácia, todos vestidos com suas roupas domingueiras. Ficaram em silêncio quando a família se aproximou, fitando-a com seus olhos maliciosos de meninos de rua. Tom olhou duramente para eles e todos desviaram o olhar. A família passou e virou a esquina a caminho de casa.

Logo depois, Tom ouviu a súbita algazarra de suas vozes. Um dos rapazes riu, outro deu uma gargalhada, e aquela hilaridade tinha um acento de suja perversidade que feriu bem fundo o coração de Tom. De repente, ele largou o braço de Jennie e voltou para a porta da farmácia. Os rapazes o olharam surpresos, com os risos paralisados nos lábios.

— Qual é a pilhéria, rapazes? — perguntou, com o rosto branco de raiva. — Digam o que é, para eu rir também com vocês.

Eles o olharam em silêncio e envergonhados. Baixaram a vista, agitaram-se nervosamente e se entreolharam de maneira secreta, trazendo à memória de Tom seus tempos de rapaz. Era como se ele os tivesse surpreendido vendo fotografias pornográficas.

Teve vergonha do que havia sido na idade deles e um infinito cansaço tomou o lugar da cólera em seu coração.

— Saiam dessa esquina! — disse, — E, se eu souber que algum de vocês riu ou fez algum comentário sobre mim ou qualquer pessoa de minha família, virei aqui e arrebrentarei a todos, um por um!

O mais alto dos rapazes deu um passo na direção dele. Os olhos se mostravam furtivos e insolentes. Era um pouco mais alto do que Tom e o olhou com um leve sorriso de desprezo.

— A rua é pública. Podemos ficar aqui se quisermos.

A raiva de Tom explodiu de repente. Agarrou o rapaz pelo casaco e o fez dobrar os joelhos.

— É pública, é? — gritou, com as veias das têmporas inchadas. — É pública para vocês ficarem aqui escolhendo qual é a moça que vão assaltar de noite?

E levantou a mão para bater no rosto do rapaz. Este se encolheu. Toda a insolência havia desaparecido de seu rosto.

— Por que está querendo brigar com a gente, sr. Denton? Não fomos nós que defloramos Jennie.

Essas palavras pareceram congelar o sangue de Tom nas veias. Ficou ali, com a mão ainda levantada, olhando para o rapaz. Diziam aquilo de sua filha e ele nada poderia fazer para mudar os fatos. Deixou cair lentamente a mão e com um gesto violento empurrou o rapaz para o lado.

Tom olhou os outros rapazes e pensou consigo mesmo que eram apenas rapazes. Não podia odiá-los a todos pelo que dois tinham feito. O rapaz tinha razão. Não eram eles os culpados.

Então, um sentimento de culpa tomou conta dele. Se alguém tinha culpa, ele era o maior culpado. Se ele tivesse sido um homem e se conservasse empregado, talvez nada daquilo houvesse acontecido.

— É melhor saírem desta esquina — insistiu ainda. — Se me virem passar por aqui, será conveniente irem para o outro lado.

Os rapazes olharam para ele. Parecia até que estavam com pena dele. De repente, como se uma mensagem secreta houvesse sido misteriosamente transmitida entre eles, começaram a se dispersar.

Um momento depois, Tom estava sozinho na esquina. Ficou ali mais um pouco para combater o tremor súbito que sentia. Então, também se afastou daquele lugar para ir até onde a mulher e a filha o esperavam.

— Pronto — disse ele, pela segunda vez naquele dia, quando tomou o braço de Jennie e continuou no caminho de casa. Mas bem sabia que nada havia terminado e não terminaria enquanto ele tivesse vida para se lembrar.

O vento frio de setembro era o primeiro sintoma do outono. Jennie de dentro do bonde olhou para o ponto. Seu pai estava ali debaixo do poste de luz, esperando por ela, como passara a fazer todas as noites. O bonde parou e ela desceu.

— Olá, papai.

— Olá, Jennie querida.

Tomaram juntos o caminho de casa.

— Teve sorte hoje? — perguntou ela.

— Nenhuma, Não compreendo isso. Não se encontra um só emprego.

— Talvez encontre um amanhã.

— É o que espero, Jennie. Talvez depois das eleições as coisas comecem a melhorar. Roosevelt diz que o governo deve tomar a iniciativa de dar empregos ao povo e que os homens de negócios não estiveram à altura de suas responsabilidades. O que ele diz é mais lógico para os trabalhadores do que o que dizem Hoover e os republicanos. Como foram as coisas para você hoje?

— Tudo bem — disse ela.

Mas havia um ambiente pouco agradável no escritório. Muitos dos representantes da companhia ultimamente costumavam parar à sua mesa para conversar, quando entravam no escritório ou saíam. Quase sempre conversavam apenas, mas alguns haviam tentado marcar encontro com ela. Se as coisas fossem diferentes, talvez tivesse saído com eles. Mas, ao ver seus olhares, ela sabia muito bem o que estavam pensando. Tanto era assim que, quando ela recusava delicadamente, havia alguns que gaguejavam ou ficavam vermelhos.

— Não é preciso vir me esperar todas as noites, papai — disse ela, de repente. — Não tenho mais medo de voltar para casa sozinha.

— Sei perfeitamente disso desde o primeiro dia em que vim esperar por você. Mas é uma coisa que gosto de fazer. E a única vez no dia inteiro que tenho mesmo alguma coisa para fazer. Quer que eu deixe de vir?

— Não, papai, desde que o senhor goste de me esperar.
Já estavam diante da casa e começaram a subir os degraus. Tom pegou no braço da filha.
— Espere, Jennie querida. Vamos nos sentar aqui e conversar um pouco.
Ela viu que o rosto do pai estava muito sério e perguntou, meio alarmada:
— O que é, papai?
— Não disse nada à sua mãe, mas fui procurai o padre Hadley hoje.
— E então?
— Disse-me que não irá a juízo depor sobre seu caráter. Segundo ele, é contra as regras da Igreja. As irmãs da escola também não poderão ir.
Jennie sentiu um imenso desalento. O advogado tinha razão.

Um mês antes, o advogado fora procurá-los. Era um homem baixo e com o olhar manhoso de uma raposa

— O sr. Burke e o sr. Tanner me pediram que viesse vê-los — disse ele, sentado à mesa da cozinha. — Devem saber o quanto ambos lamentam esse... esse incidente e gostariam de lhes dar todas as compensações possíveis.

O rosto de Tom imediatamente ficara vermelho.

— Em primeiro lugar, sr. O'Connor, não se trata de um incidente. Esses dois rapazes...

O advogado ergueu a mão, interrompendo-o.

— Bem sabemos o que eles fizeram. Mas, sr. Denton, para que serviria um julgamento público, senão para atrair ainda maior atenção sobre sua filha e lembrá-la de um fato sem dúvida muito penoso? E se os rapazes forem absolvidos?

— Absolvidos? Ora, sr. O'Connor, eu estava na delegacia quando os guardas chegaram com eles. Estavam tremendo, chorando e dizendo que se arrependiam do que haviam feito.

— O que disseram nessa ocasião, sr. Denton, não tem importância. O que vale é o que eles disserem no tribunal. E dirão que sua filha é que os provocou, que foi ela que os convidou para um passeio no parque.

— Terão de provar isso — disse Tom.

— Será mais difícil ainda o senhor provar que não é verdade o que eles disserem. Eles são dois e contra eles haverá apenas a palavra de sua filha. E terão tantas testemunhas para provar a boa conduta deles quantas tiver sua filha.

— Parece até que minha filha é que vai ser julgada e não eles!

— Exatamente, sr. Denton. Em casos dessa natureza, o acusador sempre perde mais do que o acusado.

— A reputação de minha filha fala por si mesma! O padre Hadley e as irmãs do colégio falarão em favor dela e de sua conduta exemplar.

O advogado sorriu misteriosamente.

— Duvido, sr. Denton. Não leve a mal, mas duvido. Em todo caso, estou autorizado pelos meus clientes a oferecer-lhe a importância de mil dólares, se sua filha retirar a queixa contra os rapazes.

— Creio que o senhor já pode se retirar — disse o pai, levantando. — Não pode comprar o que já foi roubado.

O advogado também levantou. Tirou um cartão do bolso, colocou-o em cima da mesa e encaminhou-se para a porta.

— Pode me procurar no meu escritório a qualquer hora e qualquer dia antes do julgamento, caso mude de ideia.

Jennie recordou tudo isso na escada do prédio e perguntou:

— O que vamos fazer agora, papai?

— O padre Hadley me disse que já falara a mesma coisa para sua mãe há três semanas.

— Ela então sabia de tudo e nada nos disse!

Jennie sentiu um arrepio pela espinha. Era horrível uma mãe expor a própria filha à vergonha e ao ridículo, para ficar em paz com sua consciência.

— O padre Hadley disse também que sua bolsa de estudos no St. Mary ainda está à disposição, Jennie.

De repente, ela começou a rir. Negavam-se a defender o bom nome e a provar que ela era uma vítima inocente, mas ainda queriam fazer caridade. Jennie não conseguia conciliar as duas atitudes. Uma coisa seria para compensar a outra?

— Do que está rindo, Jennie? — perguntou o pai, surpreso.

O riso morreu e ela o olhou, muito séria.

— De nada, papai. Pode procurar o tal advogado.

— Você vai aceitar os mil dólares?

— E a bolsa para o St. Mary também. Assim, vocês dois conseguirão viver durante minha ausência.

— Não vou aceitar esse dinheiro, Jennie!

— Vai, sim, papai. Pelo menos, até encontrar emprego e se apumar de novo.

Os olhos de Tom se encheram de lágrimas e ele perguntou, abraçando a filha:

— Ainda gosta de mim, Jennie querida? Ainda gosta deste seu velho pai fracassado?

— Você bem sabe que eu o adoro, meu pai — respondeu ela, encostando a cabeça no ombro dele. E ficaram os dois ali, chorando na escada da casa, naquele sossegado e frio crepúsculo de outono.

Durante algum tempo, o único som que se ouvia era o leve chiado das lâmpadas fluorescentes sobre o campo cirúrgico. As mãos do dr. Grant eram rápidas e seguras. Levantou habilmente o apêndice perfeitamente normal da mulher robusta e rica que estava estendida na mesa de operação.

— Pronto — disse ele, com um suspiro de satisfação. — Pode fechar, dr. Lobb.

Afastou-se um pouco da mesa e uma das enfermeiras prontamente enxugou as gotas de suor de seu rosto, enquanto o cirurgião de plantão do hospital suturava a incisão.

Jennie olhou para a irmã Mary Christopher. Se a enfermeira-chefe sabia que o apêndice não apresentava nenhuma infecção, não dava a menor demonstração disso nos olhos pretos, visíveis acima da máscara.

— Sutura — murmurou o dr. Lobb, estendendo a mão.

Jennie automaticamente o atendeu. Depois, não teve tempo de levantar a vista durante alguns minutos. Estava muito ocupada. Mas sabia que a irmã Mary Christopher a observava. Isso não a deixava nervosa como a princípio, três anos antes. A formatura seria no mês seguinte.

A irmã Mary Christopher observava Jennie com aprovação. Aquela moça era um dos pontos altos de sua turma. Talvez uma moça em cem tivesse a vocação para a cirurgia que Jennie demonstrava. Muitas coisas eram necessárias, e Jennie tinha todas. Não se perturbava ao ver sangue e isso era assim desde a primeira vez. Era precisa e segura em todos os seus atos. Bem depressa se estabelecera uma afinidade entre ela e os instrumentos e, depois, entre ela e os operadores. Caso não existisse afinidade, que possibilitava uma espécie de comunicação sem palavras entre o médico e a enfermeira, uma operação poderia ser perigosamente retardada, se os instrumentos fossem passados demoradamente de um lado para outro.

O fator decisivo para que fosse boa enfermeira, porém, era a energia, revelada em sua resistência física. Era preciso conseguir passar horas ao lado da mesa, ainda que os pés doessem e houvesse uma sensação de cansaço nos músculos das coxas e das costas, em virtude daquela posição inclinada. Era necessário comunicar ao operador essa energia e a certeza de que todos os esforços ali se conjugavam para o mesmo fim. E havia necessidade de energia, quando a corrente de esforços falhava e o doente, agora para sempre silencioso, era levado da sala e se tinha então de preparar tudo no centro cirúrgico e restabelecer a corrente para novo doente.

O dr. Lobb levantou a cabeça e disse:

— Gaze.

Jennie estava pronta com a gaze no momento em que ele levantou a mão da incisão. Cobriu rápido a incisão e com a outra mão apanhou o rolo de esparadrapo. Aplicou firmemente o esparadrapo, verificando com um olhar se tudo estava em ordem, e levantou as mãos para dizer que tinha acabado.

A irmã Mary Christopher fez um gesto e a doente foi prontamente levada para outras atendentes. As lâmpadas fluorescentes foram desligadas. As operações da manhã no St. Mary haviam terminado.

— É o quarto apêndice bom que ele tira num mês — disse Jennie, em voz baixa, enquanto a água corria na pia. — Por quê?

O jovem médico de plantão riu.

— A duzentos e cinquenta dólares por apêndice, não se discute com os doentes.

— Mas ele não precisa disso — murmurou Jennie. — É um grande operador. Não tem tempo de fazer todo o trabalho que lhe aparece.

— Sem dúvida — disse o dr. Lobb. — Mas até os grandes operadores precisam viver. A maior parte dos casos são de graça ou de pagamento muito difícil. Que mal há que ele, de vez em quando, tire um apêndice perfeito de um cliente que acha que está doente? Não há nenhum risco. O médico consegue dinheiro para viver e o doente fica satisfeito e pode falar a todo mundo sobre sua operação.

Pegou a toalha e murmurou:

— Oh! Lá vem o grande homem em pessoa.

Jennie começou a enxugar as mãos na toalha. Ouvia a voz do médico às suas costas.

— Srta. Denton?

— Pronto, dr. Grant — disse ela, voltando-se.

— Vai se formar no mês que vem, não é?

— Assim espero.

— Não creio que deva se preocupar muito. Estive falando com a irmã Mary Christopher. Ela tem muito bom conceito com relação a seu trabalho. E eu também.

— Muito obrigada.

— Tem algum plano para depois da formatura?

— Para dizer a verdade, não. Vou fazer os exames finais e me candidatar a um dos grandes hospitais.

— Todos os hospitais têm gente demais.

Jennie sabia o que ele queria dizer. Na realidade, os hospitais não tinham gente demais. Ao contrário, tinham pouca gente, porque não podiam pagar todo o pessoal de que necessitavam, especialmente na sala de cirurgia, onde os salários eram mais altos.

— Eu sei — disse ela.

— Vai fazer alguma coisa agora? — disse ele, depois de uma pausa.

— Ia descer para almoçar no restaurante..

— Gostaria de ter uma conversa. A irmã Mary Christopher disse-me que poderá ir almoçar fora. Que tal o Excelsior?

— Ótimo — disse Jennie.

— Muito bem — falou ele, sorrindo. — Vou esperá-la em meu carro. É o Packard preto.

— Eu sei — disse ela, prontamente. Todas as enfermeiras conheciam o carro. Ficava sempre estacionado diante do dormitório delas. Depois do Cadillac preto do dr. Gedeon, era o carro mais caro do hospital.

— Daqui a quinze minutos, então.

Jennie saiu para o corredor e apertou o botão, chamando o elevador. Quando ela ia entrando, o dr. Lobb apareceu correndo e tomou também o elevador.

— Vai almoçar no Excelsior, hein?

— Não imagino o que ele quer comigo — disse Jennie.

— Eu sei — replicou ele, com um riso que era mais do que malicioso. — Mas eu não tive

sorte em conseguir a mesma coisa no nosso restaurante.

Ela também riu.

— E ele não terá mais sorte no Excelsior.

— Não sei não, Jennie. Um dia, você vai ter de dar isso a alguém. Não vai deixar para os bichos comerem.

— Isso nunca acontecerá — disse ela. E pensou que era tarde demais. Mas não tinha importância. O caso estava esquecido e encerrado, e ninguém ali sabia de nada. — Mas ainda não sei o que ele quer.

— Talvez queira que você trabalhe para ele. Já pensou nisso?

— Pensei, sim. Mas não tem sentido. Por que eu? Ele pode escolher o que há de melhor por aqui.

— Menina — disse o dr. Lobb, muito sério —, você é o que há de melhor aqui. Já é tempo de compreender isso.

A porta do elevador se abriu e eles saíram no corredor do porão onde ficava o restaurante dos empregados. Jennie olhou para o uniforme:

— Vou tirar isso e botar um vestido.

— Se fosse eu — replicou o dr. Lobb, rindo —, bastaria você tirar isso. Dispensaria com prazer o vestido.

Ela olhou para ele, sorrindo. Aquele moço ia ser algum dia um grande operador; e dos melhores.

— Talvez um dia eu lhe faça uma surpresa.

— Quer me fazer uma surpresa? Traga-me um bom filé do Excelsior. A outra já dei por perdida.

O dr. Grant ofereceu-lhe um cigarro e o acendeu. Ainda com o fósforo aceso, perguntou:

— Deve estar querendo saber por que a convidei para almoçar, não é?

— Posso dizer, ao menos, que estou curiosa.

— Desculpe se provoquei sua curiosidade. Sempre disse que gosto de esquecer de meu trabalho na hora do almoço. Mas é do meu trabalho que vou tratar. Tive no ano passado, srta. Denton, uma excelente oportunidade de observar seu trabalho em cirurgia. Desde o início, notei sua aptidão para esse tipo de atividade e, como cirurgião, não poderia deixar de apreciar sua maneira muito competente de prestar assistência.

— Obrigada, dr. Grant.

— Como deve saber, tenho uma clínica muito grande e trabalhosa. Há muitos médicos que me mandam seus clientes quando necessitam de alguma operação. Muitos casos são de menor importância e podem, com os devidos cuidados, ser atendidos em meu consultório. Isso diminui consideravelmente as despesas dos clientes.

Jennie ouvia-o em silêncio.

— Hoje de manhã, a srta. Janney, que trabalha comigo há muitos anos, me disse que vai casar e pretende ir viver no sul da Califórnia. Quando cheguei ao hospital hoje, tomei a liberdade de falar com a irmã Mary Christopher a seu respeito. Ela é de opinião que seria uma excelente substituta para a srta. Janney.

— Quer dizer que deseja que eu vá trabalhar com o senhor?

— Era exatamente o convite que eu ia lhe fazer, depois de tantos rodeios. Está interessada?

— Claro que sim. Quem não estaria?

— Não é um serviço fácil, é bom ficar sabendo. Tenho alguns leitos em minha clínica e quase sempre precisamos trabalhar até bem tarde. De vez em quando, um doente tem de passar a noite lá. Nessas ocasiões, você precisará ficar de plantão.

— Dr. Grant — disse Jennie, sorrindo —, na semana passada, fiz dois turnos de trabalho de oito horas todos os dias, com apenas quatro horas de sono no intervalo. Trabalhar para o senhor será um piquenique.

Ele sorriu e bateu em sua mão. Jennie também sorriu. Ele não era tão mau assim, ainda que extraísse apêndices perfeitamente sãos. Era apenas o operador. Não poderia ser responsável pelos diagnósticos errados de todos os médicos que lhe mandavam clientes.

Isso foi antes de começar a trabalhar para ele, pois descobriu que apêndices sãos não eram a única coisa que ele tirava. Tinha também muito trabalho com mães que se negavam a ter filhos. De fato, era talvez o maior operador de abortos da Califórnia.

Mas, quando ela soube disso, o fato não tinha importância, porque ela o amava. E também não tinha importância que ele já fosse casado e tivesse três filhos.

O telefone tocou no exato momento em que ela ia sair do pequeno apartamento de dois cômodos em cima da clínica.

— Consultório do dr. Grant — disse ela, numa extensão do telefone que ficava embaixo, no consultório.

— Jennie?

— Sim.

— Vai ficar ainda um pouco aí?

— Ia sair agora mesmo para ver minha família. Há três semanas que não apareço em casa. Este é o terceiro domingo seguido...

— Escute, deixarei você ir vê-los durante a semana. Mas preciso falar com você, Jennie.

Ela hesitou por um instante e ele insistiu:

— Por favor, Jennie! Sou capaz de enlouquecer se não nos virmos hoje!

Ela olhou para o relógio. Passava um pouco das sete horas. Chegaria em casa, do outro lado da cidade, quase na hora de seu pai ir para a cama. Teria de acordar cedo para trabalhar no dia seguinte.

— Está bem — disse ela, simplesmente.

— Ótimo, Jennie. Estarei aí dentro de vinte minutos. Eu te amo.

— Eu também — disse ela, e desligou o telefone.

Tirou o casaco e guardou-o no armário. Depois sentou-se no sofá e acendeu um cigarro.

Quem iria pensar, três meses antes, quando ela começara a trabalhar ali, que ele se apaixonaria por ela? Ou ela por ele? Mas o que ela poderia fazer? Especialmente sabendo que vida ele levava em casa. Era casado com uma mulher rica e mimada que lhe fazia constantes desaforos. Dizia que ele tinha consultório, nome e prestígio graças ao dinheiro e à influência do pai. A mulher lhe dera três filhos não por amor, mas pelo desejo insano de prendê-lo.

Não era de admirar que ele houvesse procurado refúgio no trabalho e passasse na clínica ou nos hospitais quase todos os seus momentos. Ela compreendera então por que ele vivia naquela agitação. E aquelas mulheres que apareciam na clínica para fazer abortos? Ele explicara isso também e ela passara a aceitar.

Vira uma bondade genuína em seu rosto sensível, enquanto ele explicava:

— O que eu posso fazer, Jennie? Devo repelir essas criaturas e deixar que arruinem a vida em consequência de um momento de insensatez? Ou então devo deixá-las cair nas mãos de algum charlatão, que poderá torná-las doentes pelo resto da vida ou até matá-las, tudo isso para respeitar princípios religiosos antiquados? Esses princípios tiveram justificação em outros tempos, mas persistem hoje apenas por hábito, como é o caso dos judeus quando teimam em só comer carne do animal morto de certa maneira. Até as nossas leis civis admitem o aborto em determinadas circunstâncias. Um dia, isto será franco e legal aqui, como já o é em muitos países do mundo: Cuba, Dinamarca, Suécia e vários outros.

Olhou-a com firmeza e continuou:

— Quando me formei, fiz o juramento de me esforçar ao máximo pelos doentes, de ajudá-los de todas as maneiras possíveis, material e psicologicamente. Esse juramento para mim é mais importante do que tudo mais. Quando alguma pobre mulher assustada me procura, quem

sou eu para me atribuir qualidades divinas e deixar de ajudá-la?

Jennie havia encontrado sentido nisso. Muitas coisas na Igreja ela não compreendia. Lembrava-se de como os religiosos haviam agido em seu caso, e aquilo era uma coisa que ainda lhe afligia o coração. Por que não quisesam defendê-la e proclamar sua boa conduta e inocência? No fundo, a única coisa que eles queriam era dominá-la, e não assumir responsabilidades por ela.

Assim, acabara por conhecer os tipos de mulheres que iam pedir a assistência do dr. Grant. E começou a ter pena delas. Era a jovem esposa que não podia deixar o emprego para ter um filho, porque ela e o marido já tinham em casa uma prole maior do que podiam sustentar. Eram mocinhas solteiras e inexperientes que ainda estudavam ou haviam concluído os estudos há pouco. Eram mulheres de meia-idade, algumas já à beira da menopausa, com todos os outros filhos crescidos e criados. Eram jovens que viviam de se vender e andavam de um lado para outro em festas e prazeres, até aparecerem no consultório com uma sombra de pânico escondida no fundo de sua leviandade. Inspiravam-lhe todas a mesma compaixão que o dr. Grant sentia. E a partir de tudo isso, não foi nada difícil começar a amá-lo.

Aconteceu um mês depois de estar trabalhando com ele. Ela estava no apartamento e ouvira um barulho no consultório, embaixo. Eram oito horas da noite. A princípio, ficara confusa pensando que fosse uma noite de consulta. Mas logo se lembrou de que era quinta-feira e o médico só dava consultas à noite nas segundas, quartas e sextas. Apagou o fogo da chaleira e, vestindo um robe, desceu para ver o que era.

Quando abriu a porta do gabinete, encontrou o dr. Grant sentado a mesa, com o rosto carrancudo e fechado.

- Desculpe, dr. Grant. Não sabia que era o senhor. Ouvi um barulho e vim ver o que era.
- Está tudo bem, srta. Denton.
- Boa noite, dr. Grant — disse ela, abrindo a porta para sair
- Espere um pouco — pediu ele, de repente.
- Pronto, dr. Grant.

Ele sorriu:

— Temos enfrentado tanto trabalho que ainda não tive tempo de lhe perguntar: Está satisfeita aqui?

- Estou, sim, doutor. Muito.
- É com prazer que ouço isso.
- Devia ir para casa, dr. Grant. Parece tão cansado!
- Casa? — replicou ele, com um sorriso triste. — Minha casa é esta. A única coisa que faço naquele outro lugar é dormir.
- Não... não compreendo, doutor.

— Claro que não compreende. Nem pode compreender. É muito moça e muito bonita para se preocupar com gente como eu. Sabe de uma coisa? Volte para seu apartamento. Procurarei fazer o mínimo de barulho que me for possível. Não quero perturbá-la.

A luz do abajur em cima da mesa iluminava seu rosto de uma maneira que o tornava ainda mais bonito que de costume. Ela ficou na porta olhando para ele e começou a sentir seu coração bater de maneira estranha.

- Mas não posso deixar de me preocupar com o senhor. Acho que trabalha demais.
- Muito obrigado, mas não se preocupe — disse ele, com uma voz sem expressão. Voltou-

se então para ela e começou a olhá-la.

Jennie teve a impressão de que estava rolando num turbilhão dentro daqueles olhos castanhos. Sentiu as pernas tremerem e teve de se apoiar ao batente para refrear aquela tontura. Não disse uma palavra. Deixou-se ficar ali, imóvel, olhando-o.

— Está sentindo alguma coisa? — perguntou ele.

— Não — disse ela, depois de fazer um esforço desesperado para falar. Conseguiu, afinal, desviar os olhos e saiu correndo pela escada acima.

Ela só percebeu que ele a seguira, quando a alcançou na porta do apartamento. Sentia através do robe fino o calor da mão dele em seu ombro.

— Está com medo de mim, Jennie?

Voltou-se para olhá-lo e viu a angústia que lhe enchia os olhos. Uma estranha fraqueza a dominava e ela teria caído, se ele não a estivesse amparando.

— Não — murmurou ela.

— O que é, então?

Ela baixou os olhos, sem falar. O calor da mão dele insinuava por todo seu corpo um fogo abrasador.

— Diga-me! — insistiu ele.

— Não posso — replicou ela, com lágrimas nos olhos.

— Pode, sim, Jennie. Eu sei o que você está sentindo. É o mesmo que eu sinto. Não posso mais dormir sem sonhar com você, sem sentir você perto de mim.

— Não. Por favor! Não é direito.

— Eu te amo, Jennie! — disse ele, acariciando-lhe o rosto.

Ela o fitou nos olhos, viu o rosto dele chegar cada vez mais perto e sentiu sua boca esmagada por um beijo. Fechou os olhos por um momento, sentindo-se envolta numa indizível exaltação. De repente, afastou-se dele e entrou no apartamento. Ele a seguiu e fechou a porta.

— Você me ama. Confesse!

— Não, não — murmurou ela, com os olhos arregalados.

Ele se aproximou, agarrou-a pelos ombros com suas mãos fortes e repetiu decidido:

— Confesse!

Ela sentiu a fraqueza aumentar e não pôde desviar mais os olhos.

— Sim, eu amo você!

Ele tornou a beijá-la, demoradamente. Ela sentiu sua mão por dentro do robe. Os dedos desabotoando às suas costas o sutiã, e os seios, livres, saltarem agradavelmente nas mãos dele. Um tremor de êxtase percorreu-a toda e ela quase caiu.

— Não faça isso — dizia ela fracamente, nos intervalos do beijo. — É errado.

Ela e tomou nos braços e a carregou até a cama.

— Quando um homem e uma mulher se amam — disse —, nada do que fazem na intimidade de sua casa é errado. E esta é a nossa casa.

E tornou a beijá-la.

Tom olhou para o relógio da cozinha. Passava um pouco das dez. Dobrou o jornal e disse:

— Acho que ela não vem mais e eu vou dormir. O pessoal da Aliança diz que vou ser capataz e, por isso, não posso chegar atrasado ao serviço.

— Se você der ouvido a esse pessoal da Aliança dos Trabalhadores, que não passa de um bando de comunistas, acabará perdendo seu lugar na obra — disse Ellen, azeda.

— Diga o que quiser, mas não pode negar que já me fizeram um bem. Já me arranjaram vaga para trabalhar o dia todo e não apenas metade do dia. Eles defendem o interesse do trabalhador.

— Os comunistas são pagãos. O padre Hadley me disse que eles são contra a Igreja porque não acreditam em Deus. Estão apenas enganando os trabalhadores para chegarem ao poder, como na Rússia. Quando conseguirem, fecharão as igrejas e farão de todos escravos, trabalhadores ou não.

— E o que tem isso? O padre Hadley nunca me arranjou um emprego nem pagou nossas contas. Foi a Aliança que me deu um lugar e providenciou para que eu ganhasse o bastante para pagar o aluguel da casa e comprar comida. Pouco me interessa o que o padre Hadley disser deles, enquanto continuarem a me tratar bem.

— Que bela família a minha — continuou a mulher, com um sorriso amargo. — Um marido comunista e uma filha que nunca tem tempo de vir para casa.

— Talvez esteja ocupada. Bem sabe que ela está num lugar de muita responsabilidade. A irmã do St. Mary não disse no dia da formatura que ela tinha muita sorte em ir trabalhar com um médico tão importante?

— Está certo, mas não custava nada aparecer em casa de vez em quando. Aposto que ela nunca mais foi à missa depois que saiu do St. Mary.

— Como sabe? Há muitas igrejas em San Francisco.

— Eu sei, eu sinto. Ela não quer vir nos ver. Está ganhando muito dinheiro agora e se envergonha de nós.

— E será que ela tem algum motivo de se orgulhar de nós? Você pregando sempre seus sermões contra ela, e os rapazes da rua ainda com risinhos quando ela passa. Acha que tudo isso daria a ela vontade de aparecer em casa?

— Não é direito uma moça afastar-se assim de casa — replicou ela, obstinada. — Nós bem sabemos o que é a vida no meio em que ela está, cada qual dormindo com a mulher do outro e bebedeiras sem fim. Também leio os jornais, sabe?

— Jennie é uma boa moça, Não iria viver uma vida dessas.

— Sei lá. Às vezes, o gosto da tentação é como uma colher de mel. Adoça a boca, mas não dá para enchê-la. E ela já teve o gosto da tentação.

— Não acredita em sua filha, não é? Prefere acreditar em dois malandros desclassificados!

— Por que então ela não foi ao tribunal? Se fosse verdade o que ela dizia, não devia ter medo. Mas não! Pegou os mil dólares e deixou-se ser rotulada de prostituta!

— Você sabe muito bem por que ela não foi ao tribunal. E pode agradecer à sua Igreja por tudo. Negaram-se até a ir dizer que ela era uma boa moça e muito bem comportada. Com certeza, tiveram medo de que os pais dos rapazes deixassem de fazer suas contribuições semanais.

— A Igreja mandou-a para a escola. Depois arranhou-lhe o emprego que ela tem agora. Cumpru com seu dever.

— Então, de que você está se queixando?

Ela ficou por um momento imóvel, ouvindo o marido jogar com raiva os sapatos no chão enquanto se despia no quarto. Depois levantou e encostou a mão no aquecedor. Um banho quente lhe faria bem e lhe aliviaria um pouco as dores do corpo. O tempo úmido a fizera piorar da artrite. Pegou um fósforo e ajoelhou-se ao lado do aquecedor. Riscando o fósforo, abriu a torneirinha do piloto. O gás se acendeu por um instante, para logo morrer num pequeno círculo amarelado. Estavam sem gás. O medidor marcava o vermelho. Pegou a bolsa e viu que não tinha uma só moeda de vinte e cinco cents para botar no medidor. Pensou em pedir uma moeda a Tom, mas encolheu os ombros. Não queria ouvir mais reclamações. Passaria sem o banho. Tomaria banho de manhã, quando voltasse da missa. Entrou no banheiro e aproveitou o resto da água quente para lavar o rosto. Quando saiu, Tom estava na cozinha, nu da cintura para cima. Ela passou por ele em silêncio e fechou a porta do quarto.

Tom entrou no banheiro e se lavou ruidosamente. De repente, a água ficou fria. Disse um palavrão e enxugou-se. Depois procurou uma moeda nos bolsos das calças e colocou-a no medidor. Viu o vermelho desaparecer, e sorriu, satisfeito.

No dia seguinte, ligaria o aquecedor e logo teria água bastante para fazer a barba. Foi para o quarto, deixando a porta aberta, sem perceber o leve barulho que saía do aquecedor que Ellen deixara ligado.

Estendeu as calças na cadeira e sentou-se na cama. Bocejou e deitou. Tocou com o ombro em Ellen, que imediatamente se afastou para seu lado na cama.

Ora, quem se importava? Talvez os comunistas estivessem certos com suas conversas de amor livre. Ao menos, um homem não tinha de suportar uma mulher como aquela.

Os olhos estavam pesados. Ouviu por um instante a respiração compassada da mulher, que já estava dormindo. Sorriu, pensando na mulher que escolheria se já houvesse o amor livre. Ellen iria ver uma coisa. Os olhos se fecharam e ele se uniu à mulher no sono. E na morte.

Jennie estava sentada na cama, cobrindo com o lençol o corpo nu, seus olhos amedrontados voltados para a mulher à porta. Do outro lado da cama, Bob abotoava apressadamente a camisa.

— Pensou que ele ia se separar de mim por sua causa? — dizia a mulher a Jennie. — Pensou que era a primeira? Ele não lhe contou quantas vezes já vim surpreendê-lo assim? Ou julga que ele realmente está apaixonado por você?

Jennie não respondeu.

— Diga-lhe, Robert — continuou a mulher, irada. — Diga-lhe que você quis ir comigo para a cama ontem à noite e, quando eu recusei, veio correndo para cá. Diga-lhe!

Jennie olhou para ele. Estava muito pálido e procurava não olhar em sua direção. Vestiu o paletó e encaminhou-se para onde estava a mulher.

— Você está muito nervosa. Vou levá-la para a nossa casa.

A nossa casa... Jennie sentiu um frio no estômago. Ele dissera que a casa dele era aquela, onde eles haviam se amado. Mas agora falava de um outro lugar, de outra casa...

— Estou sempre nervosa, não é, Robert? Você sempre me promete que isso não voltará a acontecer. E entretanto... Está bem, irei. Mas só depois de você dizer a ela a verdade, ouviu?

— Por favor, querida. Direi depois. Agora, não.

— Neste momento, Robert! — insistiu ela, friamente. — Ou então o mundo todo ficará conhecendo o dr. Grant, o charlatão, o fazedor de abortos, o grande amoroso.

Ele se voltou e disse com voz rouca a Jennie, que ainda estava na cama:

— Terá de sair daqui, srta. Denton. A verdade é que não a amo. Amo minha mulher.

Quase no mesmo instante em que a porta se fechou e os dois saíram, houve uma explosão num velho pardieiro do outro lado da cidade. Depois que os bombeiros retiraram das chamas os corpos carbonizados, deram sua opinião. As vítimas tiveram morte tranquila. Já haviam morrido pelo gás antes de o incêndio começar.

Charles Standhurst tinha oitenta e um anos quando conheceu Jennie Denton. Eram oito horas de uma manhã de primavera em 1936 e ele estava na sala de operações do Sanatório Colton, em Santa Monica. Ele era o doente que estava sendo colocado na mesa de operações e ela, a enfermeira-chefe da sala.

Sentiu as pernas sendo colocadas nos suportes. Prontamente uma espécie de lençol foi armado de tal modo que, ainda que ele movesse a cabeça, não poderia ver a metade inferior do corpo. Quando os preparativos acabaram, ela apareceu de repente, foi até os pés da mesa e levantou o lençol.

Ele ficou por um momento embaraçado, ante a maneira impessoal como ela lhe inspecionava as partes íntimas. Depois de cinco esposas, inúmeras amantes e mais de quarenta filhos de que ele tinha certeza, dos quais apenas oito eram o resultado de seus casamentos, pareceu-lhe estranho que alguém pudesse olhá-lo de maneira tão desprendida. Muita vida brotara daquela fonte.

Ela deixou o lençol cair e o olhou. Havia um brilho de humor em seus inteligentes olhos cinzentos e ele ficou sabendo que ela compreendia.

Depois aproximou-se e tomou-lhe o pulso.

— Onde está o dr. Colton? — perguntou ele.

— Virá neste momento. Está se lavando.

Ela largou o pulso e disse alguma coisa a alguém atrás dela. O sr. Standhurst virou os olhos e viu outra enfermeira. Sentindo a picada de uma agulha no braço, virou prontamente a cabeça. Ela já estava tirando do braço dele a agulha com a seringa.

— Ei, você é ligeira — disse ele.

— Tenho de ser. É minha profissão.

— Eu também sou.

Os olhos cinzentos brilharam de novo.

— Sei disso. Leio os jornais.

Nesse momento, o dr. Colton entrou.

— Olá, sr. Standhurst — disse, com sua maneira jovial. — Como vão as coisas?

— Para você, não sei, mas para mim vão mal — respondeu o velho, secamente. — Do contrário, vocês não me pegariam aqui neste matadouro.

O dr. Colton riu.

— Ora, não tem nada com que se preocupar. Vamos tirar essas pedras dos rins num instantinho.

— De qualquer maneira, estou contente de que tenha chamado um especialista para fazer o serviço. Sei lá o que você iria me cortar.

Essas ironias não perturbavam o dr. Colton. Conheciam-se havia muito. Fora Charles Standhurst quem adiantara a maior parte do dinheiro para a construção do sanatório.

O operador chegou e ficou ao lado do dr. Colton.

— Pronto, sr. Standhurst?

— O que adianta eu não estar? Deixe alguma coisa para as mulheres, está bem, doutor?

O cirurgião fez um gesto com a cabeça e Standhurst sentiu uma picada no outro braço. Virou a cabeça e viu Jennie.

— Olhos cinzentos — disse ele, pensando que sua segunda mulher tivera olhos cinzentos, ou talvez a terceira, não sabia mais.

— Pode tirar essa máscara para eu ver o resto de seu rosto? Tornou a ver os olhos brilharem e ela disse:

— Não creio que os médicos concordem com isso. Mas, depois da operação, irei fazer-lhe uma visita. Certo?

— Magnífico. Tenho a impressão de que você é muito bonita. Não viu o anestesista que estava por trás dele fazer um sinal.

Jennie inclinou-se sobre o rosto dele.

— Agora, sr. Standhurst, conte comigo a partir de dez, em ordem decrescente. Dez, nove, oito...

— Sete, seis, quatro, cinco, dois, nove...

Ele movia os lábios lentamente e tudo parecia tão confortável e distante...

— Dez, oito, um, três... seis... quatro... um... dois...

A voz se extinguiu.

O anestesista olhou para o operador.

— Pronto — disse.

Todos viram ao mesmo tempo, quando olharam pela cavidade que o cirurgião abria no corpo, a massa cinzenta que cobria todo um rim e já lançava finas linhas na direção do outro. Sem levantar a cabeça, o operador jogou os dois pedaços daquela matéria que cortara nas lâminas que Jennie segurava debaixo da mão dele. Ela passou as lâminas a uma enfermeira que estava atrás dela, sem se voltar.

— Patologia — disse.

A enfermeira saiu rapidamente e Jennie, com a mesma precisão de movimentos, pegou dois hemostatos. O cirurgião-assistente tomou-os e amarrou duas veias expostas pelo bisturi do operador.

— Não vai esperar a biópsia? — perguntou o dr. Colton, ao lado do cirurgião.

— Não, salvo se o senhor quiser assim, doutor.

O operador trabalhava com rapidez, preparando-se para extrair o rim infeccionado.

— Charles Standhurst não é um homem comum — murmurou o dr. Colton.

Todos em volta da mesa de operação sabiam disso. Em várias ocasiões, o homem ali estendido poderia ter sido o que quisesse, governador, senador, o que fosse. Com mais de vinte grandes jornais espalhados pelo país e uma fortuna fundada no petróleo e no ouro, jamais quisera ser outra coisa senão ele mesmo. Depois de Hearst, ninguém despertava mais o orgulho do Estado por seus grandes homens de negócios.

O operador, homem relativamente moço, mas que já adquirira fama mundial por sua perícia, viera especialmente de Nova Iorque para fazer aquela operação. Começou a desprender o rim. A enfermeira atrás de Jennie bateu-lhe no ombro. Jennie tomou a folha de papel que ela lhe entregou e abriu-a diante do operador para que ele olhasse. Ela viu perfeitamente as

palavras datilografadas.

Carcinoma. Metástase. Maligno.

O operador deu um breve suspiro e olhou para o dr. Colton.

— Bem, agora ele é um homem comum mesmo.

Standhurst estava acordado na manhã seguinte, quando o operador entrou no quarto. Se prestava alguma atenção ao teletipo que crepitava a um canto, não dava tal impressão. O médico aproximou-se da cama.

— Vim me despedir, sr. Standhurst. Voltarei hoje mesmo para Nova Iorque.

O velho levantou os olhos para ele e sorriu.

— Alô, doutor! Alguém ainda se lembra de que seu pai foi alfaiate ?

— Meu pai foi mesmo alfaiate, sr. Standhurst.

— Sei disso. Ele ainda tem a loja em Stanton Street. Sei também muitas coisas sobre você. Sei que foi presidente da Sociedade pró Sacco-Vanzetti de seu colégio, quando ali concluiu o curso em 1927. Sei que fez parte da Juventude Socialista em seu primeiro ano de universidade. Foi o primeiro operador admitido no colégio de cirurgões logo em seu primeiro ano de clínica. Ainda é filiado à seção de Nova Iorque do Partido Socialista e sei que votará nas próximas eleições em Norman Thomas para presidente.

O médico sorriu.

— O senhor sabe de muita coisa a meu respeito.

— Claro que sei. Acha que eu deixaria qualquer pessoa enfiar uma faca em mim?

— Parece-me que o que apurou sobre mim devia, ao contrário, impedi-lo de me querer como cirurgião. Deve saber perfeitamente o que os socialistas pensam do senhor.

O velho começou a rir e, depois, fez uma careta de dor.

— Ora! Se não estou enganado, procura ser primeiro médico e só depois socialista. Sabe, doutor, se o senhor votasse com os republicanos, eu poderia torná-lo milionário em menos de três anos.

O médico riu, sacudindo a cabeça.

— Não, muito obrigado. Eu viveria preocupado demais.

— Escute, doutor. Por que entrou aqui para me ver e nem perguntou como estou passando? Colton já esteve aqui quatro vezes e em nenhuma deixou de fazer essa pergunta.

— Não é preciso perguntar. Sei como está passando. Sei que está sentindo muitas dores.

— Dói terrivelmente. Colton me disse que as pedras que o senhor tirou eram do tamanho de bolas de beisebol.

— Eram bem grandes, de fato.

— Disse também que eu usaria este saco até o rim sarar e reassumir o posto.

— Terá mesmo de usar isso durante algum tempo.

O velho o encarou com firmeza e disse calmamente:

— Estamos ambos cheios de conversa fiada, doutor. Usarei isso até ir para a sepultura. E

isso é coisa que não vai demorar muito também.

— Não digo isso.

— Sei que não diz, mas eu digo. Olhe, doutor, tenho oitenta e um anos de idade. E quem chega a essa idade está habituado a sentir a morte nos outros e em si mesmo. Aprende-se a ver isso no rosto, nos olhos. Deixemos, pois, de asneiras. Quanto tempo ainda tenho de vida?

O médico fitou o velho nos olhos e viu que ele não estava com medo. Se alguma coisa havia naquele olhar, era uma viva curiosidade. Tomou rapidamente uma decisão. Colton estava muito mal orientado naquele caso. Ali estava um homem. E ele merecia saber a verdade.

— Três meses, se tiver sorte. Seis, se não tiver.

O velho nem moveu as pestanas.

— Câncer?

— Sim, e com metástase. Extraí todo um rim e quase metade do outro. É por isso que está com esse saco.

— Será doloroso?

— Muito. Mas pode ser combatido com morfina.

— E quem quer isso? Morrer é provavelmente a única coisa que não consta de minha experiência. E não a quero perder!

O teletipo começou a funcionar. Standhurst voltou os olhos para o aparelho e, depois, para o médico.

— Como poderei saber quando o fim estará perto?

— Observe a urina do saco. Quanto mais vermelha estiver, mais perto estará. Isso significa que o rim estará deixando passar sangue em vez de urina, porque o câncer terá obstruído inteiramente o rim.

O olhar do velho era brilhante e inteligente.

— Isso quer dizer que eu provavelmente morrerei de intoxicação urêmica.

— Talvez. Se não sobrevier outro contratempo.

Standhurst riu.

— Ora, doutor, eu poderia ter chegado a esse mesmo resultado há vinte anos, se tivesse continuado a beber.

— Claro, mas teria perdido uma porção de coisas agradáveis.

O velho sorriu para ele.

— Vocês, socialistas, com certeza vão decretar feriado nacional.

— Não sei, sr. Standhurst. Talvez fiquemos sem ter de quem nos queixar.

— Quanto a isso, não se preocupe. Hearst e Patterson ainda ficarão à disposição de vocês.

O médico estendeu a mão.

— Bem, já vou indo, sr. Standhurst.

— Adeus, doutor — disse ao médico, apertando-lhe a mão. — E muito obrigado.

— Adeus, sr. Standhurst. Sinto muito.

O médico já ia se encaminhando para a porta, quando a voz do velho o fez virar-se.

— Pode me fazer um favor, doutor?

— Tudo o que estiver ao meu alcance, sr. Standhurst.

- A enfermeira da sala de operação. Aquela de olhos cinzentos e busto grande...
- A srta. Denton?
- Se é esse o nome. Ela disse que, se eu quisesse vê-la sem a máscara, viria me fazer uma visita. Quer falar com Colton, dizendo que eu gostaria que ela viesse almoçar comigo?
- Pois não, sr. Standhurst — disse o médico, rindo.

Jennie pegou a garrafa de champanhe e encheu o copo comprido repleto de cubos de gelo. O champanhe fez um pouco de espuma e ficou mais assentado quando ela encheu o copo até as bordas. Colocou um canudo de palha no copo e o entregou a Standhurst.

— Aqui está o seu *ginger ale* — disse ela.

— Ora, menina, se está procurando alguma coisa para dar animação, champanhe bate de longe *ginger ale*. Escute, por que não toma um pouco também? Talvez assim o seu sangue esquente.

— E de que lhe adiantaria se meu sangue esquentasse?

— Eu me sentiria bem só de pensar no que faria se fosse há vinte anos.

— É melhor dizer há quarenta anos, para não errar.

— Não, aí é que você se engana. Há vinte anos, foi o melhor de tudo. Talvez só então é que eu apreciasse mais, sabendo que não iria durar muito.

O teletipo no canto da biblioteca começou a funcionar: Jennie levantou-se e foi até lá. Quando o aparelho parou, ela rasgou o papel com a notícia e o levou para ele, dizendo:

— Acabaram de aprovar na convenção a candidatura de Roosevelt ao segundo mandato.

— Eu sabia! — exclamou ele. — Agora, nunca mais se livrarão daquele camarada. Mas por que estou me preocupando? Não vou ver nada disso.

O telefone tocou mal ele acabou de falar: Era a linha direta do jornal de Los Angeles. Jennie atendeu e levou o aparelho até ele.

— Standhurst — disse ele.

Depois de ouvir durante algum tempo, exclamou:

— Nada disso! Deixe o artigo para depois que ele fizer o discurso de aceitação da candidatura. Ao menos assim teremos uma ideia do que ele promete fazer. Nada de artigos até amanhã. A ordem é para todos os jornais. Transmita pelo teletipo.

Desligou o telefone e olhou para Jennie. O teletipo começou imediatamente a trabalhar. Jennie foi olhar e as letras iam aparecendo no papel amarelo.

De Charles Standhurst a todos os jornais: Importante! Nenhum artigo sobre candidatura de Roosevelt até ser proferido e examinado o discurso de aceitação.

— São as ordens, chefe — disse Jennie.

— Muito bem. Agora desligue isso, para podermos conversar.

Jennie desligou o teletipo, voltou e sentou-se numa cadeira diante dele. Pegou um cigarro e o acendeu, enquanto ele continuava a tomar o champanhe por um canudo.

— Quais são seus planos para quando acabar esse serviço?

— Não pensei ainda nisso.

— É melhor pensar. Não falta muito mais.

— Como é? — disse ela, sorrindo. — Está ansioso por livrar-se de mim?

— Deixe de tolice, menina. Só fiquei vivo até agora porque não queria deixá-la.

Havia na voz dele alguma coisa que fez Jennie olhá-lo muito séria.

— Sabe, Charlie, acredito que seja sincero em dizer isso.

— Claro que sou.

Subitamente emocionada, ela se levantou e, aproximando-se dele, beijou-o no rosto.

— Jennie Denton, quer saber de uma coisa? Creio que você está fraquejando e já posso considerá-la no papo.

— Isso aconteceu há muito tempo, Charlie. O ruim é apenas não nos termos encontrado na hora certa.

Jennie dizia isso, e era verdade.

Desde a primeira vez em que fora almoçar com Standhurst no hospital, no dia seguinte ao da operação, Jennie gostara dele. Sabia que estava morrendo e não tardou a perceber que ele também sabia. Mas isso não o impediu de tratá-la como um enamorado. Queria uma comida diferente da do hospital, ainda que não a pudesse comer.

A comida foi trazida de automóvel do Romanoffs com uma escolta de motocicletas e um berrar de sirenes. E com a comida vinham um *maitre* e dois garçons para servi-la.

Ele ficou sentado na cama, sorvendo champanhe e vendo-a comer. Gostava da maneira de ela comer. As pessoas que comiam sem apetite, escolhendo muito, eram egoístas no amor. Nada davam de si, esperando na cama a mesma inatingível satisfação que procuravam na mesa. Tomou uma decisão de repente, como sempre fazia.

— Vou ficar muito tempo doente — disse ele — e vou precisar de uma enfermeira. Gostaria de pegar o serviço?

Ela levantou os olhos, com a xícara de café nas mãos, evidentemente indecisa.

— Há enfermeiras especializadas em assistência domiciliar, sr. Standhurst. São certamente melhores nesse serviço que eu.

— Mas é a você que estou convidando.

— Tenho um emprego fixo no Hospital Geral de Los Angeles. Um bom emprego. E de vez em quando sou chamada para ajudar num caso, como fui no seu. É esse o trabalho que eu sei fazer.

— Quanto ganha?

— Oitenta e cinco dólares por mês, com casa e comida.

— Pago a você mil dólares por semana, com casa e comida.

— Mas é um absurdo!

— É mesmo? — disse ele, olhando-a firmemente. — Posso pagar. Quando o médico que me operou saiu daqui hoje, me disse que eu só teria três meses de vida. Sempre achei que devia pagar um pouco mais quando não podia dar um emprego permanente.

Jennie olhou para a xícara que o garçom tornava a encher de café e disse:

— Deverá ficar ainda três semanas. Isso me dará tempo de avisar o hospital de minha saída. Quando quer que eu comece?

— Imediatamente. E não se preocupe em avisar ninguém. Já disse a Colton e ao Hospital Geral de Los Angeles que você vai trabalhar para mim.

Ela o encarou por um momento. Em seguida, pousou a xícara em cima da mesa e levantou. Fez um gesto para o *maitre* e os garçons começaram imediatamente a tirar a mesa.

— Ei! Que quer dizer isso? — perguntou Standhurst.

Jennie não respondeu. Foi até os pés da cama e pegou a tabuleta. Examinou-a por alguns momentos. Depois, aproximou-se dele e tirou-lhe o copo de champanhe das mãos.

— Se já estou trabalhando para o senhor, fique sabendo que está na hora de descansar.

O tempo nunca passa tão depressa como quando é limitado. De qualquer maneira, tudo lhe parecia mais nítido e evidente, e as decisões se tornavam mais rápidas. Talvez isso acontecesse porque a responsabilidade pelas decisões não chegava a encontrar pouso em seu espírito. Não é possível vencer discussões com a morte.

Sentia a dor lacerá-lo como uma faca. Não gemia nem se contorcia, mas o olhar de Jennie mostrava que ela sabia de seu sofrimento. Não havia necessidade de palavras. Havia ocasiões em que tinha a impressão de que ela sentia também a dor.

— Talvez seja melhor ir para a cama — disse ela.

— Ainda não. Quero falar com você.

— Está certo. Pode falar.

— Não vai voltar para o hospital, não é?

— Não sei. Na realidade, ainda não pensei nisso.

— Você nunca mais se sentirá bem naquele serviço. A culpa é minha. Estraguei você. Não há nada para modificar as ideias como uma porção de dinheiro.

Ela riu.

— Tem razão, Charlie. Tenho pensado nisso. As coisas nunca mais serão para mim o que eram.

— Eu poderia deixar-lhe alguma coisa em meu testamento ou até casar com você. Mas meus filhos, com toda certeza, iriam a juízo. Você ganharia apenas uma porção de aborrecimentos.

— De qualquer modo, obrigada por haver pensado nisso, Charlie.

— Você precisa ganhar muito dinheiro, Jennie! Por que resolveu ser enfermeira? Desde menina quis abraçar essa profissão?

— Nada disso. O que eu queria na verdade era ser outra Ellen Wills, uma campeã de tênis. Mas consegui uma bolsa e fui estudar.

— Até para ser campeã de tênis é preciso ter dinheiro.

— Sei disso. E já é tarde demais. Agora me contentaria se pudesse conseguir um bom treinador e jogar duas horas todos os dias.

— Não é o que eu disse? Isso custa no mínimo cem dólares por dia.

— É verdade. O mais certo mesmo é voltar para o hospital.

— Não precisará fazer isso.

— Que quer dizer, Charlie? Não há nada mais que eu saiba fazer.

— Você começou a se preparar para outra coisa muito antes de estudar para enfermeira. Preparou-se para ser uma mulher.

— Então meu preparo não foi bom. A primeira vez em que procurei agir como uma mulher, penei tanto, que nem queira saber.

— Está se referindo ao dr. Grant, em San Francisco?

— Como sabe disso?

— Bem, em primeiro lugar, os jornais fazem automaticamente uma investigação sobre todas as pessoas que entram em contato comigo. Mas só me disseram que você trabalhou para Grant. O resto eu adivinhei, não só pela péssima reputação de Grant, mas pelo fato de você ter deixado o emprego de repente. Que foi que houve? A mulher dele os surpreendeu?

Ela confirmou com a cabeça.

— Sim, e foi horrível.

— Sempre é horrível quando a gente se deixa levar pelo sentimentalismo. Isso me aconteceu mais de uma vez. O segredo está em deixar o sentimentalismo de lado.

— Como assim?

— Procurando tirar proveito do fato.

— Charlie! O que você está dizendo é que devo me tornar uma prostituta, não é? — perguntou ela, com um tom de voz escandalizado.

Ele sorriu.

— Ora, é a católica que há em você que está falando. Mas no fundo, até você tem de reconhecer que isso não é tão absurdo como parece.

— Mas... uma prostituta? — disse ela, ainda escandalizada.

— Prostituta, não. Digamos uma cortesã ou seu equivalente moderno, uma *call girl*. Nas civilizações da antiguidade, a profissão de cortesã gozava da maior consideração. Estadistas e filósofos procuravam os favores das cortesãs. E não é só o dinheiro que torna essa vida atraente. É uma maneira de viver quase completa, luxuosa e satisfatória.

Ela começou a rir.

— Charlie, você não passa de um velho sujo. Quando vai começar a me mostrar fotografias pornográficas?

— Não seria nada demais. Fui um moço sujo também. Mas nunca fui tolo. Você tem todas as qualidades necessárias para se tornar uma grande cortesã. Tem o corpo, tem o espírito. E até seus conhecimentos de enfermagem podem ajudar. A sexualidade verdadeira exige uma inteligência muito maior do que a simples sensualidade animal.

— Vejo que já está na hora de você ir para a cama, Charlie. Pelo visto, vai acabar sugerindo que eu curse a escola para aprender o que ainda não sei.

— É uma boa ideia — replicou ele, rindo. — Vivem sempre pedindo-me donativos para esta ou aquela escola. Por que ainda não pensei nisso? Colégio Standhurst de Sexo.

Começou a rir com vontade, mas de repente fez uma careta de dor. O rosto ficou muito pálido e gotas de suor apareceram em sua fronte. Dobrou-se todo na cadeira de rodas.

Num momento, Jennie estava a seu lado. Arregaçou-lhe a manga do robe e aplicou uma injeção de morfina. Os dedos ossudos tentaram afastá-la, enquanto ele a olhava com olhos agoniados.

— Pelo amor de Deus, Charlie! Tenha pena de si mesmo! Deixe de lutar contra o alívio.

Ele afastou a mão e ela aplicou outra dose. Jennie percebeu que ele procurava intimamente resistir ao conforto que a droga proporcionava. Tomou-lhe então a mão frágil e magra e a levou aos lábios com ternura.

Ele sorriu enquanto a morfina começava a velar seus olhos.

— Pobre Jennie querida! — murmurou ele. — Em qualquer outra ocasião, teria feito de você minha rainha! Mas não esquecerei aquilo que estávamos conversando. Não vou deixar que você se desperdice só porque não estarei presente para ver!

Três dias depois, estavam almoçando no terraço quando ela viu um Rolls-Royce cinzento parar embaixo, na alameda. Um chofer corretamente fardado saltou e abriu a porta do carro para uma mulher. Minutos depois, o mordomo apareceu no terraço.

— A sra. Schwartz deseja vê-lo, sr. Standhurst.

Standhurst sorriu.

— Ponha outro lugar na mesa, Judson, e pergunte à sra. Schwartz se quer vir almoçar conosco.

Um momento depois, uma mulher entrou no terraço.

— Charlie! — exclamou, com um prazer indisfarçável na voz. — Que alegria revê-lo!

— Aida — disse Standhurst, beijando-lhe a mão. — Desculpe não poder levantar. Sabe que está tão bonita como sempre?

— Você não mudou nada, Charlie. Podia ainda dizer, sem pestanejar, a maior mentira deste mundo.

— Aida, esta é Jennie Denton.

— Muito prazer — disse Jennie.

O que ela via era uma mulher seguramente com mais de cinquenta anos, muito bem vestida. A mulher a olhou com um sorriso cordial, mas Jennie teve de súbito a impressão de que ela sabia quase tudo a seu respeito.

— Foi essa a moça de que me falou pelo telefone? — perguntou ela a Standhurst.

— Exatamente.

A mulher voltou-se para Jennie, dessa vez estudando-a sem reserva, e sorriu de repente.

— Charlie, você pode ter perdido tudo, mas sem dúvida alguma ainda não perdeu o bom gosto.

Standhurst riu e o mordomo reapareceu, trazendo uma cadeira. Ajeitou-a para a sra. Schwartz, enquanto ela se sentava à mesa.

— Um xerez para a sra. Schwartz, Judson — disse Standhurst ao mordomo, que se retirou. Voltou-se em seguida para Jennie:

— Naturalmente, está querendo saber o que quer dizer tudo isso, não é?

Jennie confirmou com a cabeça..

— Bem, há vinte e cinco anos, Aida Schwartz tinha a melhor casa de diversões a oeste de Chicago.

A mulher lhe deu uma pancadinha afetuosa na mão.

— Charlie lembra de tudo. Imagine, ainda não esqueceu que não bebo outra coisa a não ser um copo de xerez. E você? Ainda toma champanhe num copo grande cheio de gelo?

— Aida, é difícil desistir dos velhos hábitos e dos velhos amigos:

O mordomo colocou um copo diante dela. Ela levou o copo delicadamente aos lábios e provou. Sorriu para o mordomo.

— Muito obrigada.

— Às ordens, senhora.

— Ótimo este xerez. Nem queira saber, Charlie, como é difícil conseguir hoje em dia uma

bebida decente, mesmo nos melhores lugares. Acho que agora as mulheres só tomam martinis. Horrível. No meu tempo, uma pessoa decente nem sonhava em provar uma coisa dessas.

Standhurst olhou para Jennie.

— Aida nunca deixou suas garotas beberem senão xerez.

— O uísque anuvia o cérebro — disse Aida. — Além disso, as pessoas que trabalhavam comigo não eram pagas para beber.

O velho sorriu, com os olhos voltados para o passado.

— E não eram mesmo. Lembra-se, Aida, do tempo antes da guerra, quando eu ia a sua casa para fazer massagens na próstata?

— Claro que me lembro.

Ele olhou para Jennie.

— Um médico me recomendou massagens na próstata três vezes por mês. Na primeira vez, fui ao consultório dele. Depois, cheguei à conclusão de que, se era preciso eu levar massagens, devia ao menos ter algum prazer nisso. Assim, três vezes por semana, eu ia à casa de Aida para meu tratamento.

— O que ele não diz — acrescentou Aida — é que o tratamento produzia nele um efeito extraordinário. E minhas amigas tinham o hábito de nunca decepcionar um hóspede. Quando Charlie voltou ao consultório, duas semanas depois, o médico é que ficou preocupado.

Standhurst ainda estava rindo.

— O médico disse que ia acusar Aida perante as autoridades pelo exercício ilegal da medicina.

A sra. Schwartz perguntou, satisfeita:

— Lembra-se de Ed Barry, Charlie?

— Sem dúvida. Ed Barry, Jennie, era um desses batistas fanáticos do sul que olham para tudo com o nariz franzido e acham que tudo é pecado. Era véspera das eleições e Ed se candidatara a governador com um severo programa de reformas. Consegui fazê-lo beber um pouco na agitação da campanha e, à meia-noite, ele estava bêbado de não se aguentar em pé. Sem dizer nada, levei-o para a casa de Aida. Foi uma coisa que ele nunca mais esqueceu.

Standhurst ria a ponto de ter lágrimas nos olhos.

— Pobre Ed! Perdeu a eleição, mas pouco se importou. No dia em que Aida fechou a casa, depois de havermos entrado na guerra, ele ficou um tempo enorme no bar, chorando como se o mundo fosse acabar.

— Bons tempos aqueles — disse Aida. — Nunca mais teremos coisa igual.

— Por que fechou a casa? — perguntou Jennie.

— Por várias razões — contou Aida. — Durante a guerra havia muita concorrência externa. Parecia que todas as mulheres estavam dispostas sempre a se entregar. Era cada vez mais difícil encontrar garotas interessadas no trabalho e tão delicadas que fossem capazes de manter o alto padrão que sempre fiz questão de observar. Só estavam interessadas em ser prostitutas. Em vista disso, desde que não precisava mais de dinheiro, fechei a casa.

— Aida é uma mulher muito rica — disse Standhurst. — Empregou todo seu dinheiro em propriedades e edifícios de apartamentos aqui e em muitas outras cidades do país. A quanto monta sua fortuna, Aida?

— Seis milhões de dólares, mais ou menos. Graças a você e a outros bons amigos.

— E ainda quer voltar para o hospital, Jennie?

Jennie viu que ambos a olhavam atentamente. Quis dizer alguma coisa, mas as palavras não lhe chegaram aos lábios.

— Dê-lhe um pouco de tempo para pensar, Charlie — disse Aida. — E uma decisão que a pessoa tem de tomar por si mesma.

— Ela terá de se decidir o quanto antes — disse Standhurst, com voz suave. — Não resta muito tempo mais.

Ele não sabia disso, mas restavam dois dias.

Voltou a cabeça para olhá-la, quando ela entrou no quarto pela manhã, dois dias depois.

— Acho que vou ficar na cama hoje, Jennie — disse ele com voz sumida.

Depois de abrir as cortinas, Jennie olhou para ele. O rosto estava muito branco e a pele enrugada parecia estar apenas apoiada sobre os ossos. Os olhos estavam semicerrados, como se a luz os incomodasse.

Ela se aproximou da cama e perguntou:

— Quer que chame o médico, Charlie?

— Que poderia ele fazer? — perguntou Standhurst, com a fronte banhada de suor.

Jennie apanhou uma toalha na mesinha de cabeceira e enxugou seu rosto. Depois suspendeu a colcha e levantou a camisa de dormir. Substituiu rapidamente o saco e viu o olhar de Standhurst voltar-se para ele. Foi até o banheiro com o saco.

— Que tal? Muito ruim? — perguntou ele quando Jennie voltou.

— Bem ruim.

— Eu sei, Jennie. Olhei antes de você chegar. Estava preto como as profundezas do inferno. Ela passou o braço por trás dele e o sustentou enquanto ajustava os travesseiros.

— Não sei — murmurou ela. — Já estive pior em outras manhãs.

— Não procure me enganar, menina — disse ele, fechando os olhos por um momento. — Estou com a impressão de que é hoje.

— Vai se sentir melhor depois de tomar um pouquinho de suco de laranja.

— Nada disso, Jennie. Quem pode ir para o inferno tomando suco de laranja? Quero é champanhe.

Ela obedeceu em silêncio. Pegou um copo grande, encheu-o de cubos de gelo e serviu champanhe. Colocou o canudo de palha no copo e passou-o às mãos dele.

O teletipo começou a funcionar. Jennie levantou-se para ir ver.

— O que é?

— Um discurso que Landau fez ontem à noite num banquete republicano.

— Desligue! — disse ele, prontamente.

O telefone tocou e Jennie atendeu.

— É o secretário do suplemento de Los Angeles. Diz que você o procurou ontem à noite e quer saber o que é.

— Diga-lhe que comece a publicar a historietta de Dick Tracy.

Ela repetiu o recado pelo telefone e, quando voltou, viu que o rosto dele estava de novo

coberto de suor.

— Seu filho Charles me fez prometer que telefonaria para ele logo que julgasse necessário.

— Nada disso! Não preciso ver a cara dele cheia de satisfação. Há anos que espera o momento de eu bater as botas. Quer tomar conta dos jornais. Sou capaz de apostar que, logo depois do enterro, os jornais todos começarão a apoiar Roosevelt.

Um espasmo de dor o sacudiu e ele sentou na cama, com o corpo quase arqueado.

— Jesus! — exclamou ele, levando as mãos à barriga.

No mesmo instante, ela estava com o braço passado pelos ombros dele, sustentando-o, enquanto com a outra mão pegava a seringa com morfina.

— Ainda não, Jennie. Por favor.

Ela tornou a colocar a seringa na mesinha de cabeceira e murmurou:

— Está bem, Charlie. Diga-me quando.

Standhurst descansou de novo a cabeça no travesseiro e ela outra vez enxugou seu rosto. Fechou os olhos e ficou algum tempo quieto. Depois tornou a abri-los, mostrando neles um terror como ela nunca vira.

— Parece que estou sufocando — disse ele, sentando-se e com a mão na boca.

Prontamente, sem se virar, ela pegou uma cuba na mesinha e a colocou debaixo da boca de Standhurst. Ele tossiu, arquejou e vomitou um pouco de bñlis escura. Jennie largou a cuba, limpou-lhe a boca e o deixou descansar de novo com a cabeça nos travesseiros.

Ele a olhou com os olhos cheios de lágrimas, tentando sorrir.

— Ih! O gosto era pior do que de urina.

Ela não respondeu e ele fechou cansadamente os olhos. Jennie podia vê-lo contorcer-se sob o impacto da dor. Depois de alguns minutos, ele falou sem abrir os olhos.

— Sabe, Jennie? Pensei que a agonia mais suave que eu jamais conheci estava chegando. Mas agora a coisa piorou, piorou muito.

Abriu os olhos e a encarou. O terror desaparecera e havia em seu lugar uma calma profunda e consciente. Sorriu e murmurou, fitando-a bem nos olhos:

— Muito bem, Jennie. Agora!

Sem tirar os olhos dele, Jennie pegou a seringa. Aplicou a injeção e apanhou outra seringa. Ele sorriu, vendo a outra.

— Obrigado, Jennie!

Ela se inclinou e beijou a testa pálida e úmida.

— Adeus, Charlie.

Ele se recostou nos travesseiros e fechou os olhos no momento em que ela lhe aplicava a segunda injeção. Dentro em pouco, havia seis seringas vazias em cima da cama, ao lado dele. Jennie ficou ali sentada calmamente, com os dedos no pulso dele. Estava ficando cada vez mais fraco. Afinal, parou de bater por completo. Ela fechou seus olhos e puxou a colcha para cobri-lo o rosto.

Levantou-se, guardou as seringas no bolso de seu uniforme de enfermeira e, atravessando o quarto, pegou o telefone.

O mordomo a encontrou no corredor, quando ia a caminho do quarto.

— O sr. Standhurst me pediu que lhe entregasse este envelope. Ele me chamou logo cedo,

antes que a senhora entrasse no quarto dele hoje.

— Obrigado, Judson.

Fechou a porta do quarto e abriu o envelope. Havia dentro cinco notas de mil dólares e um bilhete escrito com sua letra apressada. Dizia:

Querida Jennie,

A esta altura, já deve ter compreendido por que quis que ficasse comigo. Uma coisa que nunca pude entender foi a falsa piedade que muitos proclamam, prolongando a agonia diante da morte inevitável.

Encontrará junto o que poderíamos chamar de indenização. Use-a como quiser: como um fundo de socorro para alguma emergência se persistir em desperdiçar a vida cuidando dos outros sem qualquer compensação, ou, se tiver a metade da inteligência que lhe atribuo e for a metade da mulher que penso que é, para pagar suas despesas enquanto aprende com Aida, no que chamarei, à falta de melhor nome, de Colégio Standhurst, a levar uma vida de maior conforto, fartura e recompensa.

Com gratidão e afeto,

C. Standhurst

Ainda com o bilhete na mão, Jennie foi até o armário e pegou sua maleta. Colocou-a na cama e começou a arrumá-la. Menos de uma hora depois, saltava de um táxi e subia os degraus de uma igreja, levantando até a cabeça o lenço que trazia em torno do pescoço. Seguiu por entre os bancos da nave até quase o altar-mor, quando virou-se para a direita, onde havia uma imagem da Virgem.

Ajoelhou-se e ficou durante algum tempo de mãos postas e cabeça baixa. Depois tirou uma vela de uma estante ao lado, acendeu-a e a colocou entre as outras já acesas aos pés da imagem. De novo, inclinou a cabeça e ajoelhou-se por um instante. Encaminhou-se, então, para a porta. Antes de sair, mergulhou os dedos na fonte de água-benta, fez o sinal da cruz e colocou uma nota na caixa de esmolas.

Naquela noite, o padre teve uma surpresa muito agradável. Na caixa de esmolas, encontrou entre os níqueis uma nota de mil dólares muito bem dobrada.

Quando Jennie desceu do táxi, o Rolls-Royce cinzento estava estacionado no jardim da velha casa da avenida Dalehurst, em West-wood. Saltou, pagou ao motorista e tocou a campainha.

Um momento depois, a porta se abriu e apareceu uma empregada, que disse:

— Tenha a bondade de entrar.

Aida estava sentada no sofá, com uma bandeja de chá e doces na mesinha a sua frente.

— Pode colocar a maleta junto com as outras, Mary.

— Sim, senhora.

Jennie viu a empregada colocar a maleta perto de mais algumas junto da porta. Voltou-se para Aida. Um jornal estava aberto no sofá a seu lado e nele se viam as letras grandes de um título:

FALECEU STANDHURST!

Aida levantou-se e delicadamente levou-a para o sofá.

— Sente-se, minha filha. Estava a sua espera. Temos tempo de sobra para tomar chá antes de ir tomar o trem.

— O trem?

— Sim, minha filha. Vamos para Chicago. É o único lugar nos Estados Unidos onde uma mulher pode iniciar sua carreira.

Havia um grande cartaz encimando o palco improvisado no quartel do Exército. Era uma ampliação da famosa fotografia colorida da capa da revista *Life*. Olhando o cartaz, Jennie lembrou-se do fotógrafo que batera a chapa do alto de uma escada, voltando a máquina para a cama onde ela estava.

Daquele ângulo, suas pernas estavam muito compridas e saíam do quadro. O homem então havia pedido a ela para se virar e colocar os pés na almofada de cetim branco da cabeceira. O *flash* se acendera, cegando-a momentaneamente, como quase sempre acontecia, e se fizera história.

Ela estava vestida com um *négligé* de renda preta que decentemente a cobria do pescoço aos tornozelos. Entretanto, o *négligé* era tão revelador no contraste de sua carne branca e da renda preta, que nada ficava para ser imaginado — os mamilos alteando as rendas sobre os seios eretos e a curva suave do estômago e o púbis em evidência, pois não podiam ser dissimulados em vista da posição das pernas. O longo cabelo louro se derramava além da borda da cama e a luz ofuscante do *flash* lhe acendera nos olhos um convite sensual ao observador invisível, que a via de cabeça para baixo, no canto esquerdo inferior da fotografia.

Life publicara a fotografia. Apenas uma palavra em letras brancas se destacava embaixo da foto:

DENTON

Isso fora quase um ano antes, em outubro de 1941, por ocasião da estreia mundial de *A pecadora* em Nova Iorque. Lembrava-se da surpresa que quase sentira ao atravessar o vestibulo do Waldorf, acompanhada por Jonas, enquanto centenas de fotografias suas eram ostentadas pelas bancas de jornais.

— Veja! — exclamava ela, atônita. Jonas sorria daquela maneira peculiar a que ela já estava habituada e que significava que ele se sentia especialmente satisfeito com alguma coisa. Jonas fora até a banca e comprara uma das revistas, que lhe entregara ao entrarem no elevador.

O texto trazia o título ESPIRITUALIDADE E SEXO e dizia:

Jonas Cord, jovem milionário, que produz aviões, explosivos, plástico e dinheiro (ver Life, outubro, 1939) e, quando tem vontade, também filmes de sucesso (O renegado, 1930, Demônios do céu, 1932), elaborou uma versão extremamente pessoal, dentro da tradição de De Mille, da história de Maria Madalena. Com sua franqueza habitual, deu-lhe o título de A pecadora.

Sem dúvida alguma, o fator mais importante que contribuiu para o impacto do filme foi a impressionante atuação da jovem atriz que Cord escolheu para o papel principal, Jennie Denton.

Sem ter tido qualquer experiência anterior no cinema ou no palco, Jennie Denton exerce uma influência notável sobre as plateias. Apesar de todo o apelo francamente sensual que os movimentos de seu corpo (91-52-90) parecem sugerir, o espectador não pode ficar indiferente à força profundamente espiritual que dela emana. Talvez a fonte dessa força esteja em seus olhos, que são belos, cinzentos e cheios de um conhecimento e uma experiência da dor, do amor, e da morte muito superiores a idade que tem. Ela parece refletir estranhamente os

contrastes paradoxais dos nossos tempos — os egoísmos agressivos do homem em sua ânsia de satisfação material e seu desejo de valores espirituais superiores.

A porta do elevador se abriu e ela sentiu no braço a mão de Jonas. Fechou a revista e saiu com ele do elevador.

— Será possível que acreditem realmente nisso?

— Creio que sim. É uma revista cuja opinião não se pode comprar. Não lhe disse que você ia ser uma estrela?

Ela deveria partir para a Califórnia, logo depois da estreia, para dar início a outro filme. Viu o *script* na mesinha diante do sofá. Jonas pegou o *script*, folheou as páginas e disse:

— Não gosto disto.

— Nem eu. Mas Maurice diz que é coisa para fazer muito dinheiro.

— Que importa? Acontece que não me agrada a ideia de você trabalhar nisso.

Foi até o telefone e disse:

— Quero falar com o sr. Bonner no Hotel Sherry-Netherland.

Depois de breve demora, falou de novo:

— Maurice, é Jonas. Cancele *Olhos de estrela*. Não quero que Jennie Denton faça isso.

Jennie pôde ouvir os calorosos protestos de Bonner.

— Pouco me importa! Arranje outra para o papel... Quem? Rita Hayworth, Ann Sheridan, quem você quiser, mas ela não. De hoje em diante, Jennie Denton não poderá ser escolhida para fazer qualquer papel enquanto eu não aprovar o *script*.

Desligou o telefone e voltou-se para ela, sorrindo.

— Ouviu o que eu disse?

— Ouvi, patrão.

A fotografia fizera fulminante sucesso. Era encontrada por toda parte — nas paredes, nas vitrines, em folhinhas e em cartazes. Jennie era uma estrela, e quando voltou para a Califórnia soube que Jonas havia aprovado novo contrato para ela.

Mas um ano já se passara. O bombardeio de Pearl Harbor havia sacudido o mundo, e Jennie ainda não fizera outro filme. Na verdade, isso não tinha grande importância. *A pecadora* estava em seu segundo ano de exibição no grande Cine Norman de Nova Iorque e ainda era exibido com casa cheia onde quer que fosse programado. Era, sem dúvida alguma, o filme de maior sucesso — inclusive em termos de bilheteria — que a companhia já havia feito.

A vida de Jennie seguia uma rotina rígida e invariável. Entre as apresentações pessoais de publicidade em cada cidade onde o filme fosse estreado, ela ficava na Califórnia. Ia todas as manhãs ao estúdio. Ali, seu dia era inteiramente tomado. Pela manhã, aulas de arte dramática, almoço, em geral com algum jornalista que a entrevistava, e à tarde lições de dicção, canto e dança. Geralmente passava as noites sozinha, salvo quando Jonas estava na cidade, pois neste caso ficava sempre com ele.

De vez em quando, ia jantar com David e Rosa Woolf. Gostava de Rosa e de seu filhinho, que estava começando a andar e tinha o nome de Henry Bernard. Mas a maior parte do tempo ficava em casa com a empregada mexicana. Espalhou-se a notícia de que ela era a garota de Jonas. E ela ficou sendo a garota de Jonas.

Só quando estava com ele deixava de sentir aquele vazio e aquela falta de significado na vida que cada vez mais a assaltavam. Começou a ficar inquieta. Estava na hora de voltar a trabalhar. Lia *scripts* avidamente e, de vez em quando, descobrindo algum que lhe agradaria fazer, comunicava-se com Jonas. Como sempre, ele prometia ler com toda atenção o *script* mas, alguns dias depois, telefonava dizendo que não servia para ela. Havia sempre uma razão.

Uma vez, exasperada, ela perguntou por que ele lhe pagava se ela nada tinha para fazer. Por um instante, ele ficou em silêncio. Depois disse com voz fria e definitiva:

— Você não é uma atriz. É uma estrela. E as estrelas só podem brilhar no momento certo.

Um dia, Al Petrocelli, o homem da publicidade, apareceu em seu camarim, no estúdio.

— Bob Hope está organizando um show para os soldados no acampamento Pendleton. Quer que você participe.

— E eu posso fazer isso? — perguntou ela, interrompendo a leitura do *script* que tinha nas mãos.

— Pode, sim. Bonner já falou com Cord. Ambos são de opinião que essa apresentação será boa para você por vários motivos. Di Santis vai preparar um número para você.

— Ótimo — disse ela, levantando. — Será bom ter de novo alguma coisa para fazer.

E então, depois de seis semanas em que ensaiou longamente algumas frases de apresentação e uma canção, que fora cuidadosamente polida, fraseada e orquestrada para realçar-lhe ao máximo a voz rouca, ali estava ela nos bastidores do palco improvisado, pronta para entrar em cena. Tremia com o ar frio da noite, apesar do casaco de vison que levava sobre o corpo.

Olhou por trás dos bastidores para a plateia. Uma onda de riso rolava sobre filas e mais filas de soldados, sentados até onde a vista alcançava. Bob Hope estava terminando o número com suas piadas exclusivas para militares, que nunca poderiam ser transmitidas em seus programas em cadeia. Jennie levantou a cabeça ainda tremendo.

— Está nervosa? — perguntou Al Petrocelli. — É a primeira vez que se apresenta diante de uma plateia? Não se preocupe, que isso logo passará.

Veio-lhe à cabeça a súbita recordação de Aida e do número que tivera de fazer diante de um reduzido grupo de milionários em Nova Orleans.

— Não, já trabalhei diante de uma plateia — disse ela, acrescentando ao ver o olhar de surpresa dele: — Quando estava no colégio.

Voltou-se para assistir ao número de Bob Hope. De algum modo, a recordação a havia tranquilizado.

Al perguntou a um soldado que estava perto dele:

— Sabe o que tem de fazer, sargento?

— Perfeitamente, sr. Petrocelli.

— Ótimo — disse Al, com uma nota de vinte dólares na mão. — Ela vai começar dentro de alguns minutos. Desça e vá para a frente, bem perto do palco. E não se esqueça: fale em voz alta e bem clara.

— Está bem, sr. Petrocelli — disse o soldado, guardando o dinheiro no bolso.

— Ganhará outra depois do espetáculo, se tudo correr bem.

— Por mais vinte, sr. Petrocelli, fique descansado. Irão me ouvir até no Alasca.

Al virou-se para o palco enquanto o soldado descia até a plateia. Hope estava começando a

apresentação de Jennie.

— E agora, pessoal — disse ele ao microfone —, vamos ao ponto alto da noite.

Fez uma pausa, levantando as mãos para os aplausos cessarem.

— É por essa razão que estamos todos aqui. Até o clube dos oficiais todinho! Para ver uma garota!

Esperou que os risos silenciassem e continuou:

— Ora, quando contei ao Ministério da Guerra quem vinha aqui hoje, eles me disseram: Escute, sr. Hope. Não temos cintos de segurança para tantas cadeiras. Mas eu os tranquilizei. Disse que os soldados eram capazes de controlar qualquer situação.

Houve risos de novo, mas dessa vez havia também ansiedade.

— E agora, pessoal, apresento...

As luzes, de repente, diminuíram e um pequeno refletor brilhou sobre a cabeça de Jennie, que aparecia por entre o pano de boca.

— Apertar cintos... Jennie Denton!

E todo o palco ficou às escuras, somente com a luz do refletor sobre a cabeça de Jennie. Um turbilhão de aplausos partiu da plateia, enquanto ela, cautelosa e incertamente, da maneira como tanto havia ensaiado, entrou no palco, coberta pelo casaco de vison.

A algazarra envolveu-a e ela sentiu as vibrações repercutirem no chão de madeira a seus pés, quando chegou diante do microfone. Ficou ali muito quieta, olhando para eles, com seu penteado estilo pajem brilhando à luz do refletor. Os soldados assobiavam, gritavam, batiam com os pés.

Depois de alguns minutos, durante os quais a barulheira não mostrou a menor tendência a diminuir, ela falou ao microfone, em voz bem baixa.

— Se puderem me dar um minuto de silêncio, vou ver se consigo tirar o casaco.

Mas a gritaria foi ainda maior, se isso era possível, enquanto ela lenta e deliberadamente tirava o casaco. Deixou-o cair no palco as suas costas e apareceu num vestido de baile colante, todo branco e cintilante de lantejoulas. Tornou a inclinar-se para o microfone e uma das alças do vestido escorregou de seu ombro. Ela prontamente a ergueu dizendo:

— Isso é muito embaraçoso. Nunca me vi diante de tantos homens.

Os aplausos foram entusiásticos.

— Agora, estou sem saber o que devo fazer — disse em voz suave.

— Não é preciso fazer nada, beleza! — gritou alguém, com voz estridente, perto do palco.
— Basta ficar aí assim!

A plateia tornou-se de novo um pandemônio, enquanto ela sorria e olhava na direção da voz. Esperou até o barulho diminuir um pouco e disse:

— Gostaria de cantar alguma coisa para vocês. Querem?

— Queremos! — gritaram mil vozes.

— Então vamos lá — continuou ela, chegando-se ao microfone e erguendo mais uma vez a alça que caía. — Agora, se pensarem que estão em casa, ouvindo o rádio, se fecharem os olhos...

— Fechar os olhos? — bradou de novo a voz estridente. — Menina, nós podemos estar no Exército, mas não somos loucos!

Ela sorriu por entre uma tempestade de gargalhadas, enquanto a música da orquestra ia

pouco a pouco aumentando. O refletor iluminou apenas seu rosto e a plateia ficou afinal em silêncio. A música era uma das melhores coisas feitas pelos homens do estúdio. Uma velha canção sentimental, mas em ritmo de *beguine*, com o piano, os instrumentos de sopro e os violinos executando a melodia contra o ritmo da bateria.

Ela entrou no momento exato, com os olhos semicerrados sob a luz do refletor e o lábio inferior brilhando, cantando com sua voz rouca:

*"Quero ser amada por você,
por ninguém mais senão você,
só por você, só por você..."*

As últimas notas foram suplantadas pelos aplausos dos soldados e ela sentiu neles uma sensualidade contida, mas tão forte, que chegou a ficar amedrontada.

Maurice Bonner entrou no restaurante Broun Derby, de Hollywood, levando debaixo do braço o grosso *script*.

— Boa tarde, sr. Bonner — disse-lhe o *maitre*. — O sr. Pierce já está aí.

Foram até um reservado nos fundos do restaurante. Dan Pierce interrompeu a leitura do *Hollywood Repórter*.

— Olá, Maurice.

— Olá — disse Bonner, sentando. Olhou para o jornal e acrescentou: — Viu a boa publicidade que nossa garota ganhou?

— Claro que vi.

— Pois não foi nem a metade do que aconteceu. Al Petrocelli me disse que nunca viu coisa igual. Não queriam deixá-la sair do palco e, no fim de tudo, quase lhe rasgaram o vestido todo, quando ela procurava tomar o carro. Bob Hope me telefonou hoje bem cedo e disse que vai precisar dela, sempre que for possível.

— Isso é mais uma prova de que eu tenho razão — disse Pierce. — Acho que ela é ainda maior que Rina Marlowe. Por falar nisso, Maurice, você ainda vai à casa dela uma noite por semana?

Bonner sorriu. Não podia haver segredos naquela cidade.

— Não. Depois que *A pecadora* estreou em Nova Iorque, Cord cancelou o contrato dela e fez outro.

— Não compreendo o que tem uma coisa com outra.

— É simples. No dia em que recebeu o contrato, ela foi ao meu gabinete. Pediu minha caneta, assinou o contrato em minha presença e depois me disse: "Agora não preciso mais ir para a cama com ninguém, nem mesmo com você!" Pegou o contrato e foi embora.

Pierce riu.

— Não acredito. Mulher que fez a vida nunca deixa de gostar disso. Ela deve ter alguém.

— E tem. Jonas Cord. Acho que vai acabar casando com ele.

— Seria exatamente o que aquele patife merece — replicou Pierce com rancor. — Será que ele ainda não sabe que ela já fez a vida?

— Não sei.

— Isso mostra que, por mais esperta que uma pessoa seja, sempre encontra alguém mais esperto. Como vai Jonas?

— Está ganhando cada vez mais dinheiro. Mas você conhece Jonas. Não é nada feliz.

— Por quê?

— Tentou entrar para a aviação e foi barrado. Não quiseram comissioná-lo como oficial, dizendo que ele era muito importante para o esforço de guerra. No mesmo instante, ele saiu de Washington e foi de avião para Nova Iorque, onde se alistou como soldado.

— Mas ele ainda não está no Exército.

— Claro que não. Não passou no exame médico. Tem os tímpanos furados ou coisa que o valha. Mas, na semana que vem, Roger Forrester vai voltar para a aviação como brigadeiro.

— Ouvi dizer que David vai ser submetido a inspeção de saúde — disse Pierce.

— É verdade. Aquele é um idiota. Podia facilmente obter adiamento e até dispensa. É casado e tem um filho, e agora o cinema foi classificado como atividade essencial. Mas ele não quis se aproveitar de nada disso. Soube que até Nevada vai sair com seu show *Oeste Selvagem* para trabalhar de graça na propaganda dos bônus de guerra.

— Isso prova que ainda há gente que não sabe que a Terra é redonda — disse Dan, fazendo sinal ao garçom para servir mais bebidas. — Todo esse pessoal foi praticamente levado para o cinema pela minha mão. Hoje estão todos vitoriosos. E eu, onde estou? Procurando ainda ganhar a vida.

Bonner não podia ter pena de Pierce, que ainda era um dos agentes mais em evidência de Hollywood.

— Não me faça chorar, Dan. Já conheço a história de sua vida. Não foi para isso que vim almoçar.

Dan mudou logo de assunto.

— Como é? Leu o *script*?

— Li, sim — respondeu Bonner, colocando o *script* em cima da mesa.

— Formidável, não é? — perguntou Dan, com o entusiasmo profissional dando ênfase a sua voz.

— Bom, é. Mas precisa de um bocado de retoques.

— Qual é o *script* que não precisa disso, Maurice? Mas, na minha opinião, este precisa mesmo é de um grande produtor como você. Wagner, da Universal, ficou maluco por ele. Zimbalist, da Metro, também. Mas acho que não é coisa para eles. Nenhum tem seu tato e perícia.

— Vamos deixar de conversa fiada, Dan. Nós dois sabemos que este *script* só terá valor se uma certa atriz trabalhar nele. E nós dois sabemos quem é.

— Jennie Denton. É também minha opinião. E foi por isso que lhe dei o *script*, porque sei que ela tem contrato com seu estúdio.

— Mas Jonas é quem dá a palavra final sobre os filmes que ela tem de fazer. E ele tem rejeitado coisas muito boas.

— O que ele está tentando fazer? Está procurando guardá-la dentro de um armário, para ficar só para ele? Ninguém pode fazer isso com uma estrela, Mais cedo ou mais tarde, ela estoura.

— Você conhece Jonas. Ninguém sabe por que ele faz as coisas.

— Talvez ele goste do *script*, Maurice.

— Ainda que goste, quando souber que o agente é você, tudo estará perdido.

— E se a garota fizer pressão sobre ele e disser que quer fazer o filme, acima de tudo?

— Sei tanto quanto você o que poderá acontecer nesse caso. Mas é bom ficar sabendo que não vou dar este *script* a ela. Não quero me meter em complicações por causa de *scripts*. Por melhor que um seja, há sempre outro.

Pierce olhou-o meio desconcertado.

— Tenho uma ideia que poderá fazê-la ficar do nosso lado, Maurice. Se nós...

— Escute, não me diga nada. Se der certo, deixe que seja uma agradável surpresa para mim. Até então, não quero saber de nada.

Pierce olhou-o por um momento. Depois recostou-se na cadeira e pegou o cardápio.
— Está bem, Maurice — disse ele, sorrindo. — O que vamos comer?

A correspondência estava em cima da escrivaninha da sala, quando Jennie voltou do estúdio. Sentou-se à escrivaninha e disse à mexicana:

— Maria, vou jantar às oito e meia. Antes disso, quero tomar um banho e descansar.

A empregada saiu e Jennie olhou a correspondência. Havia dois envelopes. Um deles era muito grande e a experiência disse a Jennie que continha um *script*. O outro era uma carta com o timbre da Escola de Enfermagem St. Mary. Foi o que ela abriu primeiro. A carta estava escrita com a caligrafia apurada da irmã Mary Christopher, e dizia:

Cara Jennie,

Escrevo-lhe apenas algumas linhas rápidas para exprimir-lhe os agradecimentos do pessoal e das alunas da escola pela exibição especial de seu filme, que teve a gentileza de nos proporcionar.

A reverenda madre e todas as irmãs, inclusive eu, ficaram muito comovidas com a terna expressão de fé e amor a Jesus Cristo, nosso Salvador, que imprimiu à interpretação de um papel que lhe deve ter sido muito exigente e difícil. Julgamos, porém, uma infelicidade que os homens que fizeram o filme achassem necessário incluir certas cenas que poderiam ter sido omitidas com a maior facilidade, sem prejudicar em nada a história de Santa Maria Madalena. Mas, em conjunto, tivemos imenso prazer em ver que nestes tempos difíceis pode ser apresentada a todos uma demonstração tão nobre da graça redentora que se encontra no amor ao Nosso Senhor.

Vou terminar porque tenho serviço dentro em pouco na cirurgia. Desde que a guerra começou, todo mundo aqui na escola e também no hospital está trabalhando dobrado devido à falta de gente. Mas, com a graça de Deus, redobramos ainda mais os esforços para servir a Sua misericórdia.

A reverenda madre lhe envia sua benção e reza para que continue a encontrar sucesso e felicidade em sua nova carreira.

*De sua serva em Jesus Cristo,
irmã Mary Christopher*

Jennie teve a impressão de estar vendo o rosto austero e bondoso da irmã e sentiu saudades do tempo que passara na escola. Parecia-lhe que se passara uma eternidade desde aquela época e que não havia mais qualquer relação entre ela e a moça nervosa que entrara um dia pela primeira vez no gabinete da reverenda madre.

Lembrou-se das horas serenas de estudo, das longas aulas e das horas exaustivas de trabalho pesado no hospital. Houve momentos em que ela chorava de frustração, ante sua incapacidade de aprender tudo o que lhe ensinavam. Era nesses momentos que a máscara de austeridade desaparecia do rosto da irmã e ela lhe dizia gentilmente, com a mão em seu ombro: "Trabalhe e reze duramente, Jennie, que acabará aprendendo. Deus lhe deu o dom de tratar dos outros, minha filha".

E ela se sentia confortada e com as forças renovadas ao ver como a boa irmã se dedicava sem reservas a doentes e alunas. A qualquer hora do dia ou da noite em que Jennie estivesse de

serviço, a irmã Mary Christopher andava sempre por perto.

Jennie acendeu um cigarro. Deviam todas estar trabalhando demais, pois do contrário a irmã não mencionaria isso na carta. A irmã Mary Christopher não era dada a atribuir muita importância ao que fazia. Jennie sentiu-se extremamente inútil quando pensou na vida relativamente calma que estava levando. Olhou para as mãos fortes e magras que tão pouco tinham para fazer. Devia haver alguma coisa que ela pudesse fazer para ajudar as irmãs.

E havia. Pegou o telefone, quase no mesmo instante em que lhe ocorreu a ideia, e discou um número,

— Rosa? É Jennie.

— Como vai, Jennie? David me disse que quase provocou um motim no Exército com o show de Bob Hope.

— Também, os pobres coitados estavam há uma porção de tempo sem ver uma mulher — disse Jennie, rindo.

— Essa não. Todos os jornais da indústria disseram que você foi notável.

— Não me diga que David obriga você a ler essas coisas!

— Ele não me obriga. Mas não é o que toda esposa de industrial faz? É a única maneira de sabermos o que nossos maridos estão fazendo.

— Como vai o pequeno Bernie?

— Por que não vem jantar aqui uma noite para saber pessoalmente dele? Já faz muito tempo que você não nos dá esse prazer.

— Irei, sim. Em breve.

— Quer falar com David?

— Quero.

— Adeus, querida — disse Rosa. — Não demore muito a vir jantar. David vai falar com você.

— Como vai o orgulho e a alegria dos estúdios Norman?

— Muito bem, David, obrigada. Desculpe incomodá-lo em casa, mas tenho um pequeno problema e queria um conselho seu.

— Pode dizer — replicou David, preocupado.

— Estudei com bolsa na Escola de Enfermagem St. Mary e queria saber se o estúdio pode descontar um tanto de meu cheque todas as semanas e mandar para lá, do mesmo jeito que fazem com o Fundo de Socorro do Cinema. Seria uma maneira de pagar um pouco o muito que fizera por mim.

— É fácil — disse David, com uma ponta de alívio na voz. — Basta mandar uma nota para meu escritório amanhã, dizendo quanto quer que seja descontado, e nós trataremos do resto. Mais alguma coisa?

— Não. É só.

— Muito bem. Apareça para jantar, como Rosa disse.

— Vou sim, David. Até logo.

Jennie desligou o telefone e voltou a olhar a carta. Começou a se sentir melhor. Já que ela não podia ir ajudá-las pessoalmente, seu dinheiro faria alguma coisa pelas irmãs. Pegou então o envelope grande e o abriu. Era de fato um *script*, e bem grande.

Leu o título na capa azul: *Afrodite, história baseada num livro de Pierre Louys*. Abriu o *script* e encontrou um bilhete na primeira página. Era breve, direto e dizia o seguinte:

Prezada srta. Denton,

Já há muito tempo não faz um filme, e creio que tem razão em aguardar um script apropriado, capaz de repetir o enorme e merecido sucesso alcançado com A pecadora.

Tenho certeza de que Afrodite é um script nessas condições. É o único, dos que tenho visto, com as qualidades necessárias para aumentar o brilho de sua carreira. Terei o maior interesse em saber sua opinião.

Sinceramente,

Dan Pierce

Ela dobrou o bilhete e o colocou dentro do *script*. Aquele Dan Pierce era esperto. Preferia não oferecê-lo ao estúdio da forma habitual. Pegou o *script* e subiu para o quarto. Iria lê-lo na cama depois do jantar.

Prezado sr. Pierce,

Muito lhe agradeço a remessa do script de Afrodite, que ora devolvo. Trata-se de um trabalho muito interessante. Entretanto, não creio que me agrade particularmente fazê-lo.

Jennie Denton

Ela não sabia se era direito condenar assim tão sumariamente aquele *script*. Fora contraditória a impressão que ele havia deixado. Começara a lê-lo à noite na cama e não pudera mais largá-lo. Havia na história uma fascinação que lhe recordava o que Standhurst dissera sobre a cortesã antiga que ajudava a governar o mundo. A história parecia captar as imagens sensuais e a poesia do original, sem se afastar dos limites estabelecidos pelo Código da Indústria Cinematográfica. E, quanto mais lia, mais entusiasmada ficava.

Não existia uma só fala ou cena que pudesse ser considerada reprovável. Isso na superfície. No fundo, havia sempre uma viva consciência do efeito erótico que se insinuava sutilmente no subconsciente das plateias. Quando chegou ao fim, percebeu que fora esse o único intuito do autor da história.

Adormeceu estranhamente perturbada e, ao acordar, a perturbação persistia. Chegando ao estúdio na manhã seguinte, mandou buscar na biblioteca o livro original e passou aquele dia e parte do outro lendo. Depois, tornou a ler a história. Só então compreendeu como o objetivo e a beleza do livro haviam sido audaciosamente deformados.

Entretanto, não tinha a menor dúvida que dali se poderia extrair um grande filme. E ainda menos dúvida tinha de que a atriz que fizesse o papel de Afrodite seria a mais importante e comentada do ano. A Afrodite do *script* era realmente a deusa e a mulher, e representava tudo para qualquer homem.

Mas isso não bastava. Em parte alguma da história ela podia encontrar a alma de Afrodite, o momento único de amor e contemplação espiritual que a elevasse acima de si mesma e a equiparasse à natureza dos deuses. Era bela, ardente, inteligente, amorosa e até moral dentro de seus conceitos próprios. Mas não passava de uma prostituta, igual a todas as que tinham existido desde tempos imemoriais, igual a todas as que Jennie conhecera, igual à que apropriara Jennie fora. E havia alguma coisa dentro de Jennie que se apavorava com o que tinha lido. De fato, em outro tempo e lugar, era a si mesma que ela via — o que ela fora e o que continuava a ser.

Colou o envelope e apertou o botão da campainha, para pedir um mensageiro, no momento em que o telefone tocou. Foi só naquele momento, ouvindo sua voz, que Jennie percebeu quanta falta ele lhe fizera.

— Jonas! Onde você está? Quando chegou?

— Estou na fábrica em Burbank. Quero vê-la.

— Oh, Jonas, também quero vê-lo e muito. Como este dia me parecerá comprido!

— Por que esperar até a noite? Venha almoçar aqui comigo.

— Vou sim.

— A uma hora?

— Estarei aí — disse ela, desligando o telefone.

— Pode deixar aí, John — disse Jonas. — Nós nos serviremos.

— Está bem, sr. Cord — respondeu o empregado, que, em seguida, perguntou timidamente: — Sr. Cord, poderia incomodar a srta. Denton, pedindo-lhe um autógrafo?

— Pergunte a ela — disse Jonas, rindo.

O empregado olhou para Jennie, que sorriu. Ele tirou papel e caneta do bolso e ela prontamente rabiscou o nome.

— Obrigado, srta. Denton.

Jennie riu depois que o homem saiu.

— Dar autógrafos sempre me causa a impressão de que sou uma rainha. Sabe que este seu escritório é ótimo?

— Não é meu. É de Forrester. Estou usando na ausência dele.

— E onde é o seu?

— Não tenho escritório, exceto o que era de meu pai na velha fábrica em Nevada. Nunca me demorei muito num lugar para chegar a precisar de escritório.

Puxou uma cadeira para junto dela e a olhou calmamente. Jennie sentiu que um rubor de perturbação invadia seu rosto.

— Há alguma coisa comigo? A maquilagem ou outra coisa?

— Não, não — disse Jonas, sorrindo. — Você está ótima.

Um silêncio pesado caiu entre eles.

— O que tem feito? — perguntou ela.

— Tenho pensado, pensado muito, principalmente a respeito de nós dois. Desde que fiquei longe de você, pela primeira vez em minha vida me senti sozinho. Nada me parecia certo. Não queria ver outras mulheres. Só você.

Jennie sentiu o coração dilatar-se, como se fosse sufocá-la. Sentia que, se tentasse fazer algum movimento, perderia os sentidos. Jonas meteu a mão no bolso e tirou uma caixinha que entregou a ela.

Os dedos de Jennie tremeram ao abrir a caixa. Era um brilhante soberbamente lapidado.

— Quero me casar com você — disse ele, com voz terna.

Ela sentiu lágrimas quentes de alegria e gratidão umedecerem seus olhos. Os lábios tremeram, mas não conseguiu dizer uma palavra.

A notícia no dia seguinte foi a manchete e a abertura da coluna de Louella Parsons. O telefone tocou no camarim a manhã toda, até o momento em que Jennie pediu à central telefônica que procurasse saber antes quem queria falar com ela. A voz da telefonista acusava uma nota nova de respeito. Jennie já ia desligar, quando a telefonista que a atendeu disse:

— Srta. Denton? Todas nós, as telefonistas, lhe desejamos muitas felicidades.

Talvez isso lhe houvesse agradado mais do que todos os outros telefonemas.

— Obrigada, muito obrigada.

Rosa ligou no meio da tarde.

— Estou muito contente por ambos.

— Obrigada, Rosa. Ainda estou meio confusa — disse Jennie, olhando para o brilhante que tinha no dedo.

— Lembra-se daquele convite para jantar?

— Claro que sim!

— David e eu estivemos pensando. Gostaria de uma festa de noivado? No Romanoffs, com tudo o que for preciso?

— Não sei. Vou falar com Jonas.

— Jonas? — disse Rosa, rindo. — Ora, quem é ele? Apenas o noivo. Nunca se pergunta ao noivo o que ele quer. A festa será íntima, se você preferir.

— Está certo. Você me colocou numa situação de eu não poder dizer não.

— E você terá oportunidade de mostrar seu anel de noivado. Ouvi dizer que é um verdadeiro estouro!

— É lindo, sim — murmurou Jennie.

— Bernie está reclamando o jantar. Telefonarei para sua casa hoje à noite e combinaremos tudo.

— Obrigada, Rosa. Até logo.

Havia um carro parado em frente a sua casa naquela noite quando ela chegou do estúdio. Levou seu carro à garagem e entrou em casa pela porta dos fundos. Se fosse mais algum repórter, não o atenderia. A mexicana estava na cozinha.

— O sr. Pierce está na sala a sua espera.

Jennie não sabia o que ele poderia querer. Talvez ainda não houvesse recebido o *script* e passara por ali para falar sobre isso.

Pierce estava sentado na poltrona, com uma cópia do *script* no colo. Logo que a viu, levantou-se.

— Recebeu o *script*, sr. Pierce? Já o mandei há vários dias.

— Recebi, sim. Mas achei que seria conveniente discutirmos o assunto. Tenho a esperança de fazê-la mudar de ideia.

— Acho muito difícil.

— Antes de prosseguirmos, posso dar-lhe meus parabéns por seu noivado?

— Muito obrigada. Mas vou pedir-lhe desculpas, porque tenho um compromisso.

— Só tomarei alguns minutos de seu tempo — disse ele, pegando uma caixa de couro que deixara no chão, ao lado da poltrona.

— Mas, sr. Pierce, estou dizendo...

Havia uma estranha segurança na voz e nos modos dele. Era como se ele soubesse que ela não se atreveria a recusar coisa alguma. Apertou um botão e a tampa da caixa se abriu.

— Sabe o que é isso, srta. Denton?

Ela não respondeu. Estava começando a ficar zangada. Se era algum tipo de brincadeira, ela não iria gostar.

— Isso é um projetor de oito milímetros, que em geral se usa para exibição de filmes domésticos.

— Muito interessante. Mas não compreendo o que isso tem a ver comigo.

— Já vai ver — replicou ele, com olhos frios.

Procurou uma tomada de luz e ligou o projetor.

— Acho que aquela parede branca de sua sala poderá servir de tela. Tomei a liberdade de colocar o filme antes de vir para cá.

Ligou o comutador e Jennie virou-se para ver o filme projetado na parede. A cena mostrava duas mulheres nuas em cima de uma cama, com os braços passados pelos ombros uma da outra e os rostos escondidos. De repente, alguma coisa naquilo lhe pareceu conhecida.

— Consegui este filme de um amigo em Nova Orleans — começou Pierce, no momento em que um homem, também nu, aparecia em cena, entrando no quarto. Uma das mulheres voltou-se para olhá-lo, ficando de frente para a câmara.

Jennie não pôde conter o grito. A mulher era ela. Lembrou-se então. Tinha sido daquela vez em Nova Orleans. Voltou-se para Dan Pierce, com o rosto mortalmente pálido.

— Já naquele tempo você era fotogênica. Deveria certificar-se de não estar sendo filmada.

— Não pode ser. Aida nunca teria permitido uma coisa dessas.

Ficou olhando Dan em silêncio, sentindo a boca e a garganta completamente secas.

Dan apertou o botão e o filme parou.

— Posso ver que não se interessa por filmes de amadores.

— O que você quer? — perguntou ela secamente.

— Você — disse ele, enquanto guardava o projetor. — Mas não no sentido comum. Quero você para estrelar *Afrodite*.

— E se eu não quiser?

— Você é uma mulher admirada, é uma estrela e está noiva — disse ele. — Poderá deixar de ser as três coisas se este filme cair em mãos de quem não deve saber de nada disso, juntamente com uma resenha de suas atividades profissionais. Nenhum homem, mesmo que seja um maluco igual a Jonas Cord, vai querer casar com uma prostituta reconhecida.

— Tenho um contrato com a Norman, que não me permite fazer filmes para outros estúdios.

— Sei disso. Mas tenho certeza de que Jonas Cord autorizará a compra deste *script* se você insistir. Bonner fará o filme.

— E se ele não quiser? Jonas tem ideias muito definidas a respeito de filmes.

— Nesse caso, você terá a obrigação de fazê-lo mudar de ideia.

— E se eu conseguir?

— É claro que, assim sendo, eu lhe darei o filme.

— O negativo também?

— Claro.

— E como eu vou poder ter certeza de que não existem outras cópias?

— Nunca tive a menor dúvida de que fosse esperta. Mas escute: paguei cinco mil dólares por esse rolinho de filme. Não pagaria tanto, se não houvesse apurado a inexistência de outras cópias. Além disso, não seria de meu interesse fazer uma sujeira dessas. Ainda faremos outros negócios. Vou deixar o *script* com você.

Ela não respondeu.

Dan Pierce pegou a caixa do projetor e foi para a porta. Com a mão na maçaneta, voltou-se:

— Não lhe disse que seriam apenas alguns minutos?

Dan levantou e pediu a atenção de todos à mesa, batendo com uma colher no copo. Estava bêbado, tanto de sucesso quanto de uísque.

— Dan Pierce nunca esquece seus amigos — começou ele. — E foi por isso que trouxe um presente para cada um dos noivos.

Fez um sinal ao *maitre*; este deu a ordem a um garçom, que apareceu com dois embrulhos de presentes, colocando um grande, de papel dourado, diante de Jonas, e outro menor, de papel prateado, diante de Jennie.

— Obrigada, Dan — agradeceu Jennie.

— Abra, Jonas — disse Dan, com voz pastosa de bêbado. — Quero que todo mundo veja os presentes.

Jennie teve uma súbita desconfiança:

— Abriremos depois, Dan.

— Não — replicou ele, insistentemente. — Agora!

Jennie correu os olhos em torno da mesa. Estavam todos atentos, cheios de curiosidade. Jonas sorriu para ela, deu de ombros e ela começou a abrir o presente. O barbante estava tão apertado que teve de pedir uma faca para cortá-lo. Enquanto isso, Jonas acabava de desembulhar o seu.

— Oh! — exclamou ele, rindo e levantando o presente para todos verem. — *Magnum* de champagne!

O presente de Jennie estava numa pequena e bem trabalhada caixa de madeira. Ela a abriu e ficou olhando, sentindo a cor fugir-lhe do rosto. Jonas tomou a caixa de suas mãos e a levantou para que todo mundo visse.

— É um jogo de navalhas inglesas — disse ele, rindo para Dan. — O garçom deve ter trocado os nomes. Mais uma vez, muito obrigado, Dan.

De repente, Dan sentou, sorrindo satisfeito.

Jennie sentiu que todos estavam olhando para ela. Levantou a cabeça e correu os olhos de novo em torno da mesa. Parecia saber o que estavam pensando. Havia doze casais presentes. Ela recebera cinco dos homens em sua casa, antes de fazer o teste. Irving Schwartz, Bonner e mais três, que eram importantes diretores de diversas companhias. E os outros sete homens sabiam. Algumas das mulheres também, pois era essa a explicação de seus olhares cruéis. Só em dois homens ela percebia alguma amizade e compaixão. David e Nevada Smith.

O sentimento de David, ela podia compreender. Não sabia, porém, por que Nevada sentia pena dela. Mal a conhecia. Sempre lhe parecerá tão sossegado e até tímido nas ocasiões em que se haviam encontrado no estúdio. Mas, naquele momento, havia uma espécie de profunda raiva dentro de seus olhos pretos de índio, quando eles se desviavam dela para Dan.

Treze homens, pensou ela, e todos sabiam o que ela fora, menos um, o décimo terceiro, o azarado, que ia casar com ela.

Sentiu uma mão no braço e a voz de Rosa quebrou o silêncio opressivo.

— Acho que está na hora de irmos lavar as mãos, Jennie.

Jennie levantou atordoada e a seguiu em silêncio. Percebeu que a qualquer momento poderia perder os sentidos. Rosa correu a cortina do toalete das senhoras e Jennie deixou-se cair

pesadamente num sofá. Rosa acendeu um cigarro e o entregou a ela.

Com o cigarro esquecido nas mãos e os olhos cheios de lágrimas, Jennie perguntou com voz sentida e surpresa:

— Por quê? Não compreendo. Que foi que eu fiz a ele?

Começou a chorar em silêncio. Rosa sentou a seu lado e fez a cabeça dela descansar em seu ombro.

Dan Pierce estava rindo intimamente enquanto caminhava para seu carro, no estacionamento escuro e deserto. Quando contasse aquela história no Hillerest no dia seguinte, todos dariam boas gargalhadas. Na realidade, ninguém gostava de Jonas.

Toleravam-no, sem dúvida, mas não o aceitavam. Admiravam e até respeitavam o sucesso de Jonas, mas não seriam capazes de levantar um dedo para ajudá-lo. Não procederiam assim se ele, Dan Pierce, precisasse de ajuda, o que não era felizmente o caso. Ele era um deles e se fizera nos negócios com eles, respeitando as regras. Havia entre eles uma solidariedade tácita.

Ele iria contar a todos como a cadela havia ficado arrasada, desejando que o chão se abrisse para poder desaparecer; enquanto, a seu lado, Jonas ria, satisfeito como um idiota, pensando como todo mundo era gentil. Morreriam de tanto rir.

Um vulto apareceu repentinamente a sua frente. Olhou ansioso até o vulto se aproximar.

— Ah! É você, Nevada. Não o reconheci assim, no escuro.

Nevada ficou em silêncio diante dele.

— Não foi ótimo? — perguntou Dan, rindo. — Pensei que ela fosse explodir quando abriu a caixa e viu as navalhas. E Jonas, o cretino, sem saber de nada...

A voz de Dan se estrangulou de repente num gemido de dor quando Nevada lhe deu um violento soco na barriga. Caiu por cima de um carro e procurou agarrar-se a ele para não ir ao chão.

— Por que fez isso? — perguntou com voz chorosa. — Somos velhos amigos.

Viu a mão de Nevada aproximar-se na direção de seu rosto e procurou esquivar-se, mas não foi suficientemente ligeiro e a dor explodiu em seus olhos. Levou outro soco na barriga. Começou a vomitar e outro murro no rosto o fez cair em cima de seu próprio vômito. Conseguiu olhar para Nevada. Estava apavorado.

Só então Nevada falou, e um medo gelado apertou o coração de Dan.

— Já devia ter feito isso há muito tempo. O melhor mesmo seria matá-lo. Mas você não merece, nojento como é, que eu vá morrer na câmara de gás por sua causa.

Deu-lhe as costas com desprezo e se afastou. Dan esperou que o rumor de seus passos se extinguísse. Pôs então o rosto entre as mãos no cimento frio e disse, chorando:

— Foi só uma pilhéria. Só uma pilhéria!

Jonas entrou com Jennie na casa às escuras.

— Você está cansada — disse gentilmente, olhando seu rosto pálido. — A noite foi muito movimentada. Vá dormir. Estarei aqui amanhã.

— Não — disse ela, decidida.

Sabia o que tinha de fazer; Entrou na sala e acendeu a luz. Ele a seguiu, cheio de

curiosidade.

Jennie tirou o anel do dedo e o entregou a Jonas.

— Por quê? — perguntou ele, atônito. — Foi por alguma coisa que eu fiz esta noite?

— Não. Não é por nada que você tenha feito. Mas tome o anel.

— Tenho o direito de saber por que, Jennie.

— Não gosto de você. Não basta isso?

— Não, agora não basta.

— Melhor, eu tenho um motivo melhor — disse ela, com toda a energia de que era capaz.

— Antes de fazer aquele teste, eu era a prostituta mais cara de Hollywood.

Ele a olhou surpreso e em seguida murmurou:

— Não, não é possível. Você não poderia ter me enganado desse jeito.

— Pois enganei. Se ainda não acredita, pergunte a Bonner ou a qualquer dos quatro homens que estavam hoje no jantar e que já dormiram comigo. Ou a qualquer homem de uns dez que vi esta noite no restaurante.

— Ainda não acredito.

Ela riu.

— Então pergunte a Bonner por que Pierce me deu aquele presente. Não houve qualquer engano. As navalhas eram mesmo para mim. Toda Hollywood soube do caso no mesmo dia em que Bonner saiu de minha casa. Raspei todos os pelos de seu corpo e, depois, dei um banho nele, numa banheira cheia de champanhe.

Jonas estava com o aspecto de um homem arrasado.

— Sabe por que eu pedi a você que me deixasse fazer *Afrodite*? Não foi porque achei o *script* bom. Foi para pagar a Dan Pierce por isto.

Tirou de uma gaveta dois rolos de filmes e sacudiu um deles, fazendo-o desenrolar-se como uma serpentina.

— Meu primeiro papel de estrela! Num filme pornográfico.

Pegou um cigarro da caixa em cima da mesa e o acendeu. Voltou-se para Jonas e continuou a falar, com a voz mais calma.

— Talvez você seja o tipo de homem que gosta de casar com essa espécie de mulher. Assim, toda vez que encontrar um homem vai poder ficar na dúvida: este foi um deles?

— Jennie, tudo isso pertence ao passado e não tem importância.

— Não tem? Só porque eu me iludi em pensar assim, você não tem de cair no mesmo erro. Quanto pensa você que teria aguentado esta noite, se soubesse de tudo?

— Mas eu a amo, Jennie!

— É outra ilusão sua! Você não me ama. Nunca me amou. O que você ama é uma saudade. A saudade de uma mulher que preferiu seu pai a você. Na primeira oportunidade que teve, procurou me fazer o mais parecida possível com ela. E até na cama... as coisas que você me mandava fazer... Pensa que sou tão ingênua, a ponto de não perceber que eram as mesmas coisas que ela lhe fazia?

O anel ainda estava na mão dela. Ela o colocou em cima da mesa e disse:

— Pode levá-lo.

Jonas olhou para o anel. Depois olhou para Jennie e viu seu rosto abatido e triste.

— Fique com ele — murmurou, e saiu.

Ela ficou ali em pé até ouvir o motor do carro dele dar partida e desaparecer no silêncio da noite. Depois apagou a luz e subiu para o quarto, deixando o anel em cima da mesa, e o filme, estendido como uma serpentina depois de uma festa, no chão.

Ficou deitada na cama, de olhos abertos, até altas horas da noite, Se pudesse chorar, talvez fosse melhor. Mas não podia. Sentia um vazio por dentro, com a alma inteiramente consumida pelos seus pecados. Nada lhe restava para dar a ninguém. Havia gasto todo o amor que nela existia.

Outrora, havia muito, amara e fora amada. Mas Tom Denton estava morto, perdido para sempre, irremediavelmente.

Se ela pudesse voltar àqueles tempos e começar de novo... Voltar para o cheiro tão conhecido do ensopadinho de repolho dos domingos, para os murmúrios de uma missa rezada bem cedo, para as irmãs e o hospital, para a satisfação íntima de ser um instrumento da obra de Deus.

Pareceu-lhe então ouvir a voz do pai na luz cinzenta da manhã.

— Quer mesmo ir, Jennie querida?

Ficou longos momentos ali, pensando, lembrando. Teria esse tempo desaparecido para sempre? Se ela eliminasse de sua confissão aquela parte de vida em que ela mesma já se via como uma pessoa estranha, poderia começar de novo. Não saberiam. Era sua única transgressão verdadeira. O resto de sua vida todos já conheciam.

Isso, porém, seria um pecado. Um pecado de omissão. Invalidaria qualquer confissão que ela fizesse depois. Mas tinha tanto para dar e, sem fazer isso, não poderia proporcionar aos outros uma ajuda que era tão necessária. Qual seria o pecado maior? Ficou por um momento apavorada, mas chegou à conclusão de que aquilo era um assunto para ser resolvido entre ela e seu Criador. A decisão era dela e só ela seria responsável naquele momento e em qualquer outra ocasião futura.

De repente, decidiu-se e de nada mais teve medo.

— Sim, papai — murmurou.

Teve a impressão de ouvir a voz num sussurro do vento.

— Então vista-se, Jennie, que eu irei com você.

Já haviam se passado dois anos desde aquela noite do jantar, quando Rosa teve de novo notícias de Jennie. Quase seis meses antes, recebera a impessoal comunicação do Ministério da Guerra informando que David havia morrido na cabeça de ponte de Anzio, em maio de 1944.

Haviam se acabado os sonhos, os grandes negócios, as lutas e os planos para organizar uma empresa gigantesca que cobrisse toda a Terra com uma teia compacta de celuloide. Tudo havia acabado para ele, como para milhares de outros, no fragor do combate que abalou uma manhã italiana.

Para ela também haviam se acabado os sonhos. Os sussurros de amor à noite, o rumor dos passos do outro lado da cama, o carinho e o calor das confidências e dos planos para o dia de amanhã.

Felizmente Rosa tinha seu trabalho. Exigia todas as energias de seu corpo e de seu espírito e a submergia nas responsabilidades cotidianas. A dor assim era recalcada para os recessos mais profundos de seu ser e só reaparecia quando ela estava sozinha.

Então, pouco a pouco, chegou a compreender, como sempre acontece com os sobreviventes, que só uma parte dos sonhos fora enterrada com ele. Bernie estava crescendo e um dia, ao vê-lo correndo pelo gramado verde diante da casa, Rosa ouviu de novo os pássaros cantarem. Olhou para o céu azul, para a luz radiosa do sol e percebeu que ela era um ser humano vivo e completo, em cujas veias estuava pleno o sangue da vida. E o sentimento de culpa que experimentava, por haver ficado enquanto ele partira, desapareceu.

Tudo isso acontecera depois de ela haver recebido a carta de Jennie. O endereço estava escrito numa letra pequena e feminina que ela não reconheceu. A princípio pensou que fosse mais um pedido de auxílio, mas, quando abriu a carta, viu logo em cima a autorização da superiora.

A carta dizia o seguinte:

*Irmãs da Misericórdia
Burlingame, Califórnia
10 de outubro de 1944*

Minha cara Rosa,

É com alguma inquietação, mas também com a certeza de que guardará o necessário sigilo, que pego a caneta para escrever-lhe. Não desejo reabrir velhas feridas, que já agora devem estar em parte cicatrizadas, mas, como só há poucos dias soube da dor que a atingiu, quero dar a você e ao pequeno Bernie a segurança de minha amizade e das minhas orações.

David era um homem excelente e um ser humano genuinamente bondoso. Todos os que o conheceram sentirão sua falta. Menciono-o todos os dias em minhas orações e me conforto com as palavras de Nosso Senhor e Redentor: "Sou a ressurreição e a vida; quem acredita em mim, ainda que morra, viverá, e quem vive e acredita em mim nunca morrerá".

*De sua serva em J. C.
Irmã Mary Thomas
(Jennie Denton)*

Foi depois disso, quando Rosa saiu de casa para chamar o filho que brincava lá fora, que os pássaros voltaram a cantar. No fim de semana seguinte, ela tomou o carro para ir visitar Jennie, em Burlingame.

Havia nuvenzinhas de flocos brancos pontilhando o céu azul, quando Rosa entrou com o carro pela larga alameda que levava à casa das irmãs. Era uma tarde de sábado e havia ali vários outros automóveis estacionados. Levou o seu para uma vaga a alguma distância do imenso prédio.

Desligou o motor e, sem sair do carro, acendeu um cigarro. Estava em dúvida. Aquela visita poderia ser inoportuna. E se Jennie se recusasse a recebê-la? Era um direito que tinha de não querer recordar o mundo que abandonara. Rosa fora até ali por um impulso insopitável e não se queixaria de Jennie, se ela se negasse a vê-la.

Lembrou-se do dia seguinte ao da festa. Jennie não aparecera no estúdio e ninguém dera muita importância ao fato. E David, que estava querendo falar com Jonas na fábrica de Burbank, dissera-lhe que também não conseguia encontrá-lo.

Quando três dias se passaram sem qualquer notícia de Jennie, o pessoal do estúdio começou realmente a ficar preocupado. Jonas foi afinal encontrado na nova fábrica no Canadá e David telefonou para ele. Falara muito secamente ao telefone, dizendo a David que vira Jennie pela última vez quando a deixara em casa na noite do jantar.

David telefonou imediatamente para Rosa e sugeriu que ela fosse à casa de Jennie. Quando ela chegou lá, a empregada mexicana abriu a porta.

— A srta. Denton está?

— Não, senhora, não está.

— Sabe onde ela está? Tenho um assunto muito importante para tratar com ela.

— A *señora* foi embora. Não disse para onde ia.

Rosa entrou na casa. Estava tudo pronto para mudança; havia grandes caixas de uma empresa de transportes por toda parte. A empregada percebeu a surpresa no rosto de Rosa e explicou:

— A *señora* me disse que fechasse a casa e fosse embora também.

Rosa não esperou chegar em casa. Telefonou a David do primeiro telefone público que encontrou. Ele disse que ia procurar falar de novo com Jonas.

— Conseguiu falar com Jonas? — perguntou ela, logo que David chegou em casa naquela noite.

— Falei. Ele me disse para cancelar *Afrodite* e expulsar Dan Pierce do estúdio. Quando observei que poderiam iniciar uma ação de perdas e danos, me pediu que dissesse a Pierce que, se tentasse fazer fosse o que fosse, ele não se incomodaria em gastar até seu último dólar para aniquilá-lo.

— E a respeito de Jennie ?

— Jonas me disse que, se ela não aparecer até o fim desta semana, deverei suspendê-la e deixar de pagar o salário.

— E o noivado?

— Jonas não me falou nisso, mas acho que deve estar acabado também. Quando perguntei se queria que preparássemos uma declaração à imprensa, ele me recomendou que nada dissesse aos jornais e desligou.

— Pobre Jennie! Por onde andarás?

Rosa afinal sabia. Desceu do carro e se dirigiu a passos lentos para a portaria.

A irmã Mary Thomas estava em seu pequeno quarto, lendo o livro de orações. Bateram à porta. Ela levantou, com o livro ainda nas mãos, e abriu a porta. A luz da janela do corredor diante do quarto plateou seu véu branco de noviça.

— Sim, irmã?

— Há uma visita para a irmã, sra. David Woolf. Está na sala das visitas lá embaixo.

A irmã Mary Thomas hesitou por um instante. Afinal, falou com voz firme e clara.

— Obrigada, irmã. Faça o favor de dizer à sra. Woolf que descerei dentro de alguns minutos.

A freira voltou pelo corredor e a irmã Mary Thomas fechou a porta. Ficou por um momento encostada à parede, cansada e ofegante. Não esperava que Rosa fosse vê-la. Ajoelhou-se diante do crucifixo na parede lisa atrás de sua cama e começou a rezar de mãos postas. Parecia ainda, como quando ali chegara, a criatura amedrontada que levava a vida toda tentando esconder o amor que tinha a Deus.

Lembrava-se da voz bondosa da madre superiora, que gentilmente começara a lhe afagar o cabelo, quando ela se ajoelhara, colocando a cabeça em seu colo.

— Não chore, minha filha, e não tenha medo. O caminho que leva a Nosso Senhor pode ser duro e difícil, mas Jesus Cristo, nosso Salvador, não se recusa a ninguém que verdadeiramente o procure.

— Mas, reverenda madre, pequei tanto!

— Pois então mostre-me quem não tem pecado — disse suavemente a superiora. — Se confiar todos os seus pecados àquele que os redime e o convencer, com sua penitência e arrependimento, ele lhe dará um santo perdão e você será bem recebida em sua casa.

Ela olhou por entre as lágrimas para a superiora.

— Posso ficar, então?

— Claro que pode ficar, minha filha — disse a superiora, sorrindo.

Rosa se levantou da cadeira quando a irmã Mary Thomas entrou no parlatório.

— Jennie — exclamou ela. — Desculpe, irmã Mary Thomas.

— Rosa, como é bom revê-la.

Rosa olhou para ela. Os olhos cintilantes e o lindo rosto pertenciam a Jennie, mas a tranquila serenidade que emanava do véu de noviça era toda da irmã Mary Thomas. De repente, compreendeu que aquele rosto era o mesmo que vira na tela, ampliado muitas vezes, mas cheio do mesmo amor que externara no momento em que Madalena tocava a fimbria da túnica do Redentor.

— Jennie! — disse ela, sorrindo. — Estou tão feliz que tenho até vontade de abraçá-la.

A irmã Mary Thomas abriu os braços.

Mais tarde, saíram a passeio pelos terrenos do convento e, quando chegaram ao alto de uma pequena colina, olharam para o verde vale que se estendia embaixo à luz da tarde.

— A beleza de Deus está em toda parte — disse a irmã Mary Thomas, mansamente. — Encontrei aqui meu verdadeiro lugar.

— Quanto tempo dura o noviciado? — perguntou Rosa.

— Dois anos. Até maio.

— Que irá fazer então?

— Se eu merecer essa graça, tomarei o véu preto e seguirei o caminho da madre fundadora, para levar a misericórdia de Deus a todos os que dela precisarem.

Olhou para Rosa com sua profunda serenidade e acrescentou humildemente:

— E sou mais feliz do que muitas. Já aprendi a fazer a obra do Senhor. A experiência que adquiri em meu tempo de hospital me servirá em qualquer lugar para onde me mandarem, porque então poderei prestar mais serviços.

JONAS — 1945

LIVRO IX

Lá fora, o ardente sol de julho batia diretamente sobre a pista do campo de aviação em Nevada, mas ali, no escritório do general, o condicionador de ar trabalhava ao máximo, conservando a temperatura nos vinte e seis graus. Olhei para Morrissey e, depois, para o general e seu pessoal.

— O fato é o seguinte, senhores — disse. — O CA-XP a jato pode chegar a novecentos e cinquenta quilômetros com mais facilidade do que o jato De Havilland-Rolls dos ingleses, do qual eles se vangloriam tanto, aos oitocentos. É o que lhes poderei mostrar agora mesmo, se me acompanharem.

— Não tenho dúvidas a esse respeito, sr. Cord — disse o general. — Se tivesse, o senhor jamais conseguiria o contrato.

— O que estamos esperando então? Vamos.

— Um momento, sr. Cord — replicou o general. — Não podemos permitir que faça uma demonstração do jato.

— Por que não?

— O senhor não foi aprovado para pilotar aviões a jato — disse ele olhando para um papel que tinha na mão. — O laudo médico indica uma fração de retardamento em seus reflexos. É, sem dúvida alguma, perfeitamente normal na sua idade, mas deve compreender que não podemos permitir que pilote o aparelho.

— Tudo isso é conversa, general. Quem o senhor acha que pilotou o aparelho até aqui para fazer a entrega?

— Nessa ocasião, o senhor tinha todo o direito de assim proceder, sr. Cord. O avião era seu. Mas, a partir do momento que ele tocou a pista deste campo, de acordo com o contrato, passou a ser propriedade do governo. E não podemos correr o risco de deixar o senhor pilotá-lo.

Dei um murro na palma da mão, aborrecido. Regulamentos e mais regulamentos. Era o que havia de ruim naqueles danados contratos. No dia anterior, eu teria feito um voo de ida e volta ao Alasca e eles não poderiam me impedir. Para dizer a verdade, não poderiam nem me alcançar. O meu jato CA-XP voava trezentos e tantos quilômetros mais depressa do que qualquer dos aviões convencionais que o Exército tinha no ar. Eu ainda havia de achar tempo para ler bem aqueles contratos.

O general sorriu e se aproximou de mim.

— Compreendo perfeitamente o que está sentindo, sr. Cord. Quando os médicos me disseram que eu era velho demais para executar missões de combate e me puseram sentado diante de uma mesa, eu não era mais velho do que o senhor é agora. E fiquei tão pouco satisfeito quanto o senhor está. Ninguém gosta de ouvir que está ficando velho.

Que diabo ele estava dizendo? Eu tinha apenas quarenta e um anos. Isso não é ser velho. Eu ainda podia dar voltas de avião em torno da cabeça daqueles garotos que andavam no campo com suas insígnias de ouro e prata e folhas de carvalho nos ombros. Olhei para o general.

Ele notou a surpresa em meus olhos, porque tornou a sorrir.

— Isso foi há apenas um ano. Tenho quarenta e três anos. O tenente-coronel Shaw pilotará o avião. Ele já está lá fora a nossa espera. Não se preocupe. Ele já conhece perfeitamente o aparelho. Passou as últimas três semanas em sua fábrica em Burbank, estudando o avião.

Olhei para Morrissey. Porém, ele examinava cuidadosamente alguma coisa. Com certeza,

estava também metido naquilo, mas ia me pagar. Voltei-me para o general.

— Muito bem, general. Vamos ver seu garotinho voar.

Garotinho era o termo próprio. Não havia outro. O tenente-coronel Shaw não devia ter mais de vinte anos. Observei a decolagem, mas não pude ficar olhando o avião. Era como se alguém levasse muitos anos atrás de uma virgem e, quando ela afinal consentisse e estivesse tudo pronto, entrasse na casa para encontrá-la na cama com outro.

— Há algum lugar aqui onde eu possa tomar um café gelado?

— A cantina é perto do portão principal — disse um dos soldados.

— Obrigado.

— De nada — disse ele automaticamente, sem tirar os olhos do céu.

A cantina não tinha ar condicionado, mas havia sombra e conforto, embora o gelo em meu copo se houvesse derretido antes mesmo de eu começar a tomar o café. Olhei pela janela diante da mesa. Moço demais ou velho demais. Era essa a história da minha vida. Tinha catorze anos quando a outra guerra terminou, em 1918, e quase estava além do limite de idade quando esta começou. Existiam pessoas sem sorte. Sempre havia uma guerra em cada geração, mas eu não pudera participar nem de uma, nem de outra. Tivera a pouca sorte de passar o melhor de minha vida entre as duas.

Um ônibus do Exército parou em frente à cantina. Os passageiros começaram a saltar e eu os olhei, porque não tinha mais o que fazer. Não eram soldados. Eram civis e também não muito moços. Muitos deles levavam o paletó no braço e uma pasta na outra mão. Alguns tinham cabelo grisalho e outros não tinham cabelo de espécie alguma. Uma coisa me impressionou. Nenhum deles sorria, nem mesmo quando conversavam entre si nos pequenos grupos formados no passeio, perto do ônibus.

Por que iriam sorrir? Não tinham motivo algum para isso. Eram todos animais extintos, como eu. Botei um cigarro na boca e risquei um fósforo. O ventilador o apagou. Risquei outro, dando as costas para o ventilador e protegendo a chama com as mãos.

— Sr. Cord! Que prazer! O que está fazendo aqui?

Era Strassmer.

— Vim entregar um avião. E o senhor, o que está fazendo aqui? Julguei que estivesse em Nova Iorque.

O sorriso desapareceu do rosto dele.

— Nós também viemos fazer uma entrega. Agora vamos voltar.

— Estava com esse grupo aí?

— Sim. Todos chegamos num só avião, mas agora vamos voltar aos grupos em aviões separados. Trabalhamos juntos três anos; agora o serviço está terminado. Dentro em breve, estarei na Califórnia.

— Ótimo! — exclamei. — Vamos precisar de você na fábrica. Creio que infelizmente isso ainda vai demorar um pouco. A guerra na Europa pode ter acabado, mas, diante do que houve em Tarawa e Okinawa, ainda teremos uns seis meses de luta até o Japão ser batido.

Strassmer nada disse. Desviou o olhar e então me lembrei. Os europeus são muito sensíveis às boas maneiras.

— Desculpe, sr. Strassmer. Quer tomar café comigo?

— Não tenho tempo — respondeu com um olhar curioso de hesitação. — Mas o senhor tem

um escritório aqui também, como em toda parte?

— Claro — disse eu. A caminho da cantina havia passado em frente a uma porta com a famosa tabuleta: *CAVALHEIROS*. — Fica nos fundos disto aqui.

— Estarei lá dentro de cinco minutos — disse ele, afastando-se, apressado.

Olhei pela janela e o vi aproximar-se de um dos grupos e falar animadamente com os homens. Estaria o bom velho desequilibrado? Bem, poderia ter trabalhado demais, pensando que ainda estava na Alemanha nazista. Não havia absolutamente razão para tanto segredo, fosse o que fosse que queria me dizer. Afinal de contas, estávamos ambos do mesmo lado.

Apaguei o cigarro no cinzeiro e saí. Ele nem me olhou quando passei pelo grupo a caminho do mictório. Apareceu logo depois de eu ter entrado. Os olhos esquadrinharam nervosamente todos os cantos.

— Estamos sozinhos?

— Acho que sim — disse eu, pensando onde se poderia encontrar ali um médico, se ele mostrasse sintomas muito agudos de loucura.

O rosto dele estava carrancudo e pálido e havia gotas de suor em sua fronte. Julguei reconhecer os sintomas. Aquele sol de Nevada é muito perigoso quando não se está habituado. As primeiras palavras que ele pronunciou acabaram me convencendo ainda mais.

— Sr. Cord, a guerra não vai acabar em seis meses.

— Claro que não — concordei, para acalmá-lo.

Segundo sabia, o principal era concordar com eles, procurar acalmá-los e... Não sabia o que vinha depois...

— Não! A guerra acabará no mês que vem! — disse ele.

O que eu pensava devia estar estampado em meu rosto, pois Strassmer continuou prontamente:

— Não, sr. Cord, não estou louco. A ninguém mais senão ao senhor eu diria isso. É uma maneira de lhe pagar o que fez por mim. Sei quanto isso é importante para seus negócios.

— Mas... mas como...

— Não posso dizer mais nada. Mas acredite em mim. No mês que vem, o Japão estará *verfallen*!

Virou-se e saiu quase correndo. Fui até a pia e banhei o rosto com água fria. Devia estar mais maluco do que ele, mas a verdade é que começava a acreditar em Strassmer. Por quê? Não saberia dizer, nem tampouco aquilo fazia sentido. Sem dúvida, estávamos obrigando os japoneses a recuar, mas eles ainda dominavam a Malásia, Hong Kong e as Índias Orientais Holandesas, e, com sua filosofia dos *kamikazes*, seria preciso um milagre para a guerra terminar dentro de um mês.

Ainda estava pensando nisso quando tomei o trem com Morrissey.

— Sabe quem encontrei na base? — perguntei. — Otto Strassmer.

Vi uma nota de alívio no sorriso de Morrissey. Talvez esperasse que eu fosse me zangar com ele, por não me haver falado nada sobre o piloto que experimentara o avião.

— É um ótimo sujeito, aquele alemão. Como vai ele?

— Pareceu-me bem. Estava de volta a Nova Iorque. Por falar nisso, sabe exatamente em que ele estava trabalhando?

— Exatamente, não.

— Que foi que soube então?

— Não foi ele quem me disse, mas um amigo meu do Clube de Engenharia, que durante algum tempo trabalhou na mesma coisa. Mas também não sabia muito bem de que se tratava. Só sabia que se chamava Projeto Manhattan e que o professor Einstein também estava participando do trabalho.

— Que poderia fazer um homem como Strassmer para Einstein? — perguntei, cada vez mais surpreso.

— Afinal de contas, Jonas, Strassmer inventou um recipiente de plástico mais forte que os de metal.

— E daí?

— Daí talvez Einstein houvesse pedido a Otto um recipiente para guardar átomos — disse Morrissey, rindo.

Senti a exaltação crescer dentro de mim. Um recipiente de átomos, energia dentro de uma garrafa, pronta para explodir quando se tira a rolha. Strassmer não estava louco. Sabia o que estava dizendo. O louco era eu.

Para conseguir aquilo, seria preciso um milagre, eu pensara. Pois bem, Otto Strassmer e seus companheiros haviam conseguido um milagre no deserto e estavam voltando para casa com a tarefa concluída. O que era e como fora feito eu não sabia nem queria saber.

Mas no íntimo eu tinha certeza de que isso havia acontecido. O milagre que poria fim à guerra.

Saltei do trem em Reno e Morrissey prosseguiu para Los Angeles. Não havia tempo de telefonar para Robair no rancho. Então tomei um táxi até a fábrica. Entramos pelo grande portão com fios de aço encimado pela tabuleta que dizia Cord Explosivos e que ficava a quase dois quilômetros do prédio principal da fábrica.

A expansão da fábrica fora enorme durante a guerra. O mesmo havia acontecido com todas as nossas companhias. Por mais que fizéssemos, nunca havia espaço suficiente.

Saltei, paguei ao motorista e olhei para a velha fábrica. Já estava bem antiga, parecendo gasta e obsoleta em comparação com as novas instalações, mas o telhado ainda era branco e cintilava ao sol. Nunca pude abandoná-la, ainda que os outros diretores houvessem mudado para o novo edifício da administração. Joguei o cigarro no chão, apaguei-o com o calcanhar do sapato e entrei.

O cheiro era o mesmo de sempre e os sussurros dos homens e mulheres que ali trabalhavam, quando passei, não foram diferentes dos que eu ouvia quando me chamavam *e/ hijo*. Já fazia vinte anos, mas muitos deles mesmo depois da morte de meu pai haviam continuado a me chamar assim. Os mais moços, com metade da minha idade, aceitavam sem discussão o nome.

O escritório também era o mesmo. A grande mesa de trabalho e as poltronas cobertas de couro que mais do que nunca mostravam a passagem do tempo. A secretária não estava na sala de espera e isso não me surpreendeu. Ninguém me esperava.

Sentei à mesa e apertei o botão do interfone que me colocava em comunicação direta com o escritório de McAllister, no novo edifício da administração, a cerca de um quilômetro.

— Jonas! — exclamou ele. — De onde você vem?

— De uma base aérea. Acabei de fazer a entrega do CA-XP.

— Ótimo. Gostaram?

— Creio que sim. Não quiseram deixar que eu o pilotasse. Como estamos em matéria de cancelamento de contratos de guerra, caso ela termine de um momento para outro? — perguntei, tirando a garrafa de uísque da gaveta.

— Na companhia de explosivos? — perguntou Mac.

— Em todas as companhias.

— Isso tomará um pouco de tempo. Vou mandar tratarem disso imediatamente.

— Estará pronto daqui a uma hora?

Houve uma curiosa hesitação na voz dele.

— Sim, se isso é tão importante assim.

— É importante, sim.

— Há alguma coisa para me contar?

— Não — repliquei, e era verdade, pois estava apenas conjecturando. — Mas preciso disso.

Houve um instante de silêncio, depois do qual ele disse:

— Acabei de receber da Engenharia as plantas para a conversão da Divisão de Radar e de Peças da Cord Aircraft na projetada fábrica de aparelhos eletrônicos. Quer que as leve?

— Quero, sim — disse, desligando.

Peguei um copo na bandeja ao lado da garrafa térmica e enchi pela metade. Olhei para a parede onde estava o retrato de meu pai. Levantei o copo para ele.

— Já faz muito tempo, papai — disse, e bebi o uísque.

Examinei as plantas. Depois as enrolei e voltei-me para McAllister:

— Parecem muito boas, Mac.

— Também acho. Vou aprová-las e mandá-las para a seção de compras, a fim de que requisitem o material e tomem todas as providências para entrega quando a guerra terminar. Mas, Jonas, você não está muito hospitaleiro hoje! Não vai me oferecer um uísque?

Olhei para ele, surpreso. Mac não era muito de beber, principalmente nas horas de trabalho. Empurrei a garrafa para ele.

— Sirva-se.

Tomou um gole puro e tossiu.

— Há outro plano para depois da guerra a respeito do qual quero falar — disse ele, sem muito jeito.

— Vamos lá.

— É a meu respeito, Jonas. Não sou mais um homem moço e quero me aposentar.

— Aposentar? Para quê? O que você iria fazer?

— Jonas, tenho trabalhado duramente toda minha vida. Tenho dois filhos, uma filha e cinco netos, três dos quais ainda não conheço. Minha mulher e eu gostaríamos de passar algum tempo com eles e conhecê-los antes que seja tarde demais.

Eu sorri.

— Está falando como se esperasse um colapso a qualquer momento. Você ainda é moço, Mac!

— Tenho sessenta e três anos. Trabalho com você há vinte anos.

Vinte anos! Para onde tinham ido? Os médicos militares estavam com a razão. Eu mesmo já não era um garoto.

— Você fará muita falta aqui, Mac — disse eu com toda sinceridade. — Não sei como nos arranclaremos sem você.

E era o que eu sentia. Mac era o único homem com quem eu sabia que podia contar, fossem quais fossem as circunstâncias.

— Ora, você se arranjará bem. Temos mais de quarenta advogados trabalhando para nós, e cada um deles é especializado em seu setor. Você não é mais um homem isolado. Você é uma grande companhia e precisa ter uma grande máquina legal para se proteger.

— E que tem isso? Não é possível chamar uma máquina no meio da noite quando surge alguma dificuldade.

— Com essa máquina é possível. Estamos preparados para qualquer emergência.

— Mas o que você vai fazer? Não me diga que se contentará em ser avô. Precisarás ter alguma coisa com que se ocupar.

— Já pensei nisso — respondeu, muito sério. — Ando há tanto tempo às voltas com leis de sociedades e leis fiscais que quase esqueci as leis mais importantes, as que dizem respeito diretamente aos seres humanos.

Pegou a garrafa e tomou outro gole de uísque. Não era fácil ficar ali dizendo tudo o que

estava pensando.

— A minha ideia é colocar uma tabuleta à porta de minha casa em alguma cidade pequena. E aceitar indiscriminadamente o caso de qualquer pessoa que me procurar. Estou cansado de só falar em milhões de dólares. Gostaria agora de ajudar qualquer pobre-diabo que precisar de mim.

Olhei para ele espantado. Trabalha-se com um homem durante vinte anos e, apesar disso, fica-se sem conhecê-lo. Aquele era um aspecto da personalidade de McAllister de que eu nem suspeitava.

— É claro que cancelaremos todos os contratos e acordos existentes entre nós — disse ele.

Eu sabia que ele não precisava de dinheiro. Nem eu.

— Nada disso! Basta aparecer de poucos em poucos meses numa reunião da diretoria, para que ao menos a gente possa se ver.

— Está de acordo, então?

— Claro. Concretizaremos isso logo que a guerra acabar.

As folhas de papel dos contratos estavam arrumadas numa pilha e Mac ia fazendo um resumo de um por um.

— Temos cláusulas que asseguram ampla proteção em caso de cancelamento — disse ele concluindo —, exceto num caso, que prevê expressamente que a entrega seja feita antes de terminada a guerra.

— Qual é?

— É a do hidroavião que estamos desenvolvendo para a Marinha em San Diego.

Era o Centurion. Deveria ser o maior avião jamais construído, com capacidade para transportar uma companhia de cento e vinte soldados, além da tripulação de doze homens, dois tanques anfíbios leves, morteiros, artilharia leve, armas, munição e abastecimento para toda uma companhia. Fora minha a ideia de que um avião assim seria útil para o desembarque de grupos de assalto por trás das linhas, nas pequenas ilhas do Pacífico.

— Como foi que fizemos um contrato assim?

— Foi você quem quis. Lembra-se?

Lembrava, sim. A Marinha se mostrara descrente de que um avião nessas condições pudesse sequer levantar voo e eu fizera pressão para que concordassem em aceitar uma unidade completamente testada antes do fim da guerra. Acontecera sete meses antes.

Desde o início, havíamos lutado com grandes dificuldades. Os testes de tensão provaram que os metais comuns tornariam o avião pesado demais para que os motores pudessem erguê-lo no ar. Perdemos dois meses até os técnicos apresentarem um derivado de fibra de vidro, um décimo mais leve do que o metal comumente usado e quatro vezes mais forte. Tivemos então de desenvolver máquinas especiais para trabalhar o novo material. Cheguei a mandar buscar Amos Winthrop no Canadá para supervisionar os trabalhos. O velho patife fizera um trabalho fantástico e certamente ninguém como ele era capaz de tocar uma obra para frente.

Mas o tigre não perdera as pintas. Eu estava com as costas na parede e ele sabia disso. Exigiu, para vir, que eu lhe desse um lugar de vice-presidente na Cord Aircraft.

— Quanto foi que já gastamos nisso até agora? — perguntei a Mac.

— Dezesseis milhões, oitocentos e setenta e seis mil, quinhentos e noventa e quatro dólares e trinta e um centavos, até 30 de junho — respondeu ele, quase imediatamente.

— É, a coisa não está boa — disse eu. Peguei o telefone e pedi à telefonista: — Ligue para Amos Winthrop em San Diego. Enquanto eu estiver falando com ele, telefone para o sr. Dalton, no escritório da Intercontinental em Los Angeles e diga-lhe para mandar um avião especial.

— Qual é o problema? — perguntou Mac.

— Dezesete milhões de dólares. É o prejuízo que vamos ter, se não botarmos esse avião já no ar.

Nesse momento, Amos atendeu o telefone.

— Quando é que você espera botar o Centurion no ar? — perguntei.

— Estamos trabalhando bem depressa agora. Só está faltando o acabamento. Espero ter tudo pronto em setembro ou princípios de outubro.

— O que está faltando?

— As coisas de sempre. Encaixes, ajustes, polimento etc.

Era o menos importante, mas o que demorava mais. Porém, nada faltava de essencial, nada que impedisse o avião de voar.

— Então prepare-o, pois vou voar com ele amanhã.

— Você está louco? Ainda nem botamos gasolina nos tanques.

— Então encha os tanques.

— Mas os flutuadores ainda não foram testados na água. Como pode saber que não irá para o fundo do mar, logo que descer para a água?

— Então faça os testes. Tem vinte e quatro horas para isso. Estarei aí hoje à noite, para dar-lhe uma mão.

Aquilo não era um projeto garantido, no qual o governo assumiria todos os riscos. O dinheiro era meu e não me agradava a probabilidade de perdê-lo.

Por dezesete milhões de dólares, o Centurion iria voar, ainda que eu tivesse de levá-lo da água nas duas mãos.

Mandei Robair vir me buscar para levar-me até o rancho, onde tomei um banho quente de chuveiro e troquei de roupa. Quando já ia saindo para tomar o avião até San Diego, o telefone tocou.

— É para o senhor, sr. Jonas — disse Robair. — E o sr. McAllister.

— Alô, Mac — disse eu ao telefone.

— Desculpe incomodá-lo, Jonas, mas é coisa importante.

— Diga.

— Bonner telefonou do estúdio. Diz que vai sair no fim do mês para ir trabalhar na Paramount. Segundo afirma, lá só vai fazer grandes filmes.

— Ofereça-lhe mais dinheiro.

— Já ofereci, mas ele não quer. Diz que quer sair mesmo.

— O que diz o contrato dele?

— O contrato termina no fim do mês. E não podemos prendê-lo, se ele quiser sair.

— Que saia, então.

— Mas será um problema difícil para nós. Teremos de encontrar alguém para dirigir o estúdio. Não se pode fazer uma companhia de cinema funcionar sem ter alguém para fazer filmes.

Eu sabia muito bem disso. Era uma pena que David Woolf não houvesse voltado da guerra. Nele eu podia confiar. Gostava de cinema como eu de aviões. Mas estava em Anzio.

— Preciso estar em San Diego esta noite, Mac. Vou pensar no caso e discutiremos tudo em seu escritório em Los Angeles, depois de amanhã.

Tinha problemas maiores na cabeça naquele momento. Um Centurion custava quase tanto quanto um ano de produção no estúdio.

Pousamos no aeroporto de San Diego à uma hora da madrugada. Tomei um táxi diretamente para o pequeno estaleiro que havíamos arrendado perto da base naval. De longe, avistei as luzes todas acesas. Sorri. Podia-se confiar em Amos para tocar um serviço. Ele arranjará uma turma para trabalhar febrilmente a noite toda, ainda que para isso tivesse de violar as regulamentações do toque de recolher.

Cheguei à porta do velho depósito de barcos que estava servindo de hangar, quando alguém gritou:

— Desobstruam a pista!

Em seguida, o Centurion saiu do hangar com a cauda para a frente, parecendo um grande e horrível condor voando para trás. Desceu facilmente pela pista até o mar. Houve uma enorme gritaria dentro do hangar e eu quase fui derrubado por uma porção de homens que corriam atrás do avião. Num instante, passaram por mim e chegaram à beira da água. Amos estava entre eles e gritava como eles.

Houve um grande baque quando o Centurion tocou a água e um momento de febril silêncio quando a cauda mergulhou, quase cobrindo os três grandes lemes. Estrugiu depois um brado de triunfo quando o aparelho se equilibrou e flutuou nas águas da baía. Começou a derivar, afastando-se do cais, e ouvi então o barulho dos grandes guinchos que manobravam trazendo-o para a terra.

Os homens ainda estavam gritando quando me aproximei de Amos.

— Que diabo está procurando fazer? — gritei, para que me ouvissem, por causa do barulho.

— O que você mandou. Estou testando o avião na água.

— Que loucura! Poderia fazê-lo afundar! Por que não arranhou um tanque de pressão?

— Não havia tempo. Eu levaria no mínimo três dias para conseguir um. E você disse que queria voar amanhã.

Os guinchos haviam puxado parte do avião para a rampa da pista, deixando-o com a proa para fora da água.

— Espere um momento — disse Amos. — Tenho de botar o pessoal para trabalhar. Estão todos recebendo salário triplicado.

Foi ao cais, onde um trabalhador já havia colocado uma escada no flanco do gigantesco avião. Subindo pela escada como um homem da metade de sua idade, Amos abriu a porta logo atrás da cabine e desapareceu dentro do avião. Instantes depois, ouvi um motor trabalhar lá dentro e vi uma gigantesca prancha de embarque descer, abrindo espaço suficiente para por ele entrar um caminhão. Amos apareceu no alto da prancha, dentro do avião.

— Vamos, rapazes. Já sabem o que temos de fazer. Vamos trabalhar. Vocês não estão recebendo três vezes mais para ficarem conversando.

Voltou para onde eu estava e nos dirigimos ao escritório dele. Havia uma garrafa de uísque em cima da mesa. Ele apanhou dois copos de papel num armário e começou a servir o uísque.

— Está mesmo disposto a voar nele amanhã, Jonas?

— Naturalmente!

— Acho que não deve. Só porque está flutuando, não quer dizer que possa voar. Há ainda muitas coisas de que não estamos certos. Ainda que levante voo, não há garantia de que se mantenha no ar. Poderia despedaçar-se lá em cima.

— Será terrível, Amos. Mas, de qualquer maneira, vou voar com ele amanhã.

— Você é o chefe — disse ele, encolhendo os ombros. Depois ergueu o copo de uísque: — Felicitades!

Às duas horas da tarde, no dia seguinte, ainda não estávamos prontos. O segundo motor de boreste deixava escapar óleo como uma fonte de repuxo, toda vez que o ligávamos, e não havia jeito de descobrir o vazamento.

— Temos de recolhê-lo e levá-lo para a oficina — disse Amos.

— Quanto tempo levará isso?

— De duas a três horas. E teremos sorte se descobrirmos logo o vazamento. Talvez seja melhor transferir o voo para amanhã.

— Para quê? Ainda teremos três horas e meia de luz às cinco horas. Vou para seu escritório dormir um pouco rio sofá. Me chame logo que estiver pronto.

Mas dormir era impossível com tantos gritos, marteladas e barulhos diversos. Então, o telefone tocou e me levantei para atender.

— Alô, papai?

Era a voz de Monica.

— Não, é Jonas. Vou chamá-lo para você.

— Obrigada.

Deixando o fone em cima da mesa, fui até a porta e chamei Amos. Voltei para o sofá e deitei enquanto ele falava. Olhou de maneira estranha para mim, quando ouviu a voz da filha.

— Sim, estou muito ocupado.

Levou algum tempo ouvindo o que ela dizia. Por fim, voltou a falar, todo sorridente:

— Magnífico! Quando vai viajar?... Irei para Nova Iorque logo que este serviço aqui estiver acabado. Faremos então uma comemoração. Beijos em Jo-Ann.

Desligou o telefone, voltou-se para mim e disse:

— Ela telefonou para avisar que vai para Nova Iorque hoje à tarde. S. J. Hardin a convidou para ser secretária da *Style* e quer que ela vá assumir imediatamente.

— Mas isso é muito bom!

— Vai levar Jo-Ann com ela. Há muito tempo que você não vê a menina, não é?

— Não a vejo desde aquele dia em que vocês dois saíram de meu apartamento no Hotel Drake, em Chicago. Faz cinco anos.

— Devia vê-la. Está ficando uma verdadeira beleza.

Olhei para ele espantado. Não me faltava ver mais nada depois daquilo. Amos Winthrop transformado num avô orgulhoso.

— Você está realmente mudado, Amos! — não pude deixar de dizer.

— Mais cedo ou mais tarde, acaba-se tendo juízo, Jonas. A gente vê que fez uma porção de asneiras para ferir aqueles a quem ama e, se não se é patife completo, procura-se dar uma compensação.

— Também já me disseram isso — repliquei, sarcástico. Não estava com disposição para ouvir sermões do velho canalha, estivesse ou não regenerado. — Dizem que em geral é o que acontece quando não se tem mais força para fazer outras coisas.

Ele ficou com a cara tão zangada, que tive a impressão de ver ressurgir o Amos de outros tempos.

— Estou com muita vontade de lhe dizer uma porção de coisas.

— Por exemplo, Amos...

Um homem chegou nesse momento à porta e disse:

— O motor já está pronto para ser montado de novo, sr. Winthrop!

— Já vou neste instante — replicou Amos e voltou-se para mim. — Lembre-me disso depois que voltarmos do voo experimental. Vamos retomar nossa conversa.

Sorri, vendo-o afastar-se. Estava tão mudado que conseguia até se dominar. Sentei-me e comecei a procurar os sapatos embaixo do sofá.

Quando saí, o motor estava funcionando que era uma beleza, sem uma trepidação sequer.

— Parece-me em ordem agora — disse Amos, voltando-se para mim.

Olhei o relógio. Eram quatro e meia.

— Vamos então. O que estamos esperando?

— Tem certeza de que não pode esperar mais um pouco, Jonas?

Sacudi a cabeça. Dezessete milhões de dólares dão muita razão à gente. Amos pôs as mãos em concha na boca e gritou:

— Todo mundo fora do avião, exceto o pessoal de voo!

Pouco depois, um profundo silêncio tomou conta do estaleiro, pois o motor foi desligado. Em seguida, o último homem que trabalhava a bordo saiu pela prancha da proa. Um homem meteu a cabeça pela janelinha do piloto e disse:

— Todos já saíram, exceto o pessoal de voo, sr. Winthrop.

Amos e eu embarcamos no avião pela prancha e subimos pela escada do porão de carga até o compartimento dos passageiros e a cabine de pilotagem. Três jovens já estavam lá. Olharam para mim com curiosidade. Ainda estavam com os capacetes de metal do estaleiro.

— Essa é a tripulação, sr. Cord — disse Amos, cerimoniosamente. — A direita, Joe Cates, radiotelegrafista. No meio, Steve Jablonski, engenheiro de voo, motores de boreste um, três e cinco. À esquerda, Barry Gold, engenheiro de voo, motores de bombordo dois, quatro e seis. Não se preocupe com eles. São veteranos da Marinha e sabem o que estão fazendo.

Apertei a mão de todos e voltei-me para Amos:

— Onde estão o copiloto e o navegador?

— Aqui mesmo.

— Onde?

— Sou eu.

— Mas...

— Espere — disse ele, sorrindo —, acha que alguém pode conhecer este avião melhor do que eu? Além disso, vivo com ele noite e dia há mais de seis meses. Quem tem mais direito de participar de seu primeiro passeio?

Concordei. Sabia exatamente o que ele sentia. Eu não iria fazer outra pessoa passar maus momentos, como quando não me deixaram voar no jato.

Sentei no banco do piloto.

— Tomem seus lugares, por favor.

— Pronto, comandante.

Sorri satisfeito. Era gente da Marinha, sim. Peguei a lista na tabela a meu lado.

— Levantar prancha de embarque — disse eu, lendo.

Um motor começou a funcionar atrás de mim. Um instante depois, uma luz vermelha se acendeu no painel à minha frente e o motor foi desligado.

— Prancha de embarque levantada, comandante.

— Ligar motores um e dois — disse eu, inclinando-me para a frente e apertando os comutadores que permitiriam aos engenheiros de voo fazê-los girar. Os grandes motores crepitaram, vomitando fumaça negra. As hélices começaram a girar preguiçosamente. Depois, os motores foram acionados e as hélices passaram a cantar ritmadamente.

— Motor um de boreste ligado, comandante.

— Motor dois de bombordo ligado, comandante.

O que vinha depois da lista era uma novidade para mim. Sorri comigo mesmo. Aquilo não era mais um avião e, sim, um navio da marinha, com asas.

— Largar! — disse eu.

Do banco à minha direita, Amos estendeu a mão e acionou a alavanca que soltava os cabos de atracação. Outra luz vermelha se acendeu no painel e eu vi o Centurion deslizar dentro da água. Houve um pequeno mergulho à ré quando ele se equilibrou na água com um leve

balanceio. Ouvi o barulho da água batendo contra a fuselagem embaixo de nós. Inclinei-me para a frente e virei o manche. O grande avião voltou-se lentamente e começou a mover-se na direção da barra. Olhei para Amos, que sorriu. Sorri também para ele. Ao menos, já estávamos navegando.

Uma onda arrebentou na proa do avião, jogando espuma na vidraça à minha frente, quando cheguei ao fim da lista. Havia quase uma centena de manobras, e parecia que estávamos ali havia horas desde que começáramos. Olhei o relógio. Já fazia dezesseis minutos que tínhamos deixado o cais. Olhei pelas janelas. Os seis grandes motores giravam normal e possantemente, e as hélices molhadas cintilavam ao sol. Bateram em meu ombro e me voltei.

O radiotelegrafista estava atrás de mim com um colete inflável numa mão e um paraquedas empacotado na outra.

— Equipamento de emergência, comandante.

O homem já estava apetrechado com as duas coisas. Os dois engenheiros também.

— Deixe aí atrás do banco.

Olhei para Amos. Já havia vestido o colete e estava apertando o cinto do paraquedas. Recostou-se em sua poltrona, dando um resmungo descontente, e olhou para mim.

— Convém vestir essas coisas, Jonas.

— Tenho uma superstição a respeito dessas coisas, Amos. Quem não as usa nunca precisa delas.

Ele não respondeu. Limitou-se a encolher os ombros, enquanto o radiotelegrafista voltava para seu banco e afivelava o cinto. Corri os olhos pela cabine.

— Todos a postos?

A resposta foi uníssona:

— Pronto, comandante!

Inclinei-me para a frente e liguei o painel. Todas as luzes mudaram de vermelho para verde. Daí por diante, só retornariam ao vermelho se houvesse alguma complicação. Voltei o avião na direção da barra.

— Então vamos embora!

Abri pouco a pouco o manete. O grande avião deu uma guinada, metendo a proa nas ondas e, depois, elevando-a lentamente, quando as hélices passaram a girar mais depressa. Começamos a correr de verdade, como uma lancha nas corridas de verão. O velocímetro marcava cento e setenta quilômetros por hora.

Ouvi a voz de Amos:

— Velocidade de ascensão calculada para este voo: duzentos.

Concordei com a cabeça sem olhar para ele e continuei a abrir o manete. A agulha foi a cento e oitenta, depois a duzentos. As ondas batiam na fuselagem, embaixo, como martelos de rebite. Fiz a agulha chegar a duzentos e dez, e comecei a folgar o manche.

Por um instante, nada aconteceu. Então aumentei a velocidade para duzentos e vinte. De repente, o Centurion começou a tremer e deu um pulo na água. A agulha saltou para duzentos e noventa e os controles se moveram facilmente em minha mão; Olhei pela janela. O mar estava a sessenta metros abaixo de nós. Ganháramos o ar.

— Diabos! — murmurou um dos homens atrás de mim.

Amos virou-se no banco e estendeu a mão.

— Muito bem, pessoal! Podem pagar! — disse e, depois, voltou-se para mim, explicando: — Cada um deles apostou comigo que nunca levantaríamos da água.

Sorri para ele e manteve o aparelho em lenta ascensão até chegarmos a mil e oitocentos metros. Depois, virei-o e rumei diretamente para o sol poente.

— Pode ser manejado como um carrinho de criança — disse Amos, todo satisfeito, de seu banco.

Olhei para ele do lugar onde estava, junto do radiotelegrafista, que me explicava o novo sistema de sinalização automática. Bastava dar a mensagem que quisesse e depois ligar o automático. O gravador de fio repetiria a mensagem até a energia se esgotar.

O sol fazia o cabelo branco de Amos voltar ao vermelho flamante de sua mocidade. Olhei para o relógio. Eram seis e quinze e estávamos sobre o Pacífico, a cerca de trezentos quilômetros da costa.

— Acho melhor voltarmos, Amos — disse eu. — Não quero fazer o primeiro pouso com ele no escuro.

Fizemos uma curva perfeita, enquanto eu me voltava para continuar a ouvir as explicações do radiotelegrafista. De repente, o avião deu uma guinada e eu quase caí em cima do homem. Segurei-me em seus ombros, enquanto o engenheiro de boreste gritava:

— Número cinco de novo com defeito.

Voltei para meu lugar e olhei pela janela. O motor lançava óleo como um repuxo.

— Desligue-o! — gritei, apertando o cinto em meu banco. As veias do pescoço de Amos pareciam cabos de aço enquanto ele fazia força para manter o manche do avião, que guinava desesperadamente. Peguei no meu manche, e juntos o endireitamos. Pouco a pouco, os controles folgaram em nossas mãos.

— Número cinco desligado, comandante — comunicou o engenheiro.

Olhei o motor. A hélice ainda girava com a força do vento, mas o óleo não se derramava mais. Olhei para Amos. Estava com o rosto muito pálido e suado, mas conseguiu sorrir.

— Podemos voltar com apenas cinco motores sem qualquer problema.

De acordo com os cálculos, poderíamos voar normalmente até com três motores. Mas era uma coisa que eu não queria experimentar. Olhei para o painel. A luz vermelha estava acesa no lugar correspondente ao motor número cinco. Nesse momento, a luz vermelha começou a piscar no motor número quatro.

— Que diabo é isso?

O motor começou a ratear quando olhei para ele.

— Verifique o número quatro! — gritei.

Olhei para o painel. O cano de alimentação de combustível do número quatro estava com a luz vermelha.

— Cano de alimentação do número quatro entupido!

— Desentupa-o com o vácuo!

— Sim, comandante!

Ouvi o estalo da bomba de vácuo ligada. Outra luz vermelha brilhou diante de mim.

— Bomba de vácuo não funciona, comandante!

— Desligue o número quatro! — disse eu.

Não havia chance de deixar os canos abertos na esperança de que se desentupissem por si

mesmos. Os canos de alimentação entupidos provocam incêndios com a maior facilidade. E ainda tínhamos quatro motores em funcionamento.

— Número quatro desligado, comandante!

Dei um suspiro de alívio. Dez minutos se passaram depois disso, sem qualquer novidade.

— Acho que agora está tudo bem — exclamei.

Mas falei cedo demais. Logo depois, o motor número um começou a ratear e o painel à minha frente ficou parecendo uma árvore de Natal: muitas luzinhas vermelhas piscavam. O motor número seis também começou a ratear.

— Bomba principal de alimentação parada!

Olhei para o altímetro. Estávamos a mil e quinhentos metros e perdendo altitude.

— Transmitam pedido de socorro pelo rádio e preparem-se para abandonar o avião — gritei.

Ouvi a voz do radiotelegrafista.

— *Mayday! Mayday!* Voo de experiência da Cord Aircraft. Vamos descer no Pacífico. Posição aproximada: nove quilômetros a oeste de San Diego. Vou repetir: Posição aproximada: nove quilômetros a oeste de San Diego. *Mayday! Mayday!*

Ouvi o estalo de um botão e o pedido de socorro foi repetido. Senti uma mão em meu ombro. Voltei-me e fiquei surpreso ao ver o radiotelegrafista, mas logo lembrei que o pedido de socorro estava sendo transmitido automaticamente.

— Ficaremos a bordo, se quiser, comandante! — disse ele, ansioso.

— Não estamos lutando por Deus ou pela pátria, marinheiro! É apenas pelo dinheiro! Vão saltando!

Olhei para Amos, ainda em seu banco.

— Você também, Amos!

Ele nada disse, Desapertou o cinto de segurança e se levantou. Ouvi a porta da cabine atrás de mim abrir-se. Estavam todos a caminho da porta de emergência no compartimento de passageiros.

O altímetro marcava mil e duzentos metros. Desliguei os motores um e seis. Talvez pudesse fazer um pouso na água, se os dois motores restantes fossem abastecidos com a gasolina que sobrasse dos outros dois. Estávamos a mil metros, quando a luz vermelha da porta de emergência acendeu no momento em que foi aberta. Olhei pela janela. Três paraquedas se abriram, em rápida sucessão. Olhei para o altímetro: quatrocentos metros.

Ouvi um barulho atrás de mim e me virei. Era Amos, voltando para seu banco.

— Não falei para saltar? — gritei.

— Os rapazes estão sãos e salvos — disse ele. — E acho que em dois teremos mais chance de pousar bem na água.

— E se não conseguirmos? — perguntei, zangado.

— O que é que tem? Não temos tempo a perder. Além disso, este avião custou um bocado de dinheiro!

— E o que você tem com isso? O dinheiro não é seu!

Houve um curioso ar de desgosto na fisionomia dele.

— Este avião não foi feito apenas com dinheiro. Fui eu quem o construí!

Estávamos a duzentos e setenta metros, quando o motor número três começou a ratar. Colocamos todo o nosso peso no manche para compensar a resistência a boreste. A sessenta metros, o motor número três parou e o avião adernou para boreste.

— Desligue os motores! — gritou Amos. — Vamos bater! Desliguei o interruptor no momento em que a asa de boreste bateu na água. Foi arrancada como se fosse um palito de fósforo e o avião bateu no mar como um martelo-pilão. O cinto de segurança apertou com força incrível meu estômago, fazendo-me quase gritar com a pressão, mas de repente esta cessou. Estávamos flutuando instavelmente em cima da água, com uma asa apontada para o céu. A água já invadia o chão da cabine.

— Vamos sair daqui! — gritou Amos, levantando-se do banco e correndo para a porta da cabine, que se havia fechado. Virou a maçaneta e empurrou. Depois meteu o ombro com toda a força. A porta não se moveu.

— Está emperrada! — gritou, voltando-se para mim.

Imediatamente pulei até a escotilha de emergência do piloto, acima das nossas cabeças. Puxei a argola com uma mão e empurrei a escotilha com a outra. Nada! Estava enguiçada também e só poderia ser aberta com dinamite.

Amos não esperou que eu dissesse nada. Apanhou uma chave -inglesa na caixa de ferramentas de emergência e bateu com ela no vidro da janela até que só ficaram alguns cacos no caixilho. Largou a chave-inglesa, pegou o colete inflável e o jogou para mim. Vesti prontamente, verificando se a válvula automática estava em condições de funcionar no instante em que eu caísse dentro da água.

— Muito bem! — disse ele. — Vá saindo.

— Vamos observar as tradições do mar, Amos. O comandante é o último que abandona o navio. Você primeiro, Alphonse.

— Está louco! Eu não poderia passar por aquela janela, Jonas, ainda que me cortassem pelo meio!

— Você não é tão gordo assim, Amos! E não custa nada experimentar!

De repente ele sorriu. Eu devia saber que não se podia confiar em Amos quando ele sorria assim. Era um sorriso de lobo, que só aparecia quando ele ia fazer alguma sujeira.

— Muito bem, Gaston. É você o comandante.

— Assim está bem — disse eu, juntando as mãos e abaixando-me para que, apoiado nelas, ele subisse até a janela. — Eu sabia que você iria compreender um dia quem é o patrão.

Mas ele ainda não havia compreendido. E eu nem soube com que foi que me bateu. Tudo ficou escuro e perdi os sentidos, mas não inteiramente. Sabia o que estava acontecendo, mas não tinha ação no corpo. Os braços, as pernas, a cabeça, o corpo todo parecia pertencer a outra pessoa.

Senti Amos me empurrar pela janela e tive uma sensação desagradável, como se um gato estivesse passando as unhas pelo meu corpo todo. Passei pela estreita janela e comecei a cair. Caí mil quilômetros, caí mil horas e ainda estava procurando a argola do meu paraquedas quando desabei como uma pedra em cima da asa do avião.

Levantei e procurei subir pelas paredes da cabine até chegar à janela.

— Saia daí, bandido, cachorro, miserável! — gritei, e me dei conta de que estava chorando. — Saia daí, senão vou matá-lo!

Então, o avião guinou, um pedaço de alguma coisa veio pelo ar e me atingiu atirando-me dentro da água. Ouvi o silvo do ar comprimido enquanto o colete se enchia e me envolvia. Encostei a cabeça naquelas almofadas macias e comecei a dormir.

Em Nevada, onde nasci e me criei, quase só há areia, pedras e algumas montanhas pequenas. Mar não existe. Há alguns rios e lagos, e também piscinas, em quase todos os clubes e hotéis, mas cheias de água doce e fresca, que borbulha como vinho na boca de quem eventualmente acabe dando uns bons goles, em vez de nadar nela.

Já estive em vários mares na minha vida. No Atlântico, nas praias de Miami Beach e Atlantic City, no Pacífico, em Malibu, e nas águas azuis do Mediterrâneo, na Riviera. Já estive até nas águas quentes de Gulf Stream, quando saí de uma praia de areias brancas das Bermudas para perseguir uma garota nua que queria ser amada dentro da água, como os peixes fazem. Mas nunca pude descobrir o segredo das toninhas, porque nunca me dei bem com a água do mar. Nunca pude gostar dela. Adere fortemente à pele, queima o nariz, irrita os olhos. E, quando se toma um gole, o gosto é pior que o de uma ressaca.

Então o que estava fazendo ali?

Ora menino, todas as estrelas estão no céu, fazendo troça de você. Isso é para aprender a respeitar o mar. Não gosta de água salgada, hein? Vamos ver se vai gostar de um milhão, de um bilhão, de um trilhão de litros! Ou de um centilhão?

— Vão para o inferno — murmurei, e tornei a dormir.

Dobrei correndo a esquina da casa dos vaqueiros. Ia tão depressa quanto podia com minhas pernas de oito anos, arrastando pela areia atrás de mim o cinto pesado de balas e o revólver dentro do coldre.

Ouvi a voz de meu pai.

— Ei! O que você tem aí na mão, menino?

— Nada — disse, sem olhar para ele e procurando esconder nas costas o revólver e o cinto.

— Nada? Deixe-me ver — ordenou meu pai.

Aproximou-se de mim e me tomou o cinto das mãos. Nisso, o revólver e um pedaço de papel dobrado caíram do coldre. Ele se abaixou e os apanhou.

— Onde encontrou isso?

— Tirei da parede na casa dos vaqueiros, junto da cama de Nevada. Tive de subir na cama.

Meu pai meteu o revólver no coldre. Era um revólver preto, muito polido e azeitado, que tinha na coronha as iniciais MS. Até eu tinha idade bastante para saber que haviam errado as letras do nome de Nevada.

Quando meu pai ia também guardar o papel dobrado, este lhe caiu das mãos e se abriu. Vi então um retrato de Nevada com alguns números e umas coisas impressas embaixo. Meu pai olhou o papel por um momento e, depois, tornou a dobrá-lo e guardá-lo no coldre.

— Vá botar tudo isso no lugar onde encontrou — disse ele, zangado, zangado de verdade. — Se você algum dia ainda pegar em coisas que não lhe pertencem, eu o arrebento todo, está ouvindo?

— Não é preciso, sr. Cord — disse de repente Nevada, aparecendo atrás de nós. — A culpa foi minha de deixar isso num lugar onde o menino pudesse pegar. Pode entregar para mim, que eu vou guardar.

Voltamo-nos e ele estava de mão estendida, sem expressão alguma em seu rosto moreno

de índio. Meu pai entregou o revólver e os dois ficaram algum tempo se encarando. Não disseram uma palavra sequer. Por fim, Nevada falou:

— Posso partir imediatamente, se quiser, sr. Cord.

Compreendi que Nevada iria embora e gritei:

— Não! Deixe Nevada ficar, papai, eu nunca mais farei isso!

Ao fim de um momento, meu pai sorriu.

— As crianças e os animais sabem realmente o que querem, o que é melhor para eles.

— É o que dizem.

— É melhor guardar isso num lugar onde ninguém possa encontrar.

— Está bem, sr. Cord — disse Nevada, que então sorriu.

Meu pai me olhou sem sorrir.

— Ouviu bem? Toque outra vez no que não é seu e levará uma surra!

— Sim, papai. Estou ouvindo!

Engoli um bocado de água, tossi, engasguei e cuspi a água fora. Abri os olhos. As estrelas ainda piscavam para mim, mas do lado leste o sol havia começado a surgir. Tive a impressão de ouvir ao longe o barulho de um motor, mas calculei que fosse o eco das ondas.

Sentia um lado e uma perna doloridos, como se eu houvesse dormido em cima deles e acordasse com câibras. Fiz um movimento e a dor passou para a cabeça, deixando-me tonto. As estrelas começaram a dançar e eu me cansei de olhá-las. Por isso, peguei no sono outra vez.

O sol do deserto é forte e corre pelo céu tão perto da cabeça da gente que, às vezes, parece ser suficiente levantar a mão para queimar os dedos no seu fogo. E, quando ele está quente assim, é preciso caminhar com cuidado por perto das pedras, porque a cascavel gosta de se esconder debaixo delas para dormir no calor, toda enroscada. Zanga-se com facilidade e ataca com rapidez e sem piedade, se alguém perturba seu descanso. As pessoas são assim também.

Cada um de nós tem sua pedra particular e secreta embaixo da qual se esconde de quando em quando. Pobre de quem topar com a pedra. Todos nos tornamos então como a cascavel do deserto é atacamos sem qualquer compaixão.

"Mas eu a amo", dissera eu. E, no mesmo instante em que falava, percebi como minhas palavras eram ocas.

Ela devia ter percebido isso, também, porque em sua desesperada autodenúncia estava me acusando dos pecados de todos os homens que havia conhecido. E não sem razão, pois eram também os meus pecados.

"Mas eu a amo", repeti e, ao fazê-lo, compreendi que ela percebera a fraqueza de minha; palavras. Rolavam surdas e vazias em minha boca. Se eu fosse honesto e desvelasse o mais íntimo de mim mesmo, deveria ter dito: "Quero você. Quero que seja o que eu bem quiser, um reflexo da imagem que vive em meus sonhos, um espelho dos meus desejos secretos, a face que eu desejo mostrar ao mundo, o manto de que se revestirá minha glória. Se for todas essas coisas, conceder-lhe-ei a graça de minha presença e de minha casa. Mas isso não pelo que você é, mas por minha causa e pelo que eu quero que seja".

Mas nada fiz senão ficar ali a proferir banalidades, enquanto ela dizia palavras que eram o meu próprio veneno, que ela voltara contra si. Sem saber, ela havia pisado em minha pedra secreta.

Estava eu ali no calor excessivo e na ardência excepcional do sol, secretamente envergonhado da frieza do sangue que corria em minhas veias e me distinguia dos outros na terra. E sem um protesto a deixei utilizar meu veneno para se destruir.

Quando o veneno fez todo seu efeito, deixando-a apenas com a alma débil, tímida e impenitente do princípio, a abandonei.

Com a falta de caridade peculiar à minha espécie, dei-lhe as costas. Fugi de seus receios, de sua falta de consolo e de segurança, de suas súplicas mudas por piedade, amor e compreensão. Fugi da quentura do sol para a segurança de minha pedra secreta.

Mas não havia mais conforto em sua sombra secreta, porque a luz continuava a se insinuar ali por dentro e não havia mais conforto na fria circulação de meu sangue. A pedra parecia ficar cada vez menor, enquanto o sol ficava cada vez maior. Tentei me encolher, refugiar-me nas menores reentrâncias das pedras, mas foi inútil! Em breve, não haveria mais pedra secreta para mim. O sol estava cada vez mais ardente, mais ardente, mais ardente.

Abri os olhos.

Um jato fino de luz brilhava sobre eles. Eu estava deitado na mesa de uma sala branca e a meu lado havia um homem de avental e gorro brancos. A luz vinha do reflexo de um espelhinho redondo que ele tinha sobre os olhos, enquanto me observava. Via perfeitamente em seu rosto os pelos da barba malfeita.

— Meu Deus! — disse ele, de repente. — Como está o rosto dele! Deve haver mais de cem cacos de vidro cravados na carne.

Pisquei os olhos e então ouvi a voz de outro homem:

— Cale a boca! Não percebeu que ele está acordado?

Comecei a levantar a cabeça, mas uma mão leve e rápida tocou meu ombro e me fez pousá-la de novo. Vi então aquele rosto, que mostrava uma compaixão que nunca houvera no meu.

— Jennie!

A mão dela fez pressão em meu ombro. E ela disse para alguém que estava na sala:

— Telefone para a dra. Rosa Strassmer, no Hospital Geral de Los Angeles ou no Sanatório Colton, em Santa Monica. Diga-lhe que Jonas Cord sofreu um acidente e ela deve vir imediatamente.

— Sim, irmã Mary Thomas.

Era uma voz de mulher atrás de mim. Ouvi passos que se afastavam.

Estava padecendo outra vez da dor no lado e na perna e rangi os dentes. Senti as lágrimas subirem a meus olhos. Fechei-os, depois os abri e olhei para ela.

— Jennie — murmurei. — Desculpe, Jennie.

— Não há nada, Jonas — disse ela. Levantou o lençol que me cobria e senti uma picada aguda no braço. — Não fale. Tudo está bem agora.

Sorri satisfeito e adormeci, admirado de que Jennie estivesse com aquele veuzinho branco tão esquisito sobre o lindo cabelo.

Sob as minhas janelas, das ruas iluminadas pelo sol matinal, estrugiam rumores de festa. Mesmo naquela parte habitualmente sossegada de Hillcrest Drive, que contornava o Hospital Mercy, havia multidões alegres. De vez em quando, da estação naval que ficava do outro lado da cidade de San Diego, vinha o som triunfante de uma sirene de navio. Fora assim a noite toda, desde o momento em que, à tardinha, espalhara-se a notícia de que o Japão capitulara. A guerra havia acabado.

Eu já sabia então o que Otto Strassmer tentara me dizer. Já sabia do milagre do deserto, As revistas e os jornais ao lado de minha cama me haviam contado a história do pequeno receptáculo de átomos que abrira para a humanidade as portas do paraíso. Ou do inferno. Fiquei revirando na cama para encontrar uma posição melhor; enquanto as polias das correias que sustentavam minha perna rangiam, aumentando os barulhos que enchiam o mundo.

Eu tivera muita sorte, segundo me dissera uma enfermeira. Sorte, pois sim! A perna direita estava quebrada em três lugares, o osso do lado direito dos quadris também e várias costelas tinham sido esmagadas. Além disso, tinha de olhar o mundo por trás de uma espessa camada de gazes e ataduras que me cobriam o rosto todo apenas com aberturas para os olhos, o nariz e a boca. Mas tivera sorte. Pelo menos, estava vivo.

O mesmo não acontecera a Amos, que continuava dentro da cabine do Centurion, a cerca de cem metros da superfície, no fundo do Pacífico. Pobre Amos. Os três tripulantes haviam sido encontrados sem um arranhão, e eu ainda estava vivo, graças a Deus e aos pobres pescadores que me retiraram do mar e me levaram para a terra; enquanto isso, Amos estava em sua sepultura líquida, ainda nos controles do avião que construíra, e não quisera me deixar pilotar sozinho.

Ainda me lembrava da voz do contador, falando comigo pelo telefone, de Los Angeles.

— Não se preocupe, sr. Cord. Podemos descarregar o prejuízo nos impostos sobre lucros extraordinários. No fundo, entre a taxa normal de impostos de quarenta por cento e a taxa de noventa por cento sobre lucros extraordinários, poderemos reduzir os prejuízos da companhia a dois milhões...

Eu havia interrompido a conversa dele, batendo o telefone. Tudo estava muito bem. Mas em que coluna do balanço se podia incluir a vida de um homem, assassinado por nossa ambição? Pode-se fazer dedução da morte na declaração de imposto de renda? Eu é que matara Amos e, fossem quais fossem as despesas que eu deduzisse de minha própria alma, não conseguiria fazê-lo voltar à vida.

A porta se abriu e Rosa entrou, seguida de um interno e de uma enfermeira com um carrinho. Aproximou-se da cama e sorriu para mim.

— Alô, Jonas.

— Alô, Rosa. Veio mudar os curativos? Pensei que o dia fosse depois de amanhã.

— A guerra acabou.

— Eu sei.

— Quando acordei hoje, a manhã estava tão bonita que resolvi vir tirar as ataduras.

— Sempre tive vontade de saber onde os médicos arranjam sua lógica.

— Não é lógica de médico, é lógica de mulher. Levo a vantagem de ser mulher antes de ser médica.

— Obrigado pela lógica, venha de onde vier: Será bom ficar sem as ataduras, ainda que seja por pouco tempo

— Jonas, quero tirá-las de vez hoje.

Quando ela se aproximou de mim com uma tesoura que apanhou no carrinho, segurei sua mão. Estava com medo de que ela tirasse as ataduras. Sentia-me feliz assim enrolado como dentro de um casulo, que me protegia dos olhares indiscretos do mundo.

— E já é o suficiente? Estará tudo em ordem, Rosa?

— O seu rosto vai ficar dolorido ainda por muito tempo — disse ela, começando a cortar as ataduras. — Será ainda pior quando os músculos voltarem a entrar em ação. Mas isso passará. Não podemos ficar a vida toda escondidos atrás de uma máscara, não acha?

Era a médica e não a mulher quem falava. Olhei para ela enquanto cortava e desenrolava a gaze, até que tudo foi retirado e eu me senti nu como um recém-nascido, experimentando no rosto uma estranha sensação de frio. Tentei olhar para mim refletido em seus olhos, mas eles estavam profissionalmente inexpressivos. Senti seus dedos nas faces, na pele debaixo do queixo, na fronte.

— Feche os olhos.

Obedeci e senti seus dedos tocarem levemente minhas pálpebras.

— Abra.

Os olhos dela continuavam frios e impenetráveis.

— Sorria — disse ela. — Assim.

Abriu a boca numa careta que era uma paródia de seu sorriso habitualmente tão cordial.

Sorri até que as dores que me percorriam as faces começaram a aumentar.

— Muito bem — disse ela de repente, sorrindo de verdade. — O rosto já está pronto.

— E como foi que ficou, Rosa? Horrível? — perguntei, procurando me mostrar despreocupado.

— Não ficou ruim. Não sei se sabe, mas a verdade é que você nunca foi uma beleza. Veja você mesmo — disse ela, entregando-me um espelho.

Não olhei para o espelho. Não queria me ver ainda.

— Posso fumar um cigarro antes?

Ela tirou um maço de cigarros do bolso, acendeu um e, sentando na cama, colocou-o em minha boca. Senti no cigarro o leve gosto de seu batom.

— Você ficou bem cortado quando Winthrop o empurrou pela janela. Mas felizmente...

— Como soube disso, Rosa? Como descobriu o que Amos fez?

— Foi você mesmo que contou tudo, sob a ação do anestésico. Nós soubemos da história em fragmentos, às vezes tão diminutos quanto os cacos de vidro que estávamos tirando de seu rosto. Felizmente, nenhum dos músculos faciais importantes sofreu qualquer lesão grave. Quase todas as lesões foram superficiais. Pudemos fazer os enxertos de pele necessários com presteza e, posso dizer, com êxito.

— Pode me dar o espelho agora?

Ela tirou o cigarro de minha boca e me entregou o espelho. Quando olhei, senti um arrepio pela espinha.

— Rosa! — disse, com voz rouca. — Estou exatamente igual a meu pai!

Ela me tomou o espelho e olhou para mim sorrindo.

— Está, Jonas? Mas você sempre foi assim!

Naquela mesma manhã, Robair me levou os jornais. Só falavam da rendição do Japão. Folheei apressadamente as páginas e joguei tudo de lado.

— Quer ler alguma outra coisa, sr. Jonas?

— Não, Robair, obrigado. Não estou com vontade de ler.

— Está bem, sr. Jonas. Talvez seja bom o senhor dormir um pouco agora.

— Robair...

— Sim, sr. Jonas?

— Diga-me uma coisa. Eu sempre tive esta cara?

— Sempre, sr. Jonas — disse ele, com um sorriso que mostrou seus dentes brancos.

— Como meu pai?

— Escrito e escarrado!

Fiquei em silêncio. Era estranho levar a vida toda procurando ser diferente de uma pessoa, para no fim saber que se levava indelevelmente no sangue a marca dessa pessoa.

— Mais alguma coisa, sr. Jonas?

— Não, Robair. Vou procurar dormir agora.

Encostei a cabeça no travesseiro e fechei os olhos. Ouvi a porta fechar-se e pouco a pouco os barulhos da rua se amorteceram na periferia de meu subconsciente. Adormeci. Tinha a sensação de estar dormindo demais ultimamente. Talvez estivesse recuperando todo o sono que me negara nos anos passados. Mas não fazia muito tempo que eu tinha adormecido, quando senti a presença de alguma pessoa no quarto.

Abri os olhos. Jennie estava ao lado de minha cama olhando para mim. Quando me viu abrir os olhos, sorriu e disse:

— Alô, Jonas.

— Eu estava dormindo — disse eu, como uma criança que acorda de um cochilo. — E tive um sonho esquisito. Sonhei que já tinha vivido centenas de anos.

— Então foi um bom sonho. Ainda melhor, porque os bons sonhos farão você ter alta ainda mais depressa.

Apoiei-me no cotovelo para apanhar os cigarros ao lado da cama e as polias rangeram. Ela prontamente ajeitou os travesseiros para me sustentarem as costas. Acendi o cigarro.

— Daqui a poucas semanas vão tirar o gesso de sua perna e você poderá voltar para casa.

— Assim espero, Jennie.

De repente, notei que ela não estava mais com o uniforme branco de enfermeira.

— É a primeira vez que a vejo com um véu preto, Jennie. Significa alguma coisa especial?

— Não, Jonas. É o que eu sempre uso, salvo quando estou de serviço no hospital.

— Então hoje é seu dia de folga?

— Não há dias de folga no serviço do Senhor — disse ela. — Não, Jonas, vim me despedir.

— Despedir-se? Mas não compreendo. Você acabou de dizer que eu ainda ficaria algumas semanas aqui...

— Quem vai sou eu, Jonas.

— Vai embora?

— Vou, Jonas. Só estive aqui no Hospital Mercy enquanto aguardava transporte para as Filipinas. Vão reconstruir um hospital que foi bombardeado durante a guerra. Agora, já poderei ir para lá de avião.

— Mas não é possível, Jennie! Você não pode deixar as pessoas a quem conhece, a língua que fala. Será uma estranha lá, ficará sozinha.

Ela tocou com os dedos o crucifixo que pendia do cinto de couro preto do hábito.

— Nunca estou sozinha. Há sempre alguém comigo.

— Você não é obrigada a fazer isso, Jennie — disse eu, pegando o folheto que encontrara em minha mesa e abrindo-o. — Você fez apenas votos temporários e pode revogá-los a qualquer momento que deseje. Há ainda um período de três anos de prova até fazer os votos definitivos. O seu lugar não é aqui, Jennie. Você só pensa que é porque se sente ofendida e triste. Você é muito moça e bonita para se esconder por trás de um véu preto.

Ela nada disse.

— Não está compreendendo, Jennie? Quero que volte para seu lugar.

Ela fechou os olhos. Quando os reabriu, estavam marejados de lágrimas. Mas, ao falar, a voz era firme, cheia de certeza e fé:

— E você que não compreende, Jonas. Não há lugar algum a que eu deseje voltar, porque meu lugar é na casa do Senhor.

Comecei a falar, mas ela me interrompeu, levantando delicadamente a mão.

— Acha que vim para ele porque estava ofendida e triste? Está enganado. Quando se vai para Deus, não se abandona a vida, pois é em Deus que se vai encontrar a vida. Procurei-o o tempo todo, sem saber o que estava procurando. O amor que encontrei lá foi apenas uma caricatura do que agora sei que pode ser o amor. A caridade que fiz foi apenas uma fração mínima da caridade que existe dentro de mim. A misericórdia que tive nada foi em comparação com a misericórdia que ele teve para comigo. Aqui, em sua casa e a seu serviço, encontrei um amor maior do que jamais conheci. Graças a seu amor, encontrei segurança, contentamento e felicidade, de acordo com sua divina vontade.

Parou por um instante e voltou para mim os olhos já claros e límpidos.

— Há alguém neste mundo, Jonas, que possa oferecer mais do que Deus?

Não respondi. Ela me estendeu a mão esquerda e eu vi o pesado anel de prata no dedo anular.

— Ele me convidou para sua casa — disse ela, suavemente —, e eu tomei o seu anel para poder viver em sua glória para sempre.

Tomei-lhe a mão e beijei o anel. Senti seus dedos roçarem de leve meu cabelo.

Ela se encaminhou para a porta e disse:

— Pensarei em você, meu amigo. E rezarei muito por você.

Havia nos olhos de Jennie uma beleza que eu nunca vira.

— Muito obrigado, irmã — disse, gravemente.

Sem mais outra palavra, ela se voltou e saiu. Fiquei por algum tempo olhando para a porta, mas ela havia desaparecido para sempre. Virei o rosto para o travesseiro e chorei.

Tive alta do hospital em princípios de setembro. Estava sentado na cadeira de rodas, vendo Robair acabar de arrumar as malas, quando a porta se abriu.

— Alô, Júnior.

— Nevada! O que veio fazer aqui?

— Vim levá-lo para casa.

Ri. É engraçado passar anos sem pensar numa pessoa, para, de repente, ter um enorme prazer em vê-la.

— Não era preciso, Nevada, Robair se arranjará muito bem sozinho.

— Pedi a Nevada que viesse, sr. Jonas. Calculei que podia ser como nos velhos tempos. O senhor se sentirá muito sozinho no rancho, sem nada para fazer.

— E eu gostei de tirar umas férias, Jonas. A guerra já acabou e o show vai parar durante o inverno. E não há nada de que Martha goste mais do que tratar de doentes. Agora mesmo, ela já está lá no rancho, preparando tudo para nós.

— O que eu posso fazer? — disse, rindo. — Parece-me que se trata de uma imposição.

— Exatamente — disse Nevada, colocando-se atrás da cadeira de rodas. — Pronto?

Robair fechou a última maleta.

— Tudo pronto, sr. Nevada.

— Então vamos — disse Nevada, saindo com a cadeira de rodas pela porta.

— Temos de parar em Burbank — disse eu a Nevada. — Mac tem uma porção de papéis para eu assinar.

Buzz Dalton tinha um avião especial da TAI a nossa espera no aeroporto de San Diego. Às duas horas da tarde, chegamos a Burbank. Mac levantou-se quando entramos, eu na cadeira de rodas, em seu escritório.

— Sabe, Jonas? É a primeira vez que eu me lembro de tê-lo visto sentado.

— É bom aproveitar, então. O médico disse que mais duas semanas e ficarei como novo.

— Claro que vou aproveitar. Levem-no para ali, junto da mesa. A caneta já está pronta.

Eram quase quatro horas quando assinei o último documento da pilha. Perguntei, cansado:

— Mais alguma coisa de novo?

— Claro que há — disse Mac. Levantou-se, foi até uma mesa encostada à parede e tirou a capa de alguma coisa que parecia um grande rádio com uma janela.

— O que é isso?

— É o primeiro produto da Cord Electronics Company — disse ele, orgulhosamente. — Fizemos isso na Divisão de Radar, depois de transformá-la. É um aparelho de televisão.

— Televisão? — perguntei.

— Sim, filmes transmitidos pelo ar como rádio. A imagem é captada nessas telas.

— Ah! Era nisso que a Dumont estava trabalhando antes da guerra. Não dá resultado.

— Dá, sim. Vai ser a grande sensação do mundo. Todas as companhias de rádio e de produtos eletrônicos estão trabalhando para aperfeiçoar os aparelhos. A RCA, a Columbia, a Emerson, a IT&T, a GE, a Philco, todas elas. Quer ver como funciona?

— Claro.

Mac pegou o telefone.

— Ligue para o laboratório — disse ele. Cobriu o fone com a mão e murmurou: — Vou mandar transmitirem alguma coisa.

Pouco depois, foi até o aparelho e ligou um botão. Uma luz se acendeu na janela, houve depois uma série de círculos e linhas. Em seguida começaram a aparecer letras:

CORD ELECTRONICS APRESENTA

De repente, o letreiro foi substituído por um filme, com uma cena de um *western*, vendo-se um homem que vinha a cavalo na direção da câmera. A cena passou para um *close* e eu reconheci Nevada. Reconheci também o filme. Era a cena da perseguição de *O renegado*. Durante cinco minutos, assistimos ao filme em silêncio.

— Que coisa formidável! — disse Nevada, quando a transmissão acabou.

Olhei para Robair. Havia uma expressão de êxtase no rosto dele.

— Isso é o que eu chamo um milagre, sr. Jonas — disse ele. — Agora, posso ver cinema dentro de minha casa, com toda a calma.

— É por isso então que todos querem comprar meus velhos filmes — disse Nevada.

— Como assim? — perguntei.

— Lembra-se daqueles noventa e tantos filmes de duas ou três partes que eu fiz e que agora são meus?

— Lembro, sim.

— Pois agora tenho sido procurado para vendê-los. Já me ofereceram até cinco mil dólares por unidade.

— Uma coisa eu aprendi no negócio de cinema, Nevada — disse eu. — Nunca se deve vender diretamente, quando se pode obter uma porcentagem.

— Acha então que devo arrendá-los como a um cinema?

— Sem dúvida. Conheço essas empresas de rádio. Se querem comprar por cinco, é porque podem ganhar cinquenta.

— Não sou bom em negócios como esse — disse Nevada. — Quer tratar disso por mim, Mac?

— Não sei, Nevada. Não sou agente.

— Pegue o serviço, Mac — disse eu. — Lembra do que me falou a respeito de problemas pessoais?

— Está bem, Nevada — disse Mac, sorrindo.

Senti de repente um grande cansaço e dobrei o corpo na cadeira. Robair apareceu no mesmo instante a meu lado.

— Está sentindo alguma coisa, sr. Jonas?

— Estou apenas cansado.

— Talvez seja melhor ficar esta noite no apartamento. Poderemos ir para o rancho amanhã de manhã.

Achei ótima a sugestão de Robair: Estava ansioso por uma cama. Aquela cadeira já estava me fazendo doer o corpo todo.

— Vou providenciar para que preparem um carro — disse Mac, pegando o telefone. — No caminho, podem me deixar no estúdio. Tenho umas coisas para fazer por lá.

Fiquei pensando durante todo o tempo em que o carro seguia para o estúdio. Quando parou diante do portão, tudo se esclareceu para mim.

— Teremos de conseguir logo um substituto para Bonner — disse Mac, saltando. — Não é boa política deixar um advogado administrar o estúdio. Eu nada entendo de filmes.

Olhei para ele pensativo. Ele estava certo, sem dúvida. Mas quem poderia ser? Só David, e este não existia mais. Aquilo não me interessava mais. Não tinha mais vontade de fazer filmes, não havia mais nenhum que eu quisesse colocar numa tela para o mundo inteiro ver. Aquela caixinha com janela que eu vira no escritório de Mac em breve estaria em todas as casas, de ricos e de pobres. Aquela caixa iria talvez consumir mais filmes do que todos os cinemas do mundo poderiam consumir. Apesar disso, me interessava. Desde meus tempos de garoto, quando cansava de um brinquedo, não queria mais nem vê-lo. E nunca mais pegava nele.

— Venda os cinemas — disse a Mac.

— Como? — gritou ele. — Só os cinemas é que ganham dinheiro suficiente para manter a companhia.

— Venda os cinemas, Mac. Daqui a dez anos, ninguém mais irá ao cinema. Pelo menos, a frequência cairá muito, depois que qualquer pessoa puder ver cinema em casa.

— Está bem. E o que quer que eu faça com o estúdio? Que o venda também?

— Sim, mas não agora. Talvez daqui a dez anos, quando a gente que estiver fazendo filmes para aquela caixa precisar desesperadamente de espaço. Essa será a ocasião de vender.

— E até lá? Vamos deixar tudo parado e, ainda por cima, com as despesas dos impostos?

— Não. Poderemos arrendá-lo a quem quiser, como está fazendo o velho Goldwyn. Se der só para as despesas ou até se perdermos alguma coisa, não fará mal.

— Está falando a sério? — perguntou Mac.

— Claro que estou — disse, olhando para o teto acima dos palcos. Pela primeira vez, o via realmente. Era horrendo e preto, todo pichado.

— Está vendo aquele teto, Mac?

Ele voltou os olhos para o teto.

— Antes de qualquer outra coisa — disse eu, mansamente —, mande pintá-lo de branco.

Recostei a cabeça no carro e Nevada me olhou, curioso.

— Nada mudou, hein, Júnior?

— Não — disse eu, cansado. — Nada mudou.

Eu estava sentado na varanda, olhando para o sol que desaparecia. Nevada veio de dentro da casa e deixou-se cair numa cadeira. Tirou um pedaço de fumo de mascar do bolso e deu uma dentada. Depois, de outro bolso, tirou um pedaço de pau e um canivete, e começou a arrancar lascas de madeira.

Estava com calças de brim azul desbotadas. Uma velha camisa de couro, que tinha conhecido dias melhores, cobria-lhe o peito e os ombros largos. Um lenço vermelho e branco estava amarrado ao pescoço. Salvo o cabelo branco, tinha a mesma aparência de quando eu o conhecera em criança, com as mesmas mãos ágeis, morenas e fortes.

Olhou para mim e disse:

— Duas artes perdidas...

— Quais?

— Mascar fumo e lascar pau...

Não respondi.

— Muitas noites passei na varanda com seu pai, fazendo as duas coisas.

— Foi?

Ele levantou, caminhou até a beira da varanda, cuspiu um pouco de fumo e voltou para junto de mim.

— Ainda me lembro de uma noite em que eu estava com seu pai, assim como estou agora com você. Tinha sido um dia de tremendo calor, um desses dias em que a gente pensa que vai se afogar no próprio suor. De repente, ele olhou para mim e disse: "Nevada, se me acontecer alguma coisa, você olhará por meu filho? Jonas é um bom garoto. As vezes, quer ser mais importante do que realmente é, mas no fundo é um bom menino e pode muito bem, quando crescer ser um homem melhor do que o pai. Gosto muito dele, Nevada! É tudo o que tenho!"

— Mas ele nunca me disse isso! — exclamei, olhando para Nevada. — Nunca!

— Homens como seu pai não gostam muito de falar dessas coisas.

— Mas não era só de falar. Não gostava nem de mostrar. Estava sempre brigando comigo por uma coisa ou por outra.

— Esteve sempre a seu lado em todas as dificuldades. Podia brigar, mas nunca lhe faltou.

— Casou com minha garota.

— Talvez fosse para seu bem. Talvez ele soubesse que ela não era realmente a mulher para você. .

— Por que está me dizendo isso agora? — perguntei, certo de que nunca poderia decifrar o que havia no fundo daqueles olhos índios.

— Porque seu pai me pediu que olhasse por você. Eu já errei uma vez. Vi como você era esperto nos negócios e calculei que já estivesse crescido mesmo. Mas não estava. E eu não gostaria de falhar duas vezes a um homem como seu pai.

Ficamos ali alguns minutos em silêncio e, então, Martha apareceu com o chá. Disse a Nevada que parasse de mascar fumo e sujar a varanda toda. Ele me olhou timidamente e se levantou para ir jogar o resto do fumo bem longe.

Ouvimos um carro entrar na estrada do rancho, quando ele voltou à varanda.

— Quem será? — perguntou Martha.

— Talvez seja o médico — disse eu.

O velho dr. Hanley aparecia uma vez por semana para ver se tudo ia bem comigo.

Antes que o carro parasse, eu já sabia quem era. Levantei apoiado na bengala, quando Monica e Jo-Ann se aproximaram de nós.

— Alô — disse eu.

Tinham ido à Califórnia para entregar o apartamento onde haviam morado, explicou Monica. Como queria conversar comigo sobre Amos, tinham saltado em Reno para vir ao rancho e, depois, prosseguirem viagem até Nova Iorque. O trem só passaria às sete horas.

Vi Martha olhar significativamente para Nevada ao ouvir isso. Nevada levantou e olhou para Jo-Ann.

— Tenho um cavalo aí na cocheira tão manso e bom de passo que parece feito para uma mocinha como você montar.

Jo-Ann olhou para ele com verdadeira adoração. Devia ter visto os filmes dele e provavelmente o considerava um herói.

— Não sei — murmurou ela. — A verdade é que nunca montei a sério num cavalo.

— Posso lhe ensinar. É a coisa mais fácil deste mundo.

— Mas ela não está vestida para montar — disse Monica.

De fato, não estava, naquele vestido estampado que a fazia tão parecida com a mãe.

Martha disse prontamente:

— Tenho aí um culote e uma blusa que acho que servem para ela.

Não sei como o culote e a blusa tinham ido parar no rancho, mas de uma coisa eu estava certo: nunca foram de Martha. Se fossem, não se adaptariam tão bem aos quadris de catorze anos de Jo-Ann, que sugeriam belas curvas para logo. O cabelo de Jo-Ann estava penteado em rabo-de-cavalo e sua aparência tinha alguma coisa que me fazia recordar não sei o quê. Eu não conseguia descobrir o que era.

Vi-a correr para as cocheiras com Nevada e me voltei para Monica. Ela sorriu e eu retribuí o sorriso.

— Ela está crescendo — disse eu. — Vai ser uma bela moça.

— Ainda há pouco, era uma criança. Logo será uma moça. Como crescem depressa!

Estávamos sozinhos e um silêncio constrangedor pesou sobre nós. Acendi um cigarro e disse:

— Quero falar a respeito de Amos.

Eram quase seis horas quando acabei de contar o que havia acontecido. Não havia lágrimas em seus olhos, mas o rosto estava triste e pensativo.

— Não posso chorar por ele, Jonas. Já chorei muitas vezes por causa dele. Compreende?

— Claro.

— Fez muitas coisas erradas durante a vida. Fico satisfeita em saber que ao menos uma vez fez uma coisa certa.

— Foi mais, foi um ato de bravura. E eu sempre pensei que ele me odiasse.

— E odiava, sim. Ele via em você, Jonas, tudo o que ele não era. Um homem ativo, vitorioso e rico. Detestava sua disposição. Acho que no fim compreendeu como isso era insensato e quanto mal lhe havia feito. Procurou então acertar as contas.

— Que mal ele me fez, Monica? Entre nós, só houve assuntos de negócios.

— Não compreende ainda?

— Não.

— Então não compreenderá nunca — disse ela, levantando e saindo da varanda.

Ouvíamos os gritos de alegria de Jo-Ann andando a cavalo. Estava indo muito bem para uma principiante.

— Monica — disse eu —, ela parece que nasceu para andar a cavalo.

— Por que não? — perguntou Monica. — Dizem que essas coisas se herdam.

— Não sabia que você gostava de andar a cavalo.

— Acontece que ela também tem um pai — disse ela, friamente.

Era a primeira vez que ela me fazia qualquer alusão ao pai de Jo-Ann. Parecia-me um pouco tarde para ficar assim zangada comigo.

Ouvi o barulho do carro do dr. Hanley que vinha pela estrada. O médico parou o carro perto do curral e veio até a cerca a pé. Não conseguia passar de carro por perto de um cavalo.

— Aí está o dr. Hanley, que veio me examinar.

— Então não lhe tomarei mais tempo — disse Monica, friamente. — Vou me despedir aqui mesmo.

Desceu a escada da varanda e encaminhou-se para o curral. Olhei para ela, espantado. Não sabia por que ela estava procedendo de maneira tão esquisita.

— Mandarei Robair levá-la até a estação — gritei.

— Obrigada! — respondeu ela, sem ao menos se voltar.

Ela parou e conversou com o médico. Em seguida, entrei em casa. Fui para a sala que meu pai usava como escritório e me estendi no sofá. Monica sempre tivera um temperamento exaltado. Era de se esperar que já houvesse aprendido a controlá-lo. Comecei a sorrir, pensando no seu engraçado ar de zanga, quando se afastou, toda empertigada e com o nariz no ar. Ainda estava bem bonita para uma mulher de sua idade. Eu tinha quarenta e um anos, o que significava que ela devia ter trinta e quatro. E nada nela dizia que não tivesse.

O mal do dr. Hanley é que ele gosta muito de conversar. Fala até a pessoa ficar surda, muda e cega.

Já eram seis e meia quando ele acabou o exame e começou a fechar sua maleta.

— Você vai indo muito bem — disse ele. — E poderia estar muito melhor, se não fossem essas manias modernas de tirar os doentes com toda pressa da cama. Por mim, você ainda teria um mês de descanso num hospital.

Nevada estava encostado à parede, rindo, enquanto eu me vestia. Não lhe dei maior atenção.

— Quanto tempo acha que ainda falta para eu andar bem, dr. Hanley?

Ele me olhou através das lentes de seus bifocais.

— Você pode andar agora mesmo.

— Mas eu pensei que não concordasse com os médicos modernos. Pensei que queria que eu descansasse um pouco mais.

— Não, não concordo com eles. Mas, já que está fora da cama e não há mais jeito, não lhe fará mal nenhum dar um giro por aí. Não resolve mais nada você ficar deitado.

Fechou a maleta e, na hora de se despedir, disse:

— É uma bela menina, sua filha.

— Minha filha?

— Sim, aquela menina com o cabelo amarrado para trás. Nunca vi uma menina mais parecida com o pai. É igualzinha a você quando era garoto.

Não consegui dizer uma palavra. O velho devia ter ficado maluco. Todo mundo sabia que Jo-Ann não era minha filha. O dr. Hanley me deu uma palmada nas costas.

— Nunca me esquecerei quando a mãe dela foi a meu consultório. Naquele tempo, ainda era sua mulher. Nunca vi uma barriga daquele tamanho. Cheguei à conclusão de que não era de admirar que você tivesse tido tanta pressa em casar. Fizera o plantio antes do tempo.

Olhou para mim, ainda sorrindo.

— Mas isso foi antes de examiná-la. Fiquei assombrado quando o exame me revelou que a gravidez era de apenas seis semanas. Era um desses casos peculiares que a gente lê nos livros e só de raro em raro encontra. Creio que ela estava tão nervosa e preocupada na ocasião que a barriga cresceu demais. Cheguei a procurar os jornais para saber da data exata de seu casamento. Me convenci de que, no máximo, você a pusera naquele estado só uns quinze dias antes do casamento. Mas uma coisa posso dizer: Você tem uma força, rapaz! Uma força! — concluiu ele, com um risinho de velho libertino.

Senti um aperto no coração e sentei no sofá. Todos aqueles anos eu estivera errado. De repente, percebi o que Amos queria me dizer, quando voltássemos do voo.

Que dupla, Amos e eu! Mas ao menos ele vira a luz por si mesmo. Não fora preciso ninguém fazer as coisas entrarem em sua cabeça. E ele se esforçara por isso. Mas eu jamais virava ao menos a cabeça para ver a verdade. E eu era o homem que vivera em guerra com meu pai porque ele não me amara! Essa era a maior de todas as ironias.

Agora, eu podia afinal enfrentar a verdade. Não era do amor dele que eu duvidava. Era do meu. No mais profundo de mim mesmo, eu sabia que nunca poderia amá-lo como ele me amava.

Olhei para Nevada. Ainda estava encostado à parede, mas já não sorria.

— Sabia disso também, Nevada?

— Todo mundo sabia, menos você.

Fechei os olhos. Era como naquela manhã no hospital, quando eu me olhara no espelho e vira o rosto de meu pai. É por isso que Jo-Ann naquela tarde me havia lembrado alguma coisa. A cara do pai dela. A minha cara.

— O que eu faço agora, Nevada?

— O que você quer fazer, meu filho?

— Quero as duas aqui comigo.

— Tem certeza de que é isso mesmo que você quer?

— Tenho.

— Então vá buscá-las. Ainda faltam quinze minutos para o trem sair.

— Mas como? Nunca chegarei lá em tempo!

— E o telefone?

Corri para o telefone. Falei com o agente da estação em Reno e pedi que a chamasse ao telefone. Enquanto esperava, olhei para Nevada. De repente, senti medo. Quando eu era pequeno, sempre me voltava para Nevada nessas ocasiões.

— E se ela não quiser voltar?

— Voltará, sim — disse ele, sorrindo. — Ela ainda o ama. É uma coisa também que todo mundo sabia, menos você.

Monica finalmente falou ao telefone, com voz preocupada e ansiosa.

— O que foi, Jonas? Aconteceu alguma coisa?

Fiquei por um instante sem poder falar. Afinal, recuperei a voz.

— Monica! Não vá embora!

— Mas é preciso, Jonas. Tenho de começar no emprego na semana que vem!

— Mande o emprego para o inferno. Eu preciso de você!

A linha ficou em silêncio e eu pensei que ela houvesse desligado.

— Monica! Monica!

— O que é, Jonas? Ainda estou aqui.

— Tenho andado tão cego, Monica. Não sabia de Jo-Ann. Acredite, Monica!

Silêncio de novo.

— Por favor, Monica!

Ela então começou a chorar e foi em prantos que me sussurrou:

— Jonas, Jonas! Nunca deixei de amá-lo!

Olhei para Nevada. Ele sorriu e saiu, fechando a porta. De repente a voz dela tornou-se mais firme pelo telefone, cheia do som quente do amor.

— Quando Jo-Ann era menina, sempre desejou um irmãozinho, Jonas.

— Venha para casa depressa! — disse eu. — Farei todo o possível!

Ela riu e desligou o telefone. Não desliguei porque imaginei que, enquanto eu ficasse ali com o fone na mão, ela continuaria perto de mim.

Olhei para o retrato de meu pai em cima da mesa. — Então, meu velho — disse eu, pedindo sua aprovação pela primeira vez em minha vida —, acha que agi bem?

FIM

HAROLD ROBBINS

Um dos escritores de maior sucesso internacional, Harold Robbins nasceu em Nova Iorque, em 1916. Criado em orfanato, aos oito anos vivia numa das partes mais pobres e violentas do West Side de Nova Iorque, o Hell's Kitchen (Cozinha do Inferno).

Durante a fase da grande depressão econômica dos Estados Unidos (início da década de 30), o adolescente Robbins saiu em busca de emprego: empurrou carrocinhas de sorvete, vendeu sanduíches e refrigerantes, trabalhou em escritórios. Empreendedor, com vinte e um anos entrou no comércio de alimentos e passou a especular com colheitas de ervilhas e safras de açúcar. Em pouco tempo, ganhou um milhão de dólares, mas perdeu tudo com a mesma rapidez. Então, conseguiu trabalho como auxiliar de escritório numa companhia cinematográfica. Ali, rapidamente progrediu e passou a cargo de direção.

Certo dia, ao terminar de ler um livro que os produtores da empresa cogitavam filmar, convenceu-se de que poderia escrever um melhor. E foi assim que surgiu *Jamais ame um desconhecido*, publicado em 1948, resumo de tudo o que vira no cinema e entre jogadores dos cassinos de Monte Carlo. Depois, escreveu *Os insaciáveis*, que foi adaptado duas vezes para a tela: um filme com o mesmo nome e outro intitulado *Nevada Smith*.

A partir daí, Harold Robbins transformou-se num dos autores mais vendidos em todo o mundo. Seus livros continuaram sendo adaptados para o cinema, regamente pagos. Amealhou uma fortuna que, no entanto, não o deixa impressionado: "O ideal na vida é a gente poder fazer de tudo uma diversão. Meus negócios me divertem. O dinheiro foi feito pra gastar", diz o escritor.

Esse milionário da literatura leva o tipo de vida que costuma criar para os personagens de suas obras. Possui mansão na Califórnia, casa de veraneio perto de Cannes (França), iate, um Rolls-Royce em cada lugar onde mora.

Casado há vários anos com a sua quinta mulher, a italiana Grazia Maria, a quem tem dedicado os últimos livros, Robbins é pai de dois filhos. Quando se sente inspirado, põe-se arduamente a escrever. Para isso, isola-se num hotel por períodos que se estendem até cinco meses. Antes, porém, coloca em ação uma equipe de pesquisadores, encarregada de levantar toda a documentação possível sobre o assunto escolhido.

Assim aconteceu, por exemplo, com *O garanhão*, sobre a indústria automobilística, ou com *Os sonhos morrem primeiro*, sobre os bastidores de uma revista pornográfica.

Em seus livros, Harold Robbins joga com tudo aquilo que pode fascinar as pessoas. Mulheres passionais, homens violentos, poder e ambição, automóveis de luxo e mansões cinematográficas são os principais ingredientes dos seus inúmeros romances, traduzidos em trinta e nove idiomas, publicados em mais de sessenta países e que já cativaram mais de duzentos milhões de leitores.